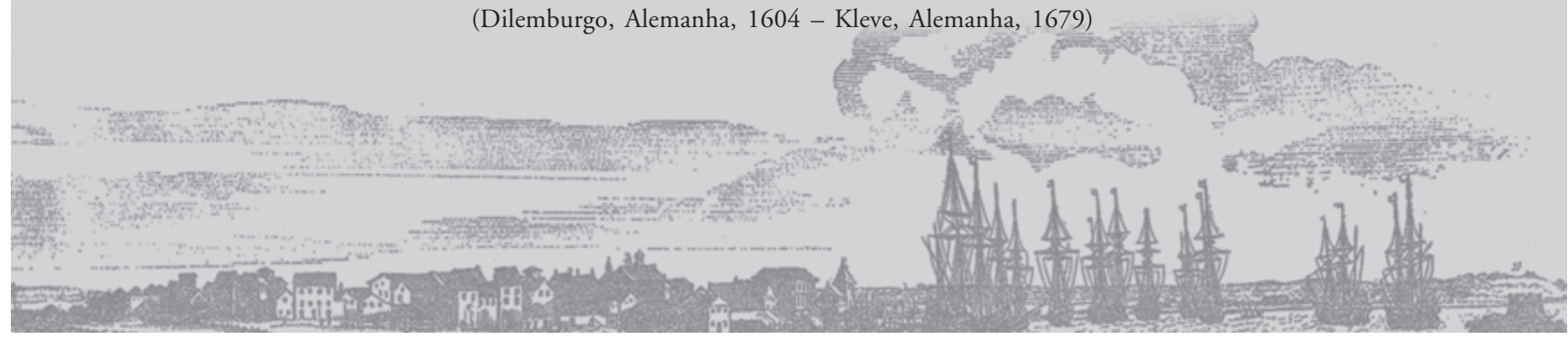




Johann Mauritius van Nassau-Siegen,
dito João Maurício de Nassau
(Dilemburgo, Alemanha, 1604 – Kleve, Alemanha, 1679)



.....

O BRASIL HOLANDÊS
SOB O CONDE
JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU



Mesa Diretora
Biênio 2003/2004

Senador José Sarney
Presidente

Senador Paulo Paim
1º Vice-Presidente

Senador Eduardo Siqueira Campos
2º Vice-Presidente

Senador Romeu Tuma
1º Secretário

Senador Alberto Silva
2º Secretário

Senador Heráclito Fortes
3º Secretário

Senador Sérgio Zambiasi
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador João Alberto Souza
Senador Geraldo Mesquita Júnior

Senadora Serys Slhessarenko
Senador Marcelo Crivella

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim
João Almino

Carlyle Coutinho Madruga
Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 43

O BRASIL HOLANDÊS
SOB O CONDE
JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU

HISTÓRIA DOS FEITOS RECENTEMENTE PRATICADOS
DURANTE OITO ANOS NO BRASIL E NOOUTRAS PARTES
SOB O GOVERNO DO ILUSTRÍSSIMO JOÃO MAURÍCIO
CONDE DE NASSAU, ETC., ORA GOVERNADOR DE
WESEL, TENENTE-GENERAL DE CAVALARIA DAS
PROVÍNCIAS-UNIDAS SOB O PRÍNCIPE DE ORANGE

Gaspar Barléu

Tradução e notas de Cláudio Brandão



Brasília – 2005

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 43

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2005

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

.....

Barléu, Gaspar, 1584-1648.

O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau: história dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do Ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc., ora Governador de Wesel, Tenente-General de cavalaria das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange / Gaspar Barléu ; tradução e notas de Cláudio Brandão. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

432 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 43)

1. Domínio holandês no Brasil (1624-1654). 2. Holandeses no Brasil.
3. Brasil, descrição. 4. Usos e costumes, Brasil. 5. Nassau, Maurício de,
1604-1679. I. Título. II. Série.

CDD 981.03121

.....

.....

O

S LAURÉIS que, na parte superior, encerram no centro os leões,¹ quiseram assim aludir ao seu titular.

Fulge, de um lado, a coroa mural, que se confere em recompensa das portas entradas; do outro, adorna, por cima, os esporões dos navios o prêmio com que se honram as vitórias navais.

A virgem pernambucana mira os seus olhinhos, e, graciosa, ergue a mão, a qual segura uma cana.

Próxima, a fecunda Itamaracá exhibe os seus nectários racimos e os magníficos dons do próprio solo.

Junto a ela, a Paraíba põe nas formas o dulcíssimo açúcar e o torna grato aos povos.

O avestruz, errante habitador do Rio Grande, foge correndo, e falsamente imagina que se lhe dá de comer.

Destarte se ufana o Novo Mundo com os brasões batavos, e, sob o governo de Maurício, floresce-lhe a gleba feraz. As gentes que a terra distingue defende-as um só chefe. E a Nau de Marte sulca as águas ocidentais, fazendo conhecidos os seus mercantes e os senhores do mar.

Em frente pasma-se o Sol ante as armas, ainda que violentas.

Tu, Sergipe, pões em face de tuas moradas as flamas de Febo, e sozinho queres ser chamado de el-Rei.

Teus são, Iguaraçu, os caranguejos.

1 Da casa de Nassau.

A ti, Porto Calvo, aprazem os cimos: ali estás sobranceiro, ó tu, que deves ser temido daquelas cumeadas.

O gênero escamígero mergulha-se nas rédeas das Alagoas.²

Contra Serinhaém relincha o belicoso corcel.

Crava a âncora na areia os dentes entravados e quer se nos dêem ali reinos diuturnos.

A bússola aponta o Ocidente, mas não olha para o Levante. Por quê? Porque reina cada um em plagas distintas.

A fama, que vês soprar os clarins e as tubas, mostra não o esforço mas o ar de quem apregoa tão grandes cousas.

G. Barléu

² Metáfora forçada e deselegante para significar que os feixes figuram no brasão das Alagoas.



.....

A O muito ilustre

Conde João Maurício de Nassau,
ex-Governador supremo do Brasil holandês, etc.

Aqui vos ofereço, ilustríssimo conde, o Brasil engrandecido pelas vossas armas. Se ele pudesse falar e firmar convosco um tratado, por si mesmo se entregaria a vós, que, com insigne galhardia, defendestes e exaltastes a Holanda e enchestes a Espanha com a fama e o temor da guerra por vós dirigida. Vingando uma, fostes o terror da outra e o assombro de ambas.

O que nem esta nem aquela podem fazer, fá-lo-ei por uma e outra, escrevendo uma história na qual nem serão esquecidos os feitos praticados, nem omitido o autor deles. Os escritores antigos que transmitiram à posteridade fatos dignos de atravessar os séculos não transpuseram os términos do Velho Mundo. Nós, audazes, buscamos convosco um mundo que, apartado de nossas plagas por um oceano inteiro, parece ter a Natureza guardado e escondido para honra vossa e glória da casa de Nassau. Atenas, Lacedemônia, Cartago, Roma, o Lácio, as Gálias e Germânia constituem o assunto dos escritores gregos e romanos. Olinda, Pernambuco, Mauriciópole, Itamaracá, Paraíba, Luanda, S. Jorge da Mina, o Maranhão, nomes desconhecidos dos antigos, serão o nosso tema. Os beligerantes de então eram os assírios, os persas, os gregos, os macedônios, os italianos, os cartagineses, os gauleses, os que-ruscos. Os de agora são os tapuias, os mariquitos, os potiguares, os caribas, os chilenos, os peruanos. No Brasil não se combate apenas entre gentes diversas, mas também entre dois continentes. Outrora o Reno, o Istro, o Ródano, o Indo, o Ganges foram testemunhas de grandes acontecimentos. Agora são os

rios Maranhão, da Prata, de Janeiro, dos Afogados, de Porto Calvo, Capibaribe, Beberibe. Não conheceu Políbio mulatos, nem Lívio patagões, nem Tácito angolenses, nem Floro mamalucos, nem Suetônio ou Justino negros. Estes nomes, porém, aparecem na nossa história. Os soldados descritos por esses historiadores iam para a guerra vestidos ou coiraçados; os guerreiros de que trato vão combater até mesmo nus. Aqueles causavam terror com os seus dardos, broquéis, sarissas, bipenes e carros falcatos; os meus são temíveis pelo arco e pela clava. Aqueles mostravam o seu esforço com os assédios e com as máquinas de ataque e de defesa; estes, pelejando só com as mãos, carecem de tais cousas. Outrora os romanos venceram os lusitanos junto ao Tejo; hoje estes são no ultramar os irmãos e os aliados dos romanos.

É novo quanto se me oferece à pena: o céu, o solo, os povos, os seus costumes, a sua alimentação, as suas armas.

Afiam os bárbaros a espada contra uma raça capaz de disciplina e de costumes puros. Ela resiste a esses homens ferozes, que não somente renunciaram a humanidade, mas também intentam destruir o homem habitador dos palmares e com ele os próprios sentimentos de humanidade.

Indo para tão longe da morada da virtude, engrandecestes a vossa virtude, sendo brando entre cruéis, civil entre agrestes, manso entre sanguinários, piedoso entre ignorantes da verdadeira piedade. Fizestes fora da Pátria o que antes nela praticastes: tomastes armas em favor da Religião, da Pátria e da Igreja, da salvação dos homens e dos interesses do comércio, assim procedendo, numa e noutra parte, para a glória das Províncias-Unidas. Mostrastes-vos soldado contra os mais valorosos dos espanhóis: Bagnuolo, conde da Torre, Barbalho, Meneses, astros que surgiram no Ocidente. Não desligastes os vossos exércitos da lei, da disciplina e da ordem, mas, a exemplo dos vossos maiores, os mantivestes zelosamente nos limites do direito.

Éreis luz no reino das trevas, compatriota entre estrangeiros, guia entre os transviados, e, no meio de povos tão diversos, fostes para todos o mesmo senhor.

Com Marte que ia domar a terra levastes Cristo para domar as almas, e entre tantas vitórias que meditáveis incluiu-se a que dos erros alcançastes. Demonstrastes com brilho a vossa heroicidade e a vossa perícia militar: de tantos Nassaus que na pátria provaram sua valentia contra o inimigo, de tantos parentes conspícuos nas campanhas européias, fostes vós o primeiro que se animou a levar a guerra para além dos mares e a investir no inimigo no

seu próprio território. Certo aprendestes dos antigos estes planos estratégicos. Deles usaram os romanos contra os macedônios, Aníbal e Antíoco contra os romanos. Todos estes julgavam nada fariam de memorável, se não transportassem para outro lugar a violência da guerra. Os grandes capitães, encerrados nos estreitos confins da pátria, buscam de ordinário espaço mais amplo fora dela para ostentarem a sua bravura e mérito. Seguindo-lhes o exemplo, fostes no Novo Mundo qual Metelo nas Gálias, Mário na África, na Germânia Druso e na Panônia Trajano. Assim como estes inscreveram em suas colunas os triunfos contra os estrangeiros, assim também vós havíeis de gravá-los nos ânimos e nos fastos da Holanda.

Há muito já conhecem os americanos os nomes e os títulos da vossa família, mas não tinham ainda recebido a nenhum dos Nassaus, e assim devia ser para que no Brasil vos tornásseis conhecido, não pelas narrações dos outros, mas pessoalmente e por vossas ações belicosas. Onde vós mesmo construístes fortalezas e cidades, onde vencestes os inimigos, aí deixastes impresso o nome de Maurício, merecendo sozinho, entre tantos heróis da vossa casa, o cognome de Americano. No correr das lutas, quando chegava a poderosíssima armada espanhola, edificastes, mostrando que não vos retiráveis inconsideradamente por temor do adversário e que não desesperáveis de salvar a república. Destarte, reconheceriam os antropófagos, vendo Friburgo e Boavista, o fausto de Nassau e a residência de tão ilustre personagem. De vossa indústria falarão as maravilhosas pontes lançadas por sobre os rios para a utilidade e a segurança públicas. Porto Calvo, Ceará, as costas de Itamaracá, da Paraíba, do Rio Grande, Luanda, Guiné, Maranhão, todas estas regiões, sabedoras das batalhas navais e terrestres travadas sob vós, proclamarão o vosso valor militar.

Por outro lado, serão testemunhas da vossa piedosa e prudente moderação povos discordes na religião e na política. Os governadores das cidades e províncias vizinhas louvarão a vossa equidade no território inimigo, e os estrangeiros exaltarão vossa clemência e humanidade.

Quando, após alguns séculos, os indígenas, o português e o bárbaro virem, por todas as províncias, os brasões que lhes destes; quando virem os domínios holandeses por vós dilatados e engrandecidos, hão de memorar o poder, a prudência e a felicidade do General. Quando, nos desertos de Copaoba, divisar o caminheiro as insígnias da Companhia suspensas em cipós e lápides, há de admirar a indefesa atividade do Administrador estrangeiro e os cometi-

mentos de um povo que penetrou em paragens ínvias, levado pela avidez do ganho. Quando os silvícolas, pejando-se de se ver nus entre os nossos, se vestirem, agradecerão ao recato dos vossos europeus os véus com que se resguardava o primitivo pudor.

A própria Olinda, cidade outrora linda no nome e no aspecto e ora afeada com o entulho de suas ruínas, achou, na sua grande calamidade, motivo de gratular-se consigo mesma: não podendo manter-se ereta e incólume, por terem-na arruinado as vitórias albeias, foi brandamente tratada pela vossa comiseração. Vendo-lhe, de contínuo, o lamentável infortúnio, condoestes-vos da sorte de tão ínclita cidade. Confronte-se o aspecto de Olinda caindo e de Mauriciópole surgindo em vossa honra: não se hesitará em decidir qual dos dois espetáculos é mais deleitável. Se é de lamentar o tomarem-se armas contra os sagrados penates, decerto será grato e louvável o haverdes construído templos para Deus e casas para os cidadãos, primeiro, para o vosso amor refletir-se no próprio Criador; segundo para alcançar ele também os homens, imagem do mesmo Deus.

Assim, com umas virtudes intimidastes os vossos inimigos e com outras ganhastes os vossos concidadãos, granjeando daqueles uma glória imensa e destes um afeto e bem-querença geral. Encontrastes o meio-termo entre os inimigos e os nossos, entre os ferozes e os brandos para honrardes com a doçura batávica aqueles que vencestes com o denodo batávico.

Direi em resumo: chegando ao Brasil, reerguestes o que estava derruído, corrigistes o que estava viciado, reavivastes o que estava morto. Tornando para a Pátria — clama-o a realidade —, parece, a um só tempo, ter o Conselho perdido o seu defensor, o povo um pai, a república a ordem, as leis um guarda, a piedade um exemplo, o holandês o respeito, o português a lealdade.

Oferecendo estas páginas aos vossos olhos, faço reviver os serviços por vós prestados gloriosamente à Republica e à Companhia das Índias Ocidentais; sujeitando-as ao julgamento dos holandeses, impetro da estima que vos consagram um prêmio para o vosso esforço; entregando-as ao juízo dos estrangeiros, convencerei da fortuna e dos prospérrimos sucessos da guerra os que não forem de todo injustos; submetendo-as à Companhia e aos seus prudentes Diretores, mostro-lhes as causas que lhes alcançaram, no aparato de tantos cometimentos, bastante glória marcial e menor soma de proveitos.

Acolhei sob o vosso patrocínio o escritor, apesar de ter ele escrito com tão remisso espírito o que praticastes com tão vigoroso ânimo. Concedei à ver-

dade, concedei a esta história serenidade, pois toda ela trata de vós, toda é dedicada ao vosso preclaro nome. Recebei-a. Ela se funda mais no testemunho e na fé alheia do que na minha: vacilará, quando a inveja, a perversidade, a credulidade argüirem de mentira as bocas e os olhos daqueles que governastes, daquelas pelos quais lutastes e até mesmo dos inimigos que vencestes.

Amsterdã, 20 de abril de 1647.
De Vossa Excelência ilustríssima
venerador humílimo
Gaspar Barléu



*Partiū veteres fuimus cum Regibus Indis.
His Castella, alius Belgæ triumphat aquis.
Nunc Fortuna Novus etiam partitur, Et Orbis
Non ultra geminas possidet unus Iher,
Pars quæ jam nostra est et quæ ruit ardens æther,
Prisca Philipporum gloria fracta ruit.
MAVRITIO pugnante, alio sub silere regna
Continuis et tabulis cum Duce picta domus.*

*Scelus ubi Nomadum populatur more Tipuzas,
Crudag ab humana fabula celo capis
Aster ubi et domita parat Nigra Loandâ,
Et rabido teste sub Phacihonte domus.
Barbarica venisse Ducem cum sensu, divit.
Vix abijisse iterum sensu, atrox redit.
C. Barleus*

SERIES TABULARUM

Quibus quae que locis inferi debeat

| | | | |
|---|-----|--|-------|
| 1 - Ciriis. | 27 | 30 - Fl. Grandis. | 179 |
| 2 - Parnambucum. | 31 | 31 - Sinus omnium Sanctorum. | 187 |
| 3 - { Parnamb. Et Tamarica. | 42 | 32 - Sinus omnium Sanctorum. | 193 |
| 4 - { Parayba et Rio Grande. | 43 | 33 - Insula Antonij Vazij. | 201 |
| 5 - Classis navium qua hinc discessit Comes Mauritius praefectus. | 55 | 34 - Arx Principis Guilielmi. | 207 |
| 6 - Praelium prope Portum Calvi. | 63 | { Mauritipolis. | 218 |
| 7 - Portus Calvus. | 71 | { Reciffa. | 219 |
| 8 - Obsidio et expugnatio Portus Calvi. | 75 | 36 - Cap S. Augustini. | 225 |
| 9 - Civitas Olinda. | 83 | 37 - Caput S. Augustini. | 227 |
| 10 - Olinda. | 85 | 38 - Friburgum. | 237 |
| 11 - Garazu. | 91 | 39 - Friburgum. | 241 |
| 12 - Serinhaim. | 97 | 40 - Mauritiopolis Reciffa et circumiacentia castra. | 249 |
| 13 - Civitas Formosa Serinhaemensis. | 99 | 41 - Boavista. | 255 |
| 14 - Pagus Alagoae Australis. | 105 | 42 - Primum Praelium Navale. | 263 |
| 15 - Alagoa Australis. | 107 | 43 - Secundum praelium. | 269 |
| 16 - Castrum Mauriti. | 113 | 44 - Tertium praelium. | 279 |
| 17 - Castrum Mauriti ad ripam A. S. Franc. | 115 | 45 - Quartum praelium. | 283 |
| 18 - I. Tamaraca. | 123 | 46 - Incendia molarum. | 293 |
| 19 - Insula Tamaraca. | 125 | 47 - Loanda. S. Pauli. | { 298 |
| 20 - Castrum Mina. | 131 | 48 - Loanda. | { 299 |
| 21 - Castrum Minae. | 139 | 49 - Insula Thomae. | { 305 |
| 22 - Arx Nassovij. | 147 | 50 - Vrbs S. Thomae. | 313 |
| 23 - Arx Nassovij. | 149 | 51 - Maragnon. | 329 |
| 24 - Siara. | 157 | 52 - Vrbs S. Lodovici. | 339 |
| 25 - Arx in Siara. | 159 | 53 - Arx Montis Calvariae Regnum. | 343 |
| 26 - Fl. Parayba. | 165 | 54 - Chili. | 351 |
| 27 - Ostium fluminis Parayba. | 167 | 55 - Classis quae in Patriam Comitum revexit. | 353 |
| 28 - Parayba. | 169 | 56 - Dillenburgum. | 361 |
| 29 - Castrum Ceulianum, Rio Grande. | 177 | | 367 |

HISTÓRIA DOS FEITOS PRATICADOS NO BRASIL,
DURANTE OITO ANOS, SOB O GOVERNO DO
ILUSTRÍSSIMO CONDE JOÃO MAURÍCIO DE
NASSAU, ETC., EX-GOVENADOR E
CAPITÃO-GENERAL DE TERRA E MAR ALI
E ORA TENENTE-GENERAL DE CAVALARIA
DAS PROVÍNCIAS-UNIDAS DA HOLANDA,
SOB O PRÍNCIPE DE ORANGE,
E GOVERNADOR DE WESEL,
POR GASPAR BARLÉU

.....

D

ESDE que o espanhol se tornou inimigo nosso e os Estados-Gerais das Províncias-Unidas se insurgiram contra os Filipes, com fortuna vária tem-se batalhado, animosa e diuturnamente, na terra e no mar, dentro da pátria e fora dela, sob o comando de mais de um general, entre a esperança da liberdade e os riscos da servidão.

Guerra holandesa

As causas desta guerra, expostas por tantos autores,^{1*} são assaz conhecidas, diferindo nuns e noutros, segundo as suas simpatias partidárias. O ânimo apaixonado dos homens leva-os a culpar das calamidades públicas aqueles a quem odeiam, julgando idênticos os princípios e as causas das guerras. Muitos, por ignorarem o poderio dos Países-Baixos, consolidado por privilégios reais,² emitem juízos pouco justos. Ao rei não faltaram pretextos para atacar à mão armada a República, tomando à má parte, sob calor de rebelião, os fatos ocorridos. Aos neerlandeses não faltaram razões e coragem para repelir as hostilidades de ódio contra os dominadores e vingando a liberdade, pois, ofendida esta, se tornam agastadiços e valentes.

Causas

A extensão e violência da guerra envolveu não só os Países-Baixos, mas também a Alemanha, a França, a Inglaterra, a Espanha e alguns lugares vizinhos, enfim a Europa quase toda, até que, aumentado o seu furor, desencadeou-se nos confins da Ásia, nas costas da África e no Novo Mundo. É mau costume dos príncipes o descurem-se de atalhar os males nascentes, porque, medrados, mal o podem e, inveterados, desesperam de o conseguir.

Extensão

A fama desta guerra perdura em todas as partes por onde ela se estendeu.

Fama Duração

* As notas do tradutor, de números 1 a 363, encontram-se arroladas a partir da pág. 385. (Nota do editor.)

A sua diuturnidade resulta dos seus próprios motivos. Insistindo o rei em recuperar o que perdeu, nós nos defendemos; usou de violência, nós o repelimos. Desde os primeiros levantes, tem-se prolongado a luta até hoje, sem esperança de fé ou de concórdia, a não ser que as tréguas dos doze anos³ tenham concedido descanso às armas e às animosidades. Duram, assim, ainda mesmo além do perigo, os ódios oriundos do descanso da liberdade oprimida e não cessam, nem depois de desaparecidos, os primeiros opressores.

Direito O direito desta guerra baseia-se todo nas leis pátrias e nos forais régios. Violados eles, esta República de tantos séculos, a exemplo dos nossos maiores, que tomaram arma contra os romanos, depôs o rei e declarou-lhe guerra, tanto mais honrosamente quanto parecia não só legítimo e necessário, mas também glorioso, defender a Pátria, a liberdade, a vida e a fazenda dos cidadãos, coisas que os homens julgam superiores a tudo.

Virtudes e vícios Durante esses tumultos dos Países-Baixos, andaram de mistura com grandes e assinaladas virtudes vícios iguais: os furores populares com o zelo da piedade e da religião, a soberba dos espanhóis com o amor ao seu rei, a licença com a liberdade, o desprezo das prerrogativas reais com o respeito da realeza, a impiedade e a beatice com a unção religiosa, a perfídia com a lealdade pública, a ferocidade infrene da soldadesca contra as coisas divinas e humanas com a bravura e a disciplina militar.

Generais Foi grande a influência dos generais: usando uns de alvitres astutos, outros de conselhos ferozes, estes de sugestões mais brandas, ou promoveram ou prejudicaram os interesses do seu rei. A principal força das Províncias-Unidas procedeu da ordem, da disciplina, do dinheiro, das alianças com os príncipes vizinhos e da fidelidade, prudência e galhardia dos capitães nassóvios. Com tais auxílios, mostraram-se os neerlandeses terríveis para os inimigos, e, entre os assombrosos infortúnios da nação em luta, deram a segurança e tranqüilidade aos seus compatriotas.

Períodos da guerra No primeiro período da contenda, a situação da República foi de abatimento e de opressão, sob o despotismo do Duque de Alba. Enviado com poderes tirânicos, sendo ele próprio um tirânico, proclamava que tinha ordens do rei para encarniçar-se contra a vida e os bens da nobreza e da burguesia. Além disso, cercando-se só com o terror inspirado pela sua ferocidade, mandou-se representar pisando os nobres numa estátua insolente e indigna,⁴ e provocava, com sua antipática jactância, um renome odioso e o castigo do destino.

No segundo período, ressurgia a nacionalidade e de novo se agitava sob o príncipe Guilherme de Orange, cujas façanhas em favor dos aflitíssimos neerlandeses ainda não lograram exprimir os engenhos dos mais ilustres escritores. Sob este e o filho, herdeiro do posto paterno, hesitava a sorte sobre quem nos

daria por soberano, pois recusavam os reis o poder que se lhes oferecia⁵ e incitavam ao frenesi homens desesperados e quase vencidos simultaneamente pela fortuna e pela potência dos inimigos. Buscou-se fora quem assumisse o regimento da nascente república e não se pôde encontrar, tornando-se manifesta a doutrina de ser a autoridade outorgada por determinação divina e não humana.

As forças dos insurretos, a princípio exíguas, circunscreveram-se de preferência nos limites de Holanda e de Zelândia, verificando-se logo adesão de Guéldria, Over-Issel, parte da Frísia e toda a Groninga, até que ocuparam com fortes guarnições certos pontos do litoral do Brabante e também de Flandres. Assim, o povo, pronto para acelerar os seus triunfos, mostrou a sua força e, protegido por Deus, se engrandeceu mais do que o poderá crer a posteridade.

Guerra doméstica

No terceiro, a República, robusta e triunfante sob os ínclitos irmãos Maurício e Frederico Henrique,⁶ príncipes de Orange, não somente se defende, mas leva também as armas para fora de suas fronteiras. Dilatando por toda a parte o nosso território, como por um fluxo crescente da fortuna, expulsando exércitos, ferindo prosperamente tantas batalhas, tolerando heroicamente tantos cercos, pondo outros mais heroicamente ainda, já livres dos temores domésticos, levamos nossa bandeira e nossas esquadras à Espanha, à África, ao Ocidente e a um mundo ignorado dos antigos, e, desta sorte, revidamos ao rei a guerra que nos fizera. Através de vastos reinos estrangeiros, divulgou-se o nome dos Estados-Gerais; construíram-se cidades e fortalezas, de um lado nas regiões da Aurora, de outro sob os tálamos de Febo; gravou-se o nome dos Oranges e dos Nassaus nas ilhas, nos promontórios, nos litorais, nos fortes, nas cidades; reduziram-se a províncias os países bárbaros; despojaram-se dos tesouros asiáticos e americanos as naus espanholas, que foram queimadas diante das próprias costas do Brasil. Revelara-se-nos, enfim, o segredo da dominação: podermos vencer o Ocidente. Já deixava de ser verdade o que de Roma escrevera outrora Dionísio Halicarnásseo: ter sido a primeira e a única que fez do Oriente e do Ocidente o término do seu poderio. Chegamos, de feito, aos tempos em que vemos, felizes, o sol, testemunha de tantas vitórias, não ter ocaso também nos nossos domínios.⁷ Demos um exemplo mais eloqüente que os dos antigos e enumerado entre as maravilhas da nossa época: um povo envolvido em tantas guerras, apenas com o dinheiro de alguns particulares, como que cotizados para a ruína do inimigo comum, vexar e abater um rei poderosíssimo numa guerra dupla, em partes do mundo separadas por todo um hemisfério, para igualar hoje a extensão do império holandês quase com a redondeza da Terra.

Guerra externa e ultramarina

Guerra dupla

Poderia, sem dúvida, a nossa bravura cingir-se à necessidade de se defender, contentando-se com os limites costumados do

Causa da navegação para a Índia

oceanos. Entretanto, vedada por ordens régias a navegação dos nossos compatriotas para a Espanha e, depois, para o Oriente, começou ela a estender-se mais. E esta raça criada entre as águas, como se partisse o freio imposto à sua ambição, demandou as plagas longínquas do orbe, ainda mesmo usurpando vias que a Natureza negou ao homem.

O espírito mercantil, frustrado na esperança do ganho, acirra-se e incita-se com os próprios perigos. Pensava-se assim: que não é lícito, por uma lei pessoal dos soberanos, impor servidão ao mar, franqueado a todos; que se cercará no país das coisas necessárias, se não se forem buscar a outras partes; que ainda mesmo na Índia engendra o Criador produtos úteis aos neerlandeses; que são sempre mais altos os preços das mercadorias vindas de longe; que, estabelecido o comércio com o Oriente, seria de proveito ir-se ter às terras inimigas; que, com a nossa navegação, se arruinaria a opulência do rei da Espanha; que, ocupado ele em outros lugares, ficaria mais quieto no seu reino e, assim, o bom nome do povo holandês se espalharia amplamente entre os estrangeiros, e o do rei seria verberado.

Dos exemplos alheios tinham aprendido os holandeses a descobrir mundos novos com o auxílio das naus e a levar a povos distantes e vivendo sob outros céus a religião, as riquezas, as leis, os bons costumes e a polícia.

Causas justas
e equitativas A liberdade comercial foi sempre o baluarte de uma grande potência. Com ela cresceram os tírios, os cartagineses, os persas, os árabes, os gregos e os romanos. Por isso, os nossos navios mercantes, comboiados pelas nossas armadas, navegavam primeiro para o Oriente, depois para o Ocidente, fundando fora da Europa, como que dois impérios, sustentados por duas companhias. O holandês tentou no Oceano derrotas tanto mais extensas quanto mais enclausurado se sentia nas acanhadas fronteiras de seu país, espalhando o seu tráfico e poderio por toda a parte onde brilha o sol. Discutiram os castelhanos e os portugueses se era isso jurídico, como se, após as batalhas e a guerra, houvesse lugar para as leis e para as incertas controvérsias dos jurisconsultos. Não obstou a tais empreendimentos nem a doação feita pelo papa Alexandre VI aos portugueses e aos espanhóis, pois é permitido a alguém ser liberal do seu e não do alheio; nem a prescrição aquisitiva, inaplicável às coisas pertencentes a todo o gênero humano; nem o descobrimento, o qual foi para nós tão justo contra os portugueses quanto o foi para estes contra os índios. Fomos para onde nos chamava o direito natural e o das gentes e a carência mútua de produtos, porquanto o ganho é poderoso incentivo para se tentarem os mais arrojados cometimentos. Uma plebe faminta e desprovida dos regalos e comodidades da vida ignora o que é temer: o desejo de ter e de dominar impele a coragem humana aos mais arriscados lances. Por onde abre caminho a cobiça das riquezas, por aí também o abre a ambição do mando; onde encontra aquela a sede da sua mercância, acha esta

a da sua dominação. É fato antigo que são renhidas e certas as lutas onde são mais crescidos os despojos e os lucros.

É parecer das pessoas sensatas que péssimos conselheiros ouviu o rei, quando proibiu aos holandeses o acesso à Espanha e às Índias. Sempre lhes foi fácil tolerar os medidores da terra, mas nunca os do mar. Portanto, propellidos pela necessidade, rumaram para donde as incertezas do mar, as distâncias imensas e mais ainda a novidade do tentame os dissuadiram de ir, para trazerem eles mesmos as mercadorias que estavam acostumados a comprar, primeiro aos venezianos e depois aos espanhóis e portugueses. Alegavam-se exemplos da idade antiga e da moderna, nos quais se mostrava haverem sido perniciosos aos imperantes os mares fechados e o tráfico dificultado, pois a audácia e o desespero não respeitam semelhantes obstáculos e franqueiam aos navios a entrada nos portos. Aos cretenses, senhores do mar, não os sofreram os lídios, nem os pelasgos aos lídios, nem os ródios aos pelasgos, nem os frígios aos ródios. A dominação destes provocou a rivalidade dos círios e a destes a dos fenícios. Enquanto este povo se apropria do mar inteiro e da pesca e com editos exclui os outros, conquistam o senhorio das ondas os egípcios, depois os milésios, os cários, os lébios, os focenses e os coríntios. Arrogando-se os lacedemônios o predomínio do mar circunjacente, navegaram-no mais audazes os atenienses, impondo leis a Lacônia assim como a Egina. Como sujeitassem os tírios ao seu poder não só o mar que com eles vizinhava, mas também todo aquele que suas frotas tinham percorrido, os cartagineses, donos do mar da Sicília e da África, estimulados, freqüentaram as mesmas paragens que os tírios. Destruíram os romanos a potência marítima de Cartago. Tinham com eles pactuado os cartagineses não ultrapassassem o *Promontorium Pulchrum* na África. Envergonhou-se, porém, aquele nobre povo de que, tirando-se-lhe o mar e sendo-lhe arrebatadas as ilhas, pagasse tributos que costumava exigir. E quando senhoreou o mar inteiro, assim o que se estende aquém das Colunas de Hércules, como todo o Oceano onde fosse navegável, dele receberam leis marítimas Antíoco e Aníbal.

Consta de narrações verídicas que, por causa da interdição dos portos e do comércio, surgiram guerras entre israelitas e amoreus, gregos e misos, megarenses e atenienses, bolonheses e venezianos, cristãos e sarracenos. E quase a mesma razão, isto é, serem privados do uso comum dos portos e das costas, tiveram os próprios castelhanos de atacar à mão armada os habitantes da Índia Ocidental. Injusta não é a censura de Tácito aos romanos, dizendo que eles estorvavam o intercâmbio das nações e de certo modo impediam a utilização das ondas e dos ventos, franca a todos. Já se pode, pois, admirar essa casta de homens aos quais apraz o bárbaro costume de proibir aos estrangeiros a hospitalidade das praias. Mas, por um revés, por uma contravolta da fortuna, acontece que, reclamando só para si a

Impedida a navegação e o comércio por mau conselho

Contendas dos antigos sobre o domínio do mar

terra e a água, são privados de ambas, porque se irrita a ousadia dos menos poderosos com a ambição de mando dos mais poderosos. Nem tolera o Criador do universo que um só povo desfrute e poucos potentados repartam entre si as águas criadas para o bem de todos e destinadas à utilidade geral.

A relação destes exemplos me trouxe a esta digressão para não se queixarem os reis da Espanha ou de termos tentado alguma novidade ou de lhes ter acontecido uma coisa inaudita. Passam os séculos e os homens, mas repetem-se os fatos e suas causas.

Volto agora ao meu assunto.

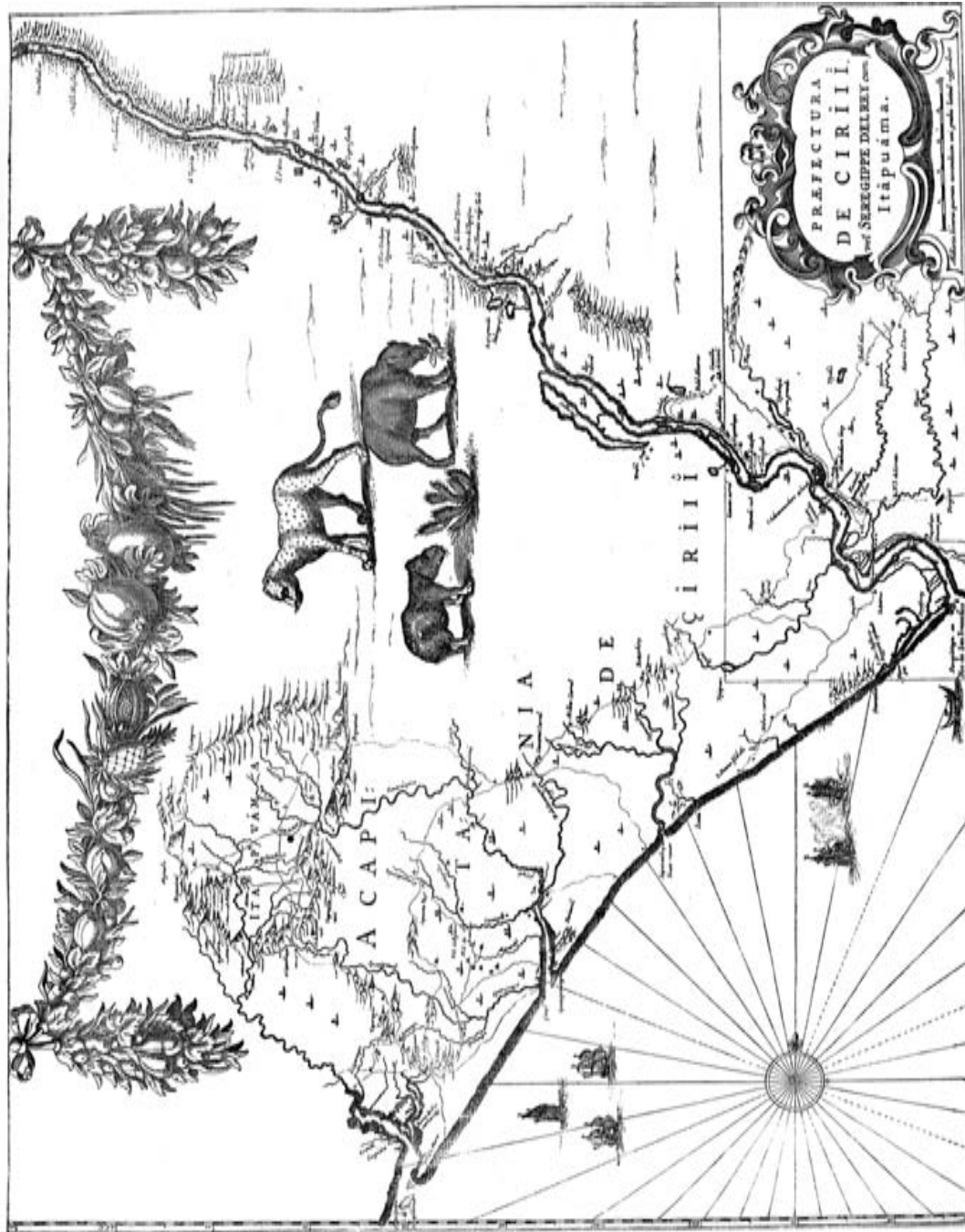
Após algumas viagens incertas e isoladas ao Oriente, constituiu-se enfim uma companhia com capitais particulares, e, no ano de 1602, decidiu-se ir até lá.

Navegação da
COMPANHIA
ORIENTAL
para as Índias

Nestas expedições precederam-nos os portugueses e castelhanos, e a estes os venezianos, que durante cento e tantos anos foram os senhores da navegação das Índias através do Mar Vermelho até os empórios de Alexandria. Sabe-se, porém, com certeza, que anteriormente os árabes, os persas e os chineses, de vários séculos atrás até hoje, têm comerciado com os indianos, e antes destes povos, já o faziam Caratago e Roma. Estrabão, escritor asiático, e os mapas de Ptolomeu mostram a derrota de Hanão desde Gades até os extremos da Arábia, as embaixadas dos índios aos imperadores Augusto e Cláudio e a viagem descrita por Plínio. Não é preciso invocar para tão grandioso feito o testemunho do poeta venusino,⁸ em cujo tempo um mercador ativo chegou aos confins da Índia através dos mares, de pedregais e sob os ardores do sol.

Nas primeiras expedições, nem sempre tivemos fortuna próspera, e ficaram duvidosos os resultados dessas audazes empresas, à conta dos trabalhos, despesas e perigos. Entretanto, aumentando com os próprios prejuízos a coragem dos mercadores e buscando-se esperança no próprio desalento, venceram-se as dificuldades que os estorvavam, e cresceram desde então os lucros a tal ponto que as ações de cada um dos sócios da Companhia subiram a mais do quádruplo. Não é também a temeridade e a confiança dos mercantes que já tornam vendível a colheita do ano, quando ainda é objeto das esperanças e dos temores?

Despenseiros agora e distribuidores de tantas riquezas, vendemos a outras nações as mercadorias dantes compradas aos venezianos e espanhóis, e monopolizamos algumas que foram antes a veniaga de outros. E não é insignificante hoje o nosso tráfico e domínio no Oriente. Navegamos o Golfo Árábico e Pérsico e as costas da Pérsia. Fizemos nossas as mais das Molucas. Edificamos em várias ilhas: Taprobana, hoje Samatra,⁹ Java, a maior, Tajovana ou Formosa e outras. Ficamos sabendo quais são as Sindas e Baruças de Ptolomeu. Entabulamos relações comerciais com os chins e japões. Mandamos frotas para aquém e para além do Indo e do Ganges. Conquistamos a Áurea Quersoneso ou¹⁰ Malaca.



Amplitude do comércio no Oriente Comerciando ali, damos notícia dos reinos de Cambaia, Narsinga, Malabar, Orixá,¹¹ Bengala, Pegu, Sião e Camboja. Visitamos ou admiramos Ormuz, Ispaão, Coromandel, Goa, Calecute, os empórios de Aiderabade¹² às margens do Indo, de Bengala junto ao Ganges e de Bantão noutra parte. Afizemo-nos a ouvir os títulos dos soberanos asiáticos: “sufis”¹³ ou reis da Pérsia, o “grão-mogol”, o “micado” ou imperador do Japão. Ligados, em muitos lugares, aos reis por laços de amizade e por tratados, defendemo-lhes as cidades e as fortalezas da violência e ciladas de inimigos mais poderosos.

Mercadorias do Oriente Os tesouros e o dinheiro da Companhia, força e nervo do comércio, já em localidades do litoral, já do interior, ocupam agentes, institores e contabilistas, para que o Oriente inteiro, dominado pelo tráfico dos nossos patrícios, se desenvolva com os capitais dos holandeses e se enriqueça com os seus negócios. E assim, fundando colônias, já não seremos tidos por estrangeiros, mas por nacionais. Nos armazéns e trapiches da Holanda, vemos todos os produtos das vastas plagas orientais, e nós, filhos do Norte, comemos os frutos nascidos no Levante. São veniagas nossas a pimenta, o macis, a noz-moscada, a canela, o cravo, o bórax, o benjoim, o almíscar, o estoraque, o sândalo, a cochonilha, o índigo, o bezoar, o sangue de drago, a goma-guta, o incenso, a mirra, as cubebas, o ruibarbo, o açúcar, o salitre, a goma-laca, o gengibre, o diamante, muita seda bruta e tecida, tapetes, porcelana da China, que talvez sejam os vasos mirrinos¹⁴ dos antigos. Carregamos anualmente **Por que o Oriente produz drogas quentes** as nossas naus com esses produtos e os transportamos para as terras às quais negou o autor da natureza esses temperadores dos frios dos nossos climas. Admire-se nisto a sabedoria de Deus: – quis que nascessem as drogas quentes nas regiões tórridas, e as frias nas regiões frígidas, sem dúvida para que, trocando-se os produtos necessários aos homens, se aproximassem os povos, obrigados pela mútua comum a tornarem-se amigos.

Interessa à força, à glória da República navegar-se para o Oriente Destas expedições adveio à República não pequena força e lustre, no momento em que combatia contra o inimigo fortíssimo; porquanto, desbaratando-se no Oriente os exércitos do rei, se lhe arrebataram ilhas, portos e fortalezas, e se desfizeram tratados que celebraram com povos e soberanos. Nossos mercadores se fizeram guerreiros, e nossos guerreiros se fizeram mercadores, defendendo uns o seu bom nome e segurança, e os outros os seus interesses. E fica em dúvida quem alcançou maior glória, se os mercantes, se os batalhadores, pois **A Companhia comercial e guerreira** Mercúrio e Marte prestaram-se mútuos auxílios, aquele com o dinheiro, este com as armas. De fato, não se abriu sem armas a via para o comércio livre, nem se pôde defender este sem o valor militar. Diferimos dos gregos e dos romanos nisto: aqueles dirigiram para a glória os seus principais esforços, e estes para a utilidade; em nós se reúne o desejo da celebridade e do proveito. Somos cúpidos onde o inimigo é rico; inofensivos, onde é pobre; vito-

riosos, onde é belígero. Outro era o caráter dos germanos e gauleses, entre os quais não tinham acolhida os mercadores. Entre nós, o comerciante não só mantém o Estado, mas ainda participa do governo. Temiam aqueles dois povos que as superfluidades quebrantassem os ânimos e afrouxassem as virtudes. Nós, talvez por sermos mais firmes contra os vícios, pela nossa doutrina e hábitos de inteireza, não detestamos esses sustentáculos do Estado, mas, ao contrário, julgamo-los capazes de praticar notáveis atos de virtude. Os romanos consideravam indecoroso para os senadores qualquer negócio. Mas aos senadores neerlandeses se permite, pois neles a ambição é condenada pela liberdade, e a sovínice pela magnificência, e a vulgaridade da mercancia é compensada pela aprovação dos governantes e pelo respeito do povo. Não vivemos em uma monarquia, mas numa república aristocrática, onde, por serem menos numerosos os nobres, assumem a governança os cidadãos mais honrados, muitos dos quais dados à vida comercial. Como os venezianos, florentinos, genoveses, crescemos também nós pelo comércio. A quem disso duvidasse, aí estão para o provar as imensas riquezas assim de particulares, como de cidades, sobretudo marítimas, cujos perímetros mais de uma vez já se alargaram. Portanto, não reputamos injusto obtermos o ouro mediante guerras legítimas, nem espantoso buscarmos-lo pelos mares em fora, nem vergonhoso ganharmos-lo comerciando, nem desagradável tomarmos-lo ao inimigo.

Em que diferem os mercadores holandeses dos gregos e romanos

Em que diferem dos governos os gauleses. Por que aqui o mercador participa do governo

O fato seguinte exprime bem a grande importância que o rei da Espanha dava às nossas expedições para a Índia. Discutindo-se o tratado das tréguas, nada reclamaram os embaixadores espanhóis com maior empenho que o abstermo-nos de relações comerciais com os indianos, para que, só com a esperança disto, se pudesse acreditar que ele renunciava seus direitos sobre os Países-Baixos, onde a realeza já era uma ficção, e nos tratava como províncias independentes. Já antes, Filipe II, encanecido no ofício de reinar, reservara para si, como um segredo de domínio, a navegação da Índia; porquanto, transferindo para sua filha, a infanta Clara Isabel, que ia casar com o arquiduque Alberto d'Áustria, as províncias neerlandesas vedou expressamente que, de modo algum, nem ela, nem o arquiduque, nem seus sucessores mantivessem quaisquer relações mercantis com os povos da Índia Oriental ou da Ocidental, nem as permitissem aos seus súditos. Se procedessem de outra forma, seriam privados do seu domínio sobre os Países-Baixos, conforme declara, em termos claros, o solene instrumento de cessão.

Importância da navegação da Índia

Ninguém melhor que os inimigos sabe quanta força, grandeza e prestígio deu à nossa república o trato das Índias Orientais e quanto perdeu com isto a coroa espanhola. Muitas vezes aprenderam, à custa de ingentes prejuízos, da pilhagem de suas naus, da perda de suas fortalezas, o que pode, com o denodo marcial, a força naval de batavos.

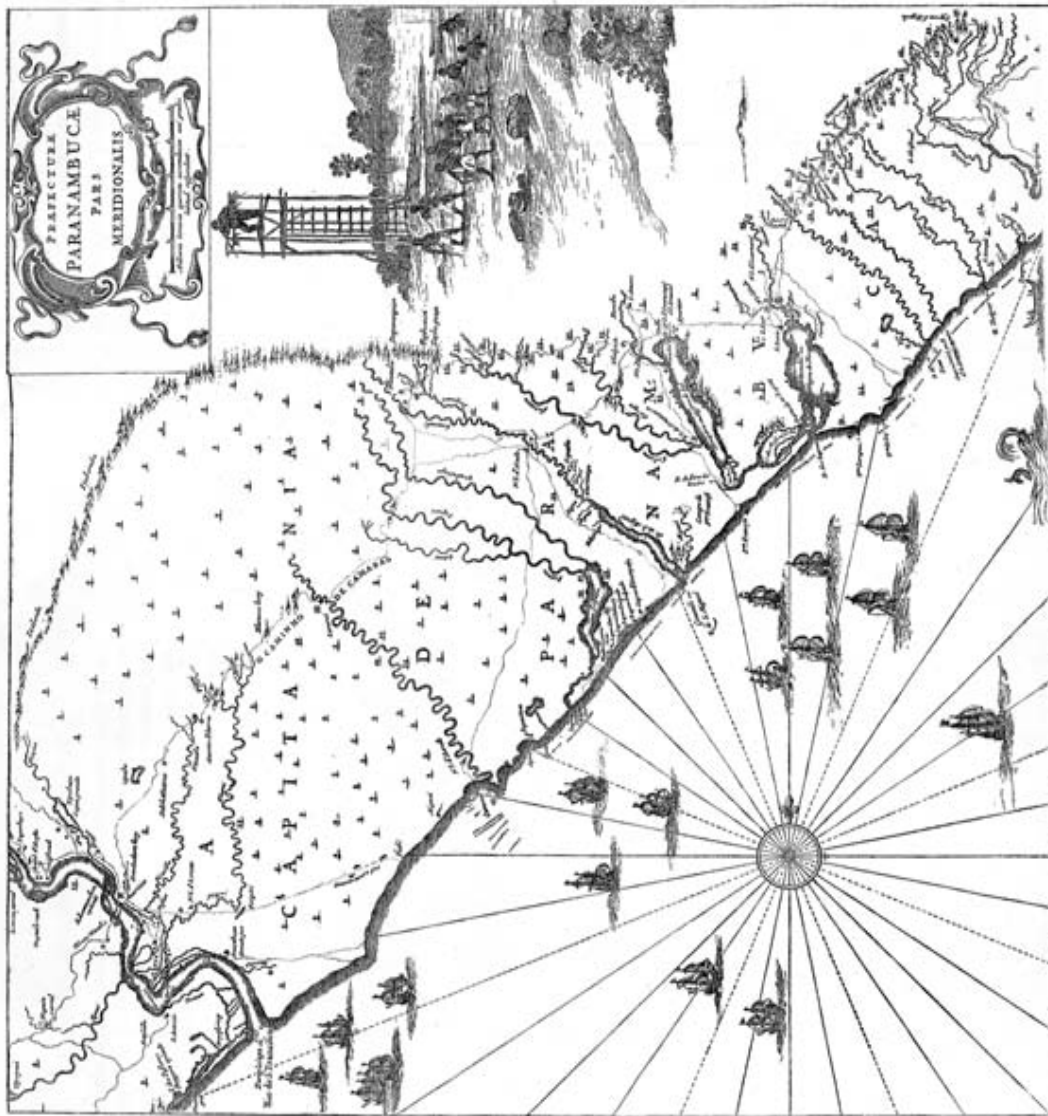
Grande e invejável conquista foi que uma sociedade particular de comerciantes haja sujeitado ao seu poder vastíssimas regiões do Oriente; que ali dependam da sua vontade os cabedais de tantos indivíduos; que cause ela as alegrias e as tristezas dos povos; que, sob o seu império, cresçam umas nações e caiam outras; que a umas se conceda a liberdade, e a outras se arrebate ou cerceie.

Por muito tempo tranqüilo, não tinha ainda o Ocidente experimentado, num desbarato notável, as armas holandesas. Entretanto, o povo neerlandês, estimulado pelos seus prósperos sucessos no Oriente, constituiu uma nova companhia com os cidadãos mais opulentos e também mais infensos à Espanha. Denominou-se “Companhia das Índias Orientais”, porque se propunha tentar no Ocidente a sorte da guerra e do comércio. Reuniu-se para esta empresa soma considerável de capitais, superior àquela que inspirara confiança para se realizar no Oriente idêntico objetivo.

Os defensores da iniciativa aduziam estas razões: que as costas do Brasil estavam abertas e sem proteção contra o inimigo externo; que, apartadas das outras terras e atemorizadas com a fama dos nossos guerreiros, poderiam devastar-se com a improvisa chegada de nossas armadas; que as naus do rei, conduzindo no Pacífico os tesouros do Peru, bem como as da Nova Espanha e da Terra Firme, seriam do primeiro que delas se apoderasse. Que as guerras européias eram feitas pelos espanhóis com essas riquezas, e por isso, espoliados delas, se tornariam aplacáveis e menos terríveis; que os percalços e despojos esperados bastariam para remir as despesas da guerra e dos mercadores; que só os réditos do açúcar já poderiam aliviar os gastos; que a natureza não era para os ocidentais mais madrastra que para os levantinos; que os silvícolas, impacientes com o poder e o domínio português, sacudiriam o jugo do rei; que a derrota para as plagas do Novo Mundo nem era demorada nem de tanto risco, que não havia mais numerosas razões contra a navegação americana do que contra a asiática; que, no apresto de tão importante empresa, se poderiam utilizar milhares de homens os quais, pela sua indigência e planos sediciosos, seriam de temer, se não fossem desviados da ociosidade e das revoluções por trabalhos dessa espécie; que é útil, numa população densa, fazer-se o expurgo da rale e afastarem-se os elementos nocivos, como nos corpos enfermos cumpre retirar o sangue vicioso, já por ser excessivo, já por ser de má qualidade. Insistiram em que as Províncias-Unidas se sustentavam com o comércio, fazendo-se, pois, mister alargar para todos os lados, em favor dos mercadores, as áreas onde pudessem granjear os seus proventos. Isto haviam tentado e conseguido os ingleses. Os gregos e os romanos tinham invadido assim os territórios inimigos para do solo pátrio afastarem as guerras. Tínhamos soldados e marinheiros aparelhadíssimos para os trabalhos da mareagem e das campanhas. Nenhum outro feito daria maior glória e renome às Províncias-Unidas que o terem ligado o Velho e o Novo Mundo pelos laços do comércio e da navegação. Não se devia desprezar essa liberdade comum de comerciar, concedida a todos por uma lei

Navegação da
COMPANHIA
OCIDENTAL
para o Ocidente

Discussão sobre
a sua conveniência.
Razões suasórias



natural e defendida com tantas vitórias brilhantes e desbaratos infligidos aos inimigos.

Além destes, traziam-se os outros argumentos aptos para persuadirem aos espíritos ávidos de lucros. Os mais religiosos pediam suas razões à religião e à convivência de se propagar uma doutrina mais pura, alegando se deveria acender o facho da fé para guiar os povos que tateavam no reino das trevas; que não se deveria estender só o império humano, senão também o de Cristo; que era necessário e possível associar às vantagens dos comerciantes o cuidado de se salvarem tantas nações; que assim os negócios seriam pios, e a piedade útil.

Os opugnadores da iniciativa levantavam estas objeções: Razões dissuasórias que a companhia ia ser de guerra e não de comércio; que o interior do Ocidente, invencível por causa de seus fortes e guarnições, desdenharia do inimigo externo; que o litoral brasileiro poderia ser conquistado, mas defendido nem tanto, à conta da multidão dos selvagens e da continuidade da terra; que não havia ali ilhas para se expugnarem, como no Oriente, protegidas pelo mar circunjacente, e sim um continente exposto às incursões dos habitantes do sertão; que os bárbaros, havia mais de um século, tinham aceitado a conveniência, os costumes e a religião dos portugueses, e por isso mostrariam ânimo hostil contra nós; que tais empreendimentos seriam danosos à Companhia das Índias Orientais, dispersando os seus marinheiros e armamentos por várias esquadras e partes do mundo; que entre uma e outra Companhia seriam fáceis as rivalidades, suscitadas pela inveja dos lucros, e bem assim por algumas mercadorias comuns e por idênticas necessidades da guerra e do tráfico, a saber, armas, soldados, petrechos náuticos e marujos; que do Ocidente não se poderiam esperar réditos bastantes para proteger-se militarmente a boa fortuna, ainda quando ela se alcançasse; que não convinha irritar com mais lutas o poder de rei tão forte, nem era tão prudente mostrar os pontos em que somos desiguais; que semelhantes tentames, feitos pelos ingleses, tinham tido êxito mais de temer que de desejar.

Diziam os escrupulosos que cumpria pôr freio à paixão de dominar e conter a ambição de chamar tudo a si; que era tentativa estulta e contrária à religião despojar o rei da Espanha de todas as suas possessões; que os batavos tenham cobiça bastante para se apropriarem de tudo, mas não forças para o guardarem; que uma grande potência provoca, a princípio, a inveja e logo os ódios dos vizinhos e que, portanto, devia ser a fortuna tratada com respeito por aqueles que, de uma situação humilde, se haviam elevado ao fastígio da segurança; que valia mais decidir onde nos fixaríamos do que ficarmos sempre procurando para onde ir; que estão em terreno mais resvaladio os que mais conquistaram, e mais em seguro os que traçam limites às suas forças; que os neerlandeses, afeitos

ao trabalho e ao sofrimento, iriam corromper-se e embotar-se com o contágio dos deleites exóticos e com a ociosidade.

Os versados em História e nos exemplos da Antiguidade declaravam serem estas as palavras dos povos bárbaros: “Guardar o que é seu basta a um particular; ser honroso aos reis o pugnarem pelo que é dos outros; julgarem estar a sua máxima glória num vastíssimo império.”¹⁵ Um povo prudente deve acautelar-se de perder, por uma cobiça desmarcada, o que ganhou, e mormente um povo cristão, para não lhe quadrar o que dos romanos disse Gálcago,¹⁶ capitão dos britanos: – não os haver saciado nem o Oriente, nem o Ocidente, a eles que tinham por magnífico tudo quanto lhes era desconhecido, e que, depois de lhes faltarem as terras velhas para vencerem, iriam descobrir novas, ainda mesmo além dos mares. Ambição assim exprobaram-na os citas a Alexandre, porque forcejava para segurar com uma das mãos o Oriente e com a outra o Ocidente. Também Sêneca julga infelizes aqueles que aspiram a levar além do mar o direito de soberania.

Tais eram as considerações que ocorriam tanto na conversação do vulgo, como na prática das pessoas avisadas, no grêmio de uma nação em extremo zelosa dos seus interesses e empenhada nos danos do seu inimigo. Sên. 113

Depois de longas deliberações, prevaleceu o sentir dos que aconselhavam a expedição à América. Ratificou-a um edito solene dos Estados-Gerais, dispondo que a nenhum súdito holandês seria lícito, dentro de vinte e quatro anos, demandar com objetivos comerciais o Novo Mundo e as costas fronteiras da África, exceto os sócios da Companhia. Obtiveram-se para a empresa autorização e auxílios públicos, adstrita a expedição às condições fixadas na patente expedida pelos Estados-Gerais. Edito dos E.-Gerais que permitiu a navegação do Ocidente durante 24 anos

A América ficou oculta aos antigos, que no curso de tantos séculos, nem mesmo a notícia dela nos transmitiram. O que diz Platão no *Crítias* e no *Timeu*,¹⁷ segundo a descrição do Sólon, que, por sua vez, a ouviu dos sacerdotes egípcios, refere-se à Atlântida, situada além das Colunas de Hércules. Distaria da Espanha poucos dias de viagem e igualaria em tamanho à Europa e à Ásia. Teria possuído pelas armas a África até o Egito e a Europa até o mar Tirreno. Era feraz de ouro e de prata. Esta ficção, misto de fábula e de exuberância de imaginação, indica dubiamente a América, e com mais certeza algum reino da Utopia,¹⁸ sonhado pelo gênio fantasioso de Platão. São opiniões de intérpretes e não uma séria inferência da verdade ser a América a grande ilha de que fala Diodoro Sículo,¹⁹ situada para oeste, aonde foram ter, segundo ele, os fenícios, arrasados por uma tempestade, quando percorriam o litoral africano. Em verdade, não havia receio de que os cartagineses, mais civilizados, abandonando Cartago, emigrassem para o meio de povos antropófagos e Teria sido conhecida dos antigos a América?
Diod. Sículo. L. IV.
Na Medéia

de nações de índole feroz, a ponto de se tornar preciso proibir-se-lhes, por editos dos sufetas, a emigração para aquela ilha. Os versos em que Sêneca,²⁰ o trágico, diz que, alargados os limites do Oceano, se descobririam novos mundos, deixando de ser Tule²¹ a última terra, contêm apenas uma profecia poética e votos adulatorios dirigidos ao imperador Cláudio. A história contada por Lúcio Marieno Sículo,²² em sua *Crônica de Espanha*, acerca de certa moeda mostrando a efígie do imperador Augusto e achada numas minas de ouro de um lugar qualquer da América, é uma narrativa graciosa, mas por ingenuidade se lhe daria crédito. Tal é também a seguinte lenda muito agradável aos espanhóis: – que numa província do Chile, chamada Cauten, há uma cidade de nome Imperiôla, assim designada por se encontrarem, em quase todas as suas casas e portas, águias bicípites, quais ainda se vê nos estandartes do Império Romano. Sem dúvida, fato assim notável não o envolveriam no silêncio quantos escritores narraram com diligência os fastos de Augusto e dos romanos, nem Tácito, ilustre senador e cônsul da república romana, teria julgado extraordinário haverem os usípios²³ costeados a Britânia, se realmente já se houvesse chegado à América. Demais, não teria ele chamado à Britânia e ao Mar Glacial os confins da Terra e o término da natureza: “ILLUC USQUE ET FAMA VERA, TANTUM NATURA”.²⁴

Não merece maior fé o que traz Amiano:²⁵ verem-se esculpidas nos obeliscos egípcios aves e feras e muitas espécies de animais pertencentes a um outro mundo. Foi-lhe fácil designar com o nome de outro mundo os africanos transmarinos, os europeus ou os mais longínquos indianos. Deve-se também negar crédito a Arias Montano,²⁶ autor noutros pontos criterioso e sério. Ele diz que a frota de Salomão navegou de Heziongaber para a América e que a demora trienal da navegação, a variedade das mercadorias e a posição de alguns lugares e das ilhas interjacentes convêm à situação daquele continente. Entretanto, os conhecedores da arte náutica não podem compreender como teria sido possível atravessar os imensos espaços oceânicos, sujeitos a fluxos e refluxos, sem o emprego da bússola. As mercadorias a que se refere o escritor sacro poderiam ter sido buscadas à Áurea Quersoneso, hoje, Malaca, ou à costa austral da África.

É conjectura frágil identificar-se Parvaim,²⁷ de que fala a Bíblia, com o Peru ou a Nova Espanha. Se uma comunidade de letras tem importância em tão grave assunto, prefiro acreditar que Salomão foi ter à África, seguindo-lhe o litoral, pois as palavras Ofir e Afer divergem menos do que Peru e Parvaim. Isto, porém, me está cheirando a controvérsia de gramáticos.

A descrição de Aristóteles a respeito da ilha descoberta pelos cartagineses além das Colunas de Hércules, a qual tinha rios navegáveis e selvas e dali distava alguns dias de derrota,²⁸ parece quadrar mais à Britânia e às Canárias que à América.

Arist., De administran. L.8; De coelo II, c. IV

Não posso negar que os cosmógrafos antigos, mais pelo raciocínio do que pela experiência ou pela fama, sabiam existia outra terra oposta àquela por eles conhecida e ser o mundo partido em dois hemisférios habitáveis, sendo um aquele onde vivemos, situado sob o pólo ártico, ao setentrão; o outro austral, a nós ignoto. Foi nisso que se inspiraram os versos de Sêneca vaticinando o descobrimento de novos mundos para não ser mais Tule a última das ilhas, e estoutros de Virgílio: “... IACET EXTRA SIDERA TELLUS, EXTRA ANNI SOLISQUE VIAS...”²⁹

Sêneca³⁰ também se mostra poeta e não testemunha da verdade, quando escreve estas palavras: “A humanidade porvindora conhecerá muitas cousas a nós ignotas, e muitas conquistas estão reservadas para os séculos futuros, quando nem sequer subsistir a lembrança de nós. Seria o mundo uma insignificância, se não contivesse em si o que o mundo inteiro procura.”

E noutra parte: “Como poderia eu saber agora se o senhor de uma grande nação, estanciada nalguma região oculta, já não quer, arrogante com o favor da fortuna, conter suas armas dentro das próprias fronteiras e, maquinando planos ignorados, não equipa uma armada? Como posso saber se é este ou aquele vento que me trará a guerra?”

Entretanto, não só muitas circunstâncias atestam que a América tenha sido habitada desde a Antiguidade, mas principalmente um sistema de governo determinado e constante, a soberba construção de cidades e de vias, a magnificência dos edifícios, a densidade das populações e os seus costumes, os quais nada apresentam de modernos. Só poderiam os americanos chegar a este grau de civilização num longo lapso de tempo.

O primeiro que, segundo a memória dos nossos antepassados, descobriu com certeza terras e povos além do Atlântico, para o ocidente, foi o genovês Cristóvão Colombo. Homem de agudíssimo engenho, observou, navegando para lá do estreito de Gibraltar e de Gades, serem freqüentes os ventos do oeste, os quais, segundo aprendera com grande tino, somente sopram da terra. Depois de baldadas solicitações a diversos príncipes, enfim, sob os auspícios dos reis Fernando e Isabel, chegou em 1492, depois de percorrer o vasto oceano, às ilhas ocidentais de Espaniola, Cuba e Jamaica. Seguiu-o o florentino Américo Vespúcio, que ligou o nome à América. Fez ele, a mandado de D. Manuel, rei de Portugal, a mesma viagem, e foi o primeiro que abicou ao golfo de Pária³¹ e ao Brasil no Novo Continente. Após estes, Magalhães, Drake, Cavendish, Van der Noort, Raleigh, Forbischer e outros argonautas deram a conhecer outras regiões americanas, freqüentadas posteriormente por mercadores portugueses, castelhanos, holandeses, ingleses, e franceses, dando-lhes não só farta esperança de lucros, mas ainda a matéria destes. Possuindo, tantos anos mediante suas colônias, armas, fortalezas, quase toda a América, aí encontrou o

Cícero, no Sonho do Cipião

Livro VIII, Quest. Nat. S. C. 31

Quest. Nat. S. C. último

A América foi habitada desde a Antiguidade

Primeiros descobridores. COLOMBO

VESPÚCIO

MAGALHÃES e outros

rei das Espanhas a grande força do império austríaco, e, pelos rendimentos anuais das imensas riquezas que ela lhe dava, tornou-se o terror e o flagelo de tantos povos europeus.

Determinação dos limites da navegação do Ocidente Os limites traçados à nova Companhia pelos Estados-Gerais foram os seguintes: quanto às costas da África, o trópico de Câncer e o Cabo da Boa Esperança; quanto à América, o lado austral da Terra Nova e o estreito de Anian,³² sendo concedidos aos que iam para o Ocidente os mares aí compreendidos, ao norte e ao sul, os estreitos de Magalhães e de Le Maire e todas as ilhas, assim como a costa da Terra Austral, que se estende desde o citado cabo africano até os confins orientais da Nova Guiné.

Primeira expedição da Companhia ao Brasil sob JACÓ WILLEKENS Corria o ano de 1623, quando partiu para o Brasil, onde é mais fácil o acesso da Europa ao Novo Mundo, poderosa armada, sob o comando de Jacó Willekens, homem valente sem ostentação e apto para sérios cometimentos. Dentro de poucos meses, fundeou na própria Baía de Todos os Santos, a qual dá o seu nome venerável a toda a capitania. Aterrados com a imprevista chegada dos holandeses, sentiram os baianos fundados temores dos males que os ameaçavam e refugiaram-se nos matos e florestas. Acoroçados os nossos com a esperança de glória e também de presa, desembarcaram alegres. A tomada de S. Salvador na baía de Todos os Santos, metrópole da capitania, que custou pouco trabalho, e bem assim a dos fortes circunjacentes, fadaram a empresa com felizes auspícios, divulgando entre os bárbaros a fama do povo ultramarino, já tão firme com os primeiros sucessos. Comandava as tropas o coronel João van Dorth, militar experimentado e valoroso, que, com sorte igual à de Protesilau,³³ apenas se afastou até as cercanias da cidade, foi visto e morto pelo inimigo.

Os vencedores não se defenderam com a mesma coragem com que triunfaram. Efeminando-se e entregando-se à licença, engolfaram-se em insólitos prazeres tanto mais avidamente quanto mais bravamente se haviam portado. Perdeu a lascívia a cidade ganha pelo valor e fez para os nossos uma Canas desta Cápua voluptuosa, como outrora para Aníbal a Cápua da Itália.

Sem perda Enquanto se cuidava mais das delícias do que da utilidade, quebrantados, na ociosidade e na intemperança, os ânimos dos chefes e dos soldados, o espanhol recuperou a cidade com um rápido cerco, efetuado pelo general D. Fadrique de Toledo.³⁴ Vencidos os holandeses mais pelos vícios do que pelas armas, voltaram para a sua terra inúteis à Companhia, vergonhosos para a Pátria, desprezados pelo inimigo, sofrendo, assim, o infamante castigo de seu desleixo e perfídia.

Segunda expedição ao Ocidente sob BALDUÍNO HENRIQUE. Ano de 1625 Seguiu-se, em posto mais elevado, Balduíno Henrique, marítimo experiente, que, por toda a parte, espreitava ocasiões de praticar façanhas. Combateu com fortuna vária na América Setentrional, depois de atacar as costas do Brasil em expedições

incertas, dirigidas para onde as levava a sorte e a prudência. Morreu próximo do porto de Havana, e a sua esquadra, tão bem apercebida, inspirando grandes esperanças de danos contra o inimigo, não correspondeu com proveito algum às despesas com ela feitas. Voltou para a Holanda pelas desinteligências dos comandantes, motivadas pela discórdia e rebeldia dos piores elementos da marinhagem. Entretanto, recebeu-se uma lição nova: ser difícil manter-se dentro da ordem uma multidão distante da Pátria e do respeito da autoridade suprema, a qual é a que, em maior grau, pode conter a fidelidade da soldadesca.

Brilhou depois mais venturoso o astro Pieter Heyn, tão célebre pelos seus sucessos faustos e infaustos. Com felicidade única, refez o tesouro exausto e restabeleceu o crédito abalado da Companhia. Antes, num extraordinário exemplo de bravura, investiu, com hercúleo esforço, a armada espanhola, incendiando-a na própria Baía de Todos os Santos, para que não se jactasse a antiguidade sozinha de Temístocles, Duílio, Atílio e Xantipo.

Exercendo já o almirantado com admirável exemplaridade, sob o seu comando dirigiu-se para o Oriente a fortuna da guerra. Como primeiro e oportuníssimo despojo, caíram-lhe nas mãos diversas naus grossas, carregadas de ouro, prata e preciosas mercadorias da Nova Espanha. Ofereciam-lhe os fados a opima tamadia, reunidas as frotas no porto de Matanzas, não de propósito, mas pelo ímpeto da maré. Desde então, mais tranqüila se tornou a situação da Companhia e mais certa a sua boa fortuna, amparada por imensas riquezas. Logo, porém, aluíram-na a cobiça e a desconfiança do futuro, que se insinuara no espírito de muitos. Com efeito, o dinheiro consumido em gastos intempestivos e imódicos, quando a Companhia, no nascedouro, ainda não firmara o seu poder nas terras estrangeiras, enfraqueceu-a e fê-la inapta para combater por muito tempo o inimigo. Assim, enquanto se tratava de aumentar o patrimônio privado, faltou o público, e a precipitada avidez de possuir e de recuperar sacrificou a esperança de futuros lucros.

Quero, de passagem, consignar aqui algumas palavras em louvor do almirante Pieter Heyn. Nenhum homem de qualquer nação perpetuou o seu nome por mais famosas tomadias, fazendo que sua Pátria jamais deixe de se ufanar de tal filho. Dificilmente se poderá encontrar alguém cuja sorte se iguale à de Heyn. Depois de ter sido grumete, de ter sofrido algemas e cárceres do inimigo e naufrágios, alcançou honras elevadíssimas, triunfos notáveis e, sob o Príncipe de Orange, a mais alta patente da marinha. Morreu vitorioso, pelejando gloriosamente pela salvação da Pátria. Foi sepultado a expensas públicas, havendo o governo mandado erigir na catedral de Delft uma lápide, que testemunhasse perenemente o seu destino e subidos méritos. Nascido em Delft, fez conhecer a dois mundos a fama do solo pátrio. Ultrapassando pela grandeza do ânimo a humilde condição dos pais, ensinou que os homens não nascem heróis, mas se tornam tais pelo próprio esforço.

Navegação de
PIETER HEYN
para o Ocidente

Felicidade do
Almirante

Toma-se a frota da
Nova Espanha
próximo ao porto
de Matanzas

Elogio do
Almirante

A Companhia auxilia a Pátria em dificuldades Por essa época (1629), a Companhia Ocidental provou eloqüentemente o seu poder e a sua fidelidade à Pátria (o que fez também a Oriental), quando o inimigo invadiu Veluwe³⁵ e ocupou Amersfoort.³⁶ Perturbando-se um pouco a situação no canal do Issel, pela improvisada passagem dos inimigos, quando todo o exército das Províncias-Unidas se empenhava no cerco de Bois-le-Duc, ela empregou as suas milícias, destinadas para a expedição do Brasil, em guardar as localidades fronteiriças, e acudiu fartamente às necessidades públicas com o dinheiro então abundante em consequência da presa recente ganha por Heyn. Todo o direito assiste, pois, à Companhia, ora em situação precária, para receber da Pátria incólume os serviços que antes, quando as suas condições estavam sólidas e garantidas, prestou à nação oprimida.

Expedição de LONCQ ao Brasil Após Heyn, partiu para a América, investido no comando supremo, Henrique Loncq, veterano da marinha de guerra e companheiro dos labores e das honras de Pieter Heyn. Atacando o Brasil pela segunda vez e tomando Olinda, capital da capitania de Pernambuco, deu à Companhia este refúgio para a esquadra e esta nova base de operações para a guerra americana. Sucedeu-lhe, em igual posto e mostra de valor, o almirante **A de ADRIANO PATER** Adriano Pater, célebre pelas muitas derrotas que, no Ocidente, infligiu aos espanhóis. Ousando pelejar – tamanha é a confiança inspirada pela bravura! – com a poderosa armada sob o comando de D. Antônio Oquendo, confundiu-se, na cruenta refrega, com os mais ardorosos combatentes; mas, abandonado pelos seus e repartindo quase a vitória com o adversário, tombou gloriosamente, infeliz somente por não sobreviver à batalha. A fortuna salvou a Oquendo para que ele desse ensejo assaz brilhante à glória futura dos holandeses. Foi dele, com efeito, que triunfamos alguns anos depois, na batalha ferida por Tromp junto às Dunas da Inglaterra,³⁷ quando ainda era recente a fama da sua vitória sobre nós.

No tempo intercorrente e no imediato a esses acontecimentos, diversos comandantes, em portos diferentes, praticaram na América façanhas notáveis, na terra e no mar, no continente e nas ilhas, e bem assim nas costas fronteiras da África. Já foram publicadas, com a devida justiça, em livros de outros **JOÃO DE LAET**, historiador dos feitos praticados no Brasil até o ano de 1636 e por isso nelas tocaremos de vôo. Escreveu-as o eminente e autorizado João de Laet, dizendo livremente a verdade, não de simples outiva ou com fácil credulidade, mas segundo a relação dos que participaram dos sucessos e segundo os diários respectivos. Para imortalizar-se foi bastante a cada um o ter triunfado de uma partezinha do Novo Mundo. Ali ainda os mais remissos ânimos encontravam estímulos a grandes arrojios. Cada qual aspirava a celebrar-se com aquelas proezas, para as quais se diria em toda parte haver nascido, pagando com elas o preço do nascimento. A emulação alimenta as mais luzidas galhardias, e aquele fastígio de glória que alguém não pode galgar vencendo, pode ultrapassar ousando.

Elogio de outros comandantes Dificilmente se poderia avaliar se tão perfeita milícia mais acertadamente viu nascer no Ocidente tamanha coragem ou se mais eficazmente a inflamou. E

porque era odioso às Províncias Unidas o nome espanhol, esforçaram-se todos por arrancar um pedaço ao poder da Espanha, sem se contentarem com ações mediócras. Alguns, já ilustres nas campanhas neerlandesas, entrelaçaram os troféus da América com os da Europa, sendo os primeiros em mostrar aos bárbaros a nossa soldadesca e o aspecto das batalhas.

Lendo esses feitos, virão ao pensamento os antigos capitães que passaram às terras inimigas para desviarem da pátria a violência da guerra. Régulo, Cipião, Mânlio, Paulo Emílio, Metelo, Pompeu foram como os Willekens, os Heyns, os Loncqqs, os Balduínos, os Paters daqueles tempos, e assim como, a conselho dos primeiros, foram os antigos guerrear no ultramar, assim também, a conselho dos últimos, fizeram o mesmo os nossos contemporâneos. Antigos embora, a eles muito nos avantajamos, assim pela imensa distância dos lugares aonde fomos, como pela fereza e barbárie dos homens com os quais combatemos.

Por assunto da minha história escolhi os feitos que, em favor do povo holandês, foram praticados durante o governo do ilustríssimo conde João Mauricio de Nassau, em outro continente, entre bárbaros e espanhóis, adversários duvidosos ou declarados.

Assunto desta História: os feitos do Conde MAURÍCIO durante oito anos

Como dependem as guerras da fama que delas corre e como não é de pequena importância o seu generalíssimo, despachou-se Nassau para o Novo Mundo como comandante supremo do exército de terra e mar. Parece que na sua estirpe colocou a Providência Divina a dignidade e a força dos Estados Neerlandeses.

Motivos e escopo do historiador

É-me livre calar ou falar. Feitos assinalados provocam-me a não calar, e ordena-me a falar a felicidade pública, a qual não quer sejam fraudados do seu louvor aqueles a quem ela é devida. As guerras domésticas arrastam-nos à admiração, e quanto mais as externas, consumadas sob outros céus e com insigne denodo. Negue-se a Nassau o seu prêmio – a memória da posteridade –, e esta se entibiará, sucumbindo por causa do silêncio guardado pela inércia dos escritores. Onde tem ela ante os olhos os exemplos dos maiores, cresce com singular emulação e procura imitar com ardor as ações gloriosas que lê. Nada concederei à adulação, cujas causas desprezo, nem tampouco, por desafeição a ninguém, nada tirarei à verdade, para não ser tachado de inverídico por ódio igual. Quem pretender versar este mesmo assunto para granjear renome literário e fama de talento, ostente a sua eloquência. A mim bastará uma narração singela, inspirada na realidade dos fatos. Escrevem-se mais livremente os feitos praticados séculos atrás, quando já desapareceram seus autores e testemunhas. Eu, porém, vivo entre aqueles mesmos que obraram os atos por mim referidos ou neles intervieram, e eu escrevo para os seus olhos.

Aos documentos públicos dou o crédito que lhes dão os amigos da verdade, e não desejo para mim crédito maior: relato aqui, não o que viram vagamente os olhos, mas o que escreveram, durante a paz, espíritos serenos e acalmados. Farei uma seleção no enorme acervo dos fatos e nos numerosos maços de documentos para evitar aos curiosos destes assuntos a fadiga de uma longa inda-

gação; mas usarei tal brevidade que não furte aos sucessos nada de relevante ou memorável. Julguei inútil tratar de minúcias. A diligência ansiosa é um erro de diligência, e tanto mais se prejudica o assunto principal, quanto mais se desce a pontos menos necessários.

Antes de entrar no meu assunto, devo recordar o que é e como é o Brasil, qual foi, nessa época, o estado da nossa República e do nosso exército, quais as vantagens e desvantagens nossas e do inimigo, quais os intentos da Companhia e do espanhol. Assim conhecer-se-ão não só os eventos e a sua sucessão, mas também o sistema, as causas e o teatro das guerras, bem como os portos, as cidades, as populações da Província, que se celebrizaram pelos seus infortúnios e prosperidades.

Descrição do BRASIL. Situação e limites É o Brasil limitado ao oeste pelas ínvias terras dos caribas, e pelo Peru, a mais nobre província de todo o Novo Mundo, e de longe por elevada cordilheira; ao sul, por ignotas regiões, ilhas, mares e estreitos. O Oceano Atlântico banha-lhe as costas orientais, e o Oceano Setentrional as do norte. Demarcam-nas os portugueses com o rio Maranhão e com o estuário do rio da Prata.

Forma Tem o Brasil a configuração de um triângulo, cuja base, voltada para o Equador e para o Setentrião, se dirige em linha reta do Oriente para o Ocidente, até o cabo Humos³⁸ ou até o Maranhão, ou se cremos a Nicolau de Oliveira, até o Pará. O vértice morre nas regiões austrais.

População Não é de crer que a população do Brasil, como também a da América inteira, seja aborígine, pois é de fé que toda a humanidade provém de países asiáticos. Não se sabe com certeza quais os primeiros que ali chegaram, nem como, se pelo estreito de Anian, se através das terras contínuas situadas ao norte da Europa e entre ela e a América, se pela passagem das ilhas setentrionais, se pela Atlântida, outrora vizinha do estreito de Gibraltar e fronteira a ele (a qual dizem ser propriamente a América, conforme a *Crítias* e o *Timeu* de Platão), nem a época de tal migração. Cada um, na medida do seu engenho, aceite ou rejeite tantas opiniões. Quanto a mim, não tenciono tomar partidos e, em tamanha caligem da verdade, impugnar ou defender uma conclusão de preferência a outra.

Primeiros descobridores Vicente Pinzón e Diogo López foram os primeiros que, sob os auspícios dos reis católicos Fernando e Isabel, deram a conhecer o Brasil, e depois Cabral e Américo Vespúcio, a mandado do rei de Portugal.

A região é ameníssima e salubérrima pela brandura do clima, e é disto indício a longa vida dos naturais, a qual atinge às vezes cem anos. Nem o frio, nem o calor são excessivos. Há extensos períodos de seca e de chuva. Mal se distinguem das noites os crepúsculos, e do dia os dilúculos, porque o nascer e o pôr-do-sol são mais verticais do que entre nós. O inverno começa em março e acaba em agosto. As noites, quase iguais aos dias, conhecem, de uma a outra estação, apenas a diferença de uma hora. A temperatura hibernal assemelha-se à estival nossa.

Os habitantes são antecos dos espanhóis, mouros e etíopes, e periecos dos africanos mais orientais e dos javaneses, e antípodas dos povos da Áurea Quersoneso.

Conquanto sujeita a nevoeiros, é a terra recreada com os bafejos placidíssimos dos ventos mareiros, que dissipam os vapores e névoas matutinas, fazendo brilhar um sol límpido e esplendoroso. Durante o inverno, sopram os ventos do sul e do sueste, e durante o verão cursam o nornordeste e o lesnordeste. É a região numas partes vestida de matas, noutras plana e tapizada de pastagens e noutras ergue-se em colinas. Chuvas freqüentes regam-lhe a gleba feraz e sempre verdejante. Por isso é mais para admirar que, sendo-lhe tão fecundos os campos e tão salubre o clima, tenha a sua gente caráter cruel e fero. A principal riqueza é o açúcar e o pau-brasil, próprio para tingir panos. Entretanto, a diligência dos portugueses para ali transportou quase todos os cereais e frutas da Europa. Escondeu a natureza esse açúcar em canas elevadas, de que se extrai um suco muito doce e agradável, melhor que o mel da Ática.³⁹ Fervido em caldeiras e tachas de cobre, cristaliza-se em pães à semelhança de medas ou pirâmides, ou, estilado o mel, deixa-se em lascas.⁴⁰ Para esta indústria há por toda a parte oficinas a que os portugueses chamam ENGENHOS, porque tais maquinismos e construções foram inventadas por engenhos agudos, e contam-se entre as novidades dos últimos séculos. Desses engenhos tira o mercador ativo, com o trabalho dos negros, o máximo lucro, e anualmente vende, na Europa inteira e por muito dinheiro, o açúcar que as naus atulhadas dele transportam.

Todas as colônias que existiram antes da nossa chegada eram portuguesas. A sede do bispado e do governo geral é a Baía de Todos os Santos e a cidade de S. Salvador. Atualmente, o Brasil espanhol obedece a uns governadores, e o holandês a outros. Uma é a sede do governo lusitano e outra a do batavo.

A língua dos indígenas é difícil de aprender e mostra-se quase a mesma para todos os que ali até hoje se conhecem, ainda que para certas cousas existam vocábulos diferentes, usados uns pelos homens e outros pelas mulheres.

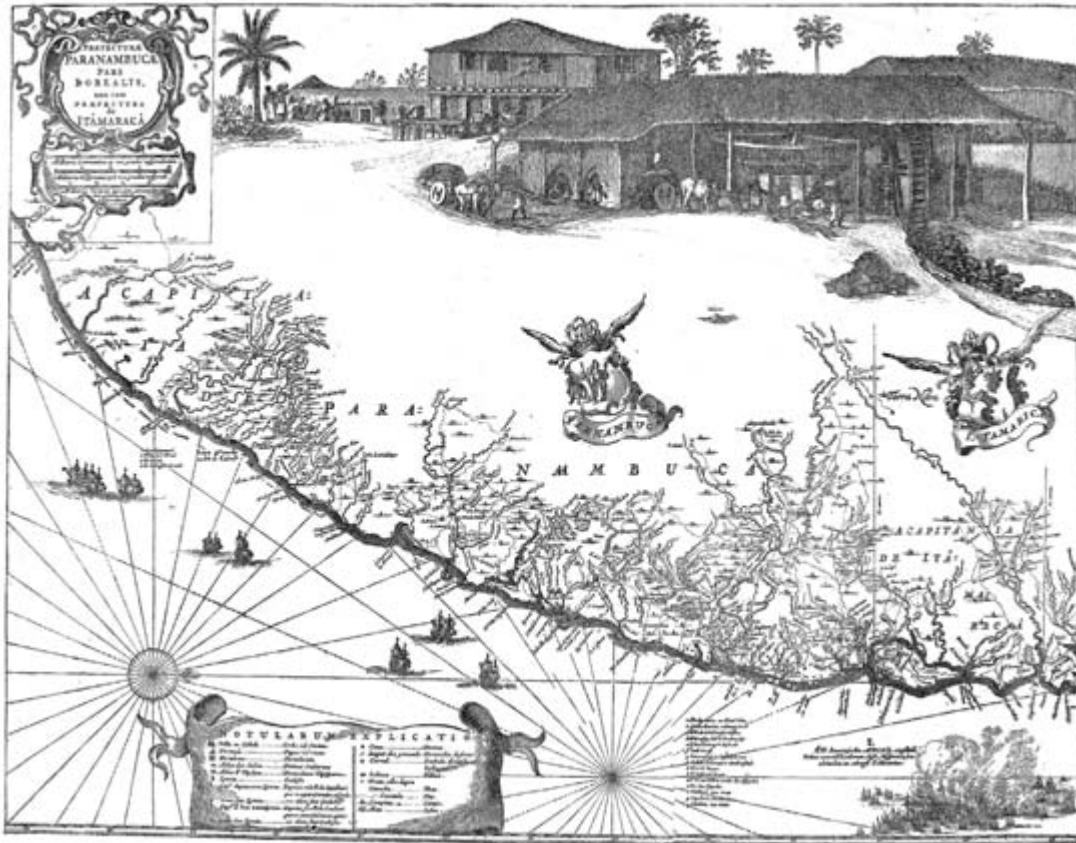
Os costumes, o caráter, o trajar dos brasileiros ou são comuns a todas as nações ou peculiares a algumas, conforme a sua diversidade. Se damos crédito a Maffeu, falta a essas línguas o uso das três letras F, L, R,⁴¹ porque, segundo observam alguns com agudeza, carecem de fé, de lei e de rei. Alguns dos íncolas têm gênio mais bravio, e outros o possuem mais brando, uns são claros, outros escuros. Andam nus homens e mulheres, exceto os moradores da capitania de S. Vicente, que, mais civilizados, se cobrem com peles de animais. Pintam a cores o corpo assaz robusto ou o afeiam com o suco negro do jenipapo e o enfeitam com penas de aves variiegadas. Do alto da cabeça deixam cair somente um negalho de cabelo, depilando as mais partes do corpo. O nariz é chato como o dos chins.

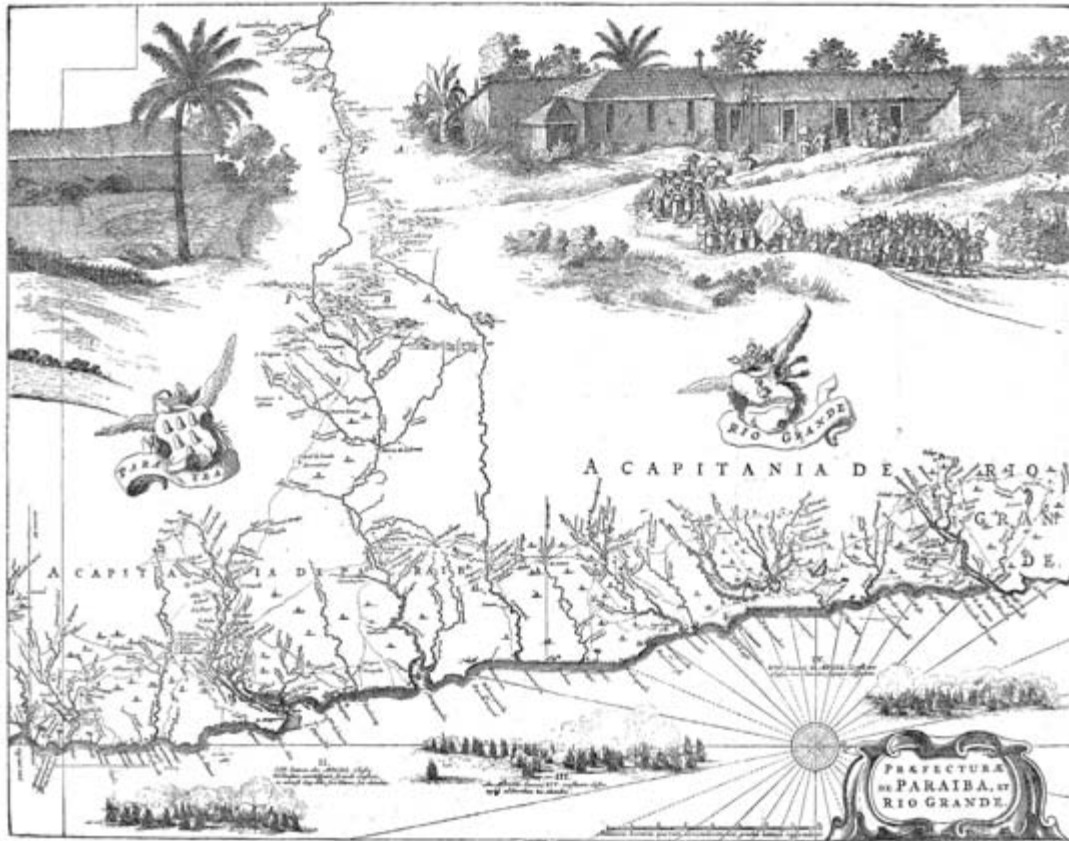
Colônias. Sedes do bispado e do Governo

Línguas

Costumes

Traje





O modo de cortar o cabelo é diferente para os homens, para com ele se distinguirem as tribos. As mulheres trazem cabeleira comprida, menos durante o luto ou na ausência do marido.

Religião Não honram nenhuma potências sobrenaturais, nenhuns deuses, a não serem os trovões e os raios, aos quais votam grande veneração. Têm horror dos espíritos malignos. Dados aos presságios, agoiros, sortilégios até à loucura, envolvem numa treva lucrativa o espírito leviano e ignorante dos seus com a mentirosa interpretação dos prognósticos. Prezam os feiticeiros. Gostam da poligamia e do divórcio. Não tratam mal as esposas, antes as cortejam, menos quando embriagados, o que também é freqüente com os holandeses. Em público, comprazem-se em tê-las por companheiras, usando esta ordem: se vão para o campo, precede o homem, pronto para investir uma fera ou enfrentar o inimigo; se estão de volta, caminha à frente a mulher, seguindo-a o homem, para ela escapar mais depressa de um perigo que sobrevenha. Em casa, têm-nas sob os olhos, receosos dos amores dos outros.

Alimentação Não conhecem hora certa de se alimentarem. Na mesma casa, muito comprida, em forma de uma querena virada e coberta de palma, vivem juntas muitas famílias. Dormem tranquilos e descuidosos em redes suspensas bem acima do chão para evitarem de noite os animais daninhos, assim como os vapores maléficos que sobem da terra. Antes desconheciam o trigo e o vinho. Alimentam-se com uma raiz nativa, à qual, reduzida a farinha, chamam **Os brasileiros** MANDIOCA. Nadam admiravelmente, e, às vezes, ficam horas inteiras **são nadadores, pescadores, atiradores de flechas** a mergulhar na água com os olhos abertos. Atiram flechas com estupefa habilidade e são destros pescadores.

Bebedores Vivem dia por dia, bebendo valentemente e entregues a desordenada alegria, sendo depois muito tolerantes do trabalho e da falta de comer. Na caça atingem velocidade igual à dos próprios animais bravios.

Cruéis Com grande tripúdio matam os prisioneiros, tendo-os engordado cuidadosamente por alguns dias, e comem-nos assados em espetos. Marcham alegres para a morte aqueles a quem está reservado tal destino, e, publicando, como de uma resenha, as façanhas praticadas contra os seus próprios verdugos, ufanam-se de não morrer sem vingança.

Habitações Moram em habitações esparsas e viajam em ranchos, numa só fileira e em admirável silêncio, belicosos e sanguinários.

Hospitaleiros São muito afáveis com os hóspedes e estrangeiros e de excessiva cortesia. Lançando-lhes os braços ao pescoço e apertando-lhes a cabeça ao peito, recebem-nos com lágrimas e suspiros, lastimando-lhes os incômodos e embaraços da jornada. Depois, com o semblante já exercitado para isto, enxugam os olhos e tomam o ar e os gestos de quem se alegra.

As mulheres grávidas não sofrem muitas dores com o parto, porque a temperatura quente lhes ajuda os trabalhos. Não gostam absolutamente de passar

em casa o prazo decorrido desde o puerpério, como fazem as nossas patricias, mas, ao contrário, levantam-se logo fortes e firmes e se ocupam sem preguiça dos serviços caseiros. Amam muito aos filhinhos, amamentam-nos durante um ano e negam-lhes outros alimentos. Sempre que saem, levam-nos pendurados às costas numa redezinha a que chamam TIPÓIA.⁴²

As armas dos homens são clavas de pau, arcos e setas. Põem ^{Armas} nestas uma ponta de ossinhos ou de estrepes muito duros para elas atravessarem os escudos e as rodela de coiro.

Não admitem haja para as boas ou más ações prêmios ou ^{Deveres para} castigos depois da morte. Crêem que os mortos descem aos infernos ^{com os mortos} com o corpo inteiro, ou com os membros mutilados, ou traspassados de feridas. Assim, enterram os cadáveres sem queimá-los, colocando junto deles uma rede para dormirem e alimento para alguns dias, pois estão persuadidos de que as almas dos defuntos comem durante esse tempo. Choram imoderadamente a morte dos seus, passam em pranto um mês inteiro, atiram-se ao chão como loucos, terminando estes trágicos transportes com um festim e com danças.

Propensos à melancolia, procuram dissipá-la com cantilenas e instrumentos músicos, que têm próprios, e, tanto quanto os outros homens, intercalam os entretenimentos com as cousas sérias.

O gentio do sertão e todo aquele que conserva os costumes pátrios aproximam-se, na crueldade, mais das feras que dos homens. São avidíssimos de vingança e de sangue humano, temerários e pressurosos para os combates singulares e para as batalhas.

Depois de se haver introduzido entre esses selvagens a ^{Misturando-se aos europeus, tornaram-se mais brandos} religião e os estudos das artes liberais, foram distribuídos em aldeias e vilas os que moram à beira-mar, e adotaram os costumes dos europeus, de sorte que também aqui se aplica esta observação de Tácito: À ORLA DO OCEANO VIVE-SE COM MAIS DOÇURA.

Onde, porém, a barbaria, que, para vergonha do gênero humano, não se peja da sua nudez, embruteceu o espírito dos naturais, sem temperá-los com boas leis algumas, com cultura alguma, obstinam-se os povos selvagens em guardar o caráter conforme aos costumes e ao natural dos seus maiores. Consideram inimigos os desconhecidos que com eles vão ter, julgando-os, as mais das vezes, uns como insidiadores da liberdade. Não falta a espíritos tão rudes astúcia para o mal, e não raro a crueldade e a perfídia substituem neles a valentia e a prudência. Tudo isto são observações dos europeus, que a esperança de enriquecer leva lá.

O caráter desses povos ministra-nos matéria para utilíssima consideração e para admirarmos a sabedoria da natureza, a qual cobriu, com a mesma semelhança de membros, tão diversos temperamentos, tão diversas inclina-

ções de almas. Isto nos ensina a darmos tratamento diferente a nações diferentes e a conhecermos o que se pode esperar de bom ou temer de mau em qualquer povo. Nenhum se poderia achar de índole tão perfeita que não descobrisse alguma falha, nem tão rude que se não recomendasse por alguma boa qualidade.

À força de armas defendem os indígenas do sertão as suas terras contra os portugueses. Os do litoral vivem misturados com eles e sujeitos ao seu domínio.

Com extraordinária variedade de formas, produz a região gêneros próprios de quadrúpedes, serpentes, aves, peixes, árvores e plantas, cuja descrição, deixada aos especialistas, oferece matéria agradável de versar. Brotam ali fontes e rios notáveis. Deles o mais célebre é chamado rio DA PRATA, o qual entra no Oceano quarenta léguas da foz e com tanto ímpeto que os marinheiros já bebem água doce, antes de avistarem, do alto-mar, a terra. São também rios afamados: o Real, o S. Francisco, o de Janeiro, o de Sto. Antônio Grande, o Capibaribe, o Beberibe, o das Ilhas, o das Contas, o Tinguari, o de Porto Calvo, o Camaragibe, o Formoso, o Mamanguape,⁴³ o Paraíba e outros mencionados nesta história e conhecidos pela fama dos acontecimentos desenrolados junto deles e pelas desgraças da guerra. Seria inútil citar mais por miúdo todas essas cousas já expostas por outros.

Todo o Brasil se divide em colônias e capitânicas, algumas das quais reconhecem senhores próprios, outras têm o rei por senhor. São: ¹⁴ CAPITANIAS *Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Itamaracá, Pernambuco, Sergipe, Baía de Todos os Santos, Ilhéus, Espírito Santo, Porto Seguro, Rio de Janeiro e S. Vicente.*

As nações disseminadas por elas e pelo sertão diferem no natural, nos dialetos e nos nomes: *‘Potigares, Viatãs, Tupinambás, Caetés, Tupiniquins, Tupiguais, Apigapigtangas, Muriapigtangas, Itatis, Temiminós, Tamoios, Carijós, e os célebres Tapuias, Tucanuços, Nacais, Cuxarés, Guaianás, Gaianás (v. nota 27), Pigrus, Canuçuíaras’* e mais algumas enumeradas em particular por outros escritores.⁴⁴

Não carregues o sobrolho, leitor: estamos fora do Lácio e da Grécia. Não foi permitido inventar palavras só para os povos do Velho Mundo. Também para as cousas da América é forçoso e justo criar termos para exprimi-las adequadamente.

Seria apenas descrever o Brasil e não historiar os fatos nele sucedidos dar-se uma relação completa de cada uma dessas cousas. Será suficiente indicar-lhe a posição, os limites, as capitânicas, a população e as riquezas. Caberá talvez a outros, que falam nesta mesma história, darem, por dever de ofício, notícia mais circunstanciada de tais matérias.⁴⁵

Há muito a ciência dos geógrafos dividiu o Brasil em capitâ- Divisão recente do Brasil nias do norte e do sul. A divisão recente é, porém, a que o distingue em Brasil Espanhol e Brasil Holandês. A primeira dessas divisões é a natural; a segunda é feita pela força e valor dos homens. Aquela é a do Criador; esta a da partilha entre os príncipes. Uma é perpétua e imutável; a outra passageira e variável, segundo a fortuna da guerra. Os quatro mapas juntos, devidos à MAURÍCIO mandou representar o Brasil Holandês em quatro mapas munificência de Nassau, representam o Brasil Holandês. Nem a América, nem a Europa viram até hoje outros mais completos. O primeiro estende-se do rio Potipeba até o S. Francisco abrangendo o Sergipe del-Rei, anexado ao domínio da Companhia pelas armas de Maurício. Chama-se Capitania do Cirií, à conta do nome do rio. Neste Oliveira inclui o Sergipe entre as capitânicas mapa, o rio de S. Francisco, celebrado nos livros dos espanhóis e dos nossos patrícios, afamado pelas suas ilhas, penedos e vaus, abre a sua barra e penetra, com vários rodeios, pelo sertão do Brasil. O segundo e o terceiro mapa põem ante os olhos toda a capitania de Pernambuco, bem como a de Itamaracá. O quarto mostra a Paraíba e a capitania do Rio Grande. Em cada um deles encontram-se, marcados com sinais próprios, os engenhos de açúcar, os currais, as cidades, vilas e aldeias, os fortes, os rios, as baías, os cabos, sinais esses que trazem luz e fé à narração.

Os portugueses e os holandeses possuíam o país com governos distintos e contrários. Quatro capitânicas eram da nossa jurisdição: Rio Grande, Paraíba, Itamaracá e Pernambuco. As demais obedeciam a Portugal. Nós as garantíamos com fortificações tomadas ao inimigo ou construídas pelos nossos contra os generais espanhóis Albuquerque e Bagnuolo, célebre pelo seu renome militar.

Aquele defendia as suas próprias terras, este as do rei.

A capital da capitania de Todos os Santos havia de novo Estado do Brasil e da posseção antes da chegada do Conde passado para os portugueses, mais pelos vícios dos nossos do que pelo valor dos portugueses. Entretanto, estavam em poder dos holandeses as principais terras da colônia de Pernambuco, assim como todos os fortes destinados a presidiá-la.

O comércio da Nova Holanda nem diminuía por derrotas sofridas pelos nossos, nem aumentava por vitórias dignas de nota. Os reinos do Peru e do México e todas as regiões que se estendem para o Oci- Estado de Guerra dente ofereciam oportuna matéria para a guerra. As partes boreais e austrais do Atlântico eram guardadas por naus e esquadras, que iam e vinham conforme as circunstâncias. O terror inspirado pelo nome batavo invadira todas as ilhas setentrionais da América – Hispaniola, Cuba, Jamaica e Porto Rico. Campeche e Trujillo no golfo de Honduras tinham experimentado as nossas armas. Com fortalezas e guarnições ocupávamos as ilhas de Sta. Margarida e de Sta. Marta, terríveis pela sua cidadela, e a de Curaçau no mar setentrional. É recente e brilhante a Curaçau

fama da batalha travada com D. Luiz Borja, mestre-de-campo dos espanhóis, saindo vitoriosos os holandeses.

De contínuo os generais da Companhia infestavam com esquadras todas as costas do continente americano. Brillhavam sob outros céus os nomes principescos de Frederico, Orange, Amélia, postos em castelos e fortalezas. Não havia descansar das hostes e dos assaltos diurnos e noturnos dos inimigos, que incendiavam os engenhos e devastavam as vizinhanças. Por toda a parte, fumegavam também, como os incêndios ateados pelos nossos, as cidades, vilas, aldeias, oficinas e lojas dos portugueses, e no mar ardiam-lhes os navios e frotas, porque a vingança, raivando, acendia o facho da guerra. Estávamos em luta com alguns dos portugueses e dos bárbaros e em paz com outros. Atraídos estes últimos ao nosso convívio e aliança, deixamo-lhes salva a religião, os lares, as leis e os costumes. Prometeu-se liberdade aos oprimidos, comércio aos negociantes, fidelidade aos aliados. Mais uma vez, porém, quebraram os lusitanos a fé do juramento, mais por temerem que por amarem ao rei.

De todos foram os tapuias os mais dedicados a nós. Com o auxílio de suas armas e forças, comandadas por Janduí,⁴⁶ pelejamos contra os portugueses.

Também os povos da Guiana⁴⁷ aceitaram pacatos o domínio holandês. Alegravam-se todos com a expectativa de que, em chegando os nossos, se preparasse não a sua segurança, mas a vindita contra os espanhóis.

Na província de Pernambuco, estava à frente da administração pública Situação política o chamado Conselho Político, que não só regia a república, mas ainda os negócios da guerra e do comércio, segundo as leis neerlandesas. Era igualmente exercido o poder dos magistrados inferiores, com jurisdição no cível e no crime. Entretanto, as leis não eram acatadas pela corrupção dos súditos e ainda mesmo de alguns dos governantes. Mudando-se a condição dos lugares, chega-se aos piores desmandos. Os indivíduos de péssima estofa, temendo transformações por desconfiança da presente república, insinuavam-se nas boas graças dos portugueses, não por escrúpulos de fidelidade, mas por esperanças de impunidade.

Padecia o povo de grande carestia, por devastarem os inimigos os lugares próximos. Com o maior gasto e diligência possível, atalhava SIGISMUNDO VAN SCHKOPPE, CRIST. ARTICHOFSKI esse mal a Companhia. Sigismundo van Schkoppe, conspícuo por suas muitas e brilhantes façanhas, comandava as forças de terra. Presidia à marinha João Lichthart, conhecido mais pelos seus serviços e insignes proezas contra o inimigo do que pelos favores da fortuna. Artichofski, militar de vocação, já muito experimentado, era coronel de um regimento de infantaria.

A derrota sofrida por Adriano Pater era considerada um dos desastres mais graves para o nascente império batavo do Brasil.

Jol, inculto, mas arrojado e entranhadamente infenso ao nome espanhol, depois de ter aprisionado, aqui e acolá, naus inimigas, enchia, como triunfador, todo o Ocidente com a sua glória marcial. Em Serinhaém, Terra Nova, Tapeçirica, Alagoas e outros lugares, com riscos vários e êxito desigual, guerreavam os ditos comandantes Schkoppe e Artichofski com Camarão e outros capitães contrários.

Na Holanda achavam os diretores da Companhia que fosse parecer de todos defender-se o Brasil e as conquistas realizadas e dilatarem-se as possessões, discutindo-se seriamente a quem se deveria confiar ali o governo e a quem se reconheceria capaz de tão importante província. Deliberava-se miudamente sobre abastecimento de vitualhas, sobre armas, empréstimos contraídos e por contrair, rendas e impostos, e bem assim acerca do trato africano e do transporte de escravos para a América.

Não era menor a diligência do rei da Espanha, que se aprestava para embarçar os planos dos holandeses, recuperar as possessões perdidas, munir as periclitantes e utilizar-se das fortificadas. Entrementes, um general não só prudente, senão também atrevido, preparava importante matéria para novos tentames. Direi sem receio que foram tamanhos os apercebimentos para esta guerra até o ano de 1636 que levam de vencida os em-
Importância dos feitos da Companhia Ocidental até o ano de 1636
 prendimentos dos mais poderosos reis. O vulto da empresa faz-lhe perigar o crédito nos ignorantes e nos invejosos. Foi ingente o número das naus: segundo os registros oficiais,⁴⁸ mandaram-se mais de Número das naus oitocentas para a guerra e o tráfico do Ocidente, para África e outros lugares e custaram mais de 45.000.000 de florins, levando-se em conta o preço das naus, os soldos, os bastimentos. Tomaram-se ao inimigo 547 naus, As tomadas ao inimigo acarretando-se-lhes um prejuízo calculado em seis milhões. Da tomadia reverteram em utilidade pública mais de trinta milhões de florins, soma muito superior à que Paulo Emílio introduziu no erário de Roma. Soma dos despojos
 E no entanto, no dizer de Velício,⁴⁹ essa quantia “venceu em importância a de todos os triunfos anteriores”. Os danos causados aos espanhóis e a Danos causados ao inimigo nós inúteis estimam-se em mais de sete milhões. Sobem a vinte e oito milhões as despesas feitas pelo rei, os direitos alfandegários e Preço das mercadorias rendas anuais que lhe tolhemos. Em mercadorias que pareceu lucrativo transportarem-se para a Guiné, Nova Holanda, Cabo Verde, Serra Leoa e rios Senegal e Gâmbia, gastaram-se mais de novecentos milhões de florins, excluídas desta conta as imensas riquezas absorvidas pelas necessidades do Brasil e outros lugares. Por esse tempo, importou-se da Guiné e da Nova Holanda para a Holanda uma quantidade de ouro, marfim, âmbar, couros de boi e peles de preço, no valor de 14.600.000 florins.

O nosso século contempla estupefato estas realizações, e o futuro, menos lembrado delas, pasmará de que tantos tesouros tenham entrado, por esfor-

ços de particulares, no território das Províncias-Unidas e de que tanta opulência e glória tenham saído das mãos do espanhol. Não bastaram tamanhos cabedais para compensar os dispêndios impostos por tantas expedições; mas, com isto, pareceria a Companhia mais possante e mais terrível aos adversários.

Era essa mais ou menos a situação do Brasil e da América, quando

Predicados de NASSAU Nassau assumiu o governo. Todos o desejavam nesse posto, porque, prático na milícia européia, sob o Príncipe de Orange, reconquistara, com sua dedicação e diligência, o que antes dele ninguém conseguira, a praça de Schenken, a qual, situada no divórcio das águas do Reno, defende a Batávia. Gozava ele por isso o favor público dos holandeses, acrescentando a esses títulos o lustre de sua família, ligada pelo sangue aos imperadores e por matrimônio aos reis, além da autoridade, da galhardia, da lealdade, da boa fortuna e de outras muitas virtudes e honras. Tudo isso exigia fosse ele arrastado sem detença ao comando supremo e não consultado em longas deliberações. Demais, ostentava ele no porte e no corpo a bizarria e gentileza não só própria de idade viril, mas também congruente na dignidade com a relevância do seu alto cargo. Para auxiliar os príncipes alemães, já antes participara, como cavaleiro, da expedição que, sob Frederico Henrique de Nassau, se mandara ao Palatinado contra o Marquês de Spinola.⁵⁰ Fora alferes e comandara como capitão uma companhia, subindo logo de posto, sob Ernesto, governador de Frísia, e depois sob o príncipe Maurício de Orange, *stathouder* de Holanda, Zelândia e Frísia. Sob S. A. o príncipe Frederico Henrique, já supremo defensor das Províncias-Unidas, celebrizou-se Nassau nos famosos assédios de Groel, Bois-le-Duc, Vanloe, Maestricht (onde sustentou e repeliu com valentia o ataque contra a sua posição feito por Pappenheim,^{50-A} general das forças imperiais) e de Rheinberg. Assim, depois de desempenhar, no Velho Mundo, todas as funções militares, viria exercer outras novas no Novo

Entrega-se o governo do Brasil ao ilustre Conde Mundo. Acompanhava-o a opinião – era verdadeira – de que se lhe dava a província do Brasil, não por insinuação ou pedido seu, mas por ser dela julgado digno e capaz. A voz pública não errava, antes escolhia o melhor. E o que é mais para louvar, logrou ele, por suas virtudes, fosse a Companhia antes pedir de empréstimo um governador aos alemães

Ratificação dos E. Gerais e do Príncipe de Orange que escolhê-lo entre os próprios holandeses. Os Estados-Gerais e o Príncipe de Orange ratificaram os poderes a ele conferidos pelos diretores da Companhia, dentro das cláusulas seguintes, que fossem honrosas para o general e para casa de Nassau e úteis ao povo: 1) governaria com o título e poder de governador e capitão-general de terra e mar; 2) teria sob sua jurisdição todas as terras que os holandeses conquistarem ou esperassem fazê-lo; 3) superintenderia tudo o que referisse ao bem público, à boa ordem e disciplina dos cidadãos, à guerra, às alianças e pactos de justiça; 4) removeria todos os abusos e providenciaria para que não sofresse a república detrimento algum; 5) em campanha, caber-lhe-ia prover as patentes militares nos mais idôneos;

durante a paz e nos quartéis de inverno, escolhê-los-ia para tais provimentos dentre os poucos que o Conselho indicasse; 6) decidiria também sobre honras e funções civis; sobre a conveniência de construir, transferir ou demolir fortificações; sobre a sede do Governo e do Conselho; 7) regularia o trabalho e remuneração dos brasileiros e dos índios; 8) resolveria sobre a substituição dos conselheiros e dos oficiais, com a ratificação dos diretores da Companhia.

Estas e outras cláusulas foram sancionadas por fé pública, para que aos administradores supremos de negócios tão relevantes constasse uma regra certa das funções do Governador, ficando as partes adstritas a um escrúpulo de consciência.

A princípio foi prometida ao Conde uma esquadra de trinta e duas naus para ele ir tentar fortuna no Novo Mundo. Entretanto os diretores, diminuindo a sua avidez de ousadias, convieram depois em doze, que levariam 2.700 soldados. Para evitar uma delonga prejudicial, companheira das grandes empresas, Nassau, já disposto para os trabalhos e as fadigas, resolveu partir numa esquadra ainda despercebida, como acontece de ordinário em tais circunstâncias, e com soldados mal aprestados, com os quais ia passar à América, em quatro navios somente. No outono do ano da graça de 1639, zarpou ele do porto Partida para o Brasil em
25 DE OUTUBRO DE 1636 de Texel, com o pleno assentimento e a mais firme esperança de todas as classes sociais. O navio que conduziu o capitão-general tinha o nome de *Zutphen*. Os soldados não excediam 350, que mal o garantiriam contra os ataques dos espanhóis de Flandres e de Dunquerque. À sua partida, foram dele despedir-se e levar-lhe os votos de felicidade e boa viagem Votos públicos dirigidos
ao Conde os membros dos Estados-Gerais, o Príncipe de Orange, os diretores da Companhia e os cidadãos mais considerados, persuadidos de que iria ele dar um exemplo novo de felicidade e de sabedoria política e militar. Divulgada a notícia de tão gloriosa expedição, era voz geral que, com semelhante general, se podiam acalentar outras esperanças sobre tão importantes cometimentos; que seria ele o sustentáculo do continente americano; que daria vigor às nossas armas e dignidade ao nosso império; que ninguém era mais moderado e prudente; que, nas campanhas pátrias, aprendera as dificuldades e os lances da milícia; que ia guerrear com o auxílio de soldados comedidos e obedientes; que, pela sua fama, seria terrível aos inimigos, caro aos seus guerreiros alemães, por serem patrícios e que aplacaria aos bárbaros com a sua brandura e mansidão.

Depois de ter navegado, com dias serenos e ventos propícios, o Canal de Inglaterra, já próximo às Sorlingas Crê-se que as Sorlingas
sejam as Cassitérides de
Ptolomeu (são as Cassitérides de Ptolomeu), o mar, turbado por furiosa tormenta, flagelou com graves incômodos os inícios da travessia. Tem-se observado várias vezes que as potências celestes recebem iradas as expedições ultramarinas. Isto sucedeu a Agamemnon, a Enéias, a Xerxes, a Germânico, a Por uma tormenta é
tangido para a
Inglaterra César e a outros que empreenderam façanhas extraordinárias, ou

porque os novos reinos devam ser sagrados com a adversidade, ou porque o desejo de poderio deva ser coibido com o temor dos perigos. Consultando os capitães das naus sobre a conveniência de se ferrar o primeiro porto, desagradaram ao Conde tais delongas, conquanto desafeito ao mar, e manda prosseguir a viagem, sem interromper a navegação. Crescendo, porém, os perigos com os mares procelosos, tornados mais formidandos com os rigores do vizinho setentrião, a prudência, condescendendo com o temor, aconselhou que se recolhessem a Falmouth.⁵¹ Já a *Zutphen* fizera água e mal emergia. Com altas vagas encontroava o mar grosso os navios, que, pelo furor dos ventos contrários, estavam a pique de encalhar nos parcéis e rochedos das Sorlingas.

Enquanto se aguarda em Falmouth tempo mais favorável para navegar,
Detém-se em Falmouth S. Majestade Sereníssima, Carlos I da Inglaterra, tendo tido conhecimento de se achar o Conde João Maurício em porto inglês, ordena ao governador daquela cidade e à nobreza dos arredores cumprissem para com Nassau todos os deveres de cortesia e providenciassem todo o necessário aos reparos de sua frota. Tudo foi ministrado com abundância e boa vontade.

Tenha embora quase desaparecido em nossa gente a crença em augúrios
Presságios e portentos, e não cuidem os mais sensatos que Deus se envolva facilmente nos casos fortuitos, notou-se, todavia, duplo presságio não totalmente desprezível. O primeiro um peixe que saltou do mar no convés, quando se passava perto de Dunquerque. Chamam-lhe “badejo grande” para distingui-lo do menor denominado “pescada”. O segundo foram cinco perdizes vindas das costas da Inglaterra, as quais entraram na *Zutphen* onde ia o Conde e na *Pernambuco*, servindo de prazer e presa espontânea para os marujos. Segundo a conjectura risonha dos pressagiadores, acreditou-se que esses prenúncios prometiam a obediência e o pavor do mar e da terra. Talvez queira a bondade divina, tocada pela aflição dos príncipes, revelar ainda mesmo com estes meios e com as aparências dos fatos os sucessos futuros. Tais foram outrora a serpente no rio Bragada, quando Régulo batalhava na África; a aparição salvadora duma águia ao rei Dejótaro; três corvos crocitando para Graco; um lobo, que nas Gálias tirou da bainha a espada de uma sentinela, e outros infinitos, aos quais sói a credulidade supersticiosa atribuir a glória ou a ignomínia, a salvação ou a ruína dos varões de grande celebridade, segundo foram favoráveis ou infelizes os fatos acontecidos.

Transcorrem quarenta dias sem monção para a travessia. Entretanto
Chega às Ilhas do Cabo Verde continha o Conde os tripulantes nos navios, atento em não deixar fugir o momento oportuno para a partida. Enfim, amansadas as procelas, com feliz navegação – chegou às ilhas do Cabo Verde.

O Cabo Verde, célebre entre os promontórios africanos, é coberto de
Descrição das Ilhas do Cabo Verde verdejante arvoredado, donde procede o seu nome. Crêem muitos ser ele o cabo Arsinário de Ptolomeu. Segundo Oliveira, é o prin-

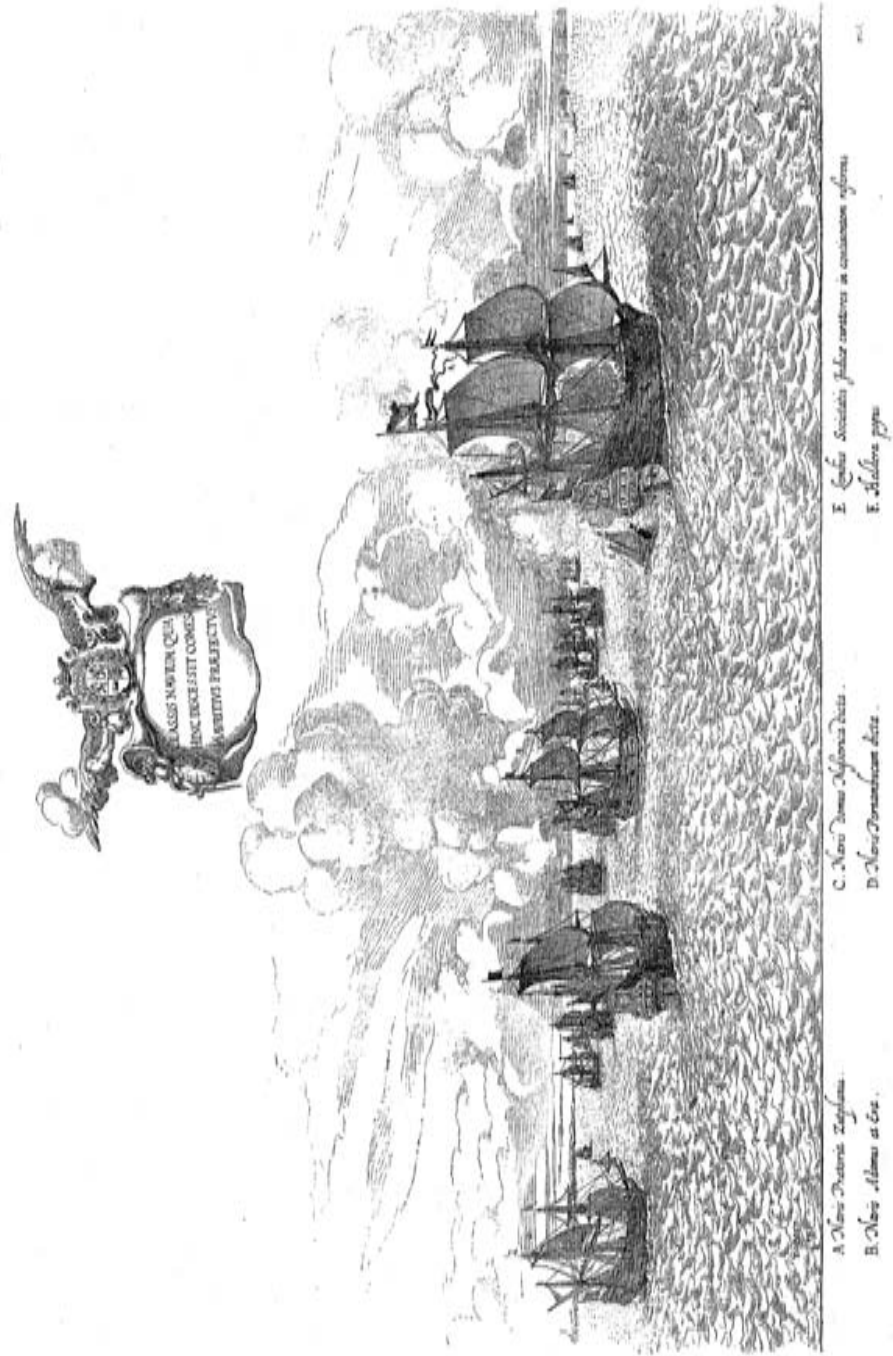
cípio da Etiópia, e se estende, por mais de cem léguas, até o cabo da Serra Leoa, chamando-se todo esse território Capitania do Cabo Verde. É limitado de uma banda pelo rio Gâmbia, e da outra pelo Senegal, ambos conhecidos pelo tráfico dos nossos. Há aí contendias freqüentes entre o rei e os chefes por causa da realza. Quem sai vencedor defende-se com uma vindita assaz cruel, quer o rei mais poderoso dê cabo dos grandes, quer estes eliminem o rei. As riquezas régias dependem do alvedrio e liberalidade dos chefes, os quais às vezes mimoseiam a um pobre e necessitado com cavalos, vacas, cabras e legumes. Para oeste, no meio do Oceano, jazem dez ilhas a que chamam do “Cabo Verde”, por serem vizinhas deste cabo. Foram descobertas em 1440 pelo genovês Luís Cadamosto. Pensam alguns serem elas as Górgones ou Hespérides dos antigos. Há nelas abundância de cabras e de salinas, chamando-lhes por isso os nossos também Ilhas do Sal. Aí colhem os espanhóis milho zaburro. Quando se descobriram, eram inteiramente incultas e não apresentavam nenhum vestígio humano. Os primeiros que ali desembarcaram apanharam pombas com a mão ou mataram-nas com bastões, porque posavam no chão, desacostumadas dos homens. A principal e maior destas ilhas é a de “S. Tiago” com vários gêneros de árvores e um comprimento de sete léguas. Nela existe imensa cópia de sal, águas doces e inúmeras tartarugas, tão grandes que suas cascas igualam o tamanho de um escudo maior. Acima desta e mais para o norte está a ilha da “Boavista”, assim denominada por terem aí aportado a primeira vez os portugueses, dando-se uns aos outros os parabéns. Entre as menores inclui-se a de nome “Ilhéu de Maio”. Conhecida por suas salinas, costuma ser freqüentada pelos espanhóis. Tem escassa população, a não serem por acaso alguns negros fugidos ou alguns degredados portugueses, cuja morte ali é insignificante dano. Detendo-se nesta seis dias para fazer aguada, logo chegou Nassau à famosa linha do mundo, que divide o céu e a duração dos dias e das noites em duas metades. Aí, a uma distância igual dos términos do Universo, mostrou-se o valor dos Nassaus aos dois hemisférios para equilíbrio de seu grande lustre e das suas façanhas em toda a parte feitas ou por fazer.

Após uma derrota longa, realizada em breve espaço, Demora-se no Ilhéu de Maio para fazer aguada. Passa a linha equatorial chega ao Brasil 23 DE JANEIRO DE 1637 quando já entrara o inverno para a Holanda, aportou ao Brasil em Pernambuco, alegre de ter compensado os contratempos do mar por uma viagem próspera. Com ele arribou também Adriano van der Dussen, a quem o Conde reunira a si perto da Ilha da Madeira. Três dias após, chegaram Mateus Ceulen e Carpentier, os quais, por serem conduzidos numa nau aberta, tiveram de se demorar algum tempo na baía de S. Vicente⁵² para os reparos dela. Depois destes, veio Gisselingh, muito maltratado pelos temporais marítimos. Eram todos membros do futuro Conselho Secreto e esteios do governo. A travessia, feliz pela brevidade do tempo, levou Nassau a seu destino numa quadra do ano idônea para executar ele os seus planos. Sua chegada, com efeito, caiu em meses

próprios para a guerra e as campanhas. Pelo súbito do desembarque, não tiveram tempo os portugueses nem os governadores da Baía de Todos os Santos de enviar socorros contra o Conde e de intentar contra ele qualquer movimento hostil.

Ao saltar em terra, receberam-no as pessoas gradas do lugar e o povo, e É recebido pelos seus no semblante, nas homenagens, nas palavras, atestavam-lhe o seu acatamento, captando-lhe os mais as boas graças, como acontece de regra com os governos novos. Com alegria igual à modéstia, recebeu ele, como testemunhos de comum benevolência, estas saudações dos circunstantes e dos que ali concorriam. Em seguida, exibindo, na reunião do Conselho, as patentes a ele entregues pelos Estados-Gerais, pelo Príncipe de Orange e pelos diretores da Companhia para assumir o comando supremo e o governo, quis aquele habilíssimo general fosse o seu primeiro cuidado conhecer quantos soldados holandeses e aliados se achavam em armas e nas guarnições, julgando prudente preparar a guerra antes de fazê-la e medir as próprias forças para não se tentar uma façanha sem resultado, e para uma audácia precipitada não diminuir o bom nome do governo iniciado. Sabe-se em verdade que as tropas aparelhadas sustentam melhor as guerras do que as levas violentas e tumultuárias.

Todo o contingente militar foi distribuído em dois corpos, um destinado às guarnições, outro às campanhas. Ficaram nas guarnições O primeiro cuidado de NASSAU é informar-se do estado da milícia. Guarnições distribuídas. Reservadas para a guerra. Bastimentos. 2.600 homens, que se repartiram pelas praças de Recife, do Rio dos Afogados, do Cabo de Sto. Agostinho, de Itamaracá e da Paraíba. O corpo reservado para campanha foi dividido em duas tropas: a maior, para atacar o inimigo, com 2.900 homens; a menor, de infantaria ligeira, com 600. Estes surpreenderiam e estorvariariam o inimigo noutras partes e espreitariam as ocasiões. Depois providenciou Nassau vitualhas e transportes, imitando nisto a providência dos romanos. Informou-se minuciosamente da provisão de pão, biscoitos, toucinho, legumes, carnes, queijo e vinho existente nos navios e armazéns, pois sem isto a soldadesca se torna agastadiça e indisciplinada. Armamentos Começou também a recensear os armamentos, arrolando as armas brancas e as de fogo, a artilharia, os arcabuzes, os mosquetes, as espingardas, etc., a pólvora, as naus e petrechos náuticos nas costas e nos portos. Encontrei notada a escassez de morrões, lançando-se a culpa disto aos administradores europeus da companhia. Mas a necessidade, valendo-se do engenho, por uma nova arte, fabricou morrões, servindo-se de casca de árvores. Não eram, porém, de boa qualidade, porque se apagavam logo. Houve também, para dizer verdade, tal carestia de mantimentos que, depois de se abastecerem os acampamentos para dois meses, distribuindo-se aos soldados ração assaz estreita e fraca, ainda assim mal sobrou com que alimentar as guarnições, as quais tiveram de viver parcamente e com fraude do apetite. Daí queixas e murmurações dos soldados jejunos, as quais dificilmente se aquietaram com as palavras brandas e as promessas liberais dos comandantes. Porquanto os soldados holandeses, habituados a comer



Prudência do Conde à saciedade, não toleram os jejuns que facilmente suportam os soldados vindos de lugares confragosos e de terras pobres. O Conde, por edito, permitiu a cada um levar para os quartéis as provisões que quisesse, simulando-se deste modo fartura de tudo, para que nem o inimigo, informado de nossa penúria de mantimentos nos acontecesse mais audaz, nem a soldadesca se amotinasse nos arraiais.

Tomadas estas providências entre os seus, procurou Maurício conhecer as posições do inimigo, suas forças e aprestos, à maneira do capitão cartaginês,⁵³ que sabia tão bem as cousas dos seus adversários como as próprias. Por espias teve-se notícia de ocupar ele o território e a praça de Porto Calvo, donde mandava bandos predatórios a infestar, com rapinas e devastações, as terras vizinhas pertencentes aos nossos, a tal ponto que nem mesmo era seguro o trajeto entre Olinda e Recife. Os índios, abandonando suas aldeias, por medo dos inimigos, buscavam proteção sob as nossas fortalezas. As forças militares no campo do Serinhaém mal bastavam para repelir as irrupções dos nossos contrários, evitando que eles penetrassem mais no interior. Nem a estes faltavam nas brenhas os seus refúgios, através de caminhos ocultos e cegos, sendo-lhes os portugueses fáceis e favoráveis quando nos insidiavam, e a nós difíceis, se queríamos fazer-lhes o mesmo. E como não puderam ser expulsos das fronteiras, o que era nosso ficou-lhes exposto aos incêndios, esbulhos e matanças.

O Conde prepara-se para a guerra Diante disso, ordenando Nassau uma prece pública, para que não parecesse ter encetado alguma empresa sem o auxílio divino, julgou acertado atacar sem demora ao inimigo e iniciar a sua governança com as armas e a guerra, firmando o seu poder e mostrando ao adversário a sua confiança, cousas que, mormente entre os estrangeiros, são os primeiros instrumentos para consolidar um principado. Considerava que o oprimir ele o espanhol, sem delongas e com dignidade, era do maior interesse para a sua glória e a da Companhia. Protelando as hostilidades, conseguiria o espanhol força e disciplina, e ele incorreria na suspeita de insensatez ou de pachorra.

Todas as forças foram por terra para Serinhaém, menos a guarda do Conde e as companhias comandadas respectivamente por Carlos de Nassau e pelo capitão Hauss. Compostas de soldados bisonhos, tidos por incapazes das marchas mais lentas dos acampamentos por causa do caminho bastante longo, foram por mar juntar-se ao Conde. Partindo ele com o exército **Rio e aldeia Una ou Huna. Barra Grande. Marcha contra o inimigo** para o Una e transpondo o rio, que o inimigo, com uma força exígua, teria facilmente defendido, marchou para a Barra Grande, a fim de esperar a esquadra, a qual transportava, em trinta e três navios de carga e ligeiros, as provisões e todo o aparato bélico. Reuniram-se trezentos infantess holandeses, oitocentos soldados de mar e seiscentos brasileiros, aos quais se juntou uma companhia eqüestre. Com essa tropa marchou-se contra os espanhóis, que eram superiores em número. A estes comandava o Conde Bagnuolo, militar ex-

perimentado, que se distinguira nas campanhas neerlandesas sob o Marquês de Spinola. Além dos índios, negros e portugueses, dispunha ele de 4.000 soldados. De antemão fortificara as margens do rio com trincheiras para as quais se retirou, informado da chegada de Nassau, seja por desconfiar dos armamentos, pois em soldados se avantajava a nós, seja com o fim de atrair os nossos para debaixo do baluarte do referido porto.⁵⁴ Junto de um ribeiro distante do forte uma légua, assentou, num monte, os arraiais, com um poder de 2.000 combatentes. Cercou o campo com dupla linha de trincheiras, fechando os desfiladeiros com toros e troncos de árvores cortados por toda a parte. O plano era conter aí o ímpeto dos holandeses para que ele Bagnuolo, mais próximo da fortaleza, pudesse defendê-la com forças armadas e ser por ela defendido.

Ao entardecer, Maurício, explorando o local e a posição Escaramuças dos inimigos, armou o acampamento no monte oposto. Sem vantagem alguma, desafiaram eles aos holandeses para as batalhas, com ligeiras escaramuças, ocupando-se, entretanto, a noite inteira, em munir com tranqueiras o seu posto. Antemanhã, quando mal clareava, disparamos contra os espanhóis algumas vezes as peças de campanha, aterrando-os e diminuindo-lhes a ousadia.

O exército seguiu esta ordem: duas companhias de ho- Ordem do Exército landeses e três de brasileiros foram mandadas marchar, pela direita, através dos lugares escusos das matas e transpor os entrincheiramentos, façanha árdua; outras tantas foram destacadas, pela esquerda, para investirem simultaneamente os inimigos. Nassau, mostrando a sua bizarria e disposição para a luta, com a sua guarda junto de si, ia-lhe à frente, pois entendia muito importar quem dirigiria o início daquela batalha, que iria dar os presságios da vitória. Comandavam a retaguarda Schkoppe e Artichofski, os quais, afamados e em voga por suas façanhas, gozavam das simpatias da soldadesca. Assim, atacando eles o inimigo, em três lugares e com três batalhões, permitiram-lhe travar o combate. Mandou Bagnuolo mil mosqueteiros atirar contra os holandeses, morrendo seis e ficando feridos trinta e seis. Nós, arrancando as paliçadas e rompendo ferozmente Expulsa das fortificações o inimigo as cercas que nos obstavam, acometemos os contrários de um e de outro lado, forçamos corajosamente os flancos e, após uma peleja renhida, obrigamo-los a debandar. Os que tinham alcançado terrenos mais planos, assaltavam facilmente; para os que tinham de atacar as trincheiras e superar os abatisses era maior o trabalho e o perigo, porque, em posição elevada, ficavam expostos a tiros mais certos.

A esperança e a coragem das partes adversas inflamaram-se com a emulação, incitando-as, de lado a lado, o desejo de fugir à ignomínia. Neste encontro tombaram quatrocentos inimigos, que se viam dispersos, errantes, sem armas. Os restantes acolheram-se à proteção da fortaleza. Morreram e caíram prisioneiros alguns que eram eminentes na milícia, e com tanto encarniçamento per-

seguiram o inimigo os holandeses e índios, que com dificuldade podiam ser chamados ao acampamento por ordem do general.

O Conde, prometendo-se com esta primeira vitória o bom êxito da seguinte, conduziu o exército vencedor pela raiz das colinas, justamente para debaixo da fortaleza. Bagnuolo, munidas as suas estâncias no monte, fez fogo contra os nossos o dia inteiro, como também o fizeram os que ocupavam o forte, mas com muito estrépito e pouco dano. Nesse mesmo dia, Schkoppe com os seus soldados e Lichthart com os seus marinheiros foram destacados pelo Conde para tomarem a ilha, facilitando-se destarte o transporte das provisões. Durante a noite, o general espanhol ajuntou a bagagem e escapuliu-se, abandonando três canhões de bronze. Temeu ficar na fortaleza para não se envolver com a rendição dela, e não se atreveu a impedir o cerco aos nossos para não desfalcar seu exército. No dia seguinte, Nassau, examinando novamente as fortificações dos inimigos, verificou terem-se retirado, sem se demorarem muito nas mesmas. Quando Maurício delas se aproximava, saltaram com fogos ocultos que Bagnuolo, saindo alta noite, lhes deitara por cilada. Nenhum dano, porém, sofreram os holandeses, cuja chegada mais tardia os livrou daquele desastre. Bagnuolo dirige-se para o Camaragibe para daí ganhar Alagoas. Nossos soldados acoosam o inimigo, em vários encontros dão cabo dos que vagueavam e, com a precipitação dos fugitivos, apanham presa e opimos despojos. Cobra então ânimo o general holandês para atacar a fortaleza da Povoação, capital da província, sem ignorar que, conforme corressem os inícios da guerra, assim teria de ser a esperança e a fama das mais empresas.

A fortaleza está situada na província de Pernambuco, às margens de um rio muito acessível e de boa profundidade para navios de carga. Dista 25 léguas de Recife. Há sete engenhos nas circunjacências e dali parte uma estrada para as Alagoas e terras dos rios Camaragibe e Sto. Antônio Grande. Dois anos antes fora expugnada por Lichthart, que pôs em fuga o Conde Bagnuolo e fez afogar-se no rio diversos espanhóis. Entretanto, não muito depois, Bagnuolo, planejando reconquistá-la e aproveitando-se do ensejo para executar seu desígnio, recuperou-a sem dificuldade, graças à traição do português Sebastião do Souto, homem perfidíssimo, de cujo ótimo auxílio nos servíramos antes. Ilaqueando com mentiras a boa fé do sargento Picard, nos causou mais desvantagens e danos do que as vantagens e salvação do que nos deu. Com falsas indicações, aconselhou Picard a evacuar a fortaleza e entregá-la à invasão do inimigo, removendo-lhe a guarnição. Com esta proeza, celebrizou, pela enormidade do crime, a perfídia dos seus.

Além disso, foi condenado à morte Domingos Calabar, português que, abandonando o partido do rei pelo nosso, foi preso no forte e supliciado, pagando na forca a sua deserção e deixando os membros esquartejados por espetáculo e testemunho da sua infidelidade e miséria.

Julgando Nassau que interessava à Companhia sujeitar-lhe ^{Ordena os acantonamentos} ao poder a dita fortaleza, estabeleceu logo quatro acantonamentos. Ele chefiou o primeiro, o governador Sigismundo van Schkoppe o segundo, o coronel Artichofski o terceiro, e o almirante Lichthart o quarto. Livre do medo externo, levanta baterias em cada um dos postos, assenta a artilharia, e, jogando-a feroz e reiteradamente contra a fortaleza, recebeu do adversário mútuos disparos e danos, ficando destruídas de parte a parte as trincheiras que a pressa levantara. Entretanto, com o trabalho dos sapadores, estende sem esmorecer os aproches e as minas, arrastando-se com os operários até perto dos soldados contrários. De sol a sol, era-lhes companheiro nos perigos. Morreram, além de alguns soldados rasos e oficiais, Carlos de Nassau, militar jovem e ardoroso, mais esforçado e brioso do que afortunado, e o capitão João Tallebon, arrebatados à prática de grandes atos de valor pela súbita explosão de uma bombarda. No décimo terceiro dia do assédio, já estando as obras de acesso próximas dos fossos, e faltando aos sitiados coragem e forças para ainda se defenderem, rendeu-se a fortaleza com honrosas condições, primeira recompensa que o Conde alcançou da expedição americana, fundamento e caminho de um poderio mais amplo. Conce- ^{Expugna o forte} deu-se aos soldados da guarnição, armados segundo as praxes da milícia, a faculdade de partirem e retirarem-se de batida para a ilha do Recife e dali para a Espaniola e para os lugares das Índias Ocidentais que escolhessem ou para a Ilha Terceira. Foi-lhes permitido segundo as honras da guerra, levar um só canhão e alguma munição. Pediram a Nassau navios para a partida, com as garantias que tinham pactuado. Rumaram todos para a Ilha Terceira, que é a principal dos Açores ou Ilhas Flamengas.

Saindo da praça o vice-governador espanhol, Miguel Giberton, ilustre nas lutas contra a Holanda, oito capitães, sete alferes, quinhentos soldados, entre italianos, portugueses e espanhóis, além dos enfermos e feridos, fizeram a nossa vitória gloriosa e útil, porquanto aos despojos de guerra se ajuntaram 22 peças de bronze, 5 de ferro, 4 morteiros (espécie de canhão curto e de boca larga), grande quantidade de granadas e de balas de ferro, morrões e outros petrechos bélicos e todo o arsenal do rei ali existente.

Vagueando o nosso exército nos arredores de Muribeca e S. Lourenço, resistiu às surtidas dos inimigos em nosso território. Os saqueadores foram expulsos pelos nossos, sob o comando de Jacó Stackouwer, o qual travou combate com um troço deles, derrotou-os e pô-los em fuga, tendo então pelejado bravamente o tenente Helmich. Conseguiu-se, assim, maior tranqüilidade e quietação para os campos circunjacentes. Certamente, para exemplo, cumpriria transmitir-se aos pósteros a memória de todos os capitães que se bateram, se o saber-lhes os nomes me fora tão fácil quanto o admirar-lhes o valor.

Maurício encaçou a Bagnuolo, que fugia, pois julgava devia usar da vitória e, em pouco tempo, o expulsou de toda a província de Pernambuco, já menos ânimoso e forte.

Para elucidar a presente história dos feitos praticados e a dos que de futuro se praticarem nesta província será de vantagem indicar-lhes sucintamente a posição e os lugares, sobretudo por ser ali a residência tão luzida do Conde, sede do Conselho Político e do Supremo e a principal e mais freqüentada estação naval.

Pernambuco é uma das maiores colônias do Brasil, pois tem de costa, Descrição da Capitania de Pernambuco entre a foz do S. Francisco e a capitania de Itamaracá, 60 léguas. É propriedade do português Duarte de Albuquerque, em cujo nome a governava seu irmão Matias de Albuquerque, o qual viera para Olinda pouco antes de a tomarem os nossos. São onze as vilas e povoações habitadas Onze vilas e povoações. Olinda por lusitanos. A primeira é a capital Olinda, à beira-mar, notável por belos edifícios e templos. O sítio, por amor das colinas que ela abrange no seu perímetro, é assaz acidentado, de sorte que dificilmente o poderia munir a indústria humana. Na parte mais alta, erguia-se o convento dos jesuítas, de construção elegante e rico de rendas, levantado por el-rei D. Sebastião. Era o primeiro que aparecia, com seu aspecto agradável, a quem vinha do mar alto. Ao lado dele, via-se outro – o dos capuchos, e perto da costa o dos dominicos.⁵⁵ Na região superior da cidade, estava o mosteiro de S. Bento, protegido pela natureza e pela sua construção. Havia também uma igreja de freiras e mais outras. Tinha duas matrizes: a de S. Salvador e a de S. Pedro. Calculavam-se em 200 os moradores, fora eclesiásticos e escravos. Distribuía-se em quatro companhias de número desigual, como se costuma. Eram mais ou menos duzentos os mais ricos.

De Olinda estende-se para o sul, entre o rio Beberibe e o Oceano, um istmo, de cerca de uma légua, assaz estreito e arenoso, semelhante a uma costela ou linguazinha. Como noutros lugares, colocou-o a Providência Divina fronteiro a esta costa contra os assaltos do mar. Na sua extremidade existiu uma povoação chamada “Recife” ou “Abrigo”,⁵⁶ talvez porque dentro deste e de uma outra língua de terra a ele semelhante, chamado Recife de Pedra, podem e costumam as naus abrigar-se para receberem e despejarem os carregamentos. Tinha esse povoado uma população densa, e no sítio em que o mar corta ao meio o istmo arenoso é o surgidouro das naus maiores, por causa da notável profundidade. Defronte deste, onde morre o Recife de Pedra, que deixa passar as ondas aqui e acolá, existiu uma torre surgindo das vagas com o nome de Castelo do Mar, para diferenciar-se do que se via no Recife de terra ou areia, denominado Castelo da Terra e pelos portugueses Castelo de S. Jorge.

Abandonada Olinda, mudaram para a povoação do Recife os mais dos cidadãos e comerciantes, dotando-a de ótimos edifícios, até que Mauriciópole en-

trou a empanar-lhe o fulgor. Recife, cingido pelas nossas estacadas do lado que olha para o Beberibe, tornou-se bastante forte, pois o rio é vadeável na vazante.

Tal era o aspecto de Olinda antes de expugnada pelos holandeses, os quais tornaram inexpugnáveis estes recifes ou angras, assim como a ilha de Antônio Vaz. Já esta brilha com o palácio do Conde – Friburgo –, Ilha de Antônio Vaz magnificamente construído, a sua própria custa, para uso dele e honra do governo –, e bem assim com a cidade Mauriciópole e as pontes admiravelmente lançadas sobre os dois rios.

A segunda vila, antes povoação do que vila, é *Iguaraçu* mais Iguaraçu distante do litoral, em frente a Itamaracá e a 5 léguas de Olinda. Habitaram-na outrora portugueses de condição mais humilde, que viviam das artes mecânicas. Caindo, porém, Olinda em nosso poder, até os seus mais opulentos moradores passaram para Iguaraçu. Tomaram-na os nossos a 1º de maio de 1632, incendiando-a e saqueando-a.

A terceira vila é o já mencionado Recife. Recife

A quarta é Muribeca, mais no sertão e mais para o sul, a 5 Muribeca léguas do Recife.

A quinta é Sto. Antônio, a 7 ou 8 léguas do Recife, no sul, Stº Antônio perto do Cabo de Sto. Agostinho.

A sexta é S. Miguel de Ipojuca, muito populosa, a 10 léguas Ipojuca do Recife. Tem 13 engenhos, que produzem anualmente grande quantidade de açúcar. Está situada às margens do rio do mesmo nome, o qual entra no mar junto ao lado meridional do Cabo de Sto. Agostinho.

A sétima é a povoação de Serinhaém, muito ampla e amena. Serinhaém Possui 12 engenhos, produzindo cada um seis ou sete mil arrobas de açúcar (1 arroba pesa 27 ou 28 libras nossas). Dista 13 léguas do Recife.

A oitava é S. Gonçalo do Una, a 20 léguas do Recife, com 5 en- Una genhos.

A nona é Porto Calvo, a 25 léguas do Recife, tendo 7 a 8 en- Porto Calvo genhos. Aí fica a fortaleza da Povoação,⁵⁷ célebre pela vitória de Maurício.

A décima é a povoação de Alagoas do Norte, a 40 léguas Alagoas do Norte e do Recife. A undécima é Alagoas do Sul, distante quase outras tan- Alagoas do Sul tas.

Além destas localidades, há outras menores chamadas *aldeias*, Aldeias onde vivem os índios.

Lugarejos com edificações em que se fabrica açúcar contaram-se 70. Alguns deles igualam aldeias na importância e no número de trabalhadores que moram nas proximidades. Dizem que rendem anualmente tanto açúcar quanto basta para carregar 80 ou 90 naus. Colhi em autores graves que num só dia zarparam do porto de Olinda 40 naus carregadas de açúcar, restando ainda nos tra-

piches quantidade bastante para carregar outras tantas. Não é possível o fabrico do açúcar sem o auxílio dos negros, que de Angola e outros portos da África se transportam em grande número para o Brasil. Dos livros da alfândega consta que nos anos de 1620, 1621, 1622 e 1623, num quadriênio, só do porto de Angola foram levados para a capitania de Pernambuco, com gordo lucro para o rei da Espanha, 15.430 peças.

Pernambuco alegra-se com a sucessão de montes e vales. É feracíssimo de cana-doce e de pau-brasil. Há também pastagens que nutrem copioso gado, de sorte que merece ser chamado a “teta do Brasil”, designação que outrora os italianos deram à Campânia.

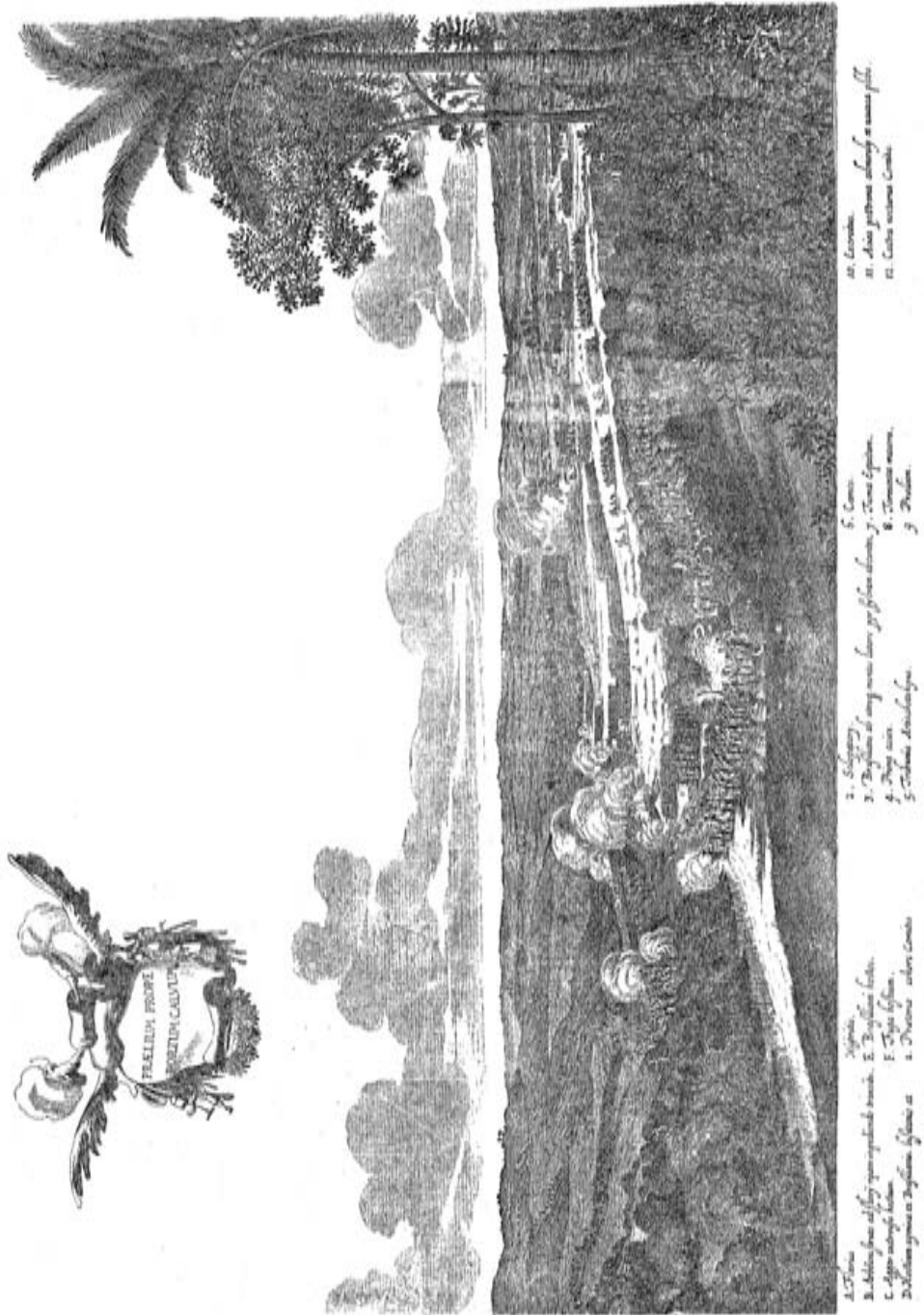
O que acabei de expor são informações topográficas e, por assaz conhecidas, não precisam de ser escritas. Cinjo-me, pois, à narração histórica.

Providenciadas as cousas necessárias à fortificação e resistência dos baluartes, foi Schkoppe enviado para as Alagoas, com forças e cavalaria, em busca dos remanescentes do exército adverso. O Conde Maurício, para aliviar os soldados fatigados da marcha, embarcando-os na Barra Grande (é uma enseada espaçosa, comportando mais de vinte naus, vizinha de Foge BAGNUOLO Porto Calvo), saltou em terra junto à ponta de Jaraguá,⁵⁸ não longe das Alagoas, e perseguiu o inimigo até o rio de São Francisco.

Durante isto, alguns indígenas, acessíveis às armas e surtidas dos nossos, pediram-nos com instância fossem aceitos sob a nossa proteção, o que alcançaram, pois Nassau não julgou generoso combater com particulares infelizes, mas sim com inimigos violentos. Obtida a garantia que tinham pedido, voltaram para as suas terras, sabendo ter nos holandeses defensores dos seus bens e não inimigos.

Perto de Cururipe,⁵⁹ tiveram-se indicações de que o Conde Bagnuolo passava, em jangadas, para a outra margem do S. Francisco, os soldados que ele tinha em Penedo. Ordenou-se por isso a Schkoppe que se dirigisse para ali com tropas de arcabuzeiros, índios e uma companhia de cavalos, para perturbar os planos dos espanhóis. Chegando, porém, ali um pouco tarde, quando atravessava a última jangada, só se ofereceram à cobiça da soldadesca dinheiro e alguns vasos de prata. Em verdade, vencida rapidamente a fortaleza, mais depressa do que esperavam Bagnuolo e os habitantes, os quais a julgavam capaz de resistir ao cerco quatro meses, não puderam eles tempestivamente olhar para os seus haveres.

Em chegando Maurício a Penedo, vilazinha às margens do São Francisco, a seis léguas do mar, julgou o lugar idôneo para fazer progressos no território inimigo. Mandou construir ali o forte que lhe tem o nome e outro junto à barra do rio. O inimigo e os moradores da vila recolheram-se ao Sergipe d’el-Rei, distante 24 léguas do rio de São Francisco. O estuário



dele tem quase a largura do Mosa próximo ao porto de Delft na Holanda. As águas correm muito agitadas. Mandou-se então aos habitantes da margem austral que, com todo o seu gado, passassem para a margem setentrional, a fim de não ir ali o inimigo abastecer-se, como antes já acontecera.

O forte de Maurício por ele construído às margens do S. Francisco

E quase só nestas expedições se gastaram no Brasil os meses do inverno e o princípio da primavera. O bom êxito delas firmou o ânimo da soldadesca e granjeou para o Conde o respeito dos inimigos.

Estas ações, relatadas minuciosamente aos Estados-Gerais e aos directores da Companhia, auguraram venturosamente o comando do Conde, tornando-o afamado; na Pátria e nos países estrangeiros era ele enaltecido pelos elogios de muitos. Escrevendo ele próprio, de Penedo, a S.A. o Príncipe de Orange, *stat-houder* das Províncias-Unidas, a respeito do que já antes fizera, exprimiu-se nestes termos:

“Depois de vos haver escrito sobre tudo quanto em beneficio da Companhia fizemos até hoje, nas nações estrangeiras por meio do coronel Artichofski, com sucessos militares assaz prósperos, dirigi-me, em marcha acelerada, contra o inimigo, julgando oportuno utilizar-nos do nosso êxito e do favor divino. Impaciente da nossa chegada, partiu ele das Alagoas, atravessando certamente como fugitivo, os rios que correm de permeio, e penetrou até o Penedo, vilazinha às margens do São Francisco. Aí também, receoso dos perseguidores, não soube demorar-se para não expor ao perigo os remanescentes do seu exército, e transposto o rio, abandonou todos os petrechos bélicos que se achavam na margem setentrional. Se não nos houvera retardado, derrubando para trás as pontes que cumpria reconstruir, haveria esperança de colhermos às mãos o próprio general Bagnuolo com muita gente de armas. Os mosqueteiros e cavaleiros por mim enviados na frente viram-no fazendo atravessar o último dos seus. Ainda assim os que mandei ganharam nas bagagens presa não despicienda. Logo ele se evadiu, demandou com as suas tropas a capitania e cidade da Baía de Todos os Santos.

“Contentes de havermos expulsado o inimigo de toda a capitania de Pernambuco, aí firmamos a nossa vitória e demos por satisfeitos os votos da primeira companhia. Julgo esta capitania própria para prosseguirmos na luta contra as terras inimigas, mormente no sítio onde o rio de S. Francisco, de notável largura noutros pontos, estreita o seu álveo. Por esta razão levantei-lhe na margem, a 6 léguas da costa, um forte bastante sólido, cuja planta mostra o incluso mapa, resolvendo colocar outro menor na própria foz. Em outra parte não se encontra um rio tão célebre e tão vantajoso, pois em certos trechos é tal a sua largura que não o atravessava uma bala de canhão de seis libras; e é tal a sua velocidade e ímpeto, que as suas águas, impelidas longe da foz até alto-mar, se conservam doces. Sua profundidade é tal que atinge 8, 12 e 15 côvados. É de acesso difícil por causa das areias que lhe cercam a barra. Nossos navios ligeiros sobem com facilidade até o Penedo e mais além. No regime difere este rio dos demais. Durante o inverno, quando as chuvas contínuas transbordam os outros, ele não sai do seu álveo; durante o estio, baixando as águas dos outros inunda as adjacências. Perguntando a causa disto a portugueses, soube que no sertão a 6 ou 7 léguas do mar, acumula-se grande massa de ne-

ves e de gelo, a qual, fundindo-se com o calor do estio, intumesce os cursos de água. Há por estas regiões um gentio feroz, bárbaro, de costumes inteiramente rudes, da raça dos antropófagos. Chamam-lhe tapuias, dos quais há perto de 700 a duas léguas dos meus arraiais; acampam aqui alguns, enviados pelos seus para nos pedirem paz e aliança contra os portugueses. São de corpo robusto, de boa compleição e de porte elevado. Falavam uma língua que não podiam entender os portugueses, nem os brasileiros, nem os outros tapuias que estavam entre nós. Todavia, com visagens e ademanos exprimimos mutuamente os nossos pensamentos, principalmente este: que impedissem os portugueses moradores da outra banda do rio de o atravessarem e trucidassem aqueles que o tentassem. Compreenderam estas horríveis palavras e consentiram no pedido. Despedimo-los depois, presenteados com bufarinhas e alegres com a conferência e amabilidade da nova gente. Estou que, doravante, os saqueadores dos inimigos já não ousarão transpor o rio e talar-nos o território.

“Sou de opinião que se devastem as lavouras e terras da outra margem do rio. Mandou-se aos habitantes que, de vontade ou à força, transportassem para a banda de cá famílias, haveres e gados, a fim de não ministrarem bastimentos ao inimigo. Seguindo cerca de 53 léguas, encontrei todo um país que, penso eu, dificilmente seria superado em amenidade e moderação do céu. Quando jornadeava, nem me incomodou o calor diurno, nem o frio noturno, conquanto às vezes se me arrepiasse o corpo. Rasgam-se planícies numa extensão de dez milhas a fio, regadas por cursos de água temporários⁶⁰ e por arroios que fluem tranqüilos. Aqui e ali vagueiam animais, que pastam em manadas de 1500, 5000 e 7000 cabeças. Pasmei e não acreditaria nestas maravilhas, se não as contemplasse com estes olhos. Só de habitantes carece a terra, e pede colonos para povoar e cultivar desertos.

“Escrevi ao Conselho dos Dezenove, pedindo-lhe mandasse para aqui os refugiados alemães, que, desterrados e com os bens confiscados, se acolheram na Holanda, a fim de virem para uma terra fértil e um país venturoso. Mereça isto mesmo a zelo e o coração de V. A., porquanto, sem colonos nem podem as terras ser úteis à Companhia, nem aptas para impedir as irrupções dos inimigos. Se por este modo não se puder realizar a sugestão, desejaria eu que se abrissem as prisões de Amsterdã e se mandassem para cá os galés, para que, revolvendo a terra com a enxada, corrijam a sua improbidade, lavem com o suor honesto a anterior infâmia e não se tornem molestos à República, mas úteis.”

O fortalecimento da república, assim tão felizmente conseguido, já parecia prometer mais brilhantes realizações: soldados e navios à disposição, capitães hábeis e prontos para qualquer eventualidade, um general-chefe expedito. Os votos de todos dirigiam-se para a Bahia. Entretanto, queixavam-se todos de que eram estorvadas as esplêndidas vitórias e esperanças do Conde pela falta de munições de boca e de guerra, apesar de solicitadas instante, pertinaz e continuamente em todas as cartas e representações à Companhia. Não é de admirar o encarecimento com que o governo do Brasil reclamava tais cousas, pois ao soldado ultramarino não se deve lançar à conta de vício a preocupação dos mantimentos e das armas, por mais ansiosa e antecipada que seja, tendo-se em vista as incertezas do mar e dos ventos. É sempre melhor a providência dos Prometeus do que

a imprudência dos Epimeteus. Mas nem sempre foi possível aos administradores da Companhia atender às reclamações, por causa da pobreza pública, das opiniões divergentes, das remessas freqüentes feitas por particulares e por outras razões. Li que o Conde e os Conselheiros escreveram isto: – *“Dos primeiros resultados nasce o medo ou a confiança. Cumpre insistir agora na fama das empresas tão venturosamente iniciadas, pois a fortuna favorece a execução dos nossos empreendimentos. Quem aspira a um império colonial precisa de ser apressado, se não dá-se ao inimigo ensejo e tempo de coligir forças e perdem-se as oportunidades de o conquistar. A Companhia nos pôs a espada na mão, mas por falta do necessário, impediu-nos usar dela. Seremos mais temerosos ao inimigo, se o atacarmos desprevenido e desapercibido, do que se pelejarmos esperados. Mandai-nos reforços, armamentos e vitualbas. A soldadesca diminui já por baixa, já por morte. E sem armas são fracas as guerras e sem víveres sê-lo-ão os militares. Camponeses forneceram farinha, insuficiente, porém, para alimentar as tropas. Gado temos apenas para uso imediato e não para as demoras e contingências das expedições marítimas. Só o respeito ao Conde mantém a soldadesca dentro da ordem, em tudo mais se mostra queixosa e irrequieta. Esperamos legumes, marrões, tambores, cornetas para chamar os soldados e acender o entusiasmo guerreiro, e também insígnias e cinturões de linbo alaranjado para estimular e discernir os soldados. Se deixardes de enviar estas coisas, a empresa ruirá, e perigará neste mundo estrangeiro, entre amigos e desafetos, o bom nome da Companhia.”*

Estas reclamações certo revelam um povo desejoso de guerrear e governantes cheios de energia e coragem.

Por esse tempo, ocupado o Conde com a guerra, tomou o Conselho Providências de ordem interna várias e acertadas providências de ordem interna para utilidade do povo, as quais, comunicadas àquele nos acampamentos, foram por ele ratificadas.

Todos os cidadãos e colonos, senhores de si e não funcionários públicos, que, anos atrás, se haviam fixado em Olinda e Recife para comerciarem, foram conscritos em quatro companhias com seus respectivos capitães e bandeiras. Assim, por singular sabedoria, teria Maurício por amigos e concidadãos aqueles que no mesmo dia tivera por adversários e de fidelidade duvidosa. Julgava que estes mereciam mais confiança do que os não adstritos a nenhum juramento, aos quais é fácil, achando instigadores, cobrar ânimo e sacudir a dominação nova. Arrendaram-se os impostos por muito dinheiro. A desordenada liberdade dos casamentos, adstrita agora às leis matrimoniais vigentes na Holanda, permitiu coibir os desregramentos. Não se respeitavam os graus proibidos de consangüinidade, procurando-se para a celebração do casamento os sacerdotes católicos romanos.

Por consciência, deu-se aos judeus licença de descansarem do serviço da guarda aos sábados. Ordenou-se também que não se tivesse o domingo por um dia comum e profano, tendo sido ele santificado pela ressurreição de Cristo.

Suprimiram-se muitos outros abusos, porque já se ia resvalando para pernicioso desatino.

Aplicaram-se também zelosamente os dirigentes da república a converter os índios à fé cristã. Para tal fim se abriram aulas em que se formasse o caráter dos meninos, inculcando-lhes um ensino mais santo. Compuseram-se cartilhas e compêndios de doutrina cristã e nomearam-se os que os explicassem. Reprimiu-se o jogo, que destruía a fazenda dos cidadãos.

Considerando-se Olinda abandonada pelos seus primeiros moradores, deu-se permissão a qualquer um de ali construir novas casas ou restaurar as arruinadas, proibindo severamente o transporte, dali para outro sítio, de entulhos, madeiras, pedras, ferragens. Baixou o Conselho um decreto mandando vender em hasta pública os escravos que fossem nossos, quer por direito de guerra, quer por compra. Aos antigos romanos era familiar vender os prisioneiros de guerra e obrigá-los a trabalhos servis, e antes deles o foi também aos tessalos, ilírios, tribalos e búlgaros. Nas guerras dos cristãos entre si, reputa-se isso uma dureza, e os maometanos, apesar de não seguirem tal costume entre os povos da sua religião, usam essas vendas entre estes e os cristãos, desiguais em região.

Seria de escritor em extremo diligente e esquadrinhador de minúcias dar o número e os nomes das naus que, por essa época, partiram da Holanda e a ela tornaram, transportando mercadorias, mantimentos, armas, etc. Referirei apenas isto: nesta ocasião, aportou ao Recife uma nau francesa, à qual o Eminentíssimo Cardeal Armando Richelieu, em nome do Rei Cristianíssimo, concedera licença para comerciar e para hostilizar os adversários. Entretanto, assim como foram cortesmente acolhidos os capitães dela, por acatamento e amizade ao rei nosso aliado, assim também, por um mau proceder, atraíram a si os franceses que ali militavam sob nossas bandeiras, mandando-os sair do Brasil. Este é aquele Richelieu, há pouco árbitro do reino de França e dos seus destinos, sob o rei Luís. Abrangendo em sua mente capacíssima os complicados interesses da Europa, não somente firmou a fortuna da França, mas também abalou a dos monarcas e príncipes vizinhos.

Não se deve passar em silêncio a diligência e o zelo de alguns conselheiros, que julgavam importantíssimo para a conservação do nosso domínio no Brasil tomarem a direção da guerra aqueles mesmos que presidiam ao governo. Isto seria preferível a que, confiando as campanhas ao comando de outros, esperassem de votos inoperantes, dentro das fronteiras, a sua fortuna e a pública, recebendo como alheios os sucessos prósperos e sofrendo se lhes imputassem como próprios os adversos. Mereceram louvores por esse empenho Gisselingh, Mateus van Ceulen, Adriano van der Dussen, Carpentier e outros. Jornadeando, restaurando fortalezas, providenciando vitualhas e armamentos e enviando tropas e esquadras contra os adversários, tornaram-se nomes dignos de tão relevantes funções.

Nessa ocasião, esperanças de minas metalíferas vieram alentar os mer-
^{Minas} cadores e, como sói acontecer nas quadras de aperto, os lucros que em toda a parte se esperavam aflagavam, em suavíssimos sonhos de ouro, a cobiça da Companhia. Foram mandados ao sertão do Cunháú⁶¹ Alberto Schmient e Paulo Semler, que, auxiliados por índios e portugueses, procuraram ali minas e encontraram uma de prata. Pareceu ela opulenta, mas posteriormente enganou a expectativa. Havia também outras, as célebres de Albuquerque. Corria a fama de ter ele mesmo extraído delas grande quantidade de metais, mas não haviam sido ainda descobertas pelos nossos. Andavam igualmente na boca dos portugueses as minas da Copaoba e as do Cabo de Sto. Agostinho. As da Terra Nova, pobres de metais, só forneciam uma pedra que unicamente pelo brilho prometia falsamente muita valia.

Não duvido de que os portugueses iludiram a cupidez dos nossos e captaram a benevolência pública com os gabos vãos de riquezas ocultas. Em verdade, aqueles que tantos anos senhorearam o Brasil não deixariam de penetrar nestes arcanos, nem guardariam intactas, para a tardia necessidade dos holandeses, minas de ouro ou de prata.

Chegados os meses de chuvas e expulso de quatro capitâneas o inimigo, ^{Volta MAURÍCIO para Recife} muniu Nassau as entradas dos rios e guarneceu as fortalezas para resistir às depredações dos índios e dos espanhóis. Regressando das campanhas para o Recife, a primeira e principal colônia do Brasil holandês, ^{Organiza a República} aplicou-se a organizar a república e a sujeitar os cidadãos às leis. Coibiu com penas os vícios que soem grassar nos primórdios das dominações novas. De feito, os holandeses primeiro abriram o caminho para o poder e depois para o desregramento, porquanto, faltando então um governador e achando-se longe os regedores supremos de tão relevantes interesses, facilmente se abandonou a virtude, e, enfraquecida a disciplina, os naturais e os nossos patrícios deixaram as armas pelos prazeres, os negócios pelos ócios, maculando, de maneira vergonhosíssima, a boa fama de sua nação com a impiedade, os furtos, o peculato, os homicídios e a libidinagem. De sorte que era necessário um Hércules para limpar esta cavalaria de Augias.

Todos os flagícios eram divertimento e brinquedo, divulgando-se entre os piores o epifonema: “— *Além da linha equinocial não se peca*” —, como se a moralidade não pertencesse a todos os lugares e povos, mas somente aos setentrionais, e como se a linha que divide o mundo separasse também a virtude do vício. Mas tudo isto foi suprimido e emendado pela severidade e prudência do novo governador, que coibia muitos abusos, corrigia muitos erros e punia rigorosamente muitos delitos, de modo que se poderá crer ter ele feito maior número de bons do que encontrou. A justiça, a equidade, a moderação, quase enterradas no país, foram restituídas às cidades, vilas e aldeias. Restaurou-se a reverência à religião, o respeito ao Conselho, o horror dos julgamentos e o vigor das leis. Muitas destas

foram proveitosamente emendadas e outras promulgadas. Conseguiram os cidadãos a sua segurança e garantiu-se a propriedade individual. A cada um voltou ou foi imposta a vontade de cumprir com os seus deveres. Os dignos obtinham muito facilmente as honras, como os indignos e criminosos os castigos.

Maurício como que reuniu num só corpo nações diversas – holandeses, lusitanos e brasileiros –, e lançou para o império que surgia sólidos fundamentos de progresso.

No primeiro semestre após o seu regresso da guerra, puniu os piores delinquentes com severos suplícios, e, inculcando em todos o temor, foi de poucos a pena capital. A enormidade dos delitos obrigou o governador, aliás de gênio brandíssimo, a essas medidas excepcionais e rigorosas pois de tal enormidade vinha o perigo da salvação pública. Assim procedeu, porque o doente intemperante faz o médico cruel. Recambiaram-se para a Holanda os civis e ainda os eclesiásticos que desprestigiavam a Companhia, sendo substituídos por outros ou que já se achavam no Brasil ou que foram daqui despachados. A todos eles dispensou Maurício o seu patrocínio e constante apoio, conquanto se agitasse a escória dos desocupados. Criaram-se nas províncias, cidades, vilas e aldeias magistrados chamados escabinos, escultetos e inspetores para administrarem a justiça no cível e no crime, na conformidade das leis holandesas^{61-A}. Instituíram-se também orfanatos e hospitais públicos.

Fortalece-a com leis.
Pune os piores

Remove os indignos

Nomeia
magistrados

Orfanatos, hospitais

Repudiavam-se as normas do costume⁶² português, em virtude das quais se tornara freqüente por essa época resgatarem-se pecuniariamente os mais graves delitos.

Fixou-se também para cada soldado e para cada empregado da Companhia a sua ração. Esta providência, motivada pela extrema carestia dos mantimentos, muito aproveitou ao bem comum, mas suscitou para o Conde não leve ociosidade da parte dos seus, a tal ponto que as reclamações iam arrebentar em sedição aberta, se não reprimisse ele, com prudente autoridade, os motins que se alastravam.

Fixa para os militares e outros razões alimentares pela carestia do mantimento

Os engenhos de açúcar arruinados e desprovidos de trabalhadores, nossos por direito do fisco, foram vendidos em hasta pública, uns por 20.000 florins, outros por 30.000, 60.000, 70.000 e alguns por 100.000, rendendo à Companhia 2.000.000 de florins.

Vende por alto preço os engenhos dos portugueses fugitivos

Repararam-se e consolidaram-se as fortificações por toda a parte desleixadas e impotentes contra os assaltos do inimigo, demolindo-se as que pareciam menos necessárias.

Por salutar resolução do Conde, escreveu-se aos diretores das províncias, recomendando-se-lhes permitissem aos

Faz os índios voltar para suas antigas aldeias

índios o voltarem para as aldeias e antigas moradas, porquanto, vivendo os nossos estreitamente, não havia terrenos bastantes para aqueles prepararem a farinha da qual se alimentavam. Iriam, por isso, necessitar do nosso mantimento e ainda em cima, habituados à ociosidade, seriam molestos aos agricultores e iriam devastar as terras que lhes cumpria defender dos devastadores. Acrescia que os holandeses se utilizavam gratuitamente dos serviços deles, tornando-os, assim, hostis a nós. Deu, sem dúvida, o Conde notável e raro exemplo de justiça e de equidade para com os bárbaros, cumulando-os com todo o gênero de benefícios e decretando para os seus trabalhos digna paga e para os seus serviços e misteres justa remuneração. Antes compadecido que indignado da sorte dos pagãos, favoreceu por humanidade àqueles a quem não o pudera por amor da fé e da religião. Regulou-lhes de tal modo os jornais e soldos que nem despertasse a superfluidade, nem lhes permitisse outra pobreza senão uma pobreza honesta. Assim como é honroso derribar o adversário, assim também não é menos louvável saber compadecer-se do desgraçado e fazer aos vencidos os benefícios que os vencedores lhe haviam de negar. E não lograram abalar aquela mansidão e benignidade os conselhos menos humanos de outros, os quais julgavam que se deveriam tratar os bárbaros mais duramente. Mas o Conde tinha para si que, entre os estrangeiros, haveria para ele o mínimo de ódio, se mostrasse o máximo de humanidade, virtude cujo nome deriva da própria palavra homem. Manifestando-lhes a sua benevolência com liberalidade e elevação, também tornou mais evidentes e vivas as simpatias que eles lhe dedicavam.

Aos pedidos dos portugueses que reconheciam a nossa autoridade e respondiam a representações dos portugueses reclamava o bem e a justiça da República e acordemente com a dignidade das Províncias-Unidas.

1) Teriam o seu culto e religião intacta. 2) Isentos de jurar a observância de religião alheia, gozariam de liberdade de consciência, a qual é de direito divino e não humano. 3) O Conde e o Conselho velariam para que nenhum dano sofressem os seus templos, salvo em caso de agressão externa que impusesse a necessidade de muni-los e ocupá-los militarmente para a proteção dos cidadãos. 4) Não lhes seria permitido receber do bispo da Bahia visitador, pois não deveriam ser chamados, crescendo o domínio holandês, atiçadores de novos motins e instigadores das piores maquinações contra a República. Era este um pedido menos prudente daqueles que haviam jurado obediência e fidelidade ao Conde. 5) Não poderiam tampouco substituir os religiosos falecidos por outros novos, quando as cerimônias do culto pudessem ser celebradas pelos sobreviventes. 6) Não poderiam ser confirmados os privilégios concedidos a eles pelos reis da Espanha, a não ser que constasse claramente o que eram e quais eram. 7) Não poderiam viver, entre um povo inimigo dos espanhóis, segundo as leis e o direito de Portugal, mas sendo as leis imperiais alemãs, as do Império Romano e as vigentes na Holanda, Zelândia



e Frísia. 8) Cada um possuiria como seus os prédios de sua propriedade sitos em Olinda, sujeitando-se, porém, aos encargos prediais em igualdade de condições com os holandeses. 9) Em vista das necessidades da guerra e do exaurimento do tesouro, não poderia o clero, naquela conjuntura, ser mantido com os dízimos, e por isso aguardassem oportunidade para solicitarem e obterem aquela concessão. 10) A autoridade pública só restituiria aos seus senhores os escravos fugidos, se a fuga se houvesse dado depois de terem jurado fidelidade aos holandeses. Se, porém, assim não fosse, não poderiam ser restituídos sem suma perfídia e perversidade dos diretores, porquanto haviam prestado proveitoso auxílio à Companhia, não somente nas ocupações da guerra, mas também revelando as terras e esconderijos do inimigo. Era ilícito submetê-los, como vítimas expiatórias, à sevícia e requintados suplícios dos senhores. Demais, tendo sido propriedade de vários, já não poderiam ser entregues aos seus primitivos donos. 11) Aos naturais do país, aos casados e aos adstritos por juramento público conceder-se-ia licença para se armarem de espada contra os assaltos dos negros que dominavam os campos. 12) Assegurar-se-ia, a juízo do Conde e do Conselho, a propriedade das casas, lavouras e prédios a quantos quisessem, com autorização escrita do Conde, voltar para Olinda e para junto dos seus. 13) Sobre assaltos e correrias de soldados nos campos já se havia decidido. 14) Não se poderia conceder perdão de pena, se não constasse especificadamente a que réus e por quais delitos. 15) Portugueses e holandeses estariam em condição idêntica quanto ao pagamento dos direitos alfandegários, tributos e contribuições em geral. 16) O Conselho Supremo designaria semanalmente dois dias de audiência para se lhes julgarem os litígios. 17) Finalmente, nada seria tão agradável aos diretores da Companhia quanto o florescerem e crescerem, dali por diante e sob a dominação holandesa, a fortuna, a riqueza, o comércio dos portugueses que deram provas de sua fidelidade e obediência.

Esta resposta branda e moderada levou os vencidos a formarem opinião mais justa do nosso domínio, falando dele com mais acatamento e obedecendo-lhe de melhor grado.

Pouco depois respondeu-se, mais ou menos no mesmo sentido, a uma representação semelhante dos portugueses que, na Paraíba, tratavam dos interesses de seus compatriotas.

Decretaram-se muitas outras providências relativas às décimas do açúcar e da farinha em Pernambuco, Itamaracá e Paraíba e também sobre Decretos vários sobre décimas, pesca, pesos, etc. pescas marinhas, pesagem de mercadorias, passagens de rios e por água, e, arrematadas estas em hasta pública, renderam consideráveis somas anuais e semestrais. Além disso, coibiram-se fraudes dos mercadores e os prejuízos dados por eles, aferindo-se os pesos e medidas com o padrão e segundo a norma da praça de Amsterdã.

Considerando Nassau que deviam pospor-se à religião todas as cousas, ainda aquelas por meio das quais quis tornar conhecida a glória do seu governo,

nunca teve os olhos desviados da escrupulosa observância daquela, pois não ignorava que, pelo progresso e em defesa do seu governo, velava a bondade de Deus, por quem são observados com sério cuidado todos os movimentos da piedade. E não obstaram as seitas dissidentes que mantivesse ele seu respeito e zelo votados à religião. Seu primeiro cuidado, portanto, foi nomear em todas as províncias ministros do culto reformado, que recitassem as preces, quando se tivesse de pedir alguma coisa a Deus; que doutrinassem aos ignorantes da verdadeira religião; que, tendo-se de dar graças a Deus, as dessem em nome de todos; que, tendo-se de imprimir nos piedosos o favor divino, administrassem os sacramentos.⁶³ Além destes, designaram-se os que formassem a puerícia, ministrassem os rudimentos da fé ao paganismo obcecado e espancassem, com a centelha de melhor doutrina, as trevas de uma profunda ignorância. Para conseguir-se isto regularmente e com esperança de piedoso fruto Maurício e os predicantes públicos acharam que se deveriam tratar de maneira diversa os pagãos, os judeus e os papistas. Quanto aos pagãos, eram de parecer que se fazia mister suprimir-se o culto supersticioso de vários deuses, elevando-se-lhes o espírito à adoração de um só Deus. Quanto aos judeus, era preciso desarraigá-los a inveterada opinião de observarem a lei mosaica e de esperarem a restauração do reino de Jerusalém. Cumpria persuadi-los ao respeito e à fé em Jesus Cristo, filho de Maria, como o Messias prometido e havia muito nascido. Quanto aos papistas, convinha mostrar-lhes as épocas dos erros nascidos na Igreja, abolindo-se a convicção de reconhecerem a autoridade, e esta infalível, de um só chefe supremo na Terra.

Desta sorte, a piedade do Conde serviu, bem e constantemente, ao poder da Companhia, não só apoiando a religião oficial mas também tolerando prudentemente as alheias.

Por esta ocasião, era a ilha de Itamaracá grande- mente louvada e recomendada na Holanda entre os próceres do império batavo-brasileiro. Já se falava com insistência em transferir para ela a sede do governo. Significaram-lhes, porém, o Conde e os conselheiros a desvantagem e inutilidade daquela mudança. Tinham perlustrado o lugar e examinado todas as condições da ilha: tudo lhes aparecera despovoado e selvagem, com raros moradores e apenas algumas habitações. Em Recife encontravam-se casas de gêneros, arsenais, armazéns de mercadorias, e tudo isso se teria de construir em Itamaracá com grandes gastos. Recife era localidade mais amena, fértil e fortificada, dando fácil acesso aos maiores navios, num porto cômodo e num excelente surgidouro. O rio de Itamaracá só poderia ser navegado por navios menores, sendo estéril e inculto o solo circunjacente, e o porto cheio de bancos e já mal-afamado pelo naufrágio de várias naus. Os dois lugares – Itamaracá e Recife – reputavam-se iguais na salubridade dos ares e em outros benefícios da natureza. Na ilha eram abundantes as águas doces, mas também no Recife poderiam ser transportadas do rio Beberibe por

Maurício cuida com diligência do que se refere à religião

Deliberações relativas à transferência da sede do governo para ITAMARACÁ

Prefere-se Recife a Itamaracá

negros, com um caminho de meia hora. Além disso, no Recife havia poços, que, em tempos de cerco, forneceriam água potável, e bem assim existia lenha, ainda que mais cara. Por essas razões, continuaram na sua antiga sede o Governador e os Conselheiros do Brasil.

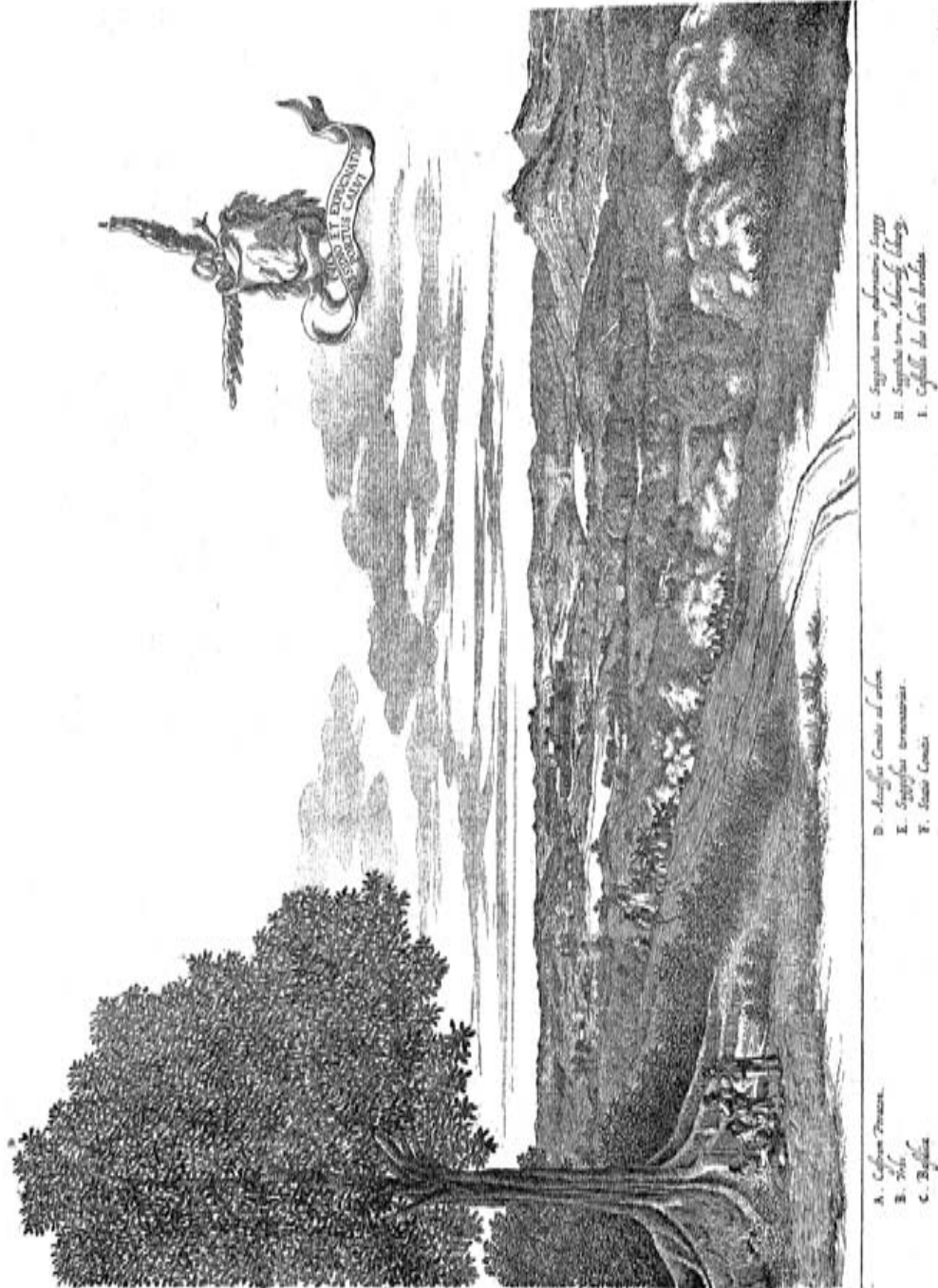
Entretanto – para memorarmos assuntos guerreiros –, o valorosíssimo e habilíssimo almirante Lichthart, pouco havia, percorrer, em Desembarque de Lichthart, na Capitania e Ilhéus naus grossas e ligeiras, devidamente guarnecidas, o litoral da Baía de Todos os Santos, na expectativa de presa. Depois de se ter acolhido à enseada de Camamu para reparar as suas naus, e de ter incendiado casas, fazendas e lavouras dos inimigos, para destruir o abastecimento dos baianos, aportou à capitania de *Ilhéus* junto à cidade do mesmo nome, havendo sofrido uma tempestade de três dias. Se bem houvessem sido os moradores informados da sua chegada, desembarcou com uma força de 150 soldados, marchando brava e intrepidamente contra o inimigo, que se aprestava para o combate. Debandando-se este ao primeiro encontro, deu o almirante um assalto contra as trincheiras que tinha pela frente, e delas se apoderou após aceso combate. Morreram dos seus o capitão Normann e outros. Avançando em seguida contra a cidade, achou-a vazia de mercadorias, alfaias e moradores. Absteve-se de arrasá-la, pois, pobre, de nenhum proveito seria ela, e voltou para Pernambuco, sem qualquer glória de tomadias, transportando para as naus só alguns canhões de ferro tirados daquelas trincheiras.

A cidadezinha estava assentada num monte, o qual se erguia, na parte mais elevada do continente, semelhante a uma península. Era ela decente, com casas não deselegantes, feitas de pedra, tendo quatro igrejas, a casa dos jesuítas e conventos. Não deixaram os cidadãos que fosse nossa nem deles uma nau de carga que levava de Portugal azeite e vinhos, pois lhe deitaram fogo mesmo no porto.

Por esse tempo, anunciou-se a Nassau haverem os holandeses tomado Expedição contra a fortaleza africana de S. JORGE DA MINA *S. Jorge da Mina*, fortíssima praça no litoral da África e ali o principal reduto e guarnição do rei da Espanha. Esta vitória trouxe muita glória e prestígio a Nassau e grande proveito e força à Companhia, por causa de proteção e segurança que ofereceria ali aos mercadores. Ordenou-se, por isso, uma pública ação de graças em todas as províncias, honrando-se a Deus, principal autor da vitória, e mandou-se aos comandantes locais testificar o seu regozijo com três salvas de artilharia e de mosquetaria.

Tendo sido esta expedição empreendida a conselho e sob a direção do Conde, obriga-me a deter-me nela um pouco para dar uma resenha desta guerra encarniçada e breve.

A praça referida, vulgarmente chamada o Forte de S. Jorge da Mina, S. Jorge da Mina. Sua descrição está situada na África, na costa da Guiné, a 5.4 de lat. Setentrional.



Pela natureza do lugar, considerou-se difícil de expugnar, pois está construída num rochedo, que a resguarda, com as muralhas nele talhadas e postas sobre grandes pedras. Defendem-na quatro baluartes, dois que olham o mar e dois o continente, aterrando, de um lado, ao marinheiro e, do outro, ao inimigo vindo por terra. Do poente, fica-lhe a cavaleiro um morro, que tira o nome de uma casa. s. Tiago pela de S. Tiago. Dali fica a fortaleza exposta à violência da artilharia. Ao sopé do morro, correndo-lhe ao longo, há uma povoação habitada por negros. Ao Oriente, rasga-se uma angra, vantajoso abrigo para os navios. Com esse forte protegem-se os portugueses contra os nossos, que, por sua vez, se defendem com outro forte, o de Nassau.⁶⁴

Os mercadores portugueses pagavam anualmente ao rei da Espanha 120.000 ducados, com a condição de terem naquelas regiões a exclusividade do Antes foi S. Jorge atacada inútilmente pelos nossos tráfico. Em 1625, procuraram os diretores da Companhia ganhar aquela praça, mas numa tentativa inútil, conquanto tivessem ali desembarcado soldadesca assaz numerosa. Vagueando esta, desprevenida e negligente, abatida com o calor, atacou-a um punhado de negros com tal celeridade, que os soldados mal acreditavam ver aqueles cuja chegada não tinham percebido. Matança dos holandeses Travaram antes uma carnificina do que uma peleja contra os nossos, sem nenhum destes resistir varonilmente. Comandantes e soldados, pondo-se em fuga como se lhes fosse incutido um pavor celeste, eram mortos como gado, aumentada pela precipitação a chacina. Em toda a parte era um espetáculo consternador e semelhante a uma carnicaria. Os bárbaros, que a nenhum poupavam, fizeram tão violenta irrupção, que muitos, sem saber nadar, se afogaram no mar, sofrendo morte horrível, e outros, num terror estúpido, lançavam fora as armas, não podendo ninguém conter o ímpeto dos africanos, o qual eles reputam valor. Como os portugueses, guardas da fortaleza, tivessem posto a preço as cabeças dos vencidos, ocupando-se nesse açougue e matança os negros, em breve espaço reduziram-se os holandeses apenas a uns poucos. E foi em verdade tão intenso o horror dos nossos soldados, que se atribuiu a milagre escapar alguém daquela hecatombe. Foram mortos 450 homens entre comandantes, soldados, marinheiros, todos decapitados e ficando os cadáveres irreconhecíveis.

Abatidos de desespero e vergonha os ânimos dos nossos, e conhecida e perfídia dos régulos, que simulavam amizade e proclamavam, em palavras vãs, a concórdia, perfídia essa que se patenteava no recente transe da República, partimos sem glória e ensinados a comerciar e a guerrear ali mais cautamente. Aquele desastre foi devido à negligência dos comandantes, e, como acontece na guerra, cada um lançava a culpa sobre o outro.

Nessa quadra assumia Nassau o governo do Brasil. O governador holandês do território africano, Nicolau van Ypern, varão digno NICOLAU VAN YPERN escreve ao Conde de memória, em carta expôs ao Conde que, em ótima ocasião

e com esperança mais certa, se poderia outra vez atacar a fortaleza, contanto que se lhe enviassem tropas auxiliares e armas necessárias para a guerra. Os soldados do Conde estavam ociosos por causa dos meses chuvosos, e o inimigo fora afugentado para longe de nossas fronteiras. Julgou, portanto, Nassau que, sem prejuízo do bem público, poderia dispensar parte do exército, temendo, além disso que a ociosidade, a maior inimiga da disciplina militar, corrompesse a soldadesca e, por deliberação do Conselho, despacha para a África o coronel João Koin (Kuhn). Partindo de Pernambuco aos 25 de Junho de 1637, em nove naus providas de soldados, armas e mantimentos, arribou ele, com feliz navegação, às costas da Guiné, vencido o mar etiópico. Sem demora comunicou por carta a sua chegada a Nicolau van Ypern, governador de Guiné e de Angola e morador em Moréia.^{64A} Era esta a substância da missiva: *“Aqui me encontro por ordem do Conde João Maurício de Nassau e de todo o supremo Conselho, dispondo de forças e de companhias militares para atacar o forte de S. Jorge. Peço-vos me indiqueis lugares cômodos para o desembarque no território inimigo e a maneira pela qual possa realizar cautamente a interpresa planeada. Solicito-vos também que me provejais de carretas de artilharia, das quais necessito. Com todo o gênero de obséquios, brilhantes promessas e prêmios, convidai os negros para se associarem à guerra. Tende consideração com os ingleses, se acaso houver algum na costa. Pretextai para a nossa chegada outros motivos, envolvendo a empresa em sagrado silêncio, o melhor e o mais seguro penhor das façanhas que se intentam, para tagarelas e traidores não divulgarem os nossos designios. Esperarei a vossa resposta nos surgidouros de Abina, Axem ou Moréia.”*

Enquanto Koin anda ao paio em frente ao litoral, chegam-se aos nossos dezoito canoas de negros, os quais perguntavam por mercadorias holandesas que tencionavam permutar por dentes de elefantes. Quando os holandeses disseram que não levavam mercadorias, duvidaram os negros da sua amizade. Depressa, porém, atestaram-na aos africanos, deixando cair nos olhos algumas gotas de água do mar. Fizeram estes o mesmo, por um rito de juramento familiar a estes bárbaros. Proejando os nossos para os surgidouros de Abina e Axem, de novo navegaram canoas em direitura deles desejosos de comerciar. Os holandeses pediram um prazo de três ou quatro dias para a negociação; mas os africanos, chamando a superstição a conselho, diziam ter sabido de Titesso, seu nume tutelar, que estavam de caminho sete naus grossas, com cuja chegada iriam depreciar-se as veniagas dos nossos. Koin, sem acreditar neles e ruminando outra cousa, escreveu outra carta ao governador de Moréia, quase no mesmo sentido da primeira. Ele respondeu que se achava no porto de Comenda,⁶⁵ onde deveriam encontrar-se, alegres de poderem resolver de comum acordo o que se tinha de fazer.

Posta a soldadesca em terra, junto ao cabo Corso, o primeiro cuidado de Koin foi fazer aguada. Depois, avançando um espaço de meia hora, chegou a um rio, a um morro e a uma planície coberta de viçosa relva, própria para assentar o acampamento.

Refeitos aí o comandante e os soldados, dentro de duas horas foram ter Os régulos dos negros pedem paz a outro monte, próximo da fortaleza. Os régulos negros, alvoroçados, em toda a parte, com estas novas empresas e incertos do futuro, pediram paz, a qual seria ratificada, vencendo-se a fortaleza, e seria írrita, não se vencendo. Se a situação ficasse duvidosa, também eles ficariam dúbios e não seguiriam a ninguém, por temerem aos espanhóis. Alcançando a segurança, acompanhariam o vencedor. Entretanto aprendêramos, por um exemplo recente, que não se devia fiar muito nos pactos de tal gente, pela sua ínsita falta de caráter, já outrora observada nos africanos pelos escritores de Roma, nos númidas, Ordem do nosso exército nos cartagineses e nos capitães Jugurta e Aníbal. Tínhamos 800 soldados e 500 marinheiros. Marcharam em três colunas: na vanguarda ia o capitão Guilherme Latan; no meio, o sargento-mor João Godlat; na retaguarda, formada pelos veteranos, ia o coronel Koin. Já se tinham os Koin combate com os africanos nossos aproximado da fortaleza um tiro de peça, não longe da aldeia habitada pelos africanos, quando irrompeu dos esconderijos da mata e derramou-se em torno dos nossos um exército de mil negros, com tal ímpeto e alarido que parecia pretenderem o nosso extermínio.

Com efeito, sacrificados alguns holandeses e degolados, segundo o costume daquele gentio, os que tinham prostrado, passearam com as cabeças como inequívocos sinais da morte dos inimigos, e, se um soldado veterano e experimentado não fizesse rosto àquele robusto exército, o desastre da vanguarda teria atingido as colunas seguintes. Socorreu Godlat aos combatentes. Os negros, sem se amedrontarem com os tiros de mosquetaria, não sabiam o que era retroceder. Era tanto o furor dos que afoitamente se arrojavam à luta que expunham o corpo aos próprios canos dos mosquetes. Tal ferócia mostravam contra os mortos que se deixavam matar sobre os cadáveres dos nossos e, empenhados em decapitar os holandeses, preferiam sujeitar a cerviz ao mesmo perigo a desistirem dos seus cruentos despojos. Dos nossos morreram o capitão Latan, o seu loco-tenente, três alferes e cerca de 40 soldados rasos, feridos de dardos.

Não muito depois, alguns deste mesmo gentio, obstinados até o extremo, numa grita ingente e horrível, atiravam contra os holandeses, com uma coragem nova, sem fazer caso dos mosquetes. Dispersos alguns pelas balas dos mosquetes, aconselharam aos outros a retirada, em vista do lastimável exemplo dos seus. Arrefeceu a temeridade após a primeira sanha, e desde esse momento não mostraram igual ousadia e, atendendo mais à sua segurança sob as muralhas da fortaleza, manifestaram antes prudente timidez que infrene e irrefletida audácia. Nem já se aterrorizavam os holandeses com os alaridos infernais dos africanos e suas horrendas cataduras por causa dos lábios grossos, dos dentes alvos, dos olhos abraçados, das narinas dilatadas e fumegantes de ira, cousas com as quais havia muito se ti-

Os africanos começam os combates com alaridos, segundo o costume dos macedônios, persas, cartagineses e germanos

nham habituado entre os brasileiros. Respira um quê de indômito e de feroz a índole de tal gente. Travam as batalhas soltando berros selvagens, como o faziam outrora os germanos, segundo o testemunho de César, costume também dos antigos persas, macedônios e cartagineses. Fazem tudo muito à pressa, e até para os escravos é servil a lentidão. A esses bárbaros afigura-se-lhes costume régio o executarem-se as cousas imediatamente.

Intentando Koin investir a praça, mandou por gastad^{Koin sitia a praça}ores abrir dois caminhos, cada qual em um dos dois montes: um ia ter à praia para o transporte dos petrechos bélicos; o outro guiava para o tope do morro vizinho da fortaleza. Colocando aí os soldados e a artilharia, começou a batê-la, aterrorizando os guardas.

Durante isto, os africanos nossos parciais abalaram de Comenda (é o nome da aldeia) para a aldeia da Mina, que fica sob a fortaleza, travando escaramuças com os minas. Mas, voltando logo, tangeram todo o gado destes para se aproximarem dos holandeses, se não fossem obstados pelo rio. Assim, buscando caminho pela praia, acamparam no sertão. Neste entrementes, assentando-se um morteiro no morro, lançaram-se duas balas contra o forte, que enganaram o atirador, caindo mais aquém. Contra nós faziam fogo os sitiados, por cujos canhões tombaram feridos o capitão naval Huberto e um dos marinheiros. Então saiu novamente dos seus esconderijos e de sua posição o exército dos africanos de Comenda para darem assalto contra a aldeia dos minas; mas, repelidos pela artilharia, fizeram os seus recuar.

Koin, depois de freqüentes disparos contra a fortaleza,^{Pede a rendição} pede-lhe por um tambor a rendição para o pôr-do-sol, avisando que a apressem a fim de não sacrificarem, urgidos pelo tempo, a vida de todos, pois ele ia, sem demora, tentar os recursos extremos. Respondeu o governador que não se atreveria a tanto, sem consultar os comandantes da milícia e os cidadãos da Mina, pedindo no máximo três dias de prazo. Segunda vez exige-lhe Koin a entrega da fortaleza, concedendo o dia imediato para termo da deliberação e ordenando-lhe peremptoriamente que detenha os seus soldados e africanos nos seus postos para não praticarem violências, do contrário faria ele Koin o mesmo. Entretanto, como ao declinar do dia e fechadas todas as portas, recusasse o capitão da praça receber o tambor naquela mesma tarde, Koin, conduzindo toda a soldadesca para o morro, arremeteu, novamente alentado, contra os sitiados, detonando os morteiros, cujas balas foram inutilmente disparadas e inóxias. Mandou-se a todos os trombeiros presentes que entoassem nas suas trombetas o hino em louvor do Príncipe Guilherme de Orange, de bom agoiro e familiar aos cidadãos das Províncias-Unidas. Com ele o soldado, às vezes descoroçoado e remisso, se inflama em mais vivo ardor guerreiro. No dia seguinte continuou o furor da artilharia a danificar o forte, pois aí se achavam os inimigos. Pediram fosse entregue a carta da véspera, dizendo, para se desculparem, que o governador da praça pusera dificuldades em

receber o tambor, porque já caía a tarde. Koin, mostrando no semblante a sua indignação, respondeu que a carta fora rasgada e que não era honroso para ele experimentar outra vez por carta a obstinação do governador: exporia ele próprio e consignaria por escrito o seu pensamento sobre a capitulação. Vieram logo os parlamentares com quem se devia pactuar. Nesta ocasião, ordenou-se aos negros de Comenda, que planeavam agressão contra os moradores da Mina, que depu-

Rende-se a fortaleza. 29
DE AGOSTO DE 1639.
Condições

sessem as armas e desistissem de violência. Os sitiados apresentaram a Koin os artigos da capitulação que eles próprios haviam redigido, e, rejeitados os mesmos, consentiram na fórmula de Koin. Dados três reféns, o capitão Walrave Marburg e o quartel-mestre entraram na fortaleza com os soldados. O pacto, quanto às praxes de milícia mais briosa, foi assaz vergonhoso, pois se acreditava que os contrários poderiam agüentar o cerco mais tempo, por causa dos fossos duplos,⁶⁶ de 25 pés de largura, que rodeiam o forte, e das ameias que o coroam. Ainda mais dificultava o assédio o assento da fortaleza, porquanto poderia ser guardada com poucas sentinelas, sendo inacessível mediante minas à conta dos rochedos. Segundo me informei, foram as seguintes as condições da rendição: saírem todos sem intimação, nem agravo, nem injúria, com o corpo e a vida incólumes; ser-lhes livre retirar esposas e filhos, sem nada sofrerem as mulheres e as crianças; levar cada um sua roupa, mas nada de ouro nem de prata, lavrados ou não; pertencerem ao vencedor as mercadorias e escravos, menos doze, que por bondade ele concede aos vencidos; carregarem todos os objetos sagrados e demais ornamentos dos templos, menos os de ouro e prata; serem transportados em nossos navios para a ilha de S. Tomé os portugueses e mulatos com suas famílias e providos de mantimento suficiente; dar-se anistia ao desertor Hermann; saírem da fortaleza, no mesmo dia, o governador e os soldados, entregando-se ao vencedor as chaves, todo o aparelho bélico e o remanescente das vitualhas; retirarem-se os soldados sem honras de guerra, sem bandeira, desarmados, sem morrões acesos, sem usar nenhuma praxe militar aceita.

Realizada a entrega da fortaleza, nela entraram Koin e Nicolau van
Despojados Ypern, dispondo o que fosse necessário à proteção e segurança da mesma. Encontraram-se quinhentos africanos, que da aldeia da Mina se tinham recolhido ao forte com as mulheres e filhos, sendo todos despedidos, exceto os escravos, cujo resto eram 140. Na igreja se haviam asilado as famílias dos portugueses com suas bagagens e alfaias. No morro sobranceiro ao forte colocou-se uma torre, e teria Koin levantado ali fortificação maior e mais sólida, se, temendo despesas, não achasse deveria comunicar isto antes aos Estados-Gerais e aos administradores da Companhia. Assim, transmitiu-lhes uma planta do castelo por construir, bem como o desenho da praça sitiada e vencida, e pediu bastimentos que lhe permitissem conservar o que ganhara.

No forte acharam-se 30 peças de metal, 9.000 arráteis de pólvora, 800 balas de ferro para canhão, 300 de pedra, 10 cartuchos de mosquete, 200 arcabuzes holandeses, 36 espadas espanholas, além de enxadas, machados e outros instrumentos congêneres, os mais deles enferrujados. Saindo a guarnição, que foi conduzida para a ilha de São Tomé, ficou Marburg com 140 soldados para guardar o forte. A bravura e zelo desse homem estavam acima da inveja, e por isso o reclamava, por direito e por mérito, o comando da praça, pois não é possível ocultar a brilhante valentia dos militares, e, uma vez conhecida, não se lhe dar o devido apreço.

Tendo realizado tais cousas no espaço de seis dias, dispôs Koin convenientemente o que importava à defesa do forte, julgando igualmente nobre vencer as fortalezas e, vencidas, restaurá-las. Depois retornou vitorioso para o Brasil, com a esquadra e o exército, tendo incutido o terror nas terras africanas e difundido a fama das nossas forças e da nossa guerra através dos vastos reinos dos bárbaros transmarinos. E, todavia, recebeu o governo do Brasil Elogio de Maurício esses incrementos mais pela energia e arrojo dos ânimos do que pela robustez dos corpos. Portanto, admire-se nisto mormente a discreta prudência de Maurício, dando-se-lhe acesso a uma glória semelhante à de outros capitães batavos que fizeram guerras no além-mar. Sua façanha, sem dúvida, é comparável, na celeridade e na celebridade da vitória, aos muitos e grandíssimos louvores de outros generais. A estes não desprazerá que fique ligada a uma parte da minha narração a vivacidade e a presteza vencedora de tal soldado.

Os holandeses receberam Koin, por causa dos seus preclaros feitos em prol da honra pública, indo-lhe ao encontro com felicitações e salvas de canhões. Agora é ele, sob o Príncipe de Orange, tenente-general de artilharia e, com os seus triunfos na África e a sua patente na Europa, ilustra a nobreza de Meissen, da qual procede. Koin é recebido como vencedor

Interessa-te, leitor, saber o seguinte: logo que se incorporou a Companhia das Índias Ocidentais, antes separada em diversas câmaras e sociedades de comércio, entraram a fazer dela parte não só o tráfico dos que navegavam para a ilha de S. Domingos, Cuba e outros, Com que direito foi levada por Maurício a guerra à África mas também o trato da África, o qual era ali exercido, assaz lucrativamente, com cerca de vinte navios. Fundeados não longe da costa, deles se aproximavam os africanos em exíguos barcos, trocando, a exemplo de Diomedes e de Glauco, ouro, marfim, ébano, produtos para nós preciosíssimos, por ferramentas, corais, espelhos, tesouras, objetos vilíssimos. Por esta razão, aquilo que nessas plagas se achava em poder dos holandeses estava igualmente sob a jurisdição de Maurício e do Conselho Supremo do Brasil.

Essa forma de comerciar, já por mim mencionada, permutando-se as utilidades, é a mais antiga e a mais simples. Fez-se assim, nos tempos de Tróia, quando o exército grego estava sempre escambando vinho de Lemnos por bron-

ze, ferro, couros de boi, bois e pelos próprios escravos. Palas, partindo para a Itália, diz que ali fora para trocar o bronze de Temese por ferro mais
ILÍADA, 7 luzente. Licurgo, rei de Esparta, decretou que nada se adquirisse
ODISSÉIA, 11 com dinheiro, mas pela permuta das cousas necessárias. Também
JUST. I, 3 os antigos britanos recusavam moedas: davam e recebiam cousas e obtinham o
SOLINO, CAP, 35 necessário, antes trocando que comprando. Tal foi ainda familiar a
outros bárbaros, mas não que o fossem por isso. Aristóteles declara esse modo
de comerciar mais congruente com a natureza e as necessidades humanas. Onde
POLÍTICA, L. I ele se usa, insinuam-se menos nas repúblicas os contágios dos
males de nações separadas, visto que é mais difícil o transporte das veniagas e
GUERRA DAS objetos e mais fácil o do dinheiro. Por essa razão guerreando César
GÁLIAS, L. I. aqui,⁶⁷ os mercadores raramente iam ter com os belgas do interior e
levar-lhes as cousas que servem de efeminar os ânimos. E segundo o testemunho
do mesmo escritor, não tinham tampouco entrada no país dos nérvios, os quais
não lhes deixavam levar ali vinho algum, nem outras superfluidades, julgando
L. II. que tais cousas afrouxavam as virtudes. Mas entre os neerlandeses de
hoje, tanto do interior como do litoral, não só têm os mercadores entrada fre-
quente (quem dirá se numa idade mais feliz ou mais infeliz?), mas ainda, pelo de-
sejo de comerciarem, gostam de espalhar-se por todas as plagas do mundo, já
permutando utilidades por utilidades, já resgatando-as com dinheiro, já escam-
bando o próprio ouro por outras cousas. Portanto, consideram vã esta exclama-
HIST. NAT., liv. 33, c. I. ção de Plínio: “Oxalá se pudesse rejeitar totalmente da vida o
ouro, essa fome execranda, como disseram celebríssimos autores, o ouro, difama-
do pelos insultos dos melhores homens e achado para a ruína da vida.”

A respeito dos negros, porque amiúde ocorrem nesta história, convém
Descrição dos explicar o seguinte: – são povos daquela parte da África, que, após a
negros Barbária, a Numídia e a Líbia, é a quarta, e se chama Terra dos Ne-
gros, nome que tira ou dos naturais, que são de cor negra, ou do rio Níger, o
qual corta a região pelo meio, fecundando os campos vizinhos à maneira do
Nilo. É limitada ao norte pela Líbia, ao sul, pelo Oceano Etiópico, ao ocidente
pelo reino de Gualata e ao Oriente pelos reinos de Goaga. O ar, junto às costas
da Guiné, é nocivo aos nossos compatriotas, por causa do excessivo calor e das
chuvas, que geram a podridão e os vermes. É pouco verossímil ser a negrura dos
íncolas devida à adustão do sol, pois os habitantes do Cabo da Boa Esperança
são muito pretos, e os espanhóis e italianos, a igual distância do Equador, são
brancos. O sol não é menos tórrido no estreito de Magalhães, onde são brancos
os naturais, do que nos extremos da África, onde são pretos. Os súditos do Pres-
te João são trigueiros, e os habitantes da ilha de Ceilão e da região de Malabar
são muito negros, não obstante se acharem na mesma latitude. Demais, por toda
a América, até mesmo nos países intertropicais, não se encontram negros em
parte alguma, salvo uns poucos no lugar denominado Quareca. De sorte que a causa

da cor da cútis parece dever-se atribuir antes às qualidades ocultas da terra, do céu e do ar (asilos, oh! pesar! da humana ignorância) ou ao temperamento inato dos homens, recebido dos pais, ou a uma e outra cousa, principalmente quando, mesclando-se entre si brancos e negros, nascem os trigueiros, corrigida a negrura

Mulatos por uma coloração mais clara, por se confundirem os elementos geradores. É o tipo que os espanhóis denominam mulatos. Os romanos chamar-lhes-iam híbridos, isto é, gerados de pais desiguais, como os semiferozes, nascidos de ferozes e de mansos. Neste sentido Suetônio, na vida de Augusto, chama híbrido a certo Epicado⁶⁸ de Temesas,⁶⁹ por ter nascido de pai parto e de mãe romana. Grégoras⁷⁰ designa esses mestiços com a denominação de gênero gasmúlico.⁷¹

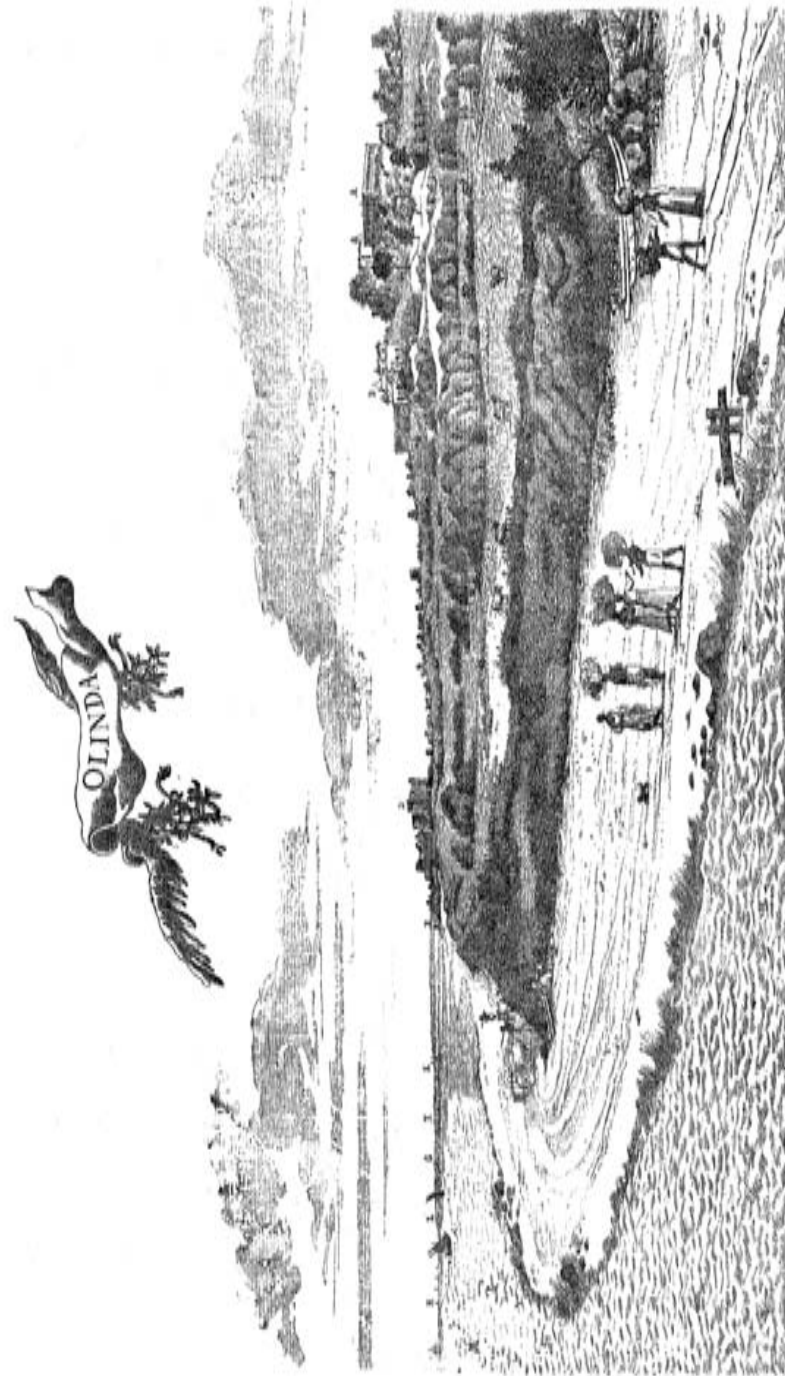
Dos negros fizeram menção Plínio, Estrabão, Estéfano:⁷² aqueles lhes O rio Níger chamam negritas, e o último negretas e ao rio Negreta.

Este cresce, como também o Nilo, no mês de junho, quarenta dias inteiros, durante os quais a região submersa faz-se navegável. Em consequência da cheia, cobrindo-se de pingue aluvião e limo, exubera com extraordinária produtividade. Por Claudiano, no Panegírico de Estilício, é o Níger denominado Gis ou Gir: “*Et Gir notissimus annis Aetiopum*”,⁷³ – e em Sidônio Apolinário talvez se deva ler – “*Inaorum Ganges, Gothorum Phasis, Araxes Armeniae, Gis Aetiopum, Tanaisque Getarum*”⁷⁴ –, em vez do que ora se lê – “*Tagus Aethiopum*” –, o qual se há de procurar na Espanha e não entre os etíopes.

A língua destes negritas varia com as terras, sendo também diversa a religião. No sertão há cristãos, maometanos e gentios. Os da beira-mar são idólatras. Em certas partes adoram o Sol, a Lua e a Terra. Cuspir nesta é pecado para eles.

Sarjam eles próprios a pele e pintam-na com um unguento corado, es- Costume dos negritas petáculo para eles belo e para nós feio. Enquanto almoçam, abstêm-se de beber; depois de almoçarem, bebem água ou vinho de palma. Uns há que furam o lábio superior e pelo buraco e narinas introduzem pedaços de marfim, tornando-se com isto, ao que lhes parece, lindíssimos. Alguns ainda furam o lábio inferior, deitam por ele a língua como de outra boca. Trazem outros, no próprio septo nasal, marfim ou conchas. Tingem de vermelho um dos olhos e de azul o outro. As mulheres mais ricas prendem às coxas grandes anéis de ferro, de latão ou de estanho. Enfim, comprazem-se admiravelmente em sórdida e fétida barbárie.

Com largo lucro dos espanhóis e portugueses, são transportados daquelas costas para o Brasil e para as Índias Ocidentais, a fim de naquele trabalharem principalmente no fabrico do açúcar, e nestas cavarem as minas. Tolerantíssimos dos labores, alimentam-se com pouco. Nascidos para sofrerem a inclemência da natureza e miséria da servidão, por muito dinheiro são vendidos como escravos.



A. Igreja de São Francisco. B. Condição de São Francisco. C. Condição de São Francisco. D. Condição de São Francisco. E. Condição de São Francisco. F. Condição de São Francisco. G. Condição de São Francisco. H. Condição de São Francisco. I. Condição de São Francisco. J. Condição de São Francisco. K. Condição de São Francisco. L. Condição de São Francisco. M. Condição de São Francisco.

Enquanto realizamos a nossa empresa na África, o Conde de Bagnuolo, com cerca de 2.000 soldados, arrastando mais propriamente do que levando a guerra ao Sergipe d'el-Rei, mandados para ali pequenos troços, infestava-nos as terras, lavouras e engenhos, queimando, talando, saqueando. Em conseqüência, resolveu Maurício expulsar daquela posição ao conde espanhol. Detido, porém por grave enfermidade, com as forças quebrantadas pela pertinácia de uma febre contínua, que durou três meses, confiou a ação ao coronel Schkoppe, militar ardoroso e prudente. Convocando as companhias estanciadas às margens do São Francisco, em Alagoas, no Cabo de Santo Agostinho, no próprio Recife e em Muribeca, mobilizou-as contra o inimigo. Teve Schkoppe para companheiro de armas e consultor João Gisselingh, membro do Conselho Supremo e Secreto. Já estavam armados 2.300 soldados, 400 índios, que Nassau chamara de suas aldeias, e 250 marinheiros, os quais Gisselingh, com extraordinária diligência, aprestava para a guerra. Mandou-se o almirante Lichthart andar ao pairo diante da baía de Todos os Santos, a fim de atrair do interior o inimigo. Suspeitou Bagnuolo que Maurício usara aquele plano para lhe fechar o caminho e impedir aos seus o retrocederem, e, sendo informado de que Nassau fazia suas tropas passar o São Francisco, aproximando-se, conduziu o seu exército para a Torre de Garcia de Ávila, situada 14 léguas de S. Salvador, para o norte, e fê-lo com tal celeridade que arrastava os soldados, sem lhes dar descanso nem de dia, nem de noite. Ouvira dizer que as forças holandesas já se achavam presentes, tendo penetrado 20 léguas além do Serigipe, para a banda do sul.

Schkoppe, desalojando a Bagnuolo de suas primeiras posições, arrasou a própria cidadezinha de Sergipe, os engenhos dos adversários e os seus pomares. Feita esta devastação, reconduziu a soldadesca, com incrível velocidade, para as margens do São Francisco. Acampando aí, por ordem do Conde, na margem meridional do rio fez alto algum tempo, para que, apoderando-se do gado, oprimisse os contrários com os incômodos de fome certíssima, o que, segundo a praxe militar, foi ardorosamente executado pelos nossos. Encontrando três mil cabeças de gado, voltou cada um para as suas guarnições. O fato seguinte mostra a abundância de gado que tem essa região: demorando-se ali Bagnuolo, abateram-se 5.000 reses e tangeram-se 8.000 para o consumo futuro da soldadesca; por nós foram mortas 3.000, além das que se transportaram para as margens do sul.

Na mesma ocasião que Nassau levou à África a fama e o terror da guerra, chegaram-lhe notícias de ter sido expugnada por Frederico Henrique, príncipe de Orange, Breda na

O Conde Bagnuolo
devasta o Sergipe
d'el-Rei

Expedição contra o
Sergipe d'el-Rei, sob o
Coronel Schkoppe, por
estar Nassau atacado
de febre

Torre Garcia
de Ávila

Bagnuolo aban-
dona o Sergipe

O Sergipe é
abundante
em gado

Notícias de ter sido
vencida Breda na
Holanda pelo Príncipe
de Orange. 1673

Holanda, fortíssima cidade do Brabante, aquela mesma que, arrebatada aos nossos doze anos atrás, caíra em poder do rei de Espanha com a vitória do Marquês Ambrósio Spinola.

Tinha a cidadela quinze baluartes, dois outeiros elevados, ^{Descrição dessa praça} próprios para do alto jogar a artilharia, três reparos baixos ao pé das muralhas e uma sebe de espinhos; fossos em alguns lugares com 70 e em outros com 120 passos de largura. Sobre os fossos tinham-se colocado quatorze casamatas. Havia, além disso, um parapeito de cinco pés de alto, sendo-lhe interpostos cinco hornaveques, e diante de cada um via-se uma meia-lua. Cingia-a segundo fosso e fora deste, como um cinto, a couraça das fortificações externas. Enfim a cidadela, munida de trincheiras, pontes, arsenal e duplo fosso de água, era formidável pela artilharia assestada para todos os pontos que lhe pudessem dar acesso.

A maneira que Frederico Henrique usou para ganhá-la ^{Modo de vencê-la diverso do de Spinola} feriu totalmente daquela com que a tomara o Marquês de Spinola. Este expugnou-a pela fome, desesperando de poder vencê-la pelas armas. Orange, investindo-a com possante exército, mostrou um esforço supremo, impaciente de delongas.

As operações de Spinola custaram muito dinheiro e poucas vidas. As de Orange custaram mais vidas e menos dinheiro, de sorte que a vitória de um foi cruenta e a do outro incruenta. Orange julgava que, estando o inimigo armado, era necessária pressa, por causa dos meses estivos, próprios para atacar-se o nosso território. Spinola se arreceava menos da demora, em razão do inverno, pouco idôneo para se fazer guerra. A bravura dos sitiados, que combatiam intrepidamente, dificultou o cerco daquele; o deste dificultou-o a necessidade de trazer provisões de longe. Um, para garantir o assédio chamou da Alemanha as tropas auxiliares do Imperador. O outro, contente com os soldados ordinários, venceu com mobilização menor. Tendo-se em vista o importe dos gastos, foi o italiano mais nocivo que útil ao seu rei. Fizemos guerra mais proveitosa, conquistando a cidade com menor dispêndio, mas dispêndio muito profícuo à segurança da República. Causou admiração ao mundo europeu que o Cardeal Infante, regente das províncias reais dos Países-Baixos, ilustre com a fama nova do seu governo, aparelhando o exército do qual dispunha, sem estar ainda rematada a circunvalação do acampamento de Orange, se tenha dele aproximado, contemplando-o de frente, sem nada tentar, conquanto lhe houvera sido fácil retardar o cerco, faticando os nossos com ataques contínuos. Foi também de admirar que se compensasse a importante perda de Breda com as cidades mais fracas de Venloo e Ruremonde. Não foi menos irrelevante não ter sido possível ao inimigo, durante todo o tempo do assédio, interceptar o abastecimento, e haver sido a cidade com tanta rapidez rodeada de entrincheiramentos que o inimigo, chegando pouquíssimos dias após, considerou o campo intransitável para as forças. Enfim, foi extraordinário que, em sete semanas a partir da mobilização feita por Orange, se to-

masse uma das praças mais fortificadas da Europa, a qual Spinola vencera somente após onze meses de sítio. É esta aquela mesma cidade que antes tomara o ilustríssimo príncipe Maurício, escondendo, num barco carregado de turfa, os recrutas das suas guerras.⁷⁵ Nessa ocasião foi ela atacada dormindo; agora foi-o velando; então vencemos com uma gleba seca,⁷⁶ agora com a gleba verde;⁷⁷ tomamo-la toda então numa só investida, e agora lentamente e passo a passo. Não faltava então a falaz ousadia de algum Ulisses ou de algum Sinão,⁷⁸ e desta vez não faltou um Aquiles para expugná-la pela força. Da outra feita desempenhou o papel do cavalo de Tróia um barco de carga, e desta, néscios de ardis, mostramos que os Nassaus podem triunfar de uma e outra maneira.

Pelas suas vantagens se avaliava a importância desta vitória, porque, pertencendo aos inimigos aquela fortaleza, acometia qual uma salteadora a Holanda, a Guéldria e a Zelândia, tornando insegura a navegação nos estuários do Wahal, do Mosa e do Escalda. Assentada sozinha entre Bois-le-Duc e Berg-op-Zoom, cortava as comunicações entre essas duas cidades aliadas e impunha às cidades e praças vizinhas a necessidade de grande presídio.

No outro hemisfério, sob outras constelações, ouviram os bárbaros que Breda fora vencida sob os mesmos auspícios e pelas mesmas armas com que tinham visto a queda de Olinda, de S. Salvador, de Porto Calvo e outras praças formidáveis além do Equador. E assim, aplaudindo aqui os holandeses a felicidade comum, proclamariam lá os brasileiros, em línguas desconhecidas, a nossa glória.

Para se renderem graças à bondade de Deus, solenizou Nassau o dia da vitória, a fim de que nem a distância dos lugares, nem o renome dos holandeses reproduzido no Novo Mundo parecessem obliterar os sentimentos patrióticos no ânimo dos que se achavam longe da Pátria. Atribuíram-se a Deus simultaneamente os prospérrimos sucessos das guerras ocidentais e a vitória sobre Bagnuolo, recentemente posto em fuga.

Neste comenos, os índios moradores do Ceará pediram paz e ofereceram o seu auxílio contra os portugueses, rogando ao Conde que sujeitasse ao seu poder o forte dali, ocupado pelos lusitanos, protegendo-lhes a gente contra as injúrias e a dominação deles. Diziam que se conseguiria a empresa com pequena força, compensando-se as despesas da guerra com as veniagas – âmbar, algodão, cristal, pedrarias, madeiras,⁷⁹ salinas e outras produções da região. A fim de alcançarem fé para si e para a sua proposta, deixaram como reféns dois filhos dos principais da sua nação. Resolveu-se a expedição, aprestaram-se naus, armas, provisões e soldados, sendo comandante o major Jorge Garstman, homem calejado para os imprevistos da guerra pela sua experiência militar. Apesar de ser o referido forte assaz distante das nossas fronteiras, muitas léguas ao norte de Pernambuco, aprouve, todavia, ao Conde mandar para lá alguns navios ligeiros, não só com o fim de afastar o adversário para mais longe dos nossos confins, mas também com o

O Conde soleniza o dia da vitória de Breda e o dos seus próprios triunfos

Os habitantes do Ceará pedem paz e auxílio contra os portugueses, oferecendo o seu

desígnio de conciliar, no território inimigo, maior número de índios para a Companhia. Isto parecia conveniente por causa dos ódios diuturnos contra os portugueses e porque, com estas atenções que lhes dispensávamos, ser-nos-iam os cearenses muito favoráveis e teriam inspecionados os lugares e forças do inimigo. De fato, da parte dos ofendidos sempre se esperaram não pequenos êxitos para as empresas, por se acharem escondidos entre as partes adversas, sob aparência de fidelidade e de amizade, aqueles que podem prejudicar aos do seu partido, porque não medra nunca sólida lealdade entre ofendidos e ofensores.

Arribando Garstman ao Ceará, informou da sua chegada Vêm-lhe os cearenses ao encontro ao maioral dos brasileiros Algodão e, desembarcada a soldadesca, conduziu-a pelo litoral, vindo-lhe ao encontro os naturais que lhe significavam a paz com bandeiras brancas. Depois de falar com o morubixaba, sentindo-se mais animoso com as tropas auxiliares (pois o régulo lhe trouxera de reforço duzentos dos seus), atacou, e tomou o forte, Expugna Garstman o forte que era de pedra insossa. Defendeu-se o inimigo frouxamente, com tiros de peça e de mosquete. Foram poucos os mortos e mais numerosos os prisioneiros, e entre estes os mais graduados da milícia. Lucramos com a vitória três peças e alguns petrechos bélicos.

O Ceará se acha entre as capitânicas do Brasil setentrional, Descrição do Ceará com um âmbito somente de dez ou doze léguas, de poucos habitantes, os quais ocupavam o próprio forte. Tem porto pouco idôneo para navios de grande porte, e não é regado por nenhum rio notável. Somente à raiz do monte sobre o qual está assentado o forte, corre do continente um ribeiro. Próxima da fortaleza está a casa do governador português, a qual é rodeada de algumas habitações esparsas dos moradores portugueses, nada resistentes contra as investidas dos inimigos.

Produz a região cana-de-açúcar, o qual, entretanto, não se fabrica ali em nenhum engenho. Vivem os bárbaros dos arredores em discórdias e lutas perpétuas com os portugueses.

Aqueles que, em 1609, chegaram a esses lugares disseram que lá se viam homens de corpo avantajado, Antigos habitantes catadura deforme, cabeleira comprida, orelhas furadas e pendentes quase até os ombros, com a cutis tingida de cor negra, menos desde os olhos até a boca. Tinham alguns o lábio inferior esburacado, e outros também as ventas, em que metiam para ornato pedrinhas e ossinhos.

De volta para Pernambuco, perdeu o major Garstman um dos iates, que é incerto se pereceu por naufrágio ou por outro desastre. Este cometimento, realizado alhures, foi glorioso para o Conde e para a Companhia.

Em Pernambuco a administração dos negócios políticos Negócios internos e dos interesses públicos do comércio ocupava os governadores. Destinou-se dinheiro para se edificar a casa do Conselho. Remeteram-se para a

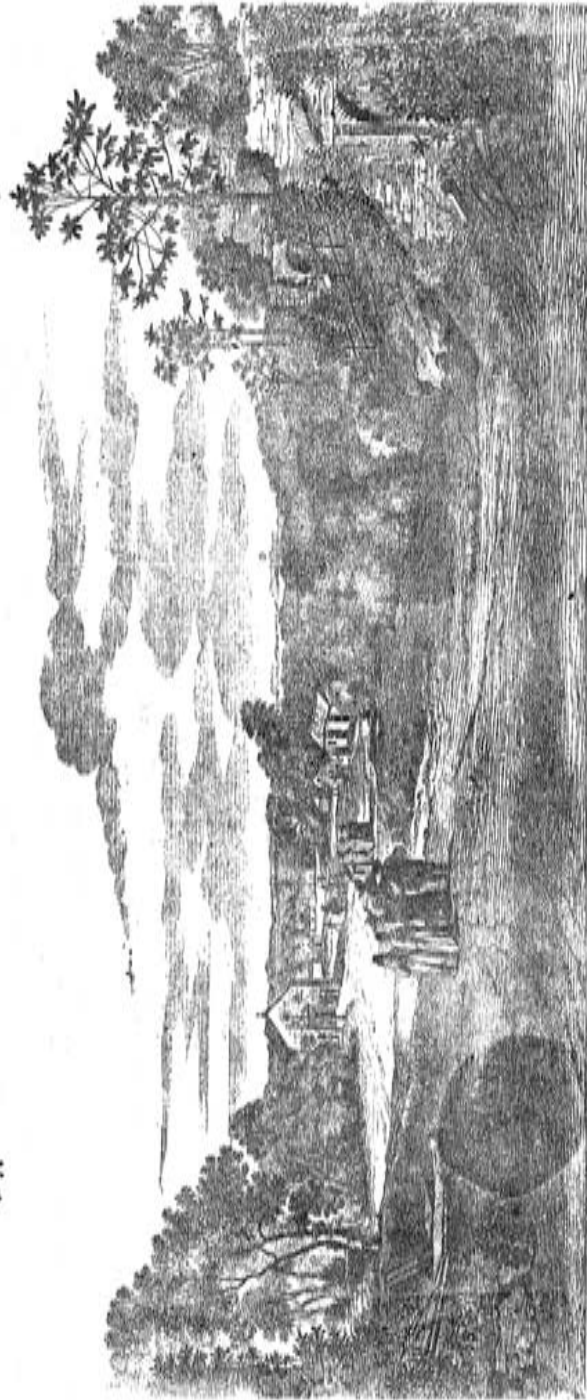
ASSUNTOS Holanda os minérios encontrados nas minas das montanhas, para
POLÍTICOS que, rigorosamente examinados por metalurgistas, se determinasse o seu valor e quilate. Prometeram-se prêmios para os que levassem negros aprisionados na guerra, sendo 20 rixdales⁸⁰ o preço de cada homem, e seis o de cada mulher. Concedeu-se aos abactores de gado do inimigo a décima parte do mesmo. Reprimiram-se com rigorosas penas aqueles que usavam fraude com os exatores de impostos e direitos alfandegários e contra os que não declaravam com verdade as mercadorias ou as calavam, cominada certa multa para as fraudes praticadas de dia, outra mais pesada para as praticadas de noite, e se fossem oficiais os fraudulentos, perderiam o posto. Distribuíram-se, pelas comarcas, patrulhas, cada qual com o seu comandante, contra os saqueadores e incendiários, que, por toda a parte, o inimigo introduzia em nossas terras. Empregaram-se também nisto portugueses e índios, os quais dado com um tiro de peça sinal para irem contra o inimigo, logo compareceriam armados para coibir a violência e prender os que a fizessem.

Prisioneiros Havendo míngua de mantimento, foram obrigados por um edito todos quantos se utilizavam do trabalho dos negros a plantarem anualmente mandioca, na quadra costumada, isto é, em janeiro e agosto. Para não aumentar excessivamente para os juizes superiores a tarefa das causas forenses, vedaram-se as apelações de menor importância. Contra os homicidas, como inimigos do gênero humano, foram promulgadas leis penais, como a razão e o direito divino e humano sempre as promulgaram; porquanto, cumprindo haver porfia de virtude entre as gentes, havia-a de crimes, e se verificava serem os piores aqueles que convinha fossem os melhores.

Abastecimento Os predicantes e ministros da religião reformada representaram ao Supremo Conselho em Olinda os seus gravames (é este o termo próprio), colhidos pelas classes, isto é, pelas suas ordens e assembléias. O Conselho, considerando que a causa da religião não podia ser tratada com indiferença, mormente entre bárbaros e ignorantes de uma disciplina mais rígida, e também entre povos rivais no zelo religioso, isto é, papistas e judeus, respondeu com prudência a cada um dos pontos, deste modo:

Apelações “1) Devem-se castigar severamente os incestuosos convencidos de tal crime. 2) Deve-se conceder aos escravos o descanso do trabalho servil aos domingos. 3) O Conselho ia proibir aos diretores da Paraíba o permitirem procissões e cortejos solenes de papistas pelas ruas e estradas, devendo encerrar-se nas igrejas e nos claustros. 4) A estes seria defeso, sem autorização do Conselho, construir novos templos. 5) Ser-lhes-ia vedada a celebração do casamento por sacerdote católico, não precedido das denúncias usadas na igreja reformada, e bem assim a realização de cerimônias religiosas junto aos réus condenados pelos juizes. 6) Escolhessem eles (ministros e predicantes) em Olinda um templo para si, destinado aos exercícios da religião reformada. 7) Fossem permitidos aos judeus

Resposta às representações dos predicantes



A. *Tringula s. Cyfra*
B. *Conchus s. Francis*
C. *Strius vobis*
D. *Gyls Tannus omni confusa*
E. *Stela delivandi signum ad regem*

sua religião e seus ritos entre as paredes privadas, proibindo-se-lhes o culto público. 8) O Conselho se empenharia em refrear a desonestidade dos negros, o vício do adultério e da prostituição, último companheiro de uma fortuna em ruína. 9) Queria o Conselho que, dali por diante, sempre que os senhores de engenho desejassem pedir para os seus trabalhos a proteção de Deus, pedissem a bênção divina, não pela boca do padre católico romano, mas pela do predicante da igreja reformada.”

Para formarmos o poder, sem dúvida valemo-nos também das opiniões religiosas. Cada qual toma a que escolheu como instrumento idôneo para procurar a segurança em benefício não só da salvação dos homens, mas também da dominação.

Não foi menor o zelo que se votou ao comércio, à compra de açúcar e pau-brasil, quer fosse tomado ao inimigo, quer adquirido por dinheiro, quer cortado em nossas matas, e bem assim ao tráfico freqüente dos escravos, ao transporte do ouro americano para a terra pátria, às mercadorias importadas nas naus da Holanda, ao reparo das avariadas no mar, aos futuros carregamentos e às várias necessidades das que partiam. Tratava-se dos estipêndios, prêmios e rações dos indígenas incorporados na nossa milícia; das contínuas remessas, idas e voltas de vasos transportando armas e provisões para todos os territórios do Brasil, ora para estes, ora para aqueles; das designações de magistrados em todas as províncias e, na ausência do Conde, das suas eleições; dos pedidos dos predicadores e ministros reformados. Demais, cuidava-se da assistência aos pobres, órfãos e enfermos; do recenseamento dos cidadãos em cada uma das cidades, e inúmeras outras cousas que cumpria fazer na terra e no mar, segundo a ordem prescrita pela Companhia no interesse imediato da República. Era a constante matéria e execução destes objetivos, digo eu, que apertava o Senado Político.

O Conde, restituído a si e à milícia após moléstia assaz demorada, fortalecido contra os rigores de uma região aliás salubérrima e com o corpo já afeito às peculiaridades do ar estrangeiro e transmarino, partiu para as capitânicas da Paraíba e do Rio Grande, em longa viagem por terra, a fim de organizar as províncias, cidades e aldeias e prover os acampamentos de fortificações, soldados, armas e vitualhas. Mas, passando para estas províncias, não seria razoável ignorarmo-lhes a índole, a situação e as produções, pois elas ministraram matéria fecunda às guerras e ao tráfico dos nossos.

A Paraíba⁸¹ está entre as quatro capitânicas setentrionais. Tomou o nome de um rio que a banha, assim como um outro – o Mamanguape.⁸² Segue-lhe logo a colônia de Itamaracá. Ocuparam outrora a Paraíba os franceses e, expulsos estes, os portugueses e por último os holandeses.

Não possui outras povoações senão os lugarejos dos engenhos, que, pela multidão dos trabalhadores, constituem verdadeiras aldeias. Na margem meridional do rio há uma cidadezinha – Filipéia –, assim chamada em

Partida do Conde para as capitânicas da Paraíba e do Rio Grande.
ANO DE 1638

Descrição da Paraíba

Rios

honra do rei Filipe. Agora, mudadas as partes, recebeu o nome de ^{Filipéia, hoje Frederica} Fredericópole ou Frederica, em honra de Frederico, príncipe de Orange. As regiões próximas do rio são planas; as mais distantes entrecortadas de montes e de vales, são notáveis pela sua completa amenidade. Aquelas produzem cana-de-açúcar; estas, mandioca. Constitui o açúcar uma das delícias ^{Produções. Açúcar. Mandioca} para o estrangeiro, e a mandioca é um alimento para os naturais. Das raízes desta fabricam uma farinha, assim como os mais ricos se alimentam de trigo e de pão. Os portugueses chamam “roça” aos campos que dão, e os agricultores designam com o nome de “lavradores” e de “roceiros”. Os menos abastados alimentam-se com esta farinha, assim como os mais ricos se alimentam de trigo, que costuma importar-se de Portugal e de outras partes. Produz também a ^{Outros frutos} região outros frutos: milho, batata-doce, abacaxis, cocos, melões, melancias, laranjas, limões, bananas, pacobas, maracujás,⁸³ pepinos, tudo isto para a utilidade ou dos homens ou dos animais. Os cajus são pêras silvestres, suculentas e ^{Cajus} inocentes, que se comem avidamente durante o calor. No interior da pêra cresce uma castanha, de casca muito amargosa, de miolo muito doce, quando se assa. A pêra refresca e a castanha esquenta. Mas, a todo o gênero de frutas levam ^{Ananases} a palma aquelas a que chamam abacaxis. A planta é de pouco talhe, e em seus ramos ficam suspensas pinhas muito tenras. Cortando-se estas em talhadas na sazão própria, são um alimento gratíssimo ao mesmo tempo pelo cheiro e pelo sabor, podendo-se comer imediatamente ou conservar no açúcar por largo tempo. Além disso são de ver muitas arvores frutíferas, que fora longo enumerar, pei- ^{Animais} xes, aves de cores variadas e muitas espécies de quadrúpedes, em geral bravas, em parte por nós conhecidas, em parte desconhecidas. Nelas sempre aparece em quão admiráveis e diversos modos se desdobra a sabedoria divina pela vastidão da terra. É notável a variedade dos papagaios, cuja plumagem de cores diferentes é para eles um ornamento, e, por outro lado, torna-os apreciáveis a língua, apta para reproduzir a linguagem humana. São tão numerosos ali que, voando aos bandos, escurecem o dia como nuvem negra.

Os habitantes ou são livres, como os portugueses, holan- ^{Condição dos habitantes} deses e europeus, em geral e até mesmo os brasileiros indígenas; ou escravos, os quais são ou índios, ou negros comprados já no reino de Angola, já no Cabo Verde e levados para lá. Moram em povoados, cujas casas não são pegadas umas às outras, qual entre nós se usa, mas esparsas, seja por medo de se alastrarem incêndios, seja por imperícia de edificarem. Empregam pedras e telhas, mas não ferro. Quando vão construir uma casa, levantam primeiro os esteios e escoras, estendem sobre eles um ripado sobre o qual armam o telhado, coberto de telhas ou de folhas de coqueiros. Vivem nessas habitações. O andar térreo serve-lhes de armazém e despensa. As paredes laterais são formadas de varas rebocadas, sem capricho, nem elegância. A cidade propriamente contém alguns edifícios bonitos, feitos de pedra, cujos cantos e janelas são de mármore branco, sendo o resto das paredes de alvenaria. Os habitantes, de estatura inferior à dos europeus, resistem pouco ao trabalho. Habitam os paraiba-

Sete povoações. nos sete povoações. A principal é *Pinda-Una*, que conta 1.500 almas, enquanto as outras somente 300. Cada uma destas aldeias consta de cinco ou seis casas oblongas, que se distinguem por pequeninas e numerosas portas, pelas quais se entra e se sai.⁸⁴ Os íncolas andam nus, a não ser que uma tanga cubra as partes viris nos homens e uma camisa de linho resguarde as mulheres. Gostam de estar junto das esposas e não sem ciúmes. São assaz desleixados quanto à criação dos filhos e, desconhecendo disciplina e educação séria, inábeis para tudo o que é elevado, estão por isso presos a uma servidão natural. Têm aos portugueses ódio feroz, e estes lhe retribuem, como réus de perfídia, de ingratidão e de falta de carácter.

As mercadorias que apresentam ao comércio dos estrangeiros são açúcar, pau-brasil, tabaco, couros de boi, algodão e outros produtos. Possui a Paraíba dezoito engenhos, dos quais uns se movem à força de água, outros à de boi. Vêem-se tais engenhos suceder-se nas margens setentrional e meridional do Paraíba.

Entretanto, vindo-me água à boca com a doçura do açúcar, não será estranho aspergir com o doce suco das canas as páginas desta narração, e comparar o açúcar dos antigos com o dos modernos. Esta história, erichada de termos guerreiros, amansará, misturando-se com esta suavidade das cousas e das palavras. E é certamente admirável que não se dome com tão brando alimento a barbárie e que perdue a aspereza e ferocidade dos costumes naqueles que se nutrem com esse néctar e ambrosia.

Fizeram menção do açúcar Plínio, Dioscórides,⁸⁵ Galeno e Hesíquio.⁸⁶ Os botânicos, porém, discutem se este é o mesmo açúcar do nosso tempo. Os que sustentavam que é outro dizem que o dos antigos se cristalizava nas próprias canas, enquanto o nosso se espreme líquido e se condensa ao lume. Dioscórides informa que o dos antigos era quebradiço nos dentes e friável como sal. O nosso logo se liquefaz, convertendo-se num suco viscoso, e de modo algum quebradiço. O dos antigos era bom para o estômago, intestinos e fígado, e o nosso faz-lhes mal. Aquele aplacava a sede, este a excita. Mas os defensores dessa diversidade não esclareceriam facilmente qual seja aquele suco diferente do açúcar que se encontra numa cana da Índia e da Arábia: “Não poderia com esse suco rivalizar o doce mel”, como traz o verso de Varrão,⁸⁷ e do qual diz Lucano: “*Quique bis* ISIDORO, I. *bunt tenera dulces ab arundine succos*”,⁸⁸ pois nada impede o beber-se diluído em água e licor do açúcar. Fiquem, porém, estas indagações abertas ao exame dos eruditos e dos intérpretes dos velhos textos.

A cana sacarina não atinge a altura de uma árvore, mas a do milho e de outras canas, erguendo-se em cálamos de sete a oito pés, com uma polegada de grossura. É esponjosa, succulenta e cheia de um miolo doce e branco. Têm as folhas dois côvados de comprimento, a flor é filamentosa e a raiz macia e pouco lenhosa. Desta saem rebentos para a esperança de nova safra. Gosta de solo úmido,

clima quente e ar mais tépido. A Índia Ocidental é feracíssima destas canas, conquanto também as produza a Oriental. O sumo das primeiras é de louvar pela limpidez e utilidade, e esta utilidade conhecem-na as cozinhas e as farmácias, os sãos e os enfermos, pois serve o açúcar de alimento e de remédio. É, depois da manteiga, um regalo da nossa alimentação e um grato estímulo da gula nos doces e nas sobremesas.

O processo de fabricá-lo, ignorado pelos antigos, é o seguinte:⁸⁹

Arrancadas as canas e limpas das folhas, cortam-se em peda- Fabricação do açúcar ços de um palmo de comprimento. Assim cortadas, são espremidas numa prensa, recebendo-se o sumo numa caldeira de cobre diluído ele em água, ferve durante número certo de horas e vai-se escumando. Evaporada a água, despeja-se nuns vasos de barro – as fôrmas –, que têm o feitio de meda ou pirâmide, e aí cristaliza como sal. O buraco dessas fôrmas, a princípio tapado, conserva o açúcar coalhado e úmido; abrindo-se depois, deixa passar o mel para purgar o açúcar. Depois cobre-se de barro a cara da fôrma, porque se acredita que, repetindo-se várias vezes esta operação, se expelem mais completamente as impurezas, e o açúcar clareia mais. Este é o primeiro trabalho que ele reclama. Entretanto, há mister novas manipulações e cozeduras para se obter um açúcar mais puro e clarificado. Assim, derrama-se no açúcar mais impuro uma lixívia de cal viva e claras de ovo, e, mexendo-se sem parar, escuma-se o caldo, limpando-o das impurezas, e, quando ele, fervendo, ameaça entornar-se, impede-se isto com deitar-se-lhe um pouco de manteiga. Coam-no depois num pano grosseiro ou numa estopa, não estando ainda absorvida toda a lixívia, para se apanharem as fezes que por acaso restem, deixando-o ferver de novo até consumir-se a lixívia. Em seguida o viram, como que renascido, nas fôrmas, cobrem-se as caras destas com barro puro, e, secando este à maneira de crosta, põe-se outro mais algumas vezes, com o mesmo fim que dantes, escorrendo de novo um mel mais grosso e mais impuro.

Distingue-se o açúcar em mole e duro. Este, segundo sua fôrma, chama-se pão de açúcar, açúcar misturado, cândi, e penídio.⁹⁰ O açúcar em pão diversifica-se em açúcar da Madeira, das Canárias, fino, de Meli⁹¹ e de S. Tomé. Os dois primeiros assim se denominam por causa das ilhas donde procedem. O fino é assim chamado por ter chegado ao seu fim, isto é, por ter atingido o ápice da alvura e da pureza. O de Meli tirou a denominação de Meli, ilha da Índia Ocidental, e o de S. Tomé designa-se assim, porque provém da ilha desse nome. Este é de qualidade inferior e trigueiro, empregando-se principalmente em xaropes, conservas, remédios e clisteres. Chama-se misturado o que se transporta em caixas, sendo formado com fragmentos dos outros. O cândi toma o nome dos gregos barbarizados, por que é facetado e, quebrando-se, salta em partículas angulares. A este chamam-lhe os gregos modernos γάντον. Erro é do vulgo e dos ignorantes que tem ele tal nome por derivar este da palavra latina *candor*, como que

significando *cândido*, ou por o tirar da ilha de Cândida, pois nem todo o açúcar-cândi é branco, nem todo o que é branco é cândi. Há, com efeito, um outro açúcar cristalizado, semelhante a um cristal, que se faz com o açúcar fino; há um outro aloirado que nunca clareia, que se fabrica com o de São Tomé e é assaz parecido com ele. O penídio faz-se com o açúcar em pão, com o de S. Tomé e até mesmo com o misturado. Recomenda-se por mais alvo, mais raro e mais moderado no calor.

Em 1634, invadiram a Paraíba os coronéis Schkoppe, Artichofski, Hinderson e outros e, expugnados todos os fortes, atribuíram-na à Paraíba vencida pelos nossos no ano de 1634 Companhia. É próxima dela, para o norte, a colônia do Rio Grande, que deve também o seu nome a um rio notável, cujo acesso é muito difícil por causa dos bancos de areia e do mar pouco fundo, mas tem terras do sertão muito amenas. Chamam-lhe os bárbaros Potengi.⁹² Foi navegado pelos franceses, os quais, aliando-se aos indígenas, ali se estabeleceram. Os portugueses expulsaram aos franceses com auxílio do governador da Paraíba, Feliciano Coelho,⁹³ submetidos também, com alguns combates, os gentios. Caiu a região em nosso poder, tomando-se-lhe a fortaleza em 1633. Capitaneou a expedição Matias Ceulen, tendo batalhado valorosamente, de um lado por terra, doutro por mar, os famosos cabos de guerra Byma, Cloppenburg, Friese, Lichthart, Garstman e Manfeld. E posto se tivesse por invicta a fortaleza, à conta do seu sítio, açoitado pelo mar próximo, e de suas munições, ainda assim se deixou vencer pelas armas batávicas, mostrando com o seu exemplo nada ser impenetrável ao denodo. Assentada sobre um rochedo, debruça-se sobre o rio, cingida por um muro de pedra bastante alto e provida de artilharia contra toda a violência, sendo assim difícil o aproximar-se dela e possível o defendê-la com pequeno presidio. Quando ainda pertencia ao partido real, chamava-se o Forte dos Três Reis Magos. Adotando-se agora para ele a denominação de Forte de Ceulen, passou simultaneamente para o poder e recebeu o nome do conselheiro holandês.⁹⁴ Mudados os regedores da possessão, foi pouco mudar o nome das coisas.

Demorando-se Nassau às margens do São Francisco, vieram ter com ele emissários do rei dos tapuias, com presentes, arcos, flechas, lindíssimas penas de ema,⁹⁵ com as quais se enfeitam indo para a guerra. Com a devida cortesia, aceitou-os como dádivas de paz e de um começo de concórdia e penhores de bem-querença, e, tratando digna e magnificamente aos embaixadores, retribui os mimos, mandando-lhes vestimentas de linho, camisas de mulher, facas, chocalhos, miçangas, corais, anzóis, pregos, objetos para eles desconhecidos ou pelo menos raros. Sobremodo contentes com isso, retiraram-se, prometendo persuadir seu rei de aproximar-se do Conde e vir saudá-lo.

Fez Maurício restaurar na Paraíba o forte arruinado do Cabedelo ou de Sta. Catarina na Paraíba e guarnece-lo com um fosso mais largo e mais fundo e,



A. Templo velho.
B. Cereais.

C. Colônias de Java.
D. Tipo fluminense.

E. São João manifestando
sua vitória sobre os índios.

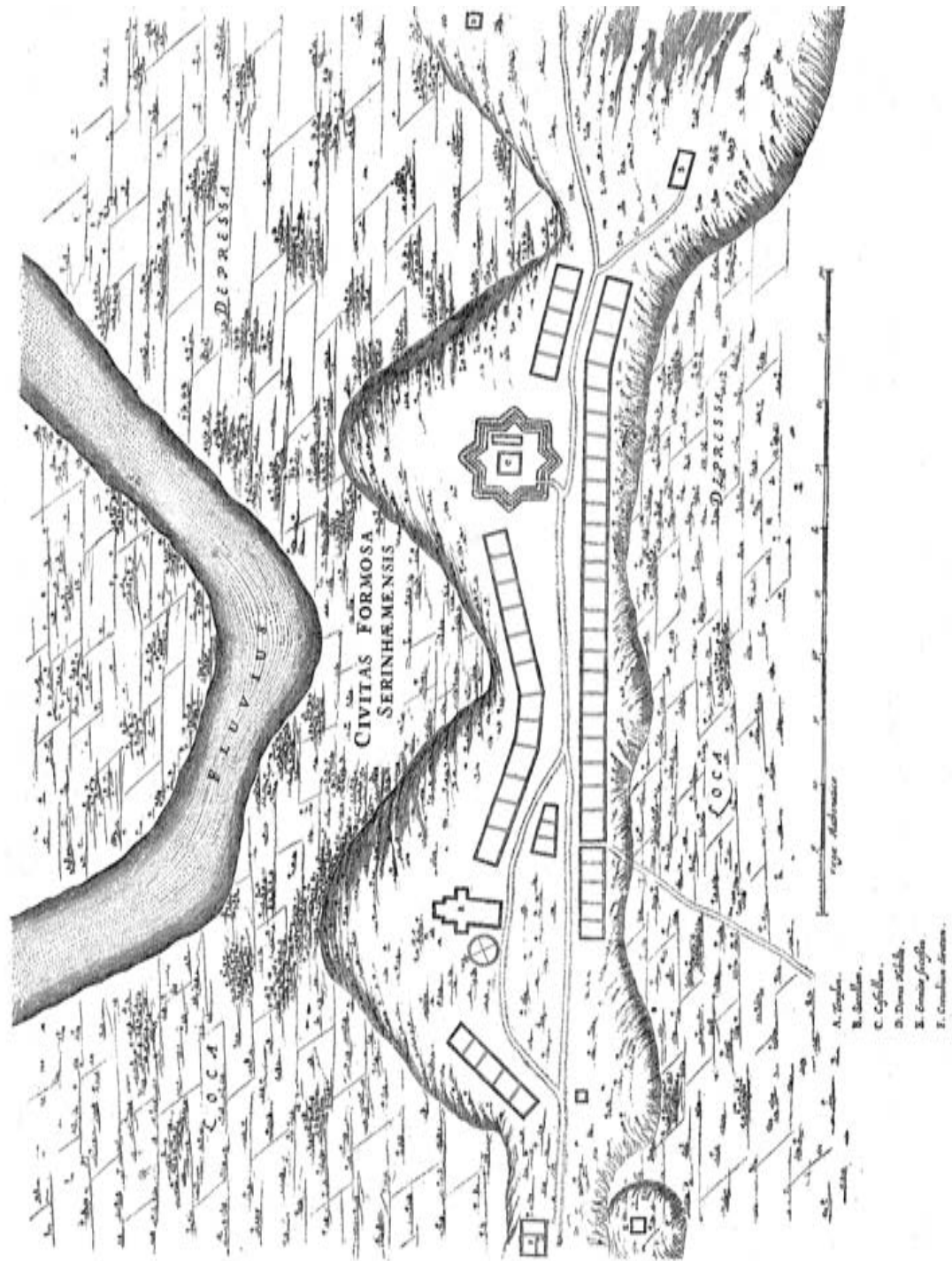
Maurício restaura fortes por cima, com uma coiraça. Mudou-lhe Nassau o nome para o de Margarida, como se chama sua irmã. Abandonou na margem setentrional do rio um outro forte – o de Santo Antônio –, por causa das grandes despesas, deixando ali somente uma torre para a defesa do lugar. Mandou que os Elogio de Elias Herckman soldados cercassem com paus e estacas uma fortificaçõzinha – a Restinga –, e com uma trincheira o convento da Paraíba, procrando garanti-los contra os súbitos assalto dos inimigos. Confiou esta incumbência a Elias Herckman, diretor da Paraíba, homem que, além de muitas virtudes, era dotado de engenho agudo e dado ao cultivo da poesia holandesa.⁹⁶ Demais, calejado nos lances da navegação, marítimo experimentado, demonstrava inquebrantável fidelidade aos seus senhores e indefesa operosidade.

Com o rodar do tempo, não faltaram seus casos à fortuna das armas, assim na terra como no mar.

Combate naval entre Schaap e os espanhóis Travando combate naval, entre a baía de Todos os Santos e a Torre de Garcia de Ávila, com algumas naus espanholas, pelejou bravamente o capitão Schaap, marujo em extremo valoroso. De uma delas teve de abrir mão, por muito possante e apercebida de soldados e artilharia; outra encalhou-a nos parcéis da costa e só conseguiu por despojo da vitória a terceira. Recebendo um ferimento, ficou aleijado, mas à pátria se mostrou útil e glorioso.

Cartas de portugueses interceptadas No vaso capturado, encontraram-se maços de cartas escritas pelos portugueses, as quais nos revelaram, com juízos diferentes, os planos e intuits dos espanhóis contra nós. Algumas havia que referiam estarem fundeados no Tejo, diante de Lisboa, dez galeões e em Cádiz vinte, aos quais se iriam juntar trinta naus de transporte. Era opinião de uns tantos que se apresentava aquela armada para o Brasil; era a de outros que simulara o rei esta causa de necessidade, segundo o costume dos príncipes, para se apoderar, com tal pretexto, do dinheiro do povo, pois aos portugueses importava a restauração do Brasil. Neste desígnio, exigira o monarca novos impostos, o quinto dos bens. Isto levantara o povo a tal ponto que, agredindo os exatores reais, os havia trucidado em diversos lugares. O castelhanos, folgando com esses levantes, exerciam mais duro império contra os portugueses, a título de rebelião. O rei em pessoa se pusera à frente de um exército para reprimir os povos de Évora, do Alentejo e dos Algarves.⁹⁷ Havia outras cartas que declaravam já estarem serenados os tumultos e procederem da plebe as desordens, tendo-se a nobreza conservado quieta; que em breve a armada se faria de vela para o Brasil, a fim de restaurá-lo. Deveria comandá-la o conde de Liniarez; que, entretanto, definhava ele, minado por um veneno. Oquendo demandaria Cádiz para aprestar a frota, cujo comando lhe seria dado.

Estas notícias não abalavam muito o Conde, não só porque não poderia a armada aportar nos meses do inverno, mas ainda porque eram incertas as outras informações, impedindo o rei com a guerra contra a França.⁹⁸ Este, como



traziam aquelas cartas, entregando-se mais à caça, procurava compensar, com lançar-se aos prazeres, a perda de suas terras e cidades, a ele arrebatadas pelo francês e pelo batavo triunfantes.

Maurício, portanto, julgou de vantagem, enquanto estava suspensa a empresa dos espanhóis, valer-se das condições favoráveis para aumentar, em novos comentimentos, os domínios da Companhia. Desejava também apoderar-se no mar da dita armada. Acreditava que, desbaratando-a, se aquietara o Brasil, coisa propícia à produção e comércio do açúcar. Nesse intento, pedia aos diretores da Companhia lhe mandassem o maior número possível de naus, recomendando-as por duplo fim: servirem para vencer o inimigo e depois transportarem açúcar. Não cessou o inimigo, conquanto ocupasse o sul do rio de São Francisco, de causar danos aos nossos. Levou prisioneiros para a Torre de Garcia de Ávila alguns marinheiros que haviam saltado em terra com o fim de capturar gado, e, atravessando em canoas o rio, ganhou-lhe a margem setentrional, onde caiu de improviso sobre os nossos soldados, que vagavam descuidosos nas paragens do Cururipe.⁹⁹ Além disso, chegando mais longe até o rio de S. Miguel¹⁰⁰ e percorrendo os territórios das Alagoas, Una e Porto Calvo, marchou por aí devastando, associados a si bandos de saqueadores. Aos portugueses tratava mais brandamente, mas com os judeus e com os holandeses mostrava ferocidade. Contra esses depredadores foi mandado Picard, apesar de serem escassas as guarnições holandesas, e, rondando ele com patrulhas distintas as vias públicas e encruzilhadas, rechaçou, para as matas, com o terror por ele infundido, os salteadores, que andavam em maltas volantes, não adstritas a nenhuma disciplina militar, mas atirando-se à presa que a sorte lhes oferecia.

Finda a jornada da Paraíba, Nassau, como participando, pelos laços de sangue, da glória que, em altos precônios, celebrizava Orange em todas as nações pela tomada de Breda, mandou-lhe uma carta, na qual com ele se congratulava “*por tamanha vitória em razão da importância da praça, da celeridade do cerco, dos labores e lances e por haver ele príncipe escapado ao perigo da morte comum*”. E acrescentava: “*que pela escassez de bastimento e de soldados, lhe haviam passado sem grandes feitos os meses do estio. Fora por isso à Paraíba e ao Rio Grande com ingentes rodeios, percorrendo por terra 135 léguas, para munir os lugares fracos e restaurar por toda a parte as fortificações desmanteladas. Haviam chegado ao Recife doze naus holandeses com assaz de provisão e petrecho bélico, mas com 200 soldados somente de reforço. Tinha determinado atacar a cidade do Salvador com os soldados que estavam à mão, no máximo uns 3.100, exceto 1.200 índios. Esperava impedir o abastecimento da cidade, a qual, segundo ouvira de fonte autorizada, padecia falta de vitualhas. Bagnuolo, acampado com um poder de 1.300 soldados e 500 índios juntos à Vila Velha, espreitava ocasiões de se lançar a empresas. O inimigo, conforme corria voz, estava prestes para batalhar conosco, e este era também desejo dos seus*”.

Começou, pois, Maurício a revolver no pensamento esta fac-
 ção de maior tomo e de maior labor, isto é, a expugnação da Bahia e
 de sua metrópole, da qual, tendo-nos antes dela senhoreado com va-
 ronil audácia, fomos depois privados por feminil covardia, por se haverem os
 guardas entregado à lascívia. Por cartas reiteradas dos diretores da Companhia,
 foram ao Conde prometidos auxílios para esta expedição. Tardando, porém, estes
 e passando a quadra do ano própria para a guerra, o Conde, maior na grandeza
 do ânimo do que nas forças então disponíveis, convocou os soldados de todos
 os presídios e recenseou 3.400 holandeses e 1.000 brasileiros. Determinou que
 estes se reunissem aos holandeses, presumindo que entre uns e outros se havia
 de dar emulação de valentia. Aprendera que se faz de um modo a guerra interna
 e de outro a externa; que, na primeira, tem-se de sustentar a luta, utilizando as
 forças militares que a pátria subministra, e que, na segunda, pode vencer-se o ini-
 migo ainda mesmo por meio dos seus, os quais, impacientes de uma dominação
 diuturna e feroz, abraçam avidamente o auxílio estrangeiro. A despeito de saber
 Nassau muito bem que, com seu exército, não estava apto para meter ombros à
 expedição projetada, por ser mais poderoso o competidor, todavia não desistiu
 da empresa, alentado com a expectativa quotidiana das tropas auxiliares que lhe
 viriam da Holanda. Também incitavam o Conde os diretores europeus, apertan-
 do-o de contínuo para realizar a conquista da Bahia, na qual levava a mira. Era
 ali, diziam eles, o principal refúgio dos portugueses; era ali que se dava
 a máxima atenção à resistência contra o invasor e à honra do rei da
 Espanha; em nenhuma outra parte havia mais engenhos de açúcar e presa mais
 rica; com aquela vitória poderia o Brasil dentro em breve estar todo sujeito à Ho-
 landa, e nenhuma outra cidade galardoaria mais dignamente os vencedores e cau-
 saria danos mais certos aos adversários. Da própria Bahia e da cidade de São Sal-
 vador se denunciava ao Conde que a soldadesca das guarnições, queixosa por
 não lhe serem pagos os soldados, se inclinava para a rebelião; que havia divergên-
 cia entre Bagnuolo e o governador da Bahia sobre o modo de se fazer a guerra;
 que os baianos simpatizavam conosco e seriam nossos, segundo a vontade da
 fortuna; que o Conde, pela sua moderação, clemência e benignidade para com os
 portugueses, ganhava-lhes os ânimos, atraindo-os a si dia a dia; que o inimigo se
 sentia fraco pela penúria de armas e mantimento.

Maurício, cobrando maior ânimo com estas notícias e para não se
 acreditar que lhe faltava inteira confiança no seu próprio valor e no dos seus
 ou na fortuna da guerra, sabendo, demais disso, que nem sempre entram em
 peleja exércitos iguais até o equilíbrio, pois mais de uma vez as maiores hos-
 tes foram desbaratadas por um poder exíguo alentado por uma exígua espe-
 rança, preferiu tentar a sorte dúbia das armas a retardar, num ócio malvisto,
 as vantagens e a glória da Companhia. Neste entremeio, esperava chegassem,
 ou no começo do cerco ou no curso dele, os reforços enviados da Europa.

Tendo de partir para uma campanha fora do país, para não deixar suas províncias expostas às irrupções dos inimigos e às convulsões intestinas, ordenou as providências que importavam à segurança delas. No Recife foram os cidadãos alistados em quatro companhias, cada uma com o seu comandante, para a guarda do lugar, acrescentando-se-lhes uma companhia de soldados pagos, sob o coronel Nicolau Ritter. Compunha-se cada uma de 130 homens. Na Paraíba deu-se uma guarda cívica de 150 homens para a defesa da cidade Frederica. Na ilha e na vilazinha de Itamaracá acantonava-se a do coronel Schkoppe, contando só 40 soldados. Assim também se formaram e colocaram guarnições em outras localidades do litoral, conforme o reclamavam as necessidades.

Em abril de 1638, ao entrarem as chuvas,¹⁰¹ realizadas antes preces públicas, as quais são os piedosos inícios das ações que se vão praticar, proveu Maurício de mantimentos, armas e outros petrechos bélicos 22 naus para as necessidades do assédio, esperando que melhor obteria do inimigo o restante. Sem delongas, chamando para conselheiro o almirante Gisselingh, membro do Conselho Supremo e Secreto, partiu de Pernambuco, com vento de feição, aos 8 de abril e, fazendo-se ao largo, surgiu diante da baía de Todos os Santos, após seis dias de próspera viagem. Sói-se fazer tal derrota, nesta quadra do ano, apenas em quatro ou seis semanas. Uniram-se depois à esquadra nove naus, que se mandaram na dianteira abrir caminho para aquela navegação, de sorte que, ao declinar do dia, tivessem ante os olhos a chamada *Terra Branca*, a fim de não perderem de vista a frota, desgarrando-se. Demandando do mar alto a terra, avistaram os holandeses primeiro a Torre de Garcia de Ávila e a de Santo Antônio. Era parecer do Conde entrar no dia seguinte a baía de Todos os Santos. Soprando, porém ventos ponteiros, parou algumas horas junto à barra do rio Vermelho,¹⁰² demorando acinte a derrota com os bordos que fazia. Isso justamente enganou ao governador da Bahia, o qual, suspeitando que se ia transportar para aquele local todo o peso da guerra e se preparava ali o desembarque, lá concentrou às pressas o exército, acompanhando-o Bagnuolo com forças.

Favorecendo depois os ventos, mesmo ao meio-dia, foi Maurício levado, com o fluxo da maré, para dentro do Recôncavo, entre os raios e trovões que, de uma banda, vinham dos acampamentos e, da outra, das naus inimigas da cidade, de todos os lados enfurecendo-se em vão a artilharia contra a nossa armada. Quando o sol, como que atento aos feitos e movimentos dos holandeses, já dobrava o zênite, achava-se ancorada a frota, debaixo mesmo dos fortes dos inimigos. Depois, conduzidos na esquadra um pouco além da ponta do forte de S. Bartolomeu,¹⁰³ desembarcaram os soldados, sem nenhuma resistência, a légua e meia da cidade, num lugar muito vantajoso, onde se via um morro nu e aberto, despido de matagais, sendo-lhe os va-

les regados de águas frescas e doces. Assentados aí os arraiais e postos rapidamente em terra todo o aparato bélico e mantimento soube Nassau de uns prisioneiros que, cerca de meia légua do nosso campo, havia uma garganta difícil de passar, só dando trânsito a um de fundo na baixa-mar, por causa dos charcos e atoleiros em derredor dela, os quais vedariam marcharem os soldados em batalhões. Em vista disso, foi mandado na frente o major Turlon Envia na frente Turlon em reconhecimento com trezentos mosqueteiros para reconhecer o sítio. Encontrou ele o inimigo perto daquela garganta, o qual a tinha já ocupado, munindo-se com trincheiras e valo. Obrigado Turlon por essa razão a fazer recuar os seus diante da maior força do adversário, expôs ao Conde a situação do lugar e os perigos do desfiladeiro. Não se importou este com tais estorvos e, para não perder em deliberações o tempo de entrar em ação, ordenou o exército no morro em frente do inimigo, ficando de permeio a tal garganta, entre nós e nossos contrários. Ao mesmo tempo, determinou ao vice-almirante João Mast rumasse em linha reta para a cidade, e, ancorando fora do alcance da artilharia, aguardasse novas ordens. Não era outro o plano do Conde senão retirar do desfiladeiro ao inimigo, causando-lhe outro temor maior. De fei- Abandona o inimigo o desfiladeiro to, temendo este dano para a cidade desguarnecida, às pressas arrebatou os soldados da garganta, que abandonara, para a cidade, ainda que divergiam os comandantes, os quais aconselhavam travasse a soldadesca combate com os holandeses, e, mais forte, os atacasse primeiro, por serem mais fracos e estarem fatigados da viagem e dos incômodos do mar. Insistiam em que não havia refúgio para os nossos, a não ser junto às costas, nas naus e no mar: que para si havia-os na cidade e nas suas proximidades, e por isso haviam de pelejar em condições e em lugar mais favoráveis.

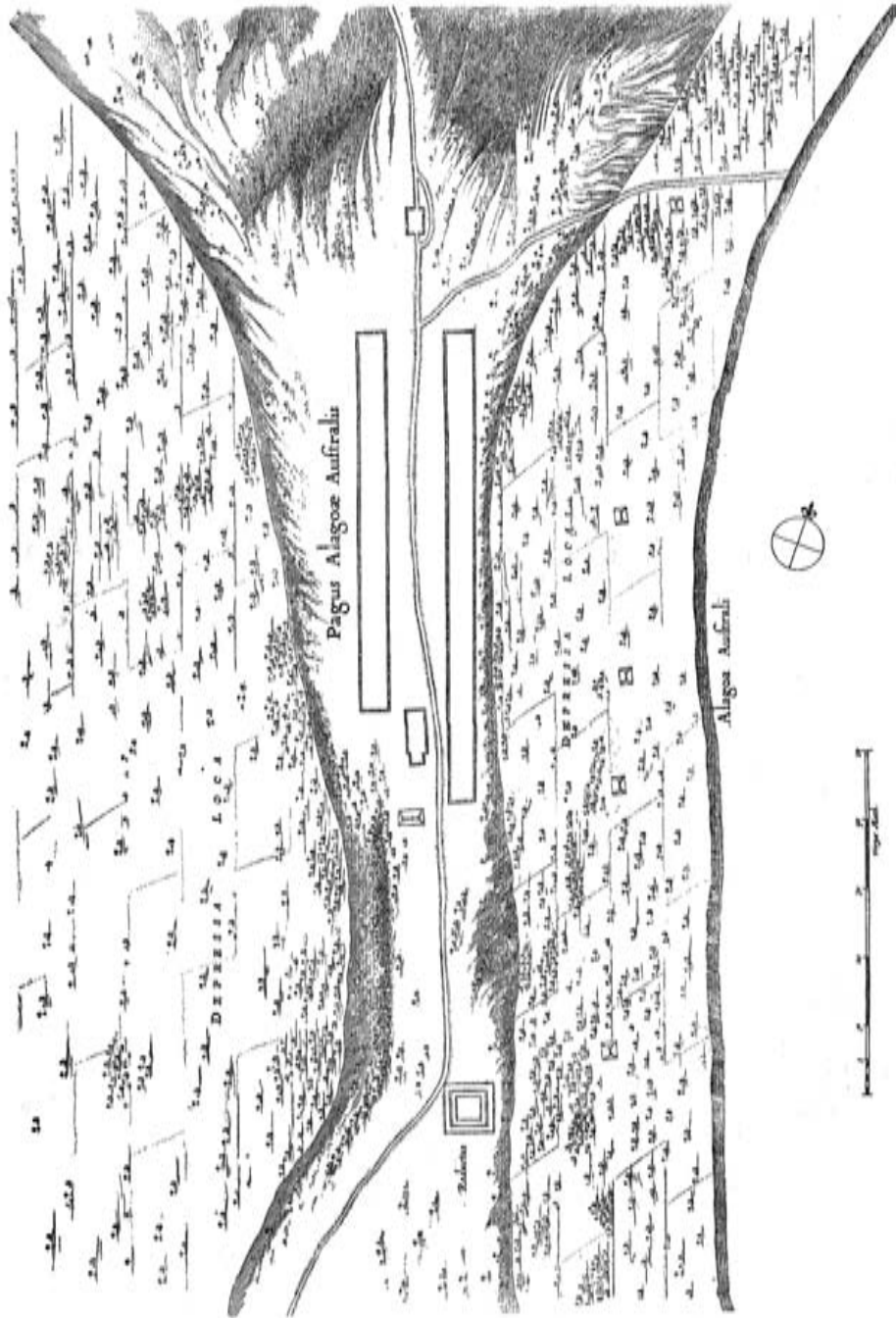
Crescendo já a maré, via-se Nassau impedido de pene- É ocupado pelo Conde trar aquele mesmo dia o desfiladeiro. No seguinte, levantando o acampamento, marchou contra a garganta para forçá-la, se pudesse. De novo, porém, a tinha ocupado com infantaria ligeira o general português. Depois de ter Maurício pelejado com ele, servindo-se de peças de campanha, e de lhe ter derribado alguns, fê-lo largar a posição. Nós, tomando e passando na mesma tarde o desfiladeiro, ficamos sobremaneira admirados da estulta fuga dos portugueses, aos quais teria sido facilímo defender o passo com pouca gente. Avançando mais, quase meia légua da cidade, por toda a parte encontramos e repelimos tropas inimigas guardando as estradas, as entradas Coloca os acampamentos junto à cidade e margens dos rios, até que, estabelecido o acampamento mesmo debaixo das fortificações externas da cidade, esperávamos a ofensiva dos adversários. Abrigados estes de sua artilharia, que estava no alto, tinham disposto os soldados, ao que parecia, para combaterem sob as muralhas. Entretanto, contendo-se em sua posição, com freqüentes disparos de peças alvejaram aos nossos e causaram algum dano à companhia de brasileiros, em

Toma o forte de St° Alberto, S. Filipe e S. Bartolomeu extremo descuidosa. Ocuparam os holandeses o forte de Santo Alberto, construído de pedra, o qual tinham os portugueses abandonado. Garantiu ele o nosso campo de ser sitiado e investido da banda da praia. Mandou o conde circunvalá-lo, e depois, por intermédio do tenente-coronel Brand, recebeu outro forte – o de S. Filipe –, situado na costa, com pequena guarnição, o qual capitulara, posto que se defendesse com cinco bocas-de-fogo. No dia seguinte, apoderou-se do forte de S. Bartolomeu, terrível por treze peças e providíssimo de grande cópia de petrechos bélicos. Tendo-nos caído nas mãos estas fortalezas, ficou-nos livre o acesso às naus para recebermos mantimentos, de que se podia prover a soldadesca em terra apenas por oito dias.

Levanta baterias Depois, a mandado de Nassau, levantaram-se duas baterias, uma para sustentar cinco peças grossas e a outra para duas menores, a que chamam de campanha. Enquanto nos ocupamos em construir essas trincheiras, fizeram os portugueses freqüentes surtidas, ora com 300, ora com 400 homens das guarnições; mas foram inócuas. Atirando continuamente das baterias contra o forte do Rosário, que era ao pé do morro, expulsamo-lhe o presidio. Entretanto, por causa da estância inimiga próxima, a cujos tiros estava exposto o dito forte, não pôde ser ele tomado e ocupado pelos nossos, de sorte que não era de nenhuma das duas partes: constituía mais propriamente matéria de glória marcial que de vitória, antes arena disputada de quem estava com desejo de guerrear do que de quem triunfava da sorte do contendor.

Para a defesa da cidade, estendia-se-lhe em frente, nas alturas do Convento do Carmo, uma obra cornuta, da qual era fácil encarniçar-se a artilharia contra o forte e contra nós. Os habitantes da cidade, trabalhando uma só noite, num ardor incrível, tinham erguido a quatro pés de altura aquele hornaveque. Assim, nem podiam os nossos ofender aos cidadãos, nem estes disparar contra aqueles os mosquetes e espingardas, à conta de um muro levantado no alto dele, Combate-se ardorosamente o qual separava os beligerantes. Importando-nos expugnar o tal hornaveque, incumbiu-se a empresa a quatro capitães e a quatrocentos soldados, adicionando-se-lhes vinte granadeiros e duzentos sapadores. Uma alocução do Conde, que sabia sempre tratar os ânimos militares, estimulou-lhes a ousadia. Porfiando, com grande bravura, contra o inimigo, deram sobre um troço de quatrocentos soldados ocultos num matagal. Pelejaram com resultado incerto, havendo perdas quase iguais de parte a parte. Vencido esse troço, surgiu novo trabalho causado por duzentas sentinelas, que, desde o recontro, lançando as armas com um medo ignóbil e pedindo em vão a vida, caíram mortos pelo furor da soldadesca.

Ataque frustrâneo contra a obra cornuta Era noite de luar, quando, investindo a obra córnea, tentaram os nossos a escalada após renhida peleja de duas horas. Foi, porém, um esforço inútil: para ali conduzira o inimigo toda a força da guerra, combatendo



como se o conservar aquela posição fora o ponto central da luta. Acreditava-se ter sido ele avisado por um trãnsfuga, pois antes nunca defendera o que era seu com tão fortes atalaias. Com extraordinária destreza dos soldados, já se haviam arremessado contra o hornaveque mais de trezentas granadas, defendendo-o, com igual ânimo e valentia, os portugueses, como se ali pugnasse pela salvação da cidade.

Além disso, punham eles toda a diligência em fechar de lado o caminho aos nossos, fazendo surtidas freqüentes (pois tinham maior número de soldados), às quais se resistia tenazmente, destacando-se para isso quatro companhias sob o coronel Hinderson, que, para garantir o caminho, se batia com o maior ardor em recontros sangrentos, morrendo vários de parte a parte. Depois tomba-
Morreram o capitão Howin e o eng^o Berchem e outros comandos ram o capitão Howin e o engenheiro Berchem, quando estavam de todo ocupados em tomar aos adversários a artilharia e a levar os soldados para a estância inimiga. Declinou então para os holandeses a fortuna da guerra e, menos favorável, arrebatou-lhes as melhores ocasiões para atuarem. Caíram mortos os estrenuíssimos e experimentados capitães Abraão Ebrecht, Bongart e Hollinger e noventa e quatro soldados, pródigos da vida em prol da honra pública.

Raiando o dia, jaziam esparsos os cadáveres dos inimigos de envolta com os dos nossos, mostrando como fugiram e como resistiram. Por isso, combinado para aquele mesmo dia um breve armistício, aplicaram-se as duas partes rivais a enterrar os mortos. A maioria dos corpos dos nossos, encontrados dentro dos valos dos inimigos, mereceram do lugar onde tombaram, senão a glória de vencer, ao menos a do valor e do arrojo militar.

Informado o general português, por trãnsfugas e prisioneiros, da pouquidade do nosso exército e da nossa soldadesca, e terminadas já as trincheiras que, pouco havia, começara, marchou ele contra nós, com forças muito mais numerosas. Construindo-se baterias nos cimos dos morros, atirava-se sem perigo contra as posições holandesas, impossibilitados nós de o impedir, por causa dos paus que mediavam, os quais o inimigo ligara às suas fortificações por um terrapleno. Disto resultou para os acampamentos batávicos o desastre de caírem, dia a dia, muitos mortos com o canhoneio, ficando vários feridos. Não intermitente, mas num furor contínuo, dia e noite, a artilharia jogava contra as nossas estâncias abertas. Se noutras ocasiões era ela danosa, então ainda o era mais por causa do tempo chuvoso, em razão do qual conjecturava com acerto o inimigo estarem os nossos soldados dentro das barracas, conquanto grande parte deles, abandonando os quartéis, se haviam refugiado em esconderijos na terra e nas brenhas.

Por outro lado, os batalhões, ora de quinhentos, ora de seiscentos homens, que destacara o Conde para o sertão a fim de impedirem o abastecimento e de comboiarem o gado, voltavam vazios por causa dos batalhões muito mais poderosos dos contrários e das forças defensoras das provisões, que, garantindo-os,



C. G. J. J. J. J.
D. J. J. J.

A. T. J. J. J. J.
B. J. J. J.

lhes permitiam tanger para a cidade manadas do seu gado. Acrescia esta desvantagem: distantes quatro léguas da costa os arraiais, fora fácil aos trãnsfugas passar para a cidade, e por eles puderam os inimigos ficar inteirados do local, das forças e dos planos dos acampamentos.

Se bem fizesse Nassau, com o maior empenho, que não se transportassem bastimentos do mar para a cidade, aconteceu, todavia, que Causas de se ter levantado cerco entraram duas naus de mantimentos, graças à noite escura e tempestuosa, a qual, assim como nos furtou ao inimigo, assim também furtou este a nós. Desabaram, com efeito, tão violentos temporais que, numa só noite, doze naus, perdendo as âncoras, abalroaram umas com as outras com o maior risco e não sem perigo de naufrágio.

Em conseqüência, sabendo o nosso general que aos votos dos comandantes nem sempre correspondem os eventos das guerras, e que nem sempre os desígnios divinos se sujeitam aos dos homens, dividido muitas vezes o império de Deus com o de César, examinou rigorosamente, com o conselheiro Gisselinhgh e outros comandantes de terra e de mar, o aspecto da presente guerra, o estado dos acampamentos e todas as circunstâncias da empresa, concluindo o seguinte: que desfalcado o exército, restavam apenas, aptos para a luta, 2.400 soldados e 900 brasileiros; que com tais forças, não era possível nem a própria defesa, nem o ataque contra os inimigos protegidos por diversos fortes e trincheiras, nem impedir o transportarem para a cidade as coisas necessárias; que as fortificações deles holandeses estavam expostas ao inimigo, postado nas partes mais altas, resultando daí a certíssima dizimação dos mesmos; que a quadra chuvosa do ano era a pior geradora e alimentadora de doenças entre eles, já tendo morrido João Wendevile, capitão da guarda do Conde, e bem assim o capitão Israel Twyn e diversos soldados rasos; que, dia a dia, rareavam as fileiras, sem haver socorro às mãos, enquanto para os adversários crescia a força e o exército, porque de toda a parte eram os indígenas convocados às armas, conforme evidenciavam os seus desertores e as cartas interceptadas; que tinha o governador nas guarnições 2.000 infantes, parte portugueses, parte castelhanos; que o Conde Bagnuolo trouxera em auxílio 1.400 e mais 800 brasileiros, que se calculavam em 3.000 os cidadãos em armas, entrando nesta conta até eclesiásticos e estudantes; que, ademais, tinha ele duas companhias de cavalo, além de escravos negros e mulatos e gente trazida dos campos, todos providos de armas; que se pode mais facilmente defender com muitos o que se possui do que expugná-lo com poucos. Além disso, levou-se em consideração no conselho que, por inútil demora no território inimigo, se iria sacrificar a força principal da milícia brasileira, tornando-se patentes às ciladas e assaltos dos contrários as nossas possessões em outros lugares, resguardadas por módicas guarnições; que convinha escolher antes os expedientes cautelosos pelo conselho do que os prósperos pelo acaso, não merecendo a aprovação dos homens prudentes a pertinácia dos planos desesperados. Prouve,

portanto, a todos antes suspender o cerco tentado que lançar em maior discrimine e incertezas do acaso o resultado geral da guerra, pois era preferível reter as possessões a esperar de um tentame vão êxitos duvidosos, e a insistir uma empresa ancípíte.

Às vezes cede o ânimo generoso à necessidade, e, inferior às forças da fortuna, atende à utilidade pública que fala; porque, se a gente não adere a resoluções mais arrazoadas, tem de sujeitar-se a quem segue com obstinação caminhos incertos. Mais facilmente persuadiria eu destas razões os espíritos vazios de paixão ou os não sujeitos a ela, e menos facilmente os malévolos e aqueles que só avaliam as virtudes de um general pelos seus êxitos. Em nós é vezo comum julgarmos ser dado a um general ganhar com as armas tudo quanto abrangemos em nossos desejos, e estar patente aos soldados quanto será a cobiça. Estivéssemos na situação deles, e outro nos seria o pensar. Notam os historiadores que raro se faz um exército retroceder ou se dá o sinal de retirada sem algum perigo. Nassau fez isso, porém hábil e militarmente.

Estando tudo combinado e disposto para a partida, recolhida às naus a soldadesca, o aparelho bélico e até mesmo a artilharia tomada ao inimigo, preparou sem estrépido a retirada. Para evitar que os soldados a percebessem intempestivamente, comentando-lhe às tontas o ato, ordenara antes Nassau se transportassem do acampamento para as naus as peças de artilharia, com se fosse trocá-las por outras, o que acreditou a soldadesca. Determinou que muitos saqueassem a ilha próxima e que deixassem no acampamento as mulheres dos brasileiros, com os quais marcham estas para a guerra, a fim de afastar do espírito dos seus a suspeita da retirada. Além disso, no próprio momento de sair, empregou os sapadores em reforçar as munições, em levantar baterias e em estender trincheiras, para que o inimigo nada percebesse da retirada e não fosse atacar pelo desfiladeiro a retaguarda dos retirantes. Ficou a operação oculta aos portugueses, os quais, em nascendo o dia, atiravam contra o nosso arraial com o mesmo furor de antes, até que, pelas nove da manhã, já não observando movimento no nosso campo, cessado o tumulto das armas e da guerra, saíram de suas fortificações e encontraram vazios e abandonados os entrincheiramentos dos holandeses. Incendiando aí as barracas, testificaram da cidade o seu efuso regozijo com salvas de artilharia.

Nesse mesmo dia, conservou o Conde a nossa armada no próprio Recôncavo, distribuindo os soldados pelos vasos. Mandou um corneta à cidade para tratar o resgate de sessenta prisioneiros, mas em vão, porque o inimigo, mais insolente com os seus venturosos sucessos, se mostrava obstinado. Ainda se achava o corneta na cidade, quando abicou uma nau portuguesa, com dez bocas-de-fogo de cada bordo e provida de copiosa gente de peleja, anunciando estarem presentes socorros e tropas de reforço. Recreou-se o governador com tal notícia, e, perdido o temor e como que alcançada a segurança, detonou três vezes

a artilharia. Não afungentara esta nau portuguesa à nossa armada, mas éramos impedidos pelo vento contrário de nos aproximarmos dela, incendiando-se inutilmente os ânimos da maruja com a presença da presa.

Compreendeu-se então que haviam sido falsas as informações dadas a Nassau sobre a discórdia entre Bagnuolo e o governador da Bahia, pois cedera este àquele toda a sua autoridade sobre a milícia e a administração da guerra, havendo o bispo acudido com dinheiro à aflitiva inópia da soldadesca queixosa.

Penetrou fundo no ânimo de Maurício não ter ele podido, por falta e por demora de auxílio, vingar, nesta célebre expedição, o renome da Pátria, da Companhia e o seu próprio, pois estaria pronto, estimulado pelos exemplos gloriosos de sua família, para dar a vida por isso.

Não pesaram à Companhia os gastos feitos com a empresa porque os As despesas com a expedição compensadas com as tomadias feitas compensaram os despojos pouco antes ganhos na África e a venda de quatrocentos negros. Entretanto muito lhe doeu a Nassau a morte de valoríssimos capitães e de esforçadíssimos soldados. Em todo o caso, dizia ter colhido um proveito: lustrara de perto, com os próprios olhos, a posição e a resistência da cidade, dos fortes e de toda a região, achando-se mais apto para retomar, com as guarnições e tropas auxiliares e em ótimas condições, o empreendimento que intentara.

Depois o general, prevenindo-se para o futuro e receando as censuras que de longe lhe fariam, dirigiu aos Estados-Gerais a carta do teor seguinte, na qual lhes dava conhecimento dos atos praticados:

Carta do Conde aos Estados-Gerais *“Entregara-se-lhe o governo supremo do Brasil para defender ele o que já se conquistara e ganhar o que ainda não se conquistara. Entretanto, não é possível, sem soldados nem armas, garantir ou dilatar os reinos: sem estes meios, esmorecem os planos bélicos e fraqueia tudo o mais. Dia a dia, se lhe desfalcavam as tropas, extintos uns pela violência da guerra, consumidos e combalidos outros pela doenças e pelos incômodos das caminhadas; tendo outros obtido baixa, depois de desempenharem por brio marcial os seus deveres e serviços, e pedindo-a outros diariamente em razão da milícia pesada e infrutuosa. A estes retinha ele sob as bandeiras, não com larguezas e ambições, mas por boas maneiras, por brandura e severidade. Além disso havia mister mais guarnições para resguardarem dos danos e devastações dos inimigos os vastos territórios que se estendem desde Serinhaém e Porto Calvo até as margens do São Francisco. Ao contrário, ficavam dispersas as forças militares, tornando-se incapazes de proteger a República contra as inopinadas invasões do inimigo. Acometera a cidade de São Salvador com maior fama e estrépito que proveito. Aos combatentes não lhes faltara coragem, mas número. Na expectativa daquele cometimento, fora afagado mais pelos seus desejos do que pelas suas forças: da fortuna esperara os sucessos da guerra, os quais poderiam tê-los dado ou a diligência dos seus ou uma sorte mais feliz. Se lhe fosse permitido fazer contas, ao número de gente de guerra que, por acordo geral de todas as câmaras da Companhia, havia sido prometido, ainda faltavam mil e duzentos homens, além daqueles que ordens*

do Príncipe de Orange e dos diretores da Companhia determinaram se reservassem para outras expedições. Era ainda desejo seu fossem eles remetidos. De fato, não basta, — são palavras do Conde —, decretarem-se para o Brasil as providências mas úteis: é necessário executarem-se a seu tempo. Para quem guerreia é vantajosa a celeridade e perigosas as procrastinações. Não dão remédio na necessidade as forças militares, se não são conscritas com antecedência, para que, consumidas as primeiras, não sejam ineficazes as subseqüentes. Não posso censurar desleixo em homens ponderados e zelosíssimos do interesse público: posso, porém, lamentar a penúria, à qual se devera acudir, com extremo cuidado, em coisa de tanto vulto, como se faz nas moléstias do corpo. Desses males se padece entre inconscientes ou conscientes. Conviria enviar junto socorros maiores e não parceladamente: um exército unido e mais vigoroso que um separado em diminutos batalhões. São necessários nas guarnições 4.000 homens, e todavia não perfazem tal número os que aqui se acham sob as bandeiras. Com quais soldados então se há de combater o inimigo? Com quais há de ele repelir quando sobrevêm? Com quais se hão de presumir as vias e entradas do país contra as rapinas e devastações dos malfeitores vagabundos? Desejo e peço me sejam enviados 3.600 homens, que, acrescentados àqueles que temos nas guarnições, montarão a 7.000. Com esse exército não só há esperança, mas confiança de poder a Companhia praticar algum feito digno; mas de auxílios insignificantes não nasce nem esperança, nem temor infundido aos adversários. Um exército grande impele os ânimos a uma e outra coisa. Não ignora a penúria do Tesouro, em consequência das guerras de tantos anos atrás, exaurido por vultosas despesas, sem o encherem os réditos escassos e módicos. Entretanto, havendo vós empreendido coisas dignas do século e do valor dos batavos, deveis insistir nos vossos cometimentos e não desesperar deles. A sorte está lançada: passamos não o Rubicão, mas o Oceano.¹⁰³ Ou desabará toda a construção do império brasileiro ou tem de ser esteado em grande coragem. Temos de navegar com velas e remos estas Sirtes,¹⁰⁴ estes Acrocerâunios¹⁰⁵ do novo governo. Os mal afamados escolhos dos governantes são o receio dos perigos e das despesas. Acho mais glorioso obedecer-vos o Brasil e ser todo vencido, resgatado embora com muito dinbeiro, do que, por parcimônia e negligência, perdermos nele as nossas conquistas. Se preservades em remeter os socorros para este ano, gozará de segurança a República, e recobrará vigor o erário. Se Deus, propício, desviar da safra do açúcar qualquer dano, poderá a Companhia contar, este ano, com 600.000 florins, rendimento que aumentará anualmente, aumentando a segurança dos campos.

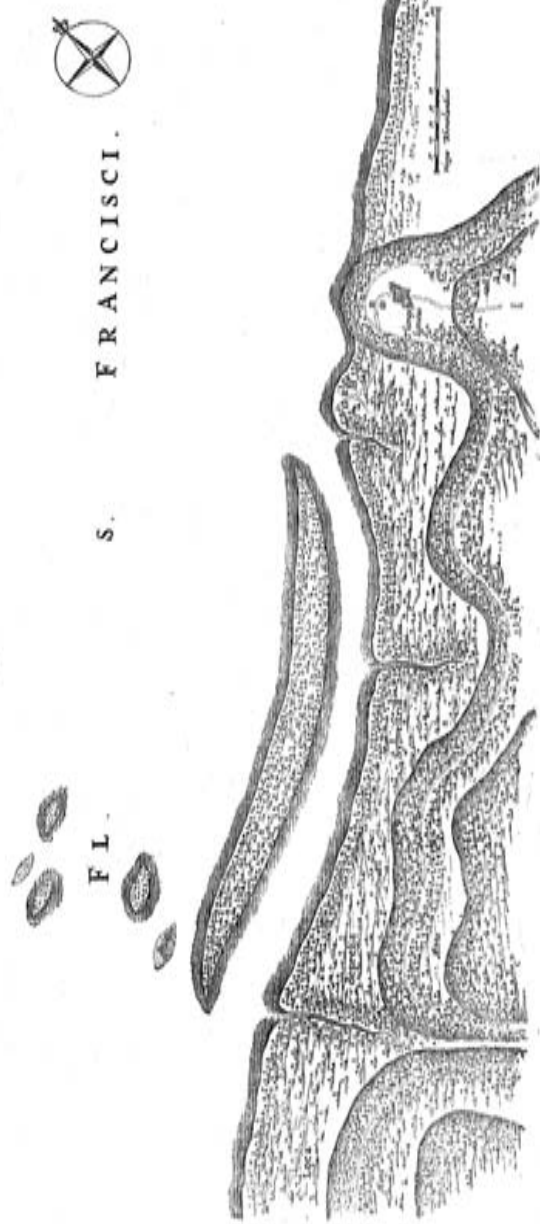
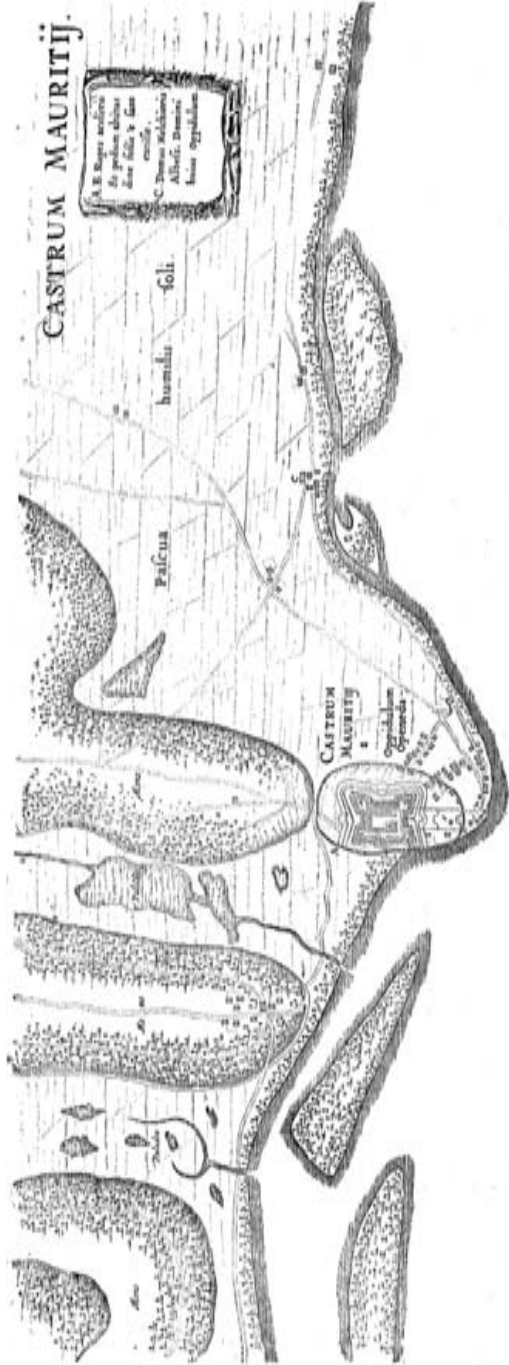
“Não maior é a nossa força marítima. Os vasos que chegaram estavam tão faltos de marujos que me foi preciso destacar trezentos soldados para governá-los. Além disso, os mais deles, por avariados e quebrados, reclamavam reparo, não sendo idôneos nem para a ofensiva, nem para a defensiva. Remediar-se-iam tais males com equiparem os diretores europeus da Companhia dezoito naus grossas, enviando-as com presteza. Com elas não somente se pode levar a guerra ao território inimigo, mas também transportar para a Holanda as mercadorias brasileiras e fazer rosto às armadas dos portugueses, se acaso aprestam eles alguma.”

Lemos que o Conde escreveu esta carta revelando em verdade a sua prudência, pois um general deve olhar para o futuro, ainda fora da guerra, e proceder com cuidado e previdência, como se o inimigo já o atacasse e Aníbal estivesse diante das portas.¹⁰⁶

À carta do Conde deram os diretores europeus esta resposta: “*Não ignoravam que eram incertos e dúbios os resultados das guerras. A expugnação da Bahia, fácil aos desejos, era difficilima às armas. Para isso necessitaria o Conde de maiores forças, mas fatos supervenientes impediram remeter-lhas. Buscava-se remédio do erário na liberdade e na coragem dos sócios da Companhia. Estes, por sua vez, buscavam o seu sucesso e felicidade das empresas do Brasil. Assim por mútuas obras, teria a Companhia de ajudar o Brasil e o Brasil à Companhia, pois estavam ligados a salvação e as vantagens de um e de outro. Aprovaram o alvitre do Conde de resguardar o rio São Francisco contra os saqueadores, para não se estragarem, rompido este muro divisório da guerra e das partes adversas, a devastação do território e das lavouras dos holandeses e não talarem, a ferro e fogo, as plantações de cana-de-açúcar. Era ótimo o intento do Conde de não dar aos baianos repouso e lazer de sentirem as próprias misérias. Deviam estes, portanto, ficar ocupados na terra e no mar para não causarem danos, nem cuidarem de nos fazer violência, porquanto, armados eram temidos, mas inermes e inertes, eram desprezados. Tomasse o Conde a dianteira ao inimigo para não tomar ele. É mais sensato espalhar o medo nas terras albeias do que experimentá-las nas próprias, ou, o que entre as pessoas avisadas é igualmente desejável, nem temer continuamente, nem parecer. Teriam eles diretores por primeiro e último cuidado o fortalecerem as províncias do Brasil com a remessa de naus e soldados.*”

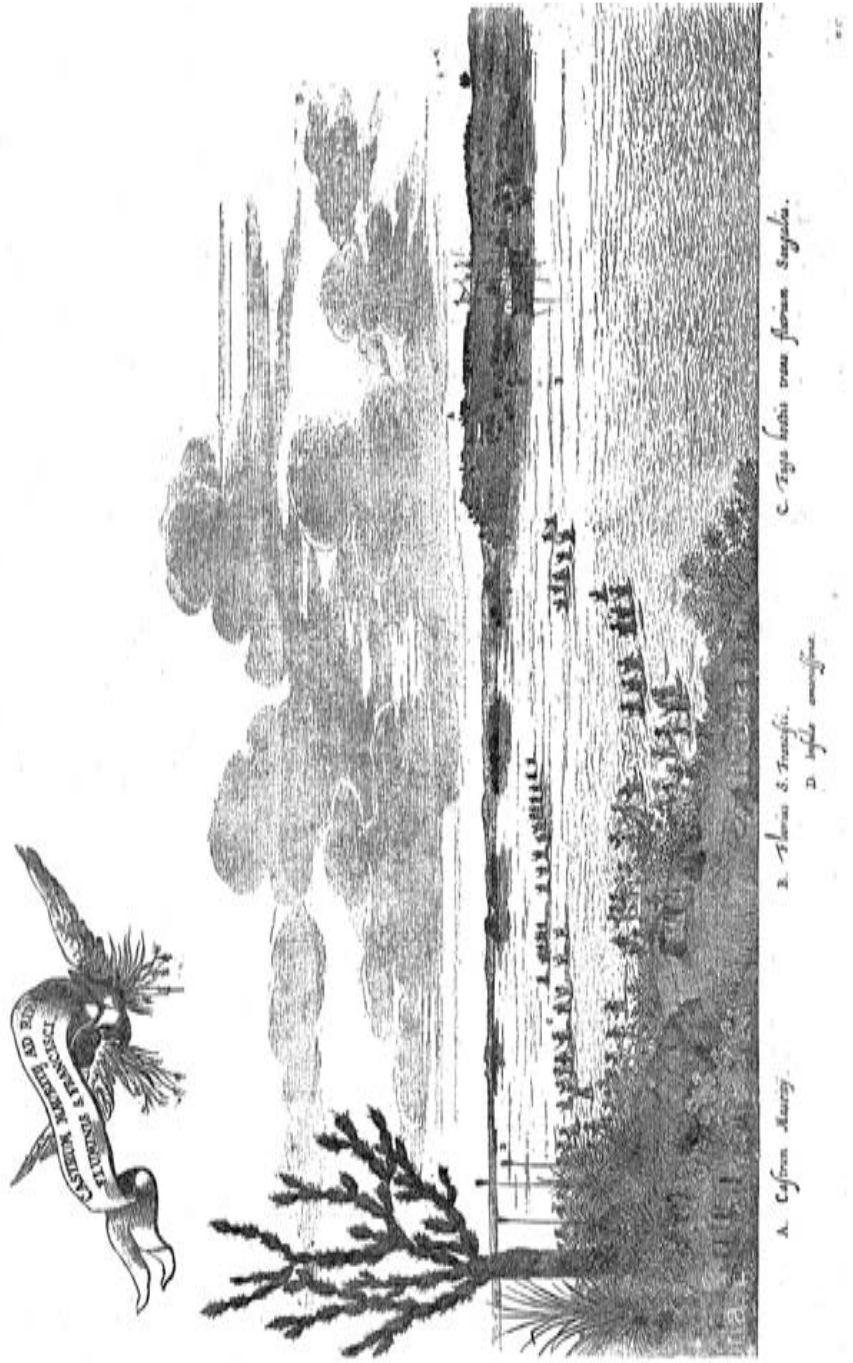
Por esse tempo, agitava-se importante controvérsia entre os dirigentes da Companhia, a qual se travou principalmente entre as câmaras da Holanda e da Zelândia. Versava sobre se seria proveitoso à Companhia franquear o Brasil ao comércio privado, ou se devia competir a ela tudo o que se referisse ao comércio e às necessidades dos habitantes daquela região. Cada um dos dois partidos sustentava o seu parecer. Os propugnadores do monopólio escudavam-se com o exemplo da Companhia Oriental, usando o argumento de que se esperariam maiores lucros, se apenas a Companhia comerciasse, porque, com o trafico livre, dispersar-se-ia o ganho entre muitos, barateando as mercadorias pela concorrência. Confessavam que por este sistema se formariam colônias, mas que destas se deveriam temer não pequenas desvantagens, podendo as mais populosas sacudir a dominação ultramarina, ou tornar-se filha mais poderosa do que a mãe. Assim Cartago sobrepujou Tiro, Marselha se tornou maior que Focéia, Siracusa sobrelevou Corinto, Cizico e Bizâncio prevaleceram sobre Mileto, alcançando todas mais poder que suas metrópoles. Além disso, é nas colônias que se reúne a escória da sociedade, não surgindo uma república organizada, mas uma confusão de facinorosos e de perdidos. Mesclando-se a estes, degeneram os melhores, os bem dotados de ânimo e de caráter.

Acreditava-se, porém, que os que assim falavam, tratavam, sob color do bem público, da sua utilidade particular, se bem não faltassem nas reuniões palavras especiosas e sentenças plausíveis, nas quais autorizavam a sua causa.



Os defensores da liberdade comercial alegavam que se guardam melhor ^{Vantagens das colônias} as possessões por meio de colônias do que pelas armas; que elas se estabeleceriam, concedendo-se a todos a faculdade de comerciar, e não se fundariam, se os administradores da Companhia, em número tão diminuto, tivessem a gestão exclusiva do comércio; que, com a multidão dos cidadãos, crescem as rendas públicas. Além disso, faltavam à Companhia, com o erário esgotado pelas despesas e o crédito abalado, recursos bastantes para garantir o monopólio, porque o tráfico, a guerra, o sustento, a roupa e outras necessidades dos habitantes exigiam muitos gastos, e não havia esperança, longínqua embora, de se remediar tal penúria. Entretanto, nem a guerra, nem o comércio se podem fazer sem dinheiro, assim como não se podem os corpos mover sem nervos.

Havendo os diretores pedido a Nassau o seu parecer, explanou-lho em ^{Parecer do Conde} carta desta substância: Toda a salvação da Companhia estava na união dos seus dirigentes e toda a ruína dela viria da sua discórdia. Enquanto, com aquelas contendas e deliberações, se buscam remédios, se ia, neste meio-tempo, esgotando e arruinando Sagunto. Não ignorava ser perpétua sorte da verdade gerar o ódio dos que sentem de modo diverso. Era-lhe, porém, preferível a lealdade à condescendência e o antepor a vontade de ser útil ao desejo de ser agradável. E, conquanto lhe fosse mais fácil dizer sua opinião que dar conselho, não obstante, ia apresentar alvitres, sem qualquer paixão, desviando, porém, de si os ódios que lhe pudessem advir de um resultado talvez imprevisto; porque, quando de boa fé se pede conselho, não se devem imputar ao conselheiro os sucessos desastrosos. Exageram-se, dizia ele, os lucros que tocavam outrora aos particulares, os quais poderiam ser da Companhia. Tinha, porém, desde então mudado a situação do comércio e das coisas. Antes, quando nos apoderamos desta parte do Brasil, tudo estava nas mãos dos diretores; agora, porém, está, mediante contratos, também nas mãos de particulares. Antes, aqui se encontrou muito açúcar nos trapiches dos portugueses e poucas mercadorias nossas, das quais necessitavam. Assim, os holandeses as permutavam por açúcar, com grossos lucros, o quádruplo ou o quántuplo, e isto principalmente porque os portugueses temiam para si e para o açúcar os efeitos da guerra externa. Agora, porém, encontra-se pouco açúcar, cujos preços se elevam, por se ter alcançado para o país maior segurança e, além disso, por haver abundância de mercadorias holandesas. Parecia-lhe de mais proveito conceder a todos licença para comerciar, em igualdade de condições. Negando-se tal licença, ficaria a Companhia privada de impostos, portagens e direitos alfandegários. Demais, não poderiam ser adquiridas pela Companhia as mercadorias necessárias aos brasileiros, a não ser por muito dinheiro, e deste, segundo era manifesto, se achava ela então carecida. Nem tampouco poderiam elas vender-se com lucro, em razão da afluência das veniagens particulares. Se quisesse comprá-las a Companhia na maior quantidade possível, não o conseguiria sem prejuízo; porque, comprando-as por maior preço, seria



C. Tigo kahis vras fluvium Singala.

B. Arari & Trucifi.
D. Inha amaffia.

A. Cafron Marry

isto em detrimento público; se o fizesse por preço menor, seria isto em detrimento público; se o fizesse por preço menor, seria em dano dos particulares, aos quais seria fácil ocultá-las e não mostrá-las aos compradores.

Além disso, prosseguia o Conde, não se podem, sem colonos, cultivar Prova-se a necessidade das colônias os desertos e as terras incultas do Brasil. Não é, entretanto, possível convidá-los a virem para o Brasil, sem lhes conceder licença para negociar. De um grande número de cidadãos podem esperar-se lucros, por causa das necessidades de cada um e de muitos. Assim, crescendo a população, cresceriam os dinheiros públicos, sem os quais não é possível ter armas, e sem armas não consegue descanso para a nova nação.

Cumpre que os governantes façam sempre o seu orçamento para haver proporção entre a receita e a despesa.

Os colonos dariam mais resistência às províncias, diminuiriam as guarnições e trariam maior segurança à república, que confiaria nos seus próprios cidadãos.

Os portugueses mantêm-se na obediência somente pelo temor. Dedicados no mais ao seu rei, são de fidelidade vacilante e prontos para mudar na primeira ocasião.

Sem esperanças de lucros não há esperanças de colonos: ninguém atravessa os mares na expectativa da fome. Desprezam-se os perigos da vida, em brilhando o ganho, e deste cada um será privado, se exclusivamente comerciar a Companhia.

Insistia ainda Nassau nisto: que era importunado diariamente pelas reclamações dos naturais, que pactearam viver sob a nossa dominação nas mesmas condições nas quais tinham vivido sob o rei da Espanha, isto é, venderem a produção dos engenhos a seu arbítrio e não ao de outros. Arrebatando-se-lhes esta liberdade, preferiam ir para outra parte a sofrerem uma laboriosa servidão, segundo a vontade e as licitações da Companhia.

Enquanto se debatiam estas questões entre os comerciantes, intercorriam as dissertações dos doutores. Alegavam que as colônias são outras tantas fortalezas e baluartes dados às possessões, e nada é mais sólido que a fundação delas. O mundo, como que agrilhado por esses vínculos, permanecera sob a obediência dos romanos, de sorte que se convenceram de ser a multidão dos cidadãos o alicerce de todo o poderio e o sustentáculo de um estado duradouro. Neste desígnio, o rei da Espanha cobrira de colônias o Novo Mundo. Os holandeses deviam habitar por toda a parte onde haviam vencido, como dos romanos dissera Sêneca; porquanto, onde cada um possui os seus campos e haveres, obriga-se à defesa dos dominadores, se não quiser ser expulso, se também eles o forem. Demais, ter-se-ia um escoadouro para uma plebe pobre e gravosa à república, distribuindo-se como prêmio terras aos soldados que houvessem servido. Julgavam, portanto, que se de-

veria ir enviando em grupos essa plebe, à semelhança dos agricultores prudentes, que espalhavam os enxames por novas e numerosas colméias.

Ofereciam ainda ao exame dos que deliberavam estas considerações: que de melhor vontade se entraria na milícia, onde os soldados que tivessem servido na guerra conseguissem seu abrigo, seus animais, seus campos e lavouras, não sendo de recear tornar-se a filha mais poderosa que a mãe em plagas tão longínquas e tão precisadas do auxílio da metrópole.

Os diretores da Companhia e os Estados-Gerais adotaram o parecer de Nassau e, por um edito, franquearam a todos os súditos a navegação e o comércio do Brasil, reservando para a Companhia somente o tráfico dos negros, dos petrechos bélicos, das armas e do pau-brasil. Excluíram-se, porém, desta concessão os próprios diretores da Companhia, os administradores públicos do Brasil e em geral todos quantos se achavam ligados a ela por vínculos de fidelidade e juramento, evitando-se, destrate, que, sob aparência de comércio, houvesse lugar para ganâncias e rapinagens, e que, por ambição, se transformasse a fazenda pública em fazenda particular. Foi por esta mesma razão que os tebanos proibiram por lei admitirem-se ao governo da república aqueles que não se abstivessem de relações comerciais por um decênio. Às mercadorias exportadas para o Brasil e às dali importadas para a Holanda se impuseram direitos, de acordo com os interesses da Companhia.

Estimulados por esse edito, navegaram para o Brasil tão numerosos mercadores holandeses que o país se viu inundado por molesta cópia de mercadorias e cousas necessárias, cessando por algum tempo as queixas antigas. Os primeiros aufferiram interesse; os seguintes, porém, ganharam menos, por causa da afluência de veniagas e dos preços diminutos.

Entretanto, atacado depois, em escritos e discussões públicas de outros que pensavam diversamente, este decreto sobre a livre navegação e comércio do Brasil, o qual era tido por salubérrimo no juízo de muitos, cindiram-se os diretores da Companhia em partidos, com dano de todos e não mútuas contumélias, e estes e aqueles eram acusados de promover antes os interesses de algumas províncias e cidades que os públicos.

Neste entrementes, os diretores da Companhia, velando por tudo com extraordinária previdência, num afã diurno e noturno de resolver e de escrever, administravam de longe os negócios das Índias Ocidentais.

Era-lhes muito viva a lembrança da frota da prata, apresada pelo ilustre Pieter Heyn, a qual muito aliviara o tesouro então necessitado e recentemente abatera a fama e as forças do rei da Espanha. Por isso, determinaram tentar empresa semelhante, desafiando a fortuna com igual audácia e esperança. Para este cometimento foi escolhido Cornélio Jol,¹⁰⁷ criado no mar e entre as ondas desde tenros anos, enérgico e experimentado

Adota-se o parecer de Nassau
Expedição contra o Ocidente sob o comando de JOL

na mareagem, resoluto para todas as façanhas, marinheiro sereno e confiante em si, de grande reserva, de veemente arrojo, capacíssimo de fadiga e de fidelidade, mas rude em tudo o mais. Almirante de uma esquadra nova e possante, recebeu dos Estados-Gerais, do Príncipe de Orange e dos diretores da Companhia autorização e poderes para combater com o inimigo e atacar as naus que, carregadas com as imensas riquezas do Peru e dos reinos do Pacífico, tinham de passar da Terra Firme e do porto de Cartagena para a Nova Espanha, a fim de se juntarem ali a outros navios com forças e mercadorias.

De outro lado, Maurício e o Supremo Conselho do Brasil, após o frus-
Outro plano traçara o Conde trâneo ataque contra S. Salvador, eram de parecer que, aproveitan-
do os soldados ainda prontos para as hostilidades, se incendiassem todos os engenhos daquela capitania, tanto nas ilhas como no continente. A causa era porque, experimentando os adversários aquela calamidade própria, desistiriam, depois dela, de fazer a mesma violência em nosso território, e, perdida a esperança da safra de açúcar, ficaria Portugal privado de suas rendas anuais.

Mas a chegada de Jol mudou este plano, e, por ordem dos diretores,
Garante o seu território prouve dirigirem-se as hostilidades para outra parte. Todavia, tratou
Nassau, valendo-se das forças que restavam, senão de atacar o inimigo, ao menos de garantir o território holandês. Postou naus e presídios no rio de São Francisco, onde era mais fácil aos inimigos a passagem, e fechou as entradas de Alagoas, Porto Calvo, Serinhaém, Ipojuca, cabo de Santo Agostinho, Goiana e Paraíba, a fim de que eles, saindo das matas, não fizessem irrupções e devastações.

Aos 14 de abril de 1638, partira Jol do porto de Texel, o mais célebre da Holanda Setentrional. Percorrendo o caminho entre a África e as ilhas do Cabo Verde, aportou ao Brasil. Aí, depois de algumas conferências com o governador Nassau e de ficar informado dos seus planos, manifestou-lhe as causas da sua viagem. Instruído igualmente das ordens do Conde e recebendo um reforço de naus, e além disso de 600 soldados e mantimentos, para sete meses, após breve descanso dos seus, fez-se de vela, cheio de votos. Ao embarcar, colhido entre o batel e o colo proeminente dos canhões, por se ter baixado e logo levantado um vagalhão, ofendeu a coxa e deu aos supersticiosos um presságio de êxito infeliz.

São os seguintes os nomes das naus com que foi para o Ocidente: *Salamandra, Zwolle, Over-Issel, Goeree, Tolen, Esperança, Orange, Roterdã, Ernesto, Canária, Goiana, Ventor, Mercúrio, Cavallo Emissário*.¹⁰⁸

Divulgada a notícia de tão gloriosa expedição, pesou sobre a Espanha e
Causam terror aos espanhóis sobre todo o Ocidente ingente terror, pois também na memória dos
inimigos ainda não se apagara a facção de Heyn. Pensava-se efetivamente, não sem fundamento, que também Jol, cujo nome era terrível e fatal para essas regiões, ia empreender, não por menor confiança, tamanho feito como

quem alimentava esta única aspiração: alcançar fama com alguma façanha memorável, comprando com ela o seu quinhão de imortalidade. E não duvidavam os seus de que ele ia com ânimo preparado para morrer e que só queria morrer pelejando com o inimigo, decidido ou a triunfar esplendorosamente ou a sucumbir gloriosamente. Nada cogitava nem elegia que fosse medíocre. Por ^{DE JUNHO} ^{DE 1638} 22 DE JUNHO DE 1638, tendo notícia do rei da Espanha de que planejava nova expedição contra o Ocidente, despachou quatro navios ligeiros para avisarem da chegada da esquadra holandesa sob o comando de Houtbeen (era este entre os marinheiros o apelido do homem) os governadores de todos os portos e fortalezas, a fim de velarem eles pela defesa da frota da Terra Firme e de, só no ano seguinte, deixarem fazer-se ao mar a da Nova Espanha.

Entretanto, já tinha largado a frota da Terra Firme, e, sabendo, por seus navios mexeriqueiros, os quais, para levarem avisos, costumam an- ^{Cabo Corrientes} dar à capa junto ao cabo de Corrientes, nas extremidades de Cuba, que tinham sido vistas doze naus holandesas, mas pouco de temer para a esquadra espanhola, seguiu esta a sua derrota para Cuba e Havana.

Jol, seguindo as costas setentrionais do Brasil e passando todas as ilhas por ali situadas, esteirou a esquadra em linha reta para o Ocidente, a fim de procurar os galeões da prata, tendo enviado adiante, segundo o costume dos caçadores, navios mexeriqueiros para todas as paragens. Depois de longos rodeios, souberam eles enfim que a frota se achava pelos portos e enseadas da ilha de Cuba e perto dos escolhos a que chamam *Los Órganos*. Constava de oito ga- ^{Los Órganos} leões e seis vasos menores, sendo capitão-general D. Carlos Dievares. Se merecem fé os prisioneiros, avaliavam-se em 9.000.000 ou, segundo os diários de outros, em 20.000.000 de florins os tesouros e veniagas que transportavam. Era a capitânia espanhola que levava o grosso das riquezas. Jol, abraçando com os desejos, mas não ainda com a vitória, estes estímulos de males, já impaciente da delonga, convocou os comandantes dos navios e, segundo o costume militar, inflamou-os para o combate: “*um novo exemplo de valor iriam arrebatam varonilmente a covardes o ouro e a prata. A frota do inimigo levava antes presa do que armas. Ninguém ia defender nem danificar aquela tomada. Para um vencedor pobre era um prêmio um inimigo rico. Aquela artilharia tremenda protegia mais os tesouros do que o espanhol, e os estupendos bojos daquelas naus carregavam um lastro luzente e imbele e de modo algum soldado*”.

Em seguida, distribuiu a cada um o seu posto para a batalha. Ele próprio, como a primeira autoridade da esquadra, investiria à capitânia espanhola, associando-se-lhe no combate os comandantes da *Roterdã* e da *Tolen*. O vice-almirante teria por adversária a almiranta espanhola; a nossa Lanterna defrontaria com a Lanterna dos espanhóis, e assim por diante, nessa ordem, cada uma delas atacaria a outra, e, onde fosse maior a violência e a necessidade, pugnariam juntos, auxiliando-se mutuamente. Era grande a resistência da *Salamandra* em que ia

Jol, e, recém-construída, estava muito apta para a peleja; mas, em comparação com o porte colossal e a altura da capitânia inimiga, parecia ela apenas um iate.

Antes, dirigindo-se uma prece a Deus para que patrocinasse aquele ^{Batalha naval} grande feito, infundindo coragem aos guerreiros que se batiam em favor da República, o nosso almirante incendeu-lhes o brio com uma alocução. Depois, abordou a capitânia espanhola, aferrando-a fortemente com arpés e correntes, não sob mostras de amizade, o que logo acreditou o espanhol, mas de maneira franca e indubiamente hostil. A seu exemplo, atacou o vice-almirante a almiranta, prendendo-a à sua nau com cadeias e balroas, e não menos ardorosamente e com igual confiança atracou-se a nossa Lanterna com a Lanterna espanhola.

Trava-se a refrega entre estas partes sós: as demais contemplavam inativamente – oh vergonha – a luta dos companheiros, fora do alcance e do perigo das armas.

Brigavam renhidamente três contra três, e quando se inflamaram os ânimos, lançaram-se ferozmente em recíprocas matanças. Cada qual se via encerrado em sua nau como num círculo fatal: era ela a área da vida e da morte, a arena da glória. Tudo ali era vário: os lances, os ferimentos, as mortes dos que tomavam. A caligem, a fumarada, as fagulhas, as cinzas roubavam os contendores aos olhos e aos golpes certos uns dos outros. As balas das peças e mosquetes não matavam nem feriam tanto os combatentes quanto as estilhas arrancadas às traves dos navios. A nossa capitânia já havia lutado com a capitânia espanhola perto de duas horas numa peleja ancípite, demorando-se em associar-se ao combate os capitães da *Roterdã* e da *Tolen*. Então os mais expeditos da nossa maruja, trepando ao alto, saltaram no convés da capitânia espanhola e ocuparam-lhe como vencedores a parte superior, trancando os espanhóis no porão. Fez-se isto assim: como os cestos da gávea da capitânia holandesa mal chegavam acima da amurada e do convés da espanhola, o nosso almirante, convertendo em utilidade as incertezas do ocaso, encheu-os de atiradores, que, de cima, descarregaram, contra o vaso inimigo, sobre os que lhe estavam embaixo, granadas de 24 e de 28 libras. E assim, fulminando aqueles ciclopes, esvaziaram para nós o convés. Tratou então o almirante com um dos marinheiros (isto sem dúvida prometia a vitória) que tirasse a bandeira da capitânia espanhola, e teria mil florins por paga da proeza. Já ele havia subido ao mastro para cumprir o ajustado, quando, chegando-se contra a nossa capitânia a almiranta e a lanterna dos espanhóis, as quais se haviam desenvencilhado dos arpés e correntes, coagiram o nosso almirante a largar a capitânia adversa, fazendo sair do risco presente aquele audaz funâmbulo. Então se voltaram as outras naus inimigas contra a nossa capitânia, a qual, certa do perigo escapou-se, virando de bordo, para não ser aprisionada pelos contrários, espalhados por toda a parte.

Entretanto, as demais naus holandesas, separadas e errantes, por grande perfídia, esquivaram-se à luta, pois lhes era molesta a glória ou a salvação de Houtbeen.

Nesta refrega pereceram o vice-almirante Abraão Miguel von Rosenthal, o comandante da Lanterna João Mast e o fiscal João Muys, nomes dignos de passar à posteridade. Morreram cinqüenta marinheiros e ficaram feridos cento e cinqüenta. Jol, queixando-se e rangendo os dentes numa ira impotente por ter perdido, num só momento, a diligência e o trabalho de tantos meses e o fruto de tanto labor e atividade, chamando à sua presença, logo após esta peleja, que fora renhídissima, aqueles pelos quais tinha sido vergonhosamente abandonado, exprobrou-lhes acerbamente, como mereciam, a sua covardia e caráter efeminado. Mais agastado com o capitão da *Roterdã*, que lhe dera uma resposta indigna, bateu nele com um bastão que empunhava e o privou do posto. Voltando-se depois para os outros, admoestou-os *“de que se lembrassem do juramento pelo qual se tinham obrigado à Pátria, ao Príncipe de Orange e à Companhia. Deviam-lhes, disse, mais do que a vida. Ali se tratava da glória e da salvação de todos e também da deles. Sendo de origem obscura, já tinham alcançado fama. Naquele lugar celebrizara-se Heyn, a quem o caráter batavo fadara para a bravura e a imortalidade. Havia ali mais presa do que o perigo, e este não era somente deles, mas também seu próprio. Tomara-lhes por isso a dianteira no combate. Era vergonhoso a homens afeitos às batalhas navais aterrar-se com o tamanho daquelas naus: elas, por mais terríveis que fossem para os covardes, poderiam ser expugnadas pelos valentes. Em voltando para a Pátria, seriam recebidos com palavras de ignomínia pelos seus concidadãos e amigos, como se tivessem ido ao Ocidente para admirarem o poder e a esquadra da Espanha e não para os expugnarem. E acrescentava que os tímidos se apartassem dos resolutos para o combate, e os péssimos não prejudicassem com o exemplo aos ótimos, nem os pusilânimes aos estrênuos. Sem mais detença mudassem os propósitos em atos consumados. Se ponderassem as coisas da guerra, deviam naquele encontro ou vencer ou morrer, e seu destino era ou triunfarem como homens ou tornarem-se escravos. Os fugitivos iriam precipitar-se na ruína comum, e era maior o perigo para os que mais temiam. Fosse qual fosse a volta da fortuna, seria glorioso acabar fora da Pátria, nas extremidades do mundo e da natureza. Portanto, disse ainda Houtbeen, reunindo as nossas forças, continuemos a batalha, esquecidos dos despojos até os tornarmos seguros, depois de alcançada a vitória. A necessidade de combater da qual fugis, acompanha-vos. Se recusais pelejar, por que tendes armas? Por que empreendestes voluntariamente a guerra? Sois audazes e turbulentos fora das ocasiões, e apresentando-se estas, sois covardes. Que esperança há aqui para os medrosos? Julgais que vos protegerá Deus, a vós que fugis da luta? É preciso que à espada nos apoderemos do mar e destes despojos. Aqui não estamos cingidos de muro e trincheiras: é necessária a audácia em vez de muro e de escudo. Eia! Lembrando-vos do nome dos batavos, saltai naquela frota. Sirva de estandarte a minha proa. Mostrei a castelhanos e portugueses que eles não vos igualam, nem navegando, nem batalhando em terra. Ou não viesses aqui ou compenetrar-vos de que tendes de lutar segundo exige a dignidade da Companhia. Não podemos partir antes de realizarmos a nossa espe-*

rança, vencendo a esquadra espanhola. Abstenho-me de outras razões: a própria indignidade e infâmia da retirada aconselham a perseverança”.

Depois, olhando o semblante dos seus, disse: *“Que tristeza é essa, companheiros, que insólita hesitação é essa? Desconheceis o inimigo, a mim, a vós mesmos? Que é o inimigo senão um guarda cuidadoso do tosão de ouro? Se o atacardes, logo empalidecerá, tornando-se da mesma cor do ouro. Eu, vosso general, conduzo-vos para a glória e para o vosso bem-estar. Vós, ilustres pelas vitórias ganhas na Pátria e fora dela, cobrai da fortuna e de tantos exemplos dos vossos compatriotas a confiança de ousar.”*

A estas palavras, dirigiu outra vez sua esquadra contra o inimigo e, com tiros de peça, deu sinal para o combate. Mas, ou por igual medo, ou por igual espírito de rebeldia, como antes, quando chegaram ao alcance da artilharia, pararam inertes, ingloriamente, deixando a peleja ao almirante e a mais uns poucos. **Combate outra vez** Pedindo ele com instância que se associassem à luta e invocando a fidelidade prometida e o remordimento das consciências, um confessava o seu temor; este exagerava o poder dos inimigos; aquele acusava a temeridade do almirante, afirmando abertamente que estavam certos do exício e que eram arrastados à perdição por causa da grande desigualdade das forças; que não era vergonhoso cederem os holandeses tempestivamente, tendo-se por muito mais vexatório travarem combate, como quer que fosse, para serem vencidos; outro afastava-se, preparando a retirada. Quase todos, como de concerto, desatendiam às ordens do general, sem dar ouvidos à autoridade.

No dia seguinte, estando ainda parada ali a frota inimiga, pela terceira **É de novo abandonado** vez reuniu Jol em sua presença, os capitães e comandantes. Obrigou por novo juramento cada um deles a si e fez que todos assinassem um compromisso escrito, em virtude do qual declaravam que estavam dispostos para o combate, e que haviam de pelejar até o último alento. Depois de os exortar a lembrarem-se que eram batavos e a lavarem, por um rasgo novo de bravura, a mácula do dia antecedente, determinou a ordem da batalha. Iria ele na dianteira, acompanhando-o sucessivamente a *Orange*, a *Fama*, a *Esperança*, a *Zwolle*, a **Trava combate novamente** *Tole*, a *Ernesto*, a *Over-Issel*, a *Goeree* e a *Mercúrio*. Confirmados os ânimos pelo juramento militar, parecia ter voltado o amor da obediência, e maior ardor de batalhar seguia as palavras do almirante. Entretanto, estando prestes para a peleja, formálhes desfavoráveis os ventos e os mares, por haver o inimigo ficado a barlavento da nossa esquadra, de modo que era preciso navegar esta ao lado da frota adversa, expostos os nossos à sua artilharia. Neste recontro morreu o capitão João von der Diest, o qual, durante a vida inteira exercitara o corpo nos perigos e o ânimo nos preceitos náuticos. E aqueles que haviam jurado faltaram ao dever, atacando o inimigo de longe e com tiros inúteis.

Malograra-se, portanto, a empresa. A 17 de setembro soube Jol, por navios mexeriqueiros, que a frota espanhola vogava perto dos escolhos de Cuba e dos Órgãos. Obstinado no seu propósito e ávido de presa, quis entrar em luta



pela última vez. Mas, em primeiro lugar, achou a marinhagem relutante, e ela ex-probrava a pusilanimidade e apatia de seus capitães e já não queria ficar adstrita à necessidade de obedecer-lhes. Então, destitui Jol, como réus de traição e de rebeldia, os comandantes da *Zwolle*, *Over-Issel*, *Goeree*, *Mercúrio* e *Ernesto*, e, substituindo-os por outros, foi tanto o entusiasmo dos que iam combater como se, por Quarta vez marcha contra o inimigo uma esperança indefectível, já houvessem subjugado o adversário. Rumando para os escolhos dos Órgãos, onde fora a estância dos contrários, verificou ter-se escapado a frota e esteirado para a Nova Espanha.

Assim a fortuna, depois de deixar crer a princípio que afagava Jol com os seus favores, pondo-lhe diante por presa a frota espanhola, logo o desamparou como se arrependida do seu desígnio. Julgando ele, por isso, que não lhe convinha deter-se ali mais com refratários para não prejudicar a fortuna da Companhia com uma demora improfícua, mandou parte da esquadra para o Brasil, deixou parte em Havana, a fim de aproveitar-se ela das ocasiões, e voltou para a Holanda com as outras naus.

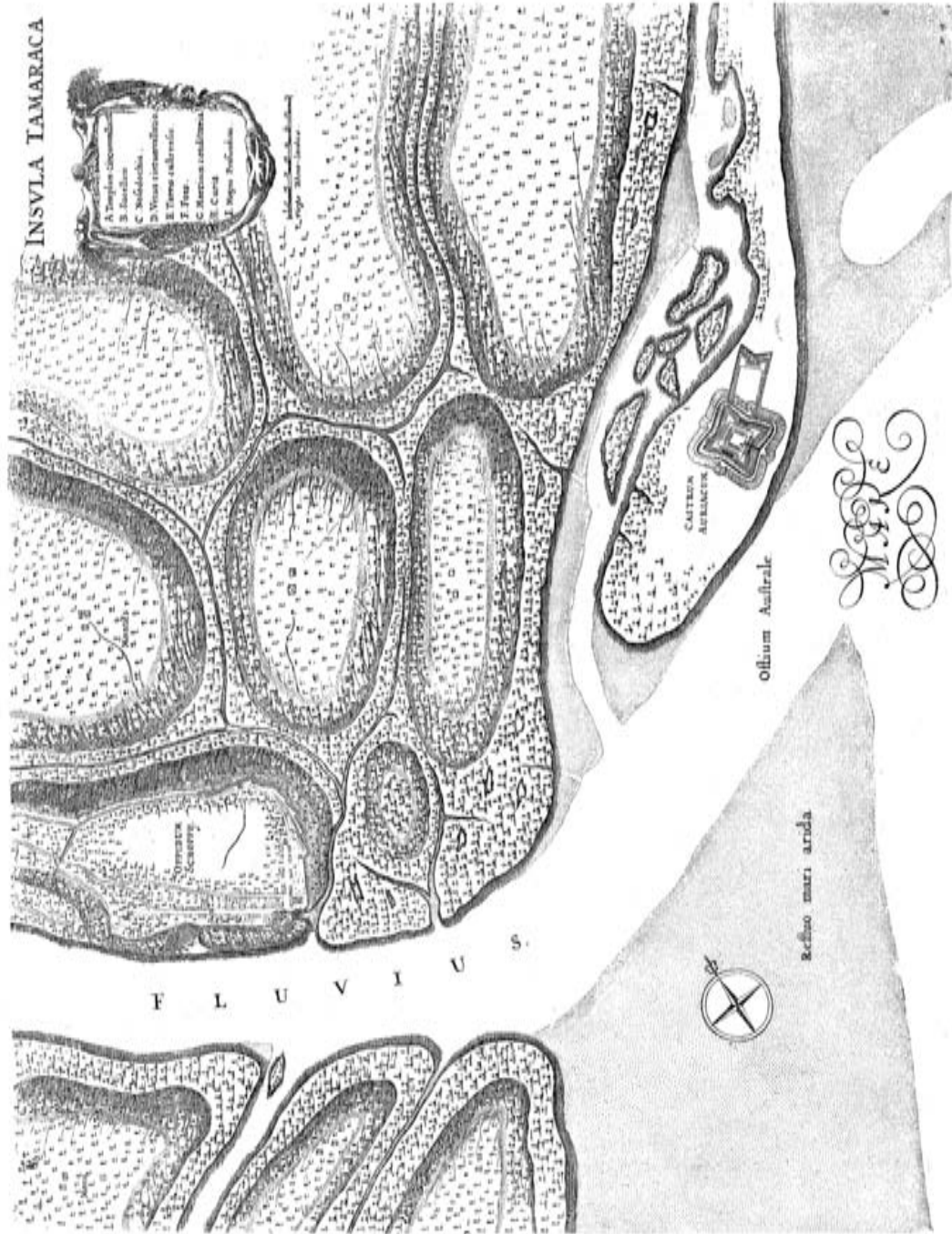
Estes fatos foram relatados em carta dirigida ao ilustríssimo Conde João Maurício, governador do Brasil, e ao Supremo Conselho.

Quanto à punição dos culpados, pensava Jol que já não se tratava de uma causa sua, mas de todos os generais e comandantes dali por diante, para servir de escarmento. Abrir mão dela ser-lhe-ia deprimente e perigoso, porque de um lado a exigia o interesse de sua justiça e do outro a utilidade geral. Poderia ele mesmo ter castigado os rebeldes, pois fora enviado com autoridade suprema; todavia, pela morte dos que pertenciam ao conselho de guerra, preferiu entregar o A rivalidade de poucos frustra a expedição julgamento aos Estados-Gerais e aos diretores da Companhia a parecer que tomara precipitadamente uma desforra pessoal. Encontraram os rebeldes seus cabeças e instigadores, mas eram dois os principais culpados, movidos por sentimentos de rivalidade, porque, mais velhos, tinham de obedecer a Jol, mais moço, fato este que estragou tantos aprestos bélicos, baldando e enganando a valentia do almirante.

A tal ponto cede o amor da Pátria aos ódios privados que preferem os homens desprezá-la e desonrar-se a ser subordinados a um popular e ex-compañheiro de fortuna, como se fora vileza obedecer aos conhecidos e aos menos ilustres pelo nome vão dos maiores. E é vício ínsito aos mortais o verem com maus olhos elevarem-se em dignidade aqueles que tinham posição igual à sua.

De regresso para a Holanda, foram os rebeldes denunciados e processados. Obtiveram, porém a graça, seja pela intercessão de amigos, seja pela defensibilidade da causa, merecendo a impunidade e a liberdade.

Não é de meu ofício acusar a ninguém, por causa das iras fáceis dos comandantes, às vezes exasperadas pela sorte adversa e pelos malogros das empresas.



Jol, tratando diariamente com seus concidadãos e com os dirigentes da Pátria, deplorava a fortuna da Companhia e acusava os seus subalternos, os quais, por covardia e perversidade, lhe tinham arrebatado tantas honras marciais e a esperança da vitória que Deus dera. Nada sentia tanto como não ter morrido pelejando bravissimamente. Fora salvo, dizia, não para os prazeres da vida, mas para ludíbrio dos inimigos e dos invejosos. Aguardaria melhores tempos para se vingar do inimigo e da inveja. A seu tempo, memorarei o quanto fez ele depois em prol da Companhia e do bem público, em que esquadra foi outra vez ao Ocidente e depois à África, as praças, portos e ilhas que tomou.

Ao tempo que, no extremo Ocidente, se verificavam os infelizes sucessos que me detive a referir, vieram ter com o Conde João Maurício, da parte do capitão dos índios Camarão, três emissários, os quais lhe informaram que, ressentido aquele chefe, abandonara com suas forças ao Conde Bagnuolo e se acampara no sertão, perto da Torre de Garcia de Ávila. Vinham eles pedir-nos paz e aliança, a fim de poderem todos voltar para suas terras e aldeias. Nassau, não ignorando reverterem as discórdias do inimigo em proveito seu, recebeu-os cortesmente e, convidando por carta Camarão à nossa amizade, despediu-os com presentes. Logo, porém, correu voz que ele, por ser de caráter versátil e mutável em suas resoluções, se reconciliara com Bagnuolo.

Também se tinham separado desse general dos espanhóis, por desinteligências com ele, oitocentos tapuias, ficando então o território inimigo franco às invasões dos holandeses, que ganhavam ousio para destroçar os baianos num famoso desbarate. Mas, por falta de soldados e pela vã expectativa de novos reforços enviados da Holanda, languesceu e frustrou-se aquela audácia.

As representações e cartas dirigidas pelo Conde e pelo Supremo Conselho aos poderes da Holanda estão cheias de reclamações e pedidos instantes e suplicantes de socorros.

Alegavam que se ofereciam oportunidades para grandes tentames, as quais se perdiam pela incúria de outros; que falavam, porém, a surdos. Ordenavam-se trabalhos no Brasil, mas noutras partes agradavam os ócios. Nem Deus, nem a fortuna negavam a vitória e sim os homens. A inertes não queria o Céu conceder os êxitos da guerra. Adquirem-se possessões com soldados, armas e exércitos, e não com desejos inativos de longe e só com boa vontade. Mandavam-se copiosos escritos, cartas e promessas, mas negavam-se os meios com que soem defender-se os domínios. Eram insuficientes para matar a fome os mantimentos, e não bastavam as cousas necessárias à soldadesca, à guerra e à defesa do império contra os adversários. A expedição de Jol a tal ponto reduzira o número das naus e dos marinheiros que se viam sem forças para resguardar o mar, mormente se sobreviesse por acaso o inimigo com um novo poder.

Nesse mesmo ano foi tão feliz a safra do açúcar, em razão ^{Felicidade da safra} das chuvas moderadas e tempestivas, que dava aos agricultores esperança de 18.000 caixas.

Seguiu-se à expedição de Jol uma conjura, tramada, ^{Conjura de portugueses acreditada, mas não provada} ao parecer, por instigação de portugueses, pois sempre se inclinavam à rebelião os ânimos dos que, às ocultas, favoreciam ao partido espanhol, conquanto às claras nos prestassem obediência.

Detidos os indiciados, foram nomeados pelo Conde e pelo Supremo Conselho Carpentier, assessor do Conselho Supremo e Secreto, o coronel Koin, do Senado Político, o capitão Carlos Turlon, chefe da guarda do Conde, e o fiscal Jacó Aldrich para, na qualidade de juizes, conhecerem do fato e abrirem devassa. Tendo corrido o processo, pronunciaram o seguinte julgamento: que fossem encarcerados alguns dos réus, exilados outros para a Bahia, e os restantes para mais longe, nos confins do Ocidente. Entre eles distinguia-se pela sua dignidade e riqueza Duarte Gomes da Silveira. Por indulto do Conselho Supremo teve ele depois por menagem a fortaleza de Margarida. Apurei serem estes os nomes dos outros conjurados: na província de Pernambuco – Pedro Cunha de Andrada, João Canaro, Filipe Barreto, Arnau de Holanda, Rodrigo Pimentel, Bernardino de Carvalho, Francisco Beringel, Melchior Ali e Antônio Pais; na Paraíba João do Souto. Eram quase todos senhores de engenho.

Não poupou também o solícito cuidado dos governadores ao sexo feminino, propenso a desprezar a fidelidade pública pela fé conjugal e pelo amor aos maridos. Sob o domínio holandês viviam algumas portuguesas, cujos esposos, fiéis ao rei da Espanha, se achavam na Bahia e noutros pontos do território inimigo, militando sob as bandeiras reais. Foram mandadas para junto de seus consortes, pois pareceu que se lhes fazia não um agravo, mas um favor, com a diferença de que o motivo disso era a cumplicidade numa culpa, e a partida delas semelhante a uma rejeição. Eram elas: a mulher de Luís Barbalho, com o qual batalharam os nossos, a de João Velho Barreto, a de Gaspar de Sousa e a de Baltasar Alves.

Se por um lado esses acontecimentos afrontavam o nosso império, sem consentir que se considerasse inteiramente feliz, por outro impunha-se-lhe à dignidade atender às reiteradas solicitações que as câmaras provinciais dirigiam ao Conde, pedindo-lhe selos para autenticar os atos públicos, os quais se ^{O Conde concede às províncias brasões em selos} distinguiriam com insígnias e emblemas adequados aos característicos de cada uma das províncias. Deu-se este cuidado à indústria do Conde (pois convém que os governantes sempre se avantajem aos demais). Ele ideou para cada província o seu brasão próprio; depois formou o do Conselho Supremo, abrangendo num só escudo as insígnias de cada uma ^{Selo do Supremo Conselho} delas, para indicar assim os términos do Brasil Holandês. Sobre este escudo viam-se as armas das Províncias-Unidas e embaixo a divisa da Companhia das

Selo do Senado Político Índias Ocidentais. O selo do Senado Político (ou Conselho de Justiça) era constituído pelos brasões das quatro províncias, contidos num escudo semelhante, sobre o qual se via a Virgem Astréia, trazendo numa das mãos uma espada, vingadora dos crimes, e na outra uma balança, regra dos comerciantes. Da Câmara de Pernambuco A câmara de Pernambuco tinha por insígnias uma virgem mirando-se num espelho e como enlevada pela sua formosura, e empunhando uma cana sacarina, escrito o nome da cidade de Olinda. Com tal emblema significa-se a beleza e a riqueza da região. Receberam também os seus brasões próprios as outras câmaras de Pernambuco, a saber: Iguaraçu, De Itamaracá nhaém, Porto Calvo e Alagoas. O de Itamaracá mostrava um cacho de uvas, porque nenhuma parte do Brasil os produzia tão belos e suculentos quanto a ilha de Itamaracá. Da Paraíba O da Paraíba apresentava as formas piramidais dos pães de açúcar, ou porque, passando para nós essa província, foi aí Do Rio Grande maior o trabalho dos engenhos e o preço do açúcar. A província do Rio Grande tinha por armas um rio, em cujas margens pisava uma ema, por ser ali maior abundância dessa ave. Estes brasões foram gravados em sinetes de prata por escultores batavos, e não em latão ou ferro para não os carcomer o azinhavre ou a ferrugem.

Falei pouco acima dos presos portugueses. Sobre eles e sobre toda a conjuração, que andava na boca do vulgo (refiro fatos ocorridos pouco depois), li o seguinte nas crônicas do Brasil e nos relatórios e cartas do Conselho Supremo aos diretores da Companhia: ter partido aquela acusação do medo e de uma suspeita demasiado crédula. Não foram, porém, os acusados convencidos do crime que se lhe imputava, posto que processados. Mas, pela consideração e autoridade que gozavam entre os seus, assim como pelos cabedais que possuíam, recava-se que, em chegando a armada espanhola, como já corria, nos prejudicassem oculta ou abertamente. Julgou-se, pois, importar ao Estado e à utilidade geral segregá-los do povo, por um como ostracismo, afigurando-se que se praticam, sem violar as leis, os atos tendentes à segurança da república, ainda mesmo que, olhados em si, tenham alguma coisa de repreensíveis. Procedendo-se assim, podiam os cidadãos que estivessem maquinando o mal ser desviados dele, antes de o encetarem, desistindo de tentar a loucura de perder a pátria.

Tendo morrido Pedro da Cunha, que se considerava o principal dos conjuradores, e por temor da armada cuja fama, a princípio tremenda, tinha languescido um pouco, todos quantos haviam sido degredados por sentença judicial para a Bahia e para as ilhas ocidentais, esperando das circunstâncias decisão mais benigna, pediram ou que fossem desterrados para a Holanda ou que fossem restituídos aos seus engenhos para fabricarem açúcar, sob a condição de se apresentarem sem hesitar, uma vez chamados. Nem se concederam inteiramente, nem se negaram tais pedidos: admitiu-se um meio-termo entre a completa liberdade e a completa prisão, para que nem um rigor excessivo demovesse da fidelidade ou-

tros mais audazes, nem uma brandura demasiada defraudasse o acatamento devido aos juízes, livrando-se impunemente indivíduos suspeitos de tão grave crime, os quais já se tinham infamado com o labéu da prisão. De feito, convencidos eles, não teria a severidade dos poderes competentes comutado coisa alguma na punição de crime tão sério. Exerceram mais benignamente a autoridade dos governantes a prudência, a mansidão e a voz da consciência, a qual, fazendo-se ouvir após os erros desta natureza, não se pode abafar nem pela força, nem pela fraude, nem pelo silêncio, nem pela dissimulação. Abriu-se rigorosa devassa contra Duarte Gomes da Silveira, que já dobrara os 85 anos, e, investigados todos os seus papéis, nenhum documento se encontrou com o qual se pudesse provar-lhe a culpa. Por isso, movidos os conselheiros em favor dele por interces- Exculpam-se são de muitos e dada caução de fidelidade, permitiram-lhe voltar para presos seus engenhos, lembrando-se, e não mal, do auxílio por ele prestado na expugnação da Paraíba.

Não me pesa nem me pejo de relatar estes fatos, visto que não costumo nem tenciono louvar, de modo igual, as coisas honestas e as menos honestas. Expungi, há muito, das normas do justo e do direito estas palavras: – que não devem os governantes ser obstinadamente retos, e honestas todas as ações que praticam para guardar a dominação. Assim como é de justiça serem punidos os celerados pela memória da posteridade, assim também o é serem por ela absolvidos os inocentes.

Iniciou-se nesta ocasião o lançamento das décimas do Censo do açúcar e de outras rendas açúcar em todo o Brasil Holandês. Postas em almoeda, alcançaram os lanços seguintes:

Décimas de Pernambuco – 148.500 florins por um ano, arrematante: Moisés Navarro.

Décimas de Itamaracá e de Goiana – 19.000 florins, arrematante: Pedro Seulino Júnior.

Décimas da Paraíba – 54.000 florins, arrematante: Moisés Navarro.

As *pensões* dos engenhos pernambucanos foram arrematadas por 26.000 florins por um ano por João Fernandes Vieira.

As *pensões* dos engenhos de Itamaracá e de Goiana montaram a *Pensões* 9.000 florins por dois anos, arrematando-as Pedro Seulino Júnior.

Os dízimos das *miúças* ou miudezas subiram, nos distritos de *Miúças* Iguaçu, São Lourenço, Paratibe e Nossa Senhora da Luz, a 4.800 florins por ano, sendo comprador deles Tomás Espanhol.

Os dízimos das *miúças* nas terras de Várzeas, Santo Amaro e Muribeca foram arrematados por 3.700 florins durante um ano por Conrado João Mackinia.

Esses mesmos dízimos, em Santo Antônio, Ipojuca e Serinhaém, foram arrematados, durante um ano, por 4.300 florins, por Benjamim Pina; em Una,

Porto Calvo e Camaragibe, durante um ano, por 2.700 florins, sendo comprador Conrado João Mackinia; em Alagoas até o rio de S. Francisco, por 4.200 florins, arrematante Tomás Espanhol; em Itamaracá e Goiana, durante um ano, por 1.700 florins, arrematando-os Seulino; na Paraíba, durante um ano, por 3.000 florins, contratador Conrado João Mackinia.

A soma dessas várias importâncias perfaz 280.000 florins. Por aí bem se compreende que, defendidas de devastações as lavouras, não é infrutuosa a cultura do Brasil, podendo-se, em grande parte, compensar as despesas da guerra com tamanhos proventos.

Em princípios de 1639, divisou-se a armada espanhola, composta de vinte e oito naus e formidável pelos seus galeões. Navegando diante do litoral pernambucano, à vista do Recife, rumou depois para o sul. O Conde Nassau, nada suspendendo do que pertencia ao interesse público, mandou alguns navios ligeiros segui-la para explorarem que direção tomava e onde preparava o desembarque. Ele mesmo, com uma força militar de escol, margeou, rota batida, a costa até Porto Calvo. Sabendo, porém que a armada entrara a baía de Todos os Santos, voltou para Pernambuco, aprestando em todas as partes limítrofes por onde passou o que se referia às provisões de boca e petrechos bélicos e restaurando também fortes e trincheiras em Porto Calvo, Una, Serinhaém e Cabo de Santo Agostinho.

Foi nesta quadra que, pela terceira vez, veio ao Brasil, com oito navios e sete companhias militares, Cristóvão Artichofski, que gozava de antigo prestígio entre os diretores da Companhia. Deu isto ocasião a grave embate, de que surgiram partidos, cindindo-se os cidadãos e os soldados em sentimentos diversos, uns mais favoráveis ao Conde, outros a Artichofski, travando apaixonadas discussões até a respeito da autoridade que competia a cada um dos dois. Nada tão indigno nesta conjuntura do que ver-se o Conselho obrigado a despedir Artichofski, o qual, pertencendo antes à milícia brasileira, lhe participara das ações. E este homem, noutras ocasiões tão cheio de serviços, tão notável pelas suas severas virtudes marciais, teve de ser recambiado, durante o governo do Conde, tão benévolo e brando, que, havia muito, cativara, pela sua humanidade e caráter bondoso, não somente os seus, mas também os bárbaros. Referirei as causas dessa pendência, mas preferia ignorá-las para que não a conheça e se regozije o espanhol, com pesar da Companhia e de todos os homens de bem.

Por prudente decisão e por parecer do Príncipe de Orange e dos Estados-Gerias, tinha a companhia dado a Artichofski, como de fato convinha, a intendência-geral do armamento no Brasil, ordenando-lhe o rigoroso desempenho da sua função.

Receberam-no com simpatia e distinção o Conde e o Conselho, como o merecia um varão já célebre por várias expedições e pelos seus luzidos feitos no Brasil. Mostrando-lhes as instruções que lhe deram os Estados-Gerais, o Príncipe de Orange e os diretores da Companhia nenhuma dúvida puseram a respeito delas, conquanto remordesse tacitamente ao Conde e aos conselheiros uma tal ou qual insinuação de malévola suspeita nelas esparzida, isto é, que, em chegando Artichofski, se cuidasse com maior diligência de todo o armamento, remetendo-se aos diretores da Companhia relação minuciosa e clara do estado dele, e que eles queriam a milícia e tudo o que a ela se referisse em perfeita ordem. Os ânimos mais briosos acreditavam que nestas palavras eram acusados de má administração.

Já tinha decorrido quase um bimestre que se geriam os negócios do Brasil com vistas concordes, sem nenhum rompimento entre os regedores, puros de qualquer suspeita má e da nódoa de qualquer arteirice. Então, depois de espalhados entre o vulgo rumores e palavras injuriosas ao respeito e autoridade do Conde, foi revelada pelo próprio Artichofski uma carta, motivo da grande contenda, carta por ele dirigida ao excelentíssimo Alberto Conrado van der Borg, burgomestre de Amsterdã, muito conceituado entre os diretores da Companhia. Tal missiva indignou profundamente não somente o Conde, senão também a todo o Conselho porque, segundo criam, fora escrita para descrédito de um e outro.

Nassau convoca o Conselho e, ordenado o comparecimento de todos os seus membros, defendendo-se a si e aos conselheiros contra Artichofski, pronunciou um discurso desta substância: “Não é este para mim o primeiro dia de fidelidade à Pátria e aos diretores da Companhia. Há vinte anos venho-a provando quer aos Estados-Gerais e ao Príncipe de Orange, quer à Companhia, sem sombra de suspeita, sem mácula de maus conselhos ou paixões, sem intermissão dos meus deveres. Sempre considerei e ainda considero sacrossanta a consciência do juramento que perante eles prestei: jamais acontecerá que a dignidade da minha nação e da minha casa seja por mim aviltada com uma felonía, pois prezo mais do que a mesma vida a estima delas e a dos seus. Entretanto, ponderando os objetivos e maquinações de Artchofski e as instruções com que veio munido, certifico-me de ter incorrido na suspeita de má administração. Não é de crer tenha esse homem a prudência e perspicácia com a qual parece se ia atrever ao que fez, com tal irreverência a mim, se não fosse apoiado por seus instigadores, com cujo auxílio governaria e administraria estas coisas mal começadas. De fato, o seu modo de tratar comigo é indecoroso e desconhecido de toda a obediência, e as cartas dos diretores demonstram, com eloquência, terem eles sabido há muito que se negligencia a intendência dos armamentos e do aparato bélico, que está por terra a economia dos arsenais, e perdidas estas coisas que cumpria zelar. Foi por isso despachado Artichofski para res-

Discurso do Conde sobre a carta de Artichofski a van der Borg

taurar o que se acha arruinado, velar com diligência pelo que é do uso público – exatamente a principal atribuição do meu cargo –, e escrever-lhes, minudenciosa e acuradamente, sobre o estado do armamento, dos arsenais e das fortalezas em todo o território do Brasil Holandês. Tais palavras são, sem dúvida, de pessoas que lastimam e nos acusam.

“Além disso, afirmou Artichofski que doravante não mandariam os diretores nenhuma das armas que temos solicitado dois anos a fio, a não ser a pedido dele. Assim já serei convosco um nome vão e em breve nulo. Isto faz crer em verdade que não foi ele enviado para visitar a província entregue a nossa autoridade e meter-se consigo, mas para intervir como escarnekedor e censor de todas as minhas ações. Confio fazê-las aprovar por vós e pelos meus senhores da Europa, e não deixarei faltar em mim as partes e os deveres de um bom general. Deveria vê-los Artichofski, antes de se tornar o detrator e maculador da minha reputação. Não devia eu ser infamado nem exposto à malignidade de um aleivoso, eu por cujos labores, vigílias e perigos perdura firme a incolumidade do Brasil Holandês.

“Se não reconhecerdes em mim grandes feitos, pois cabe a Deus o concedê-los, ao menos reconheceréis, de modo certo, um espírito voltado para a salvação pública e com ela preocupadíssimo: para alcançá-la igualei o meu desejo, todo o meu desvelo, todos os meus perigos com vossos desvelos e com os perigos de todos. De sorte que é certamente grave que, mostrando eu os melhores intentos, haja homens, que, procurando estorvar-me os esforços, espalhem acusações contra mim, como se eu preferisse os meus aos vossos interesses, gestor negligente e remisso do bem público.

“E qual é o atrevimento de Artichofski? Ousa vir ler em nossa presença e não sem arrogância essa sua carta, vitupério do meu e de vosso nome, para acusar-nos mais audazmente por escrito, o que oralmente haveria feito com maior timidez e com voz débil. E leu-a perante vós para ter por testemunhas de tantas mentiras varões respeitáveis, companheiros e assíduos observadores dos meus trabalhos.

“E não se mostra diferente como particular e entre particulares, pois nem ainda entre os meus domésticos se abstém dos ultrajes que contra mim atira biliosamente, sem ignorar que me chegarão aos ouvidos. Foi-me afrontoso ter ele aconselhado a um tenente-coronel não acompanhar-me, ainda mesmo que eu lhe ordenasse, à expedição por mim empreendida, dizendo que eu iria com a escória dos soldados e com a desonra dos homens. São estes os elogios que ele dá à nossa milícia.

“Também chegou a tal desaforo certo mosqueteiro de Itamaracá que disse nesciamente não reconhecer doravante por superiores nem o Conde, nem os conselheiros, mas só Artichofski. Um tenente do seu regimento recusou obe-

decer a uma ordem minha, assinada por mim, alegando necessitar de licença prévia do seu generalíssimo (assim se intitulava Artichofski).

“Como estes fatos são inícios mal agourados do que se pretende fazer, tendendo para as cisões e ruína pública, como poderei fiar-me em homem de tão mau natural ou admitir por sócio de meus trabalhos um inimigo oculto, que tenta romper a unidade deste corpo, no qual nada está perturbado ou discorde, e abalar e destruir a organização ainda pouco firme da República? Portanto, dirijo-me a vós, companheiros a mim dados pela Companhia, como a testemunhas de minha vida e de todos os meus atos, pois quando se vive entre uns, é difícil defender uma causa perante outros.

“Nunca neguei a Artichofski a honra, a autoridade e o direito que lhe são devidos, e não é justo que eu tolere um solapador da minha jurisdição, da minha dignidade e do meu nome. É um só corpo desta república e há de ser regido pelo espírito de um só: a gestão suprema e geral me pertence: a dos outros é delegada e repartida. Acolho Artichofski como auxiliar de meus trabalhos e encargos, mas repudio-o como ditador: esta partezinha do Brasil não comporta dois governadores. Se divergirmos, se nos separarmos por emulação, por injustas suspeitas, partiremos a partezinha, e então já não é preciso aos espanhóis o vencer-nos, porque, graças às discórdias civis, seremos vencidos por nós mesmos. Temos de unir os nossos pensamentos, sem que nos apartem rivalidades, para deliberarmos em comum contra um inimigo comum. Os mais funestos males políticos, a peste dos Estados, são as contendas e parcialidade dos governantes: são mais danosas que as próprias guerras externas, a fome, as doenças. É vergonhoso e pernicioso digladiarem-se na mesma nau os remadores e marinheiros. Não faltam detratores ocultos à presente situação: precisamos de franqueza, de lealdade, de constância no direito. É assim que militam os bons, assim temos sempre militado.

“Diante disso, rogo-vos decidais uma de duas: ou mandardes-me para a Holanda para eu dar lugar a Artichofski, ou mandarde-lo para dar-mo ele a mim. A razão, a estabilidade do Brasil, a salvação e a prosperidade dos nossos aliados aconselham que se faça isto.

“Vou retirar-me para não parecer que, com a minha presença, influí nos votantes ou inclinei os sufrágios ao meu voto. Sempre tivestes da minha parte juízos livres e sempre os tereis. Dentro da vossa sabedoria, procurareis que nem a indignação, nem a afeição destruam essa liberdade.”

Ao terminar, levantou-se, dirigindo-se para uma saleta próxima, apesar
Retira-se o Conde para uma saleta de lhe pedirem os conselheiros, instante e respeitosamente, que se não retirasse.

Atônito com aquele discurso, o Conselho, após longa e atenta deliberação, acordou nisto: que, retidos no Brasil tanto o Conde como Artichofski, pro-

curariam reconciliar os dois, e, obtendo deste último um pedido de desculpas, abrandariam aquele por sua intercessão. Pareceu imprudente ao Conselho despedir Artichofski (este já se achava detido em casa por determinação do Conselho), o qual havia pouco fora enviado por autoridade dos superiores. Seria isso usurparem eles uma atribuição dos diretores supremos da Companhia em negócio de tanta relevância. Mais imprudente ainda seria despedir ao Conde, porquanto lhe eram subordinados os conselheiros na autoridade, na condição, na dignidade, e não deixaria de haver perigo em ficar o Brasil sem governador. Seria também afrontoso ao Conde e à casa de Nassau anteporem ao capitão-general de todo o Brasil e a segurança geral a defesa e os créditos de um homem de condição inferior.

Tendo conhecimento da decisão dos conselheiros de promoverem a reconciliação, para a qual se propunham para árbitros, perseverou o Conde na sua opinião. Passaram a segunda votação, convocando também o Conselho de Justiça, e, não lhes prazendo outra solução para o caso, igualmente Nassau firmou em nada ceder da sua resolução. No santuário da filosofia aprendera que os ressentimentos envelhecem por último; que os mortais se esquecem dos benefícios, mas lembram-se das ofensas; que é difícil harmonizar a ambição com o comedimento; aquela não descansa, se não alcançar os seus intentos, mormente nos impérios recentes, onde não deve haver rivalidades e onde é perigoso confiar em homens que se reconhecem por êmulos e invejosos da glória alheia.

Enfim, depois que os conselheiros discutiram entre si as razões, as circunstâncias dos fatos, as divergências dos chefes, as condições do momento, acordaram unânimes em reenviar Artichofski e no mesmo dia significaram-lhe, por intermédio de Carpentier, membro do Supremo Conselho, assim como de Elías Herckman e Mortemmer, o pensamento de ambas as corporações.

Demissão de
Artichofski

Não se demorou Artichofski e, embarcando-se na Paraíba em 26 DE MAIO DE 1639 navios que voltavam para a Holanda, deixou o Brasil pela terceira vez.

Na qualidade de narrador e não de juiz, não presumo nem de o acusar. Referir fatos que estão nos documentos públicos é ato de quem rememora e não de quem recrimina.

Quanto ao mais, educado desde menino para a milícia e exercitado nos vários lances da guerra, unira aos exercícios de Marte o estudo das artes liberais, entregando-se com afinco à leitura da história e de conhecimentos às vezes necessários a um capitão. A estes predicados juntava a sua sobriedade, a sua fama espalhada pelo Brasil e o favor que muitos lhe dispensavam.

Relatou o Conde minuciosamente estes sucessos aos Estados-Gerais, ao Príncipe de Orange e aos diretores da Companhia na Holanda, não porque não pudesse desprezar agravos e ofensas pessoais, mas porque convinha gozar

de boa reputação o governador de um império novo e não se menosprezasse a fidelidade refreadora da obediência de todos. Era este o teor da carta:

“Distante de vós, excelentíssimos senhores, tendo partido, em defesa da República, contra o inimigo, expondo-me aos perigos do ultramar, depois de haver provado na Pátria, durante vinte anos, a minha fidelidade nos serviços de guerra, vejo-me caluniado, sem se levarem em conta os trabalhos por mim tomados ainda mesmo com risco próprio, para promover os interesses da Pátria e da Companhia. As novas instruções com as quais Artichofski se apresentou perante nós demonstram não obscuramente que os dirigentes da Companhia lançam sobre mim suspeitas injustas e, por desconfiança de mim, esperam dele melhor administração, parecendo-lhes que fui um tanto negligente a respeito dos armamentos, se bem eu próprio, mais de uma vez, tenha perlustrado os arsenais e exposto aos diretores, em listas, a penúria dos mesmos. Não ignoro qual seja a importância dos armamentos, quer para se fazer a guerra, quer para não se fazer temerariamente, em razão do medo que eles infundem.

“Entre as minhas atribuições e nas instruções que recebi para o desempenho do meu cargo, inclui-se como um dos principais deveres cuidar zelosamente deles. Responsabilizar-me, porém, pela sua carência é injusto, porque, solicitando-os tantas vezes, verifiquei não serem de modo algum remetidos. E não os distribuíse eu parcimoniosa e escassamente, teriam nossas possessões sofrido desastres cada vez mais graves. E, por dizer a verdade, parece não ter sido outro o motivo de se mandar Artichofski senão que havia de gerir mais cautamente o municionamento, dando dele conta mais diligente aos diretores, e o faria com tal autoridade e poder que, dora em diante, nenhum aparelho bélico já deveríamos esperar da Holanda (são palavras dele), a não ser a pedido seu. E realmente, desde que voltou, tem feito crer terem-no para aqui enviado como um esquadrinhador e fiscal dos meus atos. Uma vez que cumpro os meus deveres de homem honesto, não o deveria rezear como tal, se ele se abstivesse de rebaixar meu nome e de captar o favor público, lançando sobre mim acusações injustas.

“Em todo o caso, poderia eu dissimular essas misérias e, em atenção à República, perdoar uma ofensa privada, esperando que se desfizesse pelo desprezo a calúnia e que, amansada pela minha benignidade, se aplacasse para mim a improbidade. Foi tal, porém, o atrevimento deste homem que não enrubesceu de ler (sem dúvida para ter graves testemunhas da sua imprudência) a carta, injuriosa a mim e ao Conselho, por ele dirigida a uma figura preeminente da Companhia na Holanda, deprimindo, além disso, a minha estima entre os meus domésticos. Já parecendo formarem-se partidos perniciosos à República e aos quartéis, levei o fato ao conhecimento do Conselho, pedindo-lhe instantemente ou a minha demissão ou a de Artichofski.

“De ordinário, ainda sem discórdias civis, já são bastantes os nossos males, e não foi vão o receio de que o inimigo se aproveitasse dessa questão para arrui-

nar-nos, por se haverem enfraquecido membros importantes para o corpo todo inteiro. Assim, demitido Artichofski pelos votos do Supremo Conselho de Justiça, volta para junto de vós a fim de vos referir talvez o que se lhe afigurar especioso e a mim pouco verdadeiro. À vossa prudência cabe ouvir-lhe o arrazoado, com tal que não seja em contumélia minha e se conceda direito igual de defesa. Com a partida dele, haverá paz para o Brasil, e os ânimos dos soldados, movidos destas más artes, obedecerão ao capitão-general com mais reverência e mais igualdade.”

A carta de Artichofski escrita ao ilustre van der Borg, burgomestre de Amsterdã, da qual resultou esta pendência, era do teor seguinte. Como tradutor, apegar-me-ei às suas palavras para não ser tachado, pela liberdade delas, de injusto para com o autor.

“Excelentíssimo Senhor.

Carta de Artichofski ao Sr.
Alberto C. Van der Borg,
diretor da Companhia

“Não imputeis a negligência minha a tardança destas letras, senão à minha saúde desfavorável, a qual me incomoda tanto, prendendo-me no leito e quebrando-me as forças com dores renais, que, após repouso de breve tempo, mal resisto o escrever-vos estas poucas regras.

“Abala-me o sentimento dos males públicos e das queixas de muitos, de sorte que venho derramar estas lágrimas em vosso seio como no de um pai. Antes, porém, de começar a lembrar as misérias da república, direi que é tal a situação do Brasil, que nem somos nós atacados pelo inimigo, nem ele por nós. Com a mira nestas empresas e tentames, mantemo-nos parados, pois nos faltam armas e aparato bélico, embora se haja escrito circunstanciadamente a respeito disto aos diretores da Companhia.

“Acham-se as naus apercebidas sobre as âncoras, com mil homens de armas, prestes para a expedição, com o almirante da esquadra e o tenente-coronel do meu regimento, e entretanto vou dissimulando tal expedição. De feito, só compareço ao Conselho, sendo chamado, e não me é lícito falar senão interrogado. Aguardo as ordens de meus superiores, as quais desejo cumprir como soldado honesto, se disto não fora impedido por me serem retirados diariamente os meios de o fazer. Estas coisas me trazem preocupado dia e noite, apresentam-se-me em sonhos, transformando-se para mim em bílis e negra peçonha. Esta é a realidade: não mandam os diretores da Companhia reforços para se restaurar o exército; faltam marinheiros, artífices, escreventes, praças de engenharia e outros trabalhadores necessários nos quartéis. Meu regimento é obrigado a suprir a míngua de tudo isso, e, o que mais é, alguns dos meus, dando baixa, ficaram senhores de si, conforme o costume da Companhia; alguns outros foram transferidos para outras companhias, sob outros comandantes, de sorte que do meu regimento saíram até hoje trezentos homens, os quais apontei nominalmente num índice, excetuando os que

se retiraram por doença. Neste ínterim, naus que zarpavam para a Holanda apressaram-me o desejo de escrever.

“Em se me oferecendo ensejo, escreverei acinte ao Conselho dos Dezenove sobre esta matéria. Diariamente sou importunado com a transferência de soldados de minhas companhias para outras e vice-versa. Não posso atalhar tempestivamente este inconveniente pelo súbito das ordens. Em algumas companhias que, ao partirem da Holanda, tinham 150 homens, mal restam 100. E ocorreu isso no próprio momento da minha chegada, antes de se passarem dois meses desde que aportei aqui. Que há de ser no bimestre seguinte ou após o quadriênio? E não se notará acaso nas outras companhias a mesma infelicidade e deficiência das minhas? E esta é tal e tamanha que nem um só dos tenentes-coróneis pode conhecer bem o regimento que lhe cumpre comandar. Notai, peço-vos, em que posição estou aqui, de que autoridade gozo, que atenção me prestam. O conde provê em outros os postos vagos em minhas companhias. E até agora ninguém se encontrou que de mim se aproximasse com o respeito e as continências devidas ou pedisse o meu favor. Nas minhas companhias nem eu nem meus oficiais mandamos, e sim outros, que de freqüente removem os soldados antes de eu saber e poder remediar o mal. Amiúde correm de mão em mão bilhetes e cartinhas procedentes do vice-almirante, dos sargentos-mores ou ainda mesmo dos oficiais de mais baixa categoria e dirigidas não a mim, mas aos meus capitães, destacados para mais longe. Nela ordena o Conde que se despache ora um, ora outro para as naus ou para os serviços náuticos, ou para os trabalhos mecânicos ou para outras companhias. E conseguem-se tais coisas antes de se verificar a autenticidade das ordens. Retiram-se tambores e trombeteiros, substituindo-os por outros. Há muito que o tenente-coronel do meu regimento no Recife está fora de atividade, vivendo descansado e ocioso, afastado da vista e do comando das suas companhias. Estas se acham dispersas pelas guarnições, as distâncias imensas, desde o rio de São Francisco até a Paraíba, numa extensão de cem léguas. Assim, é preciso um mês para eu me inteirar do estado delas. E no entanto, fazem-se novas levas e renova-se a soldadesca, quando todas as companhias poderiam estar alojadas na mesma província, cada uma delas sob as vistas e a disciplina dos seus comandantes gerais, de sorte que, sendo diversas, conhecessem a autoridade de um só. Que de proveitoso poderíeis esperar de soldados assim instruídos e tratados? Com que êxito poderei levar contra o inimigo estas ovelhinhas mais propriamente do que soldados? Certamente para correr o perigo certíssimo de manchar, sem querer e sem culpa, a minha honra, até hoje ilibada.

“Parecerá que digo estas coisas e muitas outras semelhantes contra o Conde e que elas contêm uma queixa. Sendo elas, porém, de pequena importância, admitem fácil emenda, e crê-se que terão fim. Confesso que nunca me queixei francamente delas com o Conde, visto como, por doença, era impedido de o fazer e esperava todos os dias melhor situação.



A. Castelo.
B. Defensores.

C. Igreja.
D. Casa e po. de armas. Igreja. Igreja. Igreja.

E. Praia.
F. Mar.

“Muitos assuntos também ainda não foram sujeitos a deliberação, quanto mais a decisão.

“Desde o princípio, verifiquei ser tal a natureza e o trato do Conde que é preciso não ser bem homem ou ser de péssima estofa quem tiver com ele um dissídio. Provar-lhe-ei a minha obediência, brandura e equanimidade, e jamais acontecerá seja eu acusado de lhe desobedecer. Entretanto, não tange ao Conde, mas aos membros do Supremo Conselho esse enfraquecimento e transtorno das companhias. É realmente coisa lamentável, e em tantos anos não se puderam corrigir estes males. Sirva de exemplo a última expedição a que está em preparo.

“Ouvi ao Conde que no Brasil não se pode proceder por outra forma; que embalde se esperam socorros da Holanda, pois os diretores não levam em conta o que lhes escreve; que não se mandam tropas auxiliares, e que a soldadesca, aí conscrita tumultuariamente em bambochatas e tavernas, pega em armas para matar a fome, entrando na milícia o refugio das cidades, para o qual é maior a necessidade de se comportar mal. Assim, far-se-ia mister aqui, disse ele, um recrutamento mais conveniente, formando-se para a milícia os desconhecedores dela, que nunca tenham visto nem o inimigo nem os acampamentos, que nunca tenham desempenhado nenhum ofício militar.

“São estas as justificativas desse modo de proceder, e não sem plausibilidade. Entretanto, o que se afigura conveniente aos que vivem no Recife é tido por inconveniente pelos dirigentes da milícia, tornando-se improfícuos e fracos os planos de guerra à conta das companhias deficientes, algumas com uns 18, outras com uns 40 homens, e esses sem permanência nem estabilidade, mas errantes e mesclados, trocando cada um sua companhia por outra. Se prouver conservar-se este sistema nas companhias com ele habituadas, deveria ao menos o meu regimento, favorecido com tantos privilégios, escapar dele, conservando-se intacto.

“Logo ao chegar, observando que com tais desacertos se poderia manejar mal esta serra, procurei os conselheiros e perguntei-lhes seriamente se ratificavam a cláusula que contratara com os diretores da Companhia sobre ser-me deixada livre a minha soldadesca. A princípio anuíram, parecendo extravagante controverter-se esse ponto. Logo depois, começando-se a desfaltar meus soldados, quando me preparava para reclamar, responderam-me que eu ainda podia abrir mão de muitos. Desde então, como que rasgado o véu, patenteou-se quais árbitros de minhas coisas encontrara e qual ia ser a situação da minha milícia. A vós, Excelentíssimo Senhor, que tomastes parte saliente naquela assembléia aí na Holanda, na qual era instado para esta província, não vos esquece ter-me recusado e não querer assumir novo compromisso com a Companhia, por causa deste costume inveterado de se administrarem mal as companhias e regimentos. Por isso, pedi a todas e a cada uma das câmaras da Compa-

nhia e aos Estados-Gerais cartas autenticadas para ficar isento destes estorvos, comandando meu regimento, sem ser ele modificado ao nuto e arbítrio de ninguém. Onde a fidelidade ao prometido, onde o respeito sagrado dos contratos? Até que ponto se arruinou a autoridade da Companhia ou dos mesmos Estados-Gerais, se, depois de haver atravessado o Oceano, entre tantos perigos, perderem o vigor e não se observarem os pactos concluídos comigo e jurados à face do Céu? Quando um mercador não aceita uma letra, chamam os holandeses a isto fazer bancarrota. De que expressão usaremos então, se os delegados plenipotenciários não fazem cabedal das cartas e quirógrafos dos seus superiores, autenticados com suas chancelas? Aí tendes o resumo das minhas queixas, certo justíssimas, as quais julguei necessário confiar-vos. Li-lhes isto mesmo. Respondam o que quiserem. Se não procurarem remediar estes males, está de pé o meu propósito de referi-los ao Conselho dos Dezenove e aos Estados-Gerais. O motivo que me impediu a estes queixumes é a minha resolução firme e imutável de cumprir cabalmente os deveres de um bom soldado, ainda que morra, não deixando aviltar-se em mim pela deshonra militar a dignidade deste nome. Não está, porém, em meu poder salvá-la, se tiver de me servir na guerra de uma soldadesca indisciplinada, que desonheço e que me desconhece.

“Ocorre-me ao espírito aquela arte de comandar dos antigos generais. De modo algum seria estranho aplicá-las a estas insignificantes tropas dos nossos. Tendo César tomado Roma, como afluísse para junto de Pompeu na Tessália grande multidão de romanos da ordem equestre, prevalecendo ele por soldadesca numerosa e luzida, conta-se que César, não obstante, disse: ‘Partamos contra o General’, dando a entender que considerava apenas nomes os soldados de Pompeu, e antes estorvos do que auxílios de guerra. Entretanto, derrotando-os em Farsália, quando já perseguia as tropas e os veteranos de Pompeu às ordens de Petréio e de Afrânio, disse: ‘Partamos contra o exército sem general.’

“A tal ponto convém serem os soldados conhecidos do general e este dos soldados. Havendo Aníbal desbaratado, numa carga de cavalaria, a Cipião, pai do Africano, refere-se ter exortado a soldadesca antes do combate com estas palavras: ‘Ide pelejar com um exército desconhecido do seu capitão e que desconhece a este.’

“Quando vim ao Brasil pela segunda vez, comandava somente oito companhias, que, num exército assaz longo da guerra, se acostumaram comigo e eu com elas. Quando entrava em campanha, punha as demais em segundo plano. Intrépido, as opus a dois e a três mil inimigos, com felicíssimo resultado. Agora, tendo às ordens uma soldadesca desaparelhada e lerda, se me é preciso às vezes encontrar-me com as forças adversas, hão-se de procurar esconderijos e proteção para as hostes em debandada. Julgareis quanto destoa isto dos hábitos da Companhia e dos meus brios.

“Tendes aí estes motivos das minhas queixas, as quais me pareceu bem apresentar primeiro a vós, para não serem desprezadas. Reclamo coisas justíssimas, isto é, cumprir-se o prometido, ou mandarem-se para mim outros soldados, ou serem-me restituídos os que foram retirados, ou dar-se-me desculpa de não ter administrado o que deveria. Se não me for concedido alcançar algumas destas pretensões, já não serei para vós outros o mesmo Artichofski que tenho sido. Posso ser enredado por outros dos quais será difícilimo desenredar-me.¹⁰⁹ Resta, porém, um remédio: envolver-me no silêncio e deixar que rodem os interesses públicos.¹¹⁰”

“Já antes, sob o generalato de Wardenburch, fui tratado quase de modo idêntico, sem ser empregado nos negócios da milícia, tendo passado quatro anos inteiros entregue aos estudos liberais. Não recusarei gozar, nas mesmas condições, a liberalidade da Companhia, e, ficando-lhe muito obrigado, considerarei esses ócios das Musas e essa vocação das armas o quinhão maior da minha felicidade.”

Aí termina a carta de Artichofski. Em notas marginais, deu-lhe o Conde respostas escritas às pressas e transmitiu-as junto com a dita missiva aos Estados-Gerais. Reuni-las-ei para o leitor sagaz confronte os artigos da acusação com os da defesa, apreciando o vigor de uma e outra e passando a esponja nas nódoas lançadas ao Conde.

“Acaso alguém existe”, disse Nassau, “que acredite haver estado
Resposta do Conde à
 precedente carta de
 Artichofski Artichofski enfermo e pregado na cama, tendo-lhe sido possível, durante a moléstia, assistir à festa de um casamento, ir aos templos e chegar, numa jornada de sete ou oito léguas, até a povoação de S. Lourenço no sertão? Andaria melhor, se cuidasse com mais diligência, durante esse tempo, de cumprir o seu dever, revistando os arsenais das praças vizinhas, pois somente lhe compete pelas suas instruções escrever minuciosamente sobre o estado deles aos diretores da Holanda. Mas *já pouco tem que dizer*, como se calasse grandes e infandas coisas. Se expusesse claramente, uma a uma, as irregularidades que tinha para lançar ao governador, ter-se-ia mostrado homem menos desleal. Agora, para ocupar os crédulos, numa arenga chorosa e tímida, com a suspeita de enormes crimes, deixa suspensos tantos mistérios. Se tem escrúpulo de escrever estes horrendos segredos de nossa dominação, já os teria declarado na Holanda de rosto a rosto. A quem fala procurará qualquer um dar satisfação, mas a quem se cala nem a própria inocência o poderá fazer. Artichofski difama com acusações dissimuladas quem as ignora para enganá-lo com esta aleivosia.

“Não fala verdade, quando se queixa *de lhe ter sido ocultada esta expedição* e de se lhe porem obstáculos para cumprir as suas obrigações de bom militar. Os soldados que retirei das companhias dele, fi-lo por ter necessidade dos mesmos para a expedição, julgando desempenhar o papel de um bom cabo de guerra.

“Nem era Artichofski impedido de se mostrar tal, obedecendo ao general do exército. Se *esperou ordens dos superiores*, não fez mais que sua obrigação. Nada tão justo e tão digno como esperar as ordens dos comandantes. Sem esta disciplina, muitas vezes, pereceram exércitos inteiros: o soldado obedece ao capitão, este ao coronel, e todos ao mesmo tempo reconhecem a autoridade do general. Lamenta que tenha perigado sua boa fama, porque se lhe tiraram soldados, não podendo ele assim atender à utilidade pública. Julguem, porém, os peritos na arte militar, que têm capacidade e poder de conhecerem estes assuntos, se é verossímil periclitarem a boa fama de Artichofski, porque o general tira destas ou daquelas tropas uns poucos de homens por necessidade urgente ou por interesse público. Estas coisas *o aflagem dia e noite*, como se os sofrimentos da pátria tocassem unicamente a este Artichofski.¹¹¹ Ora vai pregar a outra freguesia!¹¹² Mas, se ele próprio declara da Holanda não se remetem os homens necessários aos quartéis, por que então se zanga de serem esses tais buscados em seu regimento?

“Censura falsamente que tenham obtido baixa trezentos. Esta se concedeu somente a um, que militava sob a bandeira de Nuyssenburg e que havia chegado ao Brasil antes de Artichofski, quando nada nos constava acerca dos pactos por ele concluídos com os diretores da Companhia. Além disso, pôs-se no lugar deste um experimentadíssimo na milícia, que aqui se provara em vários encargos. Só por improbidade e por audácia se pode generalizar um fato singular. Demais, dos trezentos homens de que se queixa de lhe ter sido desfalcado o regimento, cala maldosamente os falecidos durante a viagem para aqui. Dos registros de óbitos consta terem dado baixa em algumas companhias vinte, em outras trinta, não por alvedrio meu, mas do destino. E que condição é esta de um general a quem não é lícito requisitar e escolher um soldado? Não ignora Artichofski os apertos em que nos vemos aqui, sendo compelidos a esses atos, não por veleidade, mas por necessidade, para se queixar, com injustiça, de que toda a disciplina militar decaiu e se arruinou.

“Os sargentos-mores de que fala comandam os corpos que lhes designo, e só durante a expedição, para se aliviar de despesas a Companhia.

“Confesso que se reduz o número das companhias, mas por não ter eu trabalhadores e praças de engenharia que são necessários. Concluída a expedição, voltará cada um para as suas companhias e bandeiras. Aqueles que a morte neste meio-tempo rouba aos comandantes, lancem à conta de Deus e não à minha a sua mortalidade.

“Nego que esteja em desordem a milícia, quer por desmoralização, quer por ambição de honras, quer por imperícia. Se os oficiais negligenciam fazer o que lhes compete, não me cabe tomar a responsabilidade alheia; se alguém me mostra agradecimento, fá-lo a quem o beneficiou. Ora tais benefícios foram feitos antes da chegada de Artichofski, quando ainda não se achava aqui aquele a

quem ele julga se deverem os agradecimentos. Acusa falsamente que outros comandam as suas companhias e não os próprios capitães.

“Quanto aos *bilbetes*, se requisitam soldados já para os serviços náuticos, já para os trabalhos mecânicos, nenhuns circulam que não partam de mim; nenhum procede de almirante, de sargentos estrangeiros ou escritos por oficiais inferiores. Quanto à escolha de cada soldado e à função a ele destinada, não tem folga o general para consultar Artichofski e pedir-lhe o assentimento. E aqui no Recife é dever de todos os coronéis e tenentes-coronéis, a que chamam majores, aguardarem as minhas ordens, que dependem das ocasiões, do lugar e do tempo. Mais desfaçado se mostra, quando nega que *tenente-coronel do seu regimento não é empregado nos negócios da milícia*: nesta mesma expedição que está em apresto, dei-lhe instruções, não por falta de oficiais, mas para fazer esta distinção ao regimento dele.

“Quer Artichofski que o seu regimento fique aquartelado *numa só província*. Mas apelo para todos vós que sois versados em assuntos militares e conheceis as regras do comando: convém alojar regimentos inteiros nas mesmas guarnições? Onde se ajunta uma soldadesca numerosa e vê as suas forças pela certeza da segurança, com facilidade intenta ela uma rebelião, se as coisas não lhe agradam. Muito salutar é ficar ela dispersa em grandes extensões, para não planear uma violência ou uma traição. Além disso, com dificuldade se poderia obter num só lugar alimentação para uma soldadesca excessiva.

“Não há por que se lamente Artichofski a respeito *da instrução dos seus soldados*: não se descuidam os tenentes de instruí-los e formá-los nas artes com que se habilitam para a milícia. Tudo o que pode ocorrer na ordem da batalha ou nos combates tudo isso aprendem nos exercícios campais.

“Logo, em palavras brandas, escusa a quem acusa, como se tivera eu perdido o senso da altivez e da dignidade firme. Se a situação pode ser por mim corrigida e se há esperança de o ser em breve, com que fim levanta ele esses tumultos e essa tempestade? Com que intuito apela para as autoridades da Europa com essas apóstrofes ultramarinas? Louva-me pelo *meu natural e afabilidade*. Isto, porém, é adulação e em verdade estúpida, e assim nem para o meu cavalo, nem para o meu cão invejarei louvores destes, conquanto sejam entes desprovidos de razão e de virtude. Ser louvado por esta forma não dista do vitupério. Calar aquilo que é de um bom general é criminá-lo abertamente. Elogia-me às claras para ferir-me com tais lisonjas.

“Quando diz que *seus regimentos estão sendo desorganizados* e que isto não me toca, mal poderia notar uma pessoa grande¹¹³ quanto me põe a honra a barato. Que há mais desairoso que não pertencer-me o desorganizarem-se-lhe os regimentos, mas ao Conselho Supremo? Quando, primeiro que todos, sou adstrito pela consciência do dever a não permitir que eles se desorganizem e enfraqueçam. E em verdade estou cabalmente persuadido de que esta é também

uma atribuição do Conselho, como provou ele à saciedade na última e na presente expedição. Não é dever só meu, mas também do Conselho Secreto, dos Estados-Gerais e da Companhia Ocidental obedecer às ordens, a não ser que aconselhe o contrário a extrema necessidade da República, mais poderosa que todas as terminações e contratos e até mesmo que o ferro e o bronze. Entretanto os conselheiros não retiraram soldados das companhias, senão com ciência e consentimento meu.

“Os Estados-Gerais e cada uma das câmaras da Companhia *subscreveram as exigências de Artichofski*. Não as devera ele, porém, fazer tão ambiciosa e tão ciosamente, conhecendo as condições do Brasil, onde a necessidade se sobrepõe às instruções, contra as quais é permitido decidir, quando for isto do interesse público. Conforme a apreciação das circunstâncias, necessitam de modificações condizentes com a utilidade geral. Sei que não se deve resistir sem motivo a um superior; mas quando este mesmo periga, quando o Estado periclita, imitarei ao pontífice Corneliano Pisão, o qual, não se apegando servilmente a nenhum parecer, sempre que sobrevinha a necessidade, moderava prudentemente as ordens de seu chefe. Não se segue sempre o mesmo caminho: adaptamos mais do que mudamos as resoluções dos superiores; viramos o Brasil qual uma nau, conforme as tempestades da República, dirigindo-nos todos para um só porto, se bem tomando rumos diferentes. Para que arrastar, odiosa e desprezivelmente, a esta comédia a estima e o acatamento dos Estados-Gerais, como se tivessem resolvido coisas terríveis ao pontentíssimo rei da Espanha e mostram, com suas armas vitoriosas por toda a parte, quanto valem?”

“Confere-nos Artichofski o soberbo título de *Delegados plenipotenciários*. Sem injúria nossa nem da verdade, não deveria recusar-nos a qualificação de fidelíssimos servidores da Companhia. Tomamos mais a peito a prosperidade e a incolumidade da Companhia do que esses tais contratos feitos na Holanda, mudáveis segundo a variação das circunstâncias. E não com outro fim ordena ela as medidas mais prudentes, senão para não faltar a nossa prudência, e quer que lhe modifiquemos as prescrições, segundo os ditames da lei suprema – a salvação pública.¹¹⁴

“*Li-lhes isto mesmo*, diz Artichofski, *respondam o que quiserem*. Ouço realmente palavras cruas e desrespeitosas para os superiores, com as quais ele pisa a dignidade daqueles a quem devera obedecer.

“Quando diz que se vê a braços com uma soldadesca indisciplinada, *que o desconhece e é dele desconhecida*, fala palavras ofensivas aos soldados. Em todo o caso pretende parecer que agüenta sozinho todo o peso da guerra e esteia com o seu regimento as terras brasileiras. Considera sombras e nomes os que não se acham sob a sua disciplina. Alega Pompeu, Petréio, Afrânio, Aníbal, sendo ele muito dessemelhante de todos. Blasona de haver resistido a 3.000 inimigos com oito companhias. Mas, se alude ao combate que travou em Porto Calvo com D. Luiz de Rojas e Borja, defrauda de merecida glória

capitães estrenuíssimos, aos quais, coagidos a pugnar sem esperar-lhe a ordem, se deve a vitória. Se, ao contrário, se refere ao cerco do Castelo Real, neste se houve de tal sorte que, na esperança incerta de ferir ao governador, parecia querer gastar toda a provisão de pólvora, se, avisado da minguada dela, não arrefecesse o seu inconsiderado furor.

“De três cousas pede que se lhe conceda uma: ou enviarem-se-lhe outros soldados, ou restituírem-se-lhe os que lhe foram tirados, ou ser dispensado do serviço militar. Demos-lhe tudo. Consenti em que suprissem as faltas das suas companhias com as tropas auxiliares esperadas da Holanda; em que lhe fosse restituída a soldadesca que voltava da expedição, e concordei também no terceiro ponto, porquanto, em virtude de votação igual do Conselho Supremo e do de Justiça, foi-lhe anunciado que aprontasse as malas e partisse para a Holanda.

“Teme não poder mostrar-se à Pátria tal qual se mostrou antes. Permite Deus que, daqui em diante, já não seja o mesmo: generá menos, pela ferocia dele e pela matança de inocentes, a desgraçada turba dos goianenses, viúvas e virgens.

“Diz que será consolo seu *envolver-se no silêncio*, como se pelo silêncio dele houvessem de perecer Amiclas¹¹⁵ e todos os batavos.

“Queixa-se de que, sob Wardenburch, foi tratado menos honrosamente. Tal coisa, porém, dita então para contumélia de outros, até hoje tem incomodado ao eminente general Wardenburch, cujos serviços à Companhia reputo superiores aos de Artichofski.

“Enfim, parece congratular-se consigo mesmo pelo seu ócio, não esperando outra ventura que voltar às boas graças com as Musas, desembaraçado das preocupações marciais. Mas o estudante que põe de lado seus estudos e livros costuma ter recompensa de um estudante vadio.”

A estes comentários acrescentou Nassau as seguintes linhas dirigidas aos Estados-Gerais:

“Não quero, entretanto, que julguem Vossas Altas Potências ter sido o motivo da despedida de Artichofski esta sua carta lamentosa, sobre coisas frívolas para vós. Ela se baseia em providências que é necessário tomarem-se aqui, mas, além disso, em acusações falsas e afrontosas. Vi-me constrangido a expor estes fatos aos dois Conselhos, pedindo-lhes a demissão de um ou de outro. Em todo o caso, foi preciso ocorrer aos males que ameaçavam e iam resultar disso, para que não me atinjam em breve os dissabores que sobrevieram a outros homens de bem, e para que, por uma acusação injusta perante os que ignoram a nossa situação, não se manchasse com a nota de infâmia o bom nome adquirido em esforços honestos. Entreguei a questão ao julgamento dos Conselhos Supremo e de Justiça e não receio os sufrágios de quantos quiserem parecer que zelam a própria fama e a da Companhia. Afirmo que doravante ficará a governança mais tranqüila para nós, pois temiam todos fosse ela perturbada por novas tempestades. A experiência albeia nos ensina que pouco proveito se alcança com exércitos cindidos pelas



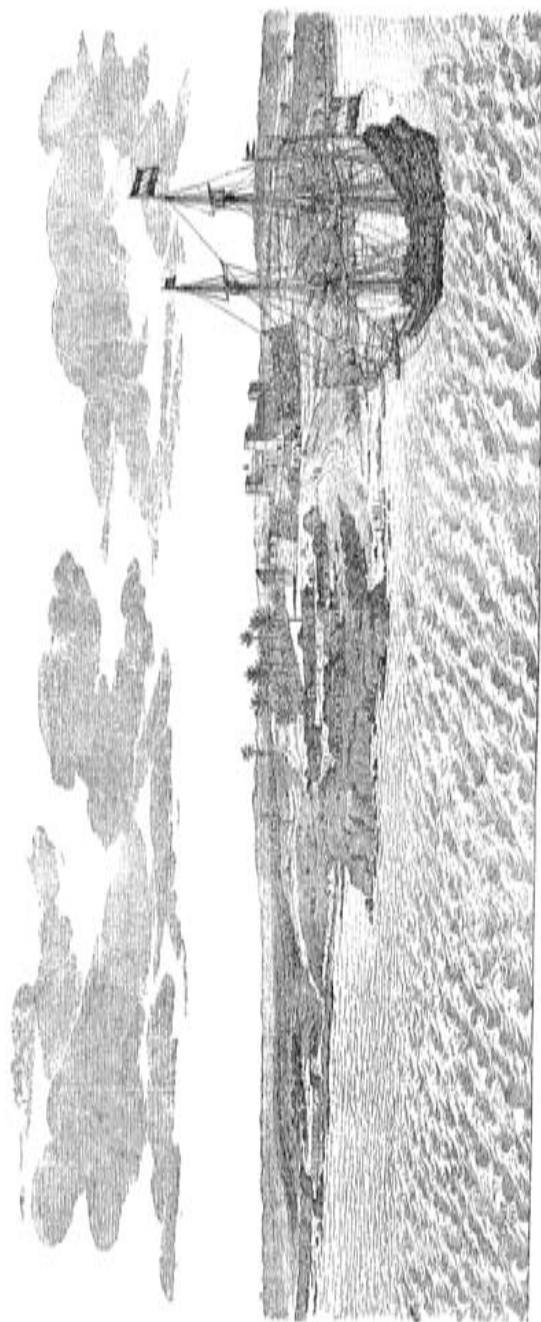
injustiças e rivalidades e assim era preciso remover as causas destas. Conquanto não apresente eu somente esta causa da partida de Artichofski, ainda assim achei bom comentar, sem mais atento cuidado, esta carta. Quem desejar aprofundá-la mais com o vigor do engenho e deliberar o fel que ressumbra siga o seu gosto.

“Confio que esta sincera confissão da verdade prevalecerá sobre as cegas simpatias de alguns com Artichofski, principalmente entre aqueles que não desconhecem de todo os atos por ele aqui praticados.”¹¹⁶

Os conselheiros do Brasil escreveram aos diretores da Companhia na Holanda no mesmo sentido que o Conde, achando que deveria ser lavada, com uma defesa comum, a nódoa de desídia lançada em todos. Diante disso, acreditaram muitos que Artichofski, no pleno gozo de suas faculdades mentais, destruía, numa só carta, a autoridade assaz ampla e o renome por ele granjeado na guerra americana. E se não fora vergonha exprobrarem-se aos varões eminentes os seus vícios, poder-se-ia crer que Artichofski procedeu mal com o Conde por erro da inteligência ou por paixão.

Referirei aqui os sucessos posteriores para não deixar suspenso o leitor, interrompendo a minha narração.

Regressando Artichofski para a Holanda, apresentou-se inesperadamente perante os Estados-Gerais, o Príncipe de Orange e os diretores da Companhia. Exposto aos vários juízos deles, incorreu na repreensão de uns, por causa do seu descomedimento com o Conde, e mereceu a comiseração de outros pelo desprezo e desmoralização em que caiu. Entre o povo, ganhou de alguns crescidos louvores pelo seu inflexível rigor. Os suspicazes, os que costumam profundar os motivos ocultos das coisas e aqueles a quem desagradam todos os atos dos governantes assim pensavam: a origem do mal estava em o terem mandado os diretores da Companhia ao Conde, que exercia no Brasil o comando supremo, dando-lhe como que poderes autônomos sobre a superintendência dos armamentos, a qual devia competir somente a Nassau na qualidade de primeiro chefe militar. A não ser assim, ficaria o Conde com títulos vãos, enfraquecendo a sua autoridade e repartindo com outrem o seu poder. Dizia-se que as verdadeiras leis do comando não sofrem tais competições, nem se harmonizam estas com o nome de generalato; além disso, que não devia ser ordenado a Artichofski a emenda de males que acaso houvessem surgido, mas ao Conde e aos conselheiros; enfim, que se imputava a estes, sem o devido exame, por uma acusação ainda não provada, a culpa de negligência e de má administração. Os censores intrometidos espalhavam em conversas estes e outros comentários. Aqueles, porém, que haviam amadurecido o espírito na honestidade e na prudência (assim somos os mortais agitados pelas ondas das opiniões) diziam consigo isto: nem todos temos sabedoria em todas as horas; ainda os mais sábios podem ser privados do melhor conselho; não poderiam absolutamente ter errado,



A. Ar.
B. Arnsz. fidele.

C. Wynants fidele.
D. Meus infansio fca.

E. Arns.

149

por paixão, em sua conjectura e expectativa, homens zelosíssimos do bem público. Por outro lado, entre o vulgo descontente e dicaz, ouvia-se o seguinte contra os diretores: que se mandara Artichofski somente para apear e suplantar o Conde, determinado-lhe uma cousa os diretores e subentendendo-se outra. Tentava-se por estas artes que Nassau, ofendido, abandonasse o comando espontaneamente, por desgosto ou por fraqueza de ânimo. Confiara-se a Artichofski a superintendência dos armamentos para pretexto, devendo atribuir-se-lhe os outros encargos do governo. Não obstante ignorarem os homens tais enredos, todavia proclamava-os o rumor público.

Durante esta pendência, encontrei um exemplo notável e digno de ser imitado pelos pósteros, isto é, ter o Conselho procurado prêmios para as pessoas de egrégias virtudes, já conferindo-os ele próprio, já sugerindo que fossem conferidos pelos diretores da Companhia. Assim, João Koin foi promovido ao posto de coronel, em que antes tinha servido Artichofski. O Conselho Supremo solicitou para Koin ao Conselho dos Dezenove um soldo proporcionado à sua patente, além de o elogiar pela sua fidelidade, bravura e perícia militar, porque já se havia ele ilustrado pela fama de muitas expedições e pela recente conquista do Forte da Mina, revelando-se varão de ânimo resolutíssimo para realizar as empresas e desempenhar as ordens súbitas. Subindo, portanto, de posto, merecia maior estipêndio, e havia de guerrear mais animosamente, se, elevando-se na hierarquia militar e no conceito dos diretores, gozasse também de maiores vantagens pecuniárias.

Foram também elogiados pelo Conselho os conselheiros Matias Ceulen e Adriano van der Dussen, homens notáveis pela sua habilidade política e administrativa, os quais se achavam prontos para regressar para a Pátria. O primeiro, vindo por duas vezes ao Brasil, prestou aí à Companhia serviços que não se esquecerão. Conduziu vencedor o nosso exército contra Goiana e depois contra a província do Rio Grande, onde expugnou o Forte dos Três Reis Magos, o qual, em honra sua, passou a chamar-se Forte de Ceulen. Quantos serviram nas primeiras guerras brasileiras conhecem a coragem com a qual, em companhia do tenente-coronel Byma, defendeu Recife, em luta contra a violência e os subitâneos assaltos dos inimigos, quando já tinham estes penetrado, sob o comando de D. Martinho Suárez, até as trincheiras, pois aquela praça se resguardava com escassas guarnições.

Não foi menos valoroso João Gisselingh. Pretendendo voltar segunda vez para a Holanda, estava aguardando a chegada dos novos conselheiros para dar-lhes todos os avisos e informações relativos ao regimento da república. Já anos antes se afamara não só na política, mas também na milícia. De fato, atacara o Castelo Real nos Afogados com fundada, mas balda esperança de o tomar, e em grandes extensões conduziu forças, para o sul, em busca dos engenhos dos portugueses. Marchara também contra a Paraíba e as

terras do Cabo de Santo Agostinho, onde se apoderou do forte do Pontal, que ainda hoje lhe guarda o nome.

O conselheiro Servácio Carpentier, já resolvido a partir para a Holanda, igualmente foi enaltecido entre os seus pelos votos de louvor do Conselho Supremo. Tomou ele parte nas expedições contra a Paraíba, o Rio Grande, Cabo de Santo Agostinho, Goiana e terras do Sul.

Pela zelosa administração dos negócios do Brasil, mereceu também Adriano van der Dussen os agradecimentos públicos. Partiu, pouco depois, da Paraíba, aos 29 de outubro de 1639, e, chegando à Pátria, apresentou aos diretores da Companhia um relatório sobre o Brasil. Não causa fastio o transcrevê-lo, para se ver, numa como síntese, que incrementos tomaram as nossas pequenas possessões, tornando-se de mínima máximas e desafiando, ao mesmo tempo, a inveja e a potência dos inimigos.

Todo o território até hoje conquistado sob os auspícios e pelas armas da Companhia das Índias Ocidentais divide-se em seis províncias: Sergipe d'el-Rei, Pernambuco, Itamaracá, Paraíba, Rio Grande e Ceará. A primeira e as últimas são desertas; as demais são cultivadas e mais habitadas pelos holandeses. A expedição do conselheiro Gisselingh e de Sigismundo Schkoppe contra o Sergipe, outrora muito colonizado, o despovoou. Amendrontados pelas nossas armas, refugiaram-se os colonos na baía de Todos os Santos. Por direito de guerra, devastaram os nossos o Sergipe, para que os baianos não fossem ali abastecer-se.

Os portugueses senhoreavam o Ceará, havendo ali número mais reduzido de habitantes. Defendiam-no com um forte pouco resistente. Passando este para o nosso poder, guarnecemos-lo com um presidio de quarenta homens. Não auferimos até agora nenhum lucro ou provento notável do solo, mas os soldados e forças de índios dessa região têm às vezes ajudado os interesses da Companhia.

A província de Pernambuco é a principal, numa posição ameníssima e importante, entre o rio de São Francisco e a ilha de Itamaracá. Essa palavra Pernambuco significa na língua dos índios *pedra furada*,¹¹⁷ a qual se vê perto da ilha de Itamaracá, banhada embaixo pelas águas. Tem os seguintes portos, surgidouros e enseadas para abrigo dos navios: o *Recife*, não só do lado exterior, onde há um ancoradouro cheio de perigos, como em mar aberto, mas também do lado interior, que, não proceloso, dá mais confiança; o *Cabo de Santo Agostinho*, onde é menor a profundidade do mar e a entrada, assaz estreita, é *impedida* de escolhos; a enseada da ilha de *Santo Aleixo*, onde se abrigam os maiores vasos para reparos, não tendo ela outra utilidade; a baía da *Barra Grande*, larga e cômoda para as embarcações, entre Una e Porto Calvo, na qual se refugiou Bagnuolo e desembarcou a soldadesca, depois de ter travado batalha naval com o almirante Pater; o porto de *Jaraguá*, onde saltou em terra D. Luiz de Rojas e Bor-

Elogio de Servácio
Carpentier

De van der
Dussen

Relatório sobre o estado
do Brasil, apresentado aos
diretores da Companhia
pelo conselheiro van der
Dussen

Portos da Província
de Pernambuco

ja; o *Porto do Francês* onde desceram os capitães Vidal e Magalhães;¹¹⁸ finalmente *Cururipe*, angra muito celebrada.

Os rios mais importantes são: o das *Jangadas*, *Serinhaém*, o *Formoso*, o de *Rios Porto Calvo*,¹¹⁹ o *Camaragibe*, o de *Santo Antônio*, o de *S. Miguel* e o de *S. Francisco*.

Compreende Pernambuco seis comarcas, das quais Iguaraçu é a mais antiga, Olinda a segunda e maior, Serinhaém a terceira, Porto Calvo a quarta, Alagoas a quinta e a do rio de São Francisco a sexta, limite austral da província de Pernambuco.

São cinco as cidades da província: Iguaraçu, Olinda, Maurícia, que *Cidades e Povoações* abrange Recife e uma cidade recente na ilha de Antônio Vaz, Bela Ipojuca e Vila Formosa do Serinhaém. As povoações são: Muribeca, S. Lourenço, Santo Antônio, Santo Amaro e outras do tamanho de vilas.

A região é muito montuosa, mas também fértil, mormente nos vales e nas ribeiras dos rios. Produzem fartamente os montes mandioca e outros frutos, e alguns dão canas-de-açúcar, posto que nos vales haja maior abundância delas.

As comarcas supramencionadas se dividem em freguesias, espécie de *Freguesias*. comunas, e contam cento e vinte e um engenhos, mas nem todos se *121 engenhos* ocupam atualmente em fabricar açúcar, porque se acham parados muitos deles, por estarem arruinados ou por falta de trabalhadores.

A província de Itamaracá, próxima à de Pernambuco, compreende uma *Itamaracá* só comarca com uma só cidade e um só porto. Embora abrigue este navios no sul da ilha, onde é bastante profundo, todavia não permite que sem risco penetrem mais avante, num canal mais longo, por causa dos bancos incertos. Na outra parte da ilha, assaz fértil, têm engenhos o seu trabalho; uma outra parte é estéril por causa das constantes devastações das formigas, das quais é perseguida *23 engenhos* principalmente esta ilha. Em suas quatro freguesias possui 23 engenhos, mas apenas 14 em atividade. A ilha produz copiosamente melões e frutas semelhantes, e as maiores e mais saborosas uvas de todo o Brasil.

A Paraíba, limítrofe de Itamaracá, ufana-se com o rio do mesmo nome, *Paraíba* o qual, pela sua profundidade, dá vantajoso calado a naus de carga. Não se divide em freguesias, mas em lugares,¹²⁰ e conta 20 engenhos, estando parados *20 engenhos* dois.

Depois desta vem a província do Rio Grande com quatro freguesias. *Rio Grande*. Fica aí vila de Natal,¹²¹ de aspecto triste e acabrunhador pelas suas ruínas, vestígios da guerra. Deu-se permissão aos moradores de edificar nova cidade em lugar mais feraz e em sítio mais vantajoso, na freguesia de *Vila de Natal* *Forte de Ceulen* tengi. A légua e meia de Natal vê-se o forte de Ceulen.

O nome da província é o mesmo do rio que a banha, capaz das maiores naus. Nela se abrem placidíssimas baías. A região, escassa de habitantes e riso-

nha pelos seus pastios, vive da criação de gado. Com as devastações das últimas guerras, porém, foi este retirado ou morto, sofrendo ela prejuízos com isso. Possuiu dois engenhos somente, um dos quais desapareceu, restando o ² engenhos outro, de modo que todo o Brasil holandês tem 166 engenhos, dos quais 120 se acham trabalhando, e os mais se vão restaurando anualmente para novos trabalhos. Dificilmente se calcularia com exatidão quanto açúcar produz por ano cada uma das províncias, comarcas e freguesias, em vista da natureza desigual do solo e das diferenças das safras, resultantes ou da temperatura ou da diversidade dos lugares.

Quanto à condição, distinguem-se os habitantes do Bra- ^{Dos habitantes, uns são livres, outros escravos} sil em livres e escravos. Quanto à nacionalidade, são holandeses, portugueses e brasileiros, e os escravos são negros ou africanos, tapuias ou americanos. Dos holandeses uns servem a Companhia das Índias Oci- ^{Holandeses} dentais, vivem outros por conta própria e não estão adstritos a prestar a ninguém serviços temporários. Estes ou chegaram nesta condição ao Brasil ou a obtiveram ali, depois de haverem servido. Vivem todos na condição de colonos, quer tenham dado baixa da milícia ou conseguido sua dispensa de outras funções, e se acham preparados, quando as circunstâncias o exigirem, a seguir para a guerra ou a defender a liberdade conquistada. Os recenseamentos dão o número destes, indicando os que se podem armar para infantaria ou para a cavalaria. Os que foram da Holanda para o Brasil por conta própria, ou são mercadores, ou empregados destes, ou de condição mais humilde como estalajadeiros, vendilhões, sapateiros, tecelões, obreiros. Alguns, enriquecendo-se, compraram engenhos e neles trabalham; outros dão-se ao plantio da cana e à lavoura. A estes se deve o desenvolvimento do Recife, que se cobriu de edifícios tão apinhados e numerosos que são elevadíssimos os seus preços, e estreitíssimos os espaços vagos. Disto resultou que a área aberta e vazia da ilha de Antônio Vaz, vendida em lotes, por alto preço, aos que pretendem construir e já habitada por numerosos cidadãos, impôs ao Conselho a necessidade de ampliar-lhe o perímetro até o forte de Frederico Henrique. Continuam as edificações, a despeito de se haver entibiado o comércio e de estarem há muito suspensos os ânimos dos cidadãos com a fama da armada espanhola. Onde se dissipou este receio, desenvolve-se a atividade da mercância, sobem os preços das mercadorias e cresce o desejo de edificar.

Não seria vã a esperança de que, neste mundo estrangeiro, possa surgir, de tão brilhantes primórdios, outra Tiro, outra Sidônia. Para este fim, resolveu o Conselho ligar por uma ponte o Recife e a ilha de Antônio Vaz. Um pegão de pedra, construído no leito do rio e resistindo ao contínuo embate das águas, dá a amostra e o início da futura obra.

Muito importaria à grandeza do Brasil que os direto- ^{Cumpre estudar com que artes se poderiam atrair colonos para o Brasil} res da Companhia examinassem seriamente com que artes se poderiam atrair colonos para lá, espalhando-os pelos desertos e terras ainda não

cultivadas. Assim se proveria à cultura dos campos, aos proventos do tesouro, ao tráfico, às despesas da milícia e, além disso, à segurança, poder e glória da nascente república. Mas, sendo certo que ninguém ambiciona senão aquilo cujos frutos prevê, não se devem iludir os pretendentes com uma vã jactação de vantagens, pois não lhes poderiam ser doadas as terras vizinhas do mar ou da costa, ocupadas há muito pelos seus possuidores, nem as do sertão pela inópia de vitualhas. Cumpre, portanto, fomentar, com privilégios e concessões, a cobiça dos holandeses, sobretudo daqueles que se animarem a construir novos engenhos e a encetar a plantação de cana. Sabemos ter feito isto o rei da Espanha, o qual concedeu a tais colonos, no primeiro decênio, isenção de impostos, obrigando-os depois, pelo tempo adiante, somente à metade deles. A mudança da situação não consente façam os nossos a mesma coisa, visto como as partes vizinhas do litoral estão ocupadas pelos seus donos, e as mais distantes afastam os novos colonos pela dificuldade de transportes, pelo preço destes e pela carestia de mantimentos. Faz-se, pois, mister imaginar outra negaça para os cobiçosos de lucros e suprir com o engenho a míngua pública. A nossa Holanda é abundante de artífices mercenários: ferreiros, mestres de obras, pedreiros, cinceladores, uma onda de alfaiates e sapateiros, marceneiros, torneiros, vidraceiros, oleiros, canteiros, latoeiros, xaireiros e tantos outros desta espécie, que poderiam cansar até o loquaz Fábio.¹²² Na Pátria eles se mantêm a custo com o seu mister, julgando cada um que é de pobreza a sua profissão. Se passarem para o Brasil, poderão provocar à inveja a sua antiga fortuna e perceber jornal mais pingue. De feito, em parte nenhuma, não existe trabalho sem salário, nem salário sem trabalho. Em via de regra, o trabalho e o salário muito dessemelhantes em sua natureza, gostam de andar juntos, numa sociedade natural.¹²³

O jornal dos mestres de obras são seis florins e o dos seus ajudantes três ou quatro florins. Os mais elevados são os dos trabalhadores de engenhos. É necessário atrair esses obreiros para na Holanda não serem pesados ao erário público, nem se atirarem como pobres às bolsas dos particulares. É preferível mandar para o Brasil esses a remeter para lá os criminosos, os infamados por suplícios e a maruja de Ulisses.¹²⁴ Isto é familiar aos espanhóis, e a escória de tais perdidos, por eles despachada para o Brasil, produziu progênie mais viciosa, a qual, guardando os vestígios de sua ruim procedência, não faz distinção entre o justo e o injusto. Onde os oficiais mecânicos fizeram um lucrozinho, compram um campinho e interpretam os primeiros favores da fortuna que os afaga como promessa de maior fortuna.

Será muito promissor o estabelecimento de colônias, se se der aos colonos uma habitação garantida; se presidirem à república homens incapazes de fazer agravos aos súditos e de usar despoticamente do poder; se boas leis regularem o comércio. É, porém, pernicioso e desairoso àquela república enviarem-se-lhe indivíduos imperitos de qualquer arte ou mister,

Quando são úteis os colonos e as colônias

porque todo o seu meio de vida está nas tavernas e tascas e, expulsos destas, são compelidos a viver ou do suor alheio, à moda dos zangãos, ou de alguma atividade flagiciosa. São próprios para a colonização três espécies de homens: 1º, aqueles que, providos de cabedais, gostam de aplicar-se à exploração dos engenhos; 2º, os que vivem de um ofício; 3º, os que, depois de terem servido à Companhia, se empenham em beneficiar a nossa possessão, dedicando-se à agricultura.¹²⁵

Três classes de homens
próprios para a
colonização

Para o trabalho dos engenhos e da lavoura são necessários negros, que se têm de comprar, porquanto os nossos patrícios levados para o Brasil, ainda mesmo que tenham o corpo muito exercitado, não toleram essas tarefas, por enervar ainda os mais fortes ou a mudança do clima ou da alimentação, gerando neles imperceptivelmente a preguiça e o torpor, de modo que a desídia, a princípio odiada, começa por fim a ser-lhes agradável. Esta fraqueza não se verifica só no homem, mas também em algumas cousas da Europa, ainda mesmo inanimadas, como o ferro, o aço, o latão, e tanto mais em seres corruptíveis e putrescíveis.

Dos holandeses que se dedicaram ao granjeio da lavoura e dos engenhos muitos recobriram a riqueza antiga, de sorte que se pode esperar com fundamento alcance o Brasil, em poucos anos, a importância que teve sob o rei. Já sobe o preço do açúcar, que se manteve baixo por muito tempo.

Os portugueses (esta é a segunda categoria dos habitantes) ou se estabeleceram no Brasil há muitos anos atrás, sob o domínio dos seus compatriotas, ou então, pertencendo à seita judaica, transmigraram recentemente da Holanda para ali. Compram terras e engenhos e os exploram com diligência. Os mais deles habitam no Recife e forcejam por dominar quase todo o comércio. Outrora, foram na maioria senhores de engenhos e hoje compram aqueles cujos donos fugiram em consequência das guerras. Têm eles os seus trabalhadores, que plantam cana e fabricam açúcar, tarefa até hoje negada aos nossos patrícios, por lhes faltar perícia de temperá-lo e de purgá-lo, embora sejam capacíssimos noutras artes. Entretanto, não toleram também os portugueses esses afãs ordenando-os aos negros, mais aptos para ser mandados do que para trabalhar. A maioria dos portugueses nos são infensos, mantendo-se quietos só pelo terror, mas, apresentando-se-lhes ensejo, mostram-se contra nós desaforados e descomedidos em palavras. Antepõem a sua vantagem à boa fama e à lealdade; ocultam contra nós a sua cobiça e os seus ódios, e assim temos esses inimigos dentro das nossas muralhas, no próprio coração das cidades e dos povoados.

Os brasileiros, povo antigo, indígenas e senhores do país, não se mesclam aos portugueses, mas vivem deles segregados em suas aldeias, habitando casas cobertas de folhas, de forma oblonga,¹²⁶ sem decência nem beleza. O mesmo teto abriga quarenta ou cinqüenta deles. Noite e dia conservam-se deitados em leitos suspensos à maneira de redes (chamam-lhes *hamacas*),¹²⁷ sem nenhuma separação de paredes. Sem fazer caso de qualquer alfaia,

Índios livres

exceto essas redes e copos de beber, a que dão o nome de *cabaças*,¹²⁸ e uns potes de barro, julgam supérfluo possuir qualquer outro traste. Todo o seu apresto bélico são setas e arcos. Cada habitação tem ao redor seu mandiocal e seu feijoal. Esses indígenas, quando não travam guerras, passam muito tempo na caça e maior ainda na ociosidade. Gostam menos dos frutos plantados que dos silvestres e nativos. Matam a fome sem manjares delicados,¹²⁹ mas não mostram a mesma temperança quando à sede, porque para eles é menos vergonhoso atravessar o dia e a noite bebendo. De raízes de mandioca esmagadas nos dentes e dissolvidas na água preparam uma bebida, deixando-as azedar, e uma outra dos tubérculos da taioba,¹³⁰ conforme a estação do ano.

Vivem dia por dia descuidosos do trabalho e solícitos somente com a bebida e com os panos de que fazem para as mulheres camisas e para si uma vestimenta exterior. Não se importam com dinheiro, a não ser para comprarem vinho espanhol e aguardente.¹³¹ Alentados pela promessa e esperança destas coisas, suportam alegres quaisquer labores, e sem elas os toleram de mau grado e um tanto tristes.

Põem à frente de cada uma de suas aldeias um chefe, mais para exemplo e admiração do que para mandar. Designam um principal para cada uma das casas, ao qual obedecem espontaneamente, aprendendo da natureza que não se pode reger uma multidão sem a concórdia entre governantes e governados.¹³² Além disso, a cada uma das aldeias preside um capitão holandês, que tem por ofício avisar dos trabalhos os preguiçosos e os tardos, e acautelar que não sejam fraudados por 20 dias seguidos, transcorridos os quais dificilmente seriam persuadidos a novos, e não esperam o pagamento, mas, incrédulos de receber a soldada, exigem-na antes de executarem a sua tarefa. Daí resulta que, fugindo, enganam os senhores de engenho. As mais das vezes se ocupam em cortar madeira para uso dos engenhos. Hoje, porém, pela escassez e carestia dos negros, são empregados também noutros afãs, e, não os sabendo, antes querem fugir perfidamente que fatigar-se com o trabalho. Muito inclinados à guerra, temem procurar com o suor o que preferem procurar com o sangue, não tendo nenhum escrúpulo de desertar de suas parcialidades e bandeiras. Sempre que se fazem levar nas aldeias, escapolem-se antes de ser intimados. Sujeitam-se com dificuldade à mesma disciplina dos nossos, recebendo soldo menor. São terríveis para os inimigos, não tanto pela força quanto pela fama de ferocidade. Perseguem acérrima e ferozmente aos fugitivos. A ninguém perdoam a vida.

Muito remissos em matéria de religião, aprenderam com os católicos as orações cristãs, a Oração Dominical e o Símbolo dos Apóstolos, ignorando tudo mais. O predicante Davílio, para instruir aquela gente ignorante nas coisas divinas, aprendeu-lhe a língua, fixou-se no meio de suas aldeias, ensinou a infância, arrancou-os ao paganismo com o santo batismo da Igreja Reformada e casou-os segundo o nosso rito. Atualmente, nas aldeias de Alagoas, Una, S. Miguel, Goiana, Paraíba e Rio Grande, poder-se-ão achar 1.923

Zelo do predicante

Davílio para converter o gentio



A. Lefson.
B. S. S. S.

C. Vis. L. van. S. S.
D. S. S.

E. C. S. S.
F. S. S.

homens idôneos para a guerra, sendo mais do triplo o número das mulheres. Dos homens poderão separar-se 1.000 para a milícia, deixando-se aos velhos o cuidado das famílias. É comum irem as mulheres com os maridos para a guerra, dispondo-se para a mesma sorte deles, tanto de vida como de morte.

Dos escravos uns são índios, outros africanos e outros trazidos do Maranhão. Já antes compraram os portugueses escravos índios cativados pelos tapuias, ou reduziram à escravidão, por se terem aliado a nós, os que abandonara, na baía da Traição, o almirante Balduino Henrique. Todos foram já libertados. Os maranhenses comprados como escravos pelos portugueses aos seus cativadores, mantivemo-los no estado servil, por não lhes devermos nenhum benefício. A terceira classe de escravos são os africanos, dos quais são os angolas os mais trabalhadores. Os ardras, muito preguiçosos, teimosos e estúpidos, têm horror ao trabalho, com exceção de pouquíssimos, que são mais caros por tolerantísimos do serviço. Os de Calabar têm pouco valor em razão de sua preguiça, estupidéz e negligência. Os negros da Guiné, os da Serra Leoa e os do Cabo Verde são menos próprios para escravidão, porém mais polidos, mostrando gosto para a elegância e para os enfeites, principalmente as mulheres. Empregam-nos por isso os portugueses nos serviços domésticos. Os do Congo e do Sonho são os mais aptos para os trabalhos, de sorte que é do interesse da Companhia tomar em conta o tráfico destes, unindo-se por laços de amizade os condes do Congo e do Sonho.¹³³

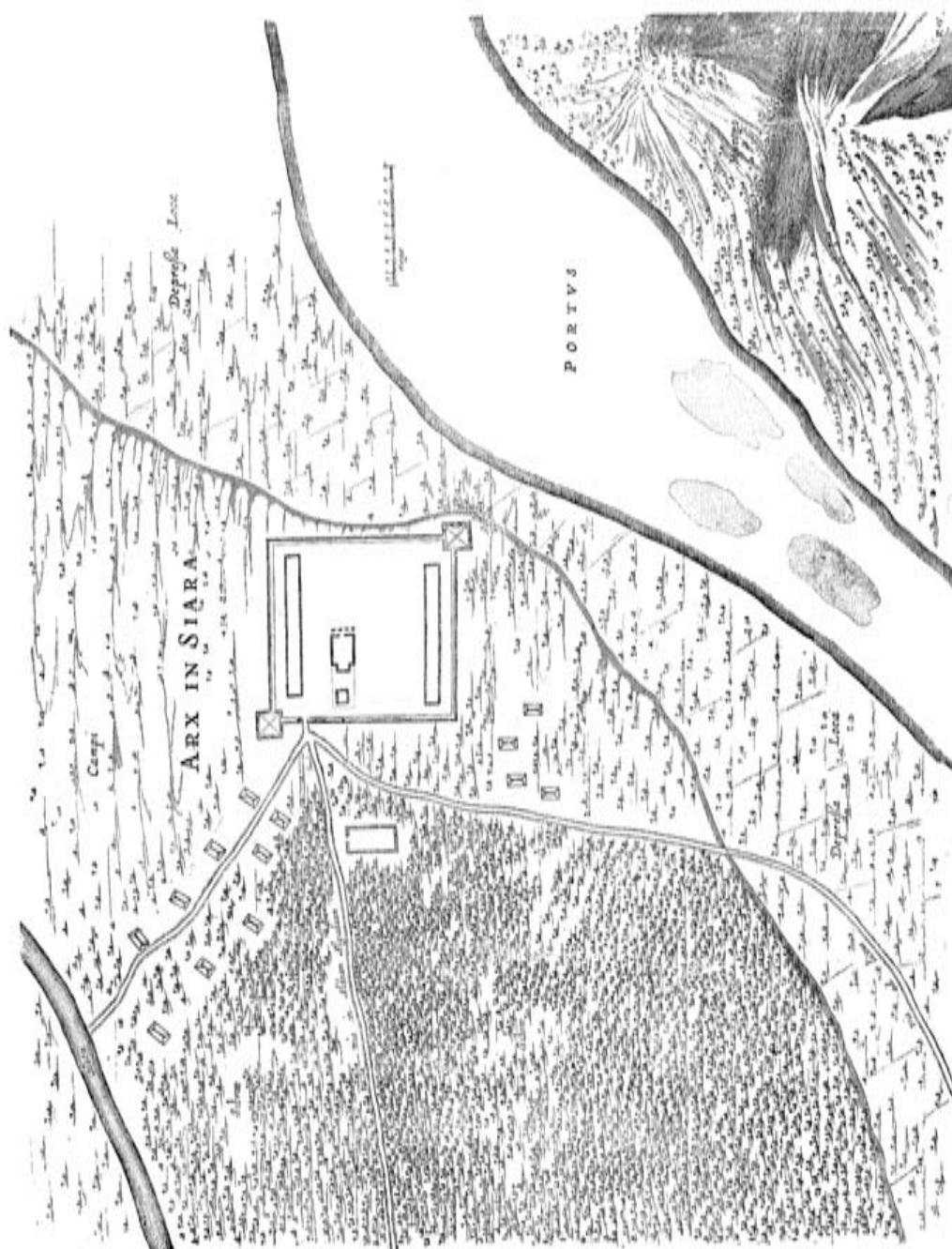
Os produtos do Brasil são açúcar, madeiras tinturiais e outras cores variadas, tabaco, couros de boi e doces. Desde que se pratique a respectiva cultura, é bastante fértil de algodão e da tinta cor de laranja que se chama orelana.¹³⁴

Deter-me-ei mais um pouco em referir o supramencionado processo de fabricar-se o açúcar.¹³⁵ No açúcar combinam-se admiravelmente a natureza, a arte e o trabalho. A natureza, por benefício do solo e do céu, elabora um sumo oculto da cana, o qual se aperfeiçoa com várias operações.

Planta-se um canavial metendo na terra pedaços de cana, e ele basta para produzir açúcar durante uma vida humana. Intercalam-se novas entre as mortas, a menos que uma seca excessiva queime os campos, ou as águas estagnadas dos rios cortem-lhes as raízes com o frio. É necessário limpar o canavial, porque, não o fazendo, as canas ainda muito tenras ficam abafadas nas ervas e produzem um açúcar menos apreciável e de cor pior.

As canas cortadas levam-se em carros para os engenhos, onde, depois de várias manipulações em compartimentos e vasilhas diversas, o açúcar se cristaliza em diversas formas e qualidades.

O sertão do Brasil, a dez ou doze léguas da costa, produz pau-brasil, não em matas inteiras e cerradas, mas esparsamente, de mistura com outras árvores. Ocupam-se os negros em cortá-lo nas suas folgas e nas horas vagas. Tiram-lhe a casca mais grossa, que não é propriamente vermelha, mas branca,



com três dedos de espessura, nodosa, áspera, nem leve, nem glabra. A árvore é frondosa, com folhas miúdas e muito agudas, verde-escuras, as quais pendem, umas após outras, de ramozinhos delgados. Diz-se que esta árvore não dá nem flor, nem fruto, de modo que é verossímil propagar-se pelas raízes.

A mercadoria mais cobiçada pelos índios é o pano de linho, não o de Ruão, mas o de Osnabrück; porquanto alguns mercadores, seduzidos pelos lucros que auferiam do linho de Ruão, importaram-no, assim como o de Steinfurt, em tal cópia que, pela sua afluência, não se podem vender a retalho. Os panos de cores não alteram o seu valor, e este é elevado. Mantêm-se os preços antigos para o latão, estanho, vinhos, cerveja, azeite, manteiga, queijo, farinha, peixes secos, toucinho, presunto, carnes defumadas. É menor o preço das salmoiras, favas, ervilhas e outros legumes.

Voltando aos habitantes do Brasil, acha-se o governador Nassau de boa saúde, com o ânimo firme e empenhado em promover as conveniências e vantagens da Companhia. Os conselheiros Matias Ceulen e Gisselingh, assim como o assessor Servácio Carpentier, tendo já prestado longos serviços, pedem demissão para que, forçados a continuar nas suas funções, não se entibiem por cansaço, degenerando das virtudes antigas por desfalecimento da alma.

O Conselho de Justiça, até aqui constituído de nove membros, já se reduziu a sete por morte de Hogeveen e pela partida de I. Bodecker. Dele estão fazendo parte Elias Herckmann, Nono Olferd, Baltasar van der Voord, Pedro Mortemmer, Gisberto de Witt, Pedro Bass, e Daniel Alberti. Olferd está à frente das terras do São Francisco e das Alagoas; Pedro Bass das de Porto Calvo e Serinhaém; Daniel Alberti e Mortemmer respectivamente da Paraíba e de Itamaracá, de maneira que ali nos achamos reduzidos a um triunvirato. Herckmann e van der Voord, encarregados da Fazenda Pública e do pagamento da milícia, estão desviados da administração da justiça, sendo, pois, absolutamente necessários novos conselheiros e ministros judiciários para preencherem o novenvirato e ampararem a república com os conselhos dos magistrados.¹³⁶ Nós vos indicamos para assumirem esse lugar e dignidade o fiscal Jacó Aldrich, o médico Guilherme Piso e Teodósio Kaiser,¹³⁷ em favor dos quais falam a sua virtude, fidelidade e diligência.

No Recife administram o culto Frederico Vesselero, Pedro Lantman e Francisco Plante, pregador da corte, varões conceituadíssimos assim pelas suas virtudes como pela ciência eclesiástica. Em Olinda e nas aldeias dos índios Joaquim Sollero e I. Polhêmio falam ao povo nas línguas francesa e portuguesa, e em Itamaracá faz o mesmo Cornélio Poélio. Na Paraíba o inglês Samuel Rathelário começa a pregar para os holandeses. O predicador holandês Davi Dorislaer empreendeu falar aos índios, nas suas aldeias, usando a língua deles e a portuguesa. No cabo de Santo Agostinho desempenha essa função

Membros do Conselho
Político

Predicantes mais
notáveis

João Stetino e em Serinhaém João Eduardo.¹³⁸ Assim, os homens da nossa fé já pregam também a Cristo entre os gentios, apesar de ser para estes uma loucura,¹³⁹ e participam daquela glória de espalharem nas terras estrangeiras a luz do Evangelho, glória que os católicos romanos reclamavam só para si. Estão privados de tais predicantes os moradores do Rio Grande, de Porto Calvo e do Penedo, que se contentam apenas com os consoladores de enfermos. Não é melhor a sorte dos habitantes do Cabo Santo Antônio, de Capiguaribe e Goiana, onde são muito numerosos os holandeses, a quem os portugueses, por isso mesmo, exprobam, como a irreligiosos e profanos, o descaso do culto.

É libérrimo aos papistas o exercício de sua religião, ainda que não sem pesar e murmurações de alguns. Dos eclesiásticos uns são clérigos, outros frades. Clérigos chamo aos presbíteros e sacerdotes, que, sujeitos aos seus vigários, celebram missa e assistem aos enfermos.

Os frades, segundo a ordem a que pertencem, distinguem-se em franciscanos, carmelitas e beneditinos. O maior número é o dos franciscanos. Vivem em seis conventos de belíssima arquitetura: o primeiro é o de Frederica; o segundo, o de Iguaraçu,¹⁴⁰ o terceiro, o de Olinda; o quarto, o de Ipojuca; o quinto, o da ilha de Antônio Vaz, e o sexto, o de Serinhaém. Não possuem os franciscanos nenhum bem de raiz, nenhuma casa, sustentando-se com as esmolas cotidianas que recebem.

Os conventos dos carmelitas são o da Paraíba, o de Frederica e o de Olinda. As obras deste último, encetadas com magnificência e ainda não rematadas, acham-se interrompidas. Eles se mantêm com os módicos réditos que tiram de testamentos, construção de casas e lavouras.

Possuem os beneditinos dois mosteiros, um em Frederica e o outro em Olinda. Têm lavouras na Paraíba, sendo ricos de gados, casas e canaviais. A eles pertence o engenho chamado Maçurepe em Pernanbuco.

A maioria dos judeus foram da Holanda para o Brasil. Alguns de nacionalidade portuguesa simularam a fé cristã sob o domínio do rei da Espanha. Agora, livres do rigor papista,¹⁴¹ associam-se abertamente aos judeus, sob um dominador mais indulgente, prova evidente de que, pelo terror, se provoca a hipocrisia e se criam adoradores da realeza, mas não de Deus. Ostentando com bastante audácia a sua religião e os seus ritos, queixando-se os papistas no reino alheio, clamando os nossos, sequazes da Reforma, que saíram da Pátria, onde se permitem as sinagogas, conservaram eles, depois de avisados pelos conselheiros, o culto de Moisés e as cerimônias judaicas mais às ocultas.¹⁴²

É muito tênue a esperança de conversão dos papistas, pela sua inveterada opinião de verdade, a qual dificilmente se lhes arrancaria, pois julgam que de-

vem guardar a religião e as cerimônias recebidas dos seus maiores e que seria abominável abandoná-las.

Temos só um predicante que pode falar-lhes em português, mas nem um só papista, que deseje ouvi-los. Obstinaos pelos conselhos dos seus padres, a quem dão lucros, e presos pela superstição, fizeram-se surdos à voz dos nossos. Preferem as velharias retumbantes às novidades, e antes querem uma religião esplendorosa e ornada que uma menos brilhante e vistosa.

Poderíamos instilar na infância os nossos preceitos, antes de estarem os espíritos imbuídos de outras doutrinas; mas os próprios portugueses a instruem entre as paredes privadas e, com prematura solicitude, gravam nessas tabuinhas rasas os seus ensinamentos.

O alimento dos naturais é farinha, frutos vários e hortaliças. Preparam aquela com as raízes da mandioca. Esta apresenta ramos de nove folhas alternas, semelhantes ao cinco-em-rama ou pentafileão, à maneira de dedos. Não dá flores nem sementes. O caule lenhoso deita varas lenhosas.¹⁴³ Em montezinhos de terra de 3 ou 4 pés de diâmetro, metem-se três ou quatro pedaços dessas varas,¹⁴⁴ deixando-se fora da terra até o meio. Formam-se e distribuem-se esses montinhos por espaçossíssimos campos. Essas varas lançam raízes debaixo do solo, das quais nascem e se multiplicam ramificações subterrâneas e radiciformes, da grossura de um braço e às vezes de um côvado de comprimento, conforme a qualidade do terreno. As raízes que os holandeses chamam doces,¹⁴⁵ posto de grossura diferente da mandioca, brotam fora da terra, em 2 ou 3 rebentos, os quais, tornando-se lenhosos no oitavo, décimo ou duodécimo mês, servem de semente. A mandioca difere das nossas plantas só nisto: nada sai do fruto da mandioca para sua propagação e nas nossas o fruto é que gera as sementes, pelas quais se reproduzem. É a mandioca um alimento bastante forte e mais agradável do que o pão para os portugueses, índios e negros e até para os nossos soldados.

É imensa no Brasil a multidão dos animais silvestres e mansos.¹⁴⁶

“Neste número, para referir poucos, entram PORCOS SELVAGENS,¹⁴⁷ animais anfibios e de carne saborosa e saudável. Caminhando com patas de comprimento desigual, pois as dianteiras são mais curtas que as traseiras, andam devagar, e acossados pelos caçadores mergulham, quando podem, nas águas próximas.

As ANTAS lembram mulas,¹⁴⁸ mas têm porte menor. A boca é mais estreita, o beijo inferior oblongo à semelhança de tuba, as orelhas redondas, a cauda curta e o resto do corpo de cor cinzenta. Fogem da luz e só de noite vagueiam em busca de alimento. Em amanhecendo, escondem-se em tocas. A carne é quase do mesmo sabor que a da vaca. Os animais chamados CUTIAS¹⁴⁹ na língua do gentio são do tamanho de coelhos ou menores e quase sem cauda. As maiores denominam-se PACAS¹⁵⁰ e pouco diferem dos gatos na cara, de pêlo pardo

sarapintado de branco. São tidas entre os manjares delicadas por causa da carne assaz deliciosa.

Há também os TATUS,¹⁵¹ do tamanho de leitões, com o coiro como que revestido de escamas, parecendo uma coiraça. Dele deixam sair a cabeça como tartarugas. A carne, grata ao paladar, reserva-se para os banquetes requintados.

Existe ainda no Brasil grande abundância de tigres terríveis para os indígenas pela ferocidade, que a fome exaspera, e pela agilidade.

Os SERIGÜÉS,¹⁵² do porte de uma raposa, mostram na barriga uma coisa insólita e curiosa: dela pendem duas como bolsas, onde carregam os filhos agarrados às tetas com tão forte sucção que não as deixam, antes de poderem, já mais crescidos, correr para buscarem comida por si.

Merece também admirado o animal a que chamam os portugueses PREGUIÇA por trepar às arvores e delas descer lentamente, o que fazem a custo em quatro dias.¹⁵³

É também raro o gênero dos TAMANDUÁS,¹⁵⁴ parecidos com carneiro, focinho comprido e fino, unhas longas e largas. Alimentam-se de formigas,¹⁵⁵ em cujos formigueiros, onde os descobrem, cavando com as unhas, metem a língua e a recolhem coberta de enxames de formigas que engolem. Têm como esquilos uma cauda comprida e coberta de sedas, e sob ela se encobrem, sem nada aparecer do resto do corpo.¹⁵⁶

Os JAGUARETÉS¹⁵⁷ onça em português, são tigres negros.

Os COATÁS,¹⁵⁸ de cor arruivada e cauda longa, deitam um cheiro almiscarado. O TEIÚ¹⁵⁹ é lagarto grande, de cores variadas.

BOIGUAÇU,¹⁶⁰ cobra muito grande e versicolor.

BOICININGA,¹⁶¹ em português cascavel, serpente venenosa, que avisa ao homem da sua chegada com sua cauda bastante longa e com um chocalho. BOIOBI¹⁶² ou cobra verde.

Os CORIGÕES são os serigués de que já se falou.

Das aves encontram-se as espécies seguintes:

O TUCANO,¹⁶³ do tamanho da pega, com o peito amarelo e o resto ^{Espécies de aves} do corpo preto, o bico grande e longo, mas leve, aloirado por fora e vermelho por dentro. O GUARÁ,¹⁶⁴ todo de um vermelho alegre. Os PIRETA-GUARÁS,¹⁶⁵ que deleitam pelo verde extraordinário da plumagem. Os PAPAGAIOS, bastante conhecidos. A ARARA, de cor vermelha e azul. Chamam-lhe corvo do Brasil, e ela se avantajava no tamanho e na beleza às outras aves.¹⁶⁶ O AVESTRUZ¹⁶⁷ AMERICANO, menor do que o africano.

Não são apenas estes e outros animais selvagens que se encontram no Brasil; mas também lá se reproduzem com singular fecundidade manadas de gado miúdo e de cavalos, que outrora levaram os portugueses para lá.¹⁶⁸ Acham-se cavalos do melhor sangue e do maior preço, que os angolenses compram em grande número.¹⁶⁹ Há também densíssimos rebanhos de ovelhas. Possuem não poucos quinhentos touros ou vacas, e alguns mil, principalmente nos campos de PIRATININGA, onde as pastagens verdejam férteis e viçosas. É incrível a quantidade de porcos, cuja carne é de tal excelên-

cia que serve de remédio e alimento para os enfermos.¹⁷⁰ É sem número o número das galinhas,¹⁷¹ em razão do clima temperado. São avidamente procuradas tanto pelos índios quanto pelos portugueses, e criam com grande cuidado. Produz a região gansos maiores e melhores que os da Europa.¹⁷² São as ovelhas de gordura pouco apreciada e para os nossos piores no gosto.¹⁷³

O mar é piscosíssimo, e os rios são célebres pela variedade de peixes.

O OLHO-DE-BOI,¹⁷⁴ peixe marinho, tem este nome por ter os olhos semelhantes aos do boi. Com tal palavra costuma Homero designar Juno.¹⁷⁵ Esse peixe iguala no tamanho os atuns da Espanha, e é tão gordo que os índios preparam da sua enxúdia um óleo semelhante à manteiga. Entre os peixes principais se inclui o CAMURUPI, de ótimo sabor, eriçado de espinhas, uma das quais traz no dorso.¹⁷⁶ O PIRAMBA ronca à maneira de quem ressona. Mede oito ou nove palmos de comprimento, é muito apreciado e de agradabilíssimo sabor. Tem dentro da boca duas pedrinhas, com cujo atrito esmói os moluscos de que se nutre. Os índios suspendem essas pedrinhas ao pescoço como colares.¹⁷⁷ Encontra-se no Brasil larga cópia do BETUPIRÁ,¹⁷⁸ semelhante ao esturjão de Portugal. É de forma redonda, de dorso negro e ventre branco. Há também peixes conhecidos aos mares da Europa, como os chamados TAINHAS pelos portugueses, muito salutares contra mordedura de cobra, e vários gêneros de CARPAS, denominadas pelos portugueses PARGOS e SARGOS, espécie de sardas, e mais RALAS, AGULHAS e outros.

São excelentes também os DOURADOS, a quem chamam os índios GUARACAPEMAS.¹⁷⁹

O ARAGUAGUÁ é um peixe com o focinho armado de espada.¹⁸⁰ GUAPERVA, ENXARROCO,¹⁸¹ também dito PEIXE-PORCO, inteiramente eriçado de espinhos.

O QUACACUJÁ, morcego aquático.¹⁸² NHANDUGUAÇU, aranha muito garnde.¹⁸³

Há nas praias abundância de tartarugas de grande porte, que põem na areia ovos semelhantes aos de galinha, redondos brancos, recobertos de casaca resistente.

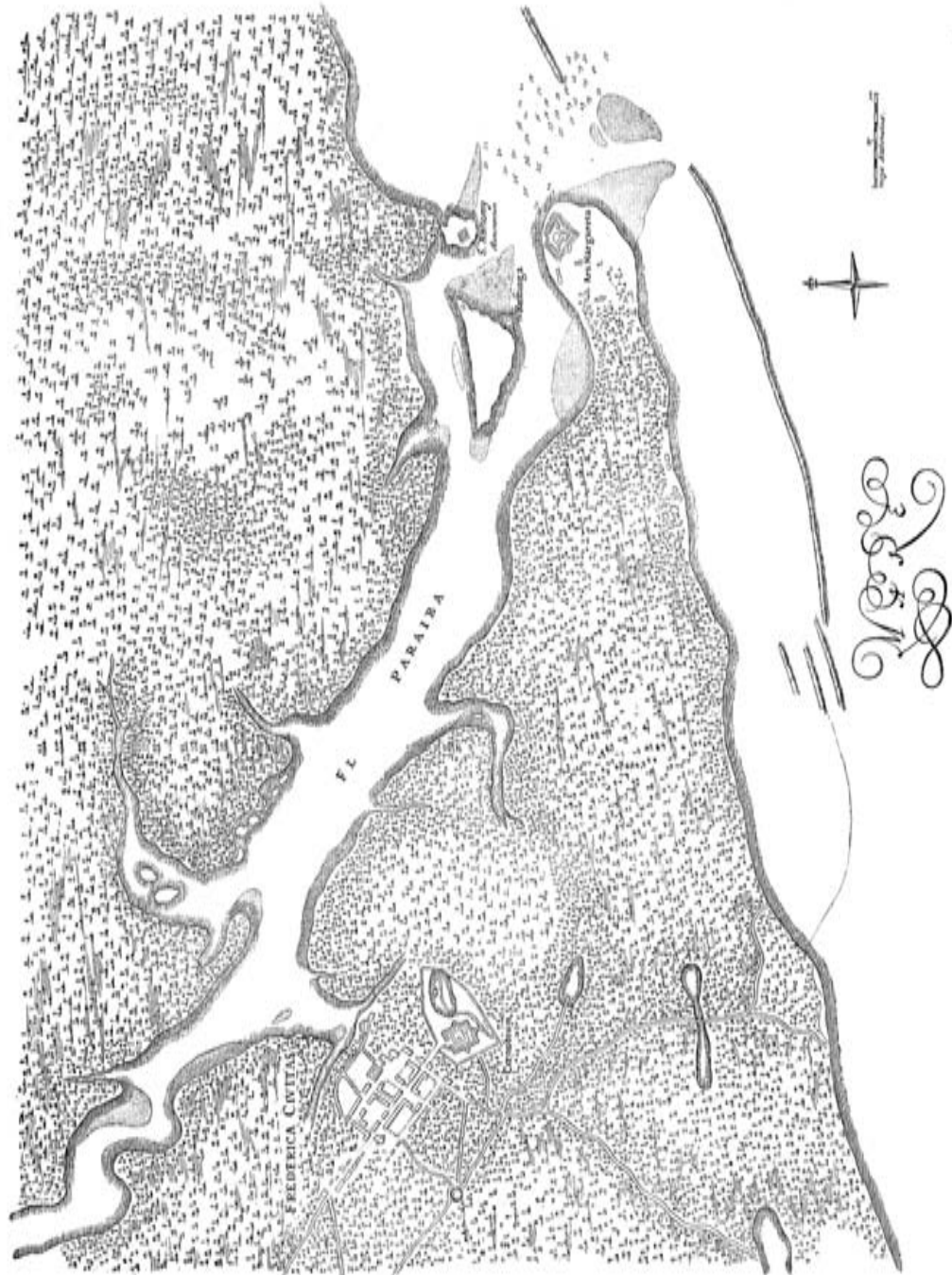
Os TUBARÕES.¹⁸⁴ são os mais cruéis dos peixes, funestos a quem nada. Têm para companheiros uns peixes furtacores, que os portugueses denominam ROMEROS. Armam os índios as suas setas com os dentes deles por serem muito agudos e letalmente venenosos.

Há também os PEIXES-VOADORES, nos quais é lindíssimo o brilho dos olhos, que fulguram como pedraria. As asas, tais quais as dos morcegos, são implumes e de cor prateada. Quando fogem do peixe inimigo, defendem-se voando fora da água e muitas vezes precipitam-se nos navios, o que é bom agouro, segundo pensam os marujos.¹⁸⁵ Acredita-se existir também nestas partes o torpedo, a quem chamam os índios PORQUÉ, porque produz torpor nos membros, e, quando alguém nele toca, ainda mesmo com um pau, fica-lhe o braço dormente.¹⁸⁶ Matando-se perde a peçonha e come-se.

Além disso, maravilham mais os Tritões, denominados pelos indígenas

Para outros, "peixe-mulher" IPUPLARAS,¹⁸⁷ visto como lembram em alguma coisa o semblante humano,

mostrando as fêmeas uma cabeleira comprida e um aspecto mais gracioso. Vêem-se a sete ou oito léguas da baía de Todos os Santos, bem como nas proximidades de Porto Seguro. Crê-se que matam os homens, apertando-os com seu abraço, não de propósito, mas



por afeto. Os cadáveres lançados à costa ficam mutilados nos olhos, no nariz e nas pontas dos dedos, tornando-se verossímil que fiquem assim com a sucção e mordedura desses monstros.

Nestes mares superabundam as sibas,¹⁸⁸ cujo o sangue é uma tinta preta, assim como os lulas¹⁸⁹ e grandes urtigas.¹⁹⁰ É também vasta a cópia de ostras e de outros testáceos.

Os índios servem-se das conchas dos mexilhões como de colheres e facas.¹⁹¹ Os búzios e pentes¹⁹² rivalizam na boniteza e deleitam os olhos.

Das aves marinhas umas são dignas de menção pelo alongamento do bico, outras
Aves marinhas *pela cauda de forma bifurcada, umas tantas pelo mal da epilepsia, tais pela variedade das cores e algumas pela incapacidade de voarem.*

Já foram levados para o Brasil melões, pepinos, granadas, figos, produzindo estes duas e três vezes ao ano, sendo também a região abundante de várias frutas medicinais, de arroz, milho e muitas sortes de legumes.

As árvores mais notáveis próprias da terra são: a COPAÍBA,¹⁹³ de cuja casca, cortada
Árvores e outras plantas *durante o estio, mana um liquido de cheiro suavíssimo, a modo do bálsamo, o qual tem a maravilhosa propriedade de curar as feridas e tirar as cicatrizes. Vêem-se estas plantas esfoladas pelo atrito dos animais, que, ofendidos pelas cobras, procuram instintivamente este remédio da natureza.*

A CABUREIRA verte também fragrantíssimo bálsamo.¹⁹⁴

A ICICARIBA,¹⁹⁵ que dá a goma elemi; a ITAÍBA,¹⁹⁶ cuja resina é chamada anime pelos portugueses, de cheiro muito agradável e de grande utilidade; o ANDÁ,¹⁹⁷ que produz castanhas catárticas; a MUCUITAÍBA, em português PAU-SANTO,¹⁹⁸ ANHUIBAPEAPIJÁ, sassafrás,¹⁹⁹ CAJUCATINGA ou cedro brasileiro,²⁰⁰ o ACAJU,²⁰¹ a primeira árvore frutífera do Brasil; o JENIPAPO,²⁰² com cujo suco se pintam os naturais. Acrescenta-se a MANDIOCA, da qual já se fez menção acima, e além disso, as árvores chamadas SAPUCALAS,²⁰³ em extremo altas. Produzem uns cálices duríssimos semelhantes a uma caixa, com a boca voltada para a terra e cobertos com uma tampa por maravilhosos artifício da natureza. Neles se contém castanhas de bom sabor. Quando elas estão maduras, abrindo-se a tampa, caem e ministram alimento aos ávidos mortais. Seria, porém, longo enumerar estas e outras produções do Brasil.”

Não faltam madeiras de construção, e estas resistentes e duradouras,
Continua van der Dussen *próprias também para fabricação de navios e pouco penetráveis às águas. Carece o país todo de obreiros de cordas de cânhamo e de pez, mas não de cal e tijolo. Empregam os ferreiros carvão vegetal e não de pedra, que os nossos patrícios preferem. Fazem-se cabos de cascas de árvores para os usos navais, suprimindo a indústria dos índios a falta do cânhamo.*

Agora considerai a força da milícia, a resistência, situação e número dos
Fortificações *fortes, as esquadras e outros meios de defesa do Brasil.*

Recife é a principal sede do governo, do comércio e da guerra, e também rica despenseira de armas, bastimentos e mercadorias. Da banda que entesta com

1) No Recife *Olinda, tem diante de si dois baluartes em forma de obras cornutas,*



E. *Molens Bakhuis*

C. *Castro Burch*

D. *Mulderijhuis in haren*

A. *Castro Kappelen*

B. *Stadhuys*

um de pedra, olhando para o mar e para o porto, o outro de terra, pondo para o rio.²⁰⁴ Une-os uma cortina que corre entre os dois, defendida por uma paliçada. No meio dela abre-se uma porta para dar passagem aos que saem de Recife ou nele entram. O baluarte de pedra protege-se com sete peças de bronze; o de terra, provido de cinco peças de bronze e duas de ferro, serve para a segurança do interior da costa e do exterior do porto.

Uma bastida solidíssima mune o Recife inteiro, em disposição conveniente para se jogar a artilharia. Erguem-se aí, junto da costa, duas baterias, uma próxima da casa da pólvora, debruçando-se sobre o porto; a outra ainda mais vizinha, ambas munidas de canhões de bronze e de ferro. A dois tiros de mosquete do Recife, no caminho de Olinda, mesmo na costa, surge, num cimo bastante alto, o Forte de S. Jorge, feito de pedra e resguardado por um bastião de mármore e assestando treze bocas-de-fogo contra a entrada do porto. Em frente do Castelo da Terra, vê-se o do Mar, de forma redonda, formidável por sete peças de bronze, destinadas à defesa do porto, da barra e do litoral. Ficam-lhe ao alcance o Recife, os fortes de S. Jorge e do Brum e o Reduto. Não longe do Forte de S. Jorge, avista-se o Brum com quatro bastiões e sete peças de bronze, fechado, demais, com a sua estacada. A distância igual deste, acha-se a Torre ou Reduto, que se orgulha com o nome de Madama Bruyne. Essa torre é também circundada por sua cerca e protegida por dois canhões de bronze. Está-se atualmente trabalhando em restaurar o forte arruinado do sul para receber uma guarnição de 15 ou 20 homens, de modo que sirva de refúgio aos olindenses contra a soldadesca vagabunda devastadora.

O forte de Wardenburch jaz ao lado da terra firme, ao pé das salinas. Tinha outrora quatro pontas e agora é resguardado por três bastiões, por não permitir a natureza viciosa do terreno pôr-se-lhe o quarto. Julgando-se fosse acessível aos estratagemas dos inimigos, lançaram-se-lhe cortinas duplas e valos da banda por onde podiam entrar. Levantaram-se agora guaritas sobre os três bastiões, mais elevadas que as trincheiras, colocando-se nelas peças de bronze para afugentar o adversário.

O forte de Ernesto ergue-se na ilha de Antônio Vaz, ao ocidente do Recife. Tem três faces e é munido de um fosso assaz largo, de paliçadas e bastiões. Com quatro bocas-de-fogo, guarda ele o rio, as planícies da ilha e a vila de Antônio Vaz, que aí nasceu. Esta, aberta na parte fronteira ao forte de Ernesto, está, na parte restante que olha o continente, fechada por uma trincheira bastante elevada, a qual seria necessário prolongar-se até o forte de Frederico, em vista da escassez dos habitantes e da falta de casas. Assim Mauriciópole, encerrada entre o forte de Ernesto e o de Frederico, se arrecearia menos dos assaltos dos inimigos. Neste último forte puseram-se cinco peças de bronze. Chama-se



A. *Alnus incana*.
B. *Coccoloba*.

C. *Coccoloba* & *Trichostema*.
D. *Arca lycopodium* & *lycopodium*.

E. *Cedrela* *maritima*.
F. *Palmea*.

das Cinco Pontas em razão do número dos seus bastiões. Rodeia-o um fosso bem largo, um parapeito com uma sebe, acrescentando-se, para resistência, duplo hornaveque, um maior, outro menor. Com oito canhões de bronze, defende da aproximação dos inimigos toda a praia, assim como esses hornaveques.

Demandando-se o sertão, vêm-se na margem do rio Capibaribe quatro torres ou redutos, que premunem de longe o Recife, demorando o inimigo. Tendo-se arruinado, ainda não se acham restauradas.

No rio dos Afogados, existe o forte do Príncipe Guilherme, notável pela altura das trincheiras, pela solidez, elegância e forma quadrada, garantido, além disso, por uma paliçada e um fosso. Guarda, com seis canhões de bronze, a estrada da Várzea (esta palavra significa planície) e as estradas que levam ao sertão.

Defendem a ilha de Itamaracá os fortes seguintes: o de Orange, na boca meridional do porto. Tem quatro bastiões e é cercado de uma estacada, por falta de água nos fossos. Está armado de 12 canhões, 6 de bronze e 6 de ferro. Constitui a fortaleza da vila de Schkoppe²⁰⁵ uma munição construída em redor de uma igreja e de uma bateria. Essa fortificação protege o porto, e uma torre de atalaia, ao norte, guarda a porta da vila. Na bateria acham-se montados onze canhões, dois de bronze e nove de ferro. Na boca setentrional, há outra torre quadrada, que garante a entrada do canal²⁰⁶ com três peças de ferro.

Defendem a Paraíba estes fortes: o de Margarida, muito sólido por todo o gênero de fortificações, tendo fosso, trincheira, parapeito, quatorze canhões de bronze e quarenta e dois de ferro; o da Restinga, que se ergue na praia, com sua paliçada, com quatro peças de bronze e duas de ferro, o de Santo Antônio do Norte, quase sorvido pelo mar, e que se reduz a uma torre protegida por uma cerca e sua artilharia. A Fredericópole serve de fortaleza o convento dos franciscanos, cingindo de trincheira. Reforçam-no meias-luas, fossos, estacadas e dez bocas-de-fogo. Também aí existe uma torre para segurança do porto.

No Rio Grande o forte de Ceulen está a cavaleiro do mar, muito bem amparado pela sua posição e construção, e por dez canhões de bronze e dezesseis de ferro.

São esses os fortes do Brasil setentrional. Ao sul do Recife nota-se, em primeiro lugar, o de van der Dussen, no cabo de Santo Agostinho, o qual defende o porto com seis bocas-de-fogo. Diante dele estende-se o fortim de Domburg contra os assaltos súbitos dos inimigos. Na entrada da barra, ao sopé do monte, há uma bateria de mármore,²⁰⁷ com três canhões e muito conveniente para impedir a aproximação das naus. É aberta pelo lado de trás e não se poderá fechar por aí por causa dos morros bastante elevados de uma e outra banda, dos quais está muito próxima.

Guardamos Porto Calvo com um forte que tem VII) Em Porto Calvo. Forte de S. Boaventura nome de bom agoiro – *Boaventura*. Assentado no cume de um alcantil, a quarenta pés de altura, é resguardado por fossos, bastidas e coiraça e sete canhões de bronze, um de ferro e dois pedreiros.²⁰⁸ O forte de Maurício presidia a passagem do rio de São Francisco, e está construído num morro alto e inclinado, a 5 ou 6 léguas do Oceano, na margem do nor- VIII) No rio de São Francisco. Forte de Maurício te. Dá acesso apenas de um lado. Poderoso pelos seus cinco bastiões e sete peças de metal, domina a planície circunjacente, submersa, durante os meses estivos, nas águas estagnantes.

É o seguinte o inventário do restante material bélico Inventário dos armamentos existentes nos arsenais existente nos arsenais: 67.000 libras de pólvora, 50 mosquetes, 60.000 libras de balas de chumbo, 36.000 libras de morrões, 200 bandolas, 12 clavinhas, para uso da cavalaria, 5.000 pederneiras, 40 espingardas, para uso dos soldados navais, 16 sabres, 8 alabardas, 199 machados para cavaleiros, 1.400 machadinhas de mão, 100 foices roçadeiras, 80 carretas de terra, 3 trancas para a portas, 40 escopetas, 1.600 balas de canhão, 10.350 de diversos pesos, 50 machadinhas, 110 serras de vários feitios, 10 verrumas. Estamos carecendo de outros utensílios militares, quais sejam mosquetes e bombardas mais compridas, lanças, alfanjes, trombetas, tambores, enxadas, machados grandes, martelos, fôrmas para fundir balas de chumbo, pranchas, material para açacalar espadas, limas, pregos de toda sorte, etc. Tudo isso, tantas vezes reclamado, enganou a nossa expectativa, e nisto está a causa de se verem, aqui e ali, fortes arruinados e as fortificações prejudicadas.

É maior a penúria de mantimentos, de modo que deixei Falta de vitualhas aos meus o receio de fome certíssima, se não lhes acudirdes prontamente. Por mandado vosso, gastou-se certa quantia, de acordo com o respectivo posto, com o sustento de cada um dos que estão ao serviço da Companhia; mas, enviadas provisões assaz escassas, não se puderam fazer mais essas distribuições, tendo sido, pois, necessário despender o dinheiro resultante do tráfico dos negros e dos rendimentos dos engenhos.

Chegando-se, assim, à ultima extremidade, por falta desse dinheiro, sem numerário nas arcas do tesouro e sem comestíveis nos armazéns, ordenou-se severamente aos naturais, sob pena capital, que transportassem para a cidade farinha e gado suficientes para alimentar os cidadãos e a soldadesca das guarnições, dando-se-lhes vales, resgatáveis depois por dinheiro.²⁰⁹ Destarte, a necessidade afasta a necessidade, e a fome tirânica arranca ordens rigorosas. Disse por alto com quantos danos esta míngua de víveres onerou o tesouro da Companhia, cujas rendas anuais, procedentes dos impostos e tributos, só a fome devorou, ficando as fortalezas expostas ao maior perigo, pois, no meio de tal carestia, estávamos impossibilitados de velar-lhes pela defesa. Certo devemos atribuir a salvação pública mais à negligência do adversário do que ao nosso zelo, porquanto não

perdura a coragem do soldado, enfraquecendo-se-lhe o corpo, nem se lhe arrancam das mãos as armas com arma tão forte quanto a fome. Queremos em vão sejam homens aqueles a quem não permitimos viver na condição de homens.

Engana-vos a persuasão da prosperidade doméstica, pois esta não é bastante para tamanha multidão. Enganam-vos as remessas de comestíveis feitas por mercadores, as quais costumam vender-se a retalho, por preços altos, nos engenhos e nos lugares do sertão.

Dos corpos militares, uns se acham guarnecendo as praças, outros es-
Recenseamento do exército tão distribuídos pelas aldeias, por causa de mais fácil alimentação, por ser incerto o ponto da costa onde lançará ferro a armada espanhola e também para defenderem das irrupções dos inimigos as nossas fronteiras. No forte de Maurício, às margens do São Francisco, acham-se acantonados 540 homens de armas, sob suas respectivas bandeiras e comandantes; em Alagoas, 293; em Camaragibe e Porto Calvo, 480; em Serinhaém, 750; em Ipojuca, 75; no engenho de Panterra, 79; em Santo Antônio do Cabo, 240; no forte de van der Dussen, 170; no território de Santo Amaro, 170; em Muribeca, 175; na aldeia de S. Lourenço, 422; no forte do Príncipe Guilherme, no rio dos Afogados, 263; no forte de Frederico Henrique, 230; na ilha de Antônio Vaz, o corpo da guarda do conde; no forte de Ernesto, 180; no Recife, 277; no forte de Brum, 125; em Olinda, 193; em Iguaraçu, 93; no forte de Orange, 182; em Goiana, 165; em Fredericópole, 101; no forte de Margarida, 360; no de Ceulen, 82. Desde a minha partida, juntaram-se a estas forças 150 homens enviados como tropas suplementares, da Zelândia e 66 da Holanda setentrional, de modo que o total dos soldados no Brasil é de 6.180. Das forças tiraram-se 40 soldados para a defesa do Ceará. Providas e munidas as fortalezas com esta gente de armas, não resta mais nenhuma, quer para acometer o inimigo, quer para com cruzeiros defender da armada espanhola as costas do Brasil. Se uma calamidade fatal não houvesse diminuído esta armada, estaríamos certamente expostos à violência dos inimigos, porquanto, no tempo que passou ela diante de Pernambuco e entrou na Bahia, não tínhamos ainda este contingente, por ter sido feito o acréscimo com a chegada do regimento de Artichofski. O adversário dispunha de 3.000 homens que, havia pouco, trouxera da Espanha. Demais, conscreveram-se 700 na Bahia, aos quais se deviam juntar 2.000 à ordem de Bagnuolo e mais 1.000 brasileiros. Além disso, tinha o inimigo esperanças de que 2.000 dos que habitavam entre nós, quebrando a sua fidelidade, se bandeassem com os espanhóis. Não estávamos decerto em proporção com essas forças para contrapormos a elas, fosse como fosse, a nossa audácia, retirando e raspando de toda a parte os soldados.²¹⁰ Como na guerra se costuma, aumentamos com a mentira o número dos nossos para comprimirmos as tentativas de sedição, caso se tencionasse planear alguma, e para aterrar-mos o inimigo com o estrépito da fama, com o qual param as guerras. Entretanto, desde que chegaram os contrários à Bahia, nada fizeram digno de

tanto aparato. Somente mandaram os capitães Vidal e Magalhães, com pequeno destacamento, às aldeias dos brasileiros, espalhando cartas, nas quais gabavam o Conde da Torre, governador da Baía de Todos os Santos e procuravam enfraquecer os ânimos crédulos de alguns dos nossos súditos. Ainda agora erram pelas cercanias da Várzea e de Muribeca, e com dificuldade se podem apanhar, pois seguem de dia caminhos ocultos e de noite os mais conhecidos. Têm um só intento: extorquirem dinheiro aos senhores de engenhos, saquearem quanto encontram e despojarem das armas os nossos soldados vagueantes. Asseveram, porém, ser-lhes vedado incendiar os canaviais e fazer devastações. Também rodam por toda a parte, não sujeitos a nenhum laço de fidelidade ao rei e sem soldo dele, salteadores negros e mulatos, que causam aos habitantes do campo grandes danos, conhecendo esconderijos e sabendo escapulir-se.

Os registros dão os nomes de nossas naus grandes e pequenas contidas nos portos, baías e costas do Brasil, assim como o Recenseamento das naus número dos tripulantes.

Para serem duradouras a segurança do Brasil, a utilidade da Companhia e a honra da República, far-se-ia mister mandarem-se, sem demora, naus e marinheiros, armas e mantimentos, soldados e roupas. Tudo isso é preciso para se firmarem as possessões. Nada temos, carecemos de tudo, e sem tais adminículos não se pode esperar vitória nem na terra, nem no mar. Inermes, somos tímidos; armados, somos assaz audazes.

A escrituração informa qual o dinheiro devido e quanto se despendeu com os oficiais e empregados.²¹¹

Esperamos a safra deste ano muito mais copiosa que a do passado.

Vou inserir nas minhas reclamações mais esta: muitas Reclamação sobre o mau aparelhamento dos navios naus avariadas e desconjuntadas já não suportam o mar; as que mandastes, apenas chegaram, requeriam abastecimento, o qual deveriam levar mais farto as recentemente despachadas da Holanda; outras, por falta de tripulantes, tiveram necessidade dos nossos soldados para os trabalhos náuticos.

Ainda não disse tudo: os soldados andam mal vestidos, Soldados mal vestidos brindo apenas a desnudez. Conquanto não nos causem horror, e não os desejemos ungidos de perfumes, todavia os quiséramos vestidos mais decentemente, porquando eles ganham coragem não só com armas adequadas, mas também com trato e alinhamento do corpo. Portanto seria do decoro e interesse da Companhia que ela própria desse com largueza roupas e confortos desta espécie, porque, não sem lucro, seria fácil descontar nos soldos os preços respectivos. E não consentiriam isto de mau grado os filhos de Marte, porque, recebendo integral e constantemente a sua paga, não saberiam haver-se com tamanha ventura e gastariam, sem proveito, o seu dinheiro nas tavernas e nas demasias, desperdiçando o

tempo e a boa fortuna, ou então, vencendo a pobreza, segundo crêem, desejariam voltar para junto dos seus na pátria.

Sabemos que a Bahia é de todas as cousas a mais hostil, tal qual uma Sobre a Bahia unha doente num corpo sadio. Ela domina a terra com saqueadores e o mar com os seus navios, o que lhe é fácil em razão dos portos e baías acessíveis a ela em toda a parte. Por consequência, ficando de pé esta Cartago, não havemos de ter nenhum descanso de guerrear. Precisamos pôr este remate a tantos triunfos; cumpre aos aliados expugnar este antro de Caco²¹² e este valhacouto de vagabundos. Nisto estará o ápice e o principal de todos os labores nossos. Aqueles, porém, que vão tomar esta empresa necessitam de valiosos auxílios, pois aos guerreiros não ajudam somente os benefícios da fortuna, mas também as suas próprias mãos e a sua própria força. A expugnação da Bahia requer um exército de 5.000 homens, provavelmente denodados e peritos na arte militar. Aconselharia eu que se recrutassem na Holanda e se remetessem para o Brasil, convenientemente armados, a fim de serem a eles reunidos os conhecedores da milícia e dos lugares do país. Mas, para podermos espalhar também o terror pelo mar afora, desejaria 18 naus grossas e outras tantas ligeiras, equipadas de gente e de armas. Queria que estivessem nas costas do Brasil em começos de outono, a fim de que, nos meses de março e de abril, durante os quais ficam em descanso os acampamentos por causa das chuvas continuadas, ou transportassem elas açúcar para a Holanda ou corressem fortuna no Ocidente, obrando alguma façanha assinalada. Carecemos ainda de embarcações menores, lanchas, botes, patachos, Navios menores para carregar e descarregar as grandes. As desta sorte estragaram-se no curso de tantos anos, desconjuntando-se, quebrando-se e afundando-se por acidente.

É tal a inópia do tesouro que, se não se lhe acudir prontamente com Tesouro numerário, é de temer que faça bancarrota. Os senhores de engenho recusam vender açúcar a não ser à vista, com receio de que, chegando a armada espanhola, tenham de emigrar os compradores holandeses, invalidando-se, assim, os títulos de dívida.”²¹³

Esse é o teor do relatório escrito que van der Dussen, homem atilado e resoluto, apresentou aos Estados-Gerais, ao príncipe de Orange e ao Conselho dos Dezenove.

Antes, porém, de referir às grandes armadas e às célebres batalhas navais que conturbaram os mares, apraz-me deliciar o leitor, expondo assunto mais ameno, a exemplo daqueles que, nas mesas dos banquetes, interpõem a carne de carneiro entre as veações, e os doces e confeitos entre as iguarias mais pesadas.

Tiveram outrora e ainda têm os mais eminentes príncipes e capitães o zelo não somente de aumentar a sua glória com guerras e ínclitos feitos contra o inimigo, mas também de interromper, com um ócio honroso, os tempos das

guerras para estadearem a sua magnificência em construções grandiosas. Isso fez Nassau. Repartindo o seu governo entre tantos negócios de peso, quis ocupar-se primeiro em construir um palácio para si e depois duas pontes, aquele mais para uso seu e estas para utilidade pública.

É injusto para os superiores quem recusa o alívio dos trabalhos e os regalos àqueles que, pelo brilho de sua dignidade e pela grandeza de sua estirpe, se elevam acima da condição vulgar, e principalmente o bem-estar que se procura com uma habitação mais faustosa, com a amenidade dos vergéis, e com a variada beleza das árvores, das ervas e dos quadros artísticos.

Teve Roma arquitetos, teve agricultores que venceram o mundo, conservando uma das mãos nas lavouras e nas granjas e a outra nos arraiais e nas trincheiras. Refiro-me aos Cúrios²¹⁴ e Augustos, aos Fabrícios²¹⁵ TUCÍDIDES, L. 10 e Luculos,²¹⁶ aos Pompeus²¹⁷ e Marcelos.²¹⁸

E de fato, o esplendor dos edifícios, tanto entre os concidadãos na pátria, como entre estrangeiros, mormente inimigos, costuma dar aparência de poder, segundo afirma Alcibíades em Tucídides.

Nada vale engrandecer uma dignidade com um edifício, se se busca toda a dignidade só com o edifício, pois convém que ele se honre mais com o dono que este com ele. Do contrário, fazem os donos que se hajam de ver antes as pedras, os mármore, as estátuas, as tapeçarias e tudo o mais do que a eles mesmos, e para eles já não brilham as riquezas como honra, mas como opróbrio.

Havia na chamada Ilha de Antônio Vaz (tal era o nome do antigo possuidor) ampla área de terreno, entre o forte de Ernesto e das Três Pontas,²¹⁹ situada entre o Capibaribe (sua denominação derivava das capivaras, porcos anfíbios, cuja caça é freqüente neste rio)²²⁰ e o Beberibe. Era uma planície sáfara, inculta, despida de arvoredos e arbustos, que, por estar desaproveitada, cobria-se de mato. Na margem ulterior do Capibaribe, erguia-se uma colina que, em tempos de guerra, havia de prejudicar a cidade, porquanto, não entrincheirada dessa banda, ficava acessível aos danos feitos pelos inimigos. Mais de uma vez sugerira o Conde ao Supremo Conselho ligar por um valo os dois referidos fortes para se pôr a coberto aquela área, mas não logrou persuadi-lo em razão das vultosas despesas. Recrear estas, quando há proveito, na verdade é próprio dos econômicos e dos mercadores, não, porém, dos que fundam possessões num território estrangeiro.

Não obstante, ao Conde aprouve furta-lo aos olhos aquele terreno desnudo, sombreando-o com uma plantação de árvores, não só para não ficar exposto às ofensas do inimigo, mas ainda para os cidadãos e soldados, durante as quadras ásperas, delas tirarem o alimento e o refrigerio dos frutos, encontrando também ali os habitantes um abrigo seguro. Realmente, houve uma ocasião em que, não se podendo entrar no

Realizaram-se estas obras NO ANO DE 1639 e seguintes

Nassau faz um parque na ilha de Antônio Vaz

Recife por causa do rio, trezentos cidadãos, passando além deste para colherem laranjas, foram quase exterminados, e aprenderam tardiamente a necessidade do seu abastecimento doméstico. Por conseguinte, Nassau, para não pesar ao tesouro e para prover ao bem público, adquiriu a sua custa aquele terreno, transformando-o num lugar ameno e útil tanto à sua saúde e segurança como à dos seus.

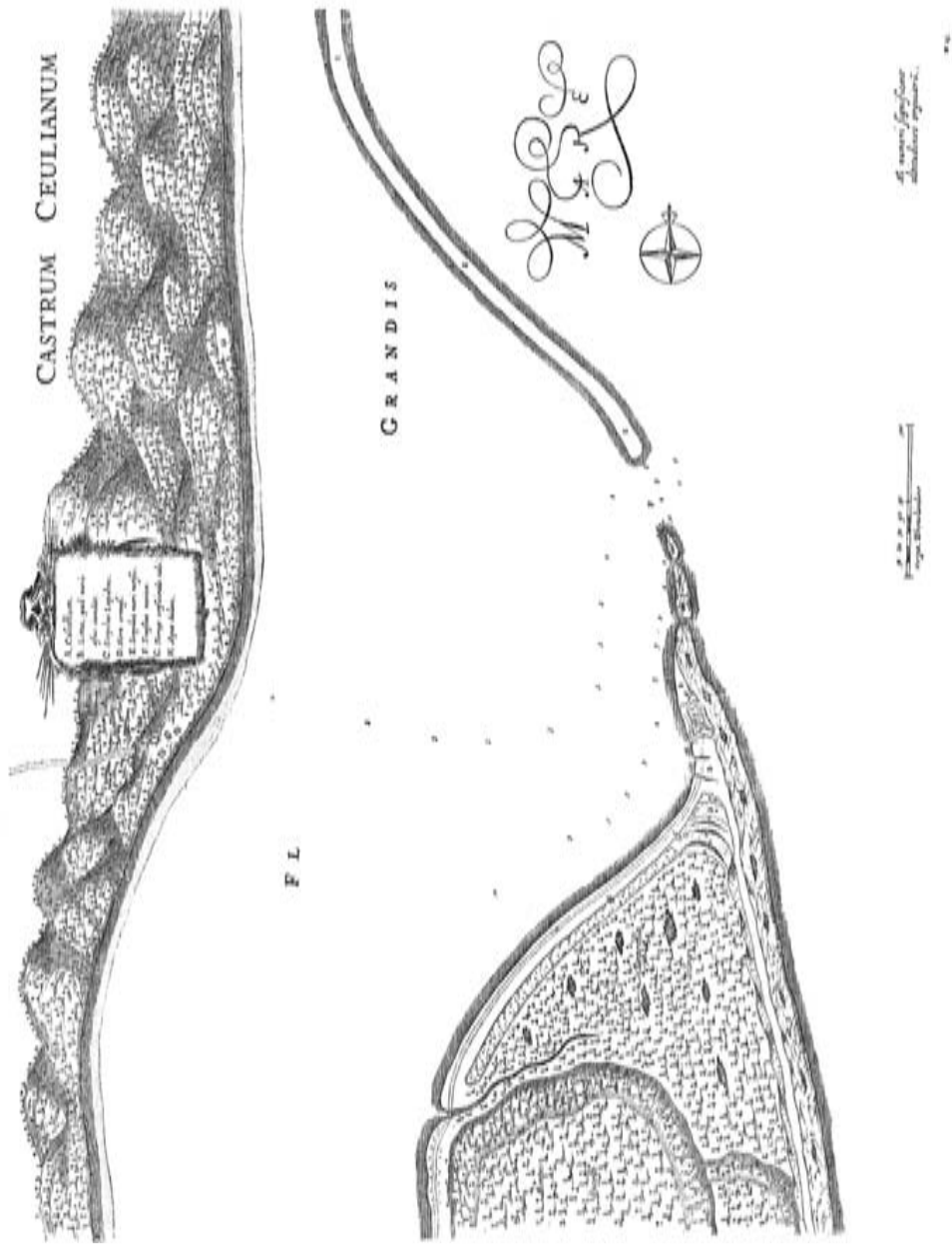
Cansado dos negócios públicos, deleitava-se então o Conde com os ócios²²¹ ali gozados. Nesta rusticação passava o exímio General as horas vagas, entregando-se à contemplação da natureza, sempre que não lhe fosse dado ocupar-se da república, e cuidando da guerra nesta mansão da paz, depois que cessava o estrépito das batalhas.

Marcharam as obras prosperamente e, concluídas, causavam prazer e admiração a quem as contemplava.

Também o imperador Diocleciano²²² dava-se a esta mesma recreação, partindo ele próprio os canteiros e dedicando-se à jardinagem e arboricultura.

O Conde, edificando, teve o cuidado de atender à salubridade, procurando o sossego e obtendo a segurança do lugar, sem descuidar também da amenidade dos hortos. De fato, observou-se tal ordem no distribuir as árvores que, de todos os lados, ficavam os vergéis protegidos pelos fortes e por treze baterias.

Surgiam, em lindos renques, 700 coqueiros, estes mais altos, aqueles mais baixos, elevando uns o caule a 50 pés, outros a 40, outros a 30, antes de atingirem a separação das palmas. Sendo opinião geral que não se poderiam eles transplantar, mandou o Conde buscá-los a distancia de três ou quatro milhas, em carros de quatro rodas, desarraigando-se com jeito e transportando-os para a ilha, em pontões lançados através dos rios. Acolheu a terra amiga as mudas, transplantadas não só com trabalho, mas também com engenho, e tal fecundidade comunicou àquelas árvores anosas, que, contra a expectativa de todos, logo no primeiro ano do transplante, elas, em maravilhosa avidez de produzir, deram frutos copiosíssimos. Já eram setuagenárias e octogenárias e por isso diminuíram a fé do antigo provérbio: “árvores velhas não são de mudar”. Foi cousa extraordinária ter cada uma delas dado frutos que valiam oito rixdales.²²³ Depois do coqueiral, havia um lugar destinado a 252 laranjeiras, além de 600, que, reunidas graciosamente umas às outras, serviam de cerca e deliciavam os sentidos com a cor, o sabor e o perfume dos frutos. Havia 58 pés de limões grandes, 80 de limões doces, 80 romanzeiras e 66 figueiras. Além destas, viam-se árvores desconhecidas em nossa terra:²²⁴ mamoeiros, jenipapeiros, mangabeiras,²²⁵ cabaceiras, cajueiros, uvaieiras,²²⁶ palmeiras, pitangueiras,²²⁷ romeiras, araticuns, jamacurus,²²⁸ pacobeiras ou bananeiras. Viam-se ainda tamarindeiros, castanheiros, tamareiras ou cariotas, vinhas carregadas de três em três meses, ervas, arbustos, legumes, e plantas rasteiras, ornamentais e medicinais. É tal a natureza das ditas árvores que, durante o ano inteiro, ostentam flores, frutos maduros junto com os verdes,



como se uma só e mesma árvore estivesse vivendo, em várias de suas partes, a puerícia, a adolescência e a virilidade, ao mesmo tempo herbescente, adolescente e adulta.

Alegre Nassau com este bom êxito de sua plantação, com esta benignidade da natureza, pois aquele arvoredado já ocultava o Recife inteiro a quem o olhasse de longe, pôs a mira no prazer de edificar ali o palácio e a residência do governador.

Os heróis e os imperantes comprazem-se em habitar em mansões con- dignas, e em distinguir-se da multidão, não só na dignidade, senão também no modo de viver e na habitação. A casa que lhe haviam destinado os diretores da Companhia ameaçava ruína e não permitia reparos decentes sem grandes gastos.

O palácio por ele construído (chamava-se *Friburgo*, isto é, cidadela da li- Distingue-se por duas torres berdade) tem duas torres elevadas, surgindo do meio do parque, visí- veis desde o mar, a uma distância de seis a sete milhas, e servem de faróis aos navegantes. Uma delas, tendo no topo uma lanterna e jorrando sua luz nos olhos dos nautas, atrai-lhes a vista para si e para o forte da costa, indican- do-lhes a entrada segura e certa do porto. De cima delas descortinam-se, de um lado, as planícies do continente e, de outro, a vastidão dos mares, com os navios aparecendo desde longe. Idôneas para atalaias e para se vigiarem de dia os saltea- dores, ainda por esta serventia merecem o gabar-se-lhes a beleza e necessidade. Diante do palácio e como surgindo do Beberibe, estende-se uma bateria toda de mármore, que comporta 10 peças para segurança do rio. Não deixarei de dizer também que no parque existem poços distantes dos rios três varas das nossas ou pouco mais. Rodeados de águas salgadas, abastecem os moradores com abun- dância de águas doces, ou porque a grande firmeza do solo não permite que pe- netrem as águas salgadas, ou porque estas, filtrando-se através da terra, perdem a salsugem, ou porque estes poços brotam de lençol mais profundo que o leito dos dois rios. São eles de grandíssima utilidade, porque não se podem buscar fora águas doces em razão de estarem rodeadas de inimigos. Entretanto, o que é mais de admirar é encontrarem-se no sertão, já bem longe do litoral, poços de água salgada.

Contém esse mesmo parque três piscinas amplíssimas, providas de todo o gênero de peixes, conforto valiosíssimo para a população, quando falta mantimento. No primeiro trimestre após serem cavados esses viveiros, foi tão copiosa a pescaria, que três lanchas mal bastavam para o transporte dos pei- xes, além daqueles que a liberalidade do Conde cedeu aos soldados. Há outros viveiros ainda nos limites do parque, mesmo no rio, fechados por cercas, os quais fornecem larga cópia de peixe, na maré ascendente. Mais de uma vez já aconteceu que uma só pesca rendeu aos donos cem florins, lucro bastante avultado.



A. *Arx Coelji*
B. *Thorn graat*

C. *Siguelo en ses magfaste*
D. *Mars*

E. *Spies toepre waken*

Ainda hoje pompeia, em seu esplendor, o palácio de Friburgo, protegendo a ilha de Antônio Vaz e deleitando os cidadãos, como perene monumento da grandeza nassóvia no outro hemisfério. É certamente admirável quanto estas construções e edifícios abalaram a confiança que tinham os portugueses, aumentando a dos nossos, que têm boa opinião da estabilidade dessas nossas conquistas, por verem Nassau engrandecê-las com tamanhas despesas e feitas do seu bolso. Só os desesperados, com efeito, largam mão do interesse público, deixando perder-se por negligencia a república, que presumem ligada à sua sorte deles e digna por isso de se perder. Aqueles que o medo inspirado pela chegada da esquadra espanhola havia abatido, cobraram ânimo com as edificações de Nassau, a quem acima de todos importava não sofresse o Brasil dano algum. O povo aplicou-se por isso mais ativamente à construção de engenhos e à plantação de cana e de mandioca, porque o Governador reacendia a esperança de todos e de modo algum desesperava da república. Portanto, a ele, como outrora a República Romana a Varrão, deve-lhe agradecimentos também a nossa.

Ligou o Conde, por uma trincheira, a ilha de Antônio Vaz com o forte das Cinco Pontas ou de Frederico. Águas estagnadas e moitas de arbustos davam aspecto desagradável a todo esse espaço. Ultrapassava, pois, a credibilidade humana que se pudesse fundar ali uma cidade. Agora, porém, acreditamos, pelo testemunho dos nossos próprios olhos, tê-la erigido a diligência de Nassau, dotado de engenho e audácia para tentar, com sua arte e trabalho, ainda mesmo o que proibira a natureza.

Repartida em ruas, praças e canais, como as cidades, com belos edifícios, dotada de armazéns de mercadorias, já tem habitantes. Foi-lhe dado o nome de Mauriciópole pela pública autoridade do Supremo Conselho, dos escultetos e dos escabinos. Também Alexandria, Constantinopla e Colônia tomaram sua denominação respectivamente de Alexandre, Constantino e de Agripina.²²⁹ Levantado um templo bastante decente na nova cidade, pela liberalidade da Companhia, do Conde e de particulares, consagraram-se a Deus, num movimento piedoso, os primórdios de Mauriciópole, os corações e a fortuna do povo.

Esta cidade e Friburgo pregoam, aquém do Capibaribe, a magnificência do Conde, como também o palácio da *Boavista*, assim chamado por causa da amenidade do seu sítio, pois em nenhuma outra parte encontrava Maurício prazer, quando descansava e sempre que convinha. Aí meditou ele planos de grandes tentames.

Além disso, construiu duas pontes, uma sobre o Beberibe, entre Recife e Maurícia, a outra entre esta e o continente, sobre o Capibaribe. Em verdade, não diferimos dos antigos na arte militar: César nas Gálias lançou duas pontes sobre o Arar²³⁰ e na Germânia uma sobre o Reno, e o imperador Trajano outra sobre o Danúbio.

O que determinou a construção destas pontes foi o seguinte: sob o domínio do rei de Espanha, governando o Brasil Albuquerque,²³¹ discutiu-se muitas vezes se convinha abandonar-se Olinda, distante do porto e do acesso ao mar, transferindo-se os seus moradores para o Recife e para a ilha de Antônio Vaz. Para este fim, seria de grande vantagem unir-se a ilha ao Recife, por se julgarem estes lugares inexpugnáveis por causa dos rios que os cercam e da vizinhança do oceano. Ficou, porém, suspenso, sem nenhum resultado, esse projeto, ou porque se temia, por imperícia da engenharia militar ou da arte das fortificações, encetar tão importante cometimento, ou porque se sentissem pesados os que se enlevavam com a amenidade de Olinda. Desaconselhavam isto os portugueses, a quem parecia irrealizável esta ligação das terras, em razão da violência do rio e da maré. Foram-lhes da opinião mestres-de-obras assaz peritos, que se mandaram vir da Espanha. Desde que começaram, porém, a senho-rear o Brasil os holandeses, subjugadores das terras e das águas, aprouve escolher-se o Recife e a ilha de Antônio Vaz para sede do governo. Como Destruição de Olinda que condenada pelo destino, arruinou-se a formosa Olinda, mostrando-se chorosa. As casas, os conventos e as igrejas, derribados, não pelo furor da guerra, mas de propósito, lagrimavam com a própria ruína. Não parecia sacrilégio aos nossos essa demolição, como o foram os furores dos focos contra o templo de Delfos,²³² mas uma mudança de religião, admirando-se embora os bárbaros e os papistas de que admitissem tais profanações espíritos cultivados, instruídos nas normas mais elevadas e tão persuadidos do culto divino. Os holandeses, ao contrário, convencidos de que todo o lugar é igualmente sagrado e idôneo para se adorar a Deus, julgavam que não cometiam nenhuma impiedade, mas praticavam um ato de inteligência, desejando dar maior segurança à nova cidade e ao seu culto. Não queriam injuriar a Deus (para longe tal cousa), mas sim que fosse adorado de modo mais seguro e proveitoso. Sendo nós, porém, homens e capazes de comover-nos com o belo, não podiam deixar de lamentar a assolação da cidade aflita aqueles mesmos que a devastavam, pondo por terra o topo das igrejas e dos edificios públicos e privados, que, feridos pelos raios do sol vespertino, apresentavam sugestivo aspecto.²³³ E se a gente agora visse Olinda, juraria que contemplava, jazendo em seu local desolado, Pérgamo,²³⁴ as ruínas de Cartago ou de Persépolis.²³⁵

Assim o caráter tumultuoso da guerra ou o seu furor não deixa estável e duradoura nenhuma das cousas humanas, de sorte que nem ainda mesmo as pedras, os capitólios e os templos, que para o céu se erguem, logram sua perpetuidade e quietação.

Transportou cada um para o Recife os restos e os entulhos Das ruínas de Olinda nasce Mauriciópole vendíveis da cidade demolida, aproveitando os materiais em novas edificações para que, desaparecendo a mãe – Olinda –, lhe sobrevivesse das ruínas, embora com outro aspecto, a sua filha – *Mauriciópole*.

Não faltaram razões aos conselheiros da destruição de Olinda, tais L. V. como poder ela tornar-se um valhacouto de inimigos e exigir, para a sua defesa, soldadesca numerosa e entrincheiramentos. Ao contrário, soem a piedade e a humanidade poupar as cousas que não dispõem de muitas forças para fazer a guerra. Com acerto diz Políbio ser de raivosos o destruir aquilo que, destruído, nem abate os inimigos, nem traz vantagens aos destruidores.

E Cícero, na segunda Verrina,²³⁶ louva a Marcelo por ter poupado todos os edifícios públicos e privados, sagrados e profanos de Siracusa, como se lá fora com um exército não para expugná-los, mas para defendê-los. Em reverência da religião, era familiar aos gregos e romanos conservar intactos os templos dos deuses. Conquanto maior razão se deve exigir isto de cristãos, posto que dissidentes do sentir, das opiniões e do culto dos maiores. Assim como é grato aos vencidos ver a inteireza dos lugares onde costumavam honrar a seu Deus, assim também é decoroso aos vencedores livrar do furor o que pertence a Deus.

Conhecendo o inimigo as vantagens que o porto e os rios conferiam ao Recife e à ilha de Antônio Vaz, antes atacara aquele com um stratagem, sabendo que, à conta do rio que corre entre ele e a dita ilha, não seria possível mandarem-se-lhe desta socorros, mormente na vazante da maré. Tendo passado além da costa e dos baluartes, já estava prestes a cair de improviso sobre os incautos, se por acaso um marinheiro, tomando um pau aceso na ponta, não desse fogo a um canhão contra os atacantes; que, tendo, com o estrondo, suas linhas em desordem, se puseram em fuga.

Maurício, depois de ter muitas vezes examinado os portos e os inúmeros lugares do Brasil abordáveis e defensáveis, julgou que este Razões que induziram ligar-se a ilha ao Recife sítio bastava sozinho para a sua própria defesa e que era capaz de se tornar, sem grandes obras, inacessível e inexpugnável. E para isso aconselhou a ligação da ilha ao Recife por meio de uma ponte, facilitando o transporte do açúcar para a ilha, pois este só se podia fazer durante o refluxo da maré e não sem dano, porque amiúde eram os carregamentos atingidos pela água e pelos respingos das ondas. Além disso, a passagem mediante barcos era perigosa, tendo eles mais de uma vez soçobrado, já pelo peso e excesso das cargas, já pelo açoite dos ventos. E em muitas ocasiões, foi preciso desistir-se de atravessar por causa do mar proceloso, da barra alvoroçada pelos temporais ou da violência da maré. O que Nassau continuamente alvittrara por fim persuadiu, e resolveu-se lançar a ponte sobre o rio.

Empreitou o Conselho a construção dela por 240.000 florins. O Nassau liga o Recife à ilha construtor, iniciando o serviço e apertando com diligência o trabalho dos seus operários, depois de ter levantado alguns pilares de pedra, chegara ao leito da corrente, onde é maior a profundidade, calculada em onze pés geométricos ainda na baixa-mar. Perdendo, pois, a confiança em si e na sua arte, desesperava de executar a obra. Confessou que pode mais a natureza que a arte, não

devendo as pessoas prudentes tentar o impossível; que só com o auxílio divino se poderia consumir aquela tentativa; que se teria de levantar a alvenaria desde o fundo à maior altura, não dando descanso o curso impetuoso do rio, nem tampouco o oceano, o qual se embraveceria com tanto maior violência quanto mais estreitamente se apertasse; que o Beberibe, rápido em excesso, arrebatado, às vezes crescido com grande massa de chuvas, removia para longe as margens, e onde era mais estreito se mostrava mais feroz e vorticoso.

Decerto, cumpria ao construtor considerar tudo isto antes. Para suspender a obra usaram de descrédito aqueles que receavam, e com razão, que, concluída a ponte, muitos mudariam do Recife para a ilha, por mais aprazível, baixando os preços das casas. Além disso cartas queixosas de alguns holandeses davam o Conde como o instigador daquela obra, baldando-se, em detrimento público, um trabalho tão dispendioso. Diziam que tinham sido sorvidos pelas águas, num esforço inútil, 100.000 florins, e que o serviço interrompido, a ponte suspensa pela metade e os pilares exprobravam os que haviam empreendido tantas cousas vãs. Assim pareciam queixar-se, não sem visos de razão, aqueles que, acostumados com os cálculos particulares, se afizeram a medir pela mesma bitola as cousas úteis e as dignas do comando supremo.

Ignoram que é diversa a condição dos príncipes, cujo objetivo precípua deve ser alcançarem fama. Julgando Maurício que importava à sua honra terminar o que tomara a peito e que era de um caráter fraco desesperar do interesse geral pela desesperança de um só, meteu ombro à empresa, e, reunindo material de todos os lados e à sua custa, principiou a estear o resto da ponte, não em pedra, mas em madeira. Cortaram-se árvores nas matas, e das árvores se tiraram traves, com 40 a 50 pés de comprimento, impermeáveis à água pela dureza. Quis Nassau que fossem elas as estacas e botaréis da ponte, cravando-se no fundo, com o auxílio de martelões, até doze pés, umas verticais, outras oblíquas, para obedecerem à correnteza.

A energia do Conde estimulou a dos operários, e não quiseram parecer preguiçosos, uma vez que ele os exortava e animava, determinando em pessoa para cada um a sua tarefa, e com tal critério que uns não estorvassem aos outros. Com dois meses de trabalho, concluiu-se a ponte toda, em extensão de muitas varas de dez pés, dando ela caminho a peões, cavaleiros e carros. Assim nada é difícil aos audazes, ajudando a pertinácia à indústria, a esta o esforço e a este uma liberalidade fácil e larga.

Rematada a obra com admiração de todos, declarou o Conde ao Conselho os motivos do seu ato, figurando entre os primeiros e mais ponderosos as censuras de alguns, na Holanda, os quais lhe lançavam em rosto as despesas crescidas e inúteis. Dizia que era mister satisfazer ele esta culpa, porquanto não empreendera aquela construção temerariamente, mas levado pelas razões mais relevantes. Já aprovavam os conselheiros, diante do êxito alcançado, aquilo mesmo

que, antes de acabar-se, tinham reprovado (pois sói acontecer isto com os grandes cometimentos), e pediram fosse aquela ponte do domínio publico e pertencente à companhia. O Conde aquiesceu sem dificuldade, mas com a condição de que o rendimento do primeiro dia coubesse aos pobres. E foi de fato tamanha a freqüência dos que, por amor da novidade, iam e vinham aquele dia, que o dinheiro recolhido montou a 620 florins. O tributo anual foi vendido por 28.000 florins. Os cidadãos pagavam de portagem 2 stuivers,²³⁷ os soldados e os escravos 1, os cavaleiros 4 e os carros de boi 7 cada um. A passagem do rio em barcas, que, antes da chegada de Nassau, rendia ao tesouro apenas 600 florins, cresceu a tal ponto no valor que ainda antes de se concluir a ponte, ascendeu a 6.000 florins mais. Certo, com esta renda mais opima, podiam resgatar-se as despesas feitas com a tentativa de nova ponte. Resistindo isto à inveja e à calúnia, abateram-se, em benefício da companhia, 112.000 florins, no pagamento da construção, o qual, pelo contrato, era de 240.000. Com efeito, tendo-se gastado 100.000 florins na parte apoiada sobre os pilares de pedra, e somente 28.000 na que o Conde fez de madeira, lucrou a Companhia o restante do primeiro pagamento, isto é, 112.000 florins.

Não se cansou Nassau de ser útil à Companhia, mas, de infatigável atividade, mandou construir, para aumentar os rendimentos da Constrói Nassau outra ponte, comunicando a ilha de Antônio Vaz com o Continente ponte do Beberibe, uma outra no sítio onde se atravessa o Capibaribe, a fim de que, num ir-e-vir contínuo e desembaraçado, transitassem os habitantes do continente para a ilha e desta para o Recife. Construiu-a em seu terreno, por ele comprado à companhia, e munuiu-a de marchões para que as águas transbordadas dos rios ou o oceano intumescido nos plenilúnios e novilúnios não detivessem o caminheiro. Apressando-se as obras, ficou ela terminada dentro de sete semanas. As estacas, apertadas com cintas de pau e enterradas profundamente por meio de martelões, eram de bibaraba,²³⁸ madeira imputrescível de perpétua duração. O comprimento da ponte é de 86 Edifica o Palácio da BOAVISTA varas geométricas. Fica-lhe sobranceiro o palácio da Boavista, muito aprazível, alegrado também por jardins e piscinas. O conde edificou em terreno seu e à própria custa.

Quantos o contemplavam, punham em segunda plana as quintas de Baias na Campânia e as de Luculo no Lácio.²³⁹ Dizia-se que a mãe natureza apresentava ali todos os encantos que aprazem aos mortais e todos os atrativos de uma vida mais tranqüila. Em nenhuma outra parte encontravam os mais ocupados prazeres iguais aos dali. Naquele remanso, descansava Nassau, rodeado pela vista das suas construções e longe da pátria e das terras de tantos condes e príncipes seus parentes, gozando da felicidade que achara no ultramar. Contemplava astros nunca vistos pela sua Alemanha; admirava a constância de um clima dulcíssimo e mostrava aversão à intempérie da zona temperada onde vivera;²⁴⁰ olhava o rosto adusto dos índios e dos negros, mirava armas e habitações diferentes. Via Cori-

dões e Filis²⁴¹ de narizes chatos, lábios grossos, mamas pendentes, conduzindo armamentos e rebanhos diversos dos europeus. Outros gêneros de aves, outros gêneros de peixes abasteciam-lhe as mesas, quando jantava. Dali passeava os olhos por aqueles mares, que dominava com as suas frotas, e pelas terras que sujeitava com a sua autoridade, com as suas armas e leis. Meditava ali na guerra contra a Bahia, nos castigos dos depredadores, no terror que incutiria à armada, quando chegasse, e nos descansos e vantagens que proporcionaria aos seus. Ali temperava com prudentes alvitres as ordens da Companhia. Enfim, meditando, encerrava dentro do âmbito da Boavista o múltiplo benefício do céu, da terra e do ar, a República, o inimigo, os índios, os holandeses, as conveniências e proveitos das Províncias-Unidas.

Nesta ilha de Antônio Vaz existia não só o palácio, mas também o Museu do Conde, para o qual traziam as naus vindas da Índia oriental ou da ocidental, da África e de outras regiões, animais exóticos, plantas, alfaias dos bárbaros, trajes e armas, para espetáculo mais deleitoso e raro proporcionado ao Conde.

As construções suntuosas causam amiúde a ruína dos potentados, e as obras feitas insensatamente tornam inúteis as somas com elas despendidas. Entretanto, a Boavista, edificada não só para recreio, senão ainda para defesa da ilha e de Mauriciópolis, eleva-se próxima da ponte do Capibaribe, aterrando com descargas de mosquetaria, lançadas das guaritas, o inimigo que se aproximasse.

Após a partida de Artichofski, Nassau, livre das questões domésticas, que lhe respeitavam principalmente como particular, repartia seus desvelos por terra e por mar, e julgava que, em toda a parte, se devia olhar para as fortalezas da costa e do interior, de prevenção contra a súbita chegada da esquadra espanhola, que se demorava na baía de Todos os Santos, a fim de não desembarcar o inimigo em parte alguma, caindo improvisamente sobre os holandeses desapercibidos. Ele próprio, dirigindo-se à Paraíba, mandou restaurar as fortificações arruinadas, providenciando cuidadosamente todo o necessário à defesa desta província. Muniu o forte de Margarida com uma paliçada, por estarem secos os fossos, que as areias trazidas pelas enxurradas haviam enchido. Cercou também com uma paliçada semelhante o forte da Restinga, fronteiro ao porto. Reduziu, porém, o forte de Santo Antônio do Norte²⁴² a uma torre de vigia, refazendo-lhe o parapeito e provendo-o de três peças contra os opugnantes. Na ilha de Antônio Vaz levantaram-se três baterias no hornaveque. Protegeu Maurício também o forte de Orange, na ilha de Itamaracá, cingindo-o de estacada, e o mesmo fez com o de Ernesto e o de Frederico na ilha de Antônio Vaz, com o do príncipe Guilherme nos Afogados, todos por falta de água nos fossos, e com a própria frente do Recife. Igual tarefa executou Harckmann no cabo de Santo Agostinho, onde está o forte de van der Dussen, e o coronel Koin em Porto Calvo, onde chuvas violentas e tempestades haviam danificado o forte de Boaventura, fazendo-o ruir em mais de um lugar.

O Conde, por causa da chegada da frota espanhola, cuida em toda a parte das fortificações

Restaurou-se também a fortificação ao sul de Olinda, para não ficar a cidade aberta aos salteadores, depois de retirada a guarnição.

Por toda a parte levantaram-se tropas, ordenando-as sob novos capitães, tenentes e alferes, a fim de não faltarem aos soldados chefes para mandá-los, e aos chefes soldados bem disciplinados para obedecer-lhes. Enviaram-se algumas naus para insidiarem as naus inimigas que se acreditava transportarem mantimentos do Rio da Prata e do Rio de Janeiro. Para não sentirem os nossos penúria de bastimentos, proibiu-se a exportação de carnes salgadas, toucinho, manteiga, queijo, peixes secos, farinha, azeite e vinho de Espanha. Os demais gêneros alimentícios foram concedidos aos habitantes de engenho para sustento dos trabalhadores.

Nassau, convocando de toda a parte os chefes indígenas, convidou-os, num discurso adequado ao intento, a se associarem à guerra: *“tratava-se agora da salvação de todos: uma vingança igual atemorizava o bárbaro e o holandês, o natural e o estrangeiro, este por causa de velhas inimizades, aquele à conta da sua defeção e dos auxílios prestados aos batavos. Esperassem do espanhol não um pouquinho de agradecimento, mas o seu exício certo, e assim aprenderiam que não se ofendem impunemente os reis. Para escarmento deveriam ser castigados aqueles que, desprezando o soberano, tinham ajudado com as armas ao inimigo. Ser-lhes-ia salutar a desconfiança, e perniciosa a esperança do perdão. Sendo mortais, devia preferir entregar-se ao destino comum da humanidade a serem para sempre escravos. Importava-lhes à fama, dizia ele, que, naquela conjuntura duvidosa, o escutassem confiantes e firmes. Conquanto, numa expressão rude, fossem chamados bárbaros pelos europeus, todavia não se mostrassem bárbaros na fidelidade, obediência e préstimo. Salvassem aqueles por quem sabiam que seriam salvos. Unidos os seus esforços, lançassem-se à glória e colhessem, entre os seus e entre os estranhos, antes o louvor de ter defendido do que de ter traído a Pátria. Já experimentei as vossas armas e a vossa bravura, terminou Nassau, afeita à nossa milícia, quando foi preciso expugnar os fortes de Porto Calvo²⁴³ e do Ceará e quando se teve de expulsar Bagnuolo no ataque contra São Salvador. Dai a elas constância e perpetuidade. Para dizer tudo, ou agora tem de ser expulso do litoral o inimigo, ou será destruída a República e a felicidade de cada um”*.

Animados por essas palavras, os chefes indígenas prometeram, unanimemente, que estariam em armas e que haviam de combater com Maurício, expondo-se aos mesmos riscos, e indo aonde estivesse a voz e a salvação do general.

O Conde aprovou-lhes e agradeceu-lhes a resposta generosa e cordata, distribuindo presentes com cada um deles.

Foram recenseados em todas as províncias todos os cidadãos que habitavam os campos, holandeses, alemães, franceses e ingleses. Deram-se-lhes comandantes de varias patentes – coronéis, tenentes-coronéis, sargentos-mores e comandantes de cavalaria, permitindo-se aos mesmos a escolha dos oficiais inferiores. Os conscritos do Recife ficaram às ordens do coronel Carpentier, a fim de se ter, em casos imprevistos, uma força armada ao alcance.

Nos campos comandava os recrutas, no posto de coronel, Gaspar van Nyhoven. Se bem não recebessem soldo, era fácil convocá-los, apenas mediante ordem escrita. Capitaneava um esquadrão de cavalaria Jacó Stackower, assim como João Winand em Itamaracá, Isaac Razir na Paraíba e João Blar em Serinhaém.

Esses esquadrões, não obstante dividirem-se em diversas companhias, tinham cada um número menor de soldados. Mas eram necessários os exageros entre indivíduos irrequietos que espiavam as ocasiões para se levantarem. Neles nasce o medo ou a confiança, conforme a conta das forças ou segundo o maior ou menor terror que inspiramos.

Ordenou-se aos conscritos que ficassem à disposição dos seus comandantes e que, exigindo-o as circunstâncias, estivessem a postos. Foram Recrutas portugueses também alistados, em suas comarcas e freguesias, jovens portugueses (pois a juventude é ousada nos próprios perigos e inclinada para todas as novidades e incertezas). Nomearam-se fiscais para velarem com diligência que não se fizessem conciliábulos e que, sem permissão sua, não se transpusessem as respectivas fronteiras. Prouve também aos diretores que pela fidelidade e disciplina dos jovens portugueses respondessem seus pais ou qualquer cidadão conceituado. Ativamente cuidou ainda Maurício do abastecimento de farinha de mandioca, que é no país o sustento mais comum.

A todos e a cada um dos senhores de engenho foi imposta por um edito a obrigação de plantar mandioca e a quantidade em que deviam fazê-lo, cominando-se para os desobedientes pena de desterro, de cárcere ou pecuniária. Muitas vezes, faltando o mantimento vindo da Europa, remediou a mandioca a míngua dele. Entretanto, quanto mais necessária se tornava, tanto menor era a sua abundância. Assim, em mais de uma ocasião, deliberou Nassau sobre os meios de se obter para a soldadesca das guarnições quantidade suficiente dela. Os naturais não se preocupavam de plantá-la além do necessário para cada família, por essa incúria fatal dos homens, que só buscam os remédios quando apertam os perigos.

Aprendera Nassau, havia muito, que, nas cogitações de um general, antes das armas estão as vitualhas: quem destas carece é vencido sem ferro. Por isso, elogia Lívio a Quinto Fábio Máximo,²⁴⁴ porque, tendo-se chegado à extrema míngua e vendo-se Roma solícita pela carestia do mantimento, *“foi ele tal, durante a paz, na distribuição dos víveres, providenciando, adquirindo, transportando trigo, qual fora em muitas ocasiões durante a guerra”*. Lera com quanta solícitude se dedicaram os tribunos às leis anonárias e os imperadores romanos à repartição do trigo pelo povo.²⁴⁵

Portanto, ouvindo o parecer de outros sobre este assunto, baixou as seguintes determinações concernentes à distribuição da farinha:

“I. Em cada comarca, dever-se-á arrolar a extensão de terra que cada um possui, a fim de se fixar para o proprietário a obrigação de plantar mandioca, proporcionalmente a essa extensão.

“II. Ninguém será isento desta obrigação.

“III. Ao proprietário será permitido repartir esta cultura entre vários lavradores, ainda mesmo empregando militares, ou confiá-la a quem quiser.

“IV. Anualmente aprovarão os escabinos, cada um em sua comarca, esta repartição dos trabalhos.

“V. Faça cada um a referida plantação e forneça a farinha fixada pelo escabino.

“VI. Será perpétua e invariável essa medida, ainda mesmo vendidas as terras.

“VII. Ficarão, porém, isentas deste ônus as terras estéreis e desabitadas, pois não há intenção de se exigirem dos súditos serviços gravosos.

“VIII. Se, pela ausência do proprietário, parecer iníqua a exigência da cultura da mandioca e do preparo da farinha, tomarão este cuidado os escabinos, ordenando-lhe a execução a rendeiros.

“IX. Trimestralmente, em março, julho, setembro e dezembro, entregará cada um a respectiva medida de farinha.

“X. Duas vezes por ano, em janeiro e julho, taxará o Supremo Conselho o preço da farinha, e comprá-la-á dinheiro à vista.

“XI. Cada produtor a transportará para o lugar que lhe for designado nas comarcas respectivas.

“XII. Os agentes do fisco pagarão as despesas do transporte.

“XIII. O supremo conselho exigirá, não do rendeiro das terras, mas do próprio dono, a medida de farinha a que está obrigado. Se ele não o fizer, o conselho suprirá a falta com farinha de trigo, tirando-se o preço dos bens do proprietário ou condenando o contumaz à prisão.

“XIV. Caberá o mesmo direito ao dono contra o seu rendeiro, mas só na qualidade de querelante, e não na de juiz.

“XV. Cada proprietário terá de declarar ao supremo conselho, antes do fim de janeiro, a quantidade de mandioca que é obrigado a plantar e a medida de farinha que lhe compete fornecer, para saber ao certo o conselho qual a provisão de mantimentos para o exército.

“XVI. Feita a distribuição do trabalho do plantio, as câmaras, chamando os donos de terras, indicar-lhes-ão a medida de farinha exigida de cada um pela autoridade pública, medida que passará invariável e perpétua a filhos e netos.

“XVII. Será tudo isso lançado em registros públicos, a fim de que deles constem as obrigações prestadas ou não por cada um e as penas nas quais houver incorrido.”

Tendo rememorado os trabalhos e cuidados de Nassau, recordemos também as honras que mereceu.

O Senado da Câmara de Pernambuco, por ser o primeiro dentre todas as câmaras das províncias, na dignidade, população, poder e comércio, conferiu solenemente a Nassau o título de Patrono, pela singular proteção por ele dispensada ao Brasil e à gente portuguesa, pelo apreço que mostrava àquela corporação e aos cidadãos, pela sua honrosa atuação na paz e na guerra e pelo fulgidíssimo nome da casa de Nassau. Significavam com tal título que reconheciam o governador por Pai, Defensor e Salvador da Pátria, por cujo patrocínio eram garantidos, tanto no Brasil como na Holanda, os interesses e bens deles. Nesta manifestação pública, prendiam-se inequivocamente ao governador por laços de fidelidade e de obediência e pelo compromisso de todos os serviços, e o governador se obrigava a eles pelo amor, zelo e benevolência. Diziam que era costume dos espanhóis darem louvores públicos aos capitães beneméritos e que iam pedir por carta aos Estados-Gerais e ao príncipe de Orange a ratificação daquele título. Nassau, sem fazer cabedal daquela gloriola, a ele dada pela adulação de uns e pela afeição de outros, e para não parecer desdenhar com fastio as simpatias de seus súditos, respondeu-lhes que tais homenagens o advertiam do seu dever. Com aquele título não se tornava ele mais eminente e sim mais afável para os seus e mais favorável a eles. Na pátria ou fora dela, velaria sempre pelo bem-estar e pelos interesses deles, preferindo ser Patrono pelo seu próprio esforço a ser vangloriosamente proclamado tal pelos seus.

No mês de julho mil e duzentos inimigos atravessaram o rio de São Francisco em demanda de Alagoas. Para detê-los chamou apressadamente o coronel dos índios Doncker, que, escolhendo trezentos destes, marchou contra os contrários e sustou-lhes o ataque.

Quase por este mesmo tempo, foram conduzidos para Olinda pelo esculteto Luberg alguns alagoanos suspeitados de crime de alta traição, a saber: Gabriel Soares, Francisco Vaz, Gonçalo Fernandes, Rui de Sousa, Simão Fernando, Pedro Marques, Domingos Pinto e Antônio Brasileiro. Processados perante o conselho de justiça, foram condenados os cabeças da conjuração, Soares e Vaz, aquele ao confisco da terça parte dos bens e a dez anos de prisão, este ao confisco da metade dos bens e a vinte anos de prisão no forte de Ceulen.

Como o inimigo talasse impunemente o nosso território com bandos não grandes, formados de negros e mamelucos, prouve ao Conselho de armar uma companhia de gente da mesma raça e condição, para que, com a semelhança dos costumes e dos crimes e com o conhecimento dos caminhos e esconderijos, se pudessem colher às mãos os companhistas, vencidos por indivíduos exercitados no mesmo sistema de guerrear.

Em princípios de setembro, quatro naus holandesas, denominadas o *Sol*, o *Cisne*, os *Campeões* e o *Arco-Iris*, bordejando nas proximidades da baía de Todos os Santos, pelejaram, renhidamente e com supremo esforço, contra dois galeões espanhóis e duas naus menores, que se preparavam para dali sair. Foi tal a investida dos nossos que os vasos inimigos foram coagidos a retroceder, e os nossos a desistirem de aossá-los, receando as costas e os baixios.

Combate naval

Algum tempo depois, anunciou-se haverem zarpado da Bahia dezoito ou vinte naus grossas com algumas menores. Por isso, dois patachos mandados por Nassau em reconhecimento informaram que o grosso da armada tinha partido da Bahia, ficando no porto sete navios grandes, além dos pequenos. Do topo dos seus mastros pendiam os galhardetes das almirantas para, com este sinal, fingirem a presença delas e da capitânia.

Entretanto, a noite escuríssima permitiu à armada espanhola furtar-se aos navios holandeses, que, após uma busca inútil de três dias, rumaram diretamente e rota batida para o Recife, na suposição de ter o inimigo aproado a algum ponto do nosso litoral. Mas por ordens súbitas de Nassau, para quem toda a defesa estava na energia e na pressa, foram elas destacadas para diversas partes da costa, Olinda, cabo de Santo Agostinho, Santo Aleixo, Rio Formoso, Porto Calvo, Alagoas, Itamaracá e Paraíba, pondo-se ao paio, atentas em descobrirem a armada. Não sendo ela avistada, voltou o almirante ao Recife para juntar a si outras naus e ir mais forte contra o adversário. Logo foi o Conde informado por prisioneiros baianos de que a frota espanhola, tendo-se feito ao mar a 15 de setembro, voltara para a Bahia, depois de assegurar a alguns navios mercantes a navegação para a Espanha e de conduzir para o Morro de S. Paulo²⁴⁶ dois galeões que reclamavam consertos. Diziam que das praças do Rio de Janeiro tinham sido enviados socorros e muitos bastimentos, esperando-se também do Rio da Prata algumas naus e de Portugal novas tropas, e que, assim, estava prestes a cair sobre nós toda a violência da guerra, vindo os portugueses recobrar as suas perdas.

Diligência de Nassau para descobrir a armada espanhola

É, pois, tempo de levarmos para o largo toda a armada espanhola, apercebida para restaurar o Brasil e destroçar os holandeses. O rei de Espanha, com efeito, julgava seria morosa a guerra feita no Brasil com expedições terrestres, organizadas de quando em quando, não se ressarcindo os prejuízos públicos com incêndios alternados de fazendas, engenhos e casas, que são danos de particulares. Por isso, aprestando poderosíssima armada, semelhante a aquela comandada pelo duque de Medina Sidônia, com a qual outrora, reinado de Isabel, atacara Filipe II a Inglaterra,²⁴⁷ determinou acometer o litoral do Brasil sujeito aos holandeses e, em vez de enfraquecê-los com uma luta arrastada e lenta, esmagá-los como sob uma alude guerreira, reunindo as forças de terra e mar.

Neste intento, não havia muito ajuntara, nos portos da Espanha, Portugal, Galiza e Biscaia, elevado número dos maiores vasos para tentar fortuna no

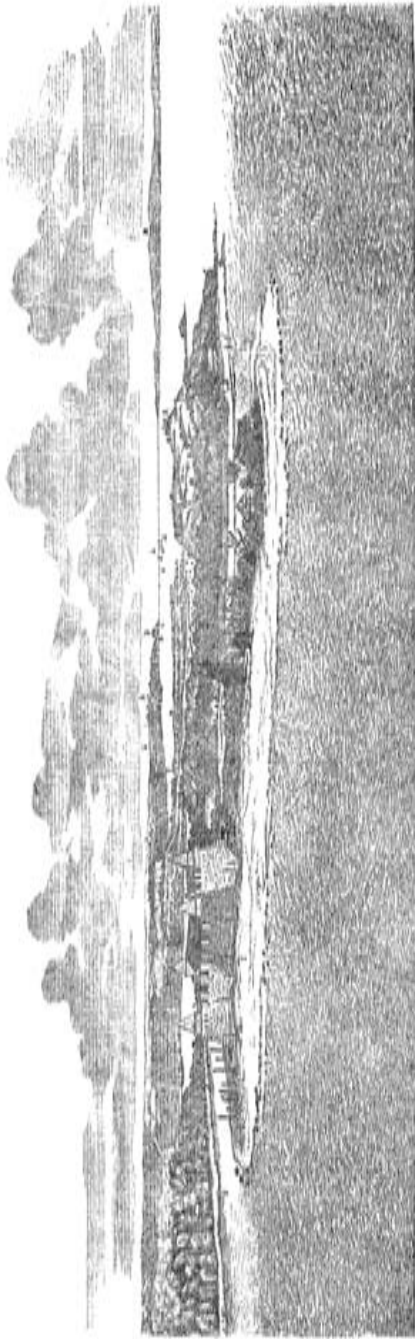
mar. Havia a esperança de que, destroçada e vencida a esquadra holandesa, se franqueariam todos os portos brasileiros e seria fácil recuperar-se a terra, vedando-se a nós a entrada nas baías e costas.

Eram as naus da armada espanhola de estupendo porte, formidandas pela artilharia e pelo efetivo de soldados e marinheiros. Chamavam-se galeões, cujo costado são pranchas emalhetadas, numa espessura de cinco palmos e mais, quase impenetráveis às balas de canhões de vários calibres. Transportavam uns 800, outros 600, quais 500 homens, tanto de pejeja, como de mar. Passando junto ao litoral de Pernambuco e da Paraíba, entraram na baía de Todos os Santos e lançaram ferro a 16 de janeiro de 1639. Eram muitos mil marinheiros, de várias nacionalidades – espanhóis, portugueses, biscoinhos, bretões, holandeses – recrutados no norte e até na Europa inteira. Nem era de achar na Espanha tantos entendidos de mar. Havia condes, príncipes, cavaleiros, pertencentes à flor da nobreza espanhola, alegres de se lhes deparar ensejo de provarem ao seu rei, com alguma luzida façanha, a sua fidelidade. Quase ninguém tinha dúvida de se subjugar e recuperar o Brasil holandês. Diziam, com efeito, que os batavos, lutando com falta de soldados e de mantimentos, em vão sustentariam o embate de tantos veteranos, afamados já em várias campanhas e em várias expedições navais.

Durante o ano inteiro permaneceram as naus ociosas nas estâncias, sem tentar nenhuma hostilidade. A causa desta demora era a espera de tropas suplementares mandadas vir do Rio de Janeiro e de outros lugares, por terem morrido na travessia três mil homens, atacados de peste junto à chamada costa de Cabo Verde, na África.

Neste entretanto o nosso Almirante, andando ao pairo junto à Bahia Interceptam-se cartas dos espanhóis com dezoito naus, apresou um transporte carregado de açúcar e interceptou maços de cartas escritas pelo Conde da Torre, capitão-general da armada, e por altas patentes do exército espanhol. Elas inteiraram Nassau das condições dos inimigos, do poder da frota, dos contratemplos por eles sofridos e dos planos do rei. Informavam que toda a armada constava de 46 naus, sendo 26 os galeões; que contara 5.000 homens de armas, tendo perecido 3.000 na viagem pelo ar pestilento da África, e que os demais, levados enfermos para a baía de Todos os Santos, definhavam e morriam. Continham entre as instruções do rei que, apenas chegasse a armada ao Brasil, fossem logo desembarcados os soldados nas vizinhanças de Olinda, fechando-se todo o mar para os holandeses e cruzando alguns navios o oceano para insidiarem as embarcações vindas da Holanda.

Havia entre os holandeses do Brasil tal penúria de mantimento e de petrechos bélicos que, se os reveses do mar e a malignidade dos ares não tivessem assolado a armada, e se Deus, a nós propício, não lhe tivesse frustrado os planos, seria lamentável e próximo da ruína o estado da Companhia.



A. Torre de S. Sebastião. B. Igreja de S. Pedro. C. Castelo de S. Pedro. D. Castelo de S. Paulo. E. Igreja de S. Francisco. F. Igreja de S. João. G. Igreja de S. Antônio. H. Igreja de S. Maria. I. Igreja de S. Clara. J. Igreja de S. Rita. K. Igreja de S. Vicente. L. Igreja de S. Salvador. M. Igreja de S. Francisco. N. Igreja de S. Antônio. O. Igreja de S. Maria. P. Igreja de S. Clara. Q. Igreja de S. Rita. R. Igreja de S. Vicente. S. Igreja de S. Salvador. T. Igreja de S. Francisco. U. Igreja de S. Antônio. V. Igreja de S. Maria. W. Igreja de S. Clara. X. Igreja de S. Rita. Y. Igreja de S. Vicente. Z. Igreja de S. Salvador.

O inimigo, entretanto, aplicava-se sem descanso a reparar a frota, alistava com a maior diligência os íncolas aptos para a milícia, procurava reforços por toda a parte, e fortalecia os soldados enfermos, calculando que em agosto seguinte, feita junção com as tropas de Bagnuolo, desembarcaria no continente 5.000 homens para a invasão do nosso território, deixando 2.000 nas naus. Haviam-no, além disso, convencido de que dois ou três mil portugueses, residentes entre nós, tentavam rebelar-se, o que de modo algum se julgava sem fundamento, por ter essa gente pouca firmeza e honradez e odiar muito aos holandeses.

Nassau, porém, reputava pouco temíveis todos aqueles aprestos, à conta da extrema falta de provisões com que lutava também a Bahia, porque, consumidas elas durante a longa travessia, não bastava a região para sustentar tão grande multidão. Tinha o adversário esperanças de obter farinha por intermédio dos moradores do Rio de Janeiro e do Rio da Prata, aguardando, demais, da Espanha e das ilhas ocidentais, 2.000 homens de reforço. Firmado com tais apercebimentos, ameaçava os holandeses como que com o seu dia derradeiro.

Nas listas encontradas figuravam os seguintes comandantes militares:

Comandantes da armada espanhola D. Fernando de Mascarenhas, Conde da Torre, capitão-general de terra e mar, João de la Vega, almirante de Castela, que comandava 16 galeões, fora as naus sujeitas à jurisdição do rei;²⁴⁸ Rodrigo Lobo, almirante de Portugal, tendo às ordens 10 galeões, exceto os vasos diretamente subordinados ao mando real; o Conde Bagnuolo, mestre-de-campo-general; Francisco de Moura, coronel de cavalaria; Antônio Rodrigo, tenente-coronel de cavalaria; Nuno de Melo, Tiago Pires de Lucena, Francisco Pezeram de Castro, comandantes dos esquadrões; Vasco de Mascarenhas, conde de Óbidos, general de artilharia; Paulo Nuno, tenente-general de artilharia. Davam ainda as listas os nomes dos seguintes coronéis: Urbano de Unada, que comandava 1.000 soldados; Fernando da Silveira, 1.100; Luís Barbalho, 1.500; Manuel Mascarenhas, 800; Fernando de Laduenga, 500; Heitor de la Calce, 160. Eram os seguintes os tenentes-coronéis: Alonso Ximenes, Pedro Corço de Somona e Martinho Ferreira. Eram estes os sargentos-mores: Antônio de Freitas, Francisco Duarte, Paulo Bagnuolo, João de Araújo, Pedro Martins e Paulo de Parada.

Contavam-se 900 soldados naturais do país, 600 índios às ordens de Camarão e 400 negros capitaneados por Henrique Dias. Tinham-se, além disso, nas naus, 2.000 homens de reserva, não incluindo os que, por amor do rei, tomavam armas sem receber soldo, como o Conde de Castelo Melhor.

Em grande inferioridade, não armava Nassau mais de 3.000 guerreiros, pela deficiência dos batalhões, das levas e das vitualhas. E se não houvera sido apresada uma nau inimiga, transportando farinha, desde muito teriam sucumbido os holandeses, levados às extremidades da fome. Entretanto, por bondade de Deus, acudiu-se de certo modo àquela inópia, pois já não restavam mantimentos.

Pelas tais cartas apreendidas ficou manifesto haver o rei mandado a frota cruzar diante do litoral brasileiro durante dois anos inteiros, e que ele enviaria anualmente quantidade suficiente de forças e de naus, para se tornar senhor do mar e arrebatara aos holandeses o domínio dele.

Este fato induziu também Maurício a pedir instantemente aos Estados-Gerais contínuos reforços, se não quisessem ver por terra a nascente fortuna de tão grande império e expor a vida de tantos batavos aos escárnios e à ferocia dos adversários. Estavam mais dispostos a sucumbir pelas armas do que pela negligência dos seus. Era, de fato, pensamento assente do Conde disputar ao inimigo a dominação e tentar a sorte da guerra, pois não se tinha que escolher entre uma morte gloriosa e a morte obscura causada pela fome, entre os lances de uma refrega e as angústias da miséria.

Caíra casualmente nas mãos dos índios do Sergipe Informações de um prisioneiro negro d'el-Rei certo negro, soldado de Henrique Dias e porta-bandeira. Interrogado a respeito da armada, disse alguma coisa, mas não muita, calando-se ou por ignorância, ou por lealdade aos seus.

Adiantava ele que muitos dos embarcados na armada, por longa demora nas naus, primeiro antes de zarparem de Portugal e depois na altura do Cabo Verde, tinham adoecido e morrido, recolhendo-se outros, maltratados dos incômodos do mar, a um convento da Bahia, onde se iam finando dia a dia; que fora ele destacado pelo governador para, com tropas volantes, queimar os canaviais e inflamar contra os batavos os portugueses, índios, mamelucos, mulatos e quantos negros pudesse, arrastando-os a si até abicar a armada, a qual, segundo a sua opinião, preparava o desembarque em Nazaré.

Recebeu, porém, o Conde estas informações sem lhes dar grande importância, pois não era verossímil que os espanhóis, tão convictamente esperanças de restaurar o Brasil, cogitassem de destruir a safra. Com efeito, é próprio dos que guerreiam, segundo as regras, poupar as terras às quais vieram com a intenção de as vencer e não assolar aqueles onde pretendam firmar possessões. Saquear, devastar, incendiar as mais das vezes são atos de um exército desesperado, e não vantagens de um exército guiado por bons preceitos.

Obtidas forças auxiliares no Rio de Janeiro e outros lugares e repartidas por toda a armada, composta de 86 velas, havendo assim perto de A Armada espanhola saiu da Bahia onze ou doze mil homens de peleja, fora os índios e os conscritos do sertão, largou ela da baía de Todos os Santos e fez-se ao mar. Correndo voz da sua chegada, houve grande alvoroço no povo, ficando alerta as guarnições de toda a parte, porque, pela incerteza em que todos se achavam do ponto onde se desembarcaria o inimigo, nenhum lugar das províncias estava livre de medo e de perigo. Zarpara da Espanha esta armada, de conserva com os navios que, sob o comando de Oquendo, rumaram, com maus agoiros, para a Holanda, a fim de amedrontar simultaneamente o holandeses do Brasil e os das Províncias-Unidas,

A nossa armada com a junção das frotas e com o grande número de navios. Logo, porém, emarando-se, separaram-se as duas esquadras, e uma, com destino infeliz, foi opugnar o Brasil, e a outra, por via diversa e com resultado igualmente desastroso, veio atacar a Holanda. Quatro dias antes de partir da baía de Todos os Santos a armada espanhola, a holandesa, sob o comando de Guilherme Cornélio Loosen, que havia andado ao paio junto à costa de S. Salvador, planeando assaltar os espanhóis, esteirara para o porto de Pernambuco, com treze naus carecedoras de mantimentos e outras coisas. Muito oportunamente a estas se juntaram oito naus que chegavam da Holanda, depois duas e logo mais nove. Abicaram todas elas, depois de haver saído da baía de Todos os Santos a armada espanhola.

Daí a consternação para uns, a audácia para outros. Uns pareciam temer, outros intimidar, porquanto ou era cada um alentado pela animação e estímulo dos seus, em razão dos novos reforços, ou se deixava abater, por desesperar da vitória. Era tanta a necessidade de se apressar a guerra que os vasos vindos da Holanda, antes de se descarregarem, tiveram de adaptar-se para o combate e para o desempenho de serviços bélicos, recebendo soldados do Brasil, que Nassau havia tirado de suas tropas e companhias de terra. Contávamos quarenta e uma naus, desiguais no tamanho, na artilharia, na soldadesca. Fazendo-se ao largo com elas, o nosso Almirante, cheio de coragem e confiança, fundeou em frente de Olinda, a quatro léguas da costa, de onde lhe era fácil seguir os espanhóis para qualquer lado. Fora delatado a Nassau²⁴⁹ que eles deviam ir ou para o Pau Amarelo (é um ribeiro da província de Pernambuco, que comporta navios ligeiros), ao norte, ou para a Candelária, ao sul. O desembarque aí lhes teria sido danoso, por causa das fortalezas e estâncias, munidas de guarnições e artilharia contra a violência, e bem assim à conta dos matos e sítios arenosos, que se julgavam de proveito para os nossos, e também em razão dos rios, cobertos de pontes e de navios para remessa de socorros, acaso necessários em alguma parte.

Corria o mês de dezembro, quando passou a armada espanhola à vista da costa austral de Alagoas, onde lançou ferro junto ao rio de S. Miguel, indo os marinheiros fazer aguada nas suas lanchas.²⁵⁰

Neste tempo, postara-se o major Mansfeld, com algumas forças, em certo passo, a seis léguas do litoral, ordenando-lhe o Conde que, ao avistar a esquadra espanhola, se retirasse ele com o seu destacamento, porque não estava ali garantido por nenhuma fortificação para resistir aos contrários. Não obstante, lá permaneceu ele impertérrito oito dias e avisou ao Conde a chegada da frota e de seus tripulantes. Por se haver dito, falsamente embora, prepararem eles o desembarque, mandou Nassau que a nossa esquadra para ali se dirigisse em marcha acelerada, a fim de acometer de improviso a armada espanhola ainda sobre as âncoras, e, se não a encontrasse, voltasse à sua primeira posição.

Destarte, acendia-se simultaneamente a guerra marítima e a terrestre, e de um lado os soldados de terra, do outro os de mar, confrontavam, com a jac-

tância militar, os seus riscos e deveres, e, diferindo nos desejos, cada um maldizia da própria sorte, e quem militava em terra desejava a milícia naval, e quem militava sobre as águas invejava a milícia campal.

Apenas dera à vela o nosso Almirante, favorecido pelo vento do norte, quando parou diante de Barra Grande, enseada muito Nossa armada faz-se de vela cômoda para os navios. Entanto, declinando o dia e já fazendo escuro, receou explorar o porto e proejou de madrugada para ali, onde supunha encontrar a frota adversa e ensejo de combate. Levado, porém, ao rio de S. Miguel, topou somente com quatro navios menores, os quais transportavam aparelho bélico para os batalhões que se conduziam por terra. Os nossos iates os impeliram para a costa e para os parcéis.

Partira a armada, julgando que, por estar uma parte do nosso exército em Alagoas e a outra em Porto Calvo, deveria o Conde achar-se em outro lugar e com forças menores.

Favorecendo outra vez o vento, toda a esquadra holandesa, ANO DE 1640 a 1º de janeiro de 1640, estava surta nos portos de Pernambuco, atentas a todas as eventualidades, para que nem escapulisse inimigo, nem desembarcasse impunemente. Anunciou-se então que se avistara a armada espanhola não longe de Paraíba e que ocupava com alguns barcos a boca do rio, simulando o desembarque, sem outro fim que atrair também para ali parte do exército. É estratagemas usual aos comandantes apresentarem-se num ponto e dirigirem-se para outro. Não tardou muito em ser ela vista da ilha de Itamaracá. Foi, por isso, ordenado à nossa esquadra que, na mesma noite, se fizesse ao largo, soprando o norte mais em proveito do inimigo do que nosso.

Pouco antes, reuniu Nassau todos os almirantes e capitães, Nassau exorta à luta os almirantes e capitães dirigindo a todos a seguinte exortação: “*Lutai bravamente, pois vos depa- ra o Céu ocasião de pelejardes. Em nenhuma outra parte podereis vencer de modo mais certo ao espanhol do que nestas costas, onde é fácil varar-lhes os navios nos baixios e escolhos. No mesmo lugar está posta a salvação e a glória de todos. Na balança da fortuna estão suspensas a honra do rei da Espanha e a da Companhia das Índias Ocidentais.*

“*Estas duas esquadras conduzem o domínio do Brasil: se triunfar a nossa, está-nos garantida a dominação; no caso contrário, caberá ao espanhol.*

“*Acrescentais aos muitos anos durante os quais temos pugnado nestas plagas por pedacinhos de terra este dia glorioso em que devemos disputar o império inteiro. Provai aos Estados-Gerais, ao príncipe de Orange e à Companhia que nem vos falta coragem para combaterdes, nem forças para vencerdes. Não temos naus de estupendo porte, nem velas feitas para terror dos que facilmente se amedrontam. Dão-vos confiança as vossas mãos, as vossas armas e o favor divino que eu devia ter nomeado primeiro. Se tivésseis de batalhar com povos desconhecidos, com os bárbaros, os patagões, os antropófagos, buscara eu novos argumentos. Ides, porém, pelear com espanhóis e portugueses, cuja milícia naval já vos é conhecida. São aqueles mesmos,*

cujos esquadras já queimou a vossa gente, à vista de todos os santos e na própria Babia²⁵¹ a eles consagradas; são aqueles mesmos a quem ela arrebatou, em luta incruenta, os tesouros do Peru e do México. Mostrai-vos também os mesmos e perseverai na fama brilhante que no mar alcançaram os batavos. Decidirão os fados: aconteça o que acontecer, terá sido façanha memorável vencer ou morrer no dia de amanhã. Para os que combaterem estão reservados os prêmios da guerra e para os recalcitrantes, o castigo e a morte. Nem a vossa sorte permite escolher-se terceiro caminho, nem o meu posto, o qual, assim como está inclinado a recompensar, assim também de modo algum, renunciará a severidade que exigir o vosso crime.“

A estas palavras despertou o ardor de todos, e com grande vivacidade correram para as costas, para as naus e para as armas.

De manhã sopravam mais a nosso favor os ventos do sul. Avistamo-nos mutuamente, nós e os inimigos, diante das praias de Pau Amarelo, onde resolvera o adversário pôr em terra 7.000, que já tinham passado para os navios menores em demanda do litoral. Mas, pairando a armada inteira com as embarcações espalhadas, algumas naus que haviam tomado a dianteira às outras, vendo as nossas, preparavam-se para juntar-se ao resto da frota. As naus holandesas, porém, conseguindo vantagem da posição e guiadas favoravelmente para o lado dos espanhóis, seguiram o inimigo que, escapando-se um pouco para o norte, só pelas três horas da tarde nos deu possibilidade de batalhar.

Então o almirante da nossa armada, Guilherme Loosen, dirigindo-se aos seus soldados e capitães disse: *“A ação de hoje será de êxito e de bravura, e não de furor e de intempestivo ganho. Portanto, camaradas, enchei-vos de coragem, vós que não podeis suportar a desonra nem com os olhos, nem com o ânimo. Em nosso favor militam todos os estímulos de vitória: o vento, as ondas, a vantagem dos navios para a refrega. Não há muito, quando tardava a esquadra adversa, ouvia eu perguntarem os mais valentes dentre vós: ‘Quando virá a armada? Quando encontraremos o inimigo?’ Fatigavam-nos a sua demora e a vossa expectativa. Agora tendes os inimigos fora dos seus esconderijos e da sua Babia. Estão satisfeitos os desejos e esperanças de todos: em frente, ante os olhos, pela proa e atrás das popas estão os espanhóis. Se não os afugentardes, achar-se-ão em breve dentro das naus e nelas vos perseguirão. Desiguais em número, somos superiores na necessidade de pugnar. Quanto a mim, estou no firme propósito de voltar para o adversário não as popas, mas as proas. Eia pois, com o favor de Deus, atacaí comigo aquela capitânia, e, se algum dia pelejastes pela glória, conservai-vos agora observadíssimos da disciplina naval e prestai à pátria o vosso efficientíssimo auxílio. Neste ensejo tão propício de se destruir o inimigo, não vos deixarei de dar as recompensas e os louvores prometidos.”*

Cortou a alocução a necessidade presente, e, com as velas empandinadas por um vento favorável, rompeu ele por entre a armada inimiga, desenvolvendo todo o esforço para investir com a capitânia espanhola. Durante três horas, combateu, obstinada e ferozmente, com ela e com outros quatro galeões que o rodeavam, encarniçando-se as partes em incansável canhoneio. Ferido, porém, no início da luta e auspiciando a vitória com a sua morte, não sobreviveu à sua

glória. Tombaram neste primeiro recontro, além do almirante, três marinheiros, ficando feridos quatro.

Entretanto, a nossa capitânia, cercada de inimigos por todos os lados, livrou-se do presente perigo, graças à energia dos seus tripulantes, e evadiu-se.

Na mesma tarde, levou-se o corpo do almirante para Itamaracá, onde foi condignamente sepultado.

Por sua vez, a nau *Alkmar*, fortemente batida e varada pelas balas da artilharia inimiga e fazendo muita água, pôs-se em retirada, inapta para combater.

Deu-se este primeiro encontro entre Itamaracá e Goiana, a três milhas do litoral.

Primeira batalha,
entre Itamaracá e
Goiana. 12 DE
JANEIRO DE 1640

Sobrevindo a noite, fez cessar a batalha, mas não o des-nodo dos batalhadores. De feito, consertadas, com a possível prontidão, as velas, as enxárcias, os parapeitos, as toldas, que a violência da artilharia tinha despedaçado, foram no dia seguinte chamados à armada os membros do Conselho Secreto pelo major Pero Legrand, comandante dos soldados. Informados da morte do Almirante, substituíram-no pelo vice-almirante Jacó Huyghens, herdeiro da sua nomeada e bravura. Apenas assumiu o comando da nau *Fama*, entrou também logo a ser celebrado pela voz da fama.²⁵²

Feitas preces a Deus e cheios de ânimo e entusiasmo os marinheiros, atacou ele a armada inimiga, e, soprando o sul, travou refrega cruenta e terrível. Numerosas naus espanholas foram opugnadas por um punhado das contrárias, e as maiores pelas menores, de sorte que lutavam oiteiros com montanhas, cabaninhas com torres, bojos vastos e arqueados de coros gigantescos contra conchas de amêijoas.

Levávamos vantagem nisto: enquanto as naus inimigas, pelo seu volume, se mantinham quase imóveis, podiam as nossas virar para qualquer bordo e dar-se ao vento. Proas encontroavam proas e desconjuntava-se o travamento dos navios, ora com o choque das popas, ora com o dos flancos. As lascas e estilhas arrancadas pelas balas dos canhões às cintas e toldas matavam os combatentes mais do que a própria artilharia. Mergulhando-se eles no mar ou sendo capturados, tornava-se presa do vencedor ou eram trucidados nas águas pela fúria do guerrear, desconhecadora de moderação. Tão intenso era de parte a parte o furor da artilharia, que a cerração e a fumarada escondiam aos olhos o próprio céu e os inimigos.

Durou este segundo conflito até tarde velha. Em relação à atrocidade da briga, houve do nosso lado poucos mortos ou feridos. O teatro desta batalha foi entre Goiana e o Cabo Branco.

Segunda batalha
(13 DE JANEIRO),
entre Goiana e o
Cabo Branco

O nosso navio denominado o *Louro Sol*,²⁵³ feito pedaços pela artilharia inimiga, soçobrou com o coronel Mortemeer e 44 soldados. O capitão do navio, entretanto, e 34 marinheiros saltaram num escaler e, apesar de alvejados pelas contínuas descargas dos contrários, escaparam-se a salvamento.

Por sobre as redes jaziam esparsos os cadáveres com os membros mutilados, espetáculo contristador, mas também glorioso.

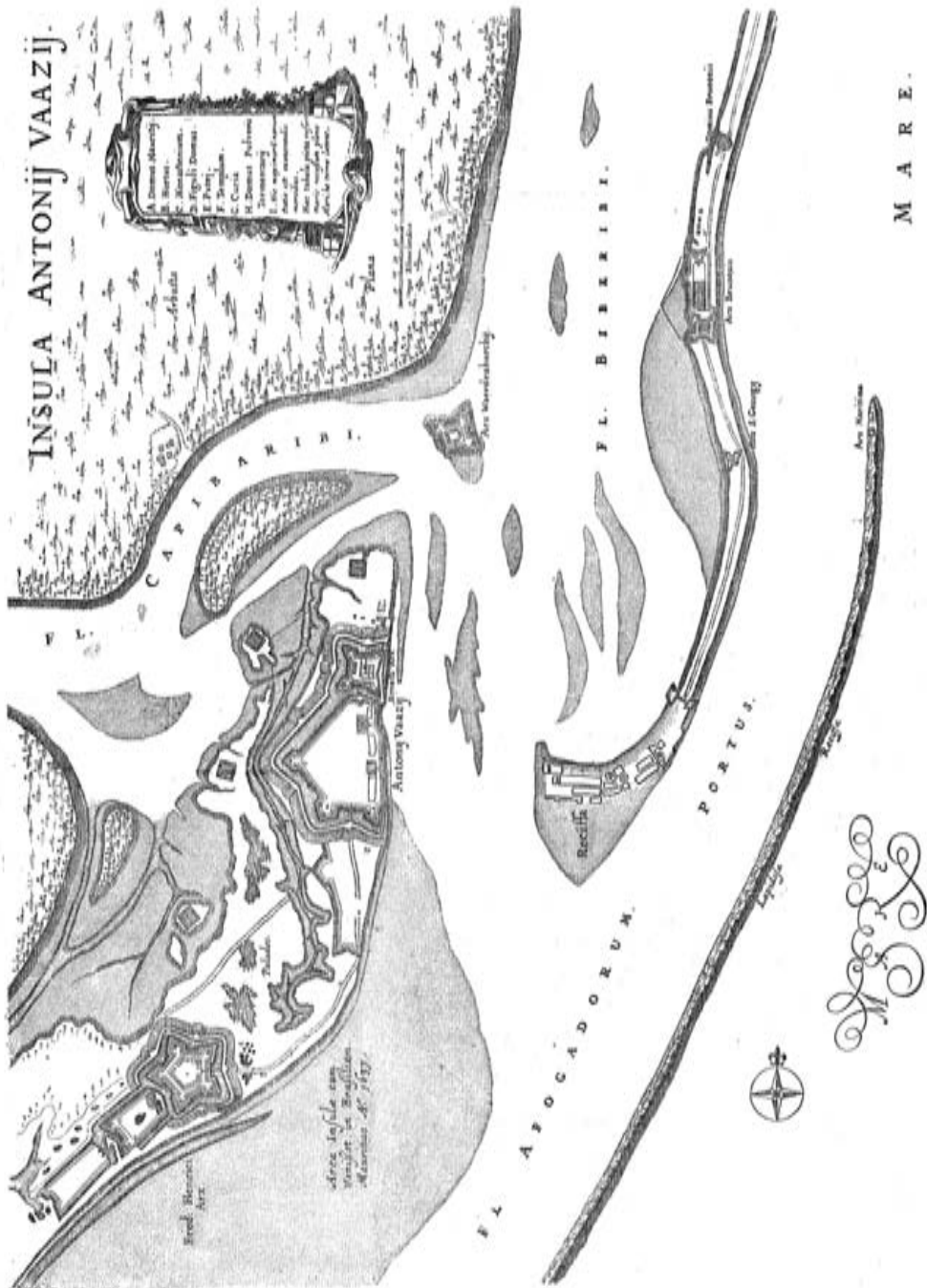
Ao narrar estes sucessos, vem-me ao espírito este pensamento: que o choque entre dois exércitos de guerreiros, assim armados, assim travados, não difere da luta das feras. Flamejam os olhos, empalidecem os rostos, o semblante descobre o furor, a voz ronqueja de raiva. Há uma grita louca de alucinados. O homem inteiro é de ferro e minaz e cruento. Estrondeiam as armas, fulminam as bombardas, trovejam os canhões, não menos horrendos que os verdadeiros trovões, porém mais funestos. E que rictos em cada um, que frêmito, que crueza, que embates furiosos, que mescla tumultuária, que cruéis alternativas dos que tombam e dos que trucidam, cadáveres amontoados, amuradas e toldas escorrendo sangue! E é de maravilhar que, nascendo homens para sermos humanos, mansos, bons e brandos, nos tenha algum deus ou algum acaso impellido a desembainhar, intrépidos, o ferro mortífero uns contra os outros, em todas as campanhas, em todas as armadas. E, todavia, somos arrastados por uma necessidade superior a estas matanças humanas por amor da liberdade, da religião, do poder ou das riquezas, sendo um heroísmo e um dos maiores títulos de glória arriscar a vida para afastar dos filhos e das esposas, dos altares e dos lares, a violência, e dilatar os términos do próprio poderio.

Ao amanhecer do dia seguinte, ajudados os holandeses pelo vento do Terceira batalha
junto à Paraíba.
14 DE JANEIRO. sul, acometeram terceira vez a armada espanhola, que navegava desfavoravelmente.

O almirante Huyghens, inaugurando dignamente o seu novo posto, meteu-se entre as duas capitânicas de Castela e de Portugal, pois julgava pouco lutar com um só adversário. E pelejou-se aí com tal ferocidade que se ignora quem foi mais feroz. Cada um dos comandantes valia-se doutamente da sua perícia náutica, do céu, dos ventos e do mar. Cada um deles preferiu afundar, com celeridade e furor, as suas naus contrárias a salvá-las, apresando-as. Cada um deles misturou com o próprio valor alguma cousa de temeridade e converteu em prudência o que o acaso oferecia. Batalhamos com tal felicidade que pouquíssimos os cáiram na luta, porque Nassau previra sabiamente que suas naus não abordassem as do inimigo para não serem metidas a pique pelo número dos soldados contidos nas capitânicas adversas. E assim, com avanços e recuos freqüentes, atacamos os contrários com reiterados canhoneios.

Esta batalha, que só terminou ao pôr-do-sol, feriu-se junto à Paraíba a duas milhas da costa. Aconteceu que a esquadra espanhola foi impelida pela hostilidade do mar e dos ventos para os confins setentrionais do Brasil, onde as correntes marinhas, dirigindo-se com grande rapidez para o ocidente, arrastam quaisquer navios sem que eles o queiram.

Neste recontro foi derribado e partido pelas balas o mastro de uma das nossas naus, denominada o *Cisne*. Servia-lhe de bota-fogo Jacó Aldrich, soldado



notável nos combates marítimos. Tendo-se inutilizado esta nau para a peleja, foi coagida a procurar defesa, ancorando-se. Conhecendo-se isto, lançaram-se contra ela doze naus grossas espanholas para a tomarem, pois se via impedida por causa do velame atrapalhado e caído. Vendo o nosso Almirante o perigo, mandou-lhe em socorro alguns navios, com cuja chegada largaram o *Cisne* seis naus espanholas. Travaram-no as demais, deitando-lhes os arpéus, e logo duzentos ou trezentos inimigos ocuparam-lhe como vencedores o convés e o castelo de popa. Aldrich, com o ânimo obstinado até os extremos da luta e com a fereza do seu caráter, expulsou-os virilmente, graças à covardia dos espanhóis e à indulgência da fortuna. A ousadia misturada com o desespero e a vergonha misturada com o temor foram os autores de tão brilhante proeza. De fato, cortadas as amarras que detinham a âncora, deu a nau nos parcéis e recifes da costa, para onde a seguiram, presas ao mesmo fado, quatro naus espanholas. Estas, porém, à vista do perigo, arrebutaram as cadeias e abandonaram o *Cisne*, deixando nele os camaradas, não já vencedores, mas prisioneiros. Consternados com este caso, parte deles saltaram ao mar e parte, buscando outro meio de salvar-se, pereceram numa luta cruel, ou trucidados a ferro ou tragados pelas águas.

Uma quinta nau, capitaneada por Antônio da Cunha Andrada, comandante da esquadra de socorro enviada à ilha, ignorando que o *Cisne* encalhara no banco, abeirou-se dele por erro e, varando igualmente na areia, travou com ele peleja. Enraivaram-se ambos os vasos horrendamente e, de lado a lado, jogou a artilharia de tal modo, que os espanhóis, deitando às ondas as espadas que empunhavam, pediram quartel, suplicantes e acovardados. Trinta que se tinham precipitado nas águas, nadaram para serem salvos pelo nosso *Cisne*, posto que navio inimigo. Entretanto, embravecidos os ânimos dos marinheiros pelo calor do conflito, foram eles expulsos, degolando-os a sanha ou sorvendo-os o Oceano.

Os marujos holandeses transportados pelo *Cisne*, retirando dele o que lhes podia aproveitar e saltando num batel, entregaram ao mar o bojo vazio da nau.

Ensinou então a experiência, mestra de tudo, nada poder conseguir a destreza humana contra a violência e o ímpeto dos canhões. Logo depois se puseram em batéis os espanhóis que a nau de Andrada levava em numero de 230. Entre eles se achava o próprio Andrada, capitão da frota de socorro, quatro frades, dois capitães e outros tantos alferes e um médico.

Calculava-se em 30.000 florins a presa de prata amoedada, lavrada e em barra, feita no navio, fora um colar de ouro e outros objetos subtraídos pelos marinheiros. O conde Maurício remeteu para a Holanda este Andrada, homem de inteligência cultivada e caráter afável, julgando pudesse ser útil à Companhia detê-lo ali algum tempo.

No dia 15 de janeiro experimentamos a mesma clemência dos ventos e do céu, soprando ainda o sul. Convocando então o almirante os comandantes das naus, pronunciou estas palavras varonis: “*Não deixeis escapar-vos das mãos a vitória. Está em fuga o inimigo, arrastado para sítios do mar hostis e temerosos pelo ímpeto de suas correntes. Praticareis ação digna de marinheiros, se vos quiserdes salvos e cheios de glória. Não deixeis de tentar nada por medo.*” E como visse a armada espanhola aproximar-se da costa, avisou por um iate ao governador do forte de Ceulen, isto às margens do Rio Grande, que estivesse alerta à chegada do inimigo e defendesse a sua posição.

O Almirante exorta os seus a perseguirem a armada

Depois, com extraordinária galhardia e descuidoso de todos os perigos, dando, como o permitiam as circunstâncias, a ordem da batalha onde podia, marchou de novo contra o espanhol. Sobreveio, porém, quando já estava próximo dele, tal calmaria, que as duas frotas se tornaram joguete das ondas e não consentiam ser governadas pelas velas e lemes. Durou ela até às 3 da tarde, em que cursou outra vez o vento. Para que a tarde iminente não interrompesse intempestivamente o combate e não confundissem as trevas os beligerantes, pareceu bem se transferir a luta para o dia seguinte. Ao amanhecer este, providos nós de armas e de pólvora trazidas de fresco por um iate, encetamos a batalha, que foi acesa e renhidíssima o dia inteiro, cessando somente ao pôr-do-sol.

Marcha de novo contra o inimigo

Neste conflito, travado perto do Cunhaú,²⁵⁴ em frente da capitania do Rio Grande e à vista da costa, atormentamos e varejamos a tal ponto a capitânia espanhola que ela se retirou da refrega com vento próspero, circundada de navios menores, que desafiavam e maltratavam a nossa almiranta, embora com resultado adverso, qual experimentaram também os galeões inimigos.

Quarta batalha em frente da Capitania do Rio Grande, 17 DE JANEIRO

No início da ação, a esquadra holandesa rompeu pelo meio da espanhola com tal destreza que logrou a vantagem dos ventos e do mar, ficando a frota inimiga a sotavento da nossa.

Não foi sucesso verificado sem a vontade de Deus o terem morrido, nestas quatro aspérrimas pelejas, só vinte e dois dos nossos, ficando feridos oitenta e dois.

Arrastava-se assim a guerra dia a dia, e todos éramos também arrastados para as regiões setentrionais do mar, numa situação desigual, cedendo o inimigo ignominiosamente, apertando-o nós gloriosamente.

Então o nosso almirante, consultando com os oficiais da esquadra, mandou repetir-se o combate no dia seguinte para expulsarem de todo o inimigo do litoral brasileiro, impelindo-o para as partes perigosas do mar.

Forcejavam os contrários para se abastecerem de água, mandando à costa para este fim navios pequenos, pois careciam dela, e a marinagem quase

sucumbia de sede. Mas os nossos iates, cruzando próximos da costa, impediam essas tentativas. Além disso, três transportes inimigos, tocados para o litoral, naufragaram, salvando-se, protegidos pelas brenhas e esconderijos, os tripulantes, os quais, em número de trezentos, se tinham evadido para a terra firme.

Já se via a frota espanhola desgarrada e desfalcada, e assim cobraram os ^{Baixios} holandeses ânimo de investir o adversário. Este não sabia que alvitre tomar, porque, próximo da nossa esquadra e preso por ela, verificava ser-lhe impossível atravessar os bancos e recifes chamados *Baixios de São Roque*,²⁵⁵ à conta do porte das naus. Demais, vedavam-lhe de todos os lados saltar em terra e prover-se de água, da qual tinha prementíssima necessidade. Fez-se ela, portanto, ao largo durante a noite, com vento de sueste, deixando os nossos junto ao Rio Grande, decidida, nesta derrota, ou a passar o Equador, de volta para a pátria, ou a navegar em direitura do Ocidente.

Os entendidos de navegação, assim holandeses como portugueses, julgavam que a esquadra, atirada contra esses parcéis, não retornaria, em ^{Parte a armada espanhola} razão do impetuoso arrastamento das águas para o ocidente e dos ventos que ali sopram sempre ponteiros. Observando o almirante holandês que a armada dos inimigos seguia mau rumo, impedia que a sua os alcançasse, e não quis que os seus, por um desejo mais vivo de guerrear, se precipitassem na mesma ruína à qual, segundo previa, se iam eles arremessar. Conhecendo ele também a falta de água nas naus de sua esquadra, conteve os cobiçosos e deu descanso à sua marinhagem junto à foz do referido Rio Grande.

Refeitos ali e soprando o vento do norte, chegaram vitoriosos a Pernambuco a 1º de fevereiro. Em todos os lugares do Brasil holandês, renderam-se públicas ações de graças ao Deus libertador, por ter sido expulsa do seu litoral a poderosíssima armada espanhola, terror do Brasil, força e sustentáculo único do rei. Na corte e nas fortalezas, nas cidades e povoações, deram-se várias mostras de regozijo público, com fogueiras, luminárias e salvas de artilharia. Na Bahia, porém, e em todo o território inimigo, abatera o ânimo de todos a dor de cada um e a geral consternação: uns choravam aos parentes, outros lastimavam a sorte dos amigos ou a triste fortuna do rei.

Um dos nossos iates, seguindo a distância aos espanhóis, trouxe a notícia de terem eles ancorado perto dos baixios já mencionados, a 15 léguas ao norte do Rio Grande, junto ao rio *Utetugo*, onde saíram a fazer aguada.

Acreditavam os marinheiros que dali poderiam tornar os navios pequenos, mas não os grandes.

Desbaratando e pondo em fuga a potentíssima armada espanhola, proveu Nassau que o valor marcial não morrera com os Cipiões, os Régulos, os Cimãos, os Duílios e os Pompeus.

E para eu lembrar somente fatos recentes, depois de vencerem os batavos o conde de Bossu no mar neerlandês, o duque de Sidônia no mar de Inglaterra, Frederico Spínola no de Flandres e por último o almirante Oquendo nas dunas da Inglaterra, veio esta esplêndida vitória acrescentar a glória das Províncias-Unidas. Com ela destruimos no Ocidente o poderio espanhol, zombamos do aparato assombroso de tantos navios, arruinamos a esperança de se recuperar o Brasil aos que se preparavam para ultrajar a potência da Holanda e mostramos os instrumentos da nossa legítima defesa. Por um revés da fortuna, aconteceu aos espanhóis arrastarem-se assaz morosamente na viagem da Bahia a Pernambuco, a qual se pode e se costuma fazer toda mais ou menos em doze dias, pois lutaram alguns meses com o desfavor dos ventos, consumindo a sua água potável, de que muitíssimo se necessitavam por causa do calor intenso. Assim, em conseqüência das fadigas e demoras, perdeu-se a armada, que, no primeiro assalto, teria sido poderosa e apta para a vitória.

Nestas batalhas, ostentaram-se várias virtudes. Assim, a perícia náutica soube utilizar a vantagem dos ventos e as marés. O arrojo, travando-se com inimigos mais poderosos, envolveu-se nos mesmos riscos que ele. Preferiu a prudência militar queimar e submergir as naus adversas a capturá-las e conservá-las não sem dispêndio público. Pugnou heroicamente a fidelidade, a constância, o esforço. A moderação ficou satisfeita com debandar o adversário, que era impossível abater com tão pequena força. A clemência salvou os inimigos próximos da perdição. Manifestou-se mais de uma vez a amizade, socorrendo os companheiros em perigo. Uma entusiástica pressa, que não consentia folga aos desígnios do inimigo, acometeu-lhe reiteradamente as naus apercebidas para pelejar, mas movendo-se tardiamente.

Tudo isso consta dos nossos anais e histórias.²⁵⁶

Entretanto, aqueles que combateram entre os espanhóis, vendo-lhes mais de perto os desastres, referiram o que passo a dizer, para valer a verdade tanto pela confissão dos contrários quanto pela nossa.

Narração dos espanhóis
relativa ao que aconteceu
nessas batalhas

Partindo da Espanha a armada, dobrado o Cabo Verde e percorrido o começo do Oceano Etiópico, foi arremessada pelos ventos e correntes em frente do litoral do Cabo de Santo Agostinho. Temendo-se fazer aí o desembarque à conta dos pernambucanos próximos, rumou ela para a Bahia, onde cruzavam doze naus holandesas, enviadas para explorar e fazer presa. Acossando elas a frota trabalhada dos incômodos do mar, para lhe poderem desde logo causar dano, os almirantes espanhóis, avisados por uma barca pescareja, entraram o Recôncavo, onde há a proteção da artilharia das fortalezas. E, como logo aparecessem em socorro algumas naus de guerra vindas da Bahia, os holandeses, achando não se devia pelejar, largaram a esquadra. De fato, naquela paragem hostil, onde tudo lhes era infenso, onde o adversário era mais poderoso, mostrava-se-lhes maior o temor

do dano que a esperança do lucro. Chegou para o espanhol considerável reforço de 24 vasos, providos de mantimentos e soldados. Mandara-os de Portugal o rei, além de mais dois, que os moradores do Rio da Prata haviam guarnecido cada um com 16 bocas-de-fogo. Enquanto ali se demoravam os portugueses, foi seu principal cuidado repararem a esquadra rota e estragada e limparem as naus das sujidades marinhas, estorvos da navegação. Dominava-os o fundado receio de serem então os seus navios hostilizados pelas naus de Pernambuco, quando estivessem em seco e sem artilharia. Ficou enfim desimpedida toda a armada, que se compunha de 93 velas, entre as quais 24 galeões aterrorizavam pela sua enormidade. Havia outras naus menores no tamanho e desiguais na capacidade, de 400, 150 e 100 toneladas. Conduziam muitos mil homens de armas, alistados na Espanha, Portugal, Bahia, Rio de Janeiro e Rio da Prata, os quais ali mantinham o poder real, nem todos experientes, nem todos inexperientes da milícia.

Zarparam da baía de Todos os Santos, em alegre celeuma e com a esperança firme de grandes feitos. Velejaram para Alagoas, onde lançaram em terra dois mil homens, sob o comando de João Lopes Barbalho, rumando daí para Pernambuco. À frente da armada ia uma nau holandesa, a qual, em contínuos disparos de artilharia, contra os espanhóis, indicava aos seus a chegada da frota inimiga, levando esta notícia para o Recife. Não muito depois, apresentou-se corajosamente contra os espanhóis toda a armada holandesa, composta de 33 naus, conforme se acreditava, alentada pela esperança de que o inimigo devia vencer-se no mar; porquanto, se ele desembarcasse a sua soldadesca, em breve se avantajaria aos batavos no exército de terra.

Encrucendo a refrega, a capitânia holandesa – a *Fama* –, *metendo-se entre os contrários, parou entre a capitânia castelhana e a portuguesa, que tinham os nomes veneráveis de Jesus e de Maria*, como se tivessem elas de combater sob o seu patrocínio. A primeira jogava 32 peças, e a segunda 28. a *Fama* atirou, feroz e pertinazmente, contra ambas, caindo uns mortos no tiroteio e retirando-se outros feridos.

Apenas havia principiado o combate, quando tombou entre os primeiros sacrificados o almirante dos holandeses, ao iniciar ele a ação, cuja glória não lhe foi concedido testemunhar. Posteriormente vieram os portugueses a saber isso dos nossos. No afundamento da *Áureo Sol*, aos espanhóis se deveu a salvação de um só dos seus, mas a de oito mais aos próprios holandeses.

Ao amanhecer do dia seguinte, recomeçada a luta, pugnaram tenazmente 35 naus holandesas, com perdas quase iguais de parte a parte. Foi arrancada a antena da lanterna dos batavos e derribado o mastro de mezena. Em alvorecendo o terceiro dia, a *Corno Grande* e a *Grão Cristóvão* abalroaram a nau espanhola *São José*, deitando abaixo o pavilhão e a cruz que lá se erguia como o emblema dos cristãos. Era capitão da *Corno Grande* um tal Antônio, alcunhado *Camponês de Dürckendam*, temibilíssimo para os adversários. O seu denodo ensinou que também entre os lavradores nascem homens eminentes e fadados para luzidos exemplos.



E. *Ardea grandifrons*.

C. *Ciconia alba* a *leucoptera*.
D. *Ciconia alba*.

A. *Ardea effulgens*.
B. *Ciconia*.

No quarto dia feriu-se nova e atroz batalha. As naus holandesas *Grão Cristóvão* e *Corno Grande* travaram peleja com a almiranta *S. José*, formidável por seus 54 canhões de bronze. Foi tal o aspecto do conflito, tal o seu ardor, como se os beligerantes esperassem por certo ou afundarem o antagonista ou serem por ele afundados. A esquadra lusa sofreu tamanho destroço que julgou necessário bater em retirada, refugiando-se nos escolhos chamados Baixios de São Roque.

O comandante da almiranta Francisco Pimenta e outros declararam terem morrido nestas refregas alguns milhares dos seus. Da *S. José*, que conduzia 700 homens, pereceram 400.

Ou por medo dos almirantes Lichthart e Jol, que, segundo tinham ouvido, iam chegar, ou tangidos para o ocidente por mares e ventos contrários, faltos de água e de mantimentos e levados por alvitres diversos, navegaram então os espanhóis por onde podiam e arribaram à ilha de Margarida,²⁵⁷ tendo morrido de fome vários deles. E não podendo a fortuna dar-nos nada melhor que a discórdia dos inimigos, cindiu esta os comandantes, o almirante e vice-almirante dos portugueses. Este último proejou para a ilha Terceira e dali chegou a Cádiz, com a maruja quebrantada de fome e sede. O galeão *São Filipe* tivera 300 mortos de doença, não contando os que prostrara morte mais atroz e gloriosa. Dos galeões tornaram à pátria *S. José*, *S. Domingos*, *S. Filipe* e *S. Bernardo*, fora os dois transportes *S. João* e *S. Jorge*. As outras naus ou pereceram no mar, ou, desconjuntadas, fizeram-se pedaços junto às costas da Nova Espanha ou das ilhas interjacentes.

Temo asseverar se esta narração dos espanhóis diz rigorosamente a verdade.

Enquanto pratica Maurício estes feitos nos mares do ocidente, um outro do seu sangue, o Príncipe de Orange, igualmente vitorioso no norte, dominou o mar de Inglaterra e, em curto intervalo, conduziu-lhe por todas as costas as suas bandeiras triunfais. Como não alcançaram os batavos mais assinalada vitória, já pelo atroz morticínio, já pela grandeza das gestas, assim de uma como da outra parte, merece ela ser consignada nos livros.²⁵⁸

Comandava a armada de 60 naus o famosíssimo almirante D. Antônio Oquendo, que já se celebrizara bastante pela recente batalha travada com os nossos na baía de Todos os Santos. Entre essas naus havia diversas capitânias, levando umas 1.000, outras 800, 700 e 600 homens. Contava a armada 10.000 soldados e 14.000 marinheiros, de várias nações – espanhóis, portugueses, bretões, biscainhos e até flamengos.

Oquendo saiu com esta frota da Corunha, o maior porto da Galiza e, sulcado o golfo de Biscaia, entrou na Mancha. Nesse mar bordejava, com uma esquadra apenas de 12 velas, o almirante Martinho Herperts Tromp. Tomara ele parte na memorável batalha de Gibraltar, sob as ordens do almirante Heemsterken e depois, navegando e pelejando sob o comando do

Quase na mesma ocasião, as Províncias Unidas triunfaram na armada espanhola junto às costas da Inglaterra

Martinho Tromp.
Gibraltar

almirante Pieter Heyn, assistiu-lhe à morte e testemunhou-lhe a glória, de sorte que, por determinação do destino, galgou o posto do almirante falecido, de quem não era desigual nas virtudes marciais.

Logo que de longe se avistou a armada espanhola, aumentaram-se as forças de Tromp, pela junção de cinco vasos e, pouco depois, de mais dois capitaneados por Witte Wittens. Com esses começou Tromp, alta noite, a lutar com o inimigo, e, jogando a artilharia, preludiava maior embate. Ardeu um de nossos navios, cujo paiol de pólvora se incendiou por descuido.

Ao luzir da aurora, recebeu Tromp um reforço de mais doze naus de guerra, que tinham fechado o porto de Dunquerque, na Flandres, e deu início à batalha. Vedou, porém, se aferrassem as naus, como é costume nos combates marítimos, para não sermos vencidos pelo porte dos vasos inimigos e pelo número dos guerreiros. Navegando ao redor das naus adversas e metendo-se no meio da armada já dispersa, varejava-a com descargas contínuas. Apresou-se um navio pequeno e um galeão. Descuidando-se os vencedores de vigiar este, na intempestiva cobiça de despojos, retomaram-no os seus e arrebataram-no triunfalmente. Oquendo, assaz confiante no vulto e número de suas naus, levou a proa contra a nossa capitânia, forcejando impetuosamente para desgarrar a esquadra neerlandesa estreitamente unida. Mas, com as naus rasgadas e varadas por cargas de artilharia grossa, virou de bordo, deixando-nos e esquivando-se ao combate. Passou-se o dia, que era sexta-feira, em crua refrega. O seguinte, sábado, foi de repouso para as frotas por causa do nevoeiro, até que, pela meia-noite de sábado para domingo, recrudescer a batalha, começando o inimigo a cuidar de fugir, seja por medo, seja por lhe ter sido ordenado pelo rei que não combatesse.

Segundo a opinião dos conhecedores da tática naval, foi erro gravíssimo dos espanhóis não esgotarem os nossos com incessantes recontros, pois eram muito mais poderosos, e por isso reprovavam os estrategistas náuticos aquelas ordens estritas e severas, principalmente em assuntos marítimos, considerando que o mar é sujeito aos casos fortuitos e nele concorrem muitas coisas: a vantagem dos ventos, do céu e do tempo, o fluxo e o refluxo da maré, as trevas, a luz, a profundidade das paragens; amiúde tem-se também de acelerar as marchas, buscar a comodidade e segurança da esquadra. Não podendo adstringir-se tudo isso às instruções e ordens dos reis, parece prudente que os marinheiros batalhem mais livremente.

Oquendo, portanto, ainda não vencido, após algum estrago dos seus, com as naus fendidas e arrombadas, com as pontes quebradas, com as proas e popas em lastimável estado, recolheu-se às costas da Inglaterra, onde são as Dunas. Julgava que seria ali protegido pelas fortalezas do rei da Inglaterra, o qual não nos permitiria violar aquele lugar, defendido por suas leis e a coberto das guerras.

Enquanto a armada espanhola se conservava sobre as âncoras, imbele e ociosa e como sob a guarda de inimigo menos potente, serviu de mofa de um lado aos ingleses, de outro aos franceses, que contemplavam espetáculo tão indigno do rei da Espanha. Com efeito, permitiu aquilo ao almirante holandês convocar reforços de toda a parte, reparar as naus danificadas e guarnecê-las de novos instrumentos de guerra; porquanto, carecendo de pólvora e obtendo, por oportuno obséquio do conde de Charraste, governador de Calais, o necessário para a luta, apresentou-se ao lado dos espanhóis como guarda, mas não como amigo. Enquanto, porém, conserta Oquendo as pranchas rotas e se esconde covardemente sob os fortes britânicos, envia Tromp uma carta aos Estados-Gerais, solicitando-lhes auxílio e pedindo com instância o que se havia mister para destruir totalmente a frota espanhola. Sabendo os Estados-Gerais que a armada inimiga se achava em aperto, encalhada numa areia fatal, reuniu as naus desimpedidas de todos os portos e estâncias da Holanda e com tal pressa que não parecia terem sido fabricadas, mas nascido ou chovido do céu. Convocaram-se igualmente todas as corporações marítimas denominadas *almirantados* e as duas companhias de comércio, a das Índias orientais e a das Índias ocidentais, para que o dominador da Ásia e da África fosse oprimido não por um só antagonista, mas pelas forças juntas da Holanda. Autorizado por um decreto dos Estados-Gerais sobre o ataque contra a armada espanhola, escolheu Orange nos quartéis 2.000 mosqueteiros dentre os mais valentes e os distribuiu pelas naus das Províncias-Unidas. Já estavam reunidos ante as costas da Inglaterra mais de cem vasos de guerra, atentas as nações vizinhas ao desfecho da tamanha luta.

Então, acometido primeiro pelo inimigo, manda Tromp dar à trombeta, enquanto os ingleses, como espectadores do conflito, se mantêm com a sua esquadra fora dele.

O almirante holandês lançou sua armada contra o adversário, dividindo-a em cinco esquadras, e prescrevendo a cada uma a obrigação de combater. Não pareceu o espanhol recusar o embate, não de confiança ou de propósito, mas por ver-se sitiado e rodeado de inimigos. Houve, em verdade, tal precipitação nas naus espanholas que, para acelerarem a fuga, à qual era favorável o nevoeiro e escuridão densíssima, picaram as amarras.

Tromp primeiro investiu com a capitânia próxima de si, que tinha o bem agoirado nome de *S. Salvador*. Mas, batendo esta em retirada, apresentou o espetáculo da mais acesa luta a capitânia de D. Francisco Feio, o almirante da Galiza. No primeiro encontro foi-lhe derribado o topo do mastro de proa e arrancados os cestos da gávea,²⁵⁹ os velachos e o joanete, arfando a nau à mercê das ondas, sem poder governar-se como se queria. Entretanto, somente se rendeu, vencida, pouco antes de entardecer. Pelejou-se ferozmente com a capitânia portuguesa, *Teresa*, a qual escolheu o capitão Musch, valente guerreiro, para matéria da sua glória; mas Tromp, mandando brulotes contra ela, incendiou-a.²⁶⁰ A nau de Musch, envolta

das mesmas labaredas, presa pelos arpéus e enredada nos calabres do inimigo, conflagrou-se igualmente, salvando-se, todavia, por diligência do almirante, o próprio Musch e os mais dos marinheiros. Mandaram-se ainda outros brulotes, e uma das capitânicas, tangidas para a costa, fez naufrágio.

Perfurada de balas e fendendo-se, teve igual sorte aquela que era capitaneada por D. Andrés de Castro.

Ninguém, entretanto, revelou mais brilhante valor e constância do que López. Com uma parte de sua nau afundada, a outra em chamas e tendo ele próprio um dos braços decepado, ainda sustentou o combate, e, somente tragado pelas águas, deu fim ao seu encarniçamento contra nós e ao denodo com que, pertinaz e gloriosamente, se batia por seu rei.

Receoso Oquendo de que, em conseqüência dos incêndios e chamas próximas, também o seu galeão pegasse fogo, escapou-se em companhia de alguns navios, proejando para Dunquerque, na Flandres, onde a capitânia que o levava naufragou, arrojada por um temporal contra um banco de areia. Nesse mesmo dia, foram vencidas várias outras naus e lançadas contra os parcéis, conspirando contra o espanhol, num como triunvirato de deuses, Netuno, Éolo e Vulcano.

Antemanhã, tendo sido furtada à vista as remanescentes da armada, seguiam derrotas incertas, salvo uma, que se rendeu ao primeiro embate. E não foi sem luta para os batavos a noite imediata, por eles gasta em procurar afincadamente o inimigo. Quase três dias durou essa batalha tão atroz, o trovejar enfurecido dos canhões e a braveza do fogo, que grassava pelas pranchas alcatroadas. Pelo litoral inglês voavam as carruagens dos duques, príncipes e senhores, que afluíam para contemplarem aquele espetáculo.

Nos visos dos montes, uma turbamulta olhava, não sem horror, aquele crudelíssimo certame, manifestando a sua alegria ou o seu pesar, conforme os sentimentos que a incitavam.

Preso ao tratado que celebrara com a Espanha e conosco, manteve-se neutro o rei Carlos de Inglaterra, e ordenou ao general da sua armada se abstinhasse de entrar no conflito. Condoeu-se, todavia, de algumas naus espanholas, que, para seu uso, salvou de tamanho naufrágio. Além disso, graças à boa vontade do general da armada inglesa, nada sofreram quatorze vasos inimigos, que, antes da batalha, se evadiram através de baixios. Uma das naus, atirada, logo após o combate, às costas da França, tornou-se presa dos franceses.

Narro em excesso extraordinário e digno de passar à posteridade. Ao encontro de sessenta e sete naus, e estas assombrosamente grandes, marcharam doze naus pequenas. Atacamo-las com dezoito e pouco depois com trinta velas. Acometemos um exército de 24.000 homens (tantos ou mais levava a frota do rei) apenas com 3.000, arrastando-os às ultimas extremidades e à estreiteza das

costas e cercando-os como a prisioneiros para não poderem escapulir. Ao próprio Oquendo, estando nas Dunas, cedeu, por favor, o nosso almirante um iate para ele transportar do porto inglês madeira a fim de consertar os mastros partidos, e, reparadas as naus, apressar a batalha. Finda a ação naval, o almirante das Províncias-Unidas enviou, triunfante, para os portos de Texel, do Mosa e da Zelândia, os navios capturados, muitos soldados espanhóis e até alguns capitães. Mas em Dunquerque, Antuérpia, Bruxelas, tudo era fúnebre e lutuoso. Na Espanha, em Portugal, na Biscaia, na Galiza, nas Astúrias, uns choravam os irmãos, outros os filhos, outros os amigos. As pessoas mais cordatas ruminavam consigo que convinha abandonar os holandeses ou aplacá-los com um armistício ou com a paz; que o inimigo vencedor não se conserva onde triunfou: há de buscar o que está patente à sua ambição e às suas vitórias.

Os holandeses nunca alcançamos triunfo para nós tão incruento e pouco danoso. Perdemos uma só nau e apenas cem homens entre soldados e marinheiros, ao passo que, conforme sabemos, subiram a muitos milhares as perdas dos inimigos, entre mortos, afogados e aprisionados. Suas naus foram quarenta entre queimadas ou capturadas, salvando-se as restantes ou pela fuga, ou por benefício dos ingleses.

Deixemos agora o mar e voltemos para as terras do Brasil, onde o inimigo, com empenho não inferior ao que mostramos contra ele, se aplicou a causar-nos danos. Porquanto, antes de partir da baía de Todos os Santos a armada espanhola, já várias vezes mencionada, dois mil homens de armas, portugueses e brasileiros, e entre estes alguns tapuias, foram mandados para o nosso território. Separaram-se em diversos batalhões, não só para, reunidos, não ficarem sem mantimentos, mas também para não serem repelidos das fronteiras, se nelas se apresentassem em grande número, por um poder maior de holandeses.

De fato, em troços menores, poderiam ser desdenhados, mas, tornando-se de temer pela sua multidão, provocar-nos-iam à legítima defesa. Tinham recebido as seguintes instruções: juntarem as tropas na povoação de S. Lourenço, distante sete léguas do Pau Amarelo, e esperarem chegar a frota espanhola. Se, depois da sua chegada, não permitissem os holandeses postados no litoral o desembarque das forças contrárias, deveriam eles apresentar-se em armas, e, expulsando os nossos, abrir caminho para os seus e franquear a entrada no sertão. Neste propósito, já se tinham apossado do ânimo dos habitantes, alardeando o poder hispânico e tornando-os infensos a nós. Comandava essas tropas o caudilho índio Antônio Camarão, ilustre entre os seus pela experiência da milícia, pela sua extrema astúcia e ardimento. Para cumprir ele o que lhe fora ordenado, acampou junto ao rio Una com os seus batalhões. Foi-lhe fácil penetrar ali, porque a nossa soldadesca, retirada do sertão, guarnecia quase toda o litoral, na expectativa da armada inimiga. Livre, porém, Nassau do temor

Expedição terrestre
de Camarão ao
chegar a armada
espanhola

Opõe-se-lhe o
coronel Koin

por ela inspirado, expulsando-a para as zonas perigosas e impérvias do mar, lançou imediatamente contra Camarão uma força escolhida de mil homens, à ordem do coronel Koin, militar muito experimentado e valoroso. Vendo isto o adversário, pois não se achavam as partes distantes nem o espaço de uma légua, limitou-se Camarão a retirar-se, marchando com os seus soldados divididos, através de brenhas e carrascais. Koin, com igual habilidade, enviou também os seus em bandos distintos e a marcha forçada, tomando todas as passagens e saídas usuais das matas. Deparando-se ao capitão Tack, perto de Ipojuca, a primeira ocasião de combate, destacou contra o inimigo dois batalhões de mosqueteiros, e, travando peleja com seiscentos portugueses ao mando de João Lopes Barbalho, lutou renhidamente, morrendo alguns deles e debandando-se os mais. Dos nossos tomaram um alferes e sete soldados de linha, e saíram feridos dezessete.

Camarão é
expulso e
derrotado

A segunda oportunidade de combate aproveitou-a o major Mansfeld. Conduzia ele um batalhão de quatrocentos holandeses e cem brasileiros, e com estes veio às mãos com Barbalho em S. Lourenço, pondo-o em fuga às primeiras surriadas de mosquetaria. Eram duzentos os adversários, os quais, de todo em todo indignos, desfaziam-se vergonhosamente das armas, infamando o nome de militares. O próprio Barbalho, dando aos calcanhares, deixou em poder de Mansfeld a sua barretina, que por acaso lhe caíra, quando fugia, e bem assim a espada, as cartas que tomara aos portugueses do nosso partido e as instruções em que o Conde da Torre, capitão-general do exército adverso, traçava o plano das operações por executar. Nelas determinava expressamente que, vencedores os seus, não poupassem aos holandeses, deixando-se abalar pela clemência, mas que matassem indistintamente, não só estes, mas também os brasileiros a nosso soldo, concedendo graça unicamente aos portugueses.

Mansfeld
combate com
o inimigo

Por essa mesma época, detinha-se na província da Paraíba o capitão André Vidal, que, mandado ali da Bahia, seis meses antes, com cartas para os senhores de engenhos, incitava-os clandestinamente à sedição, para pegarem em armas, ao chegar a frota, recuperarem, sob o seu rei, a antiga liberdade, eximindo-se da dominação holandesa, e reservarem farinha para abastecimento da potentíssima armada. Muitos não se recusavam e, quebrando a fidelidade com aquelas várias instigações, arrastavam, em conversas escondidas, para a sua parcialidade os piores elementos e os desejos de rebelião.

André Vidal, ao
chegar a armada,
instiga os portu-
gueses à sedição

Estando já a frota à vista e prontos também os outros auxiliares da insurreição, incendiou Vidal alguns engenhos e montes de canas, a fim de atrair novamente da costa os holandeses, aterrados com aqueles súbitos incêndios, e, enquanto eles procurassem coibir os prejuízos particulares, deixariam para a frota o litoral vazio e desguarnecido. Mas os comandantes batavos, conhecedores de semelhantes estratagemas, sem fazer caso dos danos privados e entregues à defesa pública, persistiram no seu posto. Logo depois, afugentada a esquadra, Maurí-

cio, livre dos perigos, mandou para lá o corpo de sua guarda e setecentos soldados às ordens do coronel Carlos Turlon para reprimir as tentativas dos conjurados e conter os rebeldes incendiários. Às margens do Cunhaú, havia sido desembarcada uma partida de 300 soldados, sob o comando de Francisco de Sousa e Henrique Dias, bem como do Rabelinho, o qual, separando-se deles por uma certa rivalidade, juntou-se depois a João Barbalho.

Com eles brigou Turlon numa aberta das matas, morrendo-lhes oitenta e sete e ficando-lhes diversos feridos e prisioneiros, e assim zombou-lhes dos planos. Pode ser indício da morte de Francisco de Sousa o ter-se encontrado entre os despejos a sua coira, que foi reconhecida pelos prisioneiros. Entre os feridos contou-se Henrique Dias, que, deitando fora o escudo, a espada e a barretina, fugiu ingloriamente. Havia entre eles precipitação e medo, e, como se desesperasse de receber em terra os que vinham na frota espanhola, cada qual forcejava por evadir-se e voltar sem perigo para S. Salvador, indo por onde pudesse em razão da caminhada longa e molesta e da falta de alimento.

Dois meses antes de a armada zarpar da baía de Todos os Santos, desceram do sertão para o Rio Grande 3.000 tapuias com as mulheres e filhos. Espantaram-se os holandeses com a novidade do fato, pois antes disso não se tinham aproximado de nós em tão grande número e só em ranchos de uns vinte ou trinta. Tinham vindo de lugares tão remotos do litoral que ignorávamos onde era o solo natal e morada daquela nação de antropófagos. Estimulava alguns a esperança de recobrem a primitiva liberdade, e a muitos o ódio aos portugueses, cuja dominação não desesperavam de ser possível subverter-se por meio de outros povos europeus. Alguns havia que se prometiam com a rebelião fortuna próspera e ricos despojos, e, preparando-se já para se aliar aos nossos, marchavam em armas para aquele território. Em tal quadra, eram para nós como um auxílio dado pela Providência, pois ninguém pensava que naquela província se desdobrasse uma cena da guerra. Apenas desembarcaram muitos marinheiros inimigos não longe do Rio Grande para comboiar gado e transportar água para reconforto da armada, logo escreveu Nassau uma carta ao morubixaba Janduí, na qual lhe pedia com encarecimento impedisse o inimigo de abastecer-se e de fazer aguada. O chefe indígena, protestando a sua singular inclinação para nós, despachou sem demora ao seu filho com alguns tapuias para o forte de Ceulen, como fiadores de sua fidelidade e benevolência, dizendo gravemente teria a mesma sorte de vida ou de morte que nós, tendo jurado, havia muito, ser inimigo dos portugueses. Para fazerem fé as suas palavras, assassinou doze portugueses que por ali moravam, vítimas infelizes do seu ódio àquela nação. Aos tapuias juntou o conde sessenta dos seus soldados, sob o comando do coronel Garstman, para que, de comum acordo e sob a nossa disciplina, marchassem contra o adversário. Alistados, portanto,

Turlon peleja
com os inimigos,
saindo vencedor

3000 tapuias
aliam-se aos
holandeses

Nassau escre-
ve ao rei dos
tapuias

na milícia holandesa 2.000 homens, tapuias (assim chamados do nome de sua nação) e outros índios, que guerreavam a nosso favor com a maior fidelidade, mostramo-nos mais valentes contra os portugueses simpáticos à Espanha. Em verdade, o soldado nacional, mais que o estrangeiro, é obediente, leal e respeitoso aos chefes, e defende mais o país do que os nascidos noutra parte.

Nassau, para prender a fidelidade dos tapuias com vínculos fortes, mandou levar para a ilha de Itamaracá as mulheres e filhos deles e ser ali muito bem tratados. O motivo dessa determinação foi dissuadi-los de desertarem, à vista dos seus mais caros penhores, caso a isso os aconselhasse por carta Camarão, o que realmente fez. Entre as cartas de Barbalho que se interceptaram havia algumas nas quais se punha em dúvida a fidelidade desse chefe e dos índios que lhe militavam sob o mando. Para captar-lhe as boas graças e aliciá-lo com um como mexerico, transmitiu-lhe Nassau aquela correspondência.

Pouco tempo depois, soube Maurício, da boca de certo capitão do mar, de três soldados e quatro marujos prisioneiros, que as naus restantes da armada espanhola, arrebatadas para o ocidente pela braveza dos ventos e das correntes, estavam sobre os ferros, tendo ido os navios menores fazer aguada na costa. Referiram-lhe mais que a capitânia de Castela, perdendo três âncoras, correu extremo risco, assim como duas outras capitânias e os galeões. Um transporte carregado de açúcar encalhara nos *Baixios de S. Roque*. Os espanhóis, cercados por esses perigos do mar, escolheram então outro surgidouro, e os navios que tinham ido à costa prover-se de água doce, vendo mudado o ancoradouro pelo general da armada, abandonaram o litoral e, sem esperar-lhe as ordens, rumaram uns para a ilha Terceira, outros para o Maranhão. O próprio general da armada, tangido para oeste, achava-se no porto do Ceará com alguns galeões. Acreditou-se também que o general Conde da Torre passara com os seus domésticos para um patacho, o qual o levou para a baía de Todos os Santos, ordenando-se aos mais vasos cuidassem de si ou deliberadamente, ou entregues aos favores da fortuna. Acrescentavam os referidos prisioneiros restarem só seis pipas de água à capitânia de Castela, e por isso foram todos os galeões coagidos por necessidade, em razão da falta de água, a dirigirem-se para o ocidente, impedidos que estavam de transportá-la das ilhas vizinhas, por se verem desprovidos de patachos, lanchas e navios pequenos, quase todos perdidos nos recentes combates.

Entretanto, os remanescentes chefes da infausta expedição – o conde Bagnuolo, Francisco de Moura e Luís Barbalho –, Barbalho volta por terra para a Bahia com 1.500 soldados vendo a frota dispersa, arruinada e impossibilitada de retornar à Bahia, convieram finalmente no seguinte: Luís Barbalho, com 1.500 soldados, providos de todo o gênero de armas, voltaria por terra para a Bahia, abrindo caminho para si a ferro. Francisco de Moura e o conde Bagnuolo, embarcando-se num navio menor de carga, seguiriam para ali por mar.

Barbalho, encetando a jornada, mandou trucidar, por dura necessidade militar, os enfermos e os incapazes de acompanhá-lo para evitar que, aprisionados pelos nossos, dessem notícias dele e de sua marcha por terra, o que receava ansiosamente, conforme viemos a saber dos que se haviam escondido nos matos e foram por nós capturados.

Por essa época, certo judeu de nome Bento Henrique, grande blasonado, como é vezo desses tais, levantou o ânimo dos conselheiros com a descoberta de importante segredo, isto é, de certa mina. Não vendia, porém, por preço insignificante a incerta esperança de riquezas. Pedia para si e para seus filhos nascidos e nascituros, por paga da indicação, metade dos proventos e lucros que se auferissem. Os conselheiros, sabendo que a penúria é a mãe das fraudes e que a pobreza se farta com fantasias túmidas e estultas, não recusaram, nem aceitaram de todo as condições exigidas, limitando-se a prometer as recompensas concedidas, por prescrição dos diretores da companhia, aos descobridores de coisas úteis. Bento, porém, ocultava, não sem arrogância, tão relevante achado, tencionando ir à Holanda, mas, não obstante, abatia alguma coisa nas suas exigências. Receosos os conselheiros de revelar a outros a sua descoberta ou então, surpreendido pela morte, de não a revelar a ninguém, entraram outra vez em conversações com o judeu, e, propondo-lhe novas condições, nada conseguiram. Ordenaram-lhe, todavia, a permanência no Brasil para não divulgar o seu segredo, e durante muito tempo sentiram-se embalados com a expectativa de tamanha felicidade. Posteriormente, transigindo o judeu, em contrato solene, com o Conselho dos Dezenove, dirigentes supremos da companhia, trouxe para Pernambuco, da mina, aonde fora em pessoa, amostras de minério. Submetidas a rigoroso ensaio, concluiu-se serem matérias sulfúreas e plúmbeas, sem valor algum e, além disso, achar-se a mina sita ao sul do São Francisco, em zona disputada pelas armas de portugueses e holandeses, e longe do mar.

Vidal, de quem pouco atrás fiz menção, era homem audaz, astuto e, conforme o negócio em que se empenhava, perverso ou enérgico.²⁶¹ Vidal faz Talando as terras da Paraíba, a ferro e fogo, causava os maiores danos devastações aos engenhos e lavouras de canas-de-açúcar pertencentes aos portugueses. Para obviar a estas devastações, enviaram-se para ali, em defesa dos engenhos, diversos destacamentos, que, reunindo seus esforços, quando o exigissem as circunstâncias, expulsassem o invasor. Entre os soldados de todas as guarnições, puseram-se a preço a cabeça deste mesmo Vidal e a de Magalhães, ambos saqueadores.

Foram também castigados alguns holandeses que, em Alagoas e Porto Calvo, vexavam criminosamente o povo com saques e extorsões. Processo contra Confiou-se ao capitão Carlos Tournalon, comandante do corpo da depredadores dos cidadãos guarda do conde João Maurício, o encargo de processar esses depredadores e reprimir os autores da violência contra o público.

Foram algumas vezes vendidos em hasta pública escravos negros importados da África, os quais renderam ao erário lucros avultados. A freqüente menção que faço dos escravos exige de mim uma breve digressão sobre a sua origem e condição. Uns o são por um vício da natureza, outros em virtude da lei. Àqueles chamo os que, por defeito de inteligência e de aptidões, não logram elevar-se às cogitações mais altas e dignas do homem, convindo mais viverem ao nuto e arbítrio alheio do que ao seu. A lei faz escravos, não a natureza, que manda nasçamos todos livres, mas o direito das gentes, contrário à natureza, é verdade, mas, não obstante, introduzido não sem razão. Tais são os prisioneiros de guerra, que, podendo ser mortos, em virtude deste direito, reservam-se, todavia, para a escravidão ou, por força da mesma lei, podem ser vendidos e comprados por determinado preço.²⁶² Esta servidão, usada não só pelos romanos, mas ainda por outras nações, dava em toda a parte aos senhores o direito de vida e de morte sobre o escravo,²⁶³ até que, sob o império romano, se restringiu esse domínio por leis mais brandas, tornando-se necessário dar-se conta das mortes e das sevícias perpetradas contra os escravos.²⁶⁴ César nas Gálias vendeu em hasta pública os prisioneiros, e o mesmo fez Augusto entre os salassos, povo dos Alpes.

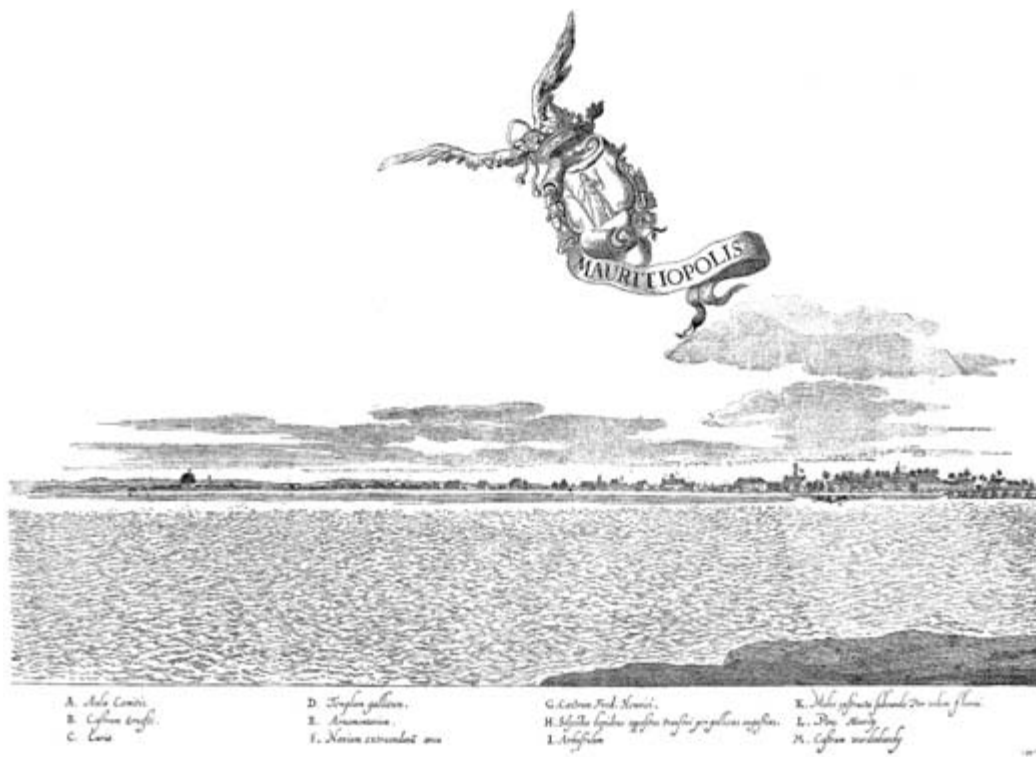
Vendem-se negros
por alto preço.
Discurso sobre
os escravos

Também os cristãos, nos primórdios da Igreja, tiveram escravos, e muitos séculos depois. A palavra divina dos apóstolos não condena a servidão, mas apenas a regulamenta dentro de certos preceitos.²⁶⁵ Existem leis de Carlos Magno, de Luís, o Pio, e de Lotário relativas aos servos.²⁶⁶ Há também decretos dos pontífices Alexandre III, Urbano e Inocêncio sobre casamentos dos escravos. Entretanto, em época posterior, aboliu-se a escravidão entre os cristãos, abrandados pela doutrina e espírito de Cristo. Assim, desde o tempo do imperador Frederico II, não houve mais escravos, ou por se crer contrário às leis divinas escravizarem-se homens remidos pelo sangue de Cristo para a liberdade de filhos de Deus, ou para se atraírem, com esta nova e insólita forma de humanidade, as almas dos gentios, alheios do ensinamento evangélico.

Com razão escreve Sêneca “*que o nome de escravo nasceu de uma injustiça*”. Maior respeito, sem dúvida, tiveram ao decoro e à utilidade pública os antigos germanos: não abusaram cruelmente dos seus escravos, como costumavam os romanos, limitando-se a exigir deles, como de colonos, certa quantidade de trigo, de roupa ou de gado, e lhes permitiam terem o seu lar e os seus penates conforme quisessem. Podem-se observar vestígios claros desse regime servil na Suécia, Polônia e outros países. “*É raro açoitarem um escravo, porem-no a ferros ou forçarem-no a um trabalho. Soem matá-los, não por um espírito de disciplina ou de severidade, mas num ímpeto de ira, como se mata um inimigo, com a diferença de o fazerem impunemente.*”²⁶⁷ Ainda hoje muitos gentios e cristãos costumam dar quase o mesmo tratamento. Sêneca recomenda clemência e moderação para com eles: “*são escravos? Diz ele, mas também homens.*”

EPIST. 31.

TÁCITO.
GERMÂNIA





1. Fort de S. Sebastião
2. Casa da Índia
3. Nova Igreja

4. Igreja de S. João
5. Nova Igreja de S. João
6. Capela de S. João

7. Igreja de S. João
8. Casa da Índia
9. Capela de S. João

10. Igreja de S. João
11. Igreja de S. João
12. Igreja de S. João

São escravos? Mas também companheiros. São escravos? Mas também humildes amigos. São escravos? Mas também escravos como nós próprios, se considerarmos que a fortuna tem sobre eles o mesmo poder que sobre nós. Pois tanto podes ver um escravo livre, como pode ele ver-te escravo. Já é cruel e desumano abusarmos deles como de homens, quanto mais como de animais! Reflete que este a quem chamas de escravo nasceu da mesma semente que tu, goza do mesmo céu, respira como tu, vive como tu, morre como tu. Vive, pois, como o teu inferior da mesma forma que desejarias vivesse ele contigo, se fosse teu superior. Sempre que te vier à mente quanto te é permitido contra o teu escravo, lembra-te igualmente que outro tanto é dado contra ti ao seu senhor. Vive com o teu co-escravo clemente e afavelmente”.

Depois que a avidez do ganho medrou ainda mesmo entre os cristãos, que abraçaram fé mais pura e mudada para melhor,²⁶⁸ abrindo caminho com a guerra e com as armas, também os holandeses voltamos ao costume de comprar e vender um homem apesar de ser ele imagem de Deus, resgatado pelo sangue de Cristo e senhor do universo, escravo apenas por vício da natureza e do engenho. De sorte que nesta época na qual os cristãos dominam o Brasil, poderia um **ARISTÓTELES**, escravo qualquer se lamentar, exclamando: “*que mísera sorte, ó Júpiter e IN PLUTO Deuses, é ser escravo de um senhor louco*”. Em verdade, acontece não raro que um homem mais sábio sirva a um mais estulto, um bom a um mau, um inteligente a um estúpido, sujeitando ao alvedrio de outrem, não por defeito da natureza, mas por dureza da sorte, a sua alma, parcela do espírito divino.

Foi desterrado para as ilhas das Índias Ocidentais certo Francisco de Barros Rego, homem de fidelidade suspeita, pois vivia ociosamente às margens do São Francisco e vendia às escâncaras os seus serviços ao rei da Espanha, como provou com cartas autênticas dos oficiais régios.

Quem defende os impérios nascentes deve desconfiar dos vencidos, sempre dispostos para a traição e a deserção.

Naquele mundo bárbaro, irrompiam também contra a nossa gente os **Proibem-se os duelos** vícios da terra, mormente a infrene mania dos combates singulares, que acabavam em mortes, ferimentos e graves ofensas, com desdouro do nome cristão. Reprimiram-se, pois, em severíssimos editos, os duelos, restabelecendo-se contra os homicidas o rigor das leis.

Reclamando os habitantes de Serinhaém, Una, Paraíba, Alagoas e Porto Calvo contra a falta de farinha, conseguiram a punição dos que ocultassem aos respectivos diretores²⁶⁹ a produção de mandioca.

Para não faltar alimentação à soldadesca dos presídios, fixou o conselho uma ração de pão para matar a fome dos seus, até chegarem da Holanda provisões mais fartas.

Em fins de 1639, transportou-se para Maurícia o corpo do ilustríssimo conde João Ernesto de Nassau, pois decretara o destino que, nascendo na Europa e morrendo na América, se assinalasse em ambos os hemisférios, e desse pro-

va da sua mortalidade aonde viera, em companhia de seu irmão Maurício, dar prova da sua bravura.

Disse eu que a frota espanhola, destroçada e dispersa, tomara rumos diversos. Voltando a nossa para Pernambuco, mandaram-se as naus despejar os carregamentos e satisfazer os desejos dos mercadores, o que antes, ao começar a batalha naval, não se pôde fazer por estreiteza de tempo.

Acontecimentos
posteriores ao
desbarate da
armada

Desembarcando as suas forças, mostrou-se Nassau em terra temível aos inimigos. Contra Luís Barbalho, que ameaçava a Paraíba com 2.000 homens, marcharam o major Picard e o capitão Day, para espiares o inimigo e privarem-no de abastecimento, recolhendo o gado a currais. Ordenou-se também aos capitães do mar e aos que vigiavam as costas que estivessem com as naus prestes para qualquer eventualidade, se algures tentasse o português uma irrupção. Enviaram-se muitos navios para a Bahia a fim de observarem e apresarem, se o acaso o permitisse, as naus dos contrários. E, como Luís Barbalho ocupasse com as suas tropas as proximidades da Paraíba, mandaram-se de Goiana os soldados da guarnição e o capitão Mellling, comandando o seu batalhão, os índios e o batalhão que estivera às ordens de Artichofski em Iguaraçu, para onde foi a companhia do capitão Einten. Para Olinda seguia a que obedecia ao capitão Piron.

Picard opõe-se a
Luís Barbalho

Foram nesta ocasião punidos pelo conselho de justiça alguns capitães de mar por negligência no cumprimento do dever. Efetivamente alguns dos capitães que tomaram parte nas batalhas navais lutaram valorosamente, e, indefesos na peleja, deram aos outros exemplo de bravura marcial; alguns, porém, numa vergonhosa covardia, com o ânimo abatido pelo temor da morte, macularam a honra da milícia, com ser espectadores e não atores da luta. Nassau, para manter a disciplina militar com exemplos de severidade, escolheu juízes para julgarem e punirem os réus, a fim de não ficar inulta a glória bélica ofendida, propiciando-se Marte comum com o sacrifício expiatório. Dois foram sentenciados à pena capital, pagando com a vida a sua pusilanimidade; brandiu-se sobre a cabeça de um outro uma espada, como sinal de clemência com que se lhe perdoava a morte por ele merecida; a um terceiro concedeu-se graça em atenção aos seus antigos serviços. Presenciou este espetáculo de severidade Antônio da Cunha Andrade, admirando o rigor inflexível da milícia holandesa, ainda mesmo após a vitória, louvando-o, todavia, como tenacíssimo vínculo da segurança pública e sustentáculo da nossa dominação numa terra hostil.²⁷⁰

Punição de coman-
dantes covardes

Os capitães que prestaram serviços de vulto foram elogiados e premiados cada um com uma medalha de ouro, comemorativa da ação. Numa das faces trazia uma representação da esquadra e

Recompensas concedidas
aos beneméritos

das naus com esta inscrição: “*Deus abateu o orgulho dos inimigos*”.²⁷¹ Na outra face apresentava a efígie e o nome do conde João Maurício.

Barbalho procurava caminho, conduzindo os seus soldados através dos matos do sertão. Foi-lhe no encalço Turlon para cercar-lhe as estradas. Ordenou-se a Picard e a Doncker que, abandonando Goiana e seguindo para Terra Nova, empenhassem toda a diligência ou em desbaratar ou em afugentar as forças adversas, se em algum lugar o pudessem. Entretanto, o inimigo com igual atividade, deu improvisamente sobre os nossos batalhões aquartelados em Goiana, sendo mortos Picard, o capitão Lochmann e cem soldados rasos, ficando outros feridos ou em debandada.

Nassau, magoado com esse desastre dos seus, reunindo de toda a parte forças militares, determinou fazer ele próprio a guerra. Retirou das naus para o exército de terra os soldados e 250²⁷² marinheiros, sob o comando do capitão Jacó Alard. Por ordem do conde, juntaram-se às tropas, na povoação de S. Lourenço, Mansfeld e Hoochstraten. O capitão Hauss, tirando os soldados de Muribeca, dirigiu-se para Olinda, juntamente com dois outros capitães, Dick e Schluyter. Determinou-se ao esculteto Stat que alistasse nos engenhos oitenta negros para transportarem as bagagens do exército. Impôs-se aos cidadãos a guarda de Olinda, depois de evacuada das guarnições.

O capitão Eint foi convocado de Iguaraçu para apresentar-se com a sua companhia.

Turlon, perseguindo da Paraíba ao inimigo, em marchas forçadas e molestíssimas, pois fizera 17 milhas em 12 horas, com os seus mortos de fome, nenhum resultado alcançou; porquanto, informado o adversário da sua chegada por indicações de portugueses, retirou-se, com grande precipitação, para os matos, conforme parecia, por causa das mochilas e bagagens abandonadas aqui e acolá. Trucidaram os nossos a alguns dos inimigos, fazendo-os sair dos canaviais onde se haviam ocultado.

Referidos estes fatos ao conde, resolveu-se desistir-se da expedição e recolherem-se os soldados conscritos a suas companhias e quartéis, e os marinheiros às suas naus.

Pouco tempo depois, combateu Mansfeld nos matos com um batalhão adverso. Lançando este por terra as bagagens, pôs-se em fuga. As mochilas, que os soldados deixaram em número de 200, estavam cheias, para sustento deles, não de farinha, pela falta desta, mas de açúcar.

O conde não cessou de perseguir ao inimigo nos vários lugares onde o pedia a segurança pública. Contra Camarão e João Barbalho enviou ele Turlon; contra Luís Barbalho despachou Mansfeld com 1.200 homens sob o seu comando, ordenando-lhe acozasse o inimigo até às margens do São Francisco. Ao coronel Koin, porém, determinou que reconduzisse a sol-

dadesca até Una e dali para Serinhaém. A todos os nossos portos remeteram-se muitas naus transportando mantimentos para refocilar as tropas.

Por esse tempo, sessenta eclesiásticos, franciscanos, carmelitas e domínicos da província de Pernambuco, em consequência de ajustes clandestinos com o inimigo, de tentativas de deserção de soldados e de remessas ocultas de mantimentos para os espanhóis, foram detidos na ilha de Itamaracá e daí, em virtude de um decreto do Supremo Conselho, relegados para as ilhas da Índia Ocidental. Conquanto pudesse ser nociva a sua influência, pela sua afeição aos espanhóis e pelo seu espírito partidário, todavia, achando-se a considerável distância do Brasil, estavam ali impedidos de nos causar danos. Esta providência a princípio alvoroçou o povo, mas, depois de retirados do meio dele os que desejava reter, arrefeceu, com a indignação, aquele desejo, mormente por lhe terem sido deixados os párocos pela celebração do culto.

O inimigo fora expulso do nosso território não só pelas armas, senão também pela falta de mantimentos. Em vista das necessidades da guerra, tinha-se proibido durante algum tempo, negociar este com os naturais; mas de novo permitiu o Conselho aos súditos que vendessem farinhas nas terras mais próximas e onde quisessem. Os sabedores da ciência política e da arte militar aprenderam que, fora da guerra, podem fornecer-se mantimentos; entretanto, durante ela, não é de modo algum injusto proibir o fornecerem-se. Considera-se, portanto, partidário do inimigo quem, depois de notificação pública, vender e exportar virtualhas, porque a fartura dos bastimentos aumenta a guerra, assim como a escassez deles a diminui.

Determinou-se aos índios que se tinham incorporado na milícia que, cessando o receio das irrupções do inimigo voltasse cada um para suas aldeias e se dessem à lavoura, a fim de remediar-se à mingua de gêneros alimentícios.

Durante a paz, empenharam-se os diretores da Companhia em remeter reforços para o Brasil, porque tinham as lutas ali travadas consumido a gente, tantas vezes solicitada com instância pelas cartas do Conde e dos conselheiros. E como não podiam aqueles sustentar o peso de tão grande domínio só com os proventos e lucros ministrados pelo Brasil, tendo sido por toda a parte arruinados os engenhos e destruída a safra, traçaram o plano de restaurar, pelas armas e pela fortuna da guerra, a república enfraquecida e volveram o seu poder contra os galeões da prata, que, carregados de tesouros, partem anualmente da terra firme,²⁷³ da Nova Espanha e de Honduras. Neste propósito, aparelharam uma esquadra de 28 velas, comandada pelo almirante Cornélio Jol e pelo vice-almirante João Lichthart. Zarpando estes da Holanda no princípio de 1640, aproaram ao Brasil ao entrar da primavera.²⁷⁴ Levavam consigo João Walbreeck, que ia assumir o cargo de assessor do Conselho Supremo, Nieuland e Alewin, que seriam conselheiros, e Moucheron, fiscal.

Desterro de alguns eclesiásticos

Expedição de Jol contra a Bahia.

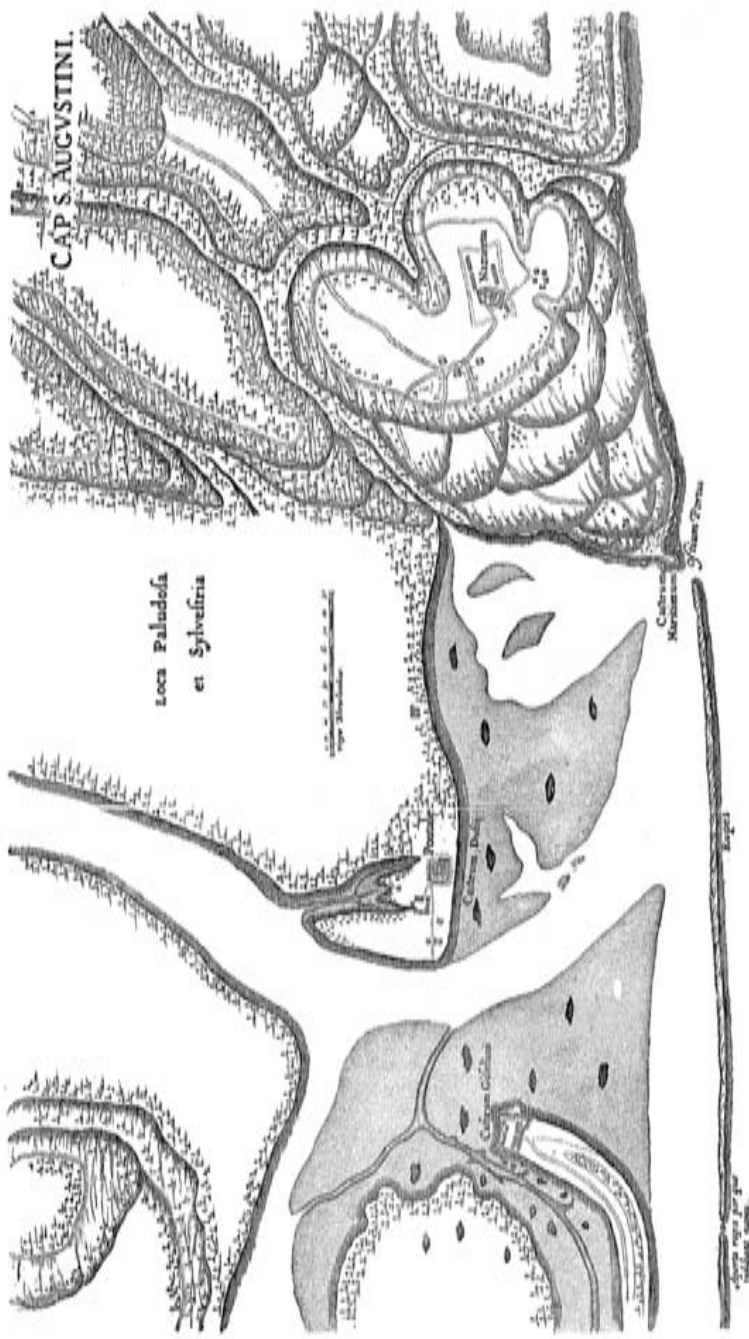
27 DE MARÇO DE 1640

Deliberou-se sobre o que conviria fazer-se em proveito da companhia, e, pelo voto de todos, punha-se a mira na cidade de São Salvador, capital do Brasil espanhol, que havia sido recentemente atacada em vão pelos nossos. Sujeita ao nosso poder, logo nos assenhoraríamos do Brasil inteiro e de toda a produção do açúcar, à conta dos numerosos engenhos daquela capitania. Mas, se é fácil abranger na esperança as maiores coisas, é difícil realizar tudo o que se deseja. Nassau julgava que não dispunha de forças bastantes para sitiá-la, empresa para a qual se faziam necessários no mínimo 6.000 homens; que era ela guardada por fortes guarnições, podendo-se, demais disso, chamar facilmente em socorro os povos vizinhos; que expugná-la pela fome exigiria maior demora do que a permitida pela quadra do ano por causa da estação chuvosa, e que, além dessas razões, por instruções recentes dos diretores da Companhia, declarava-se guerra ao Ocidente e à frota da prata.

Resolveu-se, pois, enviar novos soldados às terras inimigas, os quais, à imitação do que amiúde tentara e executara Barbalho dentro das nossas fronteiras, deveriam talar e saquear a ferro e fogo o que encontrassem, e assim, tornando-se o adversário mais prudente à custa dos próprios danos, de futuro faria a guerra com mais clemência. Praticada a devastação, haviam de faltar-lhe vitualhas para sustentar as guarnições, resultando disso lucro para os mercadores, rendas para o erário e descanso e sossego para nós.

Talvez houvessem inspirado esta resolução os exemplos dos antigos romanos, os quais, com idêntico fim, assolaram a Espanha, a Campânia, a Ligúria e as terras dos nérvios e menápios. O mesmo obraram antes deles os haliates contra os milésios, os trácios contra os habitantes de Bizâncio, não tanto por ódio ao adversário quanto por prudente cálculo, destinado a atenuar as hostilidades e forçar a paz. Em consequência, enquanto se apercebem as naus e as outras cousas necessárias para a arrojada expedição contra o Ocidente, Jol, com oito navios conduzindo 700 soldados e 200 brasileiros, fez-se de vela para o Porto do Francês, a fim de dar caça ao resto dos batalhões de Barbalho, que permaneciam em Alagoas, matando e saqueando. Conhecida a sua chegada, marchou Barbalho para o sul, levando consigo todos os moradores da região, exceto três ou quatro e evacuando todas as localidades. Confiscamos os bens, casas e terras deles como de trãnsfugas e partidários do inimigo.

O vice-almirante Lichthart e o coronel Carlos Tournalon partiram para a Bahia com poderosa esquadra de 20 naus, que levava 2.500 homens de armas. Desembarcando ali os soldados, deram provas horrendas e cruéis do seu furor bélico. Reduziram a cinzas todos os engenhos de portugueses, menos três; tomaram ou queimaram quantos navios pequenos encontravam ali e acolá; devastaram e depredaram, à vista dos cidadãos, as lavoiras circunvizinhas, os casais, granjas e prédios. A ilha de Itaparica²⁷⁵ e outras foram inteiramente postas a saque, para não se mencionarem outros danos, porquanto em parte alguma estorvou ou sustentou o inimigo a nossa violência.



W. Blaeuw



Trucidavam-se a ferro os homens e os que podiam pegar em armas. Foram poupadas somente mulheres e crianças. Estas duas classes de pessoas inspiraram compaixão e lograram escusa, visto como é cruel fazer das mulheres o prêmio da guerra, e contra as crianças, que há tão pouco tempo vieram ao mundo, nem mesmo a calúnia tem que dizer.

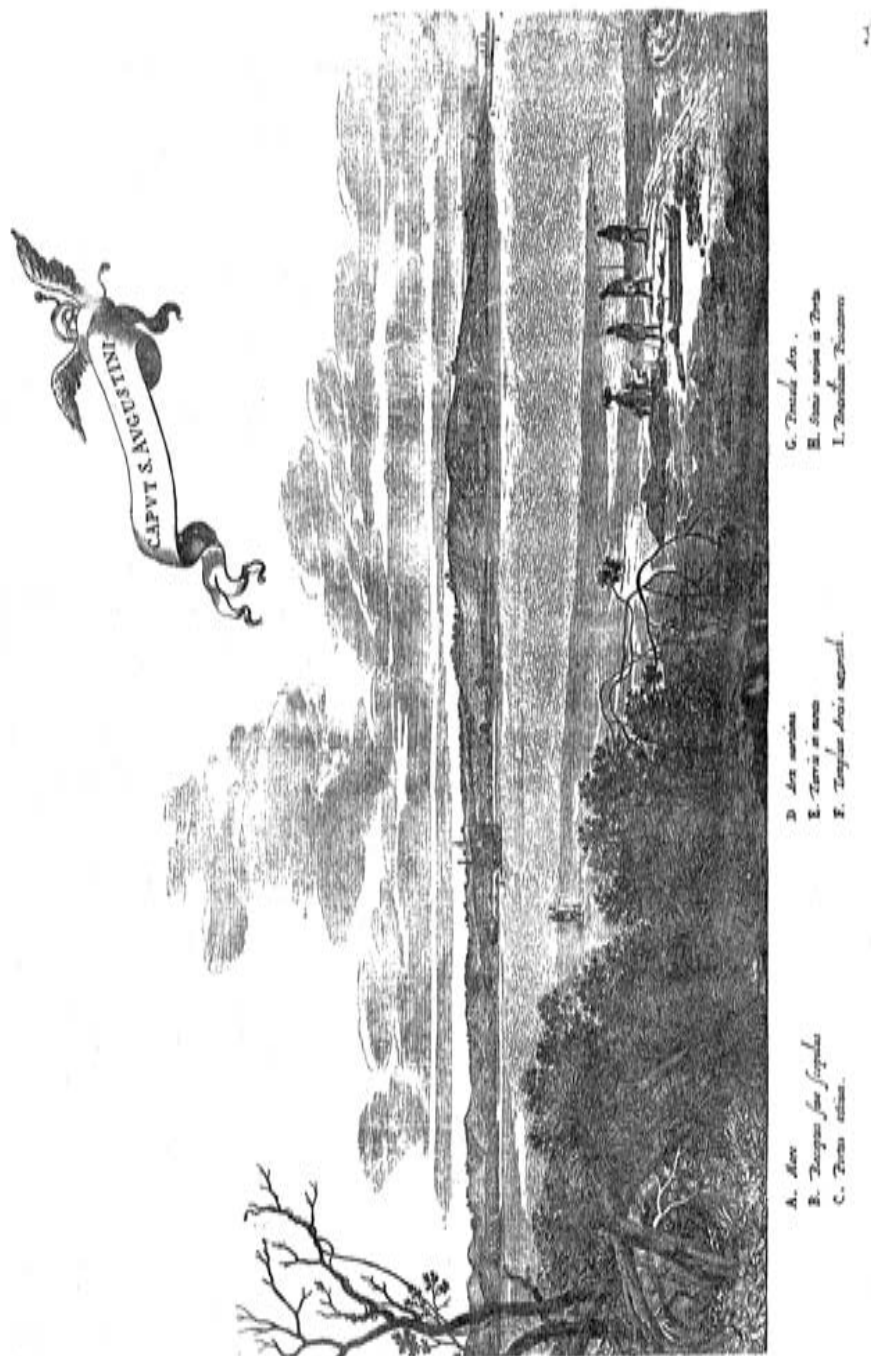
No Porto do Francês, recebeu nas naus o coronel Koin três companhias militares, seguindo em direitura do rio Real, sujeito aos espanhóis, para fazer ali igual devastação. A razão deste feito foi aliviar Pernambuco da penúria de mantimentos, mudando-se para o território inimigo o teatro da guerra, pois em outra parte haveria sustento para os nossos soldados. Acresciam ainda estas razões: serem dali fáceis as incursões nas capitâneas portuguesas; ser preferível levar para fora a violência da guerra e sofrê-la dentro das províncias fronteiras, destruindo, assim, as plantações e safras dos adversários e impedindo a captura do gado de que se alimentavam; que somente com esta estratégia poderia induzir-se o antagonista a velar pela própria defesa, retirando das províncias holandesas as suas tropas; além disso, ocupadas em outros lugares as nossas forças, gozariam os súditos holandeses mais tranqüilidade.

Enquanto, porém, nos demorávamos ali, desforçando-nos a ferro e fogo, Razões de se talarem as terras inimigas não se encontrou gado suficiente para os holandeses, porque as tropas de Barbalho, em suas idas e vindas através daquela região, tinham acabado com ele. Também, quando chegou o coronel Koin, já se havia ordenado aos ribeirinhos do rio Real e do Itapicuru tocar para a baía de Todos os Santos todos os armamentos que houvesse. Sendo esta a situação, desejava Koin ser útil noutra parte, pois não se lhe deparara ensejo de fazer mal ao inimigo em trecho algum daquele território, que percorrera numa extensão de vinte léguas.

E já o major Brand ouvira de prisioneiros inimigos que D. Jorge de Mascarenhas, vice-rei do Brasil, velejara para a Bahia com uma esquadra de 18 navios, que transportavam 2.500 homens entre gente de mar e guerra; que levara consigo cinco mestres-do-campo; que, por mandado do rei, fora detido o governador, Conde da Torre, e que Barbalho recebera ordem de voltar para Portugal.

Marchando corajosamente para o interior à frente do seu batalhão, logo foi esse mesmo Brand cercado e batido pelos adversários, e sofreu não pequeno desbarate, mortos cem dos seus e aprisionados diversos, entre os quais ele próprio.

Koin, homem aliás de grande ânimo e prudência, tentou frustaneamente Ataque frustâneo contra o Espírito Santo opugnar a vila do Espírito Santo, na capitania desse nome, malogrando-se a empresa pelo pouco traquejo dos soldados e por falta de navios menores, o que impedia o rápido desembarque das forças. Demais, avisado previamente, o inimigo munira com obras apressadas a vilazinha, mandara vir em auxílio brasileiros do Rio de Janeiro e se recolhera a um morro, donde com cinco peças atacava proveitosamente os holandeses. Forcejando



o coronel por galgar o tope do monte para dali expulsar o adversário, foi obrigado a bater em retirada pela pusilanimidade e covardia dos seus. Incendiaram estes a vila em vários pontos, mas não pegou fogo, graças às casas construídas de tijolo. Foram levadas do rio somente duas naus de carga com 450 caixas de açúcar; mas o inimigo disparou a artilharia contra elas e desconjuntou-as todas, de sorte que foi o seu doce lastro transportado como presa para outras naus. Dos nossos tombaram mortos sessenta soldados rasos e alguns de posto mais alto, e ficaram feridos oitenta.

Saqueava Lichthart a capitania de Todos os Santos, e Barbalho, para acudir à aflição dos seus habitantes, chamou às pressas as companhias que se achavam no nosso território e, atravessando o São Francisco, extrema austral do Brasil holandês, voltou para a Bahia, com os seus soldados reduzidos, famintos e enfraquecidos com as exaustivas caminhadas.

Nessa ocasião, Nassau e o Supremo Conselho, seu colaborador, concentravam seus cuidados em dois projetos: tomarem a baía e a cidade de São Salvador e levarem ao cabo a resolvida expedição de Jol contra o Ocidente. Não se pôde realizar o primeiro por falta de soldados e provisões de boca, as quais a esquadra de Jol, a ponto de partir para o Ocidente, havia absorvido. Assentou-se, portanto, executar-se o segundo projeto. Dois fatores igualmente prejudicavam os lucros da companhia: 1^o) os salteadores e devastadores, que forçavam os habitantes do campo a darem-lhes dinheiro em troca da sua tranqüilidade, e esta foi a causa de ter diminuído o talho do pau-brasil; 2^o) os incendiários e malfeitores, que operavam ou por si ou instigados pelo inimigo. Na medida do possível ocorreu-se a esses males, como se espalharem pelas zonas infestadas, segundo os recursos e extensão das mesmas, soldados que prendessem os ladrões negros e também portugueses e os apresentassem à autoridade judicial do lugar. Era chefe desses bandidos um negro, um tal Pedro Visto, que, recebendo instruções dos inimigos, causou aos holandeses danos consideráveis, mas ultimamente sofreu também da parte deles não pequenas perdas, pois lhe foram arrebatados cem negros por ele roubados aos senhores de engenhos.

Muito se esforçaram o conde e os conselheiros para tornarem os portugueses, nossos súditos, mais favoráveis e justos para nós. Os mais deles apegavam-se à opinião de que não podiam, de boa fé, tomar armas contra o rei e reprimir a ferocidade e as incursões quotidianas dos salteadores, e por isso os favoreciam com o silêncio, com os conselhos e com a própria cooperação. Diante disso, mandou o conde formar a lista, nas três províncias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba, dos portugueses mais conceituados pela posição social, pela riqueza e pelo bom nome, e lhes rogou que colaborassem com ele na defesa da segurança pública; que renunciassem às relações de amizade com o inimigo, pois nenhum auxílio mais poderiam esperar da armada espanhola; que reavivassem a ativação do comércio e, numa ação conjunta, desviassem dos altares e lares²⁷⁶ toda a vio-

lência. Ele nada omitiria em proveito deles e em honra da nação portuguesa; preveniria, por severíssimo edito, que fossem tratados indignamente por seus soldados ou oficiais, e que qualquer indivíduo pacato sofresse dano por parte quer dos grupos, quer de uma só pessoa. Com estas e outras palavras próprias para aplacar e vencer os ânimos, tomou, com o assentimento de todos, salutares providencias.

Os tesoureiros registram nessa época terem entrado para os cofres da companhia, saídos dos domínios régios, 350.000 florins, resultantes das décimas do açúcar e dos impostos sobre gêneros alimentícios e pesos. Entretanto, concedia-se por equidade alguma remissão aos respectivos arrematantes, em atenção aos danos causados aquele ano²⁷⁷ pelos incêndios e pilhagens. Os direitos das mercadorias importadas da Holanda e pertencentes a particulares montaram a 400.000 florins, e os do açúcar exportado do Brasil para a Holanda ascenderam a 300.000 florins. Os impostos devidos de vendas de engenhos, de imóveis e de negros escravos importavam em 2.400.000 florins. O dinheiro proveniente dos despojos de guerra somava 300.000 florins. Os negros comprados na África e vendidos no Brasil renderam 600.000 florins. Estas são as rendas e os lucros só do Brasil, além das que na Holanda recolhiam como próprios às arcas dos holandeses. E sem dúvida teriam sido muito mais vultosos os réditos, se não os houvesse diminuído a baixa do açúcar, cujo preço se teria podido aumentar em parte com a destruição dos engenhos dos inimigos como já foi encetada, parte pela proibição dos açúcares levados anualmente pela Companhia das Índias Ocidentais.

O Supremo Conselho julgou muito importar aos interesses da companhia restabelecer a antiga lei portuguesa pela qual proibiu o rei se penhorassem, por títulos de dívida, os escravos que trabalhassem nos engenhos e os utensílios destes, porque, sendo retirados, cessaria o trabalho, e com isso acabariam de todos os proventos que deles auferia o rei. Com efeito, assim como dizem os peripatéticos que os céus não se movem sem uma inteligência (permiti, leitores, este período ao historiador), que não se pode governar uma nau sem um piloto, nem um carro sem um cocheiro, assim também dizem os brasileiros que sem os negros, como figuras indispensáveis, não é possível tocarem-se os engenhos. Achou ainda o conselho ser necessário remeter-se para o Brasil mais dinheiro holandês para as transações diárias, pois os portugueses escondem ou gastam com parcimônia o dinheiro cunhado pelo rei e o de mais valia. Seria também proveitoso, segundo alvitrava, revigorar-se o antigo valor do tabaco brasileiro, e que os naturais se dedicassem à cultura do gengibre. Nada, porém, tão útil e frutuoso quanto a remessa freqüente de colonos e a liberdade do comércio privado, não somente pelas grossas rendas que disto se poderiam esperar, mas também em favor da segurança do império, porquanto não se deve crer na amizade dos vencidos, e as nações desafetas a novos dominadores sacodem facilmente o jugo a elas imposto. Determinou mais o

Estado financeiro
quanto a lucros e
rendas

Interesses da Com-
panhia das Índias
Orientais

conselho que se equipassem diversos iates para vigiarem os portos de Angola, na África, e os do Rio de Janeiro e do Rio da Prata, e para insidiarem aos navios de carga dos inimigos, porque costumam transportar mercadorias de grande preço – escravos, farinha, vinhos e outras veniagas, estimadas em Pernambuco, onde são vendidas pelos cúpidos mercadores. A falta de navios, entretanto, não permitiu realizar-se este plano na medida que a situação exigia, pois Jol levara consigo a maior parte deles.

Por essa época aconteceu um fato para nós vantajoso: Heitor de la Calce, mestre-de-campo do terço napolitano, tendo partido pouco antes da baía de Todos os Santos, foi obrigado por necessidade a fundear na Paraíba, quando esteirava para o Ocidente com 600 soldados, por estar com a sua nau aberta e desconjuntada. Para não nos ser pesada a manutenção de tantos prisioneiros, foram transportados para o Ocidente, retendo-se Heitor e os oficiais, para com eles se resgatarem os holandeses cativos no porto de Havana. Mandou o conde para a Holanda a este mesmo Heitor, homem, segundo estou informado, de ótimo caráter, e o fez a pedido dele próprio. Quis ele, porém, ser de tal fidelidade que recusou voltar para a Espanha, enquanto não se obtivesse a remessa dos nossos patrícios prisioneiros fora da Holanda, pagando-se à companhia as despesas feitas com o transporte dos seus para o Ocidente.

Passemos, porém, a narrar a expedição de Jol e de Lichthart.

Costeando a norte do Brasil, conduziram-os a sua frota para o ocidente já **JULHO DE 1640** havia alguns meses. Constava ela de vinte e quatro naus perfeitamente aparelhadas para a guerra e contava com dois mil marinheiros e mil e setecentos soldados. Na expectativa de próspero resultado, levantara esta empresa os ânimos assim dos brasileiros como dos europeus, portugueses e holandeses. Efetivamente, nenhuma outra parte se afigurava mais útil e cúvido o pelejar do que onde se deparasse importante matéria à cobiça humana, não as especiarias, as madeiras preciosas, os açúcares, mas os próprios tesouros do Ocidente, as valiosas barras de ouro e de prata. Entretanto, o que não é infrequente na guerra, malogram-se os mais importantes cometimentos, principalmente no mar, onde os projetos humanos ficam sujeitos ao arbítrio dos ventos e das ondas.

A 1º de setembro achava-se toda a frota diante do célebre porto de Havana, em Cuba. Logo, dividindo-se em esquadras, pôs-se à capa, **A armada de Jol diante do porto de Havana** até findar o mês, e, com ele, a esperança de presa; porquanto aguardava a frota e desejava ansiosamente que saíssem dos portos as naus espanholas, acedendo à vontade de pelejar-se. Incentivada pela vizinhança das riquezas, extasiava-se, ante tamanha fortuna, a cobiça de todos.

Frustrou-se-lhes, porém, a expectativa. A sede do dinheiro não sofre delongas, e nada se ficou sabendo de oitiva sobre a chegada das frotas da prata,

por mais que se interrogassem a respeito pescadores apanhados aqui e acolá. Cada uma delas efetivamente, por ótimos alvitres e por prudente receio, permaneceu nos seus respectivos portos, não achando razoável expor à ambição armada o ouro e a prata que levavam: tiveram por preferível adiarem o transporte de tantas riquezas a expô-las a riscos certos.

Crescendo o vento, desencadearam-se tão rijas tormentas contra a nos-
É dispersa por uma sa esquadra que ela se dispersou, e algumas naus deram à costa de
tempestade Cuba, naufragando com os vagalhões que se erguiam e sendo
 aprisionados os tripulantes que escaparam

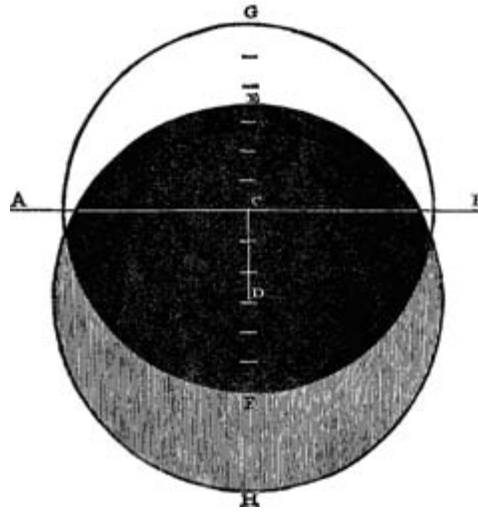
Os que foram levados para o porto de Havana e ali detidos por algum tempo, voltando depois para Pernambuco, elogiaram, cheios de admiração, a humanidade e a cortesia dos espanhóis para com eles. Disseram que não tinham sido guardados em cárceres imundos, mas postos em custódia assaz livre, com alimentação farta, segundo necessidades. Quatro outras naus foram ter aonde as impeliu a sorte, a fúria do mar ou os ventos. Despachou-se uma delas para Holanda por mensageira da malaventurada empresa. Das quatro que haviam errado pelo mar, duas, *Nassau* e *Ernesto*, atingida através do estreito de Bahama, arribaram salvas a Pernambuco; uma outra foi parar na Holanda setentrional. Refeitos os tripulantes na baía de Matanzas, chegaram ao Brasil, mas muito estragadas, as dezesseis naus remanescentes, que conduziam 690 militares e 938 marujos sobreviventes.

Restauraram-se sem demora para novas expedições, a fim de não se perder o fruto de tantas despesas.

O Conde, na sua indefessa atividade, mandou uns navios fazer-se de vela para o Rio de Janeiro, sob o comando de Lichthart, a fim de atacarem os vasos dos inimigos que por acaso entrassem o porto ou ganhassem o alto; enviou outros para as costas de Angola, a fim de aguardarem ali as naus dos portugueses e buscarem ocasião de combater.

No fim do ano de 1640, houve um eclipse do sol, quase total no
13 DE NOVEMBRO DE Brasil. Noto-o aqui, não como um fato maravilhoso para
1640. Descrição de um o nosso tempo em que já se tornaram conhecidas as cau-
eclipse do sol sas deste fenômeno, mas por ter sido ele recebido como
 feliz agouro pelos cidadãos benévolos, isto é, por aqueles que se comprazem em prometer aos príncipes, mediante a observação dos astros, o favor do céu e da indulgência de Deus. Animavam eles os que esperavam na realização dos seus votos, e, interpretando esta privação da luz celeste como o ocaso e desaparecimento do esplendor hispânico nas terras do Ocidente, exaltava ao conde por quem pôde ser empanado no intenso fulgor do poderio real.

Ocorreu o eclipse a 13 de novembro. Em Maurícia começou às 10 horas e atingiu o máximo às 11, obscurecendo-se três quartas partes e 28' do disco



- A B. Ecliptica.
- C. Centro do Sol.
- D. Centro da Lua.
- C D. Distância entre o centro do sol e o da Lua.
- E F. Grandeza do eclipse em dgitos e mín.
- E G. Restante parte do Sol luminosa.
- F C E G. Diâmetro do Sol.
- H F D E. Diâmetro da Lua.

| | | | |
|--|----------------------|---|---|
| Tempus æquabile Vraniburgi d. $\frac{2}{12}$ | | Scrupula dimidiæ moræ penumbrae in disco | 31. 18. |
| Novemb. | h. 3. 12'. 3''. | Ergo | H. |
| Locus Terræ perpendiculariter Soli subjectus | 21°. 46. 2''. Scorp. | Tempus dimidiæ durationis | 2. 37'. 51''. |
| Locus \curvearrowright Reductio | 21. 23. 21. Scorp. | moræ Vmbrae | 1. 44. 41. |
| Locus Lunæ in Orbita | 6. Subtr. | moræ penumbrae | 0. 51. 28. |
| Arcus inter centra Ampliatus physicè | 21. 45. 56. Scorp. | Tempus adparens mediæ Eclips. Mauriciæ erit die $\frac{2}{12}$ Novemb. — | H. 23. 47'. 48''. |
| Parallaxis Lunæ, seu Semidiameter disci terræ | 2. 5. Bor. | Tempus adparens visæ Veneris & maximæ Eclipsis Mauriciæ in Brasilia, $\frac{2}{12}$ Novemb. — | H. 23. 27. 6. |
| Semidiameter Lunæ Solis | 2. 7. | Ad illud tempus datur Latitude Lunæ visa | 7'. 25''. Merid. |
| Semissis parallaxis Solis | 63. 41. | Aggregatum Semidiameter Solis & Lunæ | 31. 49. |
| Semidiameter Penumbrae | 16. 22. | Ergo | |
| Semidiameter Lunaris Vmbrae | 15. 27. | Pars deficiens | 24. 24. |
| Summa Semidiametrorum | 30. | Et quantitas deliquii Solaris | 9. Dig. 28'. 32''. |
| Horarius Solis } veri | 32. 19. | Scrupula durat. dimidiæ omnimodæ | 30'. 56''. |
| Lunæ } veri | 55. | Hinc | H. |
| Lunæ à Sole verus ampliatus physicè | 36. 29. | Tempus duration. dimidiæ omnimodæ | 1. 13'. 59''. |
| Erit igitur defectus alicubi centralis & totalis | | Et Initium Eclipsis Mauriciæ | 10. 13. 7. } ante mer. |
| Scrupula dimidiæ durat. omnimodæ Eclips. | 1. 35. 59. | Medium | 11. 27. 6. } ante mer. |
| Scrup. dimid. moræ total, umbr. Lunæ in disco | 1. 3. 39. | Finis | 0. 41. 5. } post mer. d. $\frac{2}{12}$ Novemb. |

solar, de sorte que ali ficou brilhando menos de um quarto dele. Às 12 horas e 47 minutos, de novo resplendeu com a plenitude da sua luz.

Tomou o eclipse aspectos diversos conforme os países onde era visível, em razão das diferenças de longitude e latitude da esfera celeste. Assim, em Nicarágua mostrou-se o Sol inteiramente imerso na sombra da Lua; mas contemplaram-no sob outra forma os habitantes de Cartagena e do rio da Santa Marta, ao norte da América Meridional, e bem assim os de Porto Seguro, no Brasil, os angolenses na África e os moradores do Rio da Prata e do estreito de Lemaire.

Entre outras provas de louvável curiosidade e de inteligência dadas pelo ilustre Conde João Maurício figura esta pouco vulgar: mandou desenhar e escrever esse eclipse pelos seus astrólogos, os quais traz consigo, na paz e na guerra, a exemplo dos maiores e mais célebres generais, que, no meio das batalhas, se entregavam na contemplação do céu e dos astros, como de si diz César em Lucano. Além disso, deu instruções a todos os capitães de navios que iam fazer-se ao mar para cada um deles, no lugar onde se achasse, observar atentamente e anotar no papel o futuro eclipse em todas as suas fases e aspectos. Para agrado dos que se comprazem em conhecer os fenômenos da maquina celeste e das constantes alternativas dos planetas, ponho ao lado as representações deste eclipse, em todas as suas fases, conforme a desenhou, com todo o rigor astronômico, Jorge Marcgrav, que o conde tinha por seu astrólogo naquele mundo bárbaro.²⁷⁸

Partiu Lichthart do porto de Santo Aleixo, transpôs os parciais chamados os Abrolhos e, depois de estar na baía do Rio de Janeiro, dividiu a frota em três esquadras, saindo avidamente ao encontro das naus inimigas. A sorte, porém, assaz adversa, nada lhe deparou digno de tão grandes aprestos. Somente apresou duas naus: uma com vinho e outra com algum açúcar. Valeu aquela 94.000 florins e esta apenas 2.000. Diante disso, deixou a tripulação descansar junto à Ilha Grande e voltou para Pernambuco. Essa expedição con- Ilha Grande
tra o Rio de Janeiro descontentou na Holanda os diretores da companhia: afirmavam que o Brasil dispusera de quantidade de armamentos, soldados e navios suficiente para expugnar-se a Bahia e a capital do Brasil. Julgaram os administradores do Brasil que lhes importava à honra não serem acusados de tamanha negligência e refutaram com vigor tal incriminação. E para não darem lugar a que se suspeitasse mal deles, escreveram para a Holanda mais ou menos neste sentido: que os diretores da companhia tinham feito mal o cálculo, pois no Brasil não se tinha tido o número de naus ou de soldados que eles haviam posto nas suas cartas: achavam-se à disposição 23 navios pequenos e não 41, 12 iates e não 22, 18 naus de carga e não 30; que o recenseamento dos soldados orçava por uns 5.300 e não 11.000. Acrescentavam que a cidade do Salvador estava, naquele tempo, protegida por grandes e fortes guarnições; que havia necessidade de

muitos soldados contra os guerrilheiros incendiários, tendo de ser distribuídos pelas províncias para os afastarem, a fim de não perderem os senhores de engenho toda a safra de açúcar; que fora preciso guarnecer os lugares da costa contra as agressões externas e contra as maquinações intestinas dos portugueses, e alegavam ainda outros argumentos tendentes a desfazer as insinuações e as más interpretações dos altos poderes.

É cousa inquieta o espírito dos mercadores: ainda a fortuna mais completa não lhes saciaria os desejos. Facilmente encontra ele que imputar aos administradores dos seus haveres, e, quando decide antecipar suas esperanças, já quer realizado tudo aquilo em que pôs a mira.

O vice-rei que governava nesta ocasião a cidade de São Salvador, considerando os danos que, havia muito, vinha sofrendo da parte dos holandeses, por ter sido dada aos devastadores licença franca para guerrilharem, arrependeu-se tarde de tão cruel e desumano costume, e tratou de moderar aquele sistema de guerra. Com efeito, dirigindo-se ao clero católico de Pernambuco, conseguiu facilmente dele, pelo sofrimento de uma calamidade comum, que apresentasse ao Conde e ao Supremo Conselho uma petição impetrando o restabelecimento das leis usadas entre beligerantes, por meio das quais se reprimisse aquele feroz encarniçamento de seviciar os prisioneiros, os desarmados, os que se entregavam, e de talar os campos e tudo o que encontravam. Inclinado à brandura e infenso a toda a crueldade, não se mostrou difícil o Conde, pois não teria chegado a tais rigores a não ser provocado pelo inimigo, que mandara primeiro não se poupassem os holandeses vencidos nem se concedesse a vida a nenhum.

Razões que levaram o Conde a fazer o mesmo

Despachou a petição, declarando que não lhe desagradaria um modo mais brando de guerrear, se o abraçassem e respeitassem os adversários. Aprendera, efetivamente, que as nossas terras podiam ser invadidas e assoladas com pequenas companhias, ao passo que as do inimigo só o poderiam com maior mobilização e por via marítima; que entre os seus súditos havia quem defendesse às ocultas a causa dos contrários e patrocinasse aos incendiários; que no território inimigo não tinha ele tais partidários, e que também se perdia a esperança de ganhar o resto do Brasil, com as pilhagens de que eram vítimas os seus habitantes e com os incêndios dos engenhos e fazendas.

Não se opôs o vice-rei, Marquês de Montalvão, às justas pretensões do Conde, e, dados mútuos reféns, entraram as partes em acordo. Reféns dados. Pelo Conde foram mandados como reféns ao Marquês o tenente-coronel Hinderson e o coronel Day, e pelo Marquês ao Conde, o português Martinho Ferreira e o espanhol Pedro de Arenas. Foram embaixadores do Conde e do Supremo Conselho os conselheiros Teodoro Coddey van der Borch e Nunin Olferd, indo por secretário da embaixada Abraão Tapper, secretário do conselho de justiça. Determinou-se-lhes que usassem nos pactos o latim para não os enganarem os portugueses com as palavras da sua língua. Posterior-

Embaixadores de uma e outra parte

mente deu esta embaixada os seus resultados. Após longas deliberações, conveniou-se que, de ambos os lados, se restaurassem as leis de guerra concernentes aos prisioneiros e à devastação das lavouras. Entretanto, os diretores na Holanda (para acrescentar eu o que se fez depois) interpretaram mal estas convenções, entendendo que elas abriam caminho ao inimigo para penetrar nos segredos do Brasil holandês, por uma familiaridade inóxica e segura. Foi, todavia, fácil aos regedores do Brasil refutar isto, respondendo que não tinham pactuado um armistício, mas apenas um abrandamento de hostilidades; que no território sob a sua jurisdição já havia muitos espiões, sendo supérfluo recear os de fora; que não houvera outra esperança de se colher a safra do açúcar senão mediante aquele acordo, e que não se encontraria ocasião de transferir as armas para o Sergipe, o Maranhão e a costa da África a não ser com a segurança conseguida até aquele momento.

Enquanto desempenhavam os embaixadores o seu mandato, um certo Lengton passa para os inimigos Lengton, homem de caráter inconstante, que fora recebido na comitiva deles, abandonou os seus senhores e foi ter com o vice-rei, a quem revelou, com desmarcada perfídia, as nossas coisas até onde as conhecia. Aconselharam, contudo, os reféns holandeses a este desocupado que abandonasse o vice-rei e tornasse aos seus primeiros senhores e à fidelidade devida à pátria. Ele voltou, e quem antes se comprometera em crime de traição, agora incorria na tacha de estultice e leviandade. Encarcerado para um inquérito mais rigoroso, corrompeu, segundo se acreditava, o carcereiro e com ele fugiu. Prometeu-se recompensa a quem o prendesse, cominada a pena de morte e de confisco para os que dessem hospitalidade ao traidor.

Ainda não haviam regressado para Pernambuco os embaixadores holandeses que tinham ido tratar com o inimigo sobre o abrandamento da guerra, eis senão quando chega ao Conde uma carta do vice-rei, inteirando-o da revolução de Portugal. Dizia-lhe que os portugueses tinham aclamado por novo rei o duque de Bragança, jurando-lhe fidelidade; que todas as praças do reino lhe haviam rendido espontaneamente preito e homenagem; que ele vice-rei e os soldados sob o seu comando tinham reconhecido o referido rei e prestado a ele juramento, exceto os castelhanos e napolitanos, os quais escrupulizavam em aderir à revolução e abandonar o seu antigo senhor. Tinha chegado, havia pouco, à Bahia, enviados pelo rei de Portugal, o jesuíta Francisco Vilhena e o tenente-mestre-de-campo Pedro Correia da Gama, não só para levarem a notícia de tão importante acontecimento, mas também para receberem, em nome do novo monarca, a vassalagem a ele jurada pelo vice-rei e pelas forças militares que houvessem nas guarnições. Foram estes dois homens enviados pelo governo da Bahia ao conde João Maurício para pedirem um armistício entre portugueses e holandeses até que se tivesse certeza do acordo celebrado entre D. Tristão de Mendonça e os Estados-Gerais. Para obter esse armistício, o governo lusitano põe em

liberdade trinta prisioneiros holandeses, retendo, porém, Garstmann e Brandt, e, em vista das graves reclamações e das cartas ameaçadoras dos governadores de Pernambuco, chama Paulo da Cunha, que ainda assolava impunemente as nossas terras e fronteiras.

Concluídas as negociações, voltou Vilhena para a Bahia, e ficou Pedro Correia, porque queria.

Nessa ocasião uma notícia mentirosa abalou os baianos: equiparem os Estados-Gerais uma armada de cinquenta vasos para invadir a baía de Todos os Santos e atacar São Salvador. Alvorçados com esta nova, puseram os portugueses toda a diligência em fortificar a cidade, até que se acalmaram, por ser desmentido pelo Conde o boato.

Logo que as duas partes beligerantes tiveram conhecimento da memorável insurreição de Portugal, traçaram os inimigos uns planos e os holandeses do Brasil outros. De fato, conjeturavam elas facilmente que o jeito dos portugueses deveria induzir um tratado de paz ou de trégua para as terras de Portugal e das Províncias-Unidas e em conseqüência para o Brasil. Com a paz ou com as tréguas, cessaria o direito de adquirir novos domínios e ampliar as possessões. Diante disso, resolveram, de comum acordo, o Conde e o Supremo Conselho que, achando-se a Espanha perturbada com a defecção de Portugal, se tentasse algum lance do qual pudesse advir notável incremento aos interesses da companhia. Os mais sagazes reputavam aquela transição oportuna para grandes tentames, e cumpria estar atento àquela situação e aproveitar as circunstâncias. Por estar o inimigo lutando com os seus e contendendo acerca do poder supremo, havia azo para pegar enguias.

Nassau, já informado da revolução pelos Estados-Gerais, recebera instruções para aumentar o império. Em verdade, à carta em que pedira demis-

Carta dos Estados-Gerais persuadindo ao Conde, que pedira demissão, a sua permanência no Brasil. Nela se dá conta da revolução de Portugal

são responderam eles o seguinte: *“que era a tal situação do governo do Brasil e a da Europa que de modo algum convinha ser ele demitido naquele momento; que o conhecimento do país e do caráter dos seus habitantes lhe facilitava a governança; que, alargadas as fronteiras e expulsos de toda a parte os inimigos, tinham estes perdido a ferocidade, e os cidadãos o medo; que Portugal, convulsionado por uma grande revolução, tinha abandonado o rei Filipe e aclamado o duque de Bragança. Estes acontecimentos não poderiam deixar de dar a Nassau ensejo para tentar algum cometimento insigne e glorioso nas terras ocupadas pelo rei da Espanha com as suas guarnições e armas. Os altos poderes da República tinham votado que se auxiliasse o duque de Bragança contra o inimigo então comum dos portugueses e dos holandeses. Sendo esta a situação, eles Estados-Gerais não duvidavam de que Nassau permitiria prorrogar-se-lhe o governo por mais alguns anos, em razão do amor que dedicava à República das Províncias-Unidas. Dever-se-ia tirar partido das sedições dos inimigos em benefício da dominação, trabalhando-se no meio das discórdias deles. Abatida a potência da Espanha pela aberta defecção dos seus súditos, desse Nassau perpetuidade,*



A. *Florus Blandus.*
B. *Frugum Delicium Cere.*
C. *Sacchar.*

D. *Arborum et Cereis Lign. arborum fructus.*
E. *Pinus Palmy.*
F. *Castoreum Eructu.*

G. *Conditum.*
H. *Castoreum videretur per Frugum.*
I. *Cereis Arborum Sacchar.*

com a sua presença e sabedoria, aos empreendimentos com felicidade encetados. A fama dos seus feitos, o procedimento com que capta o ânimo dos homens e o seu aspecto agradável até mesmo aos adversários tinham-lhe conciliado a obediência, a simpatia, o amor de muitos. Ser-lhe-iam, pois, os Estados-Gerais devedores de grande benefício, se ele consentisse em ser mais diuturno o seu governo, iniciado com tanto brilho. E os representantes da pátria pretendiam galardoar com prêmios e honras condignas a condescendência do conde.”

Por sua vez, o Conselho dos Dezenove, em instruções expedidas ao conde, recomendou-lhe explicitamente isto: “*depois que Portugal, abalado pela revolução, não*
 26 DE FEVEREIRO
 DE 1640 *pudesse mandar socorros para o Brasil, deveria ele, espiando as ocasiões, tratar seriamente de ampliar o território e prolongar as lutas numa glória contínua, antes que fossem sopitados ou terminados por tratados de paz os ardores marciais. Tudo ainda estava patente ao vencedor, ao passo que, pelo tratado, cada uma das partes teria tido salvas as suas possessões e não se poderia ir mais além. Não prescreviam rigorosamente os diretores o modo de se fazerem as coisas, pois devem estas realizar-se de conformidade com as circunstâncias, os lugares, as forças e a situação dos inimigos. Todavia, muito desejavam que, reunindo de toda a parte as guarnições e as tropas auxiliares de brasileiros, se assaltasse de novo a baía de Todos os Santos, em vista da admirável vantagem do porto, da sua comodidade para a construção de navios e da segurança de todas as províncias sujeitas à Holanda. Empregasse, pois, Nassau todo o vigor do engenho e toda a sua atividade militar para expugná-la ou a força ou por manha. Se não pudesse conseguir isto, ao menos cercasse a cidade e lhe fechasse todas as entradas, porque não é insignificante a importância das cidades sitiadas, pois são mais fáceis de ganhar, quando se discute a cessação das armas.”*

Por obediência e veneração à pátria e aos seus representantes e movido pelas cartas dos Estados-Gerais e dos diretores da Companhia, aquiesceu a prorrogar-se-lhe o governo por mais algum tempo e, resolvido a
 Nassau anexa ao domínio
 da Companhia o Sergipe
 ou capitania do Siri permanecer no cargo, determinou dilatar o território da Companhia, anexando-lhe primeiramente o Sergipe d’el-Rei, região antes deserta e do primeiro ocupante. Com esse fim, partiu para ali com tropas André, governador do forte de Maurício no rio de São Francisco. Tendo munido prévia e providamente a sua fortaleza, invadiu aquela capitania, cingiu com trincheira uma igreja ali existente, construiu um arsenal e fortificou a vilazinha contra os assaltos do inimigo.

A causa desta expedição foi porque, situada essa região entre a capitania da Bahia e as terras do domínio holandês, era vantajosa para a defesa das nossas fronteiras, abundava de gado e dava mais de uma esperança de minas.

Se não me engano, só o escritor português Nicolau de Oliveira enumera o Sergipe entre as capitanias. Chamam-lhe os índios Siri, nome de um rio. Vai-se à vilazinha por um rio pequeno, inacessível a navios maiores pela exígua profundidade do estuário. Dista do rio Real onze léguas para o sul, e do São Francisco apenas sete, para o norte. Possuía a região vários currais de gado, que, achando-se em ruínas, podem ser restaurados pelo cuidado dos governadores. Quanto

à pesca, é afamada a região, por estender-se à beira-mar. Entretanto, foram os holandeses burlados nas suas esperanças de minas ali, pois os minérios cavados em vários sítios não contêm prata nem valem nada, segundo declara Pedro Mortammer, a quem se confiara a pesquisa deste segredo. Toda a segurança dos habitantes depende do forte de Maurício, porque o sertão não pode ser defendido contra as forças ordinárias do inimigo.

São estes os fatos ocorridos no Novo Mundo, em terras Expedição contra o reino de Angola, comandada por Jol do Brasil. Deram-se, porém, outros de maior vulto no Velho Mun- do, na África.

Sendo grandíssima a importância do resgate dos negros no reino de Angola, por imprescindíveis aos trabalhos das minerações reais e dos engenhos brasileiros, prouve a Maurício levar a guerra também lá.²⁷⁹ Por este meio, a Companhia, que ali já prosperava muito com a compra e venda de escravos, chamou a si o monopólio daquele rendoso tráfico. O Conde e o Con- 30 DE MAIO DE 1640 lho deram a Jol, sempre auxiliar de grandes façanhas, a incumbência de realizar a importante empresa. Navegou ele para a África com o vice-almirante Hinderson, numa armada de vinte velas, provida de 900 marinheiros, 2.000 homens de peleja e 200 brasileiros. O favor presentíssimo de Deus protegeu o desembarque das forças, mais do que teriam querido, porquanto foi tão fácil a vitória que, além do plano do assalto e do trabalho de um só combate, quase não deixou a fortuna outro exemplo de bravura.

Conduzidos os holandeses não longe da cidade, entre as próprias fortalezas dos inimigos, desprezaram o furor delas, que faziam fogo de um e de outro lado. Jogando igual furor a artilharia inimiga contra as nossas lutas, foram elas abandonadas de todos os seus guardas, que puderam assim saltar em terra.

Hinderson, dispondo os seus em ordem de batalha, mar- Hinderson ataca a cidade de São Paulo de Luanda chou com o seu exército para a cidade de S. Paulo no mesmo dia em que desembarcara. Encontrando ali o adversário formado para o combate e munido de duas peças, Hinderson rompeu fogo, sustando os mosqueiros o primeiro ataque. A princípio lutava-se com resultado quase igual e com danos iguais. Depois, recrudescendo a refrega e apertando os holandeses ao inimigo, primeiro puseram-se em fuga muitos mil negros, que seriam úteis na guerra. Seguiu-os, fugindo com semelhante covardia, o governador de Luanda, Pedro César de Meneses, que conduzia um exército de 900 homens, 24 DE AGOSTO DE 1640 tanto soldados como cidadãos em armas.

Tendo abandonado a estância de sua artilharia, entregou ao poder dos holandeses toda a cidade, fortes e trincheiras. Além de alguns soldados, pesados de vinho e de comezaina, e de alguns velhos trôpegos, não se achou mais ninguém, porque, com a notícia da nossa chegada, tinham escapulido e fugido to-

dos. Couberam-nos por despojos 29 canhões de bronze, 69 de ferro, grande quantidade de armas e petrechos bélicos, muito vinho e farinha, 30 naus entre grandes e pequenas.

A cidade, posta num monte, não é fortificada, mas é bonita pela multidão das suas igrejas, conventos e belas casa. Sobranceiras ao porto, alinharam-se em longa extensão diversas fortalezas. Vencida a cidade, foram munidas apressadamente pelos nossos, com trincheiras e fossos, todas as praças e acessos. Depois, Constroem-se fortalezas por sugestão de Nassau, construíram ali uma fortaleza maior e duas menores para resistirem a novos motins, deixando-se doze companhias para defesa do lugar.

Estavam persuadidos os portugueses de que haviam os holandeses ido O governador de Luanda queixa-se de agravo, após a violência feita pelos nossos até ali somente em busca de presa, mas sem intenção de lá se estabelecerem e conquistarem aquelas costas. De fato, havendo-se vista a frota, mandara o governador que cada um levasse para fora suas mulheres, filhos e bens de maior estimação. Depois, informado de que os holandeses vindicavam para si as cidades e as fortalezas como conquistas de guerra, queixou-se do agravo em carta endereçada a Jol e insistia em que já estava em harmonia com os Estados-Gerais e o rei de Portugal e que a Holanda já se havia ligado por um tratado à sua nação, desaparecendo as causas das guerras e dos rancores. Os holandeses, acusados de rapinagem, responderam que nada lhes constava, de fonte autorizada, a respeito daquela transação com Portugal que ignoravam se Meneses seguia o partido do novo rei ou de Filipe IV. Se o governador tinha conhecimento de tais negociações, devê-las-ia ter significado, antes de expugnada a cidade e de consumada a violência por parte dos nossos. Era tardia entre vencedores aquela reclamação, depois de superados os perigos e os lances da guerra.

Para não faltar água aos novos hóspedes daquele clima tórrido e seco, Deseja pactear, propondo condições desvantajosas cercaram os nossos com trincheiras uma casa e uma fortaleza às margens do rio Bengo para garantir o abastecimento de água. Irrompendo os negros contra aquela fortificação, foram mortos e rechaçados. Como o governador não alcançasse, nem com queixas, nem com violência, a restituição da sua cidade, quis negociar tréguas por oito dias para que, nesse meio-tempo, ou passasse para nós com os cidadãos, reconhecendo-nos vencedores, ou apresentasse a sua partida. Mas, como exigia cousas descabidas, mandado retirar dez milhas das cidade, proibiu aos seus conversação com os nossos. Por terem querido alguns deles amistar-se com os vencedores, sofreram a pena última.

Diversos dos régulos e chefes que dominavam nas cercanias, pactearam aliança conosco e, movidos de igual ódio contra os portugueses, os acossavam até os esconderijos das selvas.

Os portugueses da Bahia, a qual fica defronte de Angola, tendo notícia do ocorrido na África, enviaram, em socorro dos angolanos, uma caravela provida de todo o gênero de armas. Foi ela apresada com o auxílio dos negros, que saciaram sua crueldade com o sangue dos portugueses, trucidados todos, conforme os ia apresentando a sorte. Salvaram-se só quatro, que se haviam escondido no bojo da nau. Voltando os habitantes para a cidade, até mesmo os eclesiásticos, ofereceram aos holandeses metade dos escravos, contanto que lhes fosse permitido passar com os restantes para a baía de Todos os Santos. Julgou-se, porém, mais frutuoso deter ali os cidadãos e chamá-los de novo para a cidade com promessas liberais, porquanto, segundo constava das contas dos administradores de Angola, só o tráfico dos escravos podia render 6.600.000 florins, deduzidas as despesas com guarnições, navios e empregados. Efetivamente, o próprio rei da Espanha se acostumou a levar dali anualmente 15.000 negros, dos quais se utilizava para trabalharem nas minas do Ocidente. É, pois, certo que o rei tentará extremos para recuperar o reino de Angola, de tanta importância para o império hispânico.

Este reino entesta ao norte com o do Congo, e o rio do mesmo nome, Rio Congo outrora Zaire,²⁸⁰ dista de Luanda cem léguas ou milhas espanholas.²⁸¹ Estende-se ao sul até a fortaleza de Benguela, que se acha outras tantas léguas distante de Luanda. Tem o reino quarenta léguas de contorno. Os naturais eram tributários do rei de Castela, a título de vassalagem. Os negros que se vêem mais longe, até o cabo Negro, a distância de cem léguas de Benguela, ligados por tratados aos portugueses, faziam com eles mútuo comércio. Os habitantes do sertão, num espaço de duzentas léguas, pagavam aos governadores régios páreas e portagens, gozando igualmente da sociedade do tráfico. A principal mercadoria são os próprios negros, cuja venda tem dado ao rei um rendimento anual de 1.000.000 de florins. Privado ele desta veniaga e lucro, não terá para o futuro nem ao menos a facilidade de obter escravos para trabalharem nas minas do Peru e nos engenhos do Brasil, pertencentes aos seus súditos.

A dita Luanda é uma ilha, com sete léguas de comprimento, plana e baixa, Ilha de Luanda sem montes nem colinas. Quando nela se cava a terra, estando o mar grosso, encontram-se águas doces; quando se faz o mesmo, estando ele manso, encontram-se águas salgadas. Tem ela um convento, uma casa de escravos e uma povoação habitada de negros. Jaz defronte do continente africano, em cuja costa se erguem a cidade de S. Paulo e algumas fortalezas.

Apoderando-se desta parte da África, Nassau comunicou-o aos Estados-Gerais, procurando persuadi-los, com fortes razões, de que o governo dela deveria ser anexo e sujeito ao do Brasil.

De feito, somente daquela costa africana soem transportar-se escravos para o Brasil, onde são vendidos para toda a parte. E, além disso, só o Brasil, por

ser vizinho de Angola, poderia defendê-la com as armas e ajudá-la com alvitres, de modo mais eficaz e pronto. Acrescentava que era de todo em todo justo e conforme ao costume da guerra entregar-se a governança dos lugares àqueles que, com seu esforço e pugnacidade, os venceram e subjugaram. Seria também coisa perigosa nomear-se para ali um governador com poderes plenos, que fosse menos conspícuo pelo nascimento ou pela fama, para ali, onde a perfídia dos portugueses, movidos pela vontade de um só, poderia pôr em extremo risco a estabilidade da província e a dominação conquistada para a companhia. Pensaram, porém, de outra maneira os diretores da Companhia: assentaram ficassem sob a sua administração as províncias da África, porquanto o mesmo tinham feito antes os reis de Portugal e de Castela, separando sempre os governos das terras brasileiras e africanas. A eles os induziam ainda estas razões: que o próprio Brasil tem de esperar da Holanda o seu abastecimento de vitualhas e que estas, assim como as mercadorias necessárias, não podiam bastar também para a África; que era de rekaar o grande trabalho da contabilidade do Brasil e a confusão com os negócios da África; era mais longo o caminho e feito com rodeios, pois a navegação da Holanda para Angola fazia-se em viagem direta e quase no mesmo tempo que para o Brasil, ao passo que a navegação do Brasil para a África se realizava com voltas, maior demora e perigos aumentados. Nem poderiam os comestíveis, com esse desvio pelo Brasil, conservar-se em bom estado. Demais, havia mais vantagem em aportar-se primeiro a Angola, porque, desembarcando-se ali as mercadorias, se podiam receber nas mesmas naus os escravos exportados para o Brasil, donde voltariam para a Holanda carregadas de açúcar.

Não se limitou a estes sucessos a atividade de Nassau, mas, demorando-se o tratado das tréguas entre os Estados-Gerais e o rei de Portugal, inteiro ainda o direito e as causas da guerra, Jol, vencedor, dirigiu sua frota contra a ilha de São Tomé. Desembarcou primeiro onde se mostra o engenho de Santa Ana, a duas milhas da própria vila, o qual serviu na mesma noite de abrigo e poisada aos soldados ainda incólumes e bem dispostos.

Expedição de Jol contra a ilha de São Tomé. 11 DE OUTUBRO DE 1647

No dia seguinte, mandou-se que as naus ancorassem justamente debaixo da fortaleza e não praticassem nenhum ato hostil, a não ser provocadas antes pelo inimigo. Entretanto, este, jogando furiosamente a sua artilharia contra os holandeses e recebido por eles com igual furor belicoso, viu que se tratava de uma luta séria. Ou atingida pela artilharia adversa, ou por descuido dos seus, que guardaram mal a pólvora, incendiou-se a nau *Enkhuizen* e fez um triste noviciado de guerra, pois pereceu no mar ou no fogo grande parte da tripulação. Entretanto, desembarcadas na praia e em vão hostilizadas pelos negros aqui e acolá, marcharam tropas para o forte, abandonado de todos os soldados e guardas, mas de

temer por seis canhões, que o defendiam. Apoderando-se dele, chegaram a um forte maior, cujos muros se elevavam à altura de 28 pés. Daí recuaram os holandeses depois de renhida peleja, pois faltavam escadas de assalto.

Ficaram muitos feridos, os quais se levaram às pressas para as naus a fim de serem tratados. Avançando para a cidade, que chama Povoação, cidade da ilha de São Tomé e Príncipe,²⁸² encontraram-na vazia de cidadãos, soldados, alfaias e trens domésticos, de sorte que nem havia adversários para os que desejassem pelejar, nem despojos para os ambiciosos possuir. Volveu então o almirante investindo e expugnando o forte toda a sua atenção para o forte, e, levantada sem demora uma bateria, junto de uma capela vizinha, entrou a alvejá-lo e atacá-lo com balas de morteiros, as quais, caindo dentro dele, como parecia, produziram pouco dano. Havia perto outra fortaleza e, porque fizesse fogo contra os sitiados, mandou-se o capitão La Valette acometê-la com 200 soldados. Julgando-se pouco proveitosa, arrasaram-na os nossos, depois de a tomarem, e transportaram para a cidade a artilharia. Colocando-se depois seis peças grossas na bateria recém-levantada, foi o primeiro forte compelido, dentro de poucos dias, a render-se, depois de receber 65 balas delas (terrível e exílica invento para as cidades), das quais vinte causaram o maior estrago e devastação. Saindo o governador com 80 soldados da guarnição, com brancos, negros e mestiços, levou consigo para Portugal, conforme pactuara na capitulação, 25 soldados do rei. Pelos vencedores foram encontradas na fortaleza 36 peças grossas, das quais 20 de bronze, quantidade de pólvora, morrões e balas suficientes para assédio mais longo. Mantimentos, porém, só os havia para um mês.

Senhor da cidade e da fortaleza, chamou, por meio de bando, os portugueses para a cidade e ordenou que estivessem presentes dentro de quatorze dias para com eles tratar segundo as mais eqüitativas condições. Vieram dois dos principais da nação portuguesa, que resgataram por 5.500 cruzados e 10.000 arrobas de açúcar o saque dos engenhos, pediram e obtiveram passaportes, e por bom alvitre foram despachados os que eram contrários à nova dominação e se mostravam queixosos contra os regedores batavos.

Quando os holandeses se aplicavam a restaurar a fortaleza, já sem recearem perigo por parte dos adversários, foram atacados, em consequência das más condições do clima e dos ares, de uma endemia familiar àquelas terras. Grassava o mal de maneira que os corpos por ele acometidos pareciam ter sido reservados não para o triunfo de Marte, mas da Morte. Os mais robustos arrastavam os membros lânguidos e os soldados, que pouco antes se esforçavam contra os muros e trincheiras, jazem agora imbeles e inválidos. Aqueles que haviam combatido em batalhões, enfermavam também em batalhões, e os que, havia pouco, eram conduzidos em fileiras para o campo da luta eram levados, mais ou menos nas mesmas fileiras, para a sepultura. A cidade, que

fora o teatro da vitória recente, tornara-se a lutuosa morada de Libitina.²⁸³ O cotidiano espetáculo dos agonizantes e dos mortos por toda a parte descoroçoava os são. Reduziram-se as companhias a tal exigüidade que apenas dez ou doze em cada uma se julgavam de saúde perfeita. A malignidade do ar atacava sem distinção soldados e comandantes. Finaram-se exímios cabos de guerra e famosos militares entre os seus, a saber: Mastmacher, La Valette, Dammert, Clous, Tack, Teer, assim como o próprio chefe da expedição, o almirante Jol, que, durante o assédio da fortaleza, passara muitas noites sem dormir, dirigindo assiduamente as obras para apressar os aproches e minas. Foi sepultado com a possível pompa fúnebre e não com a que merecia. Seu corpo foi inumado na matriz da cidade, tornando-se ela morada de uma alma audaz. Não era ele homem para o aparato e as elegâncias áulicas, e sim para a singela pertinácia naquilo a que punha ombros e no extermínio dos espanhóis. Com o desejo da imortalidade enobrecia os dotes naturais, que eram nele desprimorados e incultos. E essa imortalidade esperava alcançá-la com infligir aos inimigos alguma assinalada calamidade. Sem ostentar nunca o fausto próprio dos generais, sem buscar regalos para si, servia-se da mesma comida e bebida que os outros marinheiros. Não somente participava-lhes de todas as fadigas, mas era sempre o primeiro em tomá-las, sendo o seu incentivador, e a tal ponto merecia a veneração de todos que os marujos desejavam com ardor fazer tudo com ele e por ele. Com o seu valor exaltou a sua origem humilde, atestando-o em muitos feitos de armas, sendo este sob o Equador o derradeiro. De tal forma a Providência lhe traçou o destino que tivesse de alcançar ali a sua última vitória e ali ficasse, naquela parte onde o Sol, olho do mundo e testemunha dos seus méritos, duas vezes por ano mostrasse, por igual, com os seus raios verticais, este triunfador ao hemisfério do norte e ao do sul. Não tiveram de lhe disputar o túmulo o setentrião e o meio-dia, porque, sepultado sob a linha equinocial, jaz a distância igual de um e de outro. Não expirou sem deixar em seu posto digno sucessor, Mateus Janson, que, na qualidade de vice-almirante da armada, capitaneou a nau denominada de *Leoa*.

Como este julgava que não pode haver cidade sem cidadãos, com grande humanidade e cortesia convidou os portugueses para o comércio e para restabelecerem as antigas negociações e, sem desluzir a sua dignidade de general, mostrou-se para os súditos ao mesmo tempo senhor e pai.

Raivando ainda a inclemência da endemia, quando mal restavam soldados para fazer a guarda e somente marinheiros bastantes para duas naus, escreveu-se ao Conde, pedindo-lhe remessa de soldados, mantimentos, um vinho estomacal mais forte, e bem assim petrechos bélicos e ferramentas. No caso contrário, tudo ficaria pior e seria de temer ali uma fortuna instável. Despachou-se também um iate para a ilha de Ano Bom, a fim de reclamar para

Morreram diversos comandantes e o próprio almirante

Funerais e elogio fúnebre de Jol

Seu sucessor

Ilha do Ano Bom

os novos dominadores de São Tomé as décimas que até então pagava o governador daquele lugar ao desta última ilha.

Todos quantos em São Tomé pereceram daquele mal eram atormentados sem remissão de uma dor de cabeça de enlouquecer, perturbando-se-lhes o Causas das doenças cérebro com o calor da febre. Alguns, queixando-se de cólicas, na ilha de São Tomé morreram em três ou quatro dias. Como sói acontecer nas cousas insólitas,²⁸⁴ cada um conjecturava uma causa diferente para a enfermidade. Os mais entendidos atribuíam-na à coabitação com as mulheres africanas, ou a refrescos tomados com o corpo muito quente, ou ao dormir no chão, ou ao excessivo uso do açúcar preto, ou ainda ao leite-de-coco, que provocava diarreia.

Além disso, fica a ilha de vez em quando coberta de vapores malignos e venenosos, devendo-se a gente, durante este tempo, conservar-se dentro de casa, o que os holandeses deixaram de fazer.

A veemência do calor mudara extraordinariamente o aspecto e o semblante dos portugueses. Diziam que para todos eles era a existência de breve duração não indo além de meio século, mas que ainda assim consideravam a cobiça do ganho preferível à vida, e por isso gostavam daquele reino de Morbônia,²⁸⁵ chegando muitos a tal opulência que não poucos empregavam duzentos ou trezentos escravos na fabricação do açúcar. Soubemos dos curiosos dos fatos que os reis de Portugal, há uns cem anos atrás, conhecida a fertilidade da ilha, para lá mandaram alguns colonos. Morrendo todos eles com a malignidade do clima, outros depois para lá foram, estabelecendo-se primeiro na Guiné, logo após em Angola e por fim na ilha de São Tomé, para irem assim aprendendo a suportar gradualmente a intempérie do clima. Soubemos também que o rei D. João, coagindo os judeus à fé cristã, vendeu como escravos os recalcitrantes e transportou para ali em grande número os filhos deles batizados. Destes procede a maioria dos habitantes atuais da ilha.

Colocados mesmo sob o Equador, contemplam nós dos equinócios, isto é, em março e em setembro, o sol no zênite, e tem a sombra ora para o norte e à direita, ora para o sul e à esquerda, e duas vezes por ano não tem sombra nenhuma ao meio-dia.

No princípio da primavera e no outono, isto é, em março e em setembro, temperam as chuvas o calor atmosférico; no fim da primavera e no estio, isto é em maio, junho, julho e agosto, moderam-no os ventos do ocidente e do sul. Ali não sopram os ventos do norte e do oriente, ou por causas ocultas, ou porque a África, fronteira à ilha, detém o curso desses ventos. Quando o sol, em dezembro, janeiro e fevereiro, atravessa o Capricórnio, o Aquário e os Peixes, aumenta o calor.

Os brancos que habitam a terra sentem cada oito dias uma febrícula, precedida de um calafrio, seguindo-se um calor que, durante cerca de duas horas, se espalha por todos os membros. Para remediarem esse mal, tratam de san-

grar-se quatro vezes por ano. Os naturais gozam de boa saúde, mas quase sempre morrem os estrangeiros. Aqueles desconhecem a espécie de febre chamada pestilenta. Os negros chegam a um século e até o dobram, hospedeiros benignos de pulgas e piolhos, de que são imunes os brancos.

Deu-se à ilha o nome de São Tomé por terem-na descoberto os portugueses na festa deste santo. No meio dela ergue-se um monte, coberto de muito arvoredo, e branqueja com perpétuas neves tão densas que das selvas manam águas para irrigar as canas-de-açúcar. O solo é viscoso, pegajoso e de cor avermelhada. Cria uma espécie de caranguejo verde-mar, que mora na terra a modo de toupeiras, subvertendo o chão, roendo e destruindo tudo em grande extensão.

Não longe de São Tomé, mais ou menos a três graus da linha equinocial, está a ilha de Príncipe, célebre pela produção de açúcar. Tirou o nome do fato de tocarem ao príncipe de Portugal os rendimentos dela. Existe outra ilha, a do Ano Bom, já mencionada, a igual distância. Nela aparecem os peixes-voadores.

Na ilha de São Tomé jaz a cidade Povoação,²⁸⁶ às margem de um ribeiro de águas limpidíssimas e gratíssimas de beber. É habitada por umas setecentas famílias. Tem um bispo e outros eclesiásticos. O solo se ergue em colinas e montes e é muito próprio para produzir cana-de-açúcar. A temperatura é muito moderada, mormente para holandeses, assim como o é também a de quase todo o litoral africano que se estende para o sul.

Não foi descabido o que depois Nassau escreveu aos Estados-Gerais, isto é, que aquela ilha dificilmente poderia ser defendida e habitada por soldados e colonos holandeses. Deveriam os Estados-Gerais fazer o mesmo que o rei da Espanha, o qual determinou fosse ela colônia de degredados e de galés. Os infames e condenados da Holanda poderiam viver ali com proveito maior para o bem público e morrer mais honradamente, em vez de envelhecerem ignominiosamente nos cárceres e masmorras da pátria. Por isso, o próprio Nassau desterrou posteriormente para lá criminosos condenados, escória das cidades.

Mencionei as causas da doença que grassava em São Tomé. Entretanto, quase todos asseveram que a falta de remédios era a causa de não se curar a mesma. Imputavam essa minguia aos diretores da Companhia, que, na falsa persuasão de que naquelas terras se encontravam os remédios para os seus próprios males, proibiram a remessa de medicamentos, deixando os doentes entregues a si e à inclemência do clima. Compadecido da sorte dos seus, o Conde não deixou de pedir por cartas alívio para os enfermos e o auxílio dos farmacêuticos. O mesmo fizeram os médicos e boticários de Pernambuco, dirigindo missivas aos diretores da Companhia para os moverem à comiseração.

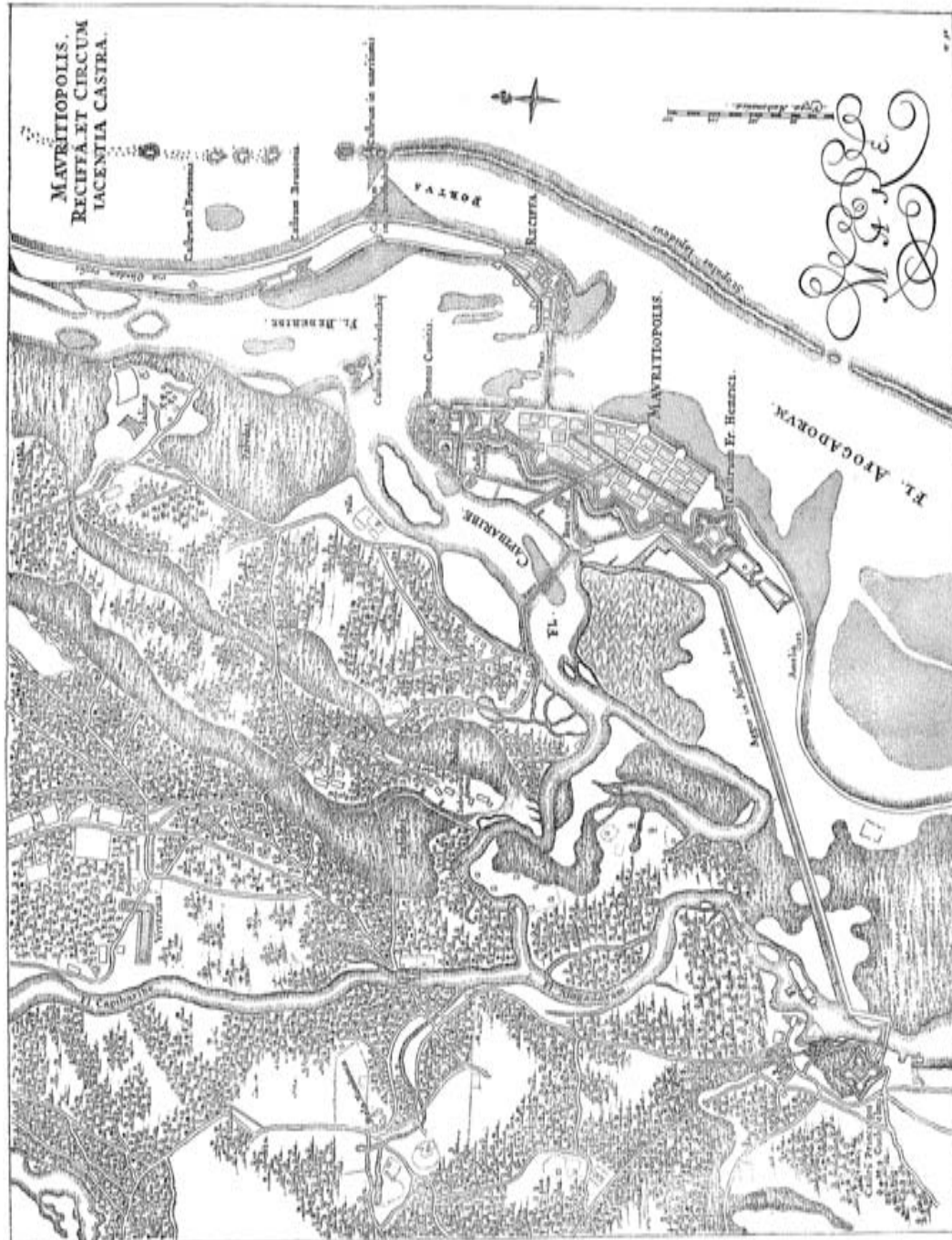
Em 1600, foi ter à referida ilha de São Tomé uma frota holandesa de que era almirante Pedro van der Doess ou Verdues e vice-almirante Storm. Expedição de Doess contra a dita ilha de S. Tomé. Morreram da dita doença com dezessete capitães de mar, e dos comandantes de terra sobreviveu só um. Havia para os nossos larga to-madia, mas também a morte, causada pelo ar infecto. Apesar de avisado da pestilência do clima, fora Van der Doess à ilha, levado pela cobiça de presa. Lá chegou em 26 de outubro e, postos em terra sete canhões, rendeu-se o primeiro forte, e fugiram os guardas do segundo. Como os cidadãos somente ofereceram 10.000 ducados para resgatarem os atos de violência, foi a cidade incendiada, e toda a presa transportada para as naus: umas mil caixas de açúcar, grande cópia de dentes de elefantes, estofos de seda e panos de lã, fora 21 canhões de bronze, entre os quais dois de extraordinária grandeza, pesando cada um 10.000 libras. Dentro de quatorze dias pereceram mil soldados com dores de cabeça e cólicas. Abertos por isso os cadáveres, achou-se no abdome uma gordura liquefeita com água. Finavam-se em três ou quatro dias. Depois de partir dali a frota, demandaram o Brasil seis navios para tentar fortuna. Os outros fizeram força de vela para a Holanda, onde, pela maior frialdade do clima, se multiplicaram tanto as doenças quanto as mortes. De uma só vez contaram-se 1.800 enfermos, os mais deles atacados de escorbuto, a ponto de se ter de afundar uma nau por falta de homens. Outra, indo para perto de Sluis,²⁸⁷ desgarrada pelo nevoeiro, caiu em poder do inimigo com a presa que levava.

Neste lugar passa a nossa admiração ao arrojo e valentia de Elias Herckmann, a quem me terei de referir várias vezes nesta história, não sem o louvor de homem valoroso e prudente. Entrada de Elias Herckmann pelos desertos de Copaoba

Para provar à Companhia a sua fidelidade com uma façanha digna de memória, empreendeu, com o consenso e esperança de todos, uma entrada através de regiões ínvias e temerosas, no propósito de abrir caminho para si, onde pudesse, através de paragens ásperas e silvestres.

Enquanto outros franqueavam, com as armas e a guerra, estrada para o poderio de Holanda, esforçou-se ele, por diligente exploração das terras e estudos dos povos, para aumentar-lhe, pela sua atividade, o poder e a riqueza. A fortuna, porém, superior aos desígnios humanos, não consentiu a realização dos grandiosos cometimentos.

Por alvitre do Conde e do Supremo Conselho, partiu do Recife a 3 de setembro de 1641, e, depois de passar a noite em Iguaraçu, vila de Pernambuco, parou às margens do Gramane e do Mumbaba, porque, com as cheias, as águas transbordadas interceptavam o caminho. Marchando dali para a vila Frederica na Paraíba, depois de conversar com Paulo van Lingen sobre esta entrada e indagar sobre guias, sobre os caminhos acaso existentes, sobre currais de gado, providenciou machadinhas e foices roçadeiras, para desbastar os



matos e carrascais que encontrasse, abastecimento de farinha, companheiros para a viagem, tanto brasileiros como soldados, calçados e botas para vencer os sítios pedregosos e escarpados. Proveu-se outrossim de remédios, principalmente da teriaga contra doenças que sobrevêm aos jornadeantes. Conversou-se também sobre essas cousas com Manuel Rodrigues, alcaide da Paraíba, o qual, em 1625 e sob os auspícios do governador Gregório Lopes, percorreu o sertão durante cinco meses, fazendo 150 léguas desde os confins do Rio Grande, com mantimento para um trimestre. O resto do tempo alimentou-se de cobras, ratos-do-mato e mel silvestre. Informava Rodrigues que a viagem podia fazer-se a pé e não a cavalo, por causa dos precipícios dos montes, e que o solo, inteiramente seco e tórrido, matava de sede o caminheiro. Em partes remotíssimas, encontrava-se um rio largo, que segundo conjecturava, ia desaguar no São Francisco, porque se dobrava para o sul. Nas campinas achavam-se poços de só um pé de diâmetro e de uma braça de profundidade, os quais eram cercados de moitas e arbustos e brotavam sempre águas doces e frescas. Tinha ele transposto montes, onde os pés, batendo no chão davam um tinido como se embaixo houvesse minas. Dois da comitiva tinham morrido de sede durante a jornada. Penetrara cerca de 60 léguas em Copaoba, mas fora obrigado a voltar por míngua de alimentos. Estava, porém, convencido de se poder ir mais além, margeando o Mamanguape.²⁸⁸

Colhidas estas informações, providenciadas todas as cousas necessárias para a viagem – soldados, índios, mantimentos, petrechos bélicos que bastassem para uma derrota sem estorvos partiram Herckmann e sua comitiva da vila Frederica no Paraíba em demanda da povoação do Tiberi e daí ao rio Tenhaha.²⁸⁹ Chegaram a engenhos, cujos senhores eram ora hospitaleiros, afáveis, ora esquivos e rabugentos. Depois foram ter a Pacatiba,²⁹⁰ onde existem as criações de gado e os canaviais de Ventura Mendes. Atravessando aí um ribeiro, viram no seu caminho paletas e areias fulgentes quais as do ouro, pois são atentos os desejos e vigilantes os olhos da pobreza. Cavando logo a terra com extraordinária alegria até a profundidade de um pé, encontraram também ali misturadas areias e paletas brilhando como as auríferas. Lançadas ao fogo inflamaram-se como o vidro moscovítico chamado talco.

Contando-se então o pessoal da comitiva, achavam-se quarenta soldados e trinta e seis índios. Tinham ficado para trás, ou por cansaço da caminhada, ou por fraqueza do corpo, treze militares e vinte e quatro índios. Haviam-se agregado ao bando três ou quatro voluntários, que iam desligados de qualquer obediência atraídos só pelo desejo de viajar e pela novidade das terras. Seguiam algumas índias para cuidarem dos maridos e para servirem de vivandeiras e criadas dos soldados. As bagagens eram transportadas em sete carros de aluguel.

Acamparam com esse rancho ao meio-dia junto ao rio Guarataí,²⁹¹ onde se viam os vestígios e as ruínas de uma aldeia destruída. Sobre a tarde, per-

noitou-se na povoação Tamoatamer. Matou-se uma vaca para ceia dos soldados e um novilho para a do chefe da expedição. Este dormiu dentro de casa e aqueles ao ar livre. Refeitos todos, até os animais, prosseguiram a jornada, ora por campinas e planícies, ora através de brenhas e bosques, transpondo torrentes e regatos secos, os quais prometiam claramente que adiante faltaria aos viajantes água para beber. Viram-se aí, perto do rio Poesapaíba,²⁹² árvores grandes e barrigudas como pipas, finas embaixo, junto à raiz, e em cima onde se espalham em forma de coroa,²⁹³ e com o seu estranho aspecto detinham elas os holandeses. Passava de meio-dia, quando pararam no curral de Duarte Gomes da Silveira, às margens do Mamanguape. Como não houvesse caminho de lado nenhum por causa dos arvoredos e dos arbustos muito densos, indo à frente roçadores, abriram ativamente passagem para si com machadinhas e foices, a fim de que o trabalho e a diligência conduzissem aonde a natureza não permitia. Chegaram depois a uma serra, onde Herckmann, reconfortando a todos das fadigas com uma ceia assaz farta, conciliava os ânimos em seu favor com qualquer liberalidade que fosse. No dia seguinte, continuaram não menos arduamente a romper através de bosques e ermos, queixando-se os carreiros de ser levados mais longe. Acalentada com promessas, serenou-lhes a impaciência, até que vencidos, numa extensão de légua e meia, os mantos e brenhas, saltaram o rio Carambi²⁹⁴ e ganharam as planícies de onde se podia avistar a serra de Copaoba. Entretanto, a conselho dos índios, deram pequena volta por causa dos precipícios e acharam um trilho bom para as cavalgadas e carros.

Por ele foram guiados de novo a uma brenha, onde os índios descobriram abundante mel no oco das árvores. Percorrendo esse trilho, alcançaram o rio Cibambi,²⁹⁵ envolvidos numa rara e gratíssima fragrância de arbustos, que fazia parar os caminheiros. Seguindo daí e mandados à frente roçadores, atingiram uma lagoa e depois a planície de Araruquéia,²⁹⁶ que ardia toda, por estarem as urzes em chamas. Suspeitou-se que os índios houvessem ateadado a queimada para aterrarem os holandeses. Foi ela abafada e extinta com ramos e folhagem para que os animais de carga, assustados com a novidade do espetáculo, não arreben-tassem as rédeas e disparassem. Por causa deste sucesso, denominaram aquele sítio o “lugar do incêndio”. Toparam novas matas e logo se lhes ofereceu o grande rio Araçai.²⁹⁷ Por troncos de árvores esparsos e cortados aqui e ali, notou-se que os portugueses já tinham passado por lá em demanda de Copaoba. Aí se demoraram um dia inteiro, enquanto os índios rasgavam caminho na espessura das brenhas. Ali se observaram surdindo da terra umas varas lenhosas e umas cepas, umas rastejantes e outras enlaçadas com as árvores vizinhas. Curvando-se para o chão, de novo se erguiam onde se tinham encurvado, parecendo não um ramo que se levantava outra vez, mas outra árvore, nascida da mesma raiz. Talhadas, manavam um líquido avermelhado, que logo coagulava numa substância viscosa e glutinosa. Diziam os bárbaros que serviam para sarar feridas.

Moveu-se daí o bando através de canaviais bravos e chegou ao sopé de um monte. Tinha surgido o fundado receio de que os incendiassem os habitantes da montanha, pois a ninguém seria possível escapar dos danos do furor das chamas. Apareceram em seguida os despenhadeiros dos montes e os trechos impérvios para as cavalgadas. Aí foram os carreiros dispensados de prosseguir, despachando-se para o Conde um mensageiro que lhe relatasse o caminho até ali feito.

Estando cansados, estendem o corpo por toda a parte, e, refeitos com módica ração de farinha, galgam o cume da montanha, deixando à raiz dela os inválidos e os incapazes de seguir, a quem se mandou que voltassem para junto dos seus na Paraíba.

No cimo da serra, o brasão da Companhia, gravado numa coluna, trouxe aos bárbaros do Novo Mundo a memória dela a exemplo do que fizeram Alexandre Magno e outros. O nome daquela serra era polissílabo e tremendo *Irupari-bakaí*, isto é: “*Aqui o Diabo olhou para trás.*” Entre os índios surgiu em verdade a lenda de que, havendo o Diabo subido àqueles cumes, como que atônito com a novidade da grande altura, olhara para trás.

Incumbindo aí alguns soldados e brasileiros de cuidar da comida, animou-se Herckmann a ir mais longe. Dissuadiram-no, todavia, as matas que a cada passo se encontravam pelo caminho e a grande fadiga de vencer em toda a parte os montes. Quanto mais se elevavam, tanto mais bravios e ínvios eram os sítios que os recebiam. Diante disso, resolveu-se perlustrar o norte e as campinas por onde costumam os tapuias seguir do sertão para a província do Rio Grande. Assim, evitados os pendores das montanhas, marcharam através de lugares mais chãos, onde viram duas pedras de moinho, perfeitamente redondas e de estupendo tamanho. Mediam 16 pés de diâmetro, mas era-lhes tão considerável a espessura que apenas a metade da pedra podia ser atingida pelas pontas dos dedos de um homem em pé no chão. Estava uma sobre a outra, a maior em cima da menor. Do centro surgia, num espetáculo admirável, um pé de caraguatá. Na grande ignorância destas cousas, não me será fácil dizer com que fim as teriam ali amontoado os bárbaros.

Indo ter à aldeia onde habitaram os índios potiguaras, fugitivos da baía da Traição por temerem a tirania dos portugueses, rasgaram-se para os expediçionários vales amenos e abundantes de águas saudáveis. Os indígenas, companheiros desta expedição, diziam ser ali o seu torrão natal, donde haviam sido atraídos e levados para o litoral pelos portugueses, que arreceavam de vizinhos poderosos. Cativados, por isso, com a doçura do solo pátrio, como os outros mortais, pediam demora mais longa. Herckmann, porém, insofrido de qualquer detença, apertava com os vagarosos e, exortando-os a partirem, mandou abrir passagem nas brenhas. Cortaram os caminhantes por lodaçais que, às vezes, lhes davam pelos joelhos. Saindo destes, forcejaram para galgar, com as mãos e os pés, um

monte: agarravam-se às pedras salientes e firmavam-se nas de baixo como em degraus. Consumido um dia entre o medo e a fadiga e superada a montanha, todos, cansados da marcha contínua, estiraram-se por toda a parte e, junto de um arroio de águas doces e copiosas, jazeram naquelas paragens ínvias a fim de repousarem. De manhã, proveram-se de comida para alguns dias e tiveram de subir e descer uma longa série de montes.

Viram outra vez pedras de desmesurada grandeza, amontoadas pela mão do homem, quais possui também na Holanda a região de Drent, para onde não se crê tenham podido ser carregadas nem transportadas por força humana por causa do seu volume. As tais pedras pareciam-se na forma com altares.

Chegaram depois à aldeia Guirarembuca, antiga habitação de índios, onde se observaram vestígios humanos. Avançando até o rio Tambaariri,²⁹⁸ deram-lhe nova denominação – *Rio do Almíscar*, por causa do cheiro forte dos crocodilos e cobras, semelhante ao aroma do almíscar. Notou-se ali a mudança de aspecto do solo e da paisagem: o que até então aparecera areento, escuro, negro, mostrava-se agora amarelo, gleboso, feraz, e por toda a parte vicejavam ervas bravas por falta de cultura. Toparam logo limpidíssima torrente, a qual, por abastecer de água os portugueses que ali guerreavam outrora, se chamava Capiiragua-ba,²⁹⁹ isto é, *torrente da aguada dos cavalos*. No vale, contemplavam todos atentamente dois rochedos elevados como torres redondas. Um deles, separado do monte, podia ser contornado; o outro, meio inserido e apoiado na montanha, lembrava o aspecto daquela obra que se vê em Leide, no meio da cidade e à margem do Reno, construída pelos antigos saxões sob o comando de Engisto. Aquelles rochedos, porém, pareciam obra da natureza e não da arte.

Em seguida, subiram os expedicionários uma serra, a mais alta de quantas superaram, donde divisavam as demais. Mas, ao longe, uma névoa densa e escura tolhia a vista. Diziam os índios ter sido ali a vila Ararembé,³⁰⁰ forte e populosa. Invejando o comércio com os franceses, tomaram-na os portugueses, comandados por Duarte Gomes da Silveira. Morreram diversos índios na guerra, e foram muitos levados para a beira-mar. O próprio chefe do lugar foi remetido ao rei da Espanha, onde morreu exilado, longe das suas selvas. Naquele mesmo bando conduzido por Herckmann, havia dois filhos do dito chefe, que figuravam entre os principais de Masurepe e Gargaú.³⁰¹

Chegados ali, os índios, aterrados com as dificuldades do caminho, enchiam aos companheiros com igual temor, instigavam-nos secretamente a não prosseguir e asseveravam que nunca tinham visto os caminhos para adiante. Aconselharam por isso a volta, queixando-se de recear falta de água, fosse quanta fosse a farinha que restasse. Alastravam-se como um contágio as murmurações entre os soldados, os quais, assim pela sua volubilidade como pelo cansaço da viagem, davam mostras do seu azedume de ânimo com invectivas e palavras áspe-

ras, dizendo que estavam sendo conduzidas para onde a natureza negava caminho, através da espessura das selvas, dos precipícios das montanhas, dos rodeios das vias, sem nenhuma esperança de glória nem de lucro.

O chefe, porém, mais animoso, respondia-lhes *que estavam no início da viagem e que vencidos tantos incômodos, esperava fruto próximo; que a derrota até ali feita por ele tinha mais fama e trabalho do que proveito; que os brasileiros lhes mostravam aqueles transtornos para interromperem a expedição por preguiça, que eram exageradas as cousas por eles espalhadas; que por medo, nada se devia omitir ou largar sem experimentar. Lembrassem-se que eram batavos e neerlandeses, os quais não se perturbam com facilidade. Guardassem entre os estrangeiros a fama da antiga valentia, prosseguindo para onde os fados os conduzissem. Acompanhassem-no como a um chefe que, participando da mesma sorte que a deles, se contentaria para alimentar-se com um punhado de farinha e um bocado de toucinho. O gosto e o prazer da caça, dizia ele, arrasta os homens através de neves e geadas, de montes e florestas. Não teremos nós, para as cousas necessárias aquela mesma paciência que os prazeres e os divertimentos aconselham? Trago entre as minhas instruções (mostrou os papéis e os interpretou em português) a ordem de explorar cuidadosamente as terras e os desertos de Copaoba e de examinar a natureza e produções do solo. Não se empreendera aquela entrada para os índios visitarem as suas antigas aldeias e reverem, para regalo do ânimo, o torrão natal. Se desconbecessem os caminhos descobri-los-ia ele, guiado pela fortuna e pela inteligência. Tinha na mão a bússola, cujas indicações são certas. Não desesperava de ter que beber, pois é sabidíssimo que os montes têm seus vales e os vales água. Era diminuta a tarefa de romper o mato, pois já não se teria de abrir passagem para os carros, mas para pedestres. Buscassem esta glória: terem os mais deles encontrado, através daqueles alcantis, morte gloriosa apesar de improfícua. Auxiliassem a diligência e energia do seu chefe com obediência e disciplina. Portanto, se aos espíritos obstinados, era fácil voltar, não daria ele ao Conde e ao Conselho outra causa do intempestivo regresso senão a inércia, o temor e a rebeldia.*

Verberados por essas e semelhantes palavras, significaram que não desatenderiam às ordens e que estavam prontos para tudo arrostarem, com tal que se lhes fornecessem machadinhas, foices e outros instrumentos.

Já se aproximava o dia, quando, após aquela objurgação, o chefe, confiante e esperançoso, manda todos preparar-se, animando-os a prosseguir. A avidez tanto de glória como de lucro não deixava nada parecer ínvio, estorvado, distante. Mandaram-se alguns buscar os comestíveis, que se tinham deixado para trás. Os outros da bandeira construíram apressadamente barracas para si no sítio onde haviam acampado. Foram recambiados para a Paraíba dez, de cuja insolência de palavras e gênio turbulento se tinha que reçar.

Houve então a primeira caça de um animal bravo chamado pelos índios *Descrição do armadilho segundo Ximenes* tatu e por nós armadilho. Mais atrás fiz menção dele. Descreve-o minuciosamente Francisco Ximenes. É, diz ele, animal extraordinário, do tamanho de um cãozinho de Malta, mas de cauda maior, com as patas



- A. Alms Capel
- B. Alms Bazaar for the sick
- C. Prison
- D. Palace of Justice
- E. Mosque
- F. Temple of Siva
- G. Custom House
- H. Custom Field Office
- I. Ramp
- K. Ramp Bridge
- L. New prison
- M. Old prison

como as do ouriço: as dianteiras com quatro dedos e as traseiras com cinco. O focinho tem o mesmo feitio, porém é mais comprido e mais fino. As orelhas são cartilagosas e sem pêlos. Apresenta o corpo inteiro, menos no ventre, e em redor do pescoço, coberto de escamas, como as de um cavalo revestido de armadura. Elas se reúnem por meio de certos tendões, de modo que ele se pode mover facilmente em todas as partes. Essas escamas são inteiramente ósseas. Pulverizadas e bebidas no peso de uma dracma num cozimento de salva, provocam o suor e são um remédio singular contra o contágio venéreo. Por outro lado, o penúltimo ossículo da cauda, no ponto onde ela se liga ao corpo, reduzido a pó finíssimo e transformado em pílulas com vinagre rosado e posto sobre os ouvidos, tira como por milagre a surdez proveniente de uma coisa quente. Também as escamas, trituradas e amassadas com água, tiram espinhos de qualquer parte do corpo.

Não tiveram os expedicionários outro dia de chuva senão este, e o frio noturno foi agudo como o da Holanda naquela quadra. Ficaram de vela para caçar coelhos, mas nenhum foi apanhado. Ali de novo se levantou o brasão da Companhia para contemplação e maravilha da posteridade. Dirigiu-se a derrota para o sudoeste, segundo a situação das serras. Atravessaram torrentes, viram lagoas, campos, matas, canaviais bravos, pedras de rara grandeza, as quais se diriam outras Pirâmides, outros Mausoléus, sendo de tal feitio que se juraria serem fabricadas pela mão do homem. Tão lenta foi a jornada que apenas fizeram duas ou três léguas por dia. Eram às vezes de tal maneira talhados os penhascos que dificilmente se podiam ver do alto sem causarem vertigem ao mesmo tempo aos olhos e ao espírito. De onde em onde, eram tão opacas as florestas, pela densidade do arvoredo e dos ramos entrelaçados, que mal se via o céu. Os jornadeantes caminhavam de dia num trilho incerto como durante marcha noturna, porque, assim como parecem escuras as cousas mais distantes, assim também afiguram-se negras, com a fronde assaz espessa das árvores, as cousas mais próximas.

Encontravam-se dois auxílios nestas dificuldades: a perícia dos índios para descobrir os caminhos e o trabalho de abri-los.

Depois chegaram a uma aldeia de tapuias e nada encontraram além de umas choçazinhas arruinadas, quais costumam levantar, cobertas de folhas verdes chamadas carauatá. Continham singelas alfaias, assaz módicas para o uso de gente pobre. Havia uns vasos a que chamam cabaças e umas panelas de barro, das quais se utilizavam esses nossos andarilhos para cozer as carnes, que assam em espetos de pau. Acharam-se ainda chapéus, calçados, bandoleiras, instrumentos de pesca, arcos, setas, chocalhos, guizos, objetos de jogo, mas tudo estragado e bolorento. Tais cousas, que se consideravam abandonadas, faziam acreditar terem os índios partido e fugido tumultuariamente. Era mais crível ter sido aquilo um aldeamento, não de tapuias, mas de tapivis³⁰² ou de negros, habitantes do mato, conforme indicavam os chapéus e calçados.

Enfim, logo que chegaram às moradas dos tapuias, pararam e, receosos deles, fortificaram o acampamento com árvores cortadas e postas diante do mesmo, ficando fechados contra os assaltos como por uma estacada. Continuando a viagem, acharam águas vermelhas, turvas e de sabor desagradável, logo nenhuma e depois salgadas como as do mar.

Sendo a soldadesca inclinada a queixar-se, surgiu outra divergência com o chefe. Ele, firme no seu propósito, intimou-lhes que fossem aonde ia à frente, e de novo exortou-os ou a morrerem ou a escaparem com a mesma sorte que ele. Perseverassem ainda alguns dias com igual sustento, e seguissem-lhe antes o exemplo do que as ordens. Ouviram-no, porém, murmurando e mostrando que a obediência era forçada e extorquida parte pela vergonha, parte pelo medo.

Continuando a jornada, atravessaram rios e depois montes e campinas, indo ter outra vez a paragens silvestres, em descidas e subidas, em linha reta ou sinuosa, ora para o sul, ora para o ocidente. Aí de novo falaram alguns soldados em voltar e pediram ao chefe que os deixasse partir, o que lhes foi negado. Observadas de cima de um monte as campinas circunja- Retorna Herckmann centes, avistou-se a serra de Copaoba, mas distante nove ou dez léguas. E como estivessem todos mortos de sede e prontos para regressar, vendo-se Herckmann no meio de uma multidão discorde, de línguas maléficas, com todos já inconversáveis, recebeu o descomedimento e audácia de uma turba demandada e julgou não se devia demorar mais tempo. Consentiu, portanto, no retorno, único meio de atalhar os males iminentes. O monte de onde voltaram se ficou chamando o Monte do Retorno.³⁰³ Quando regressavam, observaram que no rio Araçaí se erguiam árvores desde o fundo sobre a tona da água, em cujas franças aderiam algas e musgos. Daí inferiram, por um raciocínio lógico, crescer o rio até aquela altura.

Durante a viagem toda, houve fartura de ratos, arganazes e cobras, mas nada de cabras ou da espécie suína. Apanharam-se apenas três ou quatro armadilhos. Durante esses dias, não se viram aves pelo ar.

Transpostas de novo as serras por onde tinham ido, pararam no lugar em que tinham ficado os carros, cavalgadas e mantimentos. Dirigiu-se então a derrota para o norte e para o sertão do Brasil, com o fito de explorar não só o aspecto daquelas regiões, mas também as suas produções. Temia-se em todo caso que a improficuidade da empreendida viagem servisse de ludíbrio para malévolos e invejosos.

Varou-se através de sítios montuosos e inóspitos até alcançar-se a confluência dos rios Araçaí e Maracujá,³⁰⁴ através de canaviais bravos e juncais, onde se viram árvores de canafístula e um rio tão cheio de meandros e curvas que teve de se passar sete vezes.³⁰⁵

Houve lugar onde se arremessaram com ávida diligência à raiz de certa serra, porque tinham visto uns fragmentos de pedra, e, julgando fossem minérios, examinaram cuidadosamente se pelo brilho prometiam ouro ou prata. Mas ainda ali as pedras enganaram-lhes a expectativa. Houve sítio onde, deitando fogo a uma árvore, saltaram do tronco semi-adusto duas cobras, que, cortadas a espada, se imolaram a Vulcano.

Como, porém, depois de palmilhados tantos vales e superadas tantas serras, aparecesse a mesma paisagem, sem haver esperanças de proveito, deu-se o sinal de partida, e volveram ao lugar onde estavam os comestíveis.

Determinou esta digressão de Herckmann para o norte a notícia de existirem ali minas de prata, às quais tinham ido em vão, no ano de 1637, alguns holandeses, coagidos a voltarem por falta de provisões de boca. A maioria, porém, acreditava que se apregoavam fantasias e esperanças de riquezas com o intuito de enganar os nossos, induzindo-os a empreender, por insaciável cobiça, viagens longuíssimas e temerárias.

Recolhidas todas as bagagens, regressaram para o Brasil, perlustrando caminhos novos e também ínvios, onde as serras e os plainos apareciam a cada passo salpicados de lâminas vítreas faiscantes aos raios do sol. Acreditaram serem aqueles os montes de cristal, dos quais fizeram menção os escritores, apesar de os brasileiros desconhecerem o cristal. Quanto a mim, por se transcreverem mais cousas do que as que se crêem, nem desejo afirmar o de que duvido, nem omitir o que li.

Após uma caminhada de alguns dias, chegaram aos currais e aos engenhos e fazendas dos portugueses, já conhecidas.

Quando vinham de volta, encontraram um rancho de sertanejos ou habitantes dos desertos, que, alvoroçados com a chegada dos nossos, se haviam retirado, mas agora, vendo-os ir-se embora, preparavam-se para tornarem ao sertão.

Após uma peregrinação de dois meses, desde 3 de setembro até 4 de novembro, entraram no Recife e em Maurícia, carregados de incômodos e vazios de dinheiro.

Quem ler isto refletirá por certo que tudo fizeram a Companhia, Nassau e o Supremo Conselho para promoverem o bem público. Buscaram-se lucros guerreando, comerciando, explorando terras. Nem as selvas, nem os penhascos, nem os rios, nem os mares obstaram à sofreguidão do ganho. Tão veemente é a estima votada ao dinheiro que ela ousa e realiza coisas extraordinárias e incríveis, quer investigando lucros latentes, quer devorando os manifestos. Entretanto, não dão completa felicidade as vantagens encontradas, e é digna da maior compaixão essa avidez de procurá-las.

Depois de vencida Luanda e a ilha de São Tomé, na
 Expedição contra a Capitanía do Maranhão África, transferiu-se a guerra para o norte do Brasil, sendo ex-

pugnado pelas nossas armas o Maranhão. Aconselharam a expedição os diretores da Companhia, em carta ao Conde, datada de 28 de março de 1640.

Fundava-se a empresa nas seguintes razões: dilatar-se-iam com ela as possessões da Companhia, reforçando-se e garantindo-se as conquistas anteriores; conciliar-se-iam, em mais amplo espaço, o auxílio e o ânimo dos índios, e muitas das suas nações se adaptariam aos costumes holandeses. Além disso, criar-se-iam grandes desvantagens ao comércio dos portugueses, tornando-se tal a situação, que nada mais se teria para recear, depois de havermos submetido aquelas costas, senão ataques marítimos dos espanhóis. Demais era o Maranhão vantajoso para se infestarem as ilhas do Mar Setentrional, Espanhola, Cuba, Jamaica, Porto Rico e as costas do continente ocidental; para ali eram convidados os holandeses pela salubridade do clima, pela uberdade do solo em produzir açúcar, algodão, gengibre e tabaco, pelo comércio do sal e pela esperança de minas.

Razões da expedição

Comandavam a expedição Lichthart e Koin, sucessor de Artichofski, afamados por longo exercício da milícia. Partindo do porto de Pernambuco a 30 de outubro de 1641

Comandam a expedição Lichthart e Koin, militares veteranos e ilustres

com oito naus grandes e seis pequenas, pararam nas proximidades da foz do Maranhão, ansiosos por causa dos alfaques e baixios, infestos aos que pretendem entrar o porto. Por isso, evitando expor todos os navios ao mesmo risco, mandaram alguns adiante para procurarem acesso mais seguro. Navegaram eles prosperamente e em curso direto para o braço ocidental

30 DE OUTUBRO DE 1641

do rio, e, passando ante a fortaleza inimiga, que atirava ferozmente contra eles, lançaram ferro mesmo diante da cidade de São Luís. Koin, saltando na ilha e desembarcando as tropas, aproximou-se do forte para investi-lo. Vieram-lhe ao encontro dois emissários do governador da fortaleza, um civil e o outro eclesiástico, que perguntaram a Koin se ele tinha intenção de pactuar.

Koin toma posse do forte

Anuiu Koin, julgando humano não tentar pelas armas o que se poderia conseguir pela brandura. Concedendo a todos garantia de vida e de bens, penetrou no forte, desarmou os soldados da guarnição, encontrados em número de 330, e, com eqüitativas condições militares, fê-lo da sua jurisdição. Nada se contratou sobre a administração do culto. Conseguiram facilmente que se permitisse aos soldados permanecer ali até que por outra forma resolvessem o Conde e o Conselho do Brasil. Acharam-se lá 45 peças grossas, bastante pólvora e também vinho para as necessidades do vencedor. Só havia seis engenhos aproveitáveis, por estarem ainda inacabados os outros. Na terra firme existiam alguns em Itapicuru. Os moradores deste lugar, prometendo fidelidade à Companhia e passando-lhe à jurisdição, abriram o seu forte ao capitão Schadde. Depois bandearam-se conosco os de Tapuitapera³⁰⁶ e os de três aldeias na ilha do Maranhão.

Era insignificante ou quase nulo o valor das nauzinhas que ali encontramos.

Quarenta e cinco marujos foram levados para a ilha do Sal, como lhe chamam os nossos, no arquipélago do Cabo Verde. Negociou-se com os habitantes de Itapicuru acerca de 300 caixas de açúcar, deixando-se lá uma nau para recebê-las e transportá-las para a Holanda. Três outras naus proejaram para as Barbudas e a ilha de São Cristóvão para traficarem. Ficaram seiscentos holandeses para acabarem as fortificações e defenderem os naturais contra os ataques dos inimigos.

Não é intuito meu expor minuciosamente as contendidas dos geógrafos a respeito do rio Maranhão: se lhe cabe ali tal nome ou se esta é somente a denominação da ilha, ou se outras designações foram dadas pelos bárbaros aos rios vindos do continente e quais sejam elas. Sei apenas que as descrições e diários dos holandeses conferem o mesmo nome Maranhão tanto ao rio como à ilha. Julgo cousa de leve importância o terem errado os nomes das terras e dos rios, uma vez que a Companhia tenha a posse certa daquelas terras, rios e barras.

Tem a ilha do Maranhão um circuito de quarenta e cinco léguas. Está próxima da linha equinocial, de que dista cerca de dois graus. É rodeada e banhada por três grandes rios que, vindos do continente, se despejam naquela baía. Um deles, o oriental e maior, é chamado pelos indígenas Munim; o segundo, o do meio, Itapirucu; o ocidental, Mearim.³⁰⁷

Apresentam as aldeias uma forma interessante: constam de poucas habitações quadrangulares, deixando-se no meio delas uma área bastante larga, como praça. Essas casas, com 250 passos de comprimento por 25 de largura, construídas de troncos de árvores ligados entre si e de folhas de palmeiras, oferecem um aspecto muito gracioso. Sopram na ilha os ventos de leste, donde a boa saúde que gozam os insulanos. Nem nevoeiro nem miasmas infestam aquela ameníssima ilha. Março, abril e maio são chuvosos; os outros meses são sereníssimos. Possui numerosas fontes de águas doces, conquanto cingida de todos os lados por águas salgadas.

O calor apressa a maturidade dos frutos, e os produz várias vezes cada ano. Das raízes do *aipim*³⁰⁸ fazem umas papas, de que se alimentam. Além do açúcar, produz a ilha pau-brasil, açafraão, algodão e também uma espécie de laca e de bálsamo, não inferior ao da Arábia, pimenta, de sabor muito ardente, e tabaco apreciável. Ostenta muitas árvores desconhecidas no nosso hemisfério. Entre elas se distingue pela altura o acaju, o qual, cousa pouco freqüente, produz frutos de quatro formas diferentes: um, semelhante à pêra verdeal, com uma castanha para caroço, suculento e amarelo; o segundo tem suco mais ácido e cor vermelha; o terceiro é muito azedo, e dele fabricam vinagre; o quarto tem sabor agradabilíssimo.

É grandíssima a variedade e multidão de papagaios e outras aves. Entre estas sobressai pelo tamanho, ferocidade, força e beleza da plumagem o Ovyza-Ovassou,³⁰⁹ quase duas vezes maior que a águia. Tem por hábito dilacerar

as ovelhas e encarniçar-se contra os cabritos. Vivem ali infinitos morcegos, terríveis até para os próprios homens.

O mar, piscosíssimo, fornece muitas sortes de peixes, de notável comprimento e de feitios diversos. Além de veados, cabras, ouriços, macacos, cerco-pitecos, cria a ilha o armadilho, chamado *tatu* pelos índios, do qual falei atrás, e bem assim raposas, semelhantes às rapozinhas da Europa. Entre as serpentes a mais formidável é a chamada *boietê*.³¹⁰ Tem a pele malhada, e mata com a sua mordedura e golpes da cauda. Esta tem a forma de vesícula, dividida em artícu-los, com cujo estrépito, parecido ao de um chocalho, anuncia, quando serpeia pe-los espinhais e moitas, a sua presença e a morte que ameaça o homem.

Dos quadrúpedes o mais curioso é aquele a que chamam *umaú*, do qual já se falou páginas atrás. A cabeça é pequena em relação com o corpo e coberta, assim como parte do queixo e da garganta, de pêlos curtos e avermelhados. Na cara se parece, de certo modo, com o macaco: é curta, glabra, com nariz chato, dentes miúdos, mas largos, e boca não muito ampla. Caminhando com as quatro patas, move-se pouco para a frente; com elas, fendidas em três unhas, agarra-se às árvores e nelas trepa. É tão lento e preguiçoso que lhe deram os espanhóis o nome de preguiça.

Os indígenas são de estatura elevada, de corpos robustos e aptos para carregar pesos. O nariz é chato, a cor escura um tanto azeitonada. Vivem muito e não encalvecem. Tanto os homens como as mulheres cuidam muito dos cabelos, e os dispõem em cabeleiras para se alindarem. Trazem as narinas e lábios perfurados, adornando-os com pedrinhas e pedacinhos de pau. Com uma pedra afiada sarjam a cutis e pintam-na de cores. São antropófagos, muito truculentos contra os inimigos, a quem engordam cuidadosamente, matam e comem. Têm os tapuias por vizinhos, mas são inimigos. Há cerca de vinte e quatro anos passados, vieram a esta ilha para traficarem mercadores de Amsterdã e de Roterdã.

Deve louvar-se o procedimento de Koin e Lichthart, Elogio de Koin e de Lichthart ao amor dos holandeses. Determinaram com efeito que não seriam considerados escravos os brasileiros ou quaisquer índios, gozando do mesmo direito à liberdade que os holandeses. Concessão idêntica já fizera antes Nassau aos habitantes do Ceará, isto é, que fosse permitido resgatar por dinheiro os inimigos e filhos destes cativados pelos tapuias, os quais esta nação antropófaga noutra tempo reservava para matar e devorar.

Tal ódio votam os maranhenses aos portugueses que dificilmente os pode conter a nossa autoridade para não se arremessarem contra eles e os imolarem à sua vingança, derramando-lhes o sangue.

Em Upanema foram descobertas salinas por um tal Salinas do Upanema Gedeão e depois entregues à administração de Elberto Smienth, as quais deram

grandes esperanças de rendimentos. Entanto, após as tréguas dos dez anos com os portugueses, e depois que a variola dizimou ali a população, e por causa das despesas maiores que os lucros, foram elas abandonadas.

Os governadores portugueses, indignados pelos danos sofridos na África e no Brasil, já narrados, apelaram para o tratado do armistício.

O próprio rei de Portugal, por um embaixador junto aos Estados-Gerais e não sem bilis, advogou a sua causa e reclamou o que perdera, dizendo ser iníquo que os mesmos Estados-Gerais enviassem frotas e socorros ao rei dos portugueses, e em outras partes e com outra frota, mandassem invadir-lhe as terras; que apresentavam, como se diz, a arma em uma das mãos e o fogo na outra; que violavam o direito das gentes e o natural com a opressão dos amigos, e que não se deviam perturbar os propósitos da

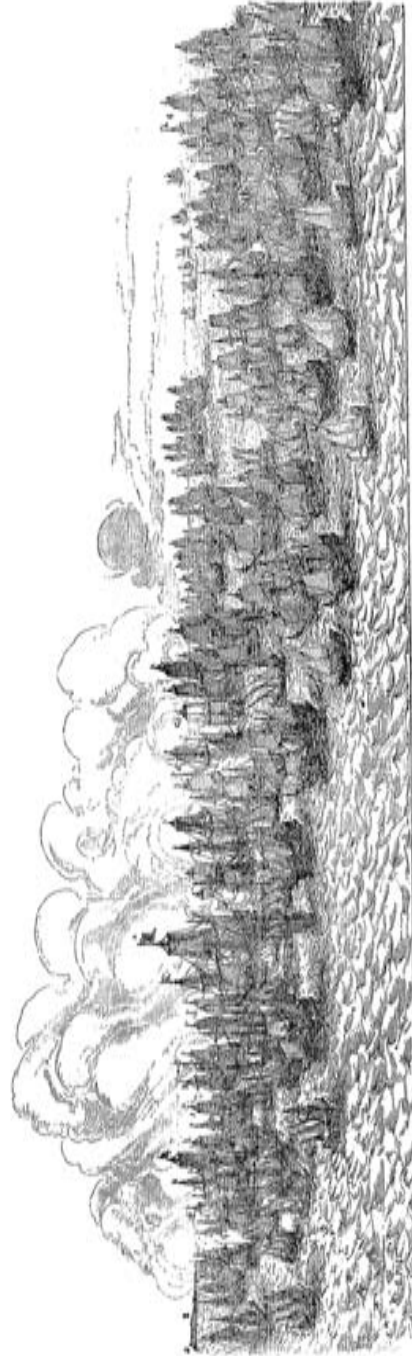
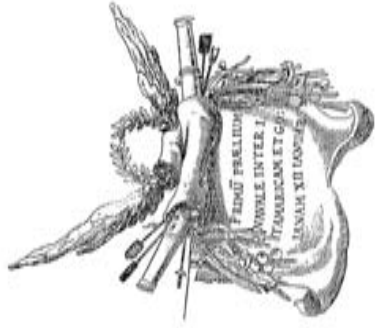
Reclamações do embaixador do rei de Portugal paz com outros novos movimentos de guerra. Falava, porém, a surdos, pois todos aqueles atos tinham sidos praticados e concluídos ou antes de se negociarem as tréguas, ou de serem ratificadas pelo monarca português, ou de se promulgarem, o que se deveria ter feito, segundo as condições das mesmas, para entrarem em vigor.

Pelo armistício de dez anos celebrado com o rei de Portugal, foi Nassau proibido de fazer guerra a esta nação. Mas, por não ficar inteiramente inerte a Companhia, à qual era nociva a paz, pois toda a sua glória e proveito estava nas armas, mostrou-lhe ele a possibilidade de se transferir vantajosamente a luta para outro campo, onde se encontraria matéria para exercer o valor. Observou-lhe estar franco todo o Oceano Pacífico, para onde é fácil e expedita a navegação desde o Brasil, uma vez que, durante o estio, sopram os ventos do setentrião, com cujo auxílio se poderia chegar ao Oceano Austral pelo estreito de Magalhães ou pelo de Lemaire, recentemente descoberto.³¹¹ Conviria experimentar ali se os chilenos, ajudados pelos holandeses, se animavam a expulsar os espanhóis. Depois, oferecer-se-iam ali ensejos de se atacarem as naus do ouro do Peru, e as que do porto de Acapulco se dirigem para Manilha, as quais foram outrora presa do valentíssimo cavaleiro Tomás Cavendish. Demais seria então possível explorar, com despesas menores, as regiões da Terra de Magalhães e da Austral. Se promettessem elas algum proveito, lá poderiam ir os brasileiros por via mais breve.

Nassau sugere à Companhia novos modos e caminhos para dilatar-lhe os domínios citar o valor. Observou-lhe estar franco todo o Oceano Pacífico, para onde é fácil e expedita a navegação desde o Brasil, uma vez que, durante o estio, sopram os ventos do setentrião, com cujo auxílio se poderia chegar ao Oceano Austral pelo estreito de Magalhães ou pelo de Lemaire, recentemente descoberto.³¹¹ Conviria experimentar ali se os chilenos, ajudados pelos holandeses, se animavam a expulsar os espanhóis. Depois, oferecer-se-iam ali ensejos de se atacarem as naus do ouro do Peru, e as que do porto de Acapulco se dirigem para Manilha, as quais foram outrora presa do valentíssimo cavaleiro Tomás Cavendish. Demais seria então possível explorar, com despesas menores, as regiões da Terra de Magalhães e da Austral. Se promettessem elas algum proveito, lá poderiam ir os brasileiros por via mais breve.

Aquele ano³¹² foi célebre para o Brasil, não só pela insurreição portuguesa, que dava aos batavos esperanças de grandes cousas, mas também pelas suas calamidades particulares. Caíram, de feito, chuvas tão continuadas e fortes, sem intervalos, que se encheram os rios, inundando por toda a parte as terras e arrebatando as plantações nas suas águas e voragens. Rompendo e superando os marachões, a cheia cobriu os campos, que eram transitados por navios, e os lavradores faziam o ofício dos marinheiros.

Chuvas contínuas afogam a safta



A. Praesidi aedific.
 B. Munitio aedific.
 C. Praetoria aedific.

D. J. Tancras.
 E. Grana.
 F. Praetoria Nigamari.

G. Praetoria Praetoria
 H. Praetoria vicaria.
 I. Praetoria vicaria.

J. Praetoria vicaria.
 K. Praetoria vicaria.

Foram lamentáveis as mortes de homens e de animais, principalmente às margens do Capibaribe. As canas-de-açúcar, novas e ainda em erva, ficaram afogadas, e as mais crescidas, prejudicadas com a frialdade das águas, enganaram a esperança dos senhores de engenhos, pois uns vermezinhas, nascidos na água, lhes roíam todo o miolo. Com outros sinais ainda atestou Deus a sua ira, acrescentando a esta calamidade sofrida pelos campos outra enviada aos homens, isto é, uma epidemia de sarampo e de varíola, que de tal forma raivou por todo o Brasil, que só na Paraíba morreram 1.100 negros, arrastando muitos os membros debilitados e perdendo quase o uso dos músculos. Com esta dizimação ou quebrantamento dos trabalhadores, cessaram os proventos da lavoura.

De uma safra perdida brotou uma outra de petições de remissões, moratórias, abatimentos de débitos e de títulos. Importava aos credores o concederem-se e afigurava-se de restritíssimo direito o não concederem-se. Pela relevância da matéria, remeteram-se, portanto, cartas aos diretores da Companhia na Holanda, solicitando-lhes que, segundo o seu alvitre, resolvessem o caso. Responderam que, fosse qual fosse o débito, oferecessem os arrematadores das décimas somente a décima parte das que devessem, e segundo diziam eles, era este o costume usado sob o rei, sempre que o valor delas baixasse por força maior.

Já nesta ocasião havia sido transmitido ao Conde o texto do tratado celebrado entre os Estados-Gerais e D. Tristão de Mendonça, embaixador do rei de Portugal. Desde então as partes beligerantes se mostraram mais brandas, e já não se encarniçavam mais contra as lavouras e engenhos. Aplacara-se a luta, mas não havia paz: noutras partes, principalmente no mar, ainda a fortuna da guerra dava pequenas mostras de rancor.

Entretanto o rei de Portugal, duque de Bragança, retardava, em despro-
Recebe o Conde a cópia do tratado firmado entre os Estados-Gerais e D. Tristão de Mendonça veito seu, a ratificação do tratado. Enfim, depois de transcorrer um ano, tiveram os Estados-Gerais conhecimento dela. Enviaram-na logo a Maurício, no Brasil, o qual mandou sem detença anunciá-la solenemente por todo o território do seu governo, rendendo-se antes públicas ações de graças ao Deus principalmente da paz e da concórdia. Partiu para a cidade do Salvador um trombeta que a levasse. Transmitiu a notícia ao Maranhão a nau *Luanda*, que ali encheu de alegria os povos com os termos do armistício. Fez-se a mesma comunicação às costas da África, acolhendo-a com simpatia a Mina, Luanda e a ilha de São Tomé.

Até esta data tem sido nosso, por título incontroverso, tudo quanto ganhámos pelas armas, e as reclamações posteriormente feitas contra atos praticados antes da publicação do armistício foram palavras vãs, porque, naquela fase de uma paz ainda suspensa e duvidosa, vigorava o direito de guerra.

Para conhecerem, leitor, a origem e as fontes de tal controversia, convém, citar, mais a fundo, o tratado entre o rei de Portugal, duque de Bragança, e as Províncias-Unidas. Primeiramente discutido e mais tarde firmado, não somente mitigou a guerra, mas também nos deu ensejos recentes para vitórias nas terras da África e noutros pontos.

Expõem-se as suas causas

Efetivamente, após a defecção da Catalunha, Portugal, agitado por novos levantes, depôs Filipe IV e jurou fidelidade a D. João, duque de Bragança. A conspiração tramada durante muito tempo, irrompeu num só momento, e o furor e a rebelião desencadearam contra os castelhanos os ódios ocultos.

Revolução de Portugal.
1 DE DEZEMBRO
DE 1640

Lisboa, levantando-se, foi cabeça do grande movimento. Atacando-se o paço e afastando-se a duquesa de Mântua, que governava em nome do rei, trucidou-se-lhe o secretário³¹³ como vítima do ódio popular e destituiu-se da autoridade real o antigo senhor. Clamando o que desejavam, pegaram os conjurados em armas e, empregando violência, e tomadas como por um rio de povo as praças de todo o reino, procuraram garantir o novo monarca. Rebentara o incêndio da vingança, encoberto tantos anos, e serviu de ensinar aos príncipes que o medo por eles infundido é o que menos tempo mantém os súditos na obediência.³¹⁴ Oprimidos por esse temor, espiavam os portugueses a ocasião e a fortuna de sacudir o jugo de uma dominação odiada.

A indignação, na corte, dos nobres e poderosos, os conciliábulos, as conspirações trouxeram a adesão do povo ao seu partido.

Queixavam-se, de boca ou por escrito, de que Portugal fora ocupado injustamente por Filipe II e de que só pela tirania era conservado sob o domínio da Espanha, pois os reinos adquiridos por meios maus soem ser governados por outros ainda piores; de que o povo era espoliado e esfolado com excessivas exações; de que eram excluídos das funções públicas os portugueses, dando-se preferência aos castelhanos; de que se desprezava a religião, assim dentro como fora do reino, e finalmente de que se preparava para Portugal a mais desgraçada servidão e todos os extremos do infortúnio. E como se falasse em nome da liberdade, palavra especiosa, fazendo-se impiedosas invectivas contra o rei de Espanha, captaram os rebeldes o favor da plebe, e os de mais pronta audácia mereciam mais fé para a insurreição. Foi escolhido para cabeça do movimento o duque de Bragança, envolvido na velha contenda relativa à sucessão ao trono de Portugal por morte do rei D. Sebastião, trucidado pelos mouros, e do cardeal D. Henrique, seu tio paterno. Eram partes na então famosíssima lide Filipe II, filho de D. Isabel, irmã de D. Henrique e primogênita de D. Manuel, décimo quarto rei de Portugal; D. Manuel, duque de Sabóia, filho de D. Beatriz, segunda filha de D. Manuel; Rainúncio Farnésio, filho de Alexandre, duque de Parma, e de D. Maria, filha de D. Duarte, irmão de D. Henri-

Causas da revolução de Portugal contra Filipe IV

que; D. João, duque de Bragança, em nome de sua mulher D. Catarina, considerada mais próxima do rei Filipe em grau de consangüinidade; D. Antônio, prior do Crato, filho de D. Luís, irmão de D. Henrique, o qual alegava não ser bastardo, conforme acreditava o vulgo, mas nascido de legítimo matrimônio; enfim Catarina de Médicis, viúva de Henrique II, rei de França, a qual fazia remontar a seu direito a Afonso III e à Condessa de Bolonha.³¹⁵ A contestação principal era entre D. Filipe II e D. Catarina de Bragança, em igual grau de parentesco com D. Henrique.³¹⁶

A juízo de muitos, deferia-se o reino a Filipe II, se bem que o favor do povo sustentasse D. Antônio, prior do Crato, filho de D. Luís, irmão do cardeal D. Henrique, o qual foi aclamado em Lisboa pelo partido popular. Mas Filipe II, sem se embaraçar com as opiniões ancípites dos jurisconsultos, nem com a afeição da plebe lusitana a D. Antônio, decidiu o litígio pelas armas. Mandou o Duque de Alba com um exército invadir Portugal e, expulso D. Antônio, que levantava tropas em vão, conteve, por sessenta e quatro anos, o povo em paz, apesar de queixoso. Entretanto, estavam antes sopitados que extintos os ódios, e recrudescendo, depois de tantos lustros, a animosidade da nação portuguesa contra o rei de Castela, destituiu Filipe IV, neto de Filipe II e aclamou soberano D. João, duque de Bragança, neto de D. João de Bragança.³¹⁷ Este, depois de serenarem os primeiros tumultos, entrou a procurar o apoio e o auxílio das nações estrangeiras para firmar o reino. Enviou, pois, embaixadores aos reis da França e da Inglaterra e às Províncias-Unidas, esforçando-se para trazer uns à aliança da guerra contra um inimigo comum, e para provar aos outros as razões que teve para aceitar a realeza.

Veio à Holanda D. Tristão de Mendonça Furtado, um dos principais conjurados contra Filipe IV, e assim como professava a sua fidelidade e amor ao novo soberano, assim também manifestava a confiança que deste merecia e o ódio entranhado que votava ao rei de Castela.

A 1^o de março de 1641, firmando-se o tratado do armistício com os Estados-Gerais, consentiu o embaixador em diversos artigos contra o rei de Castela (já não era próprio chamar-se rei da Espanha, após o desmembramento da Catalunha e de Portugal). Alguns deles foram abrandados na interpretação e outros eliminados. São os seguintes os que importam ao Brasil e à Companhia das Índias Ocidentais:

“I. Durante dez anos, em virtude de concessão dos Estados-Gerais, haverá tréguas nas terras, portos e mares compreendidos nos limites fixados para o comércio da Companhia das Índias Ocidentais. Só entrarão, porém, em vigor seis meses depois de ratificadas pelo rei de Portugal.

“II. Os habitantes e cidadãos das províncias do Brasil Holandês, bem como todos quantos se acham ligados à dita Companhia, qualquer que seja a sua

Artigos das tréguas entre o Duque de Bragança, hoje rei, e os Estados-Gerais no que se refere à Companhia

nacionalidade, condição ou religião, gozarão, em todas as terras pertencentes ao rei de Portugal no continente europeu, do mesmo direito de comércio, das mesmas vantagens e imunidades de que gozarem os demais habitantes das Províncias-Unidas.”

Mendonça pôs somente esta restrição: “contanto que os holandeses não importem para Portugal açúcares, pau-brasil e outras veniagas e produtos próprios do Brasil”.

“III. Enquanto durar o armistício, ficarão os holandeses e portugueses obrigados a prestar-se mútuos auxílios e assistência, onde os reclamarem as circunstâncias e a necessidade.

“IV. Considerar-se-ão hostis a um e outro povo e inimigos seus, sem levar-se em conta nenhuma razão de limites, todos os fortes, cidades, navios e indivíduos que se mantiverem fiéis ao partido do rei de Castela.”

Concordou Mendonça, acrescentando, porém: “com tal que seja previamente avisado o governador do lugar, onde e donde se devesse realizar o feito guerreiro ou praticar ato de violência contra o inimigo”.

“V. Vencidos os contrários ou pelos holandeses ou pelos portugueses, ficarão pertencendo ao vencedor todas as terras por ele conquistadas.

“VI. Pela própria promulgação do armistício, cada um dos povos continuará na posse das cousas ganhas e possuídas antes dele e como as possuía. Dividir-se-ão, porém, entre eles todos os territórios situados entre as fortalezas fronteiriças e adquiridos pelas armas, assim como os povos e colonos respectivos, para que, desta maneira, constem para os holandeses e portugueses os limites do seu império e defesa.

“VII. Todos os bens, anteriormente do domínio privado, que, depois de feita esta divisão de lugares, tocarem a uma das duas partes contratantes, não serão de modo algum restituídos aos seus donos que habitavam o território holandês ou português, se houverem sido por eles abandonados, tendo cada um de se contentar com o que levou consigo em partindo.

“VIII. Entretanto, continuarão pertencendo aos respectivos donos os imóveis que foram sempre ocupados e cultivados por eles ou seus administradores, sendo competente o foro do seu distrito para as questões a eles relativas.

“IX. Cada um dos dois povos poderá exercer livremente o comércio entre os seus, não sendo lícito aos holandeses traficar em terras dos portugueses, nem a estes fazer o mesmo em terras daqueles, salvo se posteriormente aprover às partes o contrário.”

Quis Mendonça que se restringisse este artigo ao Brasil.

“X. Sempre que houver receio de infestarem os castelhanos a navegação para o Brasil, nenhum holandês ou português poderá navegar para ali senão

em navios maiores, esquipados e armados segundo ajuste prévio. Se, porém, quiser alguém transportar para ali mercadorias em navios menores, não lhe será permitido voltar aos portos donde houver partido, e quem fizer o contrário sofrerá a pena de perder a nau e as mercadorias. Aplica-se esta mesma cláusula aos que navegam da África e aos navios negreiros.”

Condoído Mendonça dos portugueses pobres e de fazenda medíocre, pediu a eliminação deste artigo.

“XI. Nem aos portugueses, nem aos holandeses será permitido levar mercadorias ou mantimentos às Índias Castelhanas e aos outros lugares inimigos, sob pena de perderem a nau e as mercadorias, sendo os transportadores tratados como adversários.

“XII. As possessões holandesas e portuguesas na costa da África não precisam de ser delimitadas, sempre que se extremarem pela interposição de regiões de outros povos bárbaros.

“XIII. Será permitido a ambas as partes o comércio nessas mesmas costas da África, na ilha de São Tomé e nas outras. Entretanto, pelo tráfico do ouro, dos escravos e do marfim nas mesmas terras se pagarão ao senhor do lugar os mesmos direitos que os portugueses costumam pagar.”

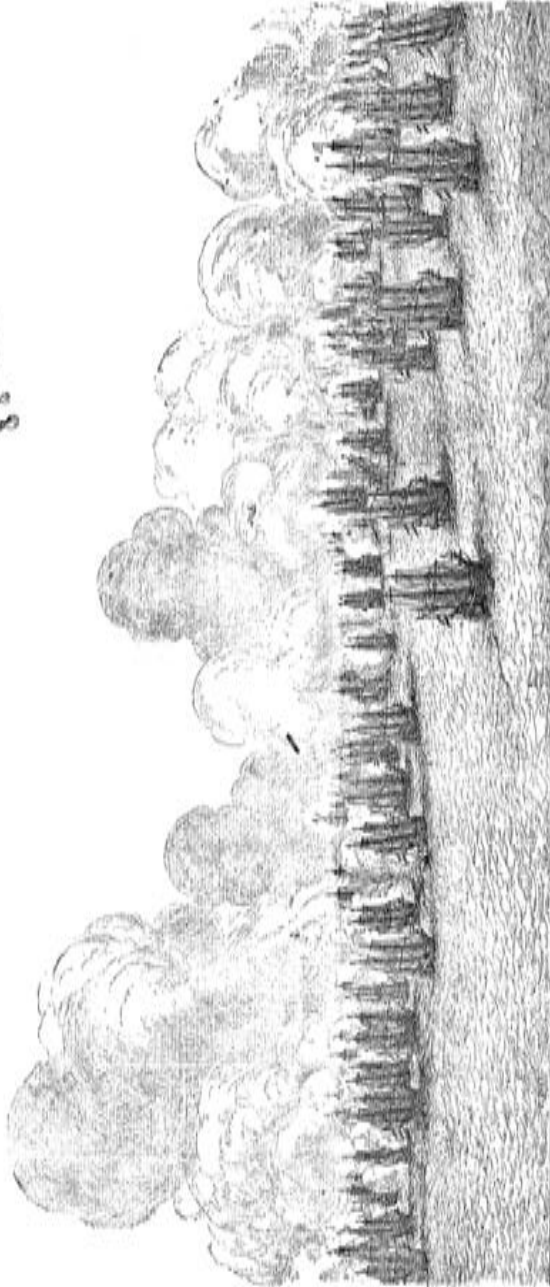
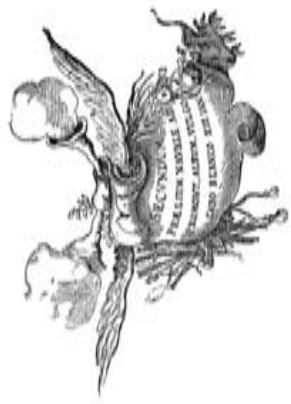
Mendonça pediu que se excluísse a ilha de São Tomé, por estar situada não aquém, mas além da linha equinocial.

“XIV. Tendo a Holanda reduzido a província parte do Brasil, quando os seus habitantes, então súditos do rei de Castela, se reconheciam por inimigos das Províncias-Unidas, assim como os portugueses, ora seus aliados e amigos, não será absolutamente permitido, com o presente conagraçamento, reclamar, por direito de postlimínio ou outro semelhante, as terras e engenhos que os holandeses possuem por compra. Não será também lícito aos súditos da Holanda demandar os portugueses sobre antigos títulos,³¹⁸ nem estes demandar àqueles, tendo cada um direito à posse e gozo dos bens que provar ter possuído desde a publicação das tréguas.

“XV. Para se observar um sistema eqüitativo de comércio entre os súditos portugueses e holandeses, serão iguais para ambas as partes os encargos das mercadorias, tanto das exportadas da Holanda e Portugal para o Brasil, como das importadas daquele país.”

Mendonça, tendo em vista os privilégios outorgados por seu rei aos súditos portugueses, pediu também a eliminação deste artigo.

“XVI. Finalmente, em consequência deste armistício de dez anos, os súditos do rei de Portugal e os das Províncias-Unidas observarão, sem disfarce nem dolo, uma paz recíproca, esquecendo-se das antigas ofensas e de todas as injúrias recebidas de parte a parte.”



A. Prater's wife.
B. Maria's wife.
C. Maria's wife.
D. Prater's wife.
E. Maria's wife.
F. Maria's wife.
G. Maria's wife.
H. Maria's wife.
I. Maria's wife.
J. Maria's wife.
K. Maria's wife.
L. Maria's wife.
M. Maria's wife.
N. Maria's wife.
O. Maria's wife.
P. Maria's wife.
Q. Maria's wife.
R. Maria's wife.
S. Maria's wife.
T. Maria's wife.
U. Maria's wife.
V. Maria's wife.
W. Maria's wife.
X. Maria's wife.
Y. Maria's wife.
Z. Maria's wife.

Chamado o Conselho dos Dezenove a examinar mais a fundo esses artigos, pois a ele compete a direção de tão relevantes interesses, expôs aos Estados-Gerais os seus pontos de vista, a saber:

“I. Ser preferível a paz perpétua a uma temporária, excluindo-se a expectativa de uma nova guerra, pois nunca tinha tido ele controvérsias com o Duque de Bragança.

“II. Não ser permitido aos portugueses importar para a Holanda açúcares, pau-brasil e outras mercadorias brasileiras, uma vez que o embaixador de Portugal suprimira do comércio mútuo a importação dessas veniagas para Portugal, feita pelos holandeses.

“III. Não ser conveniente a cláusula introduzida por Tristão, em virtude da qual se fizesse necessário que, planeando os holandeses ou portugueses, algum ato de hostilidade contra o inimigo, se desse conhecimento disso ao governador do lugar, porquanto com a demora do aviso, poderia escapar a ocasião de se realizar a empresa intentada.

“IV. Não ser admissível a delimitação entre as possessões dos holandeses e portugueses feita outrora por estes, mas sim aquela que deverá ser estabelecida por comum acordo das partes.

“V. Tornar obrigatório por força de lei, emanada dos Estados-Gerais, o porte das naus que cursarem de Portugal para o Brasil e não deixá-lo facultativo e regulado pelas posses dos mercadores, segundo quer Mendonça, a fim de que vasos aparelhados insuficientemente e fracos contra o inimigo não caíam em poder dele.

“VI. Incluir entre as mercadorias que se proibia exportarem-se para as Índias Castelhanas também navios e negros, dos quais mais necessitava o inimigo.

“VII. Ser iníquo privar os holandeses de freqüentar a ilha de São Tomé, porquanto o presente tratado de tréguas se refere à liberdade de comércio limitada pelo trópico de Câncer e o Cabo da Boa Esperança, términos em que está incluída a dita ilha.”

Estas e outras cláusulas, avençadas entre D. Tristão de Mendonça e os Estados-Gerais a respeito do Brasil, tornaram-se para ambas as nações artigos do armistício.

Enquanto não obtém Nassau a sua demissão, mais de uma vez solicita da aos Estados-Gerais, despacha para a Holanda o seu secretário Carlos Tollner, a fim de lhes dar conta da situação e das necessidades do Brasil. Expôs ele que todo o litoral brasileiro, desde o Maranhão, recentemente submetido à Holanda, até o rio Real, se achava em completa paz; que os campos, lavouras, engenhos de açúcar, cidades, vilas e aldeias não eram infestadas por inimigo nenhum; que se restauravam as ruínas e se repa-

Carlos Tollner é mandado pelo Conde à Holanda para expor a situação do Brasil

ravam os estragos produzidos pela guerra, restituindo-se as cousas ao seu primitivo estado e dando-se-lhes em toda a parte melhor aspecto.

Entretanto pedia vênias aos Estados-Gerais para dizer que o Conde inteiramente desaprovava a determinação que recebera da Companhia para diminuir os oficiais mais graduados e reduzir o número dos militares. Partira aquilo de um desejo de intempestiva economia, mas seria danoso à República, por causa das ocultas maquinações dos portugueses e do amor que dedicavam ao seu rei, já nacional. Este haveria de aproveitar, com a maior avidez, as ocasiões de recuperar as suas perdas, principalmente as recentes conquistas feitas pela Holanda no Maranhão e na África, enquanto se demorava a promulgação do armistício.

De uma carta do Marquês de Montalvão, ex-vice-rei do Brasil, ao Conde, assim como das que certo capitão, enviado ao Brasil pelo rei de Portugal, entregara ao mesmo Conde e ao Supremo Conselho, se patenteia quanto aquele monarca traz esses prejuízos no pensamento. Portugal era infensíssimo aos holandeses, dizia ele, por causa da expulsão dos jesuítas e dos frades, tendo-se deixado para administrarem o culto alguns sacerdotes, vergonha do clero, os quais sacrificam mais à gula que ao altar. Numerosos portugueses, obrigados à Companhia e a cidadãos holandeses por vultosas dívidas, espreitavam ansiosamente perturbações da ordem, e provaram quanto desejam a nossa ruína, quando estava para chegar a última armada espanhola. Os judeus, por índole sempre inclinados à revolta, não são de mais sólida fidelidade. Afirmava ainda Tollner que diversos comandantes, ressentidos com a notícia dessa decisão sobre o seu licenciamento, quebraram os laços de fidelidade à Companhia e partiram para Portugal, a fim de militarem sob a bandeira real, pois julgavam indigno pagarem-se-lhes com tal destituição as suas canseiras e o seu sangue derramado. Alquebrados e exauridos, eram recompensados com o desprezo e o desamparo.

Diante disso, estava o Conde na firme opinião de que, em razão do recente armistício, não conviria ainda mudar a organização da milícia, nem destituir das honras militares os comandantes beneméritos, que se distinguiram na guerra pela sua lealdade. Cassá-las logo seria ato de quem quisesse apressar motins civis e militares. Eram-lhe, pois, ingratas as ordens que tivessem de cumprir-se, magoando os soldados e os cidadãos. Deviam os portugueses ser afagados e atraídos com benefícios, e não ser tratados com desdém; era necessário satisfazer, escrupulosamente, a promessa da liberdade do culto, e, além disso, estimular com certos títulos pomposos a um povo que se incha com o fausto. Para a prosperidade da Companhia nada se requeria tanto quanto a moderação e a brandura. As mais das vezes aplacam-se com remédios brandos aqueles que resistem pertinazes à violência. Um dos pontos capitais da administração do Brasil é que sejam perpétuos e não anuais os seus diretores, visto como

O Conde desaconselha uma súbita mudança na milícia

Avisa que se devem tratar brandamente os portugueses e cumprir as promessas feitas

Não aprova os diretores anuais

os sucessores deles, assumindo a governança de um país desconhecido, continuariam a imperícia dos antecessores e tomariam resoluções contrárias às destes e menos salutareas e adaptadas às circunstâncias. Assim, entre essas deliberações de contínuo interrompidas e esses planos intervalados, perdiam-se ótimas ocasiões, e ficavam suspensas pelos sufrágios incertos e discrepantes de vários indivíduos empresas da máxima relevância.

Com grande firmeza declarou Tollner que tinham sido feitas pelo Conde reiteradas reclamações concernentes à carestia do mantimento e que, não se providenciando em tempo, o Brasil ia passar fome e tudo se perderia. Com atestados médicos provou que muitos óbitos se verificaram por falta de medicamentos, e mostrou que as terras recentemente conquistadas do Sergipe, Angola, ilha de São Tomé e Maranhão consumiam os celeiros do Brasil, e concluiu dizendo que os sucessos infelizes ocorridos em várias partes eram injustamente lançados ao Conde, quando deviam ser imputados não a ele, mas a outros.

Apresentou o mesmo Tollner a seguinte resenha do exército distribuído Situação da milícia pelo Brasil e pela África: Ao Sergipe d'el-Rei deram-se 3 companhias; ao Forte de Maurício, às margens do São Francisco, 4; às Alagoas, 2; a Ipojuca, 2; ao forte de Santo Antônio, 1; ao de van der Dussen, 1; ao de Muribeca, 1; para defesa do forte do Príncipe Guilherme, 2; para a do forte de Frederico Henrique, 1; a Mauriciópole, o corpo da guarda do Conde, com cerca de 300 homens; ao forte de Ernesto e o das Três Pontas (Wardenburch), 1 para os dois; ao Recife, ao forte do Brum, ao castelo da costa, a Olinda, Iguaraçu, a Itamaracá junto com o forte de Orange, a Fredericópole, 1 para cada um, 4 companhias defendiam o forte de Margarida, a barra do norte e a Restinga. O forte de Ceulen no Rio Grande e o Ceará tinham 1 para cada um; 4 foram acantonadas na cidade de São Luís, no Maranhão, e 1 no fortim do Itapicuru. No reino de Angola, o tenente-coronel Hinderson domina a cidade de Luanda e a fortaleza de Benguela com 10 companhias. Na ilha de São Tomé, 4 guarneciam a cidade, bem como o forte de São Sebastião. Assim, avaliava-se todo o efetivo do exército em 4.843 homens.

Disse Tollner que esse contingente se reduzia diariamente por morte de uns, por partida e baixa de outros, e por isso pediu instantemente, de ordem do Conde, reforços militares e abastecimento mais liberal, se não queriam que a República fosse arrastada à ruína. Os soldados dariam a ela movimento, e as vitualhas alma. Sem isso, nem poderia o Conde vencer, nem viver com os seus. Faltando um ou outro desses elementos, não poderia subsistir nem a segurança, nem a glória da República.

A carta de D. Jorge de Mascarenhas, marquês de Montalvão e vice-rei do Brasil, à qual me referi mais atrás, lisonjeira nuns pontos, tímida em outros, era desta substância:

“Depois de ter desempenhado no Brasil o cargo de vice-rei, gozava de influência na corte e lograra o valimento do soberano. Era consultado nos negócios mais importantes relativos às rendas e às armadas do rei, sendo admitido aos mais íntimos conselhos,³¹⁹ e o que era o principal, merecera o título de Vice-governador da Nobreza de Portugal, sob o príncipe herdeiro. Ser-lhe-ia gratíssimo saber que eram prósperas e ótimas as condições do Conde.

Carta ao Conde do vice-rei marquês de Montalvão, na qual de queixa da violência feita contra a África e o Maranhão

O seu rei sentira vivamente a violência praticada pelos holandeses na África e no Maranhão, no momento em que negociava com as Províncias-Unidas um tratado de paz e em que conseguira do rei da França e dos Estados-Gerais frotas auxiliares contra o rei de Castela. Estava plenamente convencido de que a casa de Nassau e o descendente conceituadíssimo de tão ilustre família não tinham culpa de ação tão odiosa e de audácia tão improba, pois ele Nassau deveria julgar a sua inclita prosápia não um penhor de violência e de injustiça, mas de justiça. Cabia-lhe, pois, aconselhar aos Estados-Gerais e ao chefe da empresa Hinderson a restituição do que arrebataram injustamente, se não quisessem fosse também rescindido pelo rei o pacto de tréguas. Não devem condescender com as demasias dos soldados os grandes generais, que aspiram à suprema honra da milícia, que buscam fama na inteireza de um ânimo generoso e que abominam a barbaria de uma soldadesca rapinadora. A melhor regra é a abstenção da guerra injusta e a diligente conservação das vantagens da paz. O maior desejo do rei era que o Conde tivesse sob o seu comando a maior parte do exército real. Quando, porém, conversava Montalvão com o monarca sobre tal assunto e mostrava sua opinião favorável perturbou o que começara a superveniente notícia da ocupação de Angola pelos holandeses. Não desistiria, contudo, daquilo, enquanto não soubesse do Conde todo o ocorrido. O reino de Portugal achava-se forte pelo seu exército, as fortalezas fronteiriças providas de guarnições, e pelos seus conselhos renovava-se a marinha, e outras cousas deste teor.” Eram quase iguais a estas as que escrevera o capitão Antônio Fonseca Dornelas, enviado ao Conde pelo rei.

Empenhado Maurício em promover os interesses da Companhia, foi seu primeiro cuidado, ao descansar da guerra, revistar o exército do Brasil e reduzir o recrutamento e o efetivo militar, para de algum modo aliviar o Tesouro do peso dos estipêndios. Tomou-se, porém, essa providência com tal circunspeção que se resguardou o sertão contra os latrocínios dos malfeitores e devastadores. Em segundo lugar, dispensando-se os empregados da Companhia e do governo do Brasil, cada um trataria dos seus interesses particulares. Não se pôde, porém, fazer isso imediatamente, em atenção à míngua pública e para não se privarem os diretores de todo o auxílio, pois ainda não se tinham apagado dos ânimos as astutas e pérfidas maquinacões dos portugueses.

Maurício, ao iniciarem-se as tréguas, reduz o censo militar

Parecia assaz proveitoso para a consolidação do império estabelecerem-se colônias por toda a parte, não se defendendo o Brasil somente com as guarnições e o temor, mas com a fidelidade dos súditos. Para se atraírem novos colonos, conceder-se-ia aos casados isenção da décimas por sete anos, e, decorri-

dos estes, acrescentar-se-ia um ano de semelhante concessão para cada um dos filhos. Receava, porém, o Conde as reclamações daqueles que exploravam engenhos (permita-se-me conservar esta palavra espanhola, ainda mesmo expulsos os espanhóis), daqueles por cujos labores tinha até então prosperado o comércio, daqueles cuja lealdade tinha ele experimentado. Alguns se tinham vinculado por matrimônio à nação holandesa e haviam sofrido as asperezas da guerra. Parecia iniquíssimo conceder tal favor aos novos habitantes e negá-lo aos antigos, e por isso reservou-se esta medida para mais refletido exame.

Vendem-se terras de
lavoura em benefício
da Companhia Obtida a segurança dos campos, houve interesse pela agricultura, e enfiteuticaram-se terras lavradas, cobrando-se módico foro para a Companhia.

Por outro lado, não se descurou, onde necessário, a fortificação das praças, mas, empregando o Conde nestas obras os soldados já sem serviço, não os deixou inertes em proveito deles próprios e da Companhia.

O Conde mostra
moderação Dera esta ao Conde instruções para restringir assaz o culto papista, e todos os predicantes da Igreja reformada insistiam tenazmente com ele sobre tal questão, isto é, sobre o próprio interesse deles. O Conde, porém, receoso de suscitar, por falta de confiança nos portugueses presentes, novos motins, manteve o meio-termo entre uma liberdade infrene e aquela compressão das consciências, e temperou com prudente brandura as ordens recebidas, de modo que nem ofendesse os correligionários, nem se malquistasse com os do credo diverso. Declarou, além disso, aos diretores ser tal o espírito e pertinácia dos portugueses que só se estabeleceriam onde soasse a voz dos seus sacerdotes; terem apelado para as cláusulas da capitulação e para a liberdade do culto público outrora prometida, e não haver sido então intuito das partes circunscrever-se na liberdade doméstica o exercício do culto, mas ser ele público, qual era no tempo do rei. Concedeu-se à província do Maranhão, recentemente submetida ao nosso poder, essa liberdade, devida em virtude do que dispõe o artigo 26 do Tratado das Tréguas, proibindo Nassau, depois de se terem reduzido ali as guarnições, que, por intempestiva restrição religiosa, se abalasse uma conquista tão firme.

Importava não pouco ao zelo da piedade e à propagação da religião cristã reformada uma solícita educação da infância e a fundação de escolas por toda a parte, para inculcar nos bárbaros os preceitos da nossa fé e formá-los para um culto melhor. Quando já se achava pacificada a República, cuidaram disso com diligência, a mandado do Conde, as assembléias dos predicantes, isto é, as classes e os sínodos. Na verdade, era justo gozarem então os nossos súditos das salutares vantagens de uma piedosa tranqüila, com se espalharem pelo território holandês, após as fadigas da guerra, esses mensageiros da paz.

Maurício obrigou a novo juramento de fidelidade todos os estrangeiros que procuravam estabelecer-se nos domínios do Brasil batavo. Julgou, porém, tentame capaz de provocar tumultos sujeitar a novo juramento os portugueses que já tinham prometido fidelidade.

Regulou também o valor da moeda, o que não é dos últimos ^{Regula o valor da moeda} interesses de uma república, porque, variando ele, não só oscila ao alvedrio do povo o preço das cousas, mas também fica incerta a estimação dos haveres. Aos portugueses seus subordinados mostrou a humanidade e equidade que em geral se exige de cada um, e tanto mais quanto o agravo ou benefício feito a muitos é mais sensível. Nada queria tirar aos vencidos senão a possibilidade de causarem dano, porque se devem fazer as guerras para, sem opressão, viver-se em paz. Conquanto se possam privar os vencidos de toda a faculdade de se governarem, todavia permitiu aos portugueses seguir, nas relações privadas e nas públicas de menor importância, as suas próprias leis, costumes e juízes. Quis que nessa indulgência entrasse o exercício da religião, o qual não deve ser tolhido senão por meios suasórios, porque tal procedimento não somente é grato aos vencidos, mas também inócio aos vencedores. Desvelou-se, entretanto, em não ser a religião verdadeira oprimida pela errônea, o que antigamente fez também Constantino, depois de triunfar do partido de Licínio, e, após ele, os reis francos e outros. E com tal clemência e benignidade tratou Nassau os portugueses que quis se associassem e confundissem os interesses deles com os dos holandeses, como se fossem uma só nação, nada tendo distinto e exclusivo senão a religião. Se alguém os agravasse ou tratasse com dureza, ele se mostrava um defensor severo, por ser igual o direito entre vencidos e vencedores. Reputava, com efeito, mais seguro fazer amigos do que escravos, e governar antes os que aceitavam de bom grado a sua autoridade do que os coagidos a isso.

Quando já estava o governo do Brasil organizado ^{O Conde pede novamente a sua demissão} com ótimas leis, Nassau, cuja governança devia durar um quinquênio, pediu de novo a sua exoneração. Já o fizera antes, esperando ocasiões de prestar na Holanda maiores serviços à República. Os Estados-Gerais e o Conselho dos Dezenove, porém, negaram várias vezes a demissão pedida, porque Nassau, tornando conhecido o seu nome através do Brasil e das nações vizinhas, já era poderoso e inspirava terror aos estrangeiros, amor aos súditos e admiração a todos. Ninguém melhor que o Conde sustentaria aos ombros assim a boa fortuna dos súditos como o acatamento prestado ao governo brasileiro. Depois de engrandecido o Brasil e ampliadas as suas fronteiras, não querendo contrariar o desejo de um espírito que tinha mais altos desígnios, ^{Consegue-a enfim} concederam enfim a exoneração solicitada. Mas todos os conselheiros que tinham de ficar à frente da administração do Brasil haviam aconselhado antes aos Estados-Gerais e aos diretores da Companhia que prorrogassem a governança

Os conselheiros do Brasil insistem na permanência dele de Nassau. Tinham-lhes escrito à porfia: *“Tendo cessado naquele momento as hostilidades, eram de temer os perigos do ócio, por se inclinar o ânimo dos habitantes à sedição, às carnificinas, a todas as violências e agravos. Guardava as praças e cidades situadas ao longe uma soldadesca de nações e línguas diversas, e toda essa gente inquieta não se mantinha facilmente no dever, senão pela autoridade do Conde, que a tinha penhorado com muitos benefícios. Pela sua afabilidade, cortesia, e benevolência, tinha ele captado a estima de todos. Um novo governador talvez fosse odiado por excessiva cobiça, ou soberbo com a excelência de sua família, ou desdenhado pela obscuridade desta. Nassau assumira o governo do Brasil, conhecendo a política e a milícia. Tinha notícia cabal das terras inimigas, da sua força, das suas pretensões, dos seus aprestos. Dever-se-ia recear a ruína certíssima da república, se fosse entregue a um Faetonte³²⁰ imperito. Toda a grandeza dela seria destruída se este Atlas não impedisse o desmoronamento do Estado. Tinha ele de avir-se no Brasil com holandeses, judeus e portugueses. Os holandeses estavam queixosos dos diretores da sua nação, e eram considerados mais difíceis e refractários para suportar encargos. Os judeus, gente volúvel uma vez que não se lhe impedisse o culto, seguiam qualquer partido. Os portugueses desprezavam a autoridade dos vencedores, tinham-se acostumado com as leis da sua nação e onde podiam solapavam a estabilidade presente da república com os seus clandestinos manejos. Os endividados julgavam necessário arruinar-se a República e, além disso, animados pela rei e ofendidos com as novas restrições do culto divino, buscavam matéria para revelarem a sua malignidade. Somente Nassau, governador venerável pela glória incontestada de seus maiores, illustre pelo fulgor de suas virtudes e das ações praticadas no Brasil e noutras partes, poderia dar remédio a todos aqueles males.”*

Estas alegações elevaram perante os altos poderes das Províncias-Unidas o conceito e o prestígio do grande Conde, de sorte que, antes de lhe darem a demissão, haviam conseguido dele mais longa permanência no cargo.

Ao iniciarem-se as tréguas, foram a Pernambuco o sargento-mor André Vidal e Pacheco vêm a Pernambuco Vidal e o capitão Manuel Pacheco, providos de instruções do seu novo governador, Antônio Teles da Silva. Conversaram com os seus sobre o comércio de Angola e do Brasil e levaram as respostas do Conde e do Conselho. Eram bastante sóbrias e restritas, porque os diretores da Companhia tinham reclamado para si a administração de Angola.

Neste meio-tempo, notícias de acontecimentos adversos vieram inquietar o governo de Pernambuco, mostrando a pouca firmeza da tranquilidade alcançada. Tinha-se informado com certeza que o Maranhão sacudira o nosso jugo; que portugueses e brasileiros, mancomunados para tamanho crime, tinham trucidado, com abominável ousadia, os soldados holandeses, que nada esperavam, e, ocupando o forte do Calvário às margens do Itapicuru, sitiavam a cidade de São Luís, onde praticavam todas as violências da guerra; que os sitiados necessitavam de socorro imediato, porque, vencida a cidade, periclitaria a província. Os governadores de Pernambuco, que tudo vêem e arrostam, logo

mandaram para lá, com trezentos soldados e duzentos índios conscritos no Ceará, o tenente-coronel Hinderson, para que, subjugados os cabeças da rebelião, restabelecesse ele a ordem e fizesse voltar o amor da obediência.

Atacando o inimigo com essa força, expulsou-o da sua trincheira, mas, quando investiu o reduto maior, foi coagido, após acesa refrega, a bater em retirada, indo acampar ali perto. Os inimigos, por terem morrido os primeiros dos seus, saíram da ilha durante a noite inteira, e assentaram os arraiais no continente, à beira do rio, no lugar onde as gargantas dos montes fechavam as entradas. O exército deles compunha-se de setecentos homens, entre portugueses e mestiços, e mais três mil índios. Além disso, esperavam-se do Grão-Pará poderosos reforços, de sorte que ruiam toda a esperança dos proventos e rendas daquela capitania, se não se tratasse de recuperar as perdas com maior mobilização. Mas Pernambuco, passando falta de tudo, confessava-se fraco para tal fim.

Lançava-se a culpa desses infaustos acontecimentos ao governador do Maranhão. Conhecido pela sua intemperança, cúmulo de vícios, provocara, com o procedimento fero e desumano, indivíduos quietos a irar-se contra os holandeses e vingar-se deles. Um parente seu e secretário, Guilherme Negenton, desembarcou da ilha no continente, por vergonhosa malvadez, vinte e quatro portugueses, alheios de qualquer suspeita de perfídia, os quais a crueldade dos tapuias antropófagos, pelo ódio votado à nação deles, logo chacinou. Negenton, preso e encarcerado por esse crime, ficou aguardando o castigo da justiça.

Por essa época planeava Maurício nova façanha Maurício projeta contra a cidade de Buenos Aires uma expedição comandada por Lichthart contra as terras situadas ao sul do Brasil, contra a cidade de Buenos Alres, quer dizer de bom ar e de bom clima, situada às margens do rio da Prata, pois dela se pode ir, em viagem terrestre pelo interior, ao Peru, donde se costuma transportar para ela muita prata, que dali segue para o Brasil e, através do mar Etiópico, para Angola. Se conseguisse a Companhia assenhorear-se da dita cidade, poderia chamar a si o tráfico dos negros de que têm os peruanos necessidade, quando impedida a importação deles pelo Panamá e Nova Espanha.

Foi a empresa confiada a Lichthart, auxiliado pelos conselheiros Nunin Olferd e Baltasar van Voorden. Reuniu-se o maior número possível de naus grandes e pequenas, e o capitão da guarda do Conde, coronel Henrique van Hauss, comandaria um exército de oitocentos homens.

Quando se ocupava o Conde com estes aprestos, eis Notícia da rebelião dos portugueses na ilha de São Tomé, na África que, com maus agoiros, foi informado de que duas naus expedidas de Portugal tinham desembarcado forças na ilha de São Tomé; de que os naturais, estimulados com a chegada delas e na esperança de recuperarem a antiga dominação e vingarem-se dos holandeses, haviam expulsado da cidade, sob o comando de Lourenço Pires, as nossas guarnições, restando-nos só a fortaleza. E

temia-se que os portugueses se atrevessem a façanha semelhante no reino de Angola e no Sergipe d'el-Rei, alastrando-se os exemplos sediciosos. Estava como governador da ilha de São Tomé João Triest, homem de nascimento e nome obscuro, de sorte que, vacilando ali o domínio batavo, parecia ele antes perdê-lo que firmá-lo. Tão estreito sítio tinham os portugueses posto à fortaleza que os sitiados, sem água, apenas com súplicas a conseguiram dos sitiantes. Muitos deles bandearam-se aos magotes com o inimigo, e assim nenhuma estabilidade e firmeza temos que esperar ali.

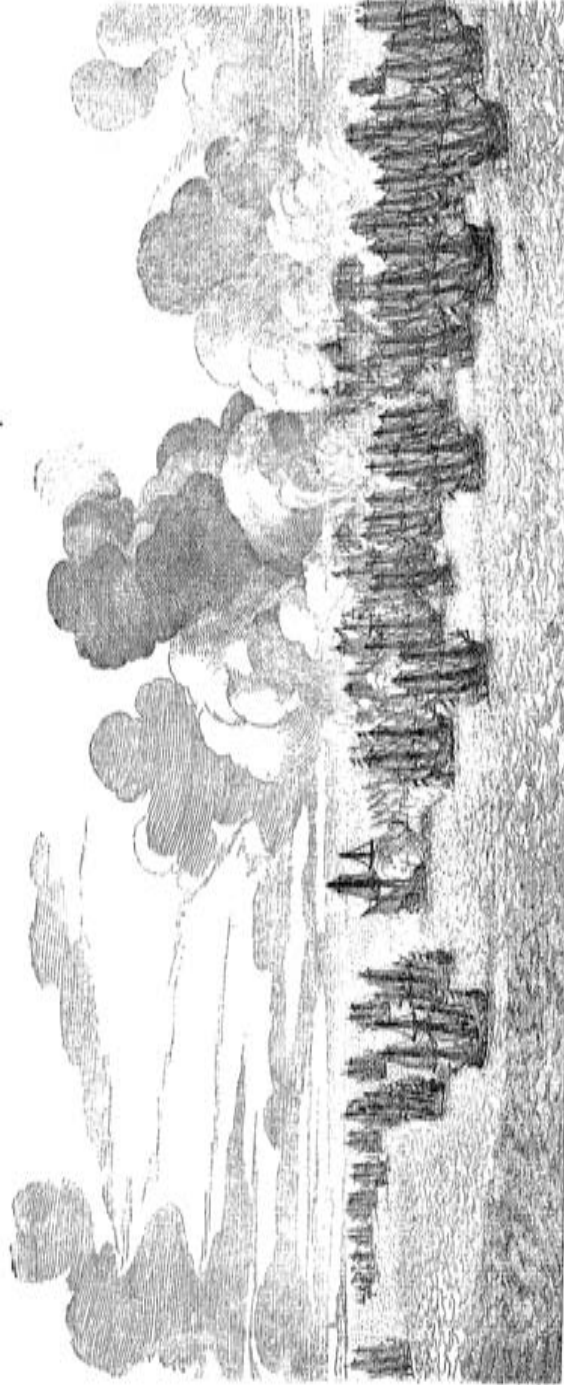
Estes sucessos e a expedição contra o Chile, confiada ao almirante Brauer, modificaram os projetos de Nassau, porque a Brauer foram cedidas naus de guerra, algumas centenas de soldados e marinheiros e provisões bastantes para quinze meses. E, apesar de terem os diretores da Companhia atribuído a si a administração da ilha de São Tomé, ainda assim, pela tardança com que poderiam ter notícia dos fatos ali desenrolados, causada pela distância e pelo inverno, prouve ao governo de Pernambuco, para a República não sofrer detrimento, mandar naus em socorro, capitaneadas por Adão Tessmar, homem idôneo para aquele comando. Além disso, escreveu-se aos angolenses que se acautelassem contra a aleivosia dos portugueses, os quais não se deviam ter por amigos, mas por inimigos ocultos, capazes de ousar tudo, em achando instigadores. Já tinham, com efeito, provado manifestamente que nenhum caso faziam do tratado concluído com o rei. Era recente a carnificina do Maranhão, e a rebelião de São Tomé fora excitada pelo próprio Portugal, donde se haviam expedido soldados para tentar a sedição. Para a revolta não faltavam pretextos e justificativas, porquanto poderia reclamar-se com igual direito o que havíamos tomado durante as tréguas. Essa audácia dos seus patrícios dava coragem aos portugueses do Brasil, e soltavam-se publicamente palavras violentas e sediciosas, de sorte que o Conde julgou necessário desarmar os turbulentos em todas as províncias. Para esse fim foi às regiões do Camaragibe, Porto Calvo, Una e Serinhaém André Filtz, ex-diretor ali; a Ipojuca e Muribeca, Nunin Olferd; a Goiana, Iguaraçu, Itamaracá e terras vizinhas, Baltasar van Voorden; à Paraíba e ao Rio Grande, Gisberto Witt; à Várzea e aos distritos de Santo Amaro e São Lourenço quem o Supremo Conselho escolhesse; aos povos do São Francisco foi enviado o major Cray. Todos eles cumpriram com diligência as ordens.

Resolveu-se também destruir os quilombos dos Palmares, para onde se dirigia uma aluvião de salteadores e escravos fugidos, ligados numa sociedade de latrocínios e rapinas, os quais eram dali mandados às Alagoas para infestarem as lavouras.

Os Palmares são povoações e comunidades de negros.³²¹ Há dois desses quilombos: os Palmares grandes e os Palmares pequenos. estes são escondidos no meio das matas, às margens do rio

Plano de se destruir os Palmares

Descrição dos Palmares grandes e pequenos



- A. *Paedera scabra.*
- B. *Neria scabra.*
- C. *Maculatus scabra in arena laevissima.*
- D. *Oncom fuscum Zanzibar.*
- E. *Calceum Mygale.*
- F. *Stygen. Paedera.*
- G. *Paedera scabra.*
- H. *Stygen. Mygale.*
- I. *Stygen. Mygale.*
- J. *Calceum in arena laevissima.*

Gungouí, afluente do célebre Paraíba. Distam de Alagoas vinte léguas e da Paraíba, para o norte, seis. Conforme se diz, contam seis mil habitantes, vivendo em choças numerosas, mas de construção ligeira, feitas de ramos e capim. Por trás dessas habitações há hortas e palmares.

Imitam a religião dos portugueses, assim como o seu modo de governar: àquela presidem os seus sacerdotes, e ao governo os seus juizes. Qualquer escravo que leva de outro lugar um negro cativo fica alforriado; mas consideram-se emancipados todos quantos espontaneamente querem ser recebidos na sociedade.

As produções da terra são os frutos das palmeiras, feijões, batatas-doces, mandioca, milho, cana-de-açúcar. Por outro lado, o rio setentrional das Alagoas fornece peixes com fartura. Deleitam-se aqueles negros com a carne de animais silvestres, por não terem a dos domésticos. Duas vezes por ano, faz-se o plantio e a colheita do milho. Colhido este, descansam quatorze dias, entregando-se soltamente ao prazer. A esses palmares se vai margeando a Alagoa do Norte. Certo Bartolomeu Lintz vivera entre eles para que, depois de ficar-lhes conhecendo os lugares e o modo de vida, atraísse os antigos companheiros e servisse de chefe da presente expedição.

Os chamados Palmares Grandes, à raiz da serra Behé, distam trinta léguas de Santo Amaro. São habitados por cerca de 5.000 negros, que se estabeleceram nos vales. Moram em casas esparsas, por eles construídas nas próprias entradas das matas, onde há portas escusas, que, em casos duvidosos, lhes dão caminho, cortado através das brenhas, para fugirem e se esconderem. Cautos e suspicazes, examinam por espias se o inimigo se aproxima. Passam o dia na caça, e, ao entardecer, voltam para casa e se inquietam com os ausentes. Espalhando primeiro vigias, prolongam uma dança até a meia-noite e com tanto estrépito batem com os pés no chão que se pode ouvir de longe. Dão ao sono o resto da noite e dormem até às 9 ou 10 horas da manhã. O caminho destes Palmares é do lado das Alagoas. Encarregara-se um tal Magalhães, morador nas Alagoas, de comandar uma expedição contra estes Palmares, mas deveria ser tentada só em setembro, porque, adiantando-se o estio, há falta de água. Assim, calcularam os holandeses que poderiam subjugar aquelas populações com uma força de 300 soldados, armados de mosquetes e espingardas, 100 mulatos e 700 índios guerreando com as suas próprias armas. Os petrechos bélicos eram machados, enxadas, bipes, facões, que serviriam de abrir e aplanar os caminhos, fora os instrumentos empregados nas nossas guerras. Prometiam-se recompensas aos índios, único meio de animá-los para o perigo. Entretanto, a rebelião de São Tomé e os apertos de Brauer, que ia partir para o Chile, fez fracassar esta expedição traçada pelo Conde e pelo Conselho.

Surgindo questões no reino de Angola entre o rei do Congo e o conde do Sonho, recorreram a Maurício, a quem se apresentou uma carta do rei e diversos negros como presente à Companhia.

O rei do Congo e o Conde do Sonho escrevem a Maurício. Embaixadores que o último lhe envia

As dádivas feitas a Nassau foram duzentos negros, um colar e uma bacia de ouro. Pouco depois chegaram três embaixadores do conde do Sonho, um dos quais seguiu para a Holanda a fim de falar com S. A. o Príncipe de Orange, e os outros dois foram pedir ao Conde João Maurício que não mandasse reforços ao rei do Congo. Não se recusou Nassau, mas, em carta dirigida aos diretores holandeses de Angola, procurou serenar e não fomentar aquelas guerras e contendas daqueles chefes, por serem ambos aliados dos holandeses. Responderam-lhe os diretores que, achando-se em Luanda, caíram-lhes por acaso nas mãos cartas assinadas pelo governador português e pelo bispo, nas quais se manifestava o oculto e criminoso plano de expulsar dos seus reinos o rei do Congo, o que fora assentado por eles antes de ocupada Luanda pelos nossos. Portanto, depois de cortesmente recebidos pelo Conde, tornaram para a pátria os embaixadores do rei do Congo, com cartas e presentes para ele, a fim de lhe revelarem aquela nova. Esses presentes consistiam num manto comprido, todo de seda, com fímbrias de ouro e de prata, uma banda, um gibão de cetim, um chapéu de pele de castor, com um cordão entretecido de ouro e de prata. Acrescentou o Conde como dádiva sua um alfanje tauxiado de prata com o respectivo talim.

Ao conde do Sonho foi oferecida uma cadeira estofada de cetim vermelho, com franjas de ouro e prata; um manto muito comprido de cetim variegado, uma túnica de veludo e também um chapéu de pele de castor. Segunda vez o rei do Congo e o duque de Bamba dirigem-se por dois embaixadores a Nassau, que, julgando conveniente cair-lhes em graça com algum serviço, os acolheu a expensas públicas e deles se despediu, quando estavam de partida para a Holanda, onde apresentaram ao Príncipe de Orange uma carta do seu rei e outras aos diretores da Companhia. Eram eles de compleição robusta e sadia, rosto negro, muito ágeis de membros, que ungiam para maior facilidade de movimento. Vimo-lhes as danças originais, os saltos, os temíveis floreios de espadas, o cintilar dos olhos simulando ira contra o inimigo. Vimos também a cena em que representavam o seu rei sentado no sólio e testemunhando a majestade por um silêncio pertinaz. Depois vimos a cena dos embaixadores vindos do estrangeiro e adorando ao rei, conforme o cerimonial usado entre suas nações, as suas posturas, a imitação das suas cortesias e mostras de acatamento, cousas que, para divertimento dos nossos, exibiam, um tanto alegres depois de beberem.

Outros embaixadores vão ao Brasil e dali partem para a Holanda

Descrição dos embaixadores congos

O reino do Congo é vasto e poderoso. Estende-se do cabo de Santa Catarina para o sul até o cabo Ledo. Seu principal

Reino do Congo

O rio do Zaire

rio é o Zaire, que, em certos trechos, tem cinco milhas de largo. Despeja no Oceano Etiópico tamanha massa de água que elas se conservam doces numa extensão de várias léguas. Na foz do rio existem umas ilhas, que o rei do Congo rege por intermédio de vice-reis. Da árvore *Licondo* fazem barcas, que comportam duzentas pessoas. Apanham crocodilos, hipopótamos e o peixe chamado *Ambize angulo*, de 500 libras e de excelente sabor, o qual são os pescadores obrigados a reservar, não para si, mas para o rei.

A cidade real do Congo está edificada às margens do rio Letuna. Cidade do Congo cam-se ali conchas que servem de dinheiro. Possui o Congo uma árvore, *Enседа*, cujos ramos, caindo ao chão em filamentos, dão filhos e arborescem com admirável fecundidade para propagar-se. São seis as províncias do reino: *Bamba, Sonbo, Sondí, Fungo, Bata e Bembe*. Bamba na costa é regida por vários governadores, aos quais intitulam *Mani Bamba, Mani Loanda, Mani Coanza*.

São os naturais de estatura assaz elevada, de uma robustez de gladiadores e de vigorosa musculatura. Cingem espadas parecidas com as espadas suíças, as quais compram aos portugueses. Para eles não é nada cortarem um homem com um só golpe, nem deceparem a cabeça de um boi. Alguns há que carregam fardos de 325 libras. Fazem para si colares de caudas de elefantes. Armam para a milícia muitos milhares de homens tais.

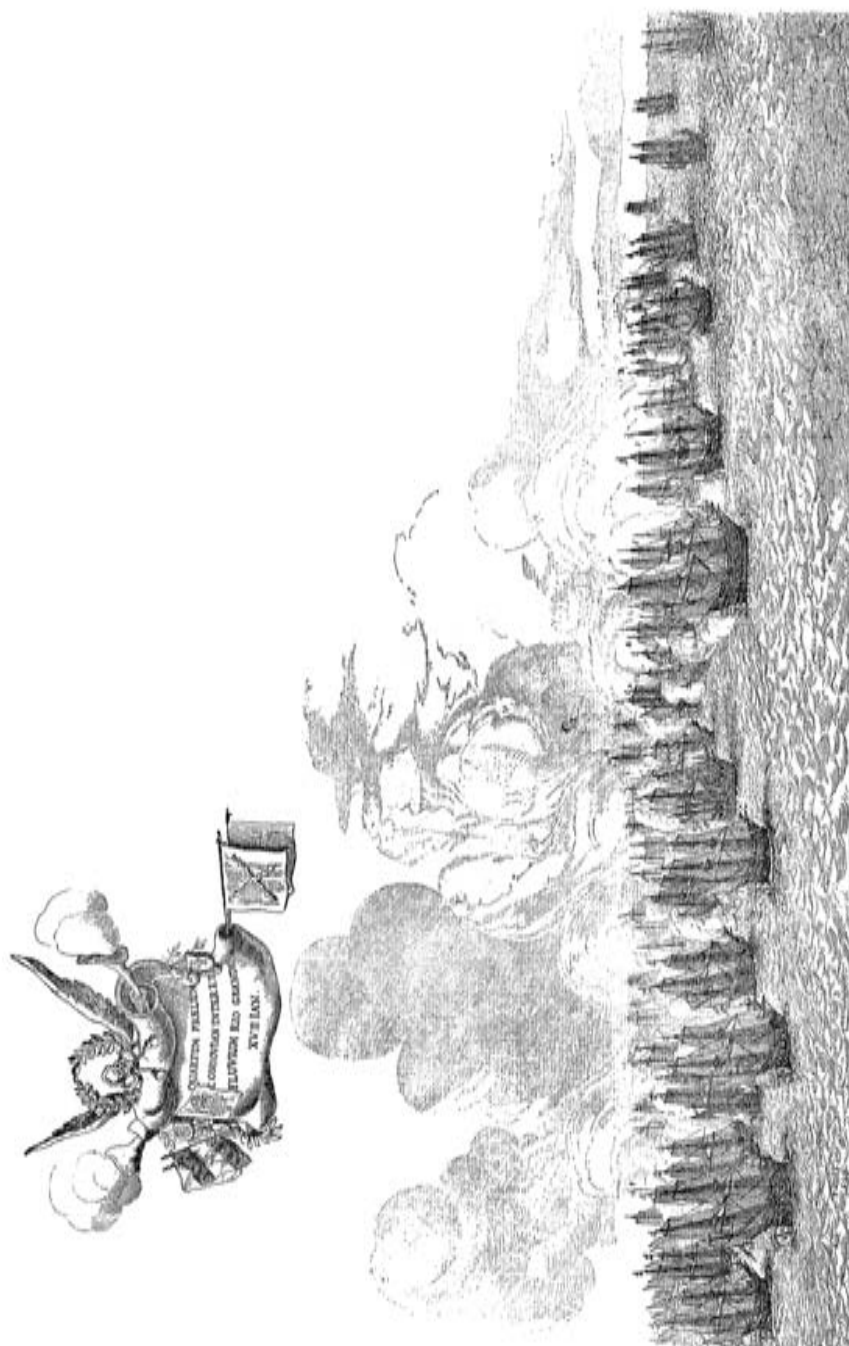
Sonho é às margens do rio Zaire. É abundante de elefantes, macacos, tigres, almiscareiros, víboras e todo o gênero de aves, principalmente papagaios verdes e cinzentos. A capital é *Sonso* ou *Sanga*.

Sondí estende-se desde a cidade do Congo até o rio Zaire. É abundante de metais, salientando-se o ferro, do qual forjam espadas, facas e armas. Possui a região zibelinas, martas e outros animais, que se encontram também nas outras províncias. A mais importante de todas as províncias é o Congo, que toma o nome da sua capital.

O rei do Congo³²² se ufana com estes títulos e denominações: *Mani Congo por graça de Deus rei do Congo, de Angola, Macambá, Ocanga, Cumba, Lula, Zuza; senhor do ducado de Buta, Suda, Bamba, de Amboila e suas províncias, senhor do condado do Sonbo, Angola e Caconge e da monarquia dos Ambondaras e do grande e maravilhoso rio Zaire*.

Entre os do Congo o mais poderoso. é esse conde do Sonho. À mulher do rei chamam *Mani Mombanda*, isto é, Rainha ou Eminentíssima entre os bandos ou rebanhos de tantas concubinas.

Jactam-se de cristãos, mas em geral quando convém simular religião na presença de cristãos. Em tudo o mais são gentios e idólatras, adoradores mais do rei que de Deus. Esta província produz fartamente trigo, milho, arroz e árvores frutíferas. Possui diversas espécies de palmeiras: uma que dá tâmaras, outra que dá as nozes-da-índia, uma terceira de que fazem óleo, vinho, vinagre e pão. Do cimo da árvore, quando furada, escorre um leite, a princípio doce e depois azedo.



A. Duetaria castra.
B. Vicaria castra.
C. Vicaria castra.
D. Vicaria castra.
E. Vicaria castra.
F. Vicaria castra.

Da polpa dos frutos extrai-se um óleo, parecido com a nossa manteiga e empregado nos alimentos, nas unções e nas candeias.

Quando Nieuland estava administrando Luanda e depois de promulgado o armistício, ficou ajustado entre ele e o ex-governador habitar as terras banhadas pelo rio Bengo, cultivando-as e atraindo novamente os indígenas refugiados nas selvas e nos esconderijos à cultura dos campos e ao antigo comércio. Fez-se isto com inteira boa fé, e já se uniam holandeses e portugueses em freqüentação e comércio diário. Dava Meneses significativas demonstrações de sua simpatia aos nossos diretores, chegando até mesmo a ceder liberalmente a Nieuland farinha, de que este carecia, para alimentação de mil negros que comprara. Surgindo contendas sobre a pesca dos portugueses e o tráfico dos negros, logo se acomodaram de tal maneira que Nieuland prometeu fielmente considerar ratificado o pacto das tréguas, e Meneses, reprovando o procedimento dos insulanos de São Tomé, declarou que mais depressa havia de cair o céu do que romper ele a sua fidelidade. Entretanto, pouco depois, transtornados os ânimos por funestas Matança de portugueses em Luanda suspeitas, praticaram atos pouco louváveis. Com efeito, cerca de duzentos mosqueteiros, partindo de Luanda, precipitaram-se de madrugada contra a estância de Meneses, cometendo violências contra os portugueses, que ainda estavam dormindo, e trucidando uns quarenta deles.

Depois de prometerem garantia de vida a alguns, roubaram-lhes os bens, que, fora os escravos e mercadorias tomadas, se avaliavam em 100.000 ducados.

O próprio governador Meneses ficou sob rigorosa custódia. Cento e sessenta portugueses, dos quais havia receio, lançados numa nau aberta e desconjuntada, com provisões em extremo escassas e para breve tempo, foram enviados para a baía de Todos os Santos. Depois dos rodeios e incômodos da travessia, tendo morrido de fome oito e achando-se os restantes debilitados com o pouco alimento, arribaram eles a Pernambuco, onde se abriu inquérito sobre as causas desse tumulto e se apurou que os holandeses tinham cometido aquela agressão, inflamados com a notícia da revolta de São Tomé e da matança do Maranhão. Planeara-se aquilo, porque os diretores acreditavam que Meneses, chamando um troço de homens dos confins de Maçangano, maquinara contra eles diretores algum ato hostil. Entretanto nenhuma prova se fez da culpabilidade de Meneses, pois depusera uma testemunha duvidosa, que referia cousas ouvidas não por si mesma, mas de outros. São, de fato, sempre inclinados às suspeitas os espíritos daqueles cujas possessões se encontram em situação dúbia.

Os administradores da África Nieuland, Molss e Kruse escreveram ao Conde que tinham em mira atalhar tempestivamente a ousadia e os intentos sediciosos dos portugueses, apoderando-se do governador e de uns poucos deles capazes daquele feito, para que, prevenindo-se, não sofressem também desastre semelhante ao do Maranhão. As sentinelas, porém, da estância de Meneses e depois os

cidadãos, ao perceberem-lhes a chegada, foram os primeiros em atirar e usar de violência.

Fez-se, entretanto, isso no ultramar, na África, sem Nassau o saber e contra as suas ordens, pois ele sugerira avisos, não aconselhara armas. Os diretores de Angola comunicaram o ocorrido ao rei do Congo e ao duque de Bamba, que ouviram, cheios de alegria, os infortúnios dos portugueses. O Dr. Simão Álvares de la Penha, que então cumpria por acaso uma incumbência do governador Teles junto ao Conde em Pernambuco, indignado com a Protesto de portugueses notícia do fato, queixou-se por escrito a ele da crueldade e perfídia dos nossos, e atestava ter-se violado o direito das gentes, quebrando-se o juramento da recente paz e suspendendo-se os propósitos de amizade entre as duas nações. Além disso pediu fossem restituídos às suas moradas os prisioneiros e os desterrados, resarcindo-se a cada um a perda dos seus bens.

Responderam-lhe o Conde e o Supremo Conselho que Luanda não pertencia à sua alçada, mas à dos diretores da Companhia.

Talvez interesse aos holandeses saber, para se esclarecerem as causas ocultas da revolta de São Tomé, que o negro livre Cristóvão Sanches Plano secreto da conjura de São Tomé afirmou perante testemunhas juradas em Pernambuco o seguinte: que Antônio Carvalho, cidadão de São Tomé, mandara uma carta a Lourenço Pires, morador em Lisboa, na qual dava notícias minuciosas do estado da ilha, dizendo que, mortos de endemia a maior parte dos holandeses, já se podia recuperar a fortaleza ou por força ou pela rendição; que, levadas essas novas ao rei, fora por ele despachado Pires, depois de prometidas grandes honras, com duas naus e cinquenta homens de armas, vinte dos quais ele próprio os recrutara para si, e o rei ajuntara os trinta restantes, que eram condenados; que eram estas as instruções do soberano: arribasse Pires ao lugar de Santa Ana, onde ele próprio explorava quatro engenhos, depois se insinuasse no espírito dos holandeses e se apoderasse da fortaleza, ou por dinheiro ou por estratagem. Disse ainda o tal negro que Pires partira de Lisboa no começo de julho de 1642 e, dirigindo-se primeiro para a ilha do Ano Bom e depois para a de São Tomé, onde, feito o desembarque, logo se fortificou, negou direitos alfandegários aos incumbidos de cobrá-los e matou vinte e cinco soldados holandeses, acometendo-os insidiosamente. Não muito depois, invadiu a cidade com uma força constituída de indígenas e negros, muniu-a com um novo forte, refugiando-se os nossos na fortaleza, único asilo seguro. Isso ocorrera justamente quatorze dias depois de promulgadas as tréguas, e cinquenta dos nossos soldados, que ele peitara com promessas, abandonaram o nosso partido e voltaram as armas contra nós. O governador holandês, porém, mostrou resistência, e os ícolas envenenaram as águas para perder os remanescentes dos nossos. Este Sanches militara sob as ordens de Pires, e assim podia saber desses fatos.

Por esta ocasião, extrema necessidade de mantimento oprimia Luanda, assim como o Brasil. Não se acreditava que houvesse outro remédio para tal carestia senão a diligente cultura das terras em Alagoas. Declaravam os portugueses que outrora nem o Brasil os havia provido de vitualhas, sendo-lhes preciso pedi-los a Portugal ou aos ribeirinhos do São Francisco. Decidiu-se, pois, empregar toda a diligência em colonizar as Alagoas. De boa vontade resolveu Maurício viajar para ali em companhia de Pedro van Hagen, para que, depois de examinar a natureza dos terrenos, os vendesse aos futuros colonos. Pôs à frente deste importante negócio Henrique Moucheron, a quem confiou a administração das províncias das Alagoas, Porto Calvo e São Francisco.

Afamou-se no Brasil pelos seus arrojados tentames certo Rodolfo Baro, que, auxiliado pelos tapuias, empreendeu, em companhia de três desses selvagens, uma viagem para o ocidente com o fim de descobrir as terras dos waripebas e dos caripatós. Saiu da aldeia do Cariri sem levar mantimento, que os tapuias, habituados a viver dia a dia, procuravam para si, caçando. Tendo deixado à direita a serra de Cupaova, junto ao rio da Paraíba, penetrou no sertão, num percurso de sessenta ou setenta léguas, sem encontrar nenhuma população. Foram ter somente a uma serra, onde havia talco ou vidro moscovítico. Voltaram dali e dirigiram a derrota para o sul, chegando às aldeias dos waripebas e caripatós. Estes, depois de os receberem cortesmente, quiseram que de cada aldeia se escolhesse um para companheiro, a fim de visitarem e saudarem o Conde. Acolheu-os Nassau com igual cortesia, remetendo-os aos seus, não sem presentes.

Habitavam em quatorze aldeias na serra que aparta o Brasil das terras ocidentais, e viviam de caça, pesca, mel agreste e outros produtos do seu solo. Ouviram-lhes os expedicionários que mais além, para o poente, estanciavam nações mais poderosas e belígeras, com que costumavam guerrear. Moravam elas em planícies e vales e tinham abundância de rios e de vitualhas.

O Conde contratou este Baro, mediante um ordenado anual, para ele, como explorador inquieto, dedicar-se ao descobrimento de terras.

Mas para não escaparem os tapuias a quem trata do Brasil, merecem que deles se faça também uma descrição.

É célebre no Brasil holandês o nome dos tapuias, por causa do seu ódio aos portugueses, das guerras com os seus vizinhos e dos auxílios mais de uma vez prestados a nós. Habitam o sertão brasileiro, bastante longe do litoral, onde dominam os lusitanos ou os batavos. Distinguem-se por suas designações, línguas, costumes e territórios. São-nos mais conhecidos os que moram nas vizinhanças do Rio Grande e do Ceará e no Maranhão, onde impera Janduí ou João Wý.³²³ Difundem-se por grandes espaços, abrangidos por cinco rios: o Grande, o Quoauguho, o Ocioro, o Upanema e o Woiroguo.³²⁴ Estes rios penetram di-

Carestia de mantimentos na África e no Brasil

Vai Maurício às Alagoas

Da nação dos tapuias

Regiões onde vivem

versas léguas pelo sertão adentro, se bem que o rio Grande apenas seis, sendo de admirar que tenha tal nome, a não ser que se explique talvez pela embocadura bastante vasta, qual é na Holanda a do Mosa. Acreditam os naturais que tenha sido maior o seu curso, mas ignoram para onde desviou o álveo.

São os tapuias rodeados em parte de amigos e em parte de inimigos: com estes às vezes estão em paz, às vezes em guerra. Vagueiam à maneira de nômades e não se detêm sempre em aldeamentos ou territórios fixos, mas mudam de morada, conforme a quadra do ano e a facilidade da alimentação. Compleição Têm compleição assaz robusta e em tão grande número deles quase a mesma para todos. São minazes no semblante, ferozes no olhar e de cabelos pretos. Na velocidade da carreira dificilmente cedem às feras. São todos antropófagos e aterrorizam aos outros bárbaros e aos portugueses pela sua fama de crueldade. Sua terra, erçada aqui de selvas, ali alteada de montanhas, Caráter e índole acolá baixa e paludosa, é fecunda de gados, frutos e mel de vários gêneros. Fazem eles por astúcia o que não podem fazer por força, e preferem enganar o inimigo a experimentá-lo em guerra aberta; mas, compelidos pela necessidade, não recuam da luta. Armas Pelejam com arcos e flechas, e dardos de pedra e clavas de pau. Por admirável contradição da natureza, gostam da inércia sempre que não empreendem guerras, mas odeiam o ócio, quando há lugar para a vingança e para a glória. Mostram uns aos outros inimizades encarniçadas, acima do que permite a humanidade ou o ódio: nada é vergonhoso ou feio para aquele que deleita a vista com os males dos adversários.

O cuidado da família deixam-no para as mulheres e para os velhos: de tudo o mais em que na honra e utilidade cuidam os homens e os mais vigorosos.

Sob o morubixaba Janduí vive-se do seguinte modo e O rei Janduí e as suas ordens observam-se estes costumes: de manhã e de tarde, o chefe anuncia e prescreve publicamente o que se tem de fazer durante o dia ou durante a noite, onde se há de ir, onde se deve estanciar, quando convém levantar de novo o acampamento. Quando vão partir, banham-se, após o banho esfregam o corpo com areia grossa, lavam-se outra vez e espreguiçam-se Modo de se banharem todos como para sacudir e afugentar a moleza, estalando, numa forte tensão, as articulações de todos os membros. Aquecendo-se ao fogo, do que gostam, raspam e coçam a pele com um pente de dentes de peixe como um raspador, até que, abertos os poros, tirem sangue. Dizem que assim se tornam Viagens bem dispostos para a jornada e que não se quebrantam de cansaço. Assentado o acampamento não longe da tenda do rei, dividem-se, de um lado e outro, em dois exércitos e bandos. Depois, escolhidos um de cada um dos dois bandos, divertem-se carregando pequenas árvores e correndo. Os bandos seguem o vencedor. Cortam árvores que encontram e cravam os galhos e ramagens à beira dos rios para gozarem da sombra. Esta sombra é o único abrigo contra o calor do

meio-dia e o refúgio dos velhos e dos jovens. As mulheres, os serviçais e os meninos entram ali com os carros em que transportam as bagagens e trastes. A sua ^{Alimentação} alimentação é simples: frutos agrestes, caça fresca, peixes e mel, sem temperos, nem condimentos. As mulheres idosas e estéreis vão buscar as raízes ^{Serviços e exercícios} de que se faz pão. As mulheres moças coabitam com os homens, trazem amendoins³²⁵ para uso comum e preparam a comida. O trabalho diurno dos homens é a pesca, a colheita do mel e a caça. Para eles é glorioso porfiar na luta e no embate das lanças. O fim de quem a ele assiste é o prazer, principalmente dos amantes. As mulheres se pronunciam sobre o valor de cada um e sobre a vitória. Achando-se, destarte, próximos os penhores da contenda, são os estímulos da peleja, as pregoeiras da bravura e as servidoras dos manjares. Não obstante, afastaram-nas dos acampamentos os romanos, porque prolongam a paz com a moleza e a guerra com o medo.

Quando cai a noite, propícia aos amores, os jovens na flor da idade e ^{Amores} que já pensam em casar andam pelo acampamento e pelas barracas, e a eles se unem as donzelas com igual simpatia e afeto. Começam então cantos e danças, ficando as moças atrás dos namorados: isto é um sinal de pedido de casa-^{Noivas} mento. Sempre que se pede a mão de uma virgem, o namorado oferece ao pai dela presentes, não procurados para as delícias feminis ou para ornato das futuras esposas, mas consistentes em caça e mel. Levam ao rei espontaneamente e a cada homem bastantes gados e frutos, o que é recebido como uma honra.

Acendem fogueiras na terra ligeiramente cavada, põem sobre elas as carnes, cobrem-nas de areia e esta de brasas, de sorte que as carnes fiquem perfeitamente assadas em baixo e em cima. A bebida é feita com mel. Rematam os banquetes com cantos e danças, e, se os executaram com o semblante alegre, consideram isto presságio de uma caçada feliz; se, porém, o fizeram com a fisionomia mais triste, é sinal de uma caçada infeliz.

Grande é a veneração deles para os seus sacerdotes, a que chamam feiticeiros e adivinhos. Nada do que interessa à comunidade se faz sem ^{Feiticeiros e adivinhos} eles, seja para darem força a um bom desígnio, seja para obstarem a um pior. Retiram-se para as matas a fim de consultarem o Demônio, murmuram consigo mesmos e, de volta, clamam em alta voz: “*Ga, Ga, Ga*” e “*Anes, Anes, Anes, Iedas, Iedas, Iedas, Hade Congdeg*”. E a estas palavras grita o povo: “*Houb!*” É trazido com o sacerdote algum demônio ou quem, sob a aparência de demônio, se pronuncia sobre o êxito de uma expedição, sobre os sentimentos favoráveis e desfavoráveis que lhe vão mostrar os povos para junto dos quais partem, sobre a caça de animais bravios e sobre a fartura de mel. Se ele diz cousas desagradáveis e infaustas, açoitam o adivinho e o demônio. Quando se preparam para alguma novidade, tiram auspícios nas vozes das aves: gritam quando elas gritam e perguntam-lhes se trazem alguma cousa de novo. Causam também admiração os so-

nhos dos adivinhos, e estes os expõem ao rei, fantasiando sucessos prósperos. Daqui se torna manifesto que nada governa mais a multidão do que a superstição: dominada por esta, seja embora vaníssima, obedece mais aos adivinhos que aos próprios chefes. O muito criterioso historiador Tácito chama a isso “*segredo da soberania e da dominação*”, e Aristóteles na *Política*, “*artifícios do mando*”. Depois de Minos, Licurgo, Midas, rei da Frígia, Numa Pompílio, Druso e outros, fazem o mesmo, no outro hemisfério, os bárbaros, através dos quais nem sequer perpassou tênue aura dos gregos e romanos. Efetivamente, contêm-se os homens dentro da ordem ou com o temor do verdadeiro Deus ou com o do falso, assombrando-os ou com imaginações sérias ou fátuas. Mais de uma nação finge para si uma Egéria ou Veleda ou Aurínia, e até mesmo a América ouve as respostas dos demônios, e também nas suas cogitações intervém alguma coisa maior e mais santa que o homem. Assim, também a respeito da falsa religião é verdadeira a afirmação de que com ela se pode constituir e conservar a república, embora os religiosos adorem ao verdadeiro Deus, e os supersticiosos temam aos falsos.

Os sacerdotes dos tapuias vão para as brenhas a fim de impressionarem os crédulos com o secreto do lugar e o pavor das trevas, sobretudo quando já estão os espíritos dominados pela crença no falso deus. Consideram-se ministros dos demônios e a estes conhecedores do futuro. Entre eles é usada, Incisão dos
infantes não a circuncisão, mas a incisão dos infantes, a qual praticam com solenidade. Ficam de pé, numa longa fila os feitiçeiros, cantando e saltando à maneira dos sacerdotes sális.³²⁶ Um deles sustém na mão a criancinha elevada ao ar, enquanto o povo olha para ela, e depois de umas tantas carreiras, coloca-a sobre os joelhos. Aproximando-se outro sacerdote, fura-lhe com um pau agudo as orelhas e os lábios e neles introduz ossinhos, e durante isso chora a mãe dela. O próprio rei assiste a estas cerimônias, e, em acabando elas, repetem os seus cantos e danças.

As virgens que desejam casar com honra sua e dos pais são guardadas em casa, sob os cuidados destes, até se manifestarem com as regras os sinais da puberdade. As mães revelam este segredo aos adivinhos, e estes ao rei, que julga poder a donzela casar honestamente, louvando a virgem e sua mãe pela guarda da virgindade. Portanto, como diz Tácito dos germanos, vivem também elas cercadas de castidade, não corrompida pelas seduções dos espetáculos e dos festins.³²⁷ A mãe pinta de vermelho a que vai casar e apresenta-a ao rei. Ele acaricia-a com a mão, manda-a sentar-se junto de si numa esteira, trata-a ternamente e depois envolve-se a si e à virgem em fumaça de tabaco. Em seguida, num lanço destro, atira com um dardo a uma grinalda posta na cabeça da noiva. Se com o tiro ofende e fere-lhe a cabeça, lambe ele o sangue, e isto lhe promete vida mais longa.³²⁸

Todos quantos se distinguem na luta, no combate com lanças e na caça **Nobres** consideram-se os mais nobres e entram no número dos heróis. Além disso, pela excelência do seu valor e fortaleza, merecem ser ambicionados pelas próprias virgens, pois julgam que os melhores nascem dos melhores e que não é vão o nome da nobreza, mas se transfunde com o sangue.

São assaz severos os casamentos, apesar de serem polígamos os tapuias. **Casamentos** Entretanto, achando-se grávida uma das mulheres, abstêm-se de relações com ela e coabitam com outra. As que estão para dar à luz, retiram-se às matas e esconderijos, se o céu está sereno. Nascendo a criança, cortam-lhe o umbigo com um caco afiado, cozinham (veja-se que barbárie) e devoram as próprias mães as secundinas, banqueteadando-se e alimentando-se a um tempo consigo mesmas. É costume que a puérpera e o recém-nascido se lavem duas vezes por dia. Durante todo o período da lactação, evita o marido relações sexuais com a puérpera, salvo se for marido de uma única mulher. Fazem também às puérperas este favor: livram-nos de carregar a criança, quando têm de mudar o acampamento. São raros os adultérios, cuja punição se permite aos maridos. O marido expulsa de casa a ré de violação do tálamo, depois de açoitá-la, e mata aquela que surpreende em flagrante, o que, segundo dizem, fez com muitas o morubixaba João Wy.

No meio da barraca real, está suspensa uma cabaça ou caixa sagrada, da **Objetos sagrados** qual não é permitido ninguém se aproximar sem licença do rei. Todo aquele que o consegue a perfuma com fumaça de tabaco, à semelhança de incenso. Nela estão contidas pedras que não se vêem senão com reverência, chamadas *Cebuterab* e frutos denominados *Titscheyoub*, que se estimam mais do que ouro.³²⁹ Crêem que neles existe alguma cousa santa e profética; com eles procuram desvendar o resultado de graves guerras e façanhas.

O rei medica os meninos doentes com fumigação de tabaco, e acham que isto os melhora. A própria mãe com alguma de suas parentas come o cadáver do que morre. Nós chamamos a isto imanidade, e eles piedade e amor.

Quem viu e escreveu estas cousas³³⁰ refere que, estando o rei a quei- **Remédio aplicado** xar-se de dores nas pernas, no lado e no ventre, logo se lhe atirou às **ao Rei** coxas um curandeiro, aderiu a elas com a boca aberta como se fosse devorá-las. Chupando-as forte e continuamente, depois de dar um berro, começou a soltar cuspidelas copiosas e com uma delas deitou uma enguia, que o rei declarava ser a causadora do seu mal. Outro colou-se de igual maneira ao ventre do rei e, depois de dar também um berro, cuspiu uma pedra branca. Em seguida, aplicando-se aos flancos do rei, expeliu, após forte sucção, uma raiz ou cousa semelhante. O rei e o povo aceitavam tudo isso com inabalável fé. Homero conheceu que esta sucção pertence à medicina. De Macaão curando a Menelau ferido diz ele: “*sugando o sangue, espalha na ferida suave bálsamo*”.³³¹

Quando troveja e sopra mais veemente o vento, é copiosíssima Pescaria na lagoa Rajatach³³² a pescaria de peixes tão gordos que não é necessário deitar-lhes gordura.

Os tapuias não semeiam nem plantam sem o auxílio e Cerimônia por ocasião das plantações consagrações dos seus sacerdotes, que sopram sobre os campos o fumo do tabaco e enchem os crédulos com imaginação de fecundidade. Feita a semeadura e a plantação, o rei convoca publicamente os adivinhos e o povo. Eles se pintam de formosíssimas cores e se enfeitam com as penas mais elegantes. O rei cinge uma coroa verdejante. Assim se sentam juntos naquela pompa, secam ao fogo frutos de árvores, trituram-nos depois de secos e misturam-nos, depois de moídos, na água, a qual bebem até vomitá-la. Em seguida, levantam-se os sacerdotes uns após outros, cantarolando e, erguendo para o céu flautas de cana, permanecem com o corpo em tal imobilidade, como se estivessem enlevados com a contemplação de alguma visão celeste, manifestada no ar. Alguns há que trazem pendurado às costas um feixe de plumas de ema, o qual aberto tem a circunferência de uma roda de carro. Outros há que lançam ao ar penas mais leves para verificarem donde sopra ele. É opinião de todos que o pão cai do céu naquele feixe de plumas, e, se este for mais abundante, promete colheita farta; se, ao contrário, for mais escasso, pressagia colheita diminuta.

Como em abril de 1641 engrossassem as águas dos rios, com vultosos danos para os agricultores, foram os adivinhos consultados acerca de tamanha calamidade. Trouxeram-se as pedras dos áditos e da cabaça do rei para darem os augúrios, porquanto nenhuma outra cerimônia sagrada merece tanta fé, não só por parte da plebe, mas também dos próceres e do rei.

Começavam-se tais consultas bebendo-se, cantando-se e dançando-se. Lá estavam seis adivinhos para vaticinarem. O primeiro, iniciando o vaticínio, tirou uma pedra e disse que os holandeses haviam travado combate com os baianos, mas já se tratava da reconciliação. O segundo, mostrando uma bandeira de milho, proferiu seu prognóstico sobre a fartura deste cereal. O terceiro, apresentando uma pedra laticolor, proclamou a cópia do leite. O quarto exibiu um seixo em forma de pão e significou que se ia ter abundância de farinha. O quinto, deixando ver um arco e uma flecha circundada de plumas, asseverou ser aquilo dom dos anjos e interpretou o número das penas como outras tantas caçadas de animais bravios. O sexto, mostrando uma pedra cor de cera, pressagiou maior cópia de mel e disse que todas aquelas cerimônias eram necessárias para que, aplacado o nume deles, baixassem as águas, e de novo dessem os campos as referidas produções.

Em lugar de Deus, adoram os tapuias a Ursa Maior ou Têm a Ursa Maior por Deus Setentrião, a que nós, pelo seu feitio, chamamos com o povo a Carreta. Quando de manhã vêem essa constelação, alvoroçam-se de alegria e dirigem-lhe cantos, danças, etc.

Quando querem purgar o corpo, introduzem na garganta até o estôma-
 go uma haste, que formam de folhas ásperas, até tirarem sangue
 com a aspereza delas.

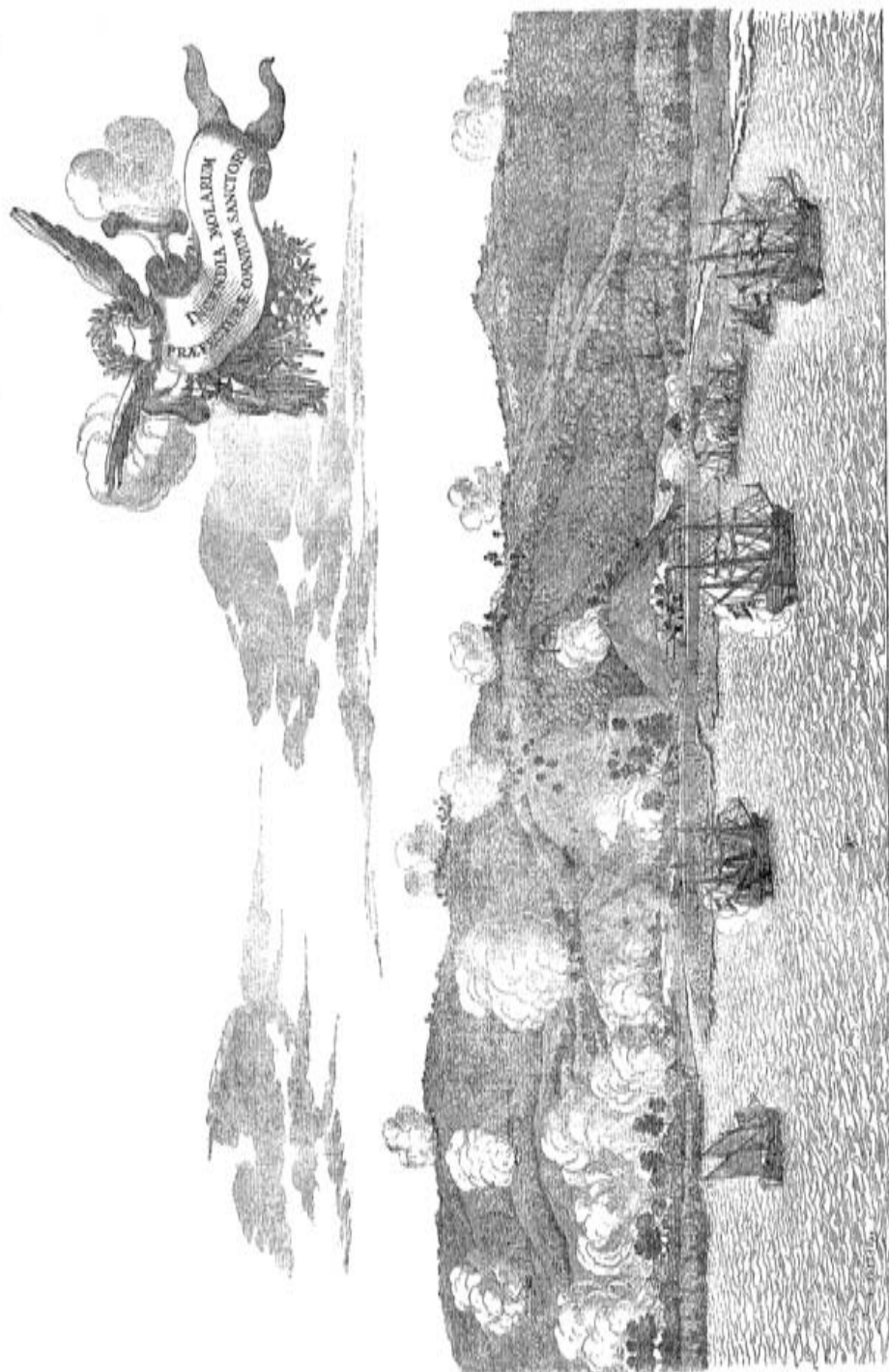
Anualmente, durante o estio, reúnem-se em bandos e exércitos distintos
 para bailes, concursos de lanças e outros jogos consagrados ao Setentrião.
 Dura a festa três dias. Marcham os antagonistas adornados de penas variegadas
 como para os certames olímpicos. Envolvem as pernas em cascas de árvores, que a
 elas amarram, servindo-lhes de grevas. Untam a cabeça com mel e torcem o cabelo
 no alto dela em nó, como os sicambros, no qual cravam uma pluma comprida e ele-
 gente, como novos mirmilões, polvilhando a cabeça com um pó vermelho e pintan-
 do o resto do corpo. Atam aos braços as asas da ave chama Kohith,³³³
 pendendo-lhes das costas um festão de folhagem e cinge-lhes o pescoço uma gola das
 mais lindas penas. Desta maneira se encontram e travam os combates. O vencedor
 zomba do vencido com saltos insólitos e inimitáveis. Alimentam uns contra os ou-
 tros inimizades ocultas e transformam os seus jogos em sérias matanças e mútuas
 chacinas. As mulheres e os filhos tornam-se os despojos e os prêmios da luta.

Não têm os tapuias repugnância de comer cobras, isto é, as que chamam
 Manual. Elas têm na cauda uma ponta, que cravam com grande força no
 corpo do homem ou da fera que encontram, e, enroscando-se na árvore
 mais próxima, pois têm quatro côvados de comprido, sugam-lhes com a vida todo o
 sangue. Há também serpentes venenosas, contra cuja mordedura nem mesmo os sa-
 cerdotes estão seguros. Matam, se não se corta logo com espada a parte ofendida.

Os sarcedotes talham membro a membro os cadáveres. As velhas acen-
 dem fogueiras para assar os membros e celebram exéquias com
 lágrimas e lamentações. Depressa as terminam, mas guardam
 mais tempo a sua dor. As mulheres comem as carnes e as raspam até os ossos,
 não em sinal de inimizade, mas de afeto e fidelidade.

Os cadáveres dos magnatas são devorados pelos magnatas, isto é, a cabe-
 ça, as mãos e os pés. Guardam cuidadosamente os ossos até a cele-
 bração do seguinte festim solene. Então os engolem reduzidos a pó
 e dissolvidos em água. O mesmo se faz com os cabelos do defunto que os paren-
 tes bebem, e não voltam às suas danças e cantos senão depois de consumirem to-
 dos os restos do cadáver.

Para sagrarem o rei comparecem magotes de adivinhos e sacerdotes e,
 fulgentes de plumas e cores, ungem-no com um bálsamo precioso e
 põem-lhe na augusta cabeça uma coroa tecida das mais lindas pluma-
 gens. Depois repetem os cantos e hinos e, se durante essas mostras de regozijo pú-
 blico, se lembram por acaso do defunto, derramam lágrimas e soltam medonhas
 ululações. O rei domina mais por uma autoridade suasória que imperativa, a não
 ser que alguém trame violência contra ele, o que será funesto ao autor.



Crêem esses selvagens na imortalidade das almas, isto é, das daqueles
 Crêem na imortalidade das almas que se finaram de morte natural e não de mordedura de serpente, nem de veneno, nem de qualquer violência praticada por inimigo. Fabulam e mentem a respeito da raposa, que suscitou contra eles o ódio do seu deus, a Ursa Maior, e lhes afastou da nação o favor de tão grande nume. Dizem que viveram outrora vida ótima e muito fácil, quando, sem trabalho, encontravam o alimento; que agora é outro o seu modo de vida, a qual tem de ser ganha com labor, em razão da ofensa feita ao Setentrião e da sua cólera. Pretendem que as almas dos mortos passam para o reino do Demônio, onde, conforme fingem do Inferno os poetas, se reúnem elas e são transportadas pelo Demônio para a outra margem. Depois que este lhes perguntou qual o seu gênero de morte, a saber, se pereceram de morte natural ou violenta, são conduzidas para um lugar de delícias como os Campos Elíseos, no qual existe fartura de mel e de peixes. Tal é a sua concepção da imortalidade das almas.

Nos desertos, durante o estio, tudo fica tórrido e seco por causa dos montes altíssimos e vales muito fundos e da reverberação dos raios solares. Entretanto, no mês de janeiro, caindo chuvas bastante copiosas, reverdece e germina o solo, tornando-se ameníssimo o aspecto das campinas. As águas que se ajuntam nos abismos das montanhas os fazem caminhar ou parar durante o estio.

Nas planícies sacrificam às pedras e penedos que topam, para não serem, segundo acreditam, por eles mordidos.

Preparam pães da raiz *attoub*.³³⁴ Pondo-o sobre uma pedra, esmagam-na
 Modo de fazer pão com um pau e recolhem o suco espremido com as mãos em vasos de barro. Depois, tornam a pisá-la e triturá-la até reduzi-la a massa, da qual formam bolas que mergulham no suco antes espremido. Do pó que se assenta no fundo fazem bolos os quais se assam no borralho e servem-lhes de pão. Raízes há que eles comem cruas, e outras que eles comem cozidas.

Em tal concórdia e eqüidade vivem, que aquele que mais possui, de bom grado reparte o seu com quem possui menos, mostrando igual facilidade de dar e de pedir uns aos outros.

Andam nus e imundos, e logram aquele desenvolvimento do corpo e
 Trajes dos membros que os holandeses admiram. As mulheres, por um sentimento de pudor, cobrem as partes com um cinto de folhas, conservando descoberto o resto do corpo. Cada dia põem este cinto novo e fresco. Os homens escondem os órgãos sexuais com tangas feitas de cascas de árvores. São depilados em todas as partes do corpo, ainda mesmo nas sobrancelhas. Só no alto da cabeça deixam crescer uma guedelha mais comprida, não sem ostentação e jactância.

Abstêm-se de marchas noturnas, por medo de cobras e serpentes, que então saem das tocas. Não começam uma jornada, senão depois de ter o sol desfeito o orvalho nos campos.

Aos amigos acolhem-nos com alegria e depois com choro. Se topam com um inimigo, matam-no.

Por essa época, o rei dos tapuias, Janduí, amava a filha, casa-
doira e formosa, de um magnata vizinho – Juckeri. Tendo-a pedido
em casamento por intermédio dos sacerdotes, recusou-lha Juckeri. Ressentido com
a repulsa, Janduí, a conselho dos adivinhos e do povo, jurou morte de Juckeri e a
ruína de seus súditos. Encobre a sua mágoa e o engano que preparava. Simulan-
do-se amizade, é convidado Juckeri com toda a nação para um certame recreati-
vo, e ele, sem suspeitar o ardil, desce à arena para a luta. Quando um e outro se
abraçavam para brigar, as mulheres do exército de Janduí voaram furibundas
contra os cabelos dos outros e, apanhando-os incautos e detendo-os pelas guede-
lhas, expuseram-nos à crueldade e à chacina dos seus. Assim o rei arrebatou,
com a violência e com o crime, a donzela que não pudera conseguir pedindo-a.
Tinha então Janduí quatorze mulheres, e tinham sido cinqüenta, das quais lhe
nasceram apenas sessenta filhos. Já ele havia dobrado os cem anos. Isto conta
dos escritos do alemão João Rabi,³³⁵ do condado de Waldeck, o qual, a pedido do
rei Janduí e com permissão do Conde de Nassau, partira para as terras dos tapuias,
a fim de servir de intérprete entre os holandeses e aquela nação. Viveu quatro
anos com os costumes deles, agradável ao rei, espectador e testemunha bem aceita
de tudo.

Quando o Conde Maurício preparava a sua partida para a Holanda, foi
esse Rabi chamado por ele e despedido por Janduí, levando consigo vinte e cinco
tapuias por interesses da nação.

Na história e nos fastos da Holanda deve também
figurar o nome de Henrique Brauer, varão que buscava ao
mesmo tempo as honras e os trabalhos e que mostrava gran-
de confiança naquilo a que a sua própria convicção o animava. A pureza de sua
vida era a do comum dos homens. Para os seus era autoritário como um ditador,
exigia tudo dentro de rígida honestidade e mantinha a sua autoridade fosse como
fosse, não com brandura, mas com rudeza e quase sempre fazendo-se temer,
sendo por isso odiado pelos marinheiros. Depois de ter, durante alguns anos, ad-
ministrado as Índias Orientais, merecendo ali francos louvores dos particulares
pelos seus feitos gloriosos, veio também às Índias Ocidentais investido de autori-
dade para se afamar em partes opostas do mundo. Nomeado pelos diretores da
Companhia membro do Supremo Conselho do Brasil, consentiu em que se lhe
confiasse o comando de uma expedição contra o Chile, na esperança de poder
aliviar-se, com o comércio e com os proventos das minas auríferas daquele país,
a Companhia endividada. Antes de tratar desta expedição, inserirei na minha his-
tória as instruções dadas a ele e depois uma descrição completa do Chile.

Foram estas as instruções:

Ação cruel de
Janduí

Partida de Henrique Brauer
para o Brasil e logo depois
para o Chile

Instruções dadas
a Brauer

1) Aguardasse o almirante o tempo próprio dos ventos do norte, os quais desde o mês de outubro até o princípio da primavera, sopram favoráveis nas costas do Brasil e no estreito de Lemaire.

2) Dirigisse a derrota pela Mancha ou pelo norte da Escócia e pelo mar de Irlanda, conforme o permitisse a clemência do céu e dos ventos.

3) Chegando ao Brasil, tomasse posse de membro do Supremo Conselho e se desobrigasse dignamente das funções do cargo.

4) De acordo com o Governador e com o Conselho, reunisse às suas naus as naus idôneas de toda a frota do Brasil, assim como um patacho, munidos de gente de mar e de peleja, armas e bastimentos.

5) Com esta armada rumasse imediatamente para o estreito de Lemaire, e no porto de Valência, situado na sua margem esquerda, se provesse de água potável e de lenha.

6) Transposto o estreito, se fizesse ao largo e, demandando o poente, se acautelasse para não ser arremessado pelo ímpeto dos ventos ocidentais, dominantes no Pacífico, para o sul do estreito de Magalhães. Depois esteirasse para o norte e, se fossem propícios os ventos do oeste, proejasse, margeando a costa, para o porto de Castro ou Chiloé e, lançando ferro ali, lustrasse num iate o interior do reino. Desfraldando depois uma bandeira branca em sinal de paz, convidasse os naturais à fala, aproveitando as ocasiões de sondar-lhes os ânimos e de indagar os segredos e os proventos das terras.

7) Reparasse atentamente que, naquela enseada, o Oceano intumesce consideravelmente nos novilúnios, e por isso se precavesse com diligência para não varar nos bancos durante a preamar, sendo obrigado a esperar a lua nova seguinte.

8) Depois, entrando em conversa com os principais do povo (chamam-lhes caciques), lhes expusesse que ali chegara através de imensas distâncias, através de tantos casos e perigos do mar, chamado pela fama das guerras que eles, brava e gloriosamente, tinham feito, desde 1555, sob o comando de Caupolicán, Lautaro e outros capitães, contra a nação inimiga dos espanhóis para recuperarem a liberdade; que o mesmo ânimo traziam os holandeses, cujas guerras com o mesmo inimigo, em prol do direito e da liberdade de governo, já se protraíam ao seu octogésimo ano. Alcançada e garantida pelas armas esta liberdade na pátria, foram mais longe, através dos mares, e, tendo expulsado os portugueses, sujeitaram ao seu poder algumas províncias do Brasil, donde haviam ido ao Chile, com uma navegação de dois meses, para concluírem com os chilenos pactos de aliança e de comércio. Tinha levado armas da Europa, fortes quer para uma guerra defensiva, quer para uma ofensiva.

9) Apresentasse depois Brauer as cartas do Príncipe de Orange e corroborasse e juntasse fé às suas palavras, invocando o nome respeitável dos Estados-Gerais.

10) Aconselhasse aos principais chilenos uma viagem à Holanda para verem pessoalmente as terras batavas, o seu sistema de governo e de guerra, as suas praças e fortificações, as guarnições da República contra o espanhol, as mercadorias de todo o gênero, firmando-se a amizade por meio das relações mercantis.

11) E como os habitantes de Auraco, Tucapel e Purén são considerados os mais fortes e belicosos daquela nação, foi Brauer mandado tratar de preferência com eles, por estarem próximos de Valdivia, terem abundância de minas de ouro e gozarem, mais que os outros, de um solo fértil.

12) Desses-lhes esperanças de se restaurar Valdivia, promettesse-lhes auxílios para isso, garantisse a si e aos chilenos, por meio de fortificações, contra a violência dos espanhóis, e indagasse habilidosamente (isto era o principal) das riquezas, dos sagrados recessos do seu ouro, dando a este o mesmo valor das armas e petrechos bélicos.

13) Se os chilenos ocupassem Valdivia, atacasse ele a ilha próxima de Santa María, celeiro, segundo se crê, dos espanhóis que vivem nas guarnições dali.

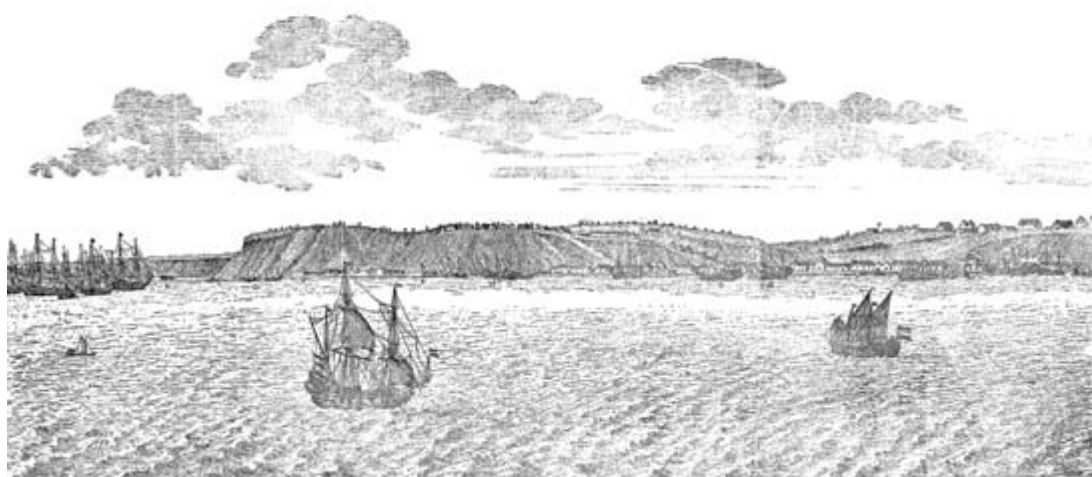
14) Livrasse os chilenos da escravidão dos castelhanos e considerasse quaisquer destes como presa de guerra, a fim de ganhar a simpatia daquela nação desconhecida com estes auspícios de clemência para com ela e de severidade para com o inimigo.

15) Não permitindo o espanhol que os nossos se apoderassem da ilha, e, reunindo forças de todos os lados, se esforçasse para recuperá-la, seria dever do almirante ponderar se conviria resistir ao inimigo e defender ao mesmo tempo a ilha e a cidade de Valdivia, ou se teria por mais acertado saquear aquela e abandoná-la e defender esta.

16) A segunda hipótese agradaria aos diretores, porquanto poderia a cidade ser defendida pelos chilenos, os quais já antes, sem o auxílio dos europeus, tinham sido mais poderosos do que os castelhanos, conforme mostraram os habitantes de Osomo, Arauco e Purén.

17) Cuidasse, porém, em segundo lugar, de que o inimigo não ocupasse e fortificasse a ilha depois de abandonada por nós. Surgisse no outro hemisfério uma Dunquerque que, vizinha dos portos chilenos, insidiasse as naus dos castelhanos e lhes embargasse a passagem, quando elas entrassem ou saíssem.

18) Se o inimigo, avisado da chegada dos holandeses, se mobilizasse, deveria o almirante indagar sollicitamente quais as forças deles, qual o aparato de guerra, qual a organização do exército, o que seria fácilimo de saber das barcas dos chilenos que encontrasse aqui e ali. A não proceder-se deste modo, seria de recear



G. Castellum Vico inferius.
H. Castellum Cretarum Bini

I. Castellum adun siglum.
K. Castellum J. oris.

L. Castellum maritimum de castri appellatione.
M. Mare. N. Locus affinis duo gloriose ubi. O. Mare siglum regni.



A. Iguaçu Casaban.
B. Capoteira Canal.

C. Terra sua nobis.
D. Castrum Nova Sijla.

E. Castrum Vainoy.
F. Sijpeltus armamentum.

converter-se a expedição em miséria nossa, se o inimigo tomasse armas mais poderosas que as holandesas.

19) O primeiro cuidado após o desembarque seria inquirir sobre as minas, quais fossem, onde se achavam situadas, se era fácil ou difícil a extração do ouro, se eram próximos ou distantes os mares e rios pelos quais se pudessem transportar os metais; se os ânimos dos indígenas eram favoráveis ou adversos a isso.

20) Encontradas as minas e assenhoreando-se do ouro, deveria escrever tudo isso aos governadores do Brasil, para que, aumentando eles as forças, os soldados, as mercadorias e os armamentos, apressasse com mais felicidade o resultado da empresa.

21) Como lhe fosse possível, expulsasse de suas fortalezas os castelhanos, e, achadas as minas de ouro, se apossasse sozinho das mesmas, em nome da Companhia, pois somente elas faltam para a felicidade dos mercadores. Para tal fim seria muito útil levar do Brasil peritos de mineração, capazes de julgar da vantagem e abundância dos vieiros. Também procurasse o almirante que se descrevesse minuciosamente a civilização dos chilenos, sua religião, modo de vida, forma e sistema de guerra e de armamento; se informasse dos seus lanifícios, da sua arte de tecer e pisoar, da sua terra cimólia para limpar os panos.

22) Transportasse para o Brasil alguns casais de ovelhas do Chile destinados à propagação, por ser-lhes apreciada a lã, e também certa quantidade de salitre para compensar os gastos da viagem, assim como tintas de várias cores, algumas das quais melhores do que a cochonilha.

23) O Conselho dos Dezenove dera também instruções a Brauer para explorar a terra austral, pois cobiçava e firmemente esperava descobri-la.

24) Se a situação fosse tal que os castelhanos dominassem com guarnições Valdívia, a ilha de Chiloé e outras fortalezas, deveria o almirante desviar-se para as proximidades, a fim de que, conseguindo aí a amizade dos chilenos e a faculdade de comerciar, pudéssemos nós, ajudados pelas forças deles, expulsar de alguma praça o inimigo, atacar a ilha de Santa Maria e defendê-la por meio de colonos chilenos. Celebrado com os chilenos um pacto de comércio de guerra contra o inimigo, seria permitido a Brauer voltar para a pátria, deixando em seu lugar Elias Herckmann, o qual deveria ser por ele industriado para aquele cargo e maduramente instruído pelos seus conselhos.

Para a Companhia não realizar sem Deus tão grandes empresas, porque sobrepõe ela a piedade aos interesses humanos, quis que Brauer cuidasse de propagar entre os bárbaros a religião reformada, livrando os chilenos, que haviam abraçado a doutrina papista, de tamanhas trevas e trazendo-os de futuro para maior luz, e que espancasse o gentilíssimo com o Cristianismo e velasse pela salvação dos que desgarraram do caminho da verdade, a fim de não parecer que so-

mente desejamos enriquecer, mas sim que também nos compadecemos de quem erra. Administraria o resto a seu arbítrio para glória do nome de Deus, fama da República e incolumidade da Companhia.

Agora já se deve tratar do próprio Chile.

Está situado na parte austral da América, fora do trópi- Descrição do CHILE.
co de Capricórnio, entre o Peru ao norte e a Patagônia ao sul. Ao Situação
ocidente olha para o Oceano Pacífico, num longo trato de costas de 500 milhas de extensão. É limitado a leste pelo Oceano Atlântico, e ao sul pelo estreito de Magalhães. Se avaliarmos a sua área pelas possessões espanholas, ficará encerrado em limites assaz estreitos.

Tira o nome da palavra “frio”, que em peruano é *chili* em Etimologia
razão das regiões frígidas e nevosas dos Andes, que são obrigados a transpor quantos desejam ir do Peru para lá.³³⁶ Se dermos crédito aos escritores, aquele frio ali é tão agudo e intenso que tolhe os cavalos com os cavaleiros, endurecendo-os como mármore. Os chilenos são antecos dos castelhanos. Expe- Clima
rimentam as chuvas, os raios e as variações do ano em intervalos distintos, como na Europa, com a diferença de que, pela inversão dos solstícios, é para eles estio, quando para nós é inverno. Pode observar-se o pólo antártico por causa da translação de uma nuvenzinha branca em torno dele.

Não é o Chile habitado e cultivado em toda a sua extensão, mas principalmente à beira-mar. É plano e não apresenta colinas elevadas, senão na parte montanhosa dos Andes. A temperatura da região varia com o lugar. Na clemência do ar e do céu não cede a nenhuma parte das Índias Ocidentais, e também no número de habitantes. É assaz abundante de mantimentos, os quais, pelo transporte fácil, devido a constância dos ventos do sul, reparte com o Peru.

Os naturais são corpulentos e fortes, membros robustos e Corpo dos naturais
afeitos às armas, sobretudo os de Arauco e Tucapel, que habitam as montanhas e esgotam os espanhóis com guerras incessantes. Moram em vales distintos, onde cai um orvalho mais denso, mais doce e mais gordo que o nosso, o qual tem o mesmo emprego de um maná.³³⁷

Os pastios não pertencem a ninguém e, por vontade do rei da Espanha, são considerados de uso comum, assim como a caça e a pesca. Os prados deleitam pelo seu verdor quase perpétuo, causado pela umidade dos vales.

São os chilenos muito hospitaleiros para os viajantes. Governador. Bispos:
Recebem do vice-rei do Peru o seu governador. Conta o Chile Santiago e Imperial
dois bispados, o de Santiago, que toma o nome da capital, colônia de espanhóis, e o da cidade Imperial.

Dividem os espanhóis o reino todo nestas províncias: Províncias do reino do Chile
Copiapó, Guasco, Chile, La Serena ou *Coquimbo, Quillota, Mapocho* ou
Santiago, Promaucaes, Concepción ou *Penco, Arauco, Tucapel, Purén, Ongol, Imperial* ou

Cautín, Vila Rica ou Mallolaquén, Valdivia, Osorno ou Chauracaubín, Castro e as terras e ilhas dos patagões, espalhadas até o estreito de Magalhães.

Estou escrevendo vocábulos peregrinos, que, por insólitos e ignotos aos europeus, são recebidos com certa repugnância, se bem sejam gratíssimos no Chile pelo seu emprego e significação.

A província de Copiapó é recomendável pelo seu porto. Os espanhóis ^{Copiapó} visitam-no anualmente para comprar turquesas, que vendem por alto preço entre os povos incas. Estes usam-nas como enfeites e elegância, e põem-nas, ainda mesmo brutas e não lapidadas, em suas faixas e coifas. Nessa província de Copiapó até hoje não se encontraram vestígios de ouro. O solo é muito feraz de outras produções, e a terra lavradia ótima.

Semelhantes a ela na boa qualidade do solo são Guasco e Chile. ^{Guasco e Chile} Dizem que se descobriram nesta betas auríferas, bem como em La Serena e Quillota, conquanto privadas de água e de mineiros índios, que só se ob- ^{La Serena e Quillota} têm por elevado preço.

A província de Santiago deve o seu nome à cidade assim chamada, sede ^{Cidade de Santiago em Mapocho} de um bispado. O nome originário da região é Mapocho, regada por um rio muito conhecido, o Topocalmo. Produz vinho, trigo, cominho, anis e vários outros gêneros alimentícios, provendo-se a si própria de mantimentos. Antigamente dava ouro mais abundante, hoje mais escasso.

A cidade de Conceição, sede do governo e residência do governador, é ^{Cidade de Conceição em Penco} desprovida de muralhas e aberta de todos os lados para quem chega. Calcula-se-lhe a população em 2.000 habitantes, italianos, portugueses, biscainhos, castelhanos e mestiços, como lhes chamam os espanhóis. É defendida por uma só companhia militar, que constitui a guarda do governador.

A região, que na língua chilena se denomina Penco, é também famosa pelos seu vieiros auríferos. Suas ilhas principais, fronteiras ao continente, são la ^{Ilhas de la Mocha e Santa María} Mocha e Santa María. La Mocha fica ao sul, em frente do rio Imperial, e é erizada de montes e abundante de vitualhas. Os seus habitantes são daquela nação chilena que, expulsa pelas guerras dos de Arauco, para ali se retirou. Vivem em paz com o espanhol e com os chilenos a quem chamam ucaus, mantendo-se neutros entre as partes. Os castelhanos vão ali comerciar e permutam mercadorias por gêneros alimentícios. Os de la Mocha transportam-nas em suas barcas para os de Cautín, Toltén e outras nações da vizinhança.

A ilha de Santa María jaz defronte de Arauco. É também fértil e produz ^{Arauco e Tucapel} copiosamente milho, trigo, favas.

Arauco, que compreende Tucapel, é também célebre pela uberdade do solo, e possui minas de ouro. Os íncolas, arrastados pelos espanhóis aos trabalhos da mineração, tomaram armas contra eles para se porem em liberdade. Depois de

guerrearem muitos anos, vivem em paz, não obstante surgirem às vezes questões que a perturbem, como sói acontecer entre povos reconciliados. Obedecem hoje a um senhor assaz dedicado aos espanhóis, de nome Catamaco, sob o qual têm vivido quietos e tranqüilos. Tendo ele morrido agora, voltaram ao seu natural turbulento e contrário à paz. Lá construíram os espanhóis o forte de São Filipe para reprimir os desordeiros, acantonando nele uma guarnição de quinhentos homens.

As restantes regiões austrais são as dos ucaus ou povos **Regiões austrais** adversos aos castelhanos, excetuada Castro, que os chilenos denominam Chiloé.³³⁸ São estas as regiões: Llanquihue, Cobija, Carelmapu, Maule, Maileco, Guadalauquén, Linlín, Meulín, Cavancha, Aconcágua, Lima, Quintero e diversas outras, assim como a fortaleza Calbuco, que está na província de Ancud, junto a um braço de mar. Todas se acham sob o domínio espanhol, sendo governador Fernando Alvarado, nascido de pais espanhóis de Osorno e subordinado ao governador de Conceição. São elas admiráveis e ubertosas, produzindo em abundância milho, cevada, ervilhas, e favas. O trigo, pelo frio e umidade do lugar, é mais escasso e de cor escura. Há também com fartura maçãs, marmelos, nabos e outras hortaliças, batatas-doces e tubérculos. Nas ilhas há muitas ovelhas, cabras, porcos, galinhas e outros animais miúdos de comer, sendo, porém, mais raras as vacas. Nos rios é muito farta a pesca de vários gêneros de peixes, tais como corvinas, do tamanho de um badejo pequeno, robalos, anchovas como uns peixinhos e ostras semelhantes às da Europa. A ilha de Chiloé, onde está Castro, **Ilha de Chiloé** contém ouro, mas temeram os naturais procurá-lo, receosos de serem contra a vontade escravizados pelos espanhóis nos trabalhos da mineração. Agora é livre a cada um penetrar nas entranhas da terra e extrair ouro, contanto que se pague o quinto ao rei.

A cidade de Castro, com poucas habitações, assenta às **Cidade Castro** margens do rio Gamboa,³³⁹ que desemboca numa enseada ou esteiro. Tem aspecto aprazível pelos seus jardins e quintais. Possui três igrejas: a matriz, as Mercês e a dos jesuítas. As casas, incendiadas que foram, se acham em ruínas, consequência das guerras.

A província de Ongol fica no sertão, longe de Arauco, e nela **Ongol** houve uma vila chamada pelos espanhóis Vila Nova. O solo viceja com singular fecundidade, e a província é benigna produtora de trigo, figos, vinho e outros frutos. E' fama que lá também há ouro, mas dele não tratam. Entre os chefes dos angolenses ou caciques existem alguns partidários dos espanhóis, e vivem também em paz com os araucanos. Têm os espanhóis uma fortaleza em Ongol, mas sem guarnição.

A província de Purén, banhada pelo mar ao ocidente, não **Purén** contém ouro, mas é fértil em tudo o mais. Antes de fazerem paz com os espa-

nhóis, eram os naturais sujeitos aos araucanos, mas agora se separaram deles, aliando-se aos de Imperial. O espanhol administra ali os seus interesses por intermédio de asseclas e fautores ocultos.

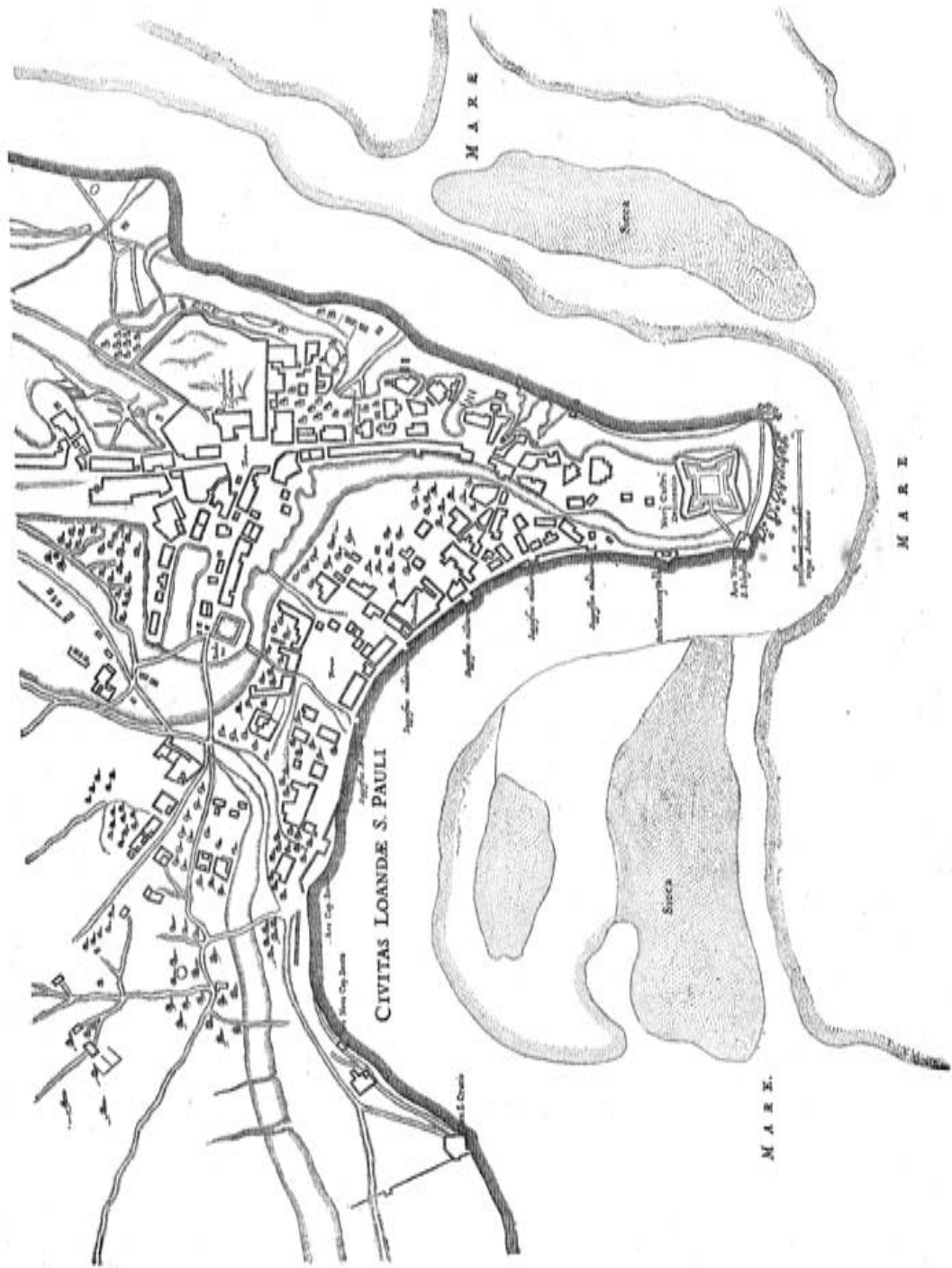
A cidade Imperial, antes sede de um bispado, devastada pela guerra, Cidade Imperial oferece hoje triste aspecto. Corria voz que os castelhanos, com uma força de trezentos homens, construíam ali uma fortaleza, e que alguns dos chefes chilenos já tinham quebrado a fidelidade a seus compatriotas. Entretanto, reprime-os a nação selvagem e bravía dos puelches,³⁴⁰ mais rude ainda por habitar nas montanhas. Não tem ouro essa província. São os espanhóis muito odiados pelos naturais, que várias vezes foram por eles escravizados. Não há, de fato, mais fecundo e certo motivo de ódio que a opressão ou o roubo da liberdade. Enquanto os holandeses se demoravam em Valdivia, o cacique de Cautín, Lemo-lemo, enviou ao comandante dos holandeses, conforme o costume da sua nação, um dardo por um mensageiro, pedindo-lhe a amizade. Quando esse cacique se aprestava para a viagem, a fim de tratar pessoalmente com os hóspedes estrangeiros, os puelches, para quem ele era de fidelidade suspeita, por ter favorecido aos espanhóis, invadiram-lhe a província, mataram-lhe alguns e levaram-no cativo com os seus.

A região é tão fértil quanto as outras, mas os frutos ali amadurecem mal, à conta do ar mais frio.

Vila Rica é o nome tanto de uma das províncias como da sua cidade.

Vila Rica Deve à ferocidade dos índios a sua devastação e deplorável aspecto. Quanto ao mais, é de solo ubertoso, mas um tanto frio. Tem minas de ouro, porém desprezadas e inexploradas. Quando estiveram os holandeses no Chile, era seu governador um tal Curuwanchas, que, falando com Herckmann em Valdivia, a 3 de fevereiro de 1643, conveio conosco e ao mesmo tempo com os de Valdivia e de Cunco nas condições da paz.

A província de Valdivia se divide em nove comarcas ou partes: Mariquina, Pelehue, Renihue, Callecaile, Guadalauquén, na qual está A província de Valdivia compreende nove comarcas a cidade de Valdivia, Quinchilca e outras. Os seus naturais negam pertinazmente que exista ouro nelas, salvo em Mariquina, a tal ponto execram este engodo da cobiça, por outros procurado. Nenhum deles se gloria com esse dom da natureza, e todos se doem dele, por causa da servidão Cidade de Valdivia e tirania que antigamente sofreram dos espanhóis. O solo de Valdivia é frio e úmido em razão das chuvas freqüentes provocadas pelas fases da Lua. Os frutos são mais ou menos quais os nossos, mas as uvas não amadurecem em consequência do frio e dos ventos gelados. O perímetro de Valdivia é de uma légua. De seus muros se vêem surgir macieiras, que, à semelhança de denso bosque, estorvam a cada passo as ruas e calçadas. Dois anos após a destruição da cidade, trezentos castelhanos construíram um forte num ângulo do rio, junto ao



Convento de São Francisco, onde morreram por falta de alimento, com exceção de setenta, que se acolheram em Osorno, quebrantados e exaustos da viagem. Desde então Valdívía, abandonada pelos espanhóis, ficou, de quando em quando, exposta às incursões deles.

Chauracauhín foi outrora célebre pela cidade de Osorno, distante 20 léguas de Valdívía. Goza de clima salubérrimo e de solo fértil, e alimenta muitas ovelhas. Tem prados e pastios viçosos, e ganha a palma pela sua lã mais fina e gabada e pela cópia e variedade de seus frutos. Possui minas de ouro. Seus habitantes, mais humanos e policiados que os de Valdívía, obedecem a um chefe de nome Picomano, comandante de uma antiga milícia, o qual merece entre os seus grandes honra e veneração. A cidade, edificada às margens de um rio que os espanhóis denominam rio Bueno, tem um porto acessível a navios pequenos, mas não a grandes, em razão dos bancos e escolhos pelo rio afora.

Dos chilenos vivem uns sob o domínio dos espanhóis, e os outros são independentes. Aqueles são mais civilizados e adaptam-se mais aos costumes apurados da Europa. Têm o sentimento da existência de Deus e moram em casas. Os outros levam vida agreste e bravia, com propensão para as piores cousas, avigorada pelos costumes inteiramente bárbaros dos seus maiores. Têm a cabeça bastante grande, o rosto chato. Com uma conchazinha que para tal uso trazem pendurada em volta do pescoço, tosam os imberbes o cabelo que vai nascendo. Rapam a cabeça e arrancam também a barba e os bigodes, para que o inimigo não lhes agarre os cabelos como meio de lhes fazer mal. Entretanto os que se acham sob o governo dos espanhóis usam os cabelos compridos e soltos. Quase todos andam de cabeça descoberta, apertando-a com uma faixa, que é mais ornada e bonita para os chefes e os mais eminentes dentre eles, porquanto a enfeitam com lâminas de prata, turquesas e variegados corais. Cobrem também a cabeça com peles de doninha, pondo-a de maneira que fique na frente a cabecinha do animal, lançada a cauda sobre a cerviz. Pouquíssimos usam chapéus, mas sabem fabricá-los industriosamente. São de cor branca, cabelo denso e tirante a negro, o qual aparam em redor das orelhas. Também as mulheres têm o costume de andar de cabeça descoberta, com o cabelo solto, não penteado nem encaracolado. Umás tantas apertam com um nó em torno da cabeça a cabeleira solta sobre a cerviz. Fazem isso sempre que são casadas e durante a menstruação. As mulheres da região dos ucaus não cortam os cabelos, o que é, porém, costume das de Chiloé, tomado dos peruanos. Estes deixam os cabelos crescer até as sobrancelhas, como é mais ou menos a moda dos europeus. São todas hábeis na arte de tecer, mas não fabricam uma tela além de quatro ou cinco côvados. Fazem para os homens uns mantos de panos de lã, com os quais agasalham eles os ombros e os braços nus. Conforme o grau do frio, vestem uns

sobre outros, ora brancos, ora azuis, ora amarelos e até listados como os cobertores dos espanhóis. Não vestem jaqueta, mas sim calções, como os holandeses. Não usam nem camisas, nem meias, nem sapatos. Os indígenas independentes não formam, reunindo-se, nem cidades, nem aldeias: habitam em casas esparsas, muito singelas, baixas e feitas de ramos, canas e jun- Habitaçõescos. Não há divisões internas, sendo um só cômodo, com uma cobertura de colmo inclinada. No alto rasga-se uma abertura descoberta, por onde entra a luz e sai o fumo. Esses indígenas andam descalços, salvo nos dias de festas e Trajesnas assembléias solenes, em que põem meias, mas não sapatos. As mulheres usam por vestido uns panos de linho, que, de um dos ombros, pendem para frente e para trás cosidos de um lado, ficando, porém, aberta a parte próxima do peito. Ligam-nos sobre o ombro com alfinetes grandes de prata ou de metal, conforme as posses de cada uma. Apanham e atam essa vestimenta no meio do corpo e lançam-lhe em derredor um manto pequeno, que prendem com um alfinete abaixo da garganta. Como os homens, andam descalças, sem meias nem sapatos, acostumadas com a vida dura.

Sua alfaia é excessivamente escassa, sem luxo nem superfluidade, conforme convém a um povo há muito habituado à pobreza: duas ou três vasilhas para guardar a bebida, um vasilhinho de chifre e uma tijela por onde se bebe, como se vivessem segundo a regra dos cínicos. Os assentos são troncos de árvores. Os mais opulentos, porém, cobrem de peles o chão em honra de um amigo que os visite. Desfrutam descuidosos os réditos do ano. A isto se limita a sua cobiça. O ano seguinte dá-lhes outros cuidados e trabalhos. Incluem entre as riquezas os gados, que se criam, não por esforço deles, mas por benefício da natureza. No começo de outubro, fazem as sementeiras, tempo em que dez ou vinte famílias da mesma região se reúnem numa sociedade de trabalho, aram, estorroam e semeiam os campos. Na época da colheita, prestam-se de novo mútuos auxílios nos trabalhos. Têm hora certa de comer – de manhã e de tarde. AlimentaçãoBebem pouca água, misturando nela farinha de trigo ou de cevada ou fubá de milho à semelhança da nossa cerveja. Nos dias festivos usam uma bebida de milho a que chamam *Chiche*, quase da mesma cor e sabor de soro de leite azedo. Trituram o milho, maceram-no e fazem dele uma pasta, que, mascada pelas velhas, se reduz a umas como tênues papas. Põe-se nelas água e deixam-se fermentar, dando então uma bebida que os embriaga. Preparam, mais ou menos do mesmo modo uma bebida de maçãs, mastigadas para obterem, segundo crêem, fermentação mais forte.

Elegem os seus regedores pela valentia e dignidade da família e chamam-lhes *Ulmenes* ou *Pulmenes*. A palavra *cacique*³⁴¹ importada das Índias Ocidentais para o Chile, é de origem estrangeira. Alguns dos ulmenes governam vinte, outros trinta, uns tantos cinquenta ou cem famílias. Isto é indício certo de Governadores

não poder subsistir uma multidão entregue a si, sem ordem nem chefe. Sua principal autoridade é na guerra e nas assembléias, nas quais falam em primeiro lugar. É-lhes permitido convocá-las, quando o pede a necessidade; mas não lhes é lícito exigir tributos, senão quando cumpre fazer guerra. Nesta devem ser os comandantes e vanguardeiros, sob os auspícios do governador supremo, chamado *Nentoquiendo*, a quem obedecem. É-lhes vedado deliberar em particular sobre os interesses da comunidade: falam ao ar livre, achando-se o povo em torno deles, porque esses indígenas são suspicazes e imaginam sempre o pior, levantando falsas acusações. A governança hereditária transmite-se ao primogênito e depois aos outros filhos, e, na falta destes, aos parentes mais próximos. Se não forem considerados dignos do mando, conferem esta dignidade de chefe aos mais merecedores.

Usam os chilenos armas decentes. São lanças de vinte e oito pés de ^{Armas} comprimento, com uma ponta de ferro ou de madeira muito dura, com as quais combatem destramente a cavalo. Mostravam também aos holandeses alfanjes e terçados espanhóis, e bem assim couraças garantidas contra os golpes, havendo tomado essas armas nas derrotas infligidas outrora aos espanhóis. Estragadas as bainhas por longo uso, cingiam as espadas amarrando-as. Usam também maças, ameaçadoras pelos cravos nelas fincados.

Trazem além disso arcos e flechas, como costumavam seus antepassados. As pontas destas, de pedra polida e alisada, são envenenadas e matam logo a quem ferem. Tal costume, porém, não é geral, mas da nação dos chamados *puelches*, que habitam a parte oriental das montanhas denominadas por eles *Cordilheiras*. Fabricam também para si, com muitas peles unidas, capacetes e couraças, com que evitam os golpes mortais. Sua cavalaria é mais valente que a infantaria, e quando esta se desdobra nos campos de batalha, facilmente se põe em fuga, principalmente com os tiros de espingardas e mosquetes dos nossos. São considerados hábeis em brandir lanças, mas inábeis em manejar armas de fogo. Ensinados a guerrear de emboscada, atacam o inimigo desprevenido e trucidam-no. Muitas vezes os nossos ouviram gabar-se-lhes a bravura, mas nunca a experimentaram, visto como trezentos deles podem ser afugentados por dez mosqueteiros. Cruéis para os vencidos, não poupam a vida a nenhum. Dilaceram a dentadas sangrentas o coração arrancado ao adversário que prostraram, invocando o nome de Pilán,³⁴² a quem, como a um nume e um gênio, imolam tal vítima.

Desconhecem o Criador, o culto divino, a imortalidade da alma, e não ^{Religião.} ^{Demônios} distinguem dias santificados e profanos. Todavia, parece terem idéia de uma divindade ou de um demônio, porque adoram a seu Pilán como a um espírito do ar. Cantam-lhe carmes e hinos,³⁴³ mormente quando alienados pela bebida e como tomados de furor. Sempre que os trovões lhes aterram as mentes pávidas, rogam que eles causem a perdição dos inimigos, e, soprando da boca e das narinas fumadas de tabaco, repetem "*Pilán Pilán*", como celebrando

uma cerimônia sagrada com tais fumigações. Quando alcançam vitória, fazem festa, demasiam-se em comezainas e bebedeiras e, cravando na terra uma lança, dançam em torno dela, dedicando seus cantos a Pilán. Praticam o mesmo quando vão matar um inimigo. Enquanto este dança e se banqueteia com eles, no meio daquelas alegrias, derribam-no com uma clava, despedaçam-lhe com os dentes os membros semivivos e ainda palpitantes, continuando o canto e a vociferação de todos em honra de Pilán. Punem de morte os homicidas, os ladrões e os réus de alta traição e nesse espetáculo, ainda que trágico, celebram idêntica solenidade com os mesmos cantos. Todos os homens estrênuos que excedem aos outros na audácia e na prudência são por eles denominados, em louvor do seu deus, *Pilán*, isto é, divinos, julgando dignos de igual honra os seus cantores e os ministros do seu culto. Honram também um outro demônio, a que chamam *Mura-Poante*³⁴⁴ e, sempre que casam, invocam-no como a uma Lucina.³⁴⁵ Se, por inspiração dele, se entregam aos prazeres do amor, ele lhes dá a indúbia esperança de fecundidade. Dizem que ele só lhes fala por inspirações e sonhos, celebrando-se antes jogos e solenidades com cantos e danças.

Têm eles maior ou menor número de mulheres, na proporção das suas posses. Compram-nas aos pais, e daí o dizer um provérbio corrente entre eles “que é mais rico o chileno que tem mais filhas”. Não é nem a formosura, nem a posição da família que determinam os casamentos, mas a diligência e a operosidade. Assim, são preferidas as que possuem tais dotes. Em geral são as mulheres que se ocupam da lavoura. Os maridos, ociosos e indolentes, nada fazem e ficam aquecendo-se ao sol. Elas tosquam o rebanho, fiam, tecem e moem os grãos. Os homens quase de nada cuidam além da sementeira. Para o trabalho desta e para o da colheita também chamam as mulheres. Quem pede para mulher a fi- Casamentos
lha de alguém, não tem por necessário conversar com ela ou meter empenhos: trata a compra com o pai. O preço das esposas são coifas valiosas, cavalos e ovelhas. Dados estes objetos, conforme o ajuste, leva-se a noiva para casa sem nenhum aparato. Divulgando-se, porém, a notícia do casamento, os amigos e parentes sacrificam uma vítima do rebanho e dirigem louvores ao deus *Mura-Poante*, protetor dos casamentos. Depois, estendendo no chão couros de ovelhas, banqueteiam-se. O marido dá uma casa a cada uma das mulheres. Quando quer estar com alguma delas, anuncia-lhe a sua chegada, e então só a ela dispensa os seus carinhos, ficando as outras como criadas. Quando elas dão à luz, banqueteiam-se com uma ovelha e servem à parturiente e à criança das cames e do caldo. O resguardo não é, como na Europa, de cinco ou seis semanas: no dia seguinte ao parto, voltam, fortes, aos seus trabalhos, posto sejam pequenas de corpo. Respeitam muito aos maridos e são tratadas como fâmulas. Se olham atentas algum dos que não sejam o marido, são açoitadas por ciúme. Eles, de acordo com as suas leis, matam as mulheres surpreendidas em adultério; mas nem por isso vivem elas mais castamente, conquanto o mais cautamente que podem, fechando os maridos os olhos para as menos ama-

das. Os casamentos, realizados por um tráfico, não se podem desfazer com outro, mas é lícito repudiar as adúlteras. Pode o marido abandonar a mulher, ainda sem ela o merecer, mas corre perigo de vingança. Por impune maldade dos mais poderosos, ousam também raptar criminosamente as mulheres uns dos outros, e, na esperança de se apoderarem das esposas, matam-lhes os maridos. Aos que perguntam pelos defuntos respondem: “*Levom-os o demônio.*”

Choram os mortos e conservam alguns meses os cadáveres insepultos e Rios fúnebres envoltos em ervas e aromas para preservá-los da corrupção. Quando querem enterrá-los, convocam três dias antes os parentes, fazem um festim e colocam junto à cabeça do defunto a sua ração num prato, como se fora banquetear em companhia deles. Após três ou quatro dias de comezainas, sepultam-no Segundas núpcias em casa. O costume permite que a mulher se case logo depois da morte do marido. Quem vai recebê-la em segunda núpcias é obrigado a distribuir presentes liberais com os filhos que ela acaso tenha, para afiançar aquela união. Julgam, porém, mais honroso que as viúvas vivam como tais.

É hábito dos homens e das mulheres banharem-se de manhã no rio, ainda mesmo duro de gelo.

Quando, em virtude de um pacto, têm de ir à guerra, enviam um dardo Cerimonial dos tratados aos aliados: se estes nele tocam com a mão direita, está confirmada a aliança e feito o juramento contra o inimigo. E porque entre eles não se costuma exprimir por escrito aos ausentes os sentimentos do ânimo, mandam alguém, ciente dos seus segredos, para anunciar o estado de guerra, exibindo na destra um dardo de que pende uma fita. Se querem associar-se à guerra, põem na mão direita do mensageiro, quando ele volta, o mesmo dardo, e atam uma outra fita sobre a primeira. Se, porém, é necessário comunicar a outros os planos, mostram esse dardo e as fitas como sinais da aliança feita.

Esfregam com cinza as partes pilosas do corpo e arrancam à mão os pêlos com a raiz para não crescerem mais. Consideram o trovão um deus e o O deus Pilán meiam *Pilán*. Quando troveja durante os seus festins, dispersa-se a reunião, fogem e gritam que se acham presentes os espanhóis, e, além disso, tomam armas tumultuariamente, como se estivesse próximo o inimigo. Tal é o horror que ainda hoje inspira aos netos e trinotos a nação odiada, por estar viva a lembrança das crueldades praticadas outrora contra os seus antepassados, que acreditam ser a ferocidade dos espanhóis a causa de o céu estrondejar e tremer.

Elegem o governador deste modo: aquele que pretende suceder ao mor- Eleição do governador to tem de examinar se suas riquezas bastam para ele recompensar aos *ulmenes* ou magistrados inferiores. Depois, convocando-os, alega, num discurso ao povo, os merecimentos de sua família e de seus maiores, o poder dos amigos e a glória das suas virtudes militares. Responde ao discurso um dos principais e, encarecendo os méritos do futuro chefe, recebe o juramento deste e dos

seus. Depois, tirando-lhe do pescoço uma faixa fulgente de pedras preciosas, distribuí-as entre os senhores dos territórios ou *ulmenes*. Então aclamam o novo governador e entregam-se às comezainas, que para eles são o princípio e o fim de tudo.

Os animais do Chile diferem notavelmente dos nossos. Das Animais ovelhas umas são bravias, como as da Escócia, outras são mansas. Algumas se parecem com camelos no feitio do corpo, mas não no tamanho. O pescoço delas é redondo e mais longo, o focinho fendido, mas não têm corcova. A cor varia: branca, preta, cinzenta, mas a das bravias é avermelhada e fulva. Os donos guiam-nas à vontade, perfurando-lhes as orelhas e passando por elas uma corda, com que se governam como os cavalos com os freios. O Chile cria um animalzinho do tamanho de uma arda, sem pêlos e de muito valor para os peruanos. Chamam *chinchilla*. É grande ali a quantidade de gado miúdo e de avestruzes. Os frutos levados da Espanha para lá medram facilmente. Além de outros cereais, produz a região uma espécie peculiar de trigo chamado *teca*. Os naturais se alimentam menos com a flor da farinha do que com esse trigo moído e torrado. Derramando-se nele uma pouca de água, serve de alimento; se o diluem mais, serve de bebida. Nasce lá uma árvore denominada *murtilla* pelos espanhóis e *ugni* pelos indígenas. Do fruto dela se espreme um licor muito parecido com o vinho e muito saudável para o estômago.

Aportaram ao Chile os célebres navegadores Francisco Drake, Os que foram ao Chile Tomás Cavendish, Oliveiro van der Noort, Jorge Spilberg e outros. Quem nele penetrou primeiro conduzindo tropas foi Diogo Almagro, que superou com grandes riscos os cimos dos Andes. Depois Valdívia subjugou-lhe as províncias e construiu as cidades Imperial e Valdívia, dando a esta o seu nome.

Os araucanos são os mais belicosos de todos os povos chilenos. Muitas vezes desbarataram aos espanhóis com grandíssimo estrago, atacando-lhes e queimando-lhes com tal ferócia cidades, vilas e colônias que não lhes permitem dilatar as suas fronteiras, mas, com expulsá-los de toda a parte, os prendem, como rechaçados, dentro de território mais estreito.

O móvel da expedição empreendida pela Companhia e por Brauer foi a riqueza do Chile em minas de ouro. Os mortais em verdade vamos de bom grado aonde esperamos aplacar a cobiça, e não de má vontade folgamos com as ilusões do futuro, se delas tiramos algum proveito.

Alarguei-me bastante na minha descrição, cativado com os costumes, os povos e a novidade das terras chilenas. Volto agora a narrar o que comecei.

Deram-se a Brauer cinco naus, que levavam 360 soldados armados à ligeira, distribuídos em três companhias sob outros tantos capitães, a saber: Blau-beeck, Forstermann e Pedro Floriss, militares experimentados e co- Ano de 1643 nhecidos nas armas. Partindo Brauer do porto brasileiro de Santo Aleixo e rumando para o sul, lançou ferro perto do estreito de Lemaire. Atravessando este, observou mui atentamente a ilha denominada dos Estados, procurando saber se

era continente ou de fato ilha. Tornou depois ao mesmo estreito, determinado a chegar à baía de Valência, que ali se avista ao sul da Terra de Maurício, na latitude de 540 e alguns minutos. Mas, arrojado por uma tempestade para a parte oposta da ilha, foi arrebatado em torno de toda ela, deparando-lhe a fortuna ocasião de

Brauer descobre uma
nova passagem para o
O. Pacífico

achar passagem nova e mais curta para o Oceano Pacífico. Os marinheiros, para perpetuar o fato, chamaram àquela passagem mar de Brauer. A baía a que me referi apresenta uma estância muito vantajosa para dez ou doze naus. Sem ter peixes nem gado, mostrava-se a terra circunjacente naquela quadra coberta de umas bagas avermelhadas, encontrando-se também com fartura amêijoas, e mariscos, água fresca e madeiras para vários usos. Reunidas as naus naquela enseada, velejaram todas a salvamento e sem escala até arribarem ao porto de Chiloé, ao qual se deu o nome de Brauer.

Chega ao porto de
Chiloé 1º DE MAIO
DE 1643

Desgarrara a *Orange*, que, chegando ali depois e não achando a esquadra, tornou para Pernambuco. Surta a frota, foram mandados subir o rio no iate *Delfim* o Capitão Crispim e o major Blaubeeck para se informarem dos chilenos que primeiro encontrassem sobre as condições do país e as forças dos espanhóis.

As margens do rio, vestidas de ameníssimo arvoredado, mostravam algumas casas esparsas e rodeadas de cercas de paus dispostas em aspás. Os chilenos, à vista de homens estrangeiros e desconhecidos, dirigiram-se para uma colina que se erguia à beira do rio para serem vistos pelos holandeses. Saindo estes para virem à fala, afastaram-se eles das margens do rio para o interior. Os nossos fincaram na praia uma estaca com um pano branco em sinal de paz e puseram-lhe ao pé faquinhas e corais, que são ali objetos de comércio, proferindo, em voz alta e branda, palavras de amizade. Mal voltaram os holandeses para a embarcação, logo chegaram um cavaleiro e três peões, arrancaram a estaca e levaram-na com o resto aos seus. Em seguida encaminharam-se para a margem e os lançaram na água. Este fato, pela indignação que parecia demonstrar, causava suspeita de serem aqueles lugares possuídos por espanhóis, dos quais seria insensatez esperar benevolência.

Blaubeeck sobe
o rio

Três dias depois, Blaubeeck entrou mais pelo rio acima, com um batalhão, para convidar os íncolas a mútuas conferências. Recebera ordens de dar repetidos tiros de peça, mas de pólvora seca, e de desfraldar uma bandeira branca para tranqüilizá-los, e, se eles, apesar disso, não quisessem atender, então deveria desdobrar uma vermelha e disparar tiros verdadeiros para aterrar os presentes. Mas nada conseguimos. Sempre que o lugar os fazia audazes, dirigiam aos nossos ultrajes e palavras feias, ameaçando-os de morte, quando saltavam em terra. Os dois capitães Forstermann e Floriss, depois de feito o desembarque e de armarem ciladas, apanham um chileno e uma velha com dois filhos, que, por não falarem espanhol, não informaram coisa alguma. Entretanto, havendo os espanhóis

Fogem os
espanhóis

aprisionado um dos nossos marinheiros, foi crível terem sido pelo mesmo inteirados das causas da nossa chegada. Partiram os holandeses para



A. Coffey & Company.
B. J. van der Hoeft.
C. Goud.

D. Nijhoff.
E. Courcier & Pons.
F. J. van der Hoeft.

G. B. van der Hoeft.
H. J. van der Hoeft.
I. J. van der Hoeft.

K. J. van der Hoeft.
L. J. van der Hoeft.

mais longe, para o forte de Carelmapu, desembarcaram sob o fogo da artilharia inimiga e debandaram corajosamente uma força de cavalaria e de infantaria de noventa adversários, que casualmente encontraram e que tentava agredi-los, tendo escapulado vários destes para as florestas próximas. Neste encontro morreram o próprio comandante espanhol D. André Munos Herrera e oito ou nove soldados rasos. Poder-se-iam então fazer prisioneiros, mas Brauer ordenara severamente a Blaubeeck que não poupasse inimigo algum, mas trucidasse quantos Toma-se a fortaleza de Carelmapu encontrasse e lhe fizessem rosto. Logo investiram os holandeses a fortaleza de Carelmapu, que os espanhóis defendiam com sessenta homens da guarnição e duas peças de bronze. Vencida ela, mataram todos sem exceção, a fim de que, espalhando-se o terror do nosso nome, se abrissem à nossa chegada as partes mais íntimas da região. Assim pareceu a Brauer. Pronto sempre a guerrear todos os espanhóis, combatia mais cruamente aqueles de que esperava despojos opimos. Julgaram, porém, seus companheiros de armas que o seu procedimento foi pouco atilado, porquanto, não deixando ninguém, faltavam informadores e ensejos de se descobrirem as cousas ignoradas que eles queriam saber. A referida fortaleza erguia-se mesmo às margens do rio, na fronteira dos povos de Cunco,³⁴⁶ Osorno e Valdivia, os quais vivem em guerras quase perpétuas com os espanhóis. A quatro léguas dali para leste, possuem os espanhóis outra Fortaleza de Calbuco fortaleza – Calbuco –, que defendiam com uma guarnição de quarenta homens, e uma peça de bronze, além de uma torre. Na fortaleza de Carelmapu se achou uma carta escrita em 28 de fevereiro de 1642 e endereçada de Lima para a cidade de Conceição e daí para Carelmapu. Nela se avisava aos de Chiloé que não faltassem com a sua defesa e que os holandeses chegavam em doze naus, divididas em duas esquadras. Teve o inimigo conhecimento disso certamente por censurável costume dos nossos, propensos a levar aos estrangeiros os negócios domésticos. Demolida e arrasada a fortaleza de Carelmapu, junto da qual havia trinta habitações, teve a mesma sorte a cidade de Castro, edificada na ilha. Destrói a vila de Castro Abandonadas dos seus moradores, caiu em poder dos holandeses. Os cidadãos incendiaram-na, e o almirante ainda lhe aumentou o incêndio para que ela, do alto-mar, representasse Tróia expugnada e fumegante. Não teria sido outro o destino de Calbuco, se os bancos, os escolhos, as marés e os temporais impetuosíssimos não tivessem obstado a que se navegasse até lá. Por ordem de Brauer foram destruídos até os alicerces, as igrejas e as casas meio derribadas de Castro, a fim de nada dos inimigos restar inteiro e salvo.

Procurava então o almirante aprisionar ou atrair com palavras brandas alguns que lhe pudessem dar informações relativas ao Chile. Mas foi em vão, porque os habitantes fugiam horrorizados com as asperezas da guerra, e, em consequência das chuvas contínuas e do desconhecimento dos caminhos, não conseguiram os holandeses ninguém a quem pudessem dirigir-se com brandura e afabilidade. Já todos desejavam a tomada de Valdivia, enviando-se para lá Crispim. Mas a inclemên-

cia dos ventos e vários reveses não permitiram ainda que fosse ocupada. Logo três espanhóis capturados disseram alguma coisa sobre as condições do país. Entrando em conversa com seis chilenos, lembramos-lhes a tirania dos espanhóis, seu jugo odioso, as matanças cometidas contra os seus antepassados e os numerosos males sofridos. Dissemos que ali estávamos para vingar-lhes a liberdade antiga e libertarmos a nação oprimida; que se aliassem aos nossos intentos e armas; que tínhamos soldados experientes e todo o aparelho bélico, acrescentando mais algumas cousas tendentes a incitar os ânimos. Segundo a natureza dos ambiciosos, éramos largos e excessivos em promessas. Os chilenos ouviram aquilo favoravelmente, e, divulgada na ilha a nova de terem chegado os nossos, significaram, por intermédio dos seus principais, que somente desejavam ser arrancados ao jugo e escravidão dos espanhóis e poder ser levados para junto dos seus em Valdívia. Esses principais eram Diogo de Carelmapu e Filipe de Ulentelica, que, reunindo às pressas um exército de duzentos homens, se dispunham a marchar por terra para Osorno e Valdívia, armados de alabardas, dardos, mosquetes e pólvora, cujo preço pagaram aos holandeses com vinte e cinco cabeças de gado grosso. Entretanto, como tivessem os espanhóis fechado todos os caminhos, pediram os chilenos fossem conduzidos em naus ao seu destino. Já o tinham alcançado, quando um deles, mais prudente, disse ser conveniente avisar primeiro aos de Osorno e Valdívia a chegada dos holandeses, para não praticarem alguma hostilidade, supondo-nos inimigos. Apresentaram-se três, que, sabendo os desvios dos caminhos, encarregaram-se de dar sem demora aquele aviso. Não me pejo de contar que aquele Filipe de Ulentelica, para confirmar a sua fidelidade aos nossos, cortou com as próprias mãos a cabeça a um espanhol e mostrou-a, já pútrida e fétida, para não duvidar nenhum daquela nação de ser ele inimigo dela e de querer, com tal exemplo, fosse trucidada e exterminada.

A morte, porém, surpreendeu Brauer, suspendendo estes Morre Brauer inícios brilhantes e tão bem auspiciados. Após uma doença de dois meses, morreu ele na ilha de Castro, encontrando para o seu traspasse um lugar novo, sem ter achado ainda o lugar da nova glória a que aspirava. Com efeito, agravando-se a enfermidade e sentindo-se ele inapto para trabalhar e realizar seus tentames, declarou-se desapegado da vida, recomendou aos presentes seus interesses particulares e os públicos e, perfeitamente conformado com o seu fim, que lhe venceria todos os cuidados, entregou a Deus a sua alma invulgar. Ele merece a memória da posteridade por ter sido o primeiro que abriu caminho para o Chile e o Oceano Pacífico, não pelos estreitos, mas pelo mar largo. Incumbira seus funerais a Herckmann e Crispim, escolhendo Valdívia para lugar de sua sepultura. Para desempenharem eles os seus deveres de acordo com a amizade que dedicavam ao morto, retiradas as vísceras do cadáver e enterradas, procuraram conservá-lo, embalsamando-o. Colocaram-no depois no porão mais amplo de Elias Herckmann sucede-lhe uma nau a fim de transportá-lo para Valdívia.^{346-A} Por prescrição

secreta da Companhia, a qual então se patenteou, sucedeu-lhe no mesmo posto Elias Herckmann, varão prudente e grave, diligente administrador da Companhia Ocidental, membro do Conselho de Justiça, governador da Paraíba e célebre por mais de uma expedição marítima. Dotado de sentimentos mais brandos e moderados do que Brauer, infenso a uma precipitada ferocidade contra o inimigo e a uma dura dominação entre nações estrangeiras, assumiu o comando com rédeas mais frouxas. Segundo penso, tinha-o abrandado o estudo das boas letras, principalmente o da poesia, à qual se dedicara com êxito feliz, tendo publicado livros sobre as navegações dos antigos e dos modernos. Convocado todo o Conselho de Guerra e comandantes militares, juraram-lhe fidelidade e obediência e ratificaram as determinações da Companhia, congratulando-se com o novo almirante e mostrando-se contentes por lhe conhecerem as virtudes.

Quando ainda estava enfermo o almirante, as naus holandesas entraram Entram os holandeses em Valdivia o porto de Valdivia, que fora outrora capital dos espanhóis, e ficaram sobre as âncoras. Viram-se as ruínas da grande cidade, queimada e destruída pelos bárbaros em 1599, quando, ao alvorecer, um exército de cinco mil deles, cavaleiros e infantes, alguns revestidos de couraças de ferro, acometeram os habitantes descuidosos, e, tomada a cidade, mortos quatrocentos espanhóis e incendiadas as casas, voltaram carregados de despojos. Depois disto, restauraram Valdivia e de novo a presidaram.

Os nossos, partindo da ilha de Castro para ela, restituíram a liberdade a quatrocentos chilenos, entre homens e mulheres, acolhendo-os nas naus e desembarcando-os lá. E não nos foi pesada a sua manutenção, porque, embarcando, proveram-se, com toda a precaução, de frutos, ovelhas e porcos.

O porto de Chiloé é muito cômodo para nele invernar-se, comporta Porto de Chiloé naus grossas, e dele ganha-se o mar com ventos muito favoráveis. As ilhas espalhadas diante de suas costas abundam de gado, cabras, cavalos, vacas, porcos, ovelhas. Produzem milho, painço, cevada, ervilhas, feijões, nabos, linho e dão bem trigo. Os habitantes fazem plantações, mas pequenas, para uso próprio e não para os estrangeiros. Em Chiloé como nas ilhas vizinhas calcula-se a população em 2.000 chilenos. Distribuídos em grupos e vivendo na condição servil, ficam sujeitos a feitores a eles impostos pelos espanhóis. Não é lícito vendê-los nem transferi-los para outro lugar. Não recebem paga de seu trabalho e somente roupa e comida. Pela escassez de índios, que se dão à lavoura, não há ali mineração. Os espanhóis, temendo-se de naus estrangeiras, todos os anos revistam cuidadosamente a costa inteira, desde Lima até Chiloé.

Não o fizeram desta vez, sabedores de terem chegado os holandeses. Enquanto estes se demoraram em Valdivia, souberam dos íncolas que se achavam no porto de Lima algumas naus do rei, além de outras de mercadores; que daquelas umas jogavam 26 peças e algumas 30.

Entretanto, os chilenos não se tinham dirigido por terra para Valdivia, concitando de toda a parte os povos com a notícia da chegada dos nossos, fizeram que alguns principais daquela nação, escoltados por denso troço de cavaleiros e peões e enviados aos holandeses, descessem para conferenciar com o nosso chefe Herckmann. Discursou-lhes este do mesmo modo que antes o fizera aos de Castro, dizendo muitas cousas sobre os agravos a eles feitos pelos espanhóis, sobre as simpatias que lhes votavam os holandeses, sobre as suas intenções e sobre a liberdade já próxima a raiar. Discorreu sobre as nossas guerras feitas com o espanhol durante tantos anos e com grandes êxitos. Mostrou que os batavos, ilustres por tantas vitórias, difundiram o seu império primeiro no Oriente, depois no Ocidente; que, expulsando os portugueses inimigos dominavam o Brasil; que deste era breve a navegação para o Chile, cujos habitantes podiam ligar-se-lhes pelas relações do comércio e pela sociedade da guerra. Demais disso, transformando o discurso em elogio, exagerou perante a assembléia as lutas dos chilenos contra os espanhóis, o heroísmo dos seus antepassados e os seus preclaros feitos. Exibiu a carta de S. A. o príncipe de Orange, que foi traduzida por intérprete. Beijando-lhe o papel, recebera-na com grande respeito, dados sinais de não pequena alegria. Depois associando-se numa guerra comum, prometeram reforços numa cavalaria e infantaria contra o inimigo e contra a violência que ele preparava contra os novos estrangeiros. Consentiram que, levantada uma trincheira na praça de Valdivia, cuidasse o almirante da defesa dos seus. Não quiseram, porém, que se consignasse por escrito o ajustado, segundo o costume dos nossos, porque diziam que ignoravam a nossa língua, mas não a nossa lealdade e, quando a boa fé e a sinceridade concluem um pacto, não há precisão de papel. Como falasse Herckmann em permuta de mercadorias e, o que era o principal, tratasse positivamente de ouro, todos, como de concerto, confessaram a sua ignorância e não sem horror se assombraram com a palavra ouro, como se fora nome de coisa fatal e funesta. Declararam que não tinham ouro e que ainda não se lhes apagara da memória a crueldade dos espanhóis, encarniçando-se contra a vida e a fazenda dos seus antepassados e cortando-lhes àqueles infelizes orelhas, mãos e pés. Não criariam, porém, dificuldades aos holandeses, se estes procurassem as minas e se entregassem eles próprios aos trabalhos da mineração (parecia quererem esquivar-se a estes). Encontraram-se até alguns que não relutaram em dizer que ali havia abundância de ouro e não era difícil o modo de obtê-lo. Trocaram algumas peças de gado grosso e algumas ovelhas por ferramentas, mas parcamente. E como gostassem de contemplar as armas dos europeus, alimentavam as nossas esperanças de que se entrasse em mútuas negociações. Afirmavam ser o seu desejo e vontade que nós, voltando forças contra os espanhóis, atacássemos Lima, Arica e outros portos deles. Expulsos dali os espanhóis, tudo do Chile estaria franco à Companhia. Tam-

Os chilenos vêm à fala com os holandeses

Discurso de Herckmann

Apresenta-se a carta do S. A. o Príncipe de Orange

Levantam os holandeses uma trincheira em Valdivia

Ao falar-se em ouro, espantam-se e horrorizam-se os chilenos

bém os peruanos, inclinados à defecção, esperavam o mesmo movimento. Eles chilenos tinham igualmente guerreiros valentes e armas. Toda a experiência da província do Chile era defenida apenas por 1.500 espanhóis. Esses podiam ser expulsos com um exército de 1.200 holandeses, unindo a estes aqueles que convocassem da sua própria nação. Expelidos os espanhóis, estaria desimpedido o caminho contra as naus de Arica, que transportam para Lima e daí para o Panamá a prata do

Descrição do monte de Potosí monte de Potosí. Este monte, que se oferece à nossa narração está na região de Charcas e contém minas de prata extraordinariamente ricas. Com efeito um só quintal de minério rende oitenta marcos da mais pura prata, o que é inaudito em outros lugares. Entretanto, dizem estarem agora mais escassos os veios, porquanto de cem libras podem apurar-se apenas dez

Pesos são 30 reales *pesos* e menos ainda. Tal riqueza permaneceu oculta para os antigos senhores do Peru. Descobriram-na tardiamente uns índios que, caminhando casualmente por aqueles sítios, toparam a mina. Logo que o fato se tornou conhecido na cidade de La Plata (seja permitido chamar-lhe Argirópole), imediatamente prouve distribuir-se a montanha entre os cidadãos para ser cavada. Eles com o trabalho dos índios extraíram e ainda extraem tamanha cópia de prata que abastecem a Europa inteira. É ela minerada por alguns mil bárbaros, que ali vivem ocupados dia e noite, sujeitos a verdadeira escravidão. Da massa da prata extraída ali cada ano renderam ao rei da Espanha 1.000.000 de ducados, apenas um quinto da prata tirada.

Voltando ao meu assunto, os valdivenses, osornenses e chiloenses têm

Descrição dos valdivenses a mesma estatura, mas o corpo destes é mais carnudo e mole, em razão da sua vida ociosa e dos prazeres, que não gostam de rejeitar pelo trabalho. Apenas se notam entre eles vestígios de religião. Galhofavam ébrios, em desordem, entregues a noitadas e comezainas.³⁴⁷ Não se importam com o governo nem o receiam: tudo entre eles está mais próximo do desregramento do que da disciplina e da ordem. Julgam haver nisto mais felicidade do que gemer na lavoura, afanar-se na mineração, administrar, entre esperanças e temores, seus haveres e os de outrem. Guerreiam de modo muito diferente do dos outros bárbaros, quais como os europeus: sabem, com efeito, dispor o exército em linha, manter-se debaixo de forma, entricheirar os acampamentos, armar ciladas ao inimigo ou atacá-lo em campo raso.

O almirante Herckmann mandou por Elberto Crispim anunciar a Nassau

Herckmann anuncia a Nassau o sucesso os sucessos da expedição ao Chile, pedindo o que era necessário para se levar avante a empresa: armas, soldados e bastimentos. Crispim, seguindo a mesma derrota de Brauer pelo mar largo, sem avistar sequer a ilha dos Estados, chegou ao Brasil e obteve facilmente do Conde que partisse uma nau e reforço para Valdivia e outra para Holanda, mensageira de tão importantes fatos. Enquanto se prepara isto no Brasil e cento e trinta homens escolhidos nas companhias se dispõem a seguir viagem para Valdivia, aporta a Pernambuco a nau *Orange*,

que chegara atrasada a Chiloé e não encontrara as demais naus. Dias depois, contra a expectativa geral, apresenta-se o almirante Herckmann com toda a frota, pouco havia conforto dos chilenos, sua futura libertadora e terror dos espanhóis. Deu ao Conde como razão da sua volta a míngua de mantimento, a longa e dúbia expectativa da próxima colheita, as promessas vãs dos chilenos de fornecer vitualhas, as murmurações dos soldados sobre a ração diária da comida, suas ameaças e deserções, tendo sofrido a pena capital alguns que foram presos na fuga; os armamentos, a cavalaria e infantaria dos espanhóis, que marchavam contra ele, e aos quais não era igual com poucos soldados. Nem todos receberam estas razões com o mesmo ânimo. E enquanto divergiam as opiniões, Herckmann, adoecendo, atalhou com a morte os juízos alheios, e findou o curso da ida e do destino, acompanhando Brauer numa sorte igual. A tal ponto é verdade ser vivíssimo para os mais felizes o sentimento de adversidade.

Inesperadamente
volta Herckmann
para o Brasil

Antes de partir Crispim para o Brasil, era nosso almirante visitado pelos principais dos chilenos, até mesmo por aqueles que viviam entre os espanhóis, e faziam-se estimar pela fidelidade e lhanza do trato cotidiano. Disseram eles, e principalmente um tal de nome Manquiant,³⁴⁸ que havia espalhadas por aquelas terras as minas de ouro, que, cavadas por africanos, dariam cada dia cinco ou seis pesos de ouro e não com grande trabalho; que se abstinham delas para não armarem de novo a cobiça dos espanhóis contra as suas cervizes; que preferiam a pobreza a esses perigos da vida e a falta das riquezas a bens que lhes causariam mal; que cuidavam de procurar o sustento do ano, não estendendo além desse tempo os seus desejos, a fim de que o espanhol não intente incursões e não lhes arrebatasse o que granjearam, se tiverem fartura e se orgulharem com o atulhamento dos celeiros. Tinham ouro só para o seu uso e para o esplendor doméstico e nada mais.

Certamente, com o importuno e ávido pedido de ouro, pareceu ou termos grande falta dele ou desejarmos imoderadamente as coisas com que os mortais nos tornamos arrogantes e piores. E confessando a nossa sede de ouro, pôde inspirar suspeita a nossa proibidade, porque uma ambição imódica aconselha ao crime e aos atos piores até mesmo os que ainda não se habituaram ao mal.

Não deixou Herckmann de inteirar da sua partida os chilenos, apresentando as seguintes razões: que não haviam cumprido as promessas, negando mantimento; que, os preguiçosos e tímidos não se importavam com ouro nem com minas, e que se esquivavam a comerciar com os nossos. Entretanto, depois de sair a frota da baía de Chiloé e ao entrar já em alto-mar, para ela navegaram de toda parte os senhores dos lugares vizinhos, declarando que sentiam a partida dos holandeses, escusando-se com a escassez de mantimento entre os seus e prometendo tudo mais farto com a próxima colheita, reforços contra os espanhóis, ida às minas de ouro e outros consolos vãos para os que partiam. Aconselhavam-lhes que voltassem e, com forças e cora-

Carta de Herckmann ao
Conde e ao Supremo
Conselho

gem novas, retomassem o que haviam começado; que levassem negros consigo para cavarem as minas e que eles chilenos não deixariam de valer aos holandeses, quando fizessem aquilo. Herckmann, porém, acautelado com o futuro, não quis expor os seus a um perigo iminente e fazer deles, pela expectativa incerta da próxima colheita, o ludíbrio dos inimigos. Informou o Conde e o Supremo Conselho desta sua resolução nos seguintes termos:

“Escrevi, pouco há, o que até então havíamos feito na terra e no mar, qual a duração da viagem desde o Brasil, onde arribamos, quais os sentimentos e o ânimo dos naturais em relação a nós. Depois disso sobrevieram contratemplos, porque os valdivenses frustraram-nos a esperança de obtermos mantimentos correndo a frota inteira e todos os estrangeiros que ali aportamos iminente risco. Vieram os principais dos chilenos, escoltados por numeroso bando dos seus e significaram que já era a quadra própria para se fazer a plantação e que, se o céu a fecundasse, haviam de nos acudir à mingua e aliviar-nos a penúria. Lembrando-lhes as suas promessas, pedi-lhes que nos fornecessem víveres para as necessidades de um ou dois meses até serem trazidos com abundância da Holanda ou do Brasil. Disseram que não podiam senão depois de seis meses, mostrando-se difíceis, não sem simularem humanidade e benevolência. Respondi que a nossa provisão de mantimentos e a presente conjuntura não podiam sofrer tal demora e que não deviam estrangeiros, por uma esperança incerta de vitualhas, deter-se ali sem a certeza nem socorros, nem de fidelidade nem de comércio. Então um dos principais, venerável pela velhice, de nome Chemulén, falando pelos outros, começou a invectivar os labores do ouro e da mineração e narrou, num discurso dramático, os infortúnios dos antepassados e as crueldades dos espanhóis, afirmando que, nos descendentes, tinha morrido não só o amor dos montes, das minas e o do ouro e o desejo de investigá-los, mas também a lembrança de tais coisas, deram-nos, porém a esperança de nos fornecer gado para o sustento de alguns dias, mas foram palavras vãs. Portanto, procurei informar-me rigorosamente de todos os nossos bastimentos, a fim de que o tempo da nossa demora ali não excedesse a medida deles. Com trincheiras e baterias mandei munir apressadamente os valos contra inimigos encobertos ou declarados. A soldadesca queixosa da ração parca, teve de ser compelida a esses trabalhos com palavras severas e ameaças. Não havia ocasiões para devastações a fim de se procurar alimentos em outros lugares, porque ainda não era garantida para nós a posição do acampamento. Entrementes anunciaram os valdivenses, para aterrorizarem os nossos, que haviam chegado os espanhóis e ocupado Imperial, notícias que eram publicadas com o povo todo a ouvi-las, para que todos os aprestos do inimigo, verdadeiros ou fingidos, se tornassem bem conhecidos de cada um e nada ficasse secreto ou oculto. Ocorreu um fato vergonhoso: cinqüenta dos nossos, fazendo uma conspiração, planeavam uma deserção, e ter-se-ia consumado o crime, se um prisioneiro castelhano, a quem tinham comunicado o seu projeto flagicioso, não o tivesse denunciado. Para escarmento foram sete condenados a ser fuzilados, intimidando-se os restantes para não pretenderem imitar semelhante loucura. Entre esses crimes e revezes, julguei preferível voltar sem concluir a empresa a insistir pertinazmente no que se começara e a lutar contra a fortuna adversa, cuja benignidade ninguém per si pode garantir.”

Acredita-se que nenhum motivo pesou tanto para Herckmann regressar para o Brasil como saber que os seus, em secretas conjurações, maquinavam a deserção de seu partido, temendo ele por isso dano certíssimo para os interesses da Companhia.

Tal foi o fim de tão importante expedição e da vida de Brauer. Este, nascido num hemisfério e sepultado em outro, entregou ao Ocidente as honestas riquezas que granjeara no Oriente, porque, nutrindo grandes esperanças no ouro do Chile e desconfiando dos réditos do Oriente, perdeu simultaneamente os seus haveres e a sua indústria. A fortuna, com efeito nunca favorece plenamente com os seus dons, querendo ser perpétua e como propriedade de um só. Os funerais de Brauer, realizados em Valdivia, entre nações estrangeiras sem a pompa que merecera como almirante, não deixaram de ser concorridos por causa de sua glória e da lembrança de seus feitos.³⁴⁹

Revolvendo no espírito estes exemplos modernos e alguns antigos, reparo nos ludibrios das coisas humanas nos mais relevantes negócios. A esperança e o cálculo põem o fito em certos resultados, e a fortuna esconde outros.

Demorando-se os holandeses nas costas do Oceano Pacífico, no reino do Chile, já perdida a grande esperança de ouro que antes haviam concebido, enquanto vedam os fados levarem-se para a Holanda coisas mais preciosas, mandaram eles palavras e vocábulos vazios, abastecimento e lastro muito fáceis de obter, mas não invejáveis. Por curiosidade não de todo inútil, os nossos tomaram nota deles e da sua significação.

Podem dar aos estudiosos das línguas ensejo de examinar se o idioma dos chilenos é primitivo, se oriundo de outros, e, ser isto verdade, qual a língua a que deve mais, qual a que deve menos ou nada. Além disso poderão servir de nomenclatura e intérprete aos que por acaso fizerem a mesma viagem. Observo que, pela mescla e convivência com os espanhóis, insinuaram-se vozes de origem espanhola e latina, as quais provam que ali subsistem não só certas virtudes e vícios, mas também os seus nomes.

Vocábulos chilenos

| | | | |
|---------------------|---------------|-------------------|-----------------------------|
| <i>Tipanto</i> | ano | <i>Bachiante</i> | hoje |
| <i>Tien</i> | mês, Lua | <i>Mintay</i> | agora |
| <i>Toninco</i> | semana | <i>Weitiva</i> | então |
| <i>Ante</i> | dia, Sol | <i>Wantarulei</i> | alta manhã, no fim da manhã |
| <i>Paun</i> | noite | — | — |
| <i>Tabuyo (adv)</i> | tarde (subst) | <i>Taptou</i> | Tarde (adv.) |
| <i>Eppeun</i> | manhã | <i>Biliente</i> | sempre |

| | | | |
|------------------------|-------------------------|-------------------------------|--------------------------------------|
| <i>Rangiante</i> | meio-dia | <i>Chumel</i> | quando |
| <i>Urle</i> | manhã | <i>Cbem chuem</i> | como, assim. Como, |
| <i>Eppoé</i> | depois de amanhã | <i>Hueno</i> | tal qual |
| <i>Vya</i> | ontem | <i>Quereb</i> | céu |
| <i>Putcy</i> | anteontem | <i>Tomo</i> | ar, vento, nuvem |
| <i>Wangelen</i> | estrelas | <i>Pelcuchau</i> | nuvem |
| <i>Pilan</i> | trovão | <i>Caulla</i> | padastro |
| <i>Gualio</i> | raio | <i>Botum</i> | madrasta |
| <i>Buta que quereb</i> | vento forte, tempestade | <i>Neaque</i> | filho |
| — | — | <i>Penu</i> | filha |
| <i>Maoni</i> | chuva | <i>Lamoén</i> | irmão |
| <i>Pirén</i> | neve | <i>Guempo</i> | irmã |
| <i>Verqumao</i> | orvalho | <i>Vilca</i> | sogro |
| <i>Pilingei</i> | gelo | <i>Choupo</i> | sogra |
| <i>Quetal</i> | fogo | <i>Weuro</i> } <i>penco</i> } | genro |
| <i>Kó</i> | água | <i>Wama</i> } | parente |
| <i>Tue</i> | terra | <i>Cunewa</i> | menino |
| <i>Mappo</i> | campo, solo | — | — |
| <i>Pele</i> | gleba, cola, argila | <i>Cude</i> | velha |
| — | — | <i>Penienboe</i> | parteira |
| <i>Cura</i> | pedra | <i>Apó curaca</i> | governador |
| <i>Maviel</i> | madeira | <i>Curaca</i> | senhor |
| Aluven | madeira de construção | <i>Apó</i> | generalíssimo |
| — | — | <i>Neutoque</i> | regedor |
| <i>Millia</i> | ouro | <i>Ulmen</i> | eminente, de primeira dig- nidade |
| <i>Lien</i> | prata | — | — |
| <i>Paila</i> | metal | — | — |
| <i>Titi</i> | estanho | <i>Pulmen</i> | nobre |
| <i>Pavillue</i> | ferro | <i>Leptoque</i> | imperador |
| <i>Qutal cura</i> | pederneira | <i>Machi</i> | médico |
| <i>Chadi</i> | sal | <i>Cona</i> | soldado |
| <i>Lyl</i> | escolho | <i>Retave Caman</i> | ferreiro |
| <i>Milla mappu</i> | minério de ouro | <i>Guito Woc</i> | tecelão |
| <i>Alyquen</i> | árvore | <i>Challo acaman</i> | pescador |
| <i>Chabu</i> | erva | <i>Nilla cabôe</i> | mercador |

| | | | |
|--------------------|-----------------|-----------------------|--------------------|
| <i>Nebo</i> | amêndoas, nozes | <i>Turintawe</i> | tintureiro |
| <i>Pino</i> | colmo, palha | <i>Chumpiro caman</i> | barrete, chapéu |
| <i>Cairon</i> | feno | — | — |
| <i>Wento</i> | homem, varão | <i>Tultunça caman</i> | tocador de tambor |
| <i>Domo</i> | mulher | — | — |
| <i>Quidungen</i> | jovem | <i>Nichetaniweni</i> | criado |
| <i>Yebo</i> | mocinha | <i>Voêrquin</i> | mensageiro |
| <i>Penien</i> | menino | <i>Langan Cheboe</i> | homicida |
| <i>Domo penien</i> | menina | <i>Chuguiboê</i> | ladrão |
| <i>Chou</i> | pai | <i>Illuiboê</i> | mendigo |
| <i>Nenque</i> | mãe | <i>Alvee</i> | diabo |
| <i>Cheche</i> | avô | <i>Rucca</i> | casa |
| <i>Domo Cheche</i> | avó | <i>Ullin</i> | porta |
| <i>Weuco</i> | tio materno | <i>Chaquana</i> | escada |
| <i>Mama</i> | tia materna | <i>Pylca</i> | parede |
| <i>Wana ruca</i> | telhado | <i>Chompiro</i> | barrete, chapéu |
| <i>Pitbe ruca</i> | cabaninha | <i>Tarive loun</i> | faixa, diadema |
| <i>Gueltuange</i> | fogão, lar | <i>Iela</i> | vestido de mulher |
| <i>Lolcura</i> | comestíveis | — | — |
| <i>Cavijto</i> | leito, cama | <i>Domo Rnida</i> | túnica |
| <i>Deptuaruca</i> | cárcere | <i>Couchon</i> | saco |
| <i>Weltelve</i> | patíbulo | <i>Congi</i> | alimento, comida |
| <i>Pengal</i> | sepulcro | <i>Cobque</i> | pão |
| <i>Louquen</i> | mar | <i>Nul cobque</i> | miolo de pão |
| <i>Levo</i> | rio | <i>Linquangue</i> | luz |
| <i>Butawampo</i> | nau | <i>Dumingei</i> | trevas |
| <i>Pichuampo</i> | bote, batel | <i>Oun</i> | bocadinho |
| <i>Dolio</i> | canoa | <i>Quemeiquen</i> | doces, confeitos |
| <i>Wampo</i> | barca, escaler | <i>Medda</i> | polme, suco, papas |
| <i>Aliven</i> | mastro | — | — |
| <i>Mou</i> | cabos, cordas | <i>Core</i> | caldo, olha |
| <i>Vela</i> | vela | <i>Ilon</i> | carne |
| <i>Wita</i> | remo | <i>Cuicha ilon</i> | carne de ovelha |
| <i>Guetal</i> | fogo | <i>Wara ilon</i> | carne de vaca |
| <i>Tubquen</i> | cinza | <i>Cuchi ilon</i> | carne de porco |
| <i>Cuju</i> | carvão | <i>Cuchi cham</i> | presunto, pernil |
| <i>Ale</i> | chama | <i>Chaditues ilon</i> | carne salgada |

| | | | |
|-----------------------|----------------|------------------------|---------------------|
| <i>Aypel</i> | brasa, tição | <i>Caucan</i> | carne assada |
| <i>Lucaton Guetal</i> | acendalha | <i>Avaun</i> | carne cozida |
| <i>Wietun</i> | fumo, fumaça | <i>Puytscha</i> | tripas, intestinos |
| <i>Catila</i> | candeia | <i>Curam</i> | ovo |
| <i>Wino</i> | faca | <i>Quecuram</i> | gema de ovo |
| <i>Witi</i> | colher | <i>Ly curan</i> | clara de ovo |
| <i>Guidi</i> | panela | <i>Imyn</i> | manteiga |
| <i>Paila</i> | bacia | <i>Ylu</i> | leite |
| <i>Lepôe</i> | vassoura | <i>Puulcro</i> | bebida |
| <i>Counwe</i> | fusos | <i>Uino</i> | vinho |
| <i>Lepo boruwe</i> | palito | <i>Chiche</i> | cerveja chilena |
| <i>Pavilla Lonco</i> | capacete | <i>Cutan</i> | doença, dor |
| <i>Waiqui</i> | lança | <i>Aren cutan</i> | febre |
| <i>Pylqui</i> | seta | <i>Towongen</i> | cabeça |
| <i>Pulqui Tuboi</i> | arco | <i>Lanco cultano</i> | dor de cabeça |
| <i>Tultunca</i> | tambor | <i>Veno aren</i> | sarna, gafeira |
| <i>Macane</i> | maça de ferro | <i>Pituw</i> | sarna de cabeça |
| <i>Cachal</i> | machadinha | <i>Albungien</i> | ferida |
| <i>Wita</i> | enxada | <i>Molbuen</i> | sangue |
| <i>Fuisue</i> | crivo, peneira | <i>Tuoma</i> | cego |
| <i>Chilca</i> | carta | <i>Cawinto</i> | banquete |
| <i>Quido</i> | vestido | <i>Cholchou</i> | varíola, bexigas |
| <i>Macum</i> | camisa | <i>Wocubo</i> | fera |
| <i>Charavilla</i> | ceroulas | <i>Pangi</i> | leão |
| <i>Naguel</i> | tigre | <i>Challua</i> | peixe |
| <i>Cavalló</i> | cavalo | <i>Cavel</i> | delfim |
| <i>Cuchy</i> | porco | <i>Fene</i> | baleia |
| <i>Michun</i> | novilho | <i>Uouqui</i> | anchova |
| <i>Dewe</i> | rato | <i>Vilo chalva</i> | enguia |
| <i>Waren</i> | arganaz | <i>Chadituel chala</i> | peixes salgados |
| <i>Tuwe dewe</i> | topeira | <i>Anquen chalva</i> | peixes defumados |
| <i>Tewa</i> | cão | — | — |
| <i>Pulpeo</i> | raposa | <i>Quin pilon</i> | ostras |
| <i>Noquen</i> | ursa | <i>Chapes</i> | mexilhões, mariscos |
| <i>Lame</i> | foca | — | — |
| <i>Lemo cuchi</i> | javali | <i>Melon</i> | caracol |
| <i>Chumam</i> | veado | <i>Coinouw</i> | caranguejo |

| | | | |
|--------------------|-----------------------|---|---------------------------|
| <i>Puedo</i> | bode marinho | <i>Quicbiquinchio</i> | falcão |
| <i>Quelen</i> | cauda | <i>Manco</i> | águia |
| <i>Chilivequi</i> | ovelha chilena | <i>Choroi</i> | papagaio |
| <i>Zunem</i> | ave | <i>Poo</i> | ramo |
| <i>Lyppe</i> | pena | <i>Kempo mamel</i> | tronco |
| <i>Mepoi inem</i> | asa | <i>Bope Mamel</i> | lenho seco |
| <i>Guelem inem</i> | veste de penas | <i>Nebue</i> | avelã |
| <i>Dani inem</i> | ninho | <i>Nido Iwas</i> | videira |
| <i>Achawal</i> | galinha | <i>Nidu</i> | estaca, haste |
| <i>Alchabawal</i> | galo | <i>Uaguen</i> | morango |
| <i>Pylken</i> | adem | <i>Couchounw</i> | groselha preta |
| <i>Pilo</i> | surdo | <i>Litue</i> | cogumelos |
| <i>Hilca</i> | que vê com um olho só | <i>Cachu</i> | erva |
| — | — | <i>Pilun Proque</i> | tanchagem |
| <i>Topilgen</i> | zarolho | <i>Calicai</i> | trevo |
| <i>Topil</i> | coxo | <i>Curi</i> | urtiga |
| <i>Feca</i> | corvo | <i>Pragyn</i> | flores |
| <i>Buica</i> | peru | <i>Manen</i> | semente |
| <i>Guereo</i> | tordo | <i>Methen</i> | farinha |
| <i>Tuco</i> | coruja | <i>Chiquelen</i> | farelo |
| <i>Cogo</i> | cuco | <i>Gueli Uanca</i> | coral |
| <i>Uullyn</i> | abelha | <i>Kispy</i> | vidro |
| <i>Pully</i> | mosca | <i>Cudi</i> | mó de moinho |
| <i>Uulgn Musky</i> | rainha das abelhas | <i>Pel</i> | Limo, grude, gluten |
| <i>Petar</i> | piolho | <i>Tassaquido</i> | tributo |
| <i>Nerem</i> | pulga | <i>Quengu</i> | dote |
| <i>Piro</i> | verme | <i>Dereno culyn</i> | dívida |
| <i>Culculla</i> | formiga | <i>Culyn</i> | mercadorias |
| <i>Cunincunin</i> | cigarra | <i>Nillawyn</i> | preço de resgate, resgate |
| <i>Vilo</i> | cobra | — | — |
| <i>Bylcum</i> | lagarta | <i>Aucantupain</i> | gracejos |
| <i>Ponono</i> | sapo | <i>Quyn</i> | um |
| <i>Eppo</i> | dois | <i>Aien</i> | quero |
| <i>Quila</i> | três | <i>Chuben quecken neieimi tania</i> | tens que comer |
| <i>Meli</i> | quatro | — | — |

| | | | |
|---|----------------------------------|--|---------------------------------------|
| <i>Quechu</i> | cinco | <i>Cancan achawal neen</i> | tenho galinhas assadas |
| <i>Cuyñ</i> | seis | — | — |
| <i>Relgi</i> | sete | <i>Mu ny</i> | Quantos? Quantas? |
| <i>Pura</i> | oito | — | — |
| <i>Ailla</i> | nove | <i>Munalei enbintavia</i> | bastar-nos-ão |
| <i>Maripataco</i> | cem | — | — |
| <i>Warama</i> | mil | <i>chuben putuayn</i> | onde beberemos? |
| <i>Guiltui</i> | caroço | <i>Aile mangunmeinis</i> | agradeço-te |
| <i>Tapel</i> | folhas, frondes | — | — |
| <i>Nul</i> | casca, cortiça | <i>Chuben domo triva</i> | quem é esta mulher? |
| <i>Aliquem</i> | árvore | — | — |
| <i>Wul</i> | raiz | <i>Incb tan Curi</i> | é minha esposa |
| <i>Fuei pingemi</i> | como te chamas? | <i>Ni nave</i> | minha filha |
| <i>Fuam pingem</i> | chamo-me João | <i>Ni doma</i> | minha concubina |
| <i>Cheo Ruaimi</i> | aonde vais ? | <i>Ale teminigei vei domo</i> | é uma mulher bonita |
| <i>Moppo Muruam</i> | vou ao campo | — | — |
| <i>Che tui mi</i> | donde vens? | <i>Quiþangnei</i> | vem, vá |
| <i>Niro comotoun</i> | venho de casa | <i>Amotunge</i> | vai-te |
| <i>Chumel quiþa tuai mi</i> | quando virás? | <i>Umatuayn</i> | vamos deitar |
| — | — | <i>Utajuca</i> | ergamo-nos |
| <i>Chumel Prutuai mi</i> | quando irá? | <i>Wira cuchay comþay tam mapuru</i> | os espanhóis invadiram estas terras |
| <i>Ale þrungi tam ruca</i> | tua casa é muito longe | <i>Quiþa waicha laimi</i> | queres lutar juntamente? |
| <i>Pincherungei</i> | é perto | — | — |
| <i>Ale þrungei</i> | é mais longe | <i>Waiquinagelan</i> | careço de armas |
| <i>Inchi quiþarum camappumu</i> | penso em outras regiões | <i>Ina ên þeain Waiqui</i> | segue-me, apoderar-nos-emos das armas |
| <i>Chemibla quiþarui mi camappumu</i> | por que pensas em outras regiões | — | — |
| — | — | <i>Ali teum incbe</i> | estou contente |

| | | | |
|----------------------------|---------------------------|----------------------|---------------------------|
| <i>merelya tiva</i> | nenhumas vitualhas há | | |
| <i>mappumu</i> | aqui | <i>Pelli</i> | alma |
| — | — | <i>Calel</i> | corpo |
| <i>Aleibelaitwachi</i> | | | |
| <i>Tipanto benibla ale</i> | este ano foi estéril, por | | |
| <i>geniepayn</i> | isso temos falta. | <i>Lai calel</i> | cadáver |
| — | — | <i>Ven</i> | carne |
| — | — | <i>Molvin</i> | sangue |
| — | — | <i>Boro</i> | perna |
| <i>Cheo mappungen</i> | em que região vive teu | | |
| <i>tamichau</i> | pai? | <i>Telqui</i> | pele |
| — | — | <i>Uen</i> | nervo |
| <i>Alueiei</i> | O demônio levou | <i>Uen moluin</i> | veia |
| <i>Aieimi ruaju</i> | | | |
| <i>inchio</i> | querer acompanhar? | <i>Lonco</i> | cabeça |
| — | — | <i>Tol</i> | fronte |
| <i>Ailan</i> | não quero | <i>Leglen</i> | crânio |
| <i>Lonco</i> | cabelos | <i>Penem</i> | pênis |
| <i>Teren lonco</i> | cabelos brancos | <i>Collu</i> | testículos |
| <i>Lolo</i> | cérebro | <i>Metu</i> | partes pudentas da mulher |
| <i>Angen</i> | rosto, semblante | — | — |
| <i>Taun</i> | faces | <i>Chan</i> | coxas |
| <i>Ne</i> | olhos | <i>Lucu</i> | joelho |
| <i>Tacune</i> | membros | <i>Wethuntoy</i> | panturrilha |
| <i>Denen</i> | sombrancelhas | <i>Toy</i> | canela |
| <i>Ua Wingne</i> | cílios, pestanas | <i>Hemum</i> | pernas |
| <i>Fu</i> | nariz | <i>Namon</i> | pés |
| <i>Peloju</i> | narinas | <i>Changil Namen</i> | artelhos |
| <i>Merum</i> | monco | <i>Prencoy Namen</i> | calcanhar |
| <i>Pilum</i> | orelhas | <i>Puley Namen</i> | planta do pé |
| <i>Oun</i> | boca | <i>Pinque</i> | coração |
| <i>Adem</i> | suor | <i>Wocum</i> | pulmão |
| — | — | <i>Que</i> | estômago |
| <i>Quewen</i> | língua | <i>Curique</i> | fígado |
| <i>Melbue</i> | lábios | <i>Uecaque</i> | baço |
| <i>Boru</i> | dentes | <i>Quelche</i> | intestinos |
| <i>Iga</i> | dente molar | <i>Villin</i> | bexiga, urina |
| <i>Bida bida</i> | palato | <i>Mee</i> | excremento |

| | | | |
|---------------------|-----------------|-----------------------|-----------------------|
| <i>Coun</i> | cuspo | <i>Perquen</i> | traque |
| <i>Rulmewe</i> | garganta | <i>Nomoy</i> | fedor |
| <i>Neên</i> | espírito | <i>Pelengsley</i> | aranha |
| <i>Quette</i> | mento, queixo | <i>Inche</i> | eu |
| <i>Paiun</i> | barba | <i>Eimi</i> | tu |
| <i>Pylco</i> | pescoço | <i>Tubei</i> | ele |
| <i>Pel</i> | cerviz, cachaço | <i>Inchen</i> | nós |
| <i>Lipan</i> | ombro | <i>Tecengen eimen</i> | vós |
| <i>Puilpa</i> | braço | <i>Liengen</i> | eles |
| <i>Cue</i> | mão | <i>Emma</i> | assim, sim |
| <i>Mancue</i> | mão direita | <i>Muh</i> | não |
| <i>Wele cue</i> | mão esquerda | <i>Pichumei</i> | perto |
| <i>Puley cue</i> | palma da mão | <i>Alegunrei</i> | longe |
| <i>Changelcue</i> | dedos | <i>Taymen</i> | contra |
| <i>Buta changel</i> | polegar | <i>Woecuu</i> | fora |
| <i>Wili</i> | unhas | <i>compay</i> | dentro |
| <i>Zevo</i> | peito | <i>Pulon</i> | em baixo |
| <i>Moju</i> | maminha | <i>Womo</i> | em cima |
| <i>Pue</i> | ventre | <i>Buri</i> | depois, atrás |
| <i>Weddo</i> | umbigo | <i>Funengen</i> | antes, diante |
| <i>Cadi</i> | costelas | <i>Quelleb</i> | junto, ao pé |
| <i>Buri</i> | dorso | <i>Munai</i> | bastante, assaz |
| <i>Anca</i> | lombos | <i>Alengei</i> | demasiado |
| <i>Quichio</i> | nádegas | <i>Munalai</i> | muito pouco |
| <i>Chemibla</i> | Por quê? | <i>Necul</i> | correr |
| <i>Ueinibla</i> | Por isso? | <i>Amon</i> | ir |
| <i>Uei mai</i> | seja (sê) | <i>Utalenge</i> | estar, estar em pé |
| <i>Wei</i> | este, aquele | — | — |
| <i>Temunei</i> | bonito | <i>Wi-wyn</i> | ser |
| <i>Woraney</i> | feio, disforme | <i>Chucheleyyn</i> | jazer |
| <i>Nevonei</i> | forte | <i>Tecanen</i> | dançar |
| <i>Leptungei</i> | célere, ligeiro | <i>Padenatum</i> | cair |
| <i>Chouwo</i> | preguiçoso | <i>Utalenen</i> | levantar |
| <i>Alilonconei</i> | muito sábio | <i>Auinge</i> | sentar, estar sentado |
| <i>Wentannei</i> | grave | — | — |
| <i>Queune</i> | soberbo | <i>Dimgune</i> | falar |
| <i>Culenei</i> | rico | <i>Temelenge</i> | calar |

| | | | |
|-------------------|------------------|------------------------|---------------------|
| <i>Cunewal</i> | pobre | <i>puronge</i> | cantar |
| <i>Toucu</i> | tolo | <i>Pylcunge</i> | clamar, gritar |
| <i>Molgei</i> | nu | <i>Quiṽpay</i> | vir |
| <i>Ilungei</i> | vestido | <i>Ien</i> | comer |
| <i>Queten</i> | estreito | <i>Butun</i> | beber |
| <i>Anquen</i> | seco | <i>Mepai</i> | evacuar |
| <i>Prequin</i> | avarento | <i>willan</i> | urinar |
| <i>Prequiboe</i> | liberal | <i>Cudepain</i> | brincar, folgar |
| <i>Buta</i> | grande | <i>Quequatun</i> | advogar (uma causa) |
| <i>Pichi</i> | pequeno | — | — |
| <i>Montigei</i> | gordo | <i>Locatum</i> | litigar |
| <i>Tou Tau</i> | magro | <i>Langanyn</i> | matar |
| <i>Pettun</i> | cor | <i>Meconyn</i> | carregar |
| <i>Queli</i> | vermelho | <i>Chuquin</i> | furtar |
| <i>Calbu</i> | azul | <i>Guallulueno</i> | entregar |
| <i>Carel</i> | verde | <i>Peltenei</i> | pagar |
| <i>Choot</i> | louro | <i>Lay</i> | morrer |
| <i>Curi</i> | negro | <i>Rengalrei</i> | sepultar |
| <i>Lye</i> | branco | <i>Quedau Capay</i> | trabalhar |
| <i>Nilla caju</i> | trocar | <i>Intrunge Milla</i> | extrair ouro |
| <i>Illumyn</i> | dar | <i>Nilla vin</i> | comprar |
| <i>Umatum</i> | dormir | <i>Chu pipai mi</i> | que dizes? |
| | | <i>Quimla Win tami</i> | |
| <i>Limen</i> | despertar | <i>piel</i> | não sei o que dizes |
| <i>Tangnune</i> | quebrar | — | — |
| <i>Bemgne</i> | ajuntar, amontar | <i>Chu pipaimi</i> | que fazes? |
| — | — | <i>Chumpaila</i> | nada |
| <i>paly</i> | achar, encontrar | — | — |
| <i>Uangen byn</i> | perder | — | — |

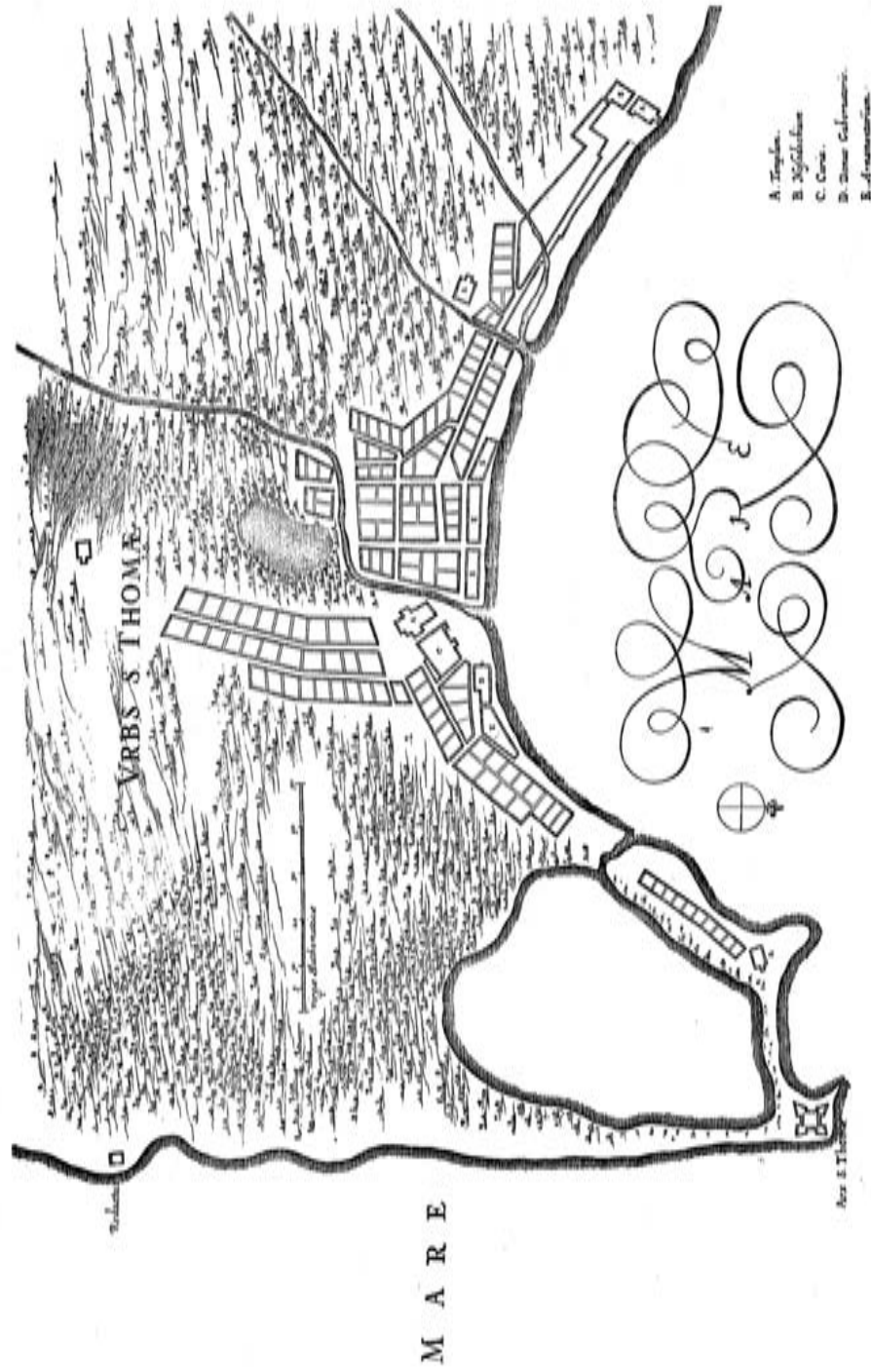
Quando nós batavos lemos e falamos estas palavras, recebidas de uma gente ultramarina e de nós separada por todo um oceano e por zonas inteiras, não é manifesto que os inquietos mortais, à semelhança da esfera celeste, são arrastados para o Oriente, para o Meio-Dia, para o Ocidente, para o Setentrião, a fim de visitarem uns e serem por outros visitados, a fim de se deslocarem ou serem deslocados?

Os atenienses foram outrora à Asia, e no meio das regiões dos bárbaros viram-se cidades gregas e os indos, ouviu-se a língua Macedônia. Passaram os

gregos à Itália, os tírios, à África, os cartaginenses à Espanha. Os Pirineus não impediram a passagem dos germanos, nem os Alpes as dos gauleses. A curiosidade humana rompe por lugares ínvios e incógnitos, e os homens conduzem através deles os filhos, as esposas, as mercadorias, seja porque o excesso da população faça sair colonos, seja porque a fama de um país fértil e muito gabado ou a esperança de lucro ou de ouro atraíam os que dele estão distantes. Todos os dias no vasto orbe muda-se alguma coisa: aqui edificamos novas cidades, em outra parte destruimos as antigas; aprendemos novos nomes de nações ou nos esquecemos dos antigos; com os próprios homens transportamos as línguas de mundo em mundo. Fomos ter ao Chile, região situada longe, porque a julgávamos rica em ouro. Durante muito tempo, desejou-se aquela terra bárbara para que ela, com liberal mão, desse ouro aos que não são bárbaros e às nações para as quais é grande barbárie nada possuem. Assim, não é de admirar que o ouro tivesse sido chamado barbárico por Marão,³⁵⁰ porque sói pedir aos bárbaros. A expectativa inútil dele no Chile foi uma das causas da pobreza pública da Companhia e da pobreza privada de Brauer.

Depois da expedição do Chile, soube Nassau que estalara no Ceará Rebelião do Ceará nova revolta. Bandos de brasileiros, chamados à guerra, tinham tomado arditosamente o forte ocupado pelos holandeses e o arrasaram, trucidando o governador Gedeão Morritz, todos os soldados da guarnição e até trabalhadores estabelecidos não longe dele, nas salinas do Upanema. A mesma sorte estava reservada para o comissário do Maranhão. Ignorando o que ali havia acontecido, arribou àquele lugar infeliz para recensear os soldados e caiu nas mãos dos rebeldes, perecendo com todos o seus de morte semelhante. Além disso, como se achasse em reparos no porto do Ceará um dos nossos patachos, desembarcaram num barco o patrão do navio, um capitão, um tenente e alguns soldados rasos, os quais os cearenses, encobrendo o ódio com blandícias, mataram sem eles os esperarem. Evadiram-se três marinheiros que se haviam escondido no mato e viram o forte derribado e os seus entulhos. Não eram porém, os maranhenses, se bem próximos e limítrofes, considerados instigadores desta nefária sedição: imputava-se a culpa da mesma à ferocidade e à dominação assaz dura dos nossos contra os súditos. Nada exaspera mais um povo já irritado do que sofrer opressão. Assemelha-se às feras, que, presas em laços muito apertados, se assanham e, contidas em liames mais frouxos, se aquietam.

Fez-se mais atrás menção dos Palmares. A expedição contra eles, que, JANEIRO DE 1644. Os Palmares grandes são assaltados pelos nossos pouco havia, fora impedida, obtendo agora algum efeito, arruinou os Palmares grandes, onde salteadores, que compravam o ócio com latrocínios e roubos, tinham o seu valhacouto e refúgio. O chefe da empresa foi Rodolfo Baro, de ânimo audaz e destemido, o qual, reunindo cem tapuias às suas demais forças e preparando-se para devastar e saquear os Palmares pequenos, caiu sobre os grandes e destruiu-os a ferro e fogo. Tombaram cem negros



e um dos nossos logo no início do ataque, ficando quatro feridos. Levaram-se prisioneiros trinta e um, entre os quais sete índios e alguns mulatos de menor idade. Defendiam-se estes salteadores com uma tranqueira dupla, dentro da qual cabiam mil famílias, além das cafuas dos solteiros. Em torno, estendiam-se canaviais, mas, exceção feita do grande número de galinhas, não se observava abundância de nenhuns outros animais. Nada lhes refreia a cobiça de presa, e resistem com uma alimentação escassa e simples, indiferentes, como os de Angola, a quaisquer alfaias e elegâncias.

Chegamos ao momento em que Nassau se decidira a voltar para a
 1º DE OUTUBRO Europa, obtida finalmente dos Estados-Gerais e dos diretores da
 DE 1643 Companhia a licença de regressar. Para tal fim enviou ele, no ano anterior, a todos os governadores das províncias do Brasil cartas escritas mais ou menos nestes termos: *“Em outros assuntos talvez seja conveniente que eu fale convosco e exponha oralmente o meu sentir a respeito da República. No presente negócio é preferível que eu fale distante de vós. Depois de reiteradas solicitações minhas, de vós conhecidas, enfim consegui dos Estados-Gerais, de meu Príncipe de Orange e dos diretores de Companhia a minha exoneração e a licença de tornar para Holanda, a cujos serviços há muito me dediquei de coração. Em toda parte, lembrar-me-ei do que fiz convosco e vós comigo para o bem público, e jamais me pesará de vos ter tido para colaboradores. O serviço que pude eu prestar a todos em geral e a cada um em particular, julgai-o feito. Reconheço-vos por meus coadjuvantes nas minhas maiores obras, e, assim como antes vos chamei para vos associardes aos meus labores, assim também quero participeis das minhas honras e dos meus méritos. Reparto convosco os agradecimentos que me rendem os Estados-Gerais, e, cónscio da fidelidade e diligência de todos vós, não quero ser louvado sozinho. Sem vós não teria eu podido o que pude e convosco fui onde se vai de comum acordo: sozinho poderia errar, mas todos não poderíamos. Em partindo para a Pátria, quero que sejais testemunhas do meu governo e que vós lembreis da minha afeição convosco.”*

Todos responderam a esta carta quase no mesmo sentido: *“Nada lhes poderia causar maior pesar e reputar-se mais nocivo à República do que a partida do Conde. Na paz ou na guerra, precisava ela do tino e do auxílio de chefe e defensor tal qual só ele era. Com o afastamento de tão grande governador, eram de recear entre indivíduos diversos de condição sentimentos facciosos, e entre os da mesma condição sentimentos de rivalidade, cousas que na sua presença eram contidas pela eminência de suas virtudes. Merecera o Conde dos seus muita estima pelo seu amor da clemência, justiça e humanidade. Era também o terror dos inimigos pela fama do seu valor, da sua ciência militar e da sua felicidade. Não era a lisonja que dizia aquilo, mas as cidades vencidas, as províncias subjugadas, os adversários destroçados e afugentados, os lares e os altares defendidos, e o que era mais digno de louvor, a paz alcançada. Quem negasse isto estaria procurando encobrir o sol e procederia contra a própria consciência. Seria supérfluo recomendar a quem domara o ânimo dos inimigos, que lhe proclamavam a virtude. Obrigara a República e a todos os ligados à Companhia por tais benefícios que não os poderiam retribuir iguais.”*

O Senado da Câmara de Pernambuco e os diretores de Serinhaém, Porto Calvo, Iguaraçu, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande escreveram isto ao Conde, autenticando as cartas em que davam os seus testemunhos públicos com o selo de cada província.³⁵¹ Por sua vez os judeus espalhados por todas as províncias, enalteceram também a Nassau em palavras honrosas e em cartas a ele dirigidas, agradecendo ao seu governador a moderação e prudência com que se houve no governo e o piedoso zelo que mostrou quanto aos interesses e à religião da gente deles e outras cousas.

Não pôde, porém, o Conde partir naquele momento, a despeito de haverem os diretores da Companhia marcado a primavera para o regresso, porque ainda não conhecia o pensamento dos Estados-Gerais sobre esse ponto.

Antes já lhe haviam escrito os referidos diretores que re- Carta do Conde aos Estados-Gerais duzisse as forças militares a dezoito companhias e que suprimisse para os ministros da Justiça e do culto os emolumentos de casa e mesa. Esta medida suscitara não leves protestos, pois contra aquelas ordens se insurgiam as necessidades de subsistência, que não se podem reduzir a ponto de não permitirem a vida. Em carta representou o Conde, outra vez, aos Estados-Gerais a respeito destas cousas, o que já muito antes fizera por intermédio do seu emissário Tollner, julgando que eram ordenadas com menos prudência. Obtemperou que os administradores da justiça renunciavam o cargo, tomando por afronta aquela supressão do sustento; que ainda mesmo os mais moderados dispunham-se retirar-se com dissimulada amargura; que ele Nassau ia ficar privado de amigos, que são os instrumentos da governança; que todos estavam prontos para bem servirem a Companhia, mas não podiam sofrer o menospreço que se lhes mostrava; que uns declaravam abertamente a ofensa a eles feita, enquanto outros a velavam no semblante para se vingarem depois. Sugeriu, portanto, que se lhes permitisse gozar daquela antiga vantagem do sustento, no que ele já tinha consentido para não perigar a salvação pública. A esta muitíssimo importava não se reduzir a tal escassez o número de militares. Não poderia defender com tão módico presidio terras que se estendem a algumas centenas de léguas, nem guarnecer tantas fortalezas, cidades e portos. Havia um armistício, mas pouco seguro: os portugueses velavam, sob amostras de amizade, os antigos ódios contra nós; espiavam as ocasiões e, achando instigadores, praticariam os seus criminosos desígnios. Gloriavam-se de já terem um rei nacional e se indignavam, com a maior veemência, contra a opressão da liberdade religiosa, em oposição com o que se havia prometido. Execravam os nossos tributos e impostos, assim como a permissão concedida aos judeus para celebrarem o seu culto. Nassau manifestava ainda o desejo de que os Estados-Gerais considerassem que os portugueses estavam obrigados à Companhia por vultuosos débitos de compra de engenhos, avaliados em 5.900.000 florins, e deles quase não se poderiam libertar senão convulsionando a República. Assim, estariam mais seguros no meio dos

nossos perigos, esperando riquezas e honras de uma situação duvidosa e tórbida. Preferiam ser esmagados na ruína pública a sê-lo na individual, dando menos na vista, se pervessem com muitos. Além disso, odiavam os costumes, a língua, as leis, a religião dos holandeses, sem haver esperança de medrar entre uns e outros uma paz sólida. Portanto pensava o Conde que os portugueses deveriam ser contidos pelo terror, e este dependia das armas e de guarnições mais poderosas, vínculos em verdade descaridosos, mas necessários. Revelou aos mesmos Estados-Gerais que os portugueses do Brasil, como se fossem vassallos do rei de Portugal, lhe haviam mandado uma carta, lamentando que não tivessem ocasião de lhe demonstrar, a exemplo de outras províncias, a sua fidelidade e obediência; que gradativamente eram privados do exercício do seu culto, e que não podiam admirar-se de não ter sido feita por D. Tristão de Mendonça, no tratado das tréguas, referência alguma sobre liberdade religiosa. Acrescentava o Conde que reputava censurável e digno de castigo o dirigirem-se os portugueses do Brasil, súditos da Holanda, a um rei do ultramar.

O historiador tem liberdade de lembrar, neste ponto da narração, fatos ocorridos anteriormente. Pouco antes também, os diretores da Companhia, queixando-se das aperturas do erário, haviam tido uma questão com o Conde relativa às despesas de sua corte. Não é infreqüente suspeitar-se das excessivas riquezas dos governantes, porque amiúde abusam do poder, sacrificando a liberdade pública. Isto, em verdade, contrariou a Nassau, atento em ajuntar apenas as raspas do dinheiro. De modo algum, porém, impediu que ele desempenhasse o serviço público com a mesma atividade e bom humor de antes. E porque esta contenda parecia pouco digna dos ânimos generosos de casa tão ilustre, achando-se que os diretores podiam ocupar-se com assuntos mais graves, acomodou-se sem maior tumulto e ofensa.

Para não vacilar a República com a partida de Nassau, os diretores da Companhia entregaram o governo ao Supremo Conselho do Brasil. Depois que o Conde lhe transmitiu o poder, mandou-se comunicar isto a todas as províncias para constar aos oficiais militares e às autoridades civis a quem de futuro teriam os súditos de prestar obediência. Por decisão do Conselho assumiu o comando geral do exército Henrique van Hauss, capitão da guarda do Conde, homem dotado das virtudes exigidas para um general. Ele já tinha servido em diversas províncias, robusto de corpo e de engenho, cauteloso, ponderado e perito na arte militar.

Distribuída e organizada a milícia, Nassau transmitiu também aos conselheiros, a pedido deles, uma norma do que cumpria fazer, e desta forma aquele a quem tinham visto governando pessoalmente e com sabedoria, esse mesmo, ausente, continuaria no futuro a guiá-los com os seus conselhos, e com o mesmo espírito com o qual ele

O Conde transmite o governo ao Supremo Conselho

Cristeriosa norma de governo do Brasil deixada pelo Conde ao Conselho

animara o grande corpo do Brasil, com esse mesmo espírito eles o sustentariam. Revolvendo, portanto, no ânimo o conjunto da governança e examinando sensatamente cada uma de suas partes, estabeleceu o seguinte, desempenhando-se da sua incumbência, não como quem ordenava inflexivelmente, mas como quem aconselhava cautamente, para não aguardar o inimigo o desatino de sua gente, se errassem alguma vez por imprudência os governantes:

“Tereis de governar”, disse ele, “três classes de homens, assim portugueses como holandeses: militares, comerciantes e cidadãos em geral. É também tríplice a divisão do governo: civil, eclesiástico e militar. Quanto a ^{Como haver-se com} este, aplicai-vos a quem os soldados, propensos ao pior, julguem ^{os soldados} bem de vós: obedeçam-vos espontaneamente como a dignos de obediência e não sejam forçados a esta por homens indignos de ser obedecidos. Com o desejo das virtudes, supri a veneração que não podeis obter pelo brilho de vossa família ou pelo fulgor de vossa linhagem, se bem sois de nascimento honrado, a fim de merecerdes o favor dos soldados, que se ganha mal com a largueza e a indulgência. Atendei-lhes prontamente aos pedidos, evitando delongas, para que não se agastem, impacientes, com inútil demora, e não maquinem depois, em conciliábulo, traições, deserções ou violências contra os cidadãos, o que no Brasil é comum e fácil de acontecer, por causa da vizinhança dos inimigos, das quadrilhas de ladrões e dos esconderijos dos criminosos. Tende conta em pagar os soldos, mormente os dos comandantes: nada provoca tanta desobediência dos soldados ou lhes impõe a necessidade de delinqüir, quanto a penúria. Sem músculos não andam os homens, nem têm eles resistência para a guerra sem dinheiro e sem mantimentos: com estas duas cousas são eficazes as armas, as quais a miséria torna sem vigor. Dei maior atenção a este mal, tanto mais quanto vários se inquietam pouco com ele. Na punição dos militares aconselharia mais a severidade que a clemência. Vivem no meio da barbárie, onde os vícios não têm medida, e pelo trato quotidiano com os bárbaros peca-se pelo exemplo, e, por mais belos que julguem os nomes das virtudes, são muitos os que, entre selvagens, se descuidam da própria honestidade. É verdade antiga que a impunidade é negaça para o pecado, e que os maus se corrigem com o castigo e o temor. Descansareis de puni-los, se eles descansarem das faltas: estas serão mais raras, se eliminardes a indignência, causa de se insurgirem eles contra vós. Recomendarei para ^{Com os} com os comandantes benignidade, polidez e afabilidade, contanto ^{comandantes} que isso não diminua a autoridade. É raríssimo serem respeitados os superiores por aqueles com os quais tenha vivido mais familiarmente. Acreditai num experimentado: os chefes de estado devem ser pouco acatados e até perderão valia, com a sua contínua presença e conversação. Alheios de qualquer ódio ou favor, conferi aos mais merecedores os prêmios dos postos militares. Guardai igualdade em relação àqueles que na guerra são iguais em bravura e fidelidade: se sofrerem injustiça, tentarão as piores cousas. É sinal de estar corrompidíssima uma repú-

blica, se nela são venais as honras militares ou se, por intercessão de amigos, são para elas preferidos os inidôneos. Quando se dá aos valorosos, crescem a fidelidade, a dedicação, a obediência, e no caso contrário, languescem e se extinguem estas poderosíssimas virtudes. Diligenciais seriamente que os soldados não mo-

Com os colonos lestem aos colonos e lavradores. É este um mal familiar ao Brasil, resultante da penúria quotidiana do sustento, e daí a contumácia, a desdenhosa recusa de obediência, a violência, os agravos contra os súditos. Onde não há dis-
to, eles toleram com paciência os encargos que se lhes impõem, ainda que pesados. E os senhores de engenho receiam estes males mais em tempo de paz que de guerra: esta aconselha o trabalho, aquela a ociosidade, e da ociosidade nasce a

Com os portugueses intemperança e a petulância. Penso que se devem atar a nós com agrados e promessas liberais, reservar-se para conversações mais secretas uns tantos portugueses, que merecem dos seus firme confiança, a fim de conhecerdes as forças e maquinações dos inimigos. Devem esses tais simular o ódio à nossa gente e dissimular seu amor a ela para gozarem de crédito. Os mais capazes desses artifícios são os eclesiásticos, porque, senhores de todos os segredos, seu ministério sagrado os põe acima de qualquer suspeita. Não se deve tampouco acreditar facilmente em populares que não têm critério nem verdade: julgam e anunciam quase tudo segundo opinião preconcebida, misturando o falso e o duvidoso com o verdadeiro, por precipitação e temeridade, conforme o sentimento que os domina. Não possuindo riquezas, invejam aos ricos, odeiam tudo quanto é antigo e buscam novidades, desejosos de mudar tudo, premidos pela estreiteza do seu patrimônio. Além disso, para agradarem aos mais poderosos, rejubilam-se, por um mau sentimento, com os perigos e danos alheios. Assim, dão

Como receber as denúncias por averiguado o que ouvem e enganam os crédulos com exagerar tudo. Esperai narrações e denúncias verídicas e sérias dos mais distintos, nem há mister muitos delatores, mas apenas um ou dois de boa fama e merecedores de maior fé. Devem receber-se tais delações com cautela, sendo bastante saberem-na os governadores para não ser nocivo o ignorarem-nas. De modo algum desejaria que se levassem tais cousas às outras Câmaras, não só pelas discussões freqüentes e longas que suscitam, mas também porque, entre diversos, elas se divulgam. Conformai-vos com que incumba somente a vós inves-

Não convém dar crédito aos trãsfugas. Como aplicar as torturas tigá-las. Habituei-me a proceder assim com ótimo resultado. Tende por suspeita a credibilidade dos trãsfugas: gostam de falar ao paladar dos comandantes. Não recomendo muito as torturas: com elas extorquireis tanto verdades como falsidades, e não somente sujeitareis inocentes à suspeita, mas também os perdereis.

“Cumpre revisitarem-se mais amiúde as fortalezas que defendem todo
Cumpre munir as fortalezas o Brasil, para que, arruinando-se pela inércia, não fiquem expostas às ciladas dos inimigos. Provei-as de mantimentos, armas, guarnições para que possam sustentar a demora de um cerco. E quando os seus fossos

ficam secos em razão do solo arenoso e são por isso protegidos de estacadas, deve-se velar sempre não atraíam estas o inimigo por se acharem abertas e estragadas pelo tempo.

“É de alta importância que o parque de Friburgo e os viveiros de peixes a ele adjacentes sejam vossos e permaneçam em vosso poder, porque, em ocasiões muito difíceis, são vantajosos aos nossos para o abastecimento de água, a qual, rebentando guerras, buscareis não sem grande risco em outras partes. Examinai também se não será útil fortificardes com um reduto a ponte da Boavista, na margem de lá, a fim de não se franquear um caminho seguro para a Várzea. Não é menos importante defender-se a ponte que liga o Recife com a ilha de Antônio Vaz, não só em atenção à utilidade dos que vão e vêm diariamente por ela e do rendimento dos direitos que se cobram por isso, mas também para que, comunicando-se entre si a ilha e o Recife, prestem-se mutuamente um como auxílio suplementar, se alguma vez apertar a necessidade da guerra. Aprendemos por experiência, quando ainda não se havia lançado a ponte, que o Recife quase sucumbiu por falta de socorros, varando na areia e nos mangues, durante o refluxo, as embarcações que conduziam as forças auxiliares. Convém ainda ter-se diligentemente em conta a mata de corte e os campos que se estendem na margem ceterior do rio, entre o forte do Brum e o das Cinco Pontas, visto como deste lado é o Recife exposto a ciladas, já tendo sido várias vezes atacado com estratagemas.

Deve-se garantir a Boavista com um reduto, assim como a ponte que liga a ilha de Antônio Vaz com o Recife

“Não aconselho que se moleste sem razão o governador da baía de Todos os Santos, nem que, estando ele em paz, se lhe dêem ocasiões de guerra. A nação lusitana deseja muito seja ele tratado cortesmente. Não ignorais a quantos danos e calamidades estão sujeitas as nossas possessões, quanto lhe é fácil espalhar batalhões de soldados em nosso território e excitar, à sua vontade, a ferocidade e as armas indígenas.

“É a severidade o remédio mais eficaz contra os portugueses convencidos de rebelião e além disso cúmplices de crimes atrozes: pela experiência se tornou manifesto que nestes casos ela é preferível à misericórdia e que é mais salutar não quebrá-la por nenhuma indulgência. Se os delitos permitirem pena mais branda, tenha lugar a clemência, e contentai-vos com o castigo mais leve ou com o arrependimento do inculpado. Gosto de que se temperem estas virtudes umas com as outras, e, assim como não é possível cederem só à clemência todas as outras virtudes – a prudência, a justiça, o amor dos súditos e dos semelhantes –, assim também seria tirânico e de uma suma imprudência nunca ceder a severidade à clemência.

Como tratar os portugueses traidores

“É pernicioso à nossa gente exacerbar os portugueses com injúrias e contumélias. Deve ter-se o mais diligente cuidado em que isto não se verifique, principalmente por parte dos soldados. Se tal

Não convém exacerbar os portugueses

acontecer, periclita a república, e não será fácil reprimir uma sedição promovida por desesperados, porque eles julgam o desprezo dos perigos e a ousadia o remédio dos males presentes. Não reputeis colocada nos castelos e fortificações a cidadela da dominação, mas sim onde habita a coragem, nem penseis que a verdadeira grandeza e potência dos reinos se mede pela sua extensão e latifúndios, mas sim pela fidelidade, benevolência e respeito dos súditos. Não quero amontoar razões para provar isto, pois fomos ensinados, pelos recentes exemplos da África, do Maranhão e do Ceará, que não é diuturno um poderio odiado. Olhai também que não seja permitido a todos indistintamente o porte de armas. Eu o permiti, mediante autorização por mim assinada, aos holandeses, a alguns franceses e ingleses, aos que têm de freqüentar o campo para cobrar as suas dívidas, e bem assim aos portugueses que habitam em moradas esparsas e insuladas e têm de lutar não somente com os ladrões e salteadores, mas também com a ferocidade de animais bravios e das onças. É realmente coisa perigosa que um povo, divergindo de outro nos costumes, nacionalidade, religião, prevaleça nas armas e se torne temível. É razoável tirar as forças a um povo hostil, que nos havia de castigar de modo pior, se pudesse.

“Passando a tratar de assuntos civis, seria útil que tantas e tão várias petições não fossem despachadas pelo Conselho todo, em vista do grande número delas e da demora das deliberações. Aconselharia, porém, que se escolhessem uns poucos para decidirem as causas menos importantes, a fim de que não suportem todos o ódio suscitado pelas decisões.

“Tratando-se mais brandamente os portugueses, obedecem facilmente; mas se forem tratados mais duramente, serão refratários e semelhantes a cobras no meio de nós. Mais de uma vez observei que os anima e contenta mais o mostrar-se-lhes honrosa estima do que a esperança de riqueza.

“Acreditai com reserva nos depoimentos de holandeses contra eles, porque os odeiam e por isso hão de querer-lhes a perdição, e sobretudo nos depoimentos dos militares os quais, indignando-se de serem pobres, e de serem ricos os portugueses, desejam que os mais opulentos sejam condenados para fazerem eles presa.

“É incrível o poder que tem nos ouvidos do vulgo para provocar tumultos a palavra áspera – tributos. Se os impostos são velhos e recebidos, não os aumenteis, nem mesmo quando se exigirem para resgatar uma dívida pública. Não imponhais também novos tributos às províncias: eles perturbam a paz dos súditos mais pela cobiça dos exatores do que pela relutância daqueles em obedecer. Se forem de todo necessários, degustai apenas, mas não devoreis as riquezas; tosquiai, mas não esfoleis este rebanho, porquanto ele é dotado de razão, e com estas demasias se torna turbulento e feroz. Quando se

Não deve ser permitido a qualquer um o uso de armas

Índole dos portugueses. Não se deve dar crédito fácil aos holandeses que contra eles depõem

Como exigir os tributos

inflama, despreza varões gravíssimos pelo patriotismo e serviços, e aterroriza aqueles a quem deveria temer. Não deixeis sair numerário das províncias, nem transportar-se por mar para outras partes: sem ele são fracos o mercador e o soldado. Necessitam de reforma os negócios forenses e os juízos inferiores. Atos forenses É preciso refrear a ganância dos advogados, procuradores, tabeliães, escrevente, leguleios e meirinhos, mal a que se deve pôr cobro, assim como às procrastinações das demandas. Cumpre obedecer religiosamente às decisões dos diretores da Companhia, até onde convier serem elas observadas. Quando, porém, parecem prejudiciais por haverem mudado as circunstâncias, preferiria eu não observá-las. Em geral a grande distância dos lugares e a incerteza dos acontecimentos fazem que no Brasil sejam tidas por inconvenientes providências que pareciam vantajosas na Holanda, e desta sorte se executariam aqui imprudentemente coisas prudentemente resolvidas noutra parte. Sempre que Como haver-se com os holandeses tiverdes negócios com nossa gente, não lhe toqueis nos bens, como se fossem coisa sagrada. São homens tais que preferem sofrer dano na vida a sofrê-lo na fazenda: esta é para eles mais cara que a menina dos olhos. Depois de perderem, por ofendidos, o respeito, odeiam hostilmente aos que tinham acatado servilmente. E porque são compatriotas dos governadores, julgam assaz iníquo sujeitá-los às mesmas leis a Extorsões dos escultetos nas províncias que se sujeitam os outros. Nada execram tanto os portugueses quanto as extorsões quotidianas dos escultetos nas províncias praticadas sob color de direito, e com as quais esfolam o povo além da contribuição devida. O remédio para isso será abolirem-se as penas dos delitos leves e várias leis, salvas aquelas com as quais se reprimem os crimes graves. Privados, assim, estes grilos e sanguessugas dos nomes de tantas multas, se escravizariam menos ao seu ganho ou satisfariam menos a sua insaciável cobiça. Além disso, conviria entregar estas funções somente aos mais conceituados, afastando-se delas os ladrões, que, como Geriões,³⁵² vão arrebatá-lo o alheio com seis mãos. É do interesse público punirem-se com o maior rigor os duelos e os homicídios deliberados, sem se ter em conta a condição das pessoas. Não são, porém, de punir aqueles que são imperados por uma ira cega ou uma justa dor.

“Cobrai escrupulosamente o dinheiro devido à Companhia. Como cobrar as dívidas São tenazes as mãos dos mercadores, e mais depressa arrancaríeis a clava a Hércules do que o dinheiro a eles. Consideram lucros todas as moratórias que obtiverem. Além disso, elevam os seus cabedais ao triplo ou ao quádruplo com os bens a eles confiados pela Companhia, preocupando-se mais com que artes hão de transferir para outros os seus débitos do que com o pagar aos administradores da Companhia o que a ela devem. A demasiada facilidade do ganho e os prazos longos para os pagamentos aumentam estes males. Aconselho, entretanto, que se tratem mais moderadamente os senhores de Como tratar os senhores de engenhos engenhos em atenção às incertezas da safra, a qual às vezes lhes

engana a expectativa. Não desejaria que se tentassem medidas extremas contra eles, a ponto de se embargarem os próprios bois, instrumentos dos trabalhos, depois as terras, e em seguida prender-se o devedor.

“Ao assumirdes a república, é da maior importância sejam bem agoirados os inícios do vosso governo. Sê-lo-ão, se o povo o aplaudir; Quais devem ser os atos iniciais do governo aplaudi-lo-á, se vos dipuserdes a ganhar fama de clemência. Deste modo, cobrarão os súditos vigor e ânimo, e tudo será para os governantes risinho e feliz. Portanto, é necessário comunicar a minha partida aos diretores das províncias e declarar-lhes que toda autoridade estará doravante em vossas mãos; cassar as penas impostas por decretos anteriores; conceder perdão das infrações cometidas antes; condenar os abusos dos escultetos e cercear-lhes as faltas e os pretextos de delinqüirem; haver para todos libérrima apelação para vós da improbidade deles; abrirem-se fáceis os ouvidos dos Conselheiros às queixas, Como punir os ladrões e salteadores para se dar a cada um o que é seu, o que é a suprema regra da justiça. Cumpre não mitigar, nem diferir as penas contra os ladrões e saqueadores de fazendas e lavouras, para que essa misericórdia não se converta em miséria. São eles inimigos do gênero humano e da salvação pública, havendo interesse em escarmentá-los com suplício mais rigoroso para não arruinarem toda a fortuna do povo. Nem pode haver crueldade em se punir a atrocidade de tamanhos crimes. Aprendei dos portugueses os melhores meios de apanhar esses criminosos. Aponto dois: a impunidade de alguns e as recompensas para as delações. Concedei perdão aos próprios celerados, se denunciarem os companheiros, pois não exterminareis melhor esses malfeitores do que por meio de seus parceiros no crime. De feito, quando uns desconfiarem dos outros, terão receio de se associarem para o delito, a fim de não serem traídos pelos sabedores dele. Suspeitando-se a deslealdade de alguns e aplicando-se cada um de per si ao mal, se dispersarão pela inutilidade de esforços. Prometei prêmios e dai-os. Vereis que se tem de correr perigos e de se empregar trabalho naquilo de que se esperam vantagens.

“Na administração das cousas divinas e dos negócios eclesiásticos, Como tratar os eclesiásticos deve-se usar aqui no Brasil a mesma moderação que em qualquer outra parte. E não obstante desejar-se que todos aceitem e professem a mesma religião que vós, todavia é preferível tolerardes com ânimo sereno os dissidentes a ser a república agitada por tumulto maior. Considerai as circunstâncias, às quais sabem os mais prudentes que devem obedecer. É de melhor aviso deixar as opiniões inveteradas do que tornar-se público que vós quereis proibir aquilo cuja proibição não sois capazes de efetivar. Nada é mais perigoso que um remédio intempestivo para erros medrados e arraigados: cada qual ama a religião que bebeu em tenros anos, e se aferra a ela. Se resistirdes, ser-vos-á oposta a contumácia, e assim é melhor fechar os olhos do que, com alvitres imprudentes e

intempestivos, extinguir essa chama sagrada. Portanto não aprovaria que vos ingerísseis muito com a religião dos portugueses ou que os coagísseis a se habituarem com o nosso culto e cerimônias. Conservem os seus sacerdotes e o governo da Igreja que receberam dos seus antepassados. Discerni os facciosos dos moderados. Reprimi ou afastai aqueles e retende estes para não parecer que vos irais contra uma classe, mas só contra indivíduos. Assim serão os vossos atos recebidos sem malquerença, e se apagarão os ódios nos ânimos. Pensa a nação portuguesa ser abusivo e de mau costume intrometerem-se os seculares nos negócios eclesiásticos e confundirem-se as coisas profanas com as sagradas. Nada move mais eficazmente os portugueses que a autoridade dos seus sacerdotes, e aqui no Brasil é imprudente e arriscado abrir contra eles devassa mais rigorosa. Não deis demasiada atenção às acusações e queixas dos homens da nossa religião: quer cada um que seja de todos a fé que abraçou, e que, sob o mesmo céu e o mesmo governador, tenham todos a mesma crença. Daí os ódios contra os dissidentes, as invectivas contra os dogmas e artigos da fé, os exílios, cadeias, cárceres e penas capitais. Atendei mais a tranqüilidade de muitos do que o fanatismo e o zelo exagerado de poucos. Assim vencereis as situações difíceis, e reinará a paz. E não se terão por dissidente aqueles que julgam ser necessário coibir com castigo a insolência dos que insultam a fé alheia e o culto público dos portugueses e que lhes atacam a religião e os ministros com motejos e palavras ultrajantes. Eles, com isso, ficam mais irritados e amam, com mais veemente preconceito, as coisas desprezadas pelos adversários. Examinai o que aconselha a firmeza da república e a própria piedade.

“Parece-me ter-vos já exposto o que eu quis fosse a norma dos meus atos e que desejaria fosse também a dos vossos. Com este modo de proceder, alcancei segurança para o império, favor e boa fama para mim na pátria e fora dela. Não permitais nada venal, nada acessível mediante dádivas. Guardai o caminho da honestidade: não se abram as vossas portas à cobiça para vos maculardes, nem a lisonja para perderdes os bons. Temendo mais a consciência do que a opinião, oponde uma virtude constante e inquebrantável aos maus conselhos e calúnias. Talvez pareçam à primeira vista mais belos os conselhos de outros: achei, porém, estes meus melhores pela experiência. Acuse quem quiser esta benevolência e brandura ínsita ao meu caráter, uma vez que não me arrependo dela e espero que o mesmo acontecerá a vós.”

Nassau aconselhou prudentemente essas e outras cousas para o bem comum, a fim de que a república, privada do auxílio de tão ilustre governador, não fosse perturbada pela violência ou pela traição.

Nada fará conhecer melhor a prudência do governante e a majestade e força adquiridas pela República do que editos com os quais houve ele por bem refrear a licença infrene e multiforme dos que delinqüiam.

Resumi-los-ei, antes de partir do Brasil o primeiro dos Nassaus que me-
Enumeração de todas as leis e determinações promulgadas, durante o governo de Nassau, contra os delinqüentes receu o cognome de “Brasileiro”. Segurei a ordem cronológica, enumerando as leis e determinações promulgadas, que nem foram nenhuma, para não julgarmos a república muito perfeita, nem foram demasiadas para não a crermos sempre muito corrompida.

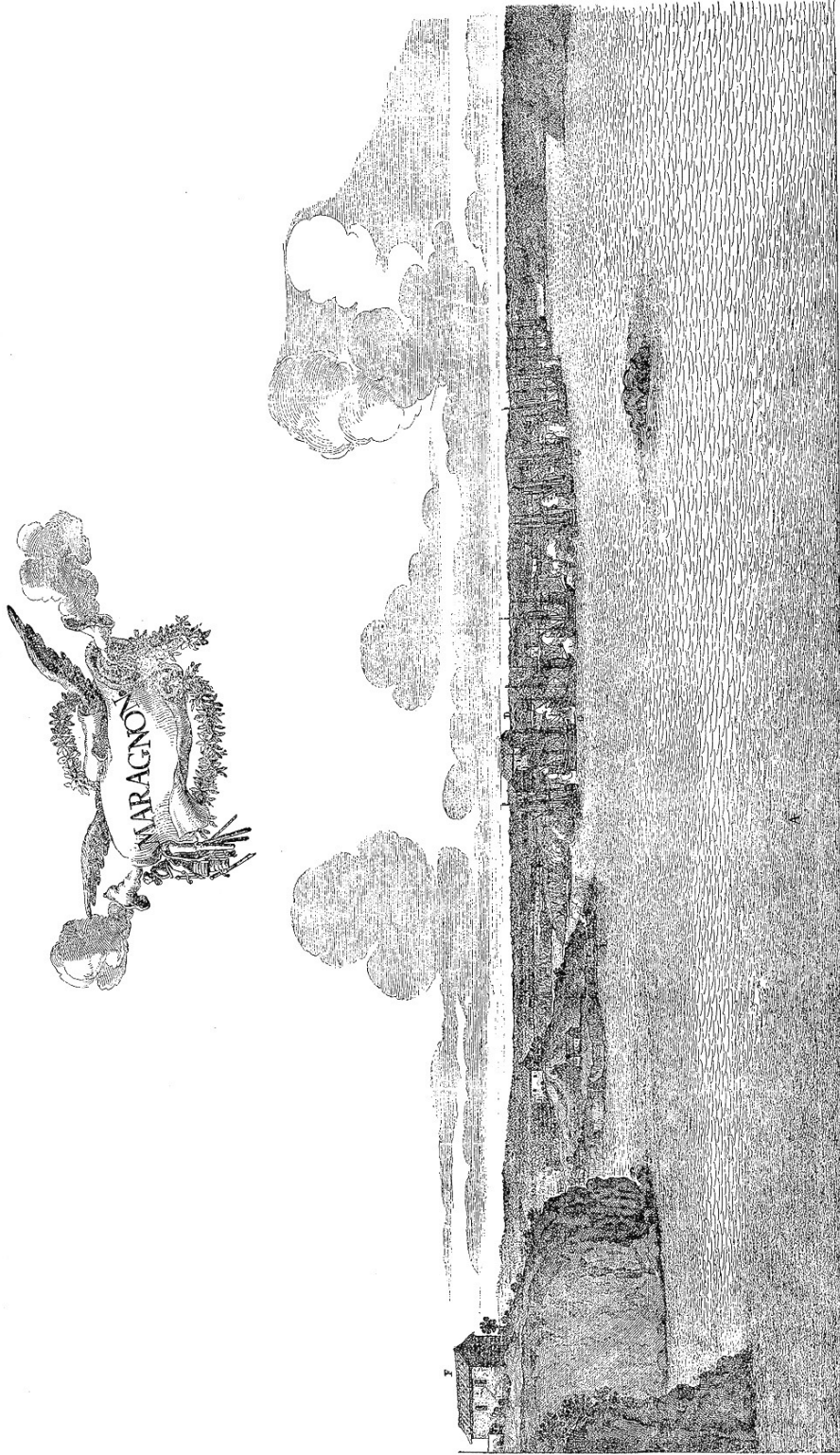
Sete anos antes, quando Nassau, voltando da expedição de Porto Calvo, se dispunha a ordenar a república, aconteceu que cada um se esforçava, por qualquer meio que fosse, para se apropriar das mercadorias dos fugitivos, as quais tinham sido por estes ocultadas em matas e esconderijos. Deu-se aos Entulhos de Olinda súditos permissão para em Olinda, que os primitivos moradores tinham abandonado, construírem novas casas e restaurarem as arruinadas, e foi severamente proibido que se transportassem para outro lugar os entulhos, madeiras, pedras, ferragens. Estabeleceu-se uma lei na qual se determinava que ninguém se arrogasse aquelas coisas, mas as entregasse aos governadores do Brasil, cominando-se pena de morte e de confisco para quem procedesse em contrário, porque eram bens da república e não de particulares nem alimento fácil da cobiça individual. Por outro lado, prometiam-se recompensas aos que indicassem objetos ocultos e denunciassem os possuidores clandestinos de cousas escondidas. Proibiram-se demolições na velha Olinda para não faltar à capital de Pernambuco toda a decência e para não se perder de todo a esperança de restaurá-la; mas, ao revés, permitiu-se aos cidadãos edificar novas casas e consertar as arruinadas.

Expulsos das fronteiras os inimigos e conseguida a segurança para os Ladrões e saqueadores naturais, tomaram-se medidas severas contra os ladrões e saqueadores e deu-se licença aos súditos para se defenderem com armas, em virtude da lei que recebemos da natureza e não aprendemos.³⁵³

Para não se esquecerem na prosperidade as cerimônias religiosas que se Observância do domingo observam na adversidade, ordenou-se aos mais negligentes em matéria de religião respeitarem o domingo, concedendo-se aos próprios escravos descanso do trabalho.

Não ignorava Nassau que a milícia se refreia pela morigeração e se relaciona com os desregramentos. Por isso vedou-se aos soldados esbanjar o soldo nos jogos de azar e em outras dissipações, evitando-se assim que a pobreza instigasse uns para o crime, e a vista, mais rara, de muito dinheiro impelisse outros para as tavernas e os prazeres, destruindo-lhes a bravura e ardor do ânimo. Foi rigorosamente defeso aos soldados molestar os lavradores, fazendeiros e qualquer indivíduo pacato, tomar ou defender o gado alheio, devendo cada um viver contente com os próprios meios de subsistência, sem destruir aquilo que viera defender.

É costume antigo considerar as praças e fortes os sustentáculos do império. A fim de ficarem eles inteiros e aptos para resistirem à violência dos inimigos,



- A. *Fluvij Jura.*
- B. *Scopulus.*
- C. *Urbis s. Ludovici.*
- D. *Castrum.*
- E. *Significat terram ad pedem montium iuxta litus.*
- F. *Sacella in montibus posita.*
- G. *Cassae portuum sibiens.*
- H. *Locus exsurgensis asperior.*

Conservação das trincheiras determinou-se por um edito que os súditos não andassem nas ruínas das fortificações nem nos baluartes caídos com as chuvas, nem tocassem gado por eles.

Fraudes dos mercadores Para se coibirem as fraudes dos comerciantes foram todos intimados a dar a rol público as suas mercadorias, antes de serem elas levadas para as naus.

Soldados vagabundos O Conde mandou, sob severas ordens, que se recolhessem às respectivas companhias os soldados pagos que não estavam à mão nos seus postos, e sim vagando ociosos pelos municípios, e foram os súditos proibidos de deter ou demorar estas inúteis sanguessugas do dinheiro público.

Campanhistas Tendo invadido o território dos holandeses o capitão dos espanhóis Souto, não com muitos soldados, disposto antes para o latrocínio do que para a guerra, ordenou-se aos naturais que o expulsassem, se não quisessem ser considerados traidores e punidos por esta espécie de culpa.

Prometeu-se avultada soma de dinheiro a quem apanhasse este mesmo Souto vivo ou morto. Permitiu-se aos íncolas que cada um tomasse posse das lavouras, terras e casas abandonadas em consequência da guerra e dos saques e as fossem habitar e cultivar.

Dos abusos dos administradores nas províncias Os administradores das províncias, tanto autoridades civis como militares, foram mandados garantir a tranqüilidade dos camponeses, de modo que não fossem temidos pelos proprietários rurais.

Restauração de Olinda. Pesos e medidas Anunciou-se ao povo a restauração de Olinda, que se achava em ruínas por se terem as armas encarniçado perto dela. Promulgou-se depois uma lei que proscrevia as fraudes relativas aos pesos e medidas,

restabelecendo-se a igualdade entre os preços e as mercadorias, que haviam muito tinham sido alterados pela improbidade de muitos. E para que uma gente civilizada e afeita ao esmero do solo pátrio vivesse com asseio,

Limpeza de ruas e praças prescreveu-se, numa lei rigorosa, a limpeza semanal das ruas e praças. Para a frequência das tavernas **Frequência das tavernas** a frequência das tavernas fixaram-se umas tantas horas, depois das quais era proibida. Entretanto nas horas destinadas ao culto divino, não foi permitido sacrificar-se nelas a Baco e à gula.

Duelos Para que os homens conhecessem devidamente o valor da vida humana, foram vedados os reptos e duelos, aos quais eram os nossos convidados pelos exemplos de uma gente bárbara e sanguinária.

Plantação de mandioca e outras providências No ano seguinte, foi reprimida por lei a violência de militares contra lavradores, pois a eles cabia garantirem as fazendas e lavouras. Publicou-se também uma lei sobre plantação de mandioca e sobre o peso dos pães, para favorecer os famintos, assim como sobre o valor da moeda, em benefício dos mercadores. Lançou-se o imposto da quarentena dos imóveis, proibiram-se os escritos difamatórios contra cidadãos, os insultos contra os

guardas noturnos e sentinelas, as correrias noturnas de indivíduos armados ou munidos de cacetes, os crimes de peculato e contrabando, a apropriação de negros aprisionados na guerra. Decretaram-se muitas medidas úteis sobre tomadia de gado, da qual depende a maior parte do abastecimento, sobre exportação de gêneros para o território inimigo, sobre administração de vias e pontes, sobre estâncias navais, sobre guarda cívica. E como a engenhosa indústria dos mercadores inventa mil maneiras de fraudar os réditos públicos, vedou-e que alguém, sem ciência dos fiscais da alfândega, entre, de dia ou de noite, em naus de transporte ou leve para elas qualquer mercadoria. A escassez de mantimentos fez que não fosse permitido exportarem-se vitualhas do Recife para outra parte, salvo se disso tiverem conhecimento os encarregados do abastecimento público. Ordenou-se que se apresentassem os devedores da Companhia que se achavam em mora. Devedores

Também não davam sossego aos súditos os concussionários, Concussionários que, procurando pretextos e a despeito de serem os principais do povo e os guardiões da lei, se lançavam sobre os haveres dos infelizes. A autoridade pública refreou também a crueldade e cobiça destes, dando aos cidadãos licença e se queixarem ao Conde e ao Conselho.

O primeiro cuidado de Nassau, que vivia no meio de tantos homens maus, foi o de Deus, a respeito de quem é dever da piedade não só fazer o mais alto conceito, mas também dizer as coisas mais elevadas. Por isso Blasfêmias e outros crimes impôs-se o freio do silêncio aos inimigos da religião e aos ultrajadores do seu Criador e de todas as cousas sagradas, intimidando-os com o suplício que lhes castigaria a própria língua. Não ficaram também impunes, no governo de Nassau, os incestuosos, adúlteros, amancebados, para os quais foram severas as penas, conforme o delito. Cobrou as décimas do arrendamento das casas e regulou por lei a arquitetura. Foram desfeitos os tiros de armas de fogo, nos dias consagrados a Deus, e bem assim os trabalhos remunerados dos empregados da Companhia, para que eles, recebendo paga dupla, não sirvam mal duas vezes. Por razões graves, houve o Conde por bem fossem recenseados todos os indivíduos que, senhores de si, fixassem residência no Brasil, lançando-lhes os nomes num registro público ou matriculando-os, para não se fraquearem as cidades à traição dos inimigos, por crescer ocultamente a multidão dos imigrantes. Além disso, fixaram-se as décimas e os pesos do açúcar, primeiro para utilidade pública, depois para a utilidade particular dos mercadores.

Crescendo o valor das moedas de ouro e a ousadia dos Trapaceiros trapaceiros, vedou Nassau que se recebesse dinheiro a não ser com balança, para que o dinheiro da Europa correspondesse ao do Brasil.

Robustecida a república no Brasil, expulsos os inimigos, sacudido o jugo espanhol, aclamado pelos portugueses o novo rei, mudado o senhor da

África, da Ásia e da América, e arruinada a dominação de um só, planeada tanto tempo pelo espanhol, quis o Conde que o povo se voltasse para o autor de tamanhos benefícios e consagrou, em todas as províncias, um dia a Deus, no local se Dia de ação de graças a Deus apregoasse, pública e solenemente, a infinita bondade e clemência dele para nós.

Talho de madeira Não longe do Recife, havia matas que forneciam madeiras de construção. Não quis Nassau que fossem cortadas para não virem faltar algum dia às necessidades públicas.

Citaram-se perante o Conselho aqueles cujos bens eram devidos ao fisco para entrarem em acordo, pois os réus cavilavam e procuravam subterfúgios.

Já surgia na ilha de Antônio Vaz a nova cidade de Maurícia. Entregando-se a esta ocupação, o Conde aterrara depressões, aplainara elevações, abriu praças, cingira de fortificações a cidade. Para merecer esta simpatia dos cidadãos, prouve abandonar outra vez Olinda, mais distante do porto, e ordenar em Maurícia a construção de casas novas.

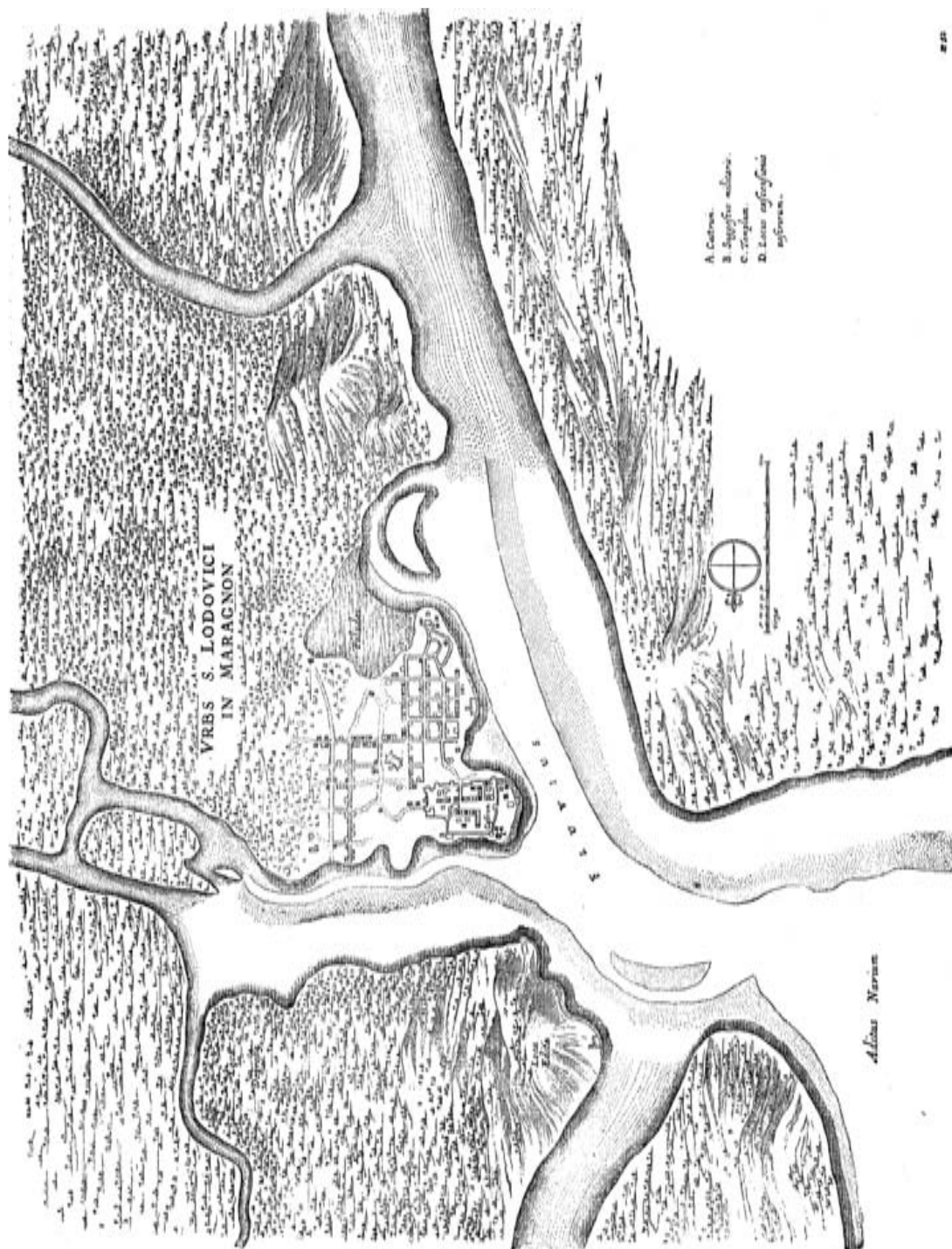
Injúrias contra os judeus Importava à tranqüilidade pública que tantos povos de religião diversa se unissem, senão nas opiniões, ao menos nos propósitos. Para que se pudesse esperar isso, cominaram-se penas assaz rigorosas aos que injuriassem aos judeus ou deles escarnecessem e, que, em vez de lhes ensinarem melhor doutrina, os provocassem atrevidamente.

Escravos furtados A cobiça dirigia-se para os escravos e africanos, procurando uns furtá-los aos outros. Determinaram, pois, o Conde e o Conselho que fosse cada um deles restituído aos seus senhores, não os podendo mais reter os possuidores de má fé.

Órfãos Da piedade de Nassau procedia a atenção por ele dispensada aos órfãos. Nomearam-se, por isso, quatro curadores que, mediante leis muito acertadas, se comiserassem daqueles a quem faltavam meios, pais, cuidados. Declarando-se Nassau pai e supremo tutor deles, não julgou ser isto alheio dos mais ilustres varões, mas obra genuína da religião cristã e mais santa de todas as controvérsias dos teólogos. Não quis somente como general defender a infância imbele.

Plantações e preço da mandioca Em outros casos, pode-se acudir à precisão no tempo próprio, mas a alimentação e o abastecimento de víveres não têm outro remédio na necessidade senão o obterem-se antecipadamente. Foram por isso mais iterados os editos sobre plantação de mandioca, preparo, venda, transporte e preço das farinhas para alguma vez não sofrer a república, por descuido de ser aprovionada e para não ficarem as fortificações abertas aos inimigos.

Foi consolo para os súditos conceder Nassau a cada um o direito de pesca, salvo nos lugares arrendados ou naqueles que particulares tinham o cuidado de cercar.



A principal força do comércio estava no açúcar e nos engenhos, e por isso foram tomadas a respeito várias providências para utilidade de todos.

Não foi das últimas preocupações do Conde a fundação de escolas para formar e instruir a juventude, não com o fim de se persuadirem forçadamente os portugueses às nossas crenças, mas para receberem instrução preparatória para todos os estudos liberais e elegância de costumes.

Não é de pequena importância para a firmeza do império saberem tratar as armas não só os soldados, mas também os cidadãos, pois o que valem na guerra é a arte e o exército, e não uma multidão indouta e rude. Quis, portanto, o Conde dar também a estes instrução militar, não sendo lícito a ninguém ausentar-se de suas companhias, quando houverem de se mostrar em público. Vedou que se vendessem armas a jovens e meninos, ou que as trouxesse quem não tivesse idade para isso. Além disso, para tirar aos saqueadores de lavouras meios de causar dano, proibiu aos portugueses comprarem armas, ou terem-nas em casa, exceto aqueles a quem ele o permitisse. Para tal fim, decretou-se a busca de armas, ordenando-se aos cidadãos depositá-las nas mãos do Conde, para que não faltassem as necessárias aos soldados ou não abusassem das desnecessárias os que não fossem militares.

Para não subirem ilimitadamente, ao alvedrio de qualquer um, os preços dos comestíveis e das bebidas, taxou-se-lhes o valor, tomando-se para ele a média entre a nímia cobiça dos vendedores e a estreita e tenaz avareza dos compradores.

Foi também mais rigorosamente fiscalizada a fé dos notários, não sendo válidos os documentos por eles passados, se o escrevente não fosse confirmado pela autoridade pública.

Estas e outras medidas mostram a situação do Brasil, o que há de firme e de incerto no império ultramarino, a fortuna instável dos cidadãos, as inimizades francas e ocultas dos inimigos, o espírito dos homens inclinado para os flagícios, os labores e revezes de tão importante governança.

A prudência humana, até onde lhe foi possível, remediou esses males com leis: se estas são desprezadas, estimula-se e alimenta-se a improbidade; se, porém, são respeitadas, promove-se a utilidade de cada um e de todos, conforme é de desejar.

Resta agora, quando Nassau se dispõe a partir, enumerarmo-lhe as dignidades e mostrarmos aos leitores a forma e organização de todo o império brasileiro, para saberem os desejos de tais notícias com qual indústria se revelou ele, no outro hemisfério, inviolável à força dos inimigos e dos criminosos, aos costumes e paixões de povos diversos. Não quereria eu, de fato, que ninguém duvide de ter sido esta prudência dele necessária e conveniente à segurança e ao renome públicos. Além disso,

apreenderá mais facilmente o espírito o quadro de tão notável administração, examinando-o em conjunto, porque, visto esparsamente e por partes, escapa aos olhos e à mente.

Todo este império do Brasil é parte das Províncias-Unidas dos Países-Baixos, as quais, depois de haverem declarado juridicamente deposto Filipe, rei de Espanhas, por ter violado as leis da República, não somente defenderam dentro de suas fronteiras o que lhes pertencia, mas ainda revidaram à Espanha a guerra que ela trouxera a este país, e navegaram, de um lado para as últimas terras das Índias Ocidentais, do outro para os confins das Índias Ocidentais, mandando-lhes as armas juntamente com o comércio. Navegaram também para o Brasil, onde o ínclito valor dos batavos, apoiado pelas riquezas de uma nova Companhia, fulgiu contra o mesmo inimigo que na Holanda.

A referida Companhia geriu, como sob a forma Conselho dos Dezenove. Governador e capitão-general do Brasil aristocrática, essa República e, com sábios alvitres, dirigiu, por intermédio do Conselho dos Dezenove, esse domínio estrangeiro. Não, porém, sem um principado, porquanto, suprimido ali o título de rei e de vice-rei, sob cujos auspícios se governava antes o Estado, recebeu legítima autoridade para isso o ilustríssimo Maurício, com o título de Governador e capitão-general, com supremo poder na terra e no mar. Ratificaram esta investidura os Estados-Gerais, o Príncipe de Orange e os diretores da Companhia. Na qualidade de Governador do Brasil competia-lhe ao Supremo Conselho Supremo e Secreto Conselho e ao Conselho Secreto, decidir no Brasil os negócios militares e políticos, nomear governadores para as províncias e fortalezas, construir novas fortificações e demolir as velhas, velar pelo culto e religião oficial dos holandeses, assim como pelos direitos dos cidadãos, pelos bens, domínios e rendas da Companhia, conferir aos mais merecedores honras e dignidades judiciárias e militares, comandar tanto os soldados das guarnições como os enviados à guerra, perdoar penas de crimes, tudo dentro das normas de administração em que haviam concordado os ditos diretores da Companhia e o capitão-general.

Quanto mais numerosas eram, porém, as cousas que deviam ser feitas pelo Governador, tanto mais necessitava ele de homens prudentes para a governança. Embora pudesse tudo ser gerido pela autoridade de um só, não poderia, entretanto, sê-lo pelo trabalho e providência de um só. Isso não foi alheio aos exemplos dos antigos príncipes, os quais, se bem dotados das maiores virtudes, todavia chamaram os varões mais experimentados para repartirem com eles os cuidados. Foram dados a Nassau para o seu conselho secreto alguns dos conselheiros, três ou quatro, escolhidos pelo Conselho Superior e Secreto. Eles deliberariam em comum com o Governador sobre a guerra, o comércio, elaboração de leis e sua interpretação nos casos duvidosos e sobre toda a administração da República. Decidiram em última instância as demandas e reclamações dos cidadãos, depois das

sentenças dos juízes inferiores; interviriam nos assuntos da marinha e no almirantado; cuidariam da esquipação de frotas e naus; imporiam encargos, segundo a necessidade pública; escolheriam os magistrados provinciais e urbanos dentre os indicados; aplicar-se-iam à construção de fortalezas e arsenais. Perante eles e o Conde se discutiriam as controvérsias das cidades, vilas e aldeias e outros assuntos momentosos. Além do Conselho Superior e Secreto e inferior a ele, Conselho de Justiça ou Senado Político foi instituído o Senado Político, que constou primeiro de treze e depois de dezessete membros e que foi posteriormente denominado também Conselho de Justiça. Compete-lhe tutelar os direitos dos cidadãos, presidir aos processos capitais e pecuniários, decidir, em grau de apelação, as causas, segundo o direito romano e o costume da Holanda.

Estes conselheiros são vitalícios, só podem ser removidos pelos diretores da Companhia e recebem ordenado.

Cada uma das províncias tem também a sua magistratura que exerce jurisdição sobre as cidades e vilas do seu território. Os membros dela Magistrados provinciais chamados eleitores e os escabinos desempenham função temporária e não remunerada. Perante estes servem o cargo de promotores públicos, não sem autoridade, aqueles que se chamam escultetos, pretores ou balios. Existe Câmara das Contas além disso uma Câmara das Contas,³⁵⁴ que administra o erário da Companhia e examina as contas públicas bem como as do fisco. Houve-se por bem escolherem-se os membros desta Câmara do número dos conselheiros de Justiça sempre que deixassem o cargo. Dois deles, pois são cinco, funcionam cada ano como tesoureiros. Há também aquele que, na marinha, vem Vice-almirante logo depois de Nassau, com o título de vice-almirante, e que comanda as esquadras, capitães do mar e toda a classe naval. E como em grande parte se gerem os negócios do Brasil pela freqüente remessa de naus daqui para lá e de lá para aqui, prescreveram-se aos comandantes delas as suas atribuições já quando fosse necessário navegar em esquadras, já com um só vaso; quer em proveito da Companhia, quer de particulares; quer se desse permissão para pelejar com o inimigo, quer não; quer se fizesse mister ancorar, quer se devesse prosseguir com a navegação. Ordenou-se ainda o que cumpre fazer, sempre que uma tempestade desgarrar as esquadras, sempre que os marinheiros da mesma frota quiserem ser admitidos a conferenciar com os superiores; qual a disciplina e qual a ração diária com que devem viver os marujos; qual o sistema, a lei e a medida de administração da justiça entre os subordinados; em que atos religiosos, quando e de que modo deve a gente ocupar-se; qual a ordem que cumpre observar para se escreverem os anais; qual a sucessão nos postos dos que morrerem; como devem ser tratados os inimigos prisioneiros e distribuídos os despojos; em que portos se Conselho de marinha deve entrar e com que cautela convém fazê-lo; que surgidouros se devem escolher. Compete ao Conselho de Marinha tomar conhecimento de tudo isso, conforme as circunstâncias.

Está em uso no Brasil a mesma forma de governo eclesiástico que nas igrejas holandesas. A suprema autoridade pertence ao Conde e ao Conselho secreto, aos quais incumbe também dirigir esta nau, sacudida pelas suas ondas, atacada pelos seus inimigos, sofrendo dos seus vícios. A autoridade dos Sínodos é maior que a das Classes e a desta superior à dos Presbitérios. As decisões dos Sínodos não têm sido válidas sem aprovação dos diretores da Companhia. Não é permitido realizá-los, senão depois de previamente conhecida a matéria das deliberações, a fim de se poderem examinar não só as cousas menos necessárias, mas também as menos úteis. Em razão dos estreitíssimos vínculos entre o Estado e a Igreja e do modo de sentir comum a respeito do bem e do mal, comparecem aos Sínodos delegados do Conde e do Conselho. Ordenou-se aos pregoeiros da palavra divina zelo sério e flagrante das almas e que atraíssem aos bárbaros com o exemplo de uma doutrina e vida mais austera; que os impregnassem com o suco salutaríssimo da fé cristã e lhe falassem tais cousas e em tal ordem que fosse conveniente para converterem os gentios; que mandassem adiante a natureza e expusessem depois a Escritura para que eles, tornando-se discípulos da natureza, creiam mais facilmente na Escritura. Dessem prova de que a nossa gente não tinha ido ao Brasil, combatido e vencido só pelo desejo de um lucrozinho sórdido ou de alargar a sua dominação, mas, muito ao contrário, pelo amor da felicidade eterna de tantos homens que erravam nas trevas. Foram mandados não cuidar de política, não inquietar-se com o ganho, não servir aos ambiciosos, mas conservar-se nos limites do seu sagrado ministério e escrever amiúde aos diretores sobre o estado dos negócios eclesiásticos e conversão dos gentios, não por serem indignos de falar de assuntos políticos, mas por ser indigno deles tratarem de tais cousas como quem devia ocupar-se de outras melhores. Mandou-se-lhes também não irar-se publicamente contra os chefes que pecassem por fraqueza humana, expondo-os, com o nomeá-los, às contumélias do vulgo, a fim de nem se envilecer a autoridade dos governadores, nem se acusar a si mesma de falsa uma repreensão ardente, precipitada e biliosa. Quis ainda Nassau que fosse inviolável a veneração devida à classe eclesiástica e garantida pelo temor das penas contra a protéria e as línguas insolentes dos maus. Não admitiu que fossem os predicantes removidos de uma nau para outras, ou mandados de uma aldeia ou vila para outras, senão com o consenso do Magistrado e dos superiores eclesiásticos. Determinou que os eclesiásticos reformados conduzidos a bordo ou nomeados para as fortalezas deviam sentar-se condignamente à mesa dos comandantes, para que os semeadores das cousas espirituais não merecessem desprezo entre os soldados rasos e não tivessem falta de um sustento decente.

Li achar-se a religião católica romana no Brasil subordinada às seguintes restrições:

Governo da Igreja Reformada

Sínodos, classes e presbíteros

Predicantes

Seus deveres

Restrições impostas aos papistas

- I. Ninguém reconhecerá no Brasil holandês a autoridade de nenhum vigário, bispo ou sufragâneo, não deverá obediência a nenhum dos de fora, não poderá combinar planos com eles ou ministrar-lhes dinheiro sub-repticiamente.
- II. Todos os presbíteros que desejarem viver sob o domínio dos holandeses terão de obrigar-se por juramento de fidelidade ao Conde e ao Conselho Supremo, e não esperarão o governo do bispo da Bahia.
- III. Os que entrarem no nosso território sem salvo-conduto serão detidos como prisioneiros.
- IV. Ninguém poderá casar, sendo celebrante do ato um presbítero, sob pena de exílio e multa de trezentos florins, e os filhos não adiarão a herança.
- V. Os católicos romanos realizarão as cerimônias de sua religião no recinto das igrejas e não fora, pelas ruas e estradas.
- VI. Pertencerão à Companhia as rendas eclesiásticas, que serão convertidas nos usos pios de escolas, templos e hospitais.³⁵⁵
- VII. Ser-lhes-á livre pensarem o que quiserem e dizerem sem ofensa o que pensarem.

Restrições impostas
aos judeus

Impuseram-se aos judeus as seguintes restrições:

- I. Não edificarão eles novas sinagogas.
- II. A nenhum judeu será permitido casar com cristã ou ter concubina cristã.
- III. Não poderão converter cristão ao mosaísmo, nem chamá-los da liberdade evangélica para os encargos da Lei velha, nem da luz para as sombras.
- IV. Nenhum judeu poderá ultrajar o sacrossanto nome de Cristo.
- V. No recenseamento dos corretores, não excederão a terça parte do respectivo número.
- VI. Comerciando, não fraudem a ninguém.
- VII. Os filhos nascidos de judeu e de cristão, morrendo os pais, serem entregues para serem educados aos parentes cristãos. Os que não tiverem estes serão educados em orfanatos, se forem pobres, ou ficarão sob os cuidados do Conselho Secreto, se forem ricos.

Império
africano

Era um pouco diferente a organização do governo no reino de Angola e na ilha de São Tomé, porque na obstante haverem essas possessões obedecido primeiro a um só governador, todavia foram posteriormente confiadas a dois, por terem assim opinado os diretores da Companhia. Sendo, com efeito, a costa africana dividida pela linha equinocial, um deles rege a parte do norte, onde está S. Jorge da Mina e outras possessões holandesas; o outro tem sob a sua jurisdição a parte do sul, onde se acha a capital de São Paulo de Luanda, a ilha de São Tomé e todo o trato de costa até o cabo da Boa Esperança. Mais tarde os diretores acrescentaram a estes dois governadores um terceiro, os

quais, distribuindo entre si as funções, administram a república, a justiça, a fazenda pública e o comércio, com a condição de que um é responsável pela culpa do outro, medida previdente, cujo fim é ligá-los mais estreitamente pela fidelidade à Companhia e por amizade recíproca. A administração religiosa pertence aos ministros e predicantes, aos quais se recomendou que aprendessem a língua dos gentios e lhes conhecessem os costumes, índole e gostos, falando-lhes depois de Cristo de modo mais puro que os papistas.

O comando militar coube a princípio a um só e em seguida aos referidos governadores. Estes nomeiam o comandante da milícia com a patente de capitão, o qual recebe dos governadores a senha e lhes dão um relatório sobre as guardas e sentinelas. Cabe-lhes defender os lugares florescentes por algum comércio por meio de fortalezas e torres, provê-las de mantimentos para um semestre, firmar alianças com o rei do Congo e outros chefes e introduzir nas suas cortes sentinelas mais puras a respeito de Deus e de Cristo.

Assim, em toda a parte foi a república confiada a diversos e aos melhores, tal qual a louvaram sempre os mais sábios e qual a aprovam os mais famosos exemplos dos antigos e modernos, e muitos acreditam que deste modo principalmente floresceram os romanos.

Concórdia do Conde com os diretores da Companhia

Foi essa a organização do governo brasileiro sob o Conde João Maurício. A sua admirável concórdia com os diretores da Companhia, pois de um lado ele lhes obedece às instruções, e do outro eles o amam e respeitam, de modestos começos elevou o Brasil ao maior desenvolvimento.

Achava-se prestes nas costas da Paraíba a frota que ia levar Maurício para a pátria, depois de exercer no Brasil um governo tão notável e brilhante.

Quando estava para sair de Mauriciópolis, cumpriu o dever de se despedir, com igual cortesia, dos membros do governo, dos cidadãos, dos militares de terra e mar, deixando ali incriveis saudades, as quais foram tão aumentadas depois pelas calamidades que se seguiram que ninguém hesitava em proclamar, com louvor e justiça, as cousas por ele feitas com toda a circunspeção. Depois, conforme o costume militar, por onde ele passava salvava a artilharia, e tanto os soldados como os civis davam descargas de mosquetaria, trovejando com fragor todo o céu e todo o mar, e assim, quando cessaram os votos de fidelidade dos populares, o ribombar dos canhões, difundindo-se até mais longe, prolongou os desejos do povo e o favor da República, que o seguia. Abalaram-se as cidades e as vilas, as aldeias e os campos. Dos engenhos e casais havia confluído ingente multidão para significar o seu pesar pela partida daquele cujo governo equitativo havia experimentado. Era de ver a turba de pobres, de ricos, de velhos e de jovens, em bandos promíscuos, que ora lhe vinham ao encontro, ora o acompanhavam e logo o rodeavam, manifestando-lhe, com lágrima-

Estando para partir de Maurício para a Paraíba, despede-se o Conde dos seus

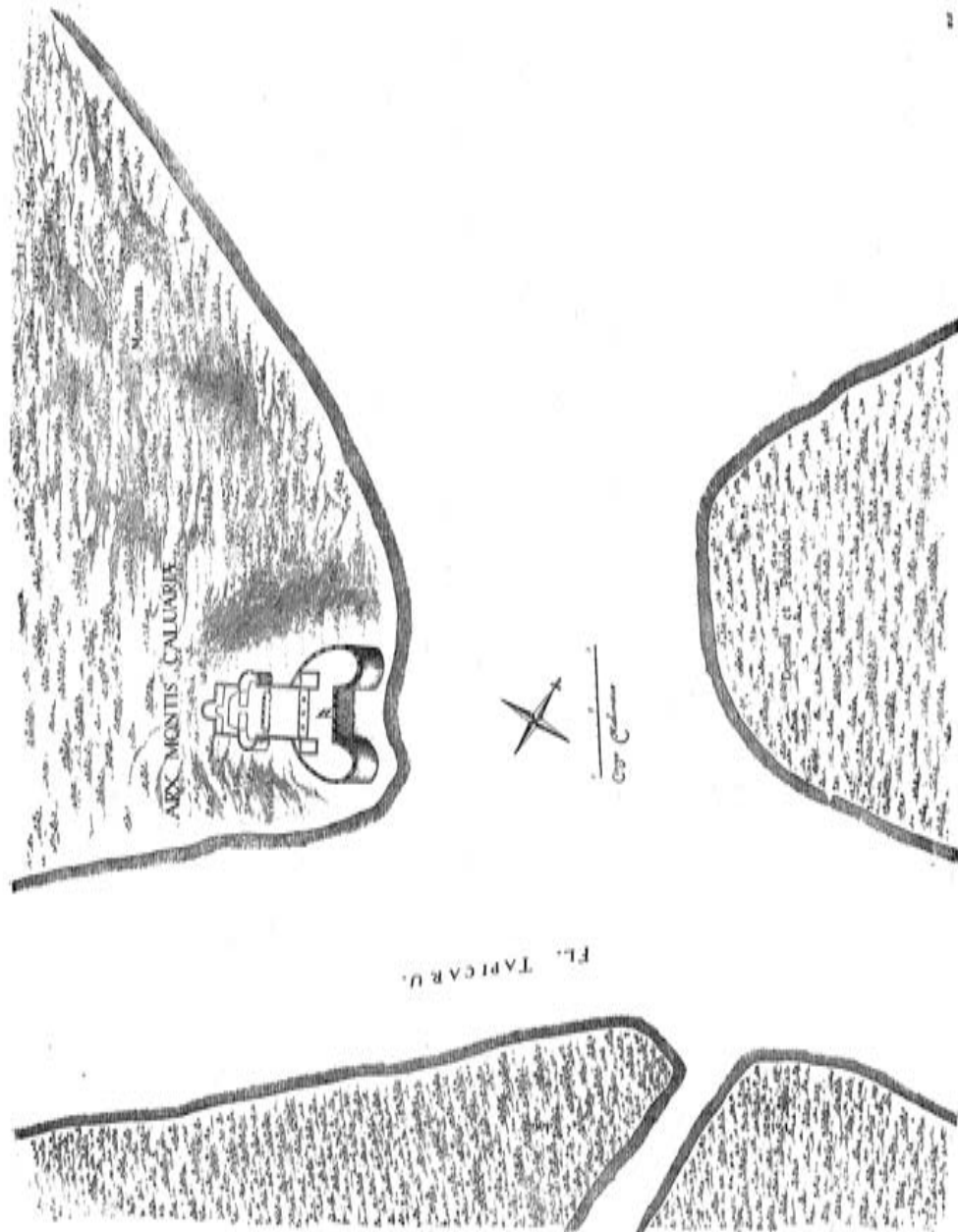
Concurso de povo pelos caminhos, apresentando-lhe votos de boa viagem

mas e aclamações, a sua simpatia. O mesmo faziam diversos portugueses, nos quais se gravara assaz fundamente a lembrança da moderação e indulgência de Nassau para com eles. Não era de alegria, mas de tristeza toda esta cena, pois uns lhe desejavam felicidades, chamando-lhe pai, outros chamando-lhe senhor e protetor. O consolo de uns era terem-lhe apertado a mão, o de outros haverem-lhe tocado no gibão. Todos sentiam o mesmo pesar, cravando os olhos no Conde, e era sem distinção o abatimento de todas as fisionomias, de grandes ou pequenos, de homens ou mulheres. Alguns havia que clamavam ter caído o Brasil e já não restar esperança, e tão afoita e audazmente o diziam que se creria não se haverem lembrado dos demais governantes. Acompanharam o Conde até a povoação de Paratibe e Iguaraçu cem cidadãos a cavalo. Os escultetos e escabinos das vilas, indo-lhe ao encontro, receberam-no com invariável cortesia e acatamento e, em luzido cortejo, o seguiram até a Paraíba. E já de partida, não lhe davam descanso as petições e memoriais dos portugueses, brasileiros e outros, desejando cada um que as suas pretensões fossem transmitidas honrosamente aos Estados-Gerais, ao Príncipe de Orange e aos diretores da Companhia.

Poucos dias antes, o rei dos tapuias João Wy ou Janduí enviara a Nassau três filhos seus, com uma comitiva de vinte da mesma nação, perguntando-lhe as causas da sua partida, rogando-lhe com encarecimento mais diuturna permanência e prometendo-lhe com liberalidade mantimento bastante para ele e seus domésticos. Dois dos bárbaros foram para a Holanda com Maurício a fim de verem terras, astros, povos ignotos. Os demais, honrados com presentes insignificantes, quais são facas, machadinhas, espelinhos, mimos agradáveis aos selvagens, voltaram para a sua pátria e para junto do seu rei. Outros quatro, da nação dos Carapatós e Vaipebas, índios que, pouco havia, tinham invadido os recessos dos Palmares Grandes e exterminado a malta de salteadores ali escondida, manifestaram desejo, com o auxílio do seu intérprete, de serem também companheiros de Nassau. A nação dos brasileiros delegou cinco dos seus, que iriam em companhia de Maurício, pelo desejo de visitarem a Holanda e o Príncipe de Orange, único titular que entre eles avulta, para depois darem aos seus relação do estado e costumes do nosso país, pois eram familiar aos portugueses vilipendiá-lo como terra de piratas, a qual acode a sua inópia com alguns barcos pescarejos. Tão vivas pareciam as simpatias dos brasileiros com o Conde, tão grande o empenho de cada um em testemunhar-lhe o seu afeto que, empurrando para trás os holandeses como por emulação, tomaram-no sobre os ombros, conduziram-no carregado desde a praia e através das ondas até o escaler, e, voz em grito, repetiam-lhe, a seu modo e em sua língua, os seus adeuses. Julgavam, com efeito, altíssimo dever e honra levar nas costas, a quem nas suas levava, tanto tempo, os destinos e a salvação de todos. Entretanto, mais se revelou o amor desses homens ao Conde, quando no dia seguinte, depois de passarem a noite nas praias, se lançavam aos magotes nos

O rei dos tapuias envia
filhos seus ao Conde

Passam à Holanda
alguns tapuias



FL. TAPICARU.

batéis e nos navios de transporte que conduziam as bagagens, como se fossem navegar junto com ele a expor-se aos mesmos riscos do mar e da travessia. Rogava-lhes, porém, Nassau, que não lhe estorvassem a viagem com intempestivas homenagens, e, empregando palavras brandas e persuasivas, acomodou-os, distinguiu-os com presentinhos e fê-los voltar para a praia, chorando e soluçando. Declarou que se enternecia com as provas de tamanha afeição e que jamais se esqueceria daquela gente tão amiga dele. Assim se fez de vela no dia

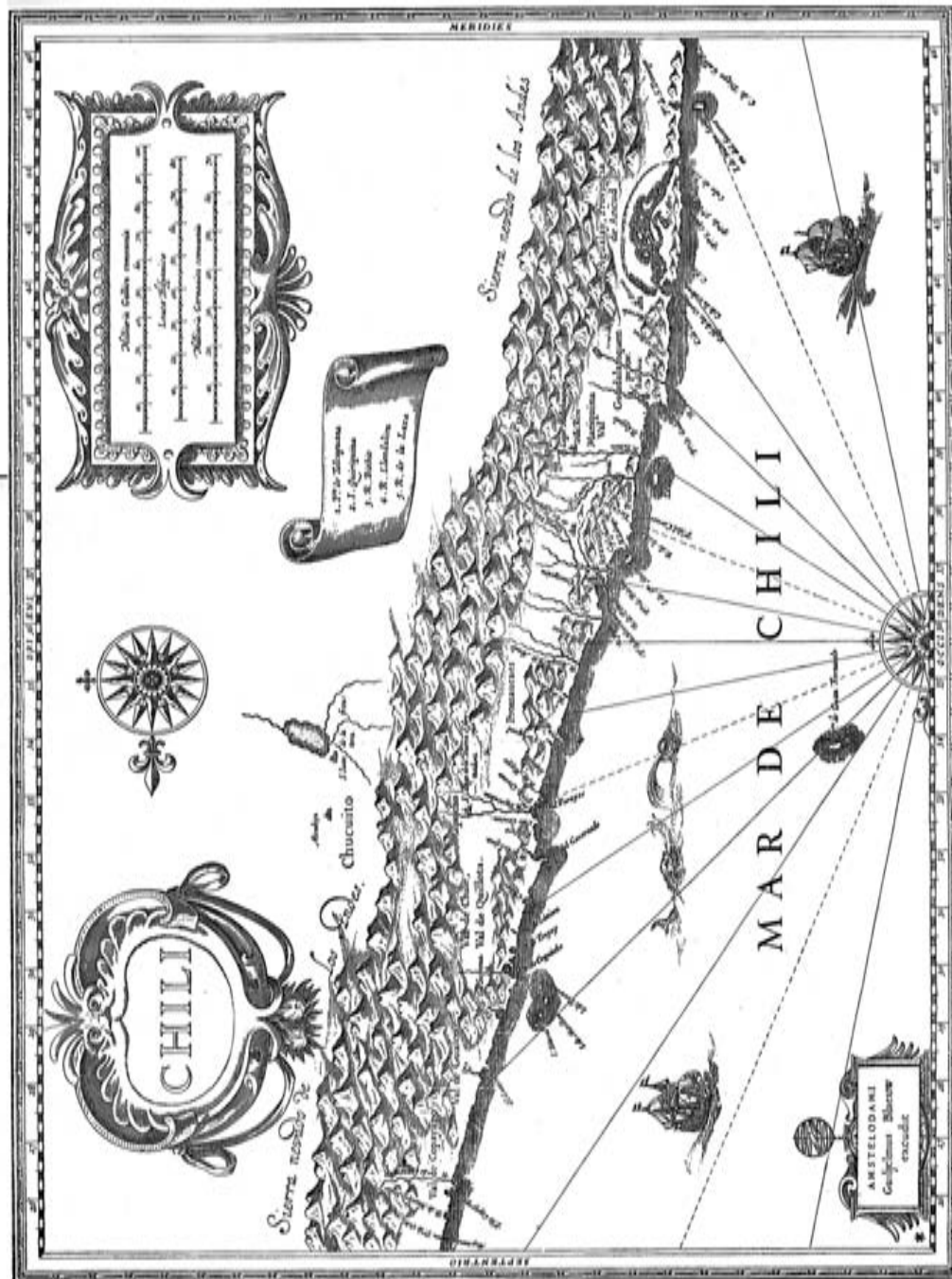
Parte o Conde da
Paraíba. 22 DE
MAIO DE 1644

22 de maio de 1644, que amanhecera sereno e prometia segurança aos navegantes.

A frota em que ele se passou à Holanda compunha-se de treze naus, era artilhada e equipada de gente de mar e de peleja contra a violência do inimigo e ia carregada de mercadorias do Brasil, tanto para lucro da Companhia como de particulares. Regressaram com o Conde alguns políticos, eclesiásticos e militares, ou por já ter expirado o prazo de suas funções, ou por lhes parecer duro permanecer no Brasil mais tempo, estando ausente Nassau. Subia a mil e quatrocentos o número dos que partiam, entre soldados, marinheiros e outros viajantes. Consigo transportou Maurício alguns cavalos de raça e de sangue brasileiro. Além disso, trouxe para a Holanda muitas cousas exóticas, que aqui os batavos admiram como raras e nunca vistas: despojos de quadrúpedes, de peixes, de aves, utensílios, armas, colares, braceletes, penachos, e tudo isso ele guardou, não para o seu deleite exclusivo, mas para uso e prazer de muitos. É testemunha disso o Teatro Anatômico da Universidade de Leide, no qual, como nas Cavas Capitolinas,³⁵⁶ hoje se vêem essas cousas, por doação e munificência de Nassau. Desta sorte, ele não somente deu no Brasil provas de sua perícia militar, mas também, de retorno para a Holanda, suspendeu dos pórticos dos letrados tantas maravilhas da natureza, subsídios e recursos dos físicos e dos médicos. Demais disso, mandou representar aquelas cousas em desenhos e pinturas e tecê-las em tapetes para a longa lembrança dos pósteros, a fim de que, estragando-se os espécimes, restassem as imagens daquilo que o Novo Mundo tem para se admirar. Podem ver-se tais pinturas e tapizes na entrada do magnífico palácio que ele construiu de mármore em Haia, além de outras obras de arte apreciadas e admiradas, por serem executadas em marfim e dentes de elefantes. Havia nas naus, assim da Companhia como de particulares, quantidade de mercadorias, açúcar, madeiras, marfim, ouro da África, tabaco, doces e couros no valor total de 2.600.000 florins.

Tendo o Conde atravessado outra vez o Oceano e a linha equinocial, a qual tinha ele agora por testemunha, não do que ia fazer, mas do que fizera, chegou a salvamento ao porto de Texel e ali desembarcou. Haviam-no, porém, afligido os incômodos do mar, e assim teve de parar na aldeia de Helder, onde tratou de se restabelecer. Com saúde mais firme, percorreu diversas cidades da Holanda e chegou a Haia. Aí o receberam

Chega o Conde ao Porto
de Texel, na Holanda
Setentrional



É recebido os príncipes seus parentes, os Estados-Gerais e os diretores da Companhia, todos os quais, dando-lhe boas-vindas e respondendo-lhe agradecimentos, declaravam os seus assinalados serviços e o cabal desempenho dos seus deveres de governador. Entretanto o Conde, depois dos cumprimentos e visitas de praxe, discorreu perante eles, em várias reuniões, sobre as coisas do Brasil e sobre todo o governo, províncias, riquezas, habitantes, forças militares, esquadras, mostrando os socorros e reformas de que necessitava. Seria ocioso referir o que já foi dito por outros e por nós mais atrás, isto é, em que províncias se divide o Brasil, quais as suas produções e rendimentos, com que fortalezas se defende, de que e de quais povos é habitado. Todavia, extrairei da exposição de Nassau aquilo que ainda não se escreveu e que será aos diretores da Companhia agradável e necessário de saber.

Outrora se arrecadavam do Brasil inteiro um milhão de arrobas de açúcar e isto anualmente. 100.000 destas tocavam ao rei em pagamento de décimas, sendo isento deste pagamento, em razão do seu baixo preço, o açúcar chamado *panela*. A ninguém era permitido exportar esses açúcares para outro lugar senão para Portugal e somente em naus saídas de Lisboa, Viana do Castelo e das ilhas Terceira, Canária e Madeira. Para tal fim era o Brasil frequentado por trezentas naus, parte galeões, parte caravelas, espécie menor de navios, as quais naus partiam do reino carregadas de vinho, azeite, farinha, peixes salgados, panos de linho e de lã, ferro, cobre e outras veniagas, para comerciarem lá. Elas rendiam anualmente aos seus donos alguns milhões, proventos estes que iam estimular a atividade e a cobiça dos mercadores em vários países da Europa.

Os limites do Brasil holandês, dilatados pela felicidade das armas, estendem-se desde o rio Real, que separa o Sergipe da capitania da Bahia até o rio Maranhão. O Sergipe, numa extensão litoral de trinta e duas léguas, foi primeiro anexado ao domínio português por Cristóvão de Barros Cardoso, a quem o rei das Espanhas doou, em recompensa de seus serviços, essas mesmas terras entre o Sergipe e o rio São Francisco, com direito de vendê-las e reparti-las com os colonos que quisesse, com a condição de fundar ali as colônias dentro do prazo marcado pelo rei. Isto fez que diversos baianos emigraram atraídos para lá e, decorridos alguns anos, construíram quatro engenhos, posto que de menor custo, quarenta currais de gado e uma vilazinha, que contava uns cem fogos. Tudo isto, devastado pelas guerras, deixou de si tristes vestígios, sendo dispersos os habitantes e expulsos para a Bahia. O gado remanescente coube ao inimigo, a nós ou à voracidade das onças, e a tal ponto se tornou escassa a tomadia dele que raros caçadores o buscam.

Não há esperança de se restituir a esta região a sua antiga prosperidade, senão mandando-se-lhe colonos, e nunca se conseguiriam estes, a não ser com o conceder-se-lhes habitação segura e com o doarem-se-lhes terras e granjas. Calcula-

lam mal os que acreditam que o aproveitamento da região pode ser feito pela Companhia e que a criação do gado pode ser promovida pela administração pública, porquanto a região não está resguardada das invasões dos inimigos, e de resultado incerto a pecuária, e por melhor êxito que logre, será vil o preço do gado, em razão da extrema economia de moeda na presente quadra. Para defender a província seriam precisas algumas companhias de cavalaria e de infantaria e outros recursos, que se orçam no mínimo em 150.000 florins. Além disso, haveria receio de que a gestão desses interesses despertasse no administrador a cobiça, levando-o a lucros iníquos e a cruéis extorsões contra a população, segundo consta de exemplos recentes. Depois de freqüentes análises, verificou-se que nenhum valor têm os minérios que se apanham nas montanhas do Sergipe (chamam-lhes Itoabouhanas). Dizem que foram descobertos esses minérios, durante o governo de Luís de Sousa, por um mameluco Melchior Dias, o qual, lançando casualmente os olhos a umas pedrinhas brilhantes supôs que encerravam prata. Referido o caso ao rei da Espanha, Sousa, a quem ele mandara explorar os montes e desvendar-lhes os segredos, enviou ao seu soberano vãs esperanças e a notícia do trabalho perdido.

Quanto se pode coligir das safras de alguns anos para Solo da província de Pernambuco atrás, o solo da província de Pernambuco não cede a palma em fertilidade a nenhum lugar do mundo, a não ser nos areais estéreis e nos pedregais. É a mais importante das províncias pela situação, riquezas, população e comércio. Pelos edifícios públicos e particulares das suas cidades, pontes, torres, baluartes, é adequada e fortificada para sua utilização e cultura. É abundante de pastios ubertosos; produz e alimenta armamentos de inúmeros bois e vacas, notáveis pela corpulência, pela produção copiosa do leite e pela beleza das pontas. Os campos, quando cultivados, são feracíssimos. Nas matas é muito lucrativa a caça de aves e animais bravios, e nos rios o é a pesca.

A região dá também copiosamente bálsamos de várias espécies, óleos, ervas e raízes medicinais. A parte habitada estende-se apenas até oito léguas do litoral, já porque a costa é mais apta para importação e exportação, já porque os portugueses, seus primeiros habitantes estrangeiros, não puderam difundir mais amplamente os colonos, em razão do seu número reduzido, e também porque temiam internar-se mais além pelo sertão, ante a resistência oposta pelos selvagens. Cada um dos engenhos se distingue pelos seus senhores, pelas suas famílias importantíssimas, pela sua escravaria. O número ingente dos escravos, Número de escravos entre o rio de São Francisco e o chamado Rio Grande, se calcula em três ou quatro mil. Para não diminuir por morte deles este número, têm sido importados anualmente em suplemento 3.000 negros, procedentes das costas da África: Cabo Verde, Mina, Angola, Ardra e Calabar. Se não fora a negligência e a má administração dos nossos, poderia esta região abastecer-se de si mesma. Padece atualmente tão calamitosa carestia que, dentro em pouco, por falta de gado,

que foi tomado e maltratado, se receia para os senhores de engenhos e lavradores a cessação de todo o trabalho.

Muito importa à Companhia conhecer quais os males e vícios deste do-
Males e vícios deste império mínio, quais as suas causas e remédios. Entre os vícios os primeiros são a pobreza e a perfídia dos portugueses, a carência de produtos agrários, a queda e a diminuição do comércio, a situação confusa e difícil do erário público e das contas, males esses, que desprezados a princípio, se arrastam uns aos outros como por propagação.

É vultoso o dinheiro devido à Companhia e a particulares pelos senho-
Dívidas res de engenhos, metade do qual pertence à Companhia. Estando, porém, vinculados entre si os conselheiros, os senhores de engenhos, os comerciantes, trabalhadores, banqueiros, por causa das necessidades comuns da vida, acontece que a ruína de um acarreta a de outro, e o primeiro desastre abrange os seguintes.

Recentemente mostraram os maranhenses a perfídia da sua gente com a sua famosa rebelião, e esta teria igualmente rebentado em Pernambuco, se não se houvesse sufocado no nascedouro o criminoso plano. A desesperados nenhum cometimento incerto mete medo, e assim parecem quererem tentar qualquer coisa que os liberte dos seus débitos aos holandeses e da dominação deles.

Os principais produtos do Brasil são mandioca, açúcar e madeira. Se a pri-
Carestia de produtos agrícolas meira fosse copiosa, poderia a Companhia ficar aliviada de enviar sempre mantimentos, e seria ela assaz copiosa, se os naturais se dessem à lavoura para utilidade de muitos, pois são acostumados a produzir para si e para os seus, e não para os outros. Da penúria da mandioca resulta que os preços sobem sem medida, de sorte que um alqueire, comprado antigamente por 24 stuivers, agora só se obtém por 10 florins. Em consequência disso, a plebe faminta, que não sabe temer, devasta as lavouras, assalta os engenhos, pratica furtos e latrocínios, pródiga da vida para garantir a vida. Os remédios destes males podem e devem ser ministrados pelos conselhos que dei noutra ocasião e que mereceram aprovação pública.

Creio também que é malfeita a exploração das madeiras do Brasil, pois
Madeiras não se dispôs nada sobre a qualidade das que se deveriam cortar, quero dizer, quantas e quais árvores conviria cortar, procedendo nós em contrário do que faziam os administradores do rei da Espanha. A estes não era permitido talhar mais de dez mil quintais. Vêm-se os nossos derrubar árvores sem lei, nem medida, mesmo as novinhas, ainda não crescidas, de sorte que é mister proibir este comércio, por destruir-se nos germes a esperança de novas árvores. Não se remediará esse mal, senão ordenando severamente que se abstenham de abater as tenras e de cortar excessivamente as crescidas.

Nada é mais lucrativo que o açúcar além das grandes rendas dos tribu-
Açúcar tos, impostos e direitos aduaneiros. Entretanto, se se fizer cálculo de

todos os gastos que o Brasil exige, é de duvidar se haveria equilíbrio entre a receita e a despesa. Demais, a situação e o vigor do comércio languescem, porque os mercadores holandeses não auferem lucros com que possam pagar as mercadorias mandadas pelos da Holanda. Portanto, colhem estas velas, têm mão nos seus corretores, remetem mercadorias com maior moderação, cobram mais rigorosamente seus títulos e querem sejam pagos os não vencidos. Vacilando o crédito, ninguém empresta dinheiro, senão garantido por penhor. As letras de câmbio são repudiadas por causa das fraudes, e daí vem que muitos, obrigados a fechar seu banco, abrem falência e comprometem os sócios. Os armazéns de mercadorias acham-se vazios. A tal ponto caiu preço das casas e terras que uma terça parte delas ficaram inferiores ao antigo valor. Agora se compra por 30, 40 ou 60 rixdales um negro que noutro tempo se conseguia a custo por 200 ou 300. Os oficiais mecânicos estão sem trabalho e, pelas suas aperturas, abraçam a milícia ou voltam para a pátria.

Se a diligência dos diretores da Companhia não apressar o remédio para esses males, parecerá que pouco falta para o desastre completo. Tal foi, no último biênio, a dificuldade do tesouro e da fazenda, que não se pode fazer, no tempo certo, o pagamento do soldo e a distribuição de mantimentos, quanto mais resgatar os títulos de dívidas, que, com prejuízo de 20%, eram vendidos por corretores com grande dano para a Companhia.

Enumerarei os males. Agora mostrarei as causas deles para que, eu, mais seguramente, possa remediá-los.

A pobreza dos portugueses, a qual lhes ensina as piores artes, procede em parte das guerras, que mais de uma vez acarretaram devastações, em parte da persuasão a que os induzira a esperança de que a armada espanhola nos ia obrigar à fuga e reduzir-nos às últimas extremidades. Bastante animados por tal confiança, entraram a comprar, por qualquer preço que fosse, engenhos, terras, escravos, oficinas, sem cuidar como os pagariam. Os instidores, com leveza notável, entregaram os cabedais dos seus preponentes a esses tais e fizeram de uma posse certa uma posse incerta, estimulando-os a ambição do lucro que tiravam do dinheiro à vista. A isto seguiu-se o excesso dos serviços, a baixa do açúcar, a carestia do mantimento, a morte dos negros por varíola, o abandono das lavouras, o estrago das plantações pelos saqueadores, a devastação causada pelas lagartas, arganazes, camundongos, as inundações e a seca produzida pelo calor. Como sofressem todos esses reveses e não pudessem pagar seus débitos no prazo estipulado, contraíram empréstimos com elevadas usuras e, metidos em demandas, arruinaram-se ainda com esse desatino. É costume exigir juros de 3% ou 4% ao mês e amortizar-se todo o capital dentro de dois ou três anos. A esta iniquidade acrescem estas outras causas: todos os meses, em novos recibos, cresce o capital adicionado à usura, e assim esta aumenta consigo

mesma. As custas e taxas dos escrivães, escreventes, notários, corretores, procuradores, correios e outros vampiros forenses munguem os pobres ou fazem estes. Depois a cobiça dos exatores, que agarram os ricos como presas, atira-se sobre os desgraçados e esfolta com multas e extorsões aqueles que lhes parecem proveitosos sejam considerados réus. A estas sanguessugas, posto que tudo roubem, tudo falta, como sói acontecer com as coisas mal adquiridas.

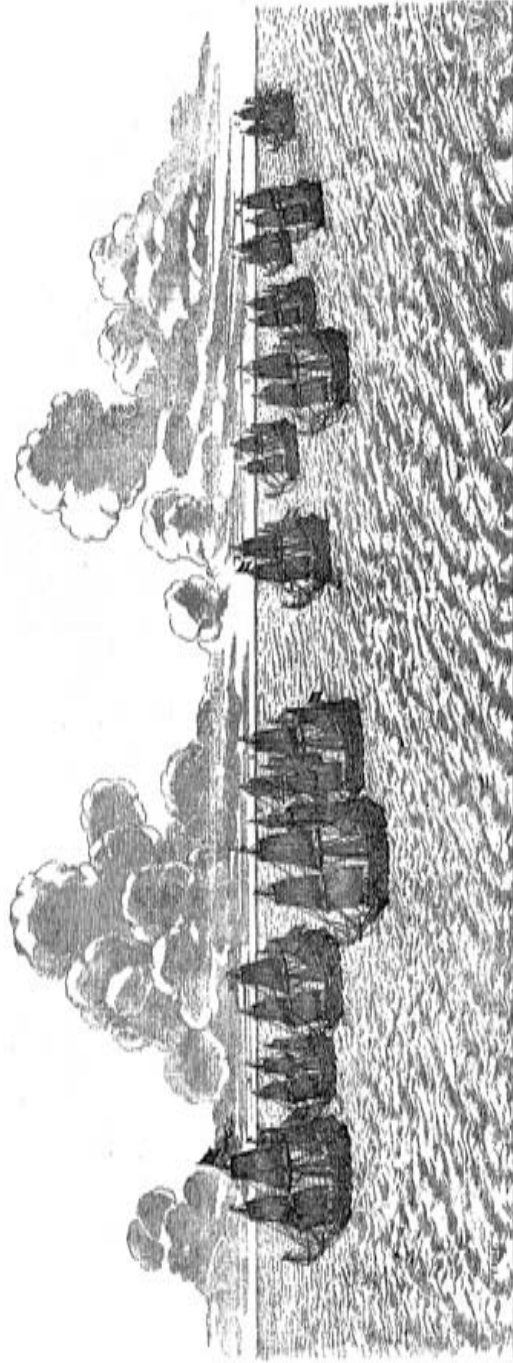
A queda do comércio resulta em parte dos fatos referidos, em parte dos excessivos encargos com que se gravam os produtos brasileiros, de sorte que, se bem correspondam as safras aos votos, todavia não se salva a fazenda, porque dia a dia afrouxa na Holanda o preço dos açúcares. Entre as causas da diminuição do tráfico está a desvalorização da moeda, assim como o valor diminuto dos direitos para transporte de numerário. Isto faz que os mercados, por causa da duvidosa colocação do dinheiro a juros e dos prejuízos com a baixa do açúcar na Holanda, meteram em cabeça mandar para fora dinheiro, fruto e instrumentos do comércio, não às claras, sabendo-o os fiscais da alfândega, mas às ocultas. Quanto ao tesouro público, posto que toda a sua prosperidade dependa da prudente administração dos negócios brasileiros e do legítimo proveito auferido assim das mercadorias importadas como das exportadas, todavia está perto da verdade que, entre as causas das más condições dele, se inclui a imperícia e o desmarcado desejo de possuir de alguns. Com efeito, desde que o Brasil começou a experimentar os reveses da sorte, muitos deixaram de conhecer a situação dos lugares e o acesso a eles, a natureza do solo e a índole dos povos, e assim, pela ignorância e negligencia desses, escapou a ocasião de mais de uma vitória, e o êxito de mais de uma empresa, depois de se perder considerável dinheiro, desmentiu a expectativa dos seus instigadores. Diretores conceituadíssimos tentaram muitas coisas excelentes, mas realizaram menos do que desejavam, porque, em razão do seu cargo temporário e de traçarem os seus sucessores outros planos, não houve constância nem diligência igual para os empreendimentos. Entre os erros públicos figura o de darem alguns mais crédito às cartas e denúncias de particulares que escreviam para a Holanda do que às oficiais e as dos que exercem uma dignidade, e assim encheram os ouvidos dos crédulos aqueles que preferem falar para cair em graça a ser úteis. Por isso, ora se suspenderam expedições por intempestiva economia, ora se empreenderam com profusa liberalidade; remeteram-se, ora com mais largueza, ora com mais parcimônia do que convinha, vitualhas, naus, armamentos e outras coisas necessárias para a guerra, e assim a salvação pública lamenta, não sem motivo, o terem-se perdido crescidas despesas. Provém da mesma fonte o haverem recebido os governadores do Brasil determinações que mal se poderiam cumprir, instruções contrárias a outras e amiúde também ordens que haviam de ser prejudiciais, como tomarem-se escravos, em solução de dívida, doar terras que não é lícito serem doadas, vender negros a prazo, quando havia aqui fartura de dinheiro, os quais somos agora mandados vender à

vista, depois que fugiu todo o numerário. Daí resulta que continuam os débitos antigos, e se tornam tão baratos os escravos que se vendem aqui por preço inferior ao que custaram na África. Não me é, porém, fácil acusar desses fatos os Estados-Gerais, cujo intuito foi tentar as medidas mais importantes e úteis à República. O êxito das coisas não depende dos desejos, e o acaso ludibria os projetos mais sabiamente assentados. Entre outras coisas da inópia do tesouro do Brasil entram as seguintes: os socorros mandados a Angola, São Tomé e Maranhão; os gastos feitos com a restauração de fortalezas; as rações e o pagamento diário dos soldos, as soluções demoradas dos débitos e as execuções difíceis, posto que ordenadas pelo juiz. Mas, indicar o remédio para os presentes males com queixas e lamentamentos seria fatigar-vos o espírito, perturbando-vos a visão da verdade. Darei, portanto, minha opinião sobre os meios de saná-los, salva e íntegra melhor sentença.

Seria conforto para os senhores de engenho e para os portugueses esgotados de dívidas conceder-lhes a Companhia alguma folga de tempo para refazerem o patrimônio arruinado pelas guerras e outras calamidades imprevistas e mandadas por Deus. Se isto não for possível aconselharia eu cobrarem-se as dívidas com maior brandura, mediante a venda dos açúcares, das alfaias, jóias e outros bens móveis, mas não dos escravos e dos utensílios necessários ao fabrico do açúcar, nem dos bois, sem os quais não podem trabalhar os engenhos, salvo se forem tão grandes os débitos que se torne preciso vendê-los em hasta pública com todos os seus utensílios e pertenças. Está verificado que, tirando-se aos engenhos os seus instrumentos de trabalho, eles se depreciam, porquanto os que estão providos do necessário valem 100.000 florins, e os que não o estão valerão apenas 40.000, quantia que, rateada entre vários credores, dará a cada um minguada quota. Além disso, deve atender-se a que um edito do ano de 1640 determinou que pelas dívidas garantidas por penhor não se cobrassem juros superiores a 12% e pelas não garantidas apenas de 8%. São fáceis os exemplos de quão enormemente os nossos burlaram esta lei, exigindo um juro ilegal. Cosme de Oliveira, morador no Tijucopapo, tendo comprado alguns escravos por 9.000 florins, depois de pagar 12.000 de mora, foi preso por uma dívida de mais 15.000 florins. João Soares, cidadão de Muribeca, tendo recebido a crédito bens no valor de 36.000 florins, tendo pago 60.000, ainda devia de mora (ah! Invoco o testemunho dos homens!) igual quantia! Seria, certamente, legal e justo abater-se dos débitos destes quanto lhes foi cobrado com suma injustiça. Isto fizeram os romanos, elaborando a Lei das Doze Tábuas para conterem os furores da plebe e suas justíssimas reclamações. E não encontrei fácil freio para a celerada cobiça de alguns, senão a atrocidade das leis e das penas contra esses milhafres roubadores e infrenes onzenários. Além disso, cumpre cercear as custas dos processos, peste do foro, e reprimir os latrocínios dos escultetos contra as bolsas dos clientes. Uma república nascente exigirá também leis suntuárias para se coibir que o luxo se arroje a tudo

aquilo com que se dissipa dinheiro, mormente os requintes das mesas e dos vestuários, que são indícios de uma nação doente. E como já está próximo o termo fixado para o tráfico do Oriente, convirá que os Estados-Gerais se esforcem para que se deixem de importar os açúcares orientais, porquanto é certo abaixarem eles na Europa o preço dos açúcares brasileiros. Será do interesse da Companhia ter maior cuidado com os negros, visto como, dos 64.000 exportados da África, morreram dentro de ano e meio 1.525. Quero crer que a causa não é outra senão que, maltratados nos navios, desprovidos do necessário para a vida, morrem esses infelizes pelo desasseio e péssima alimentação. Os preços deles variam conforme estejam bem ou mal nutridos. Após a travessia, dê-se um espaço para se refazerem os corpos. Do contrário os magros perdem quase inteiramente o valor, ou, debilitados pelos incômodos da navegação, morrem logo após o desembarque. Daqui por diante, seria menos conveniente vendê-los a prazo, como se costuma. De fato, como entre a imensa turba dos circunstantes, não se podem tomar em consideração os compradores ou os caucionantes, acontece que grande parte dos negros são vendidos aqueles que menos cuidam em pagar as suas dívidas, ou aqueles que vivem de roubos nas selvas e obtêm estes companheiros para os seus crimes, os quais, em latrocínios e saques, se tornam ferozes para o mesmo gênero de vida. É por isso que se vêem os livros de contas cheios de débitos vãos e de compradores pobres. Não convém tampouco vender escravos à vista, quando há poucos compradores, os quais, mais endinheirados, deixam decrescer e enfraquecer os preços na arrematação pública, antes de fecharem o contrato com o vendedor. Por isso eu aconselharia que, investigando-se primeiro por um agente o estado de cada engenho e os recursos econômicos dos senhores, a estes se vendessem a prestações fixas ou a dia certo, com a condição de que todos quantos quiserem pagar à vista entrem logo no uso e gozo deles; os que não o quiserem, enquanto não satisfizerem integralmente o pagamento, julguem os negros comprados, apenas de seu uso, mas públicos na posse e domínio. Portanto, quereria que fossem assinalados com a marca da Companhia os corpos dos escravos, para que os indivíduos inclinados à fraude não substituam os melhores pelos piores. Parece-nos que isto serviria para aliviar a pobreza de muitos, diminuir as dívidas e aplacar os ânimos em relação a nós. Se insistirmos num proceder mais rigoroso, adquiriremos mais inimizade do que poder. Introduziremos nas províncias as comoções domésticas, as ar-

Contra a decadência
do comércio mas estrangeiras ou a solidão. Entretanto, para restituir-se a todo o comércio o seu vigor, é necessário haver nova deliberação relativa aos impostos e à moeda. Desejaria que se isentasse o açúcar de meio *stuiver* em cada libra, pois os açúcares de qualidade inferior não suportam este recente aumento. Além disso, estando já o Oceano mais seguro contra os ataques dos flamengos, poderão as navegações ser aliviadas de parte das despesas, nem há necessidade de tamanho aparato de naus de guerra e de comboio, uma vez que tudo se pode levar em navios de carga e de transporte. Se, pelo contrário, dura



A. Nova Paltina, Antipolis.
B. Xavia.
C. Nova Amstelredam, vasa peltica.
D. Curanda.
E. Duxoria.
F. Aliphan.
G. Duxoria.
H. Nova Trinacria.
I. Zelandia.
K. Aliphan.
L. Nova Aliphan.
M. Curanda, Antipolis.
N. Curanda, Curanda.

ainda o medo inspirado pelos flamengos, deve-se navegar em esquadras pelos mares setentrionais, entre a Grã-Bretanha e a Irlanda ou, sendo aí rigoroso o inverno, pela Mancha, sob a proteção de navios de combói. Seria proveitoso organizar a fazenda pública mediante boas leis. Um profundo golpe desfechado contra os comerciantes foi a depreciação da moeda, e não pode ele ser curado senão com o incremento dela. As moedas chamadas cruzados³⁵⁷ valem na Bahia 12 florins, as chamadas reales valem três florins e 12 *stuivers*. De todo o lucro que se apura deste valor, cabe um terço ao rei, um terço ao dono e um terço aos eclesiásticos. Seria necessário inventarem alguma coisa semelhante aos industriosos, a quem aquela decantada mestra das artes prodigaliza engenho fácil, para que os nossos, cujo ouro há muito aprendeu a andar entre os cortesãos, não o passem para a Bahia, seduzidos pela esperança de um lucrozinho. Talvez fosse útil cunhar-se nova moeda, quer corra só no Brasil de sorte que, fugindo ou faltando o dinheiro espanhol, haja ali numerário bastante para os estipêndios militares e os negócios comerciais.

Para restaurar o tesouro seria de proveito o seguinte: se, além de se cuidar do que ficou dito, cortaram-se as despesas com as construções navais; enviarem-se mais liberalmente da Holanda mantimentos e outras coisas e manter-se o preço das mercadorias brasileiras; reduzir-se o número dos oficiais civis e militares; abastecerem solícitamente os intendentés as fortalezas, segundo o costume da Europa, e não venderem muito caros aos soldados os gêneros alimentícios; não exigir com excessivo rigor o dinheiro devido à Companhia, nem desprezá-lo com excessiva facilidade. Dos devedores uns são oficiais mecânicos, outros mercadores, outros lavradores e fazendeiros. Com os primeiros se deve proceder rigorosamente, porque gostam de sustentar com sangue alheio, pobres com sua própria culpa. Com os segundos, da mesma forma, enquanto tiveram íntegro o seu crédito, pois julgam importar à sua honra o correr ela perigo. Perderam-se os seus haveres e crédito, qualquer de longa e danosa, pois só ela lhes resta para entrouxarem ou esconderem os próprios bens. Com os últimos se deve proceder mais branda e moderadamente, porque desta fonte nadam as esperanças de todos os proventos e lucros do Brasil, elementos em que se apóia com toda a evidência a riqueza da Companhia. Desejaria eu que se prevenissem de todo esses extremos, para não cessar o trabalho diário dos engenhos e das lavouras, ficando desocupados os escravos. Entretanto, convém transigir com eles, conforme a felicidade das safras, a qual só Deus pode conceder. Não se lembre ninguém de se admirar de haver eu narrado esta *Iliada* de males, a qual importaria evitar ou corrigir. A culpa disto não me cabe a mim, em cujo poder nunca esteve o desviar tais inconvenientes: os governadores do Brasil têm necessitado do auxílio alheio e externo; além disso, nem eles, nem os próprios diretores da Companhia na Holanda puderam quanto quiseram, e assim temos de imputar alguma coisa aos fados, alguma coisa à incúria, muito à imprudência e mais ainda à inóipia pública.

Tudo o mais que se empenharam de conhecer Vossas Grande importância do Brasil Senhorias, de bom grado o explorei, pronto para ouvir os contraditores. Certo julgo tamanha a importância das províncias que tendes sujeitas às vossas armas, que seria indigno da nossa geração e da posteridade abrir mão delas. Se ainda não se gabam por seus grandes proveitos, gabar-se-ão mais, quando aumentar a colonização, e os holandeses se espalharem por mais largo espaço. São tais essas províncias, que, munidas pela natureza e pelas fortalezas, podem desprezar um poderosíssimo inimigo. Se por desleixo ou por discórdia forem menoscabadas, nunca se poderão recuperar. Obteve-se no Brasil a estabilidade do nosso domínio mediante soldados e forças, e assim deve ser ela conservada. Senhoreais pelas armas mais de uma parte da África para que seja dado passar dali para o Ocidente e penetrar-lhe os recessos. Vamos em dois meses ao Chile, província banhada pelo Oceano Pacífico, e em quatorze dias a Havana, lugares favoráveis às maquinações dos nossos. Desde que tomamos os réditos de Honduras, despojamos a frota da prata e fechamos nos portos outras armadas para não prosseguirem derrota, foi tanto o terror por nós espalhado através do Ocidente que, tendo-se queixado o vice-rei do México do perigo corrido pelos seus reinos, deu ele tais cuidados ao rei da Espanha que este se decidiu a meios extremos para restaurar o Brasil. E posto lhe tenha sucedido mal essa tentativa, pelo recentíssimo destroço da armada espanhola, o qual devemos à proteção de Deus, planeou ele nova empresa, perturbada, porém, pela revolução de Portugal. Em consequência desta, perdeu mais de uma possessão, não só no Algarve, mas também nas ilhas de Açores, nas costas da África e das Índias Orientais, de sorte que tem agora de garantir, com subidos gastos, os réditos da Terra Firme e da Nova Espanha.

“Se for realizável a fusão da Companhia Oriental e da Ocidental, fusão em que se está pensando, segundo ouço dizer, não duvido de que não sejam os espanhóis desapossados, com a união dessas forças, do senhorio do Peru, de Manila, do rio da Prata e das minas de Potosí. E não serão capazes de defender o reino de Havana, Cartagena e México. Só a notícia de tal fusão há de imperar a paz ao gloriosíssimo rei da Espanha. Se formos, porém, expulsos do Brasil, perderemos Angola, São Tomé e todo o tráfico dos negros.”

É esse o resumo do que o Conde teve de expor para serem conhecidos os interesses da guerra e da paz no Brasil. Ele administrou ou aconselhou tudo isso para honra de Deus, progresso da Companhia e glória da Pátria. Disse o que sente e o que aconselha, exortando os Estados-Gerais a utilizarem seu parecer e alvitres para a salvação da República, e a que ou deliberem por si o que parecer de proveito, ou se dignem de ouvir-lhe os salutaríssimos conselhos. Discorreu também sobre a índole dos brasileiros³⁵⁸ e observou que devem ser tratados mais liberal e livremente, concedendo-se-lhes a liberdade e imunidades prometidas, a

fim de não os ensinarmos intempestivamente a voltarem contra nós as armas que mais de uma vez tomaram em nosso favor.

“A segurança”, dizia ele, “deve ter pactuada mediante uma segurança mútua: a obediência dos súditos e benignidade dos governantes. Assim se levantará para a segurança das províncias um muro de bronze contra os embates das circunstâncias. Importa à prudência do Príncipe o que se pode fazer às vezes com severidade e o que se faz noutras ocasiões com moderação. E será muito louvável que a Companhia se resolva facilmente a pôr em ordem tão consideráveis interesses.”

Os Estados-Gerais, o Príncipe de Orange e os diretores da Companhia, a quem estas coisas pertenciam, depois de terem agradecido ao Conde o haver ele, com a sua sensata administração do Novo Mundo, ajudado ao Velho, aprovaram-lhe sem contestação as contas, obrigando-o a ele, prontíssimo em obedecer, à promessa de prestar para o futuro perpétuos serviços à República. Certamente este julgamento de uma assembléa gravíssima livrou dos dentes da calúnia a um General cheíssimo de louvores, a respeito de cujas virtudes nada se pode imaginar tão excelente que chegue à altura verdadeira dos seus méritos.

Narrei os feitos praticados no Brasil durante o governo de Maurício, que regressou não só dos perigos de tão longa navegação, mas também da guerra feita entre tão profunda barbárie. Deixando de parte as minúcias, escolhi os fatos mais conspícuos pela exemplaridade, grandeza e proveito.

A linhagem do Conde filia-se na casa de Nassau, que muitos séculos atrás, foi célebre pelo seu poderio, casamentos e ações ilustres na paz e na guerra, não só na Alemanha, mas em toda a Europa. Adolfo de Nassau,³⁵⁹ obtendo o Império Romano germânico, foi quem primeiro engrandeceu a casa nassóvia. Renato de Chalons e Nassau acrescentou-lhe o principado de Orange. Há duzentos anos transportou-a para os Países-Baixos o Conde Otão. Elevaram-na Engelberto I e seu neto Engelberto II, que a fizeram sobressair na Holanda por suas cidades dotais e riquezas. O imperador Maximiliano colocou Engelberto II no Governo das florentíssimas províncias neerlandesas, depois de ter ele praticado as mais brilhantes façanhas na França e em Flandres. Sucedeu-lhe seu sobrinho Henrique de Nassau, filho de um irmão seu, o qual não só comandou o poderosíssimo exército do imperador Carlos V na França, mas ainda governou todo o Brabante e outras províncias. E não é menor a glória e a dignidade de Renato de Chalons, de Guilherme I, de Maurício, assim como a de S. A. o Príncipe Frederico Henrique, hoje em toda a parte vitorioso, todos eles príncipes de Orange e reservados venturosamente pelo destino para regerem os Países-Baixos.

Entre os ramos da casa de Nassau inclui-se o de Dilemburgo, ao qual pertencem os ditos príncipes, e bem assim este Ramo de Dilemburgo. Dilemburgo, cidade do Condado de Nassau

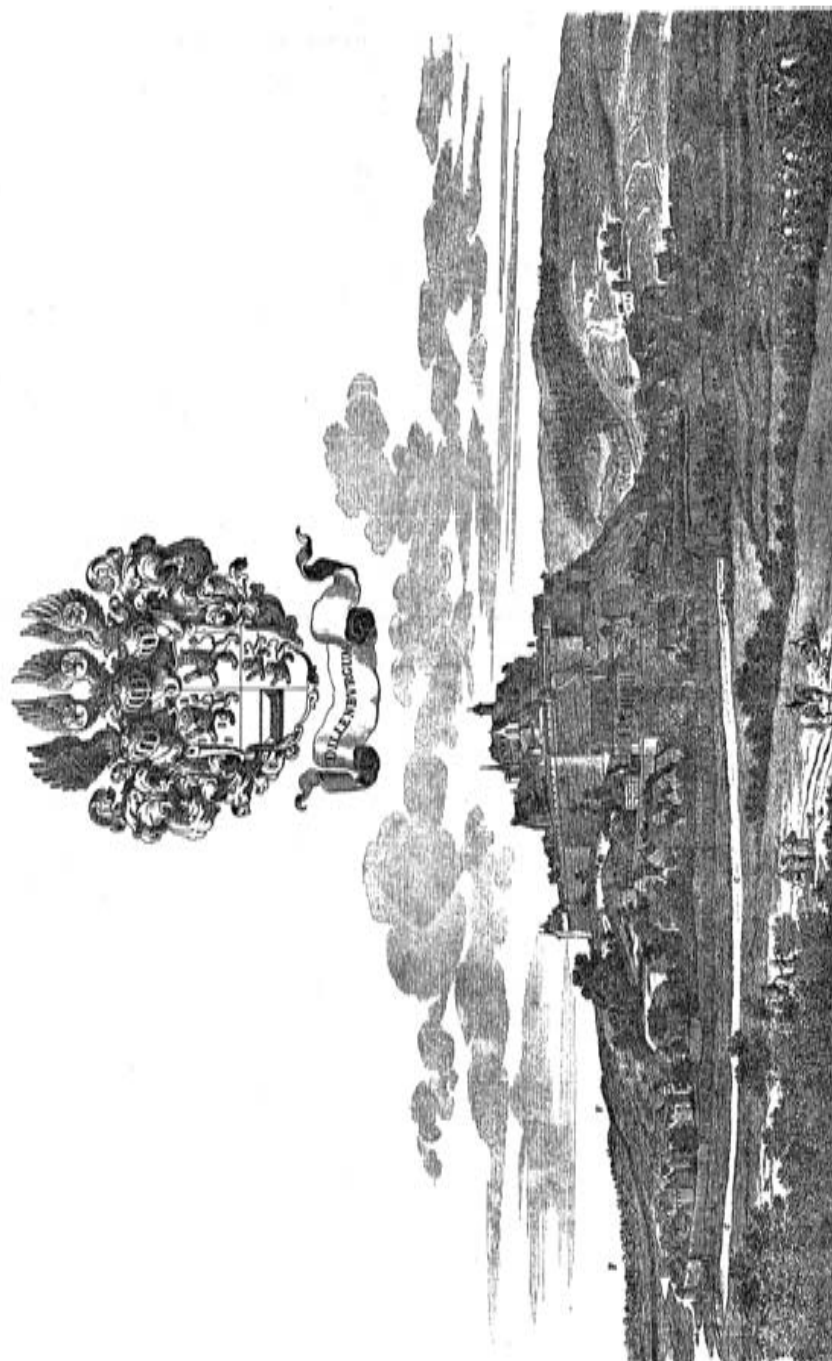
nosso, o Conde João Maurício, de quem trata a presente história. Dilemburgo, cidade do Condado de Nassau, às margens do rio Dile, é pátria e solar de tantos Nassaus. O avô do Conde, João de Nassau, o velho, irmão do príncipe Guilherme de Orange e vice-governador de Gueldres, enquanto viveu, amplificou a sua glória com grandes virtudes. João, pai de Maurício, irmão do Conde Guilherme, eminente governador de Frísia e de Groninga, depois de celebrar-se na Holanda, sob Maurício, nas artes da guerra, deu muitas provas de perícia militar como capitão-general do exército de Carlos, rei da Suécia. Sua mãe Margarida, filha do duque de Schleswig-Holstein, princesa de ventre fecundo, deu à luz para alegria de seu marido João, com que foi casada em segunda Avô de Maurício. Pai, mãe, irmãos

núpcias, a João Maurício, Jorge Frederico, Guilherme Otão, Henrique, Bernardo, Cristiano e João Ernesto, bem como a diversas filhas. Nascido na cidade Dilemburgo de Nassau, foi Maurício, de menino, instruído nas letras pelo pai, e de jovem o foi nas armas. E sendo tantos os exemplos de fama guerreira dos Nassaus, levou-o ainda seu pai aos Países-Baixos, campo de luta, onde eram muitos os afãs da milícia. Logo se lhe deparou ocasião de levar para o Brasil a dignidade da família de Dilemburgo e a prudência e heroísmo da raça nassóvia. Seu irmão Jorge Frederico ainda agora serve na milícia sob S. A. o Príncipe de Orange, no posto de comandante de um esquadrão de mosqueteiros e de sargento-mor de um regimento de cavalaria. A vitória de Lípsia celebrou a Guilherme Otão, que combatia sob o belicósissimo rei Gustavo Adolfo, e, na patente de capitão de cavalaria, o cumulou de grande glória a fortuna, por causa da sua bravura. Henrique, major e militar experimentado, depois de haver participado, em cumprimento dos deveres de um digno soldado, da expugnação de várias cidades e praças neerlandesas, foi elevado por seus méritos a governador da fortíssima cidade de Hulst, na Flandres. Bernardo morreu muito jovem, mostrando-se, porém, capaz da fortuna para a qual era criado. Cristiano, batalhando sob os auspícios do Landgraf de Hesse no posto de general, continua a receber do seu destino a consagração da fama, seguindo o caminho de seus maiores. João Ernesto, o mais novo dos irmãos, indo para o Brasil com o mano Maurício, ali encontrou, por dignação do capitão-general, o lugar de sua morte e de sua glória. Das irmãs do Conde umas casaram luzidamente, e as outras ficaram solteiras. Irmãs

Maurício, desde que entrou no Brasil, quis lhe fossem do agrado os labores e os perigos. Os feitos e as recordações de seus avo- Viver de Maurício no Brasil

engos, os triunfos de seus parentes nos Países-Baixos, por cuja influência, mais que pela dos astros, se forma o caráter dos príncipes, estimulavam-lhe o exercício da guerra. De tal maneira combinou entre os estrangeiros a bravura, a prudência, a probidade, virtudes exímias dos generais, que aos soldados deu exemplo do seu denodo bélico e aos domésticos o de uma vida moderada e exata. Ninguém mais civil do que

ele nos deveres sociais, na conversação, no traje, no andar. E por outro lado, inacessível às lisonjas, odiava os semblantes mascarados, amando somente a sinceridade e a inteireza. Com esta bondade, ganhava os corações de todos e, desta maneira, benquistado dos próprios bárbaros e antropófagos, gozava de estima entre monstros. Severo guarda do direito e da justiça, conteve, com lei igual, os mais altos e os mais humildes, os bárbaros e os cristãos, os mercadores e os cidadãos. Velou por tudo quanto era em proveito e glória da Companhia. Obedeceu-lhe aos diretores, quando aconselhavam as melhores medidas, mas com tal circunspeção que às vezes tomava liberdade de modificar e diferir as instruções recebidas, se assim o persuadia a utilidade da República ou a necessidade, a exemplo de Augusto, de quem diz o historiador Dion³⁶⁰ não ter ele cumprido todas as resoluções, quando temia tivessem pouco êxito, mas ter disposto certas cousas às circunstâncias e adiado outras. Não ficou isento da penúria geral, sofrendo junto com os seus súditos as calamidades da guerra ultramarina. Aumentou-lhe os labores do governo o ter vivido entre povos na maioria discordes pela rivalidade, dúbios na fidelidade e mais infensos à nossa gente do que a ele. Nenhum inimigo sofreu dele violência, senão quando cumpria ser vencido; nenhum dos seus compatriotas lhe conheceu a benevolência, a não ser para remediar-lhes a miséria ou promovê-los. Era extraordinária e contínua a sua energia e atividade para enxergar e examinar as cousas. E sendo fácil entre estrangeiros cair-se na dissolução, de modo nenhum se entregou aos costumes dos americanos ou quebrou com a licença a sua fortaleza. Desviou do seu generoso coração as duas pestes dos que reinam: a sensualidade e a ambição. Sem dar crédito algum aos boatos sem importância, levados para se alcançar favor, ponderava maduramente as cousas verossímeis. Quem poderá citar uma a uma todas as suas obras? Durante os oito anos de seu governo, desempenhou todos os deveres de um egrégio soberano. A organização da República foi um dos seus principais feitos. Ampliou o território do domínio do Brasil, incorporando-lhe novas províncias, e defendeu as antigas. Só os engenhos e terras de portugueses que tinham fugido e viviam no território inimigo, postos em leilão e vendidos por direito de guerra, deram ao tesouro da Companhia um lucro avultado de 1.963.000 florins ou mais. De despojos de guerra e outros bens tomados ao inimigo alcançaram-se 2.017.478 florins ou mais. Levantou fortificações para resguardar as províncias contra os perigos dos tempos. Anexou ao nosso domínio o Sergipe d'el-Rei e as terras do Maranhão, expugnou fortalezas e cidades – a cidade de São Luís do Maranhão, os fortes do Calvário, do Itapicuru e de Tapuitapera. Expulsou de Porto Calvo as guarnições espanholas, pondo em fuga o Conde Bagnuolo. Edificou no São Francisco o solidíssimo forte que tem seu nome. Apoderando-se do forte no Ceará, uniu-nos mais estreitamente aos tapuias e estes a nós. A guerra da África, que inspirava grande terror e aumentava dia a dia, foi em breve consumada pelos conselhos dele; porquanto sujeitou ao nosso poder, nas costas da África, o forte da Mina, o reino de Angola, a cidade de Luanda, a fortaleza de Benguela, a cidade e o forte da ilha



A. Casas.
B. Templo de cortho.
C. Casa da ilha.
D. Onda.
E. Igreja piaçava sobre um monte de pedra.
F. Pracinha regular, frumosa e espaçosa, fora da cidade.

1654

de São Tomé. Na expedição contra a Bahia, venceu três fortes e alguns navios, que lhe caíram como presa. Com vigorosos planos e armas, expeliu do litoral brasileiro uma poderosíssima armada, na qual punham os espanhóis toda a sua salvação. Mais de uma vez aterrorizou as partes mais distantes das Índias Ocidentais, mandando frotas contra elas. Concluiu aliança com os chilenos. Obrigou os baianos a fazer guerra mais moderada. Levou as armas batavas através do Novo e do Velho Mundo e arrastou os bárbaros, em exércitos inteiros, à sociedade da guerra. Nenhum sossego deu aos inimigos, ou impedindo-lhes as devastações ou destruindo os devastadores, e, depois de havê-los amedrontado, não se esquivou aos convites da paz ou de guerra mais comedida. Nele encontraram amparo nações tanto brasileiras como africanas, recebeu-lhes honrosamente os embaixadores e defendeu o renome das Províncias-Unidas, assim na paz como na guerra.

Quem poderia enumerar todas as riquezas e cada uma delas e a grande quantidade de mercadorias que em seu tempo circularam no comércio? Por essa época, exportaram-se umas 100.000 caixas de açúcar, entre as da Companhia e as de particulares. Dos livros da alfândega conta o seguinte cálculo delas: 104.555 caixas de açúcar branco; 27.803 do que chamam mascavado; 5.766 do açúcar panela. Estas eram da Companhia. De particulares era o seguinte o número: 54.593 $\frac{1}{2}$ de açúcar branco; 22.100 do mascavado; 3.403 do panela. Pau-brasil: 2.593.630 libras para não falar do cálculo da exportação do tabaco e de outras veniagas de menor valia.

Além disso, o Conde enriqueceu e ornou com edifícios vilas e cidades. Construiu pontes e palácios para utilidade e beleza. Erigiu, em parte por sua munificência, um templo para a piedade e para o serviço divino. Teve consigo e favoreceu, na paz e na guerra, os mais eminentes artistas: arquitetos, geógrafos, pintores, escultores para que eles mostrassem, vencidos, aos holandeses de além-mar os lugares, as terras e as cidades que ele próprio vencesse. Julgava legítimo que o cultivo do engenho deveria acompanhar o império aonde ele fosse. Mandou desenhar cartas geográficas com grande cuidado e a sua custa, nas quais se representavam as cidades, vilas, povoações, fortalezas, currais, lagoas, fontes, cabos, estâncias navais, portos, rios, escolhos, engenhos, igrejas, conventos, plantações, posição das regiões, suas longitudes e latitudes e outras cousas, sendo autor delas Jorge Marcgrav, exímio geógrafo e astrônomo, o qual, incumbido de fazer o mesmo na África, lá morreu. Para agradar-lhe, mandou o Conde construir numa eminência um observatório, onde se estudassem os movimentos, o nascer, o ocaso, a grandeza, a distância e outras cousas referentes aos astros. A estes estudos juntou ainda aquela diligência com que fez desenhar e pintar artisticamente os animais de várias espécies, as maravilhosas formas dos quadrúpedes, assim como das aves, peixes, plantas, serpentes e insetos, os trajés exóticos e as armas

dos povos. Estamos na expectativa certa de tudo isso, que deve sair a lume com a respectivas descrições.

Se bem que tratava o Conde a todos com distinção, admirava e amava aos doutos, principalmente aqueles a quem conhecia na intimidade. Entre estes estavam em primeiro lugar Francisco Plante e Guilherme Piso, aquele seu capelão e pregador, este seu médico, aquele diligentíssimo em excitar as almas à piedade, este em revelar a natureza à maior das ciências, ambos insignes pela sua ilustração e louvados na sua arte. Por isso quiseram não somente ser testemunhas das ações praticadas, mas também dar a conhecer a flora do Brasil. Um, dirigindo o espírito para as ficções poéticas, exaltou, num poema de mérito, que intitulou *Mauriciáda*, os feitos gloriosos de Maurício no Brasil. O outro, dedicando-se ao estudo da natureza rara e das virtudes das plantas exóticas, julgou que lhe competia dar-lhes a descrição. Fizeram estes dois que não fôssemos vencidos no engenho e na erudição por aqueles cujas armas vencêramos com as armas, cuja barbárie vencêramos com a brandura.

De todas estas cousas, nenhuma teve o Conde por maior que a religião, nenhuma por mais sublime que a fé. No governo delas de tal modo se distinguiu que, na diversidade das crenças conquanto professava publicamente a sua, isto é, a verdadeira, manteve-se equitativo em relação às outras e não impôs aos súditos com editos minazes, a forma do culto divino que abraçara, mas deixou-a pura qual a encontrara, ou a ela os atraiu placidamente. Por isso aconselhou se ganhassem os ânimos dos gentios para eles acreditarem que lhes queriam ensinar o melhor aqueles que os amavam. Em verdade, não se persuade o que é preciso crer àqueles a quem se faz mal, nem poderão eles esperar os bens espirituais e de vida melhor daqueles que vêem alcançarem os bens terrenos com o roubo e obterem o poder com derramar sangue. Não se diria que Maurício vivia entre bárbaros, tal a polidez, mansidão e equidade com que governava o povo. Por esta razão todos o louvavam abertamente, gozando ele aquela simpatia e prestígio com que se firma a autoridade. Sobrelevava na piedade: era um severo observante do culto religioso, mas sem ostentação. Aproveitou os melhores conselhos dos cidadãos, impediu os prejudiciais, encaminhou os duvidosos, evitando em toda a parte que não se ajuntassem indivíduos discordes, mormente onde estão próximos os que alimentam o incêndio civil e longe os que o extinguem. Também não se concentrou a governança de Nassau num território estreito e insignificante, mas extraordinariamente vasto. Os amplíssimos confins do Brasil abrangem largas extensões de terras e de mares, achando-se esparsas também pelas ilhas as forças da dominação. As províncias são munidas de tropas, que, nas cidades, povoações, fortalezas e armadas, são mais ou menos numerosas, conforme as circunstâncias. A soldadesca esteve aquartelada já nas fronteiras, já no interior, onde fosse menos onerosa para os súditos e mais proveitosa con-

Extensão do império
brasileiro

tra os inimigos. As armadas estanciaram terríveis no mar e nos rios para não deixarem o inimigo entrar, para conterem os piratas, para atacarem novas terras e permitirem fácil transporte aos seus. Os comandantes, preclaros pelas suas virtudes cívicas e militares, memorados por outros e por mim, não se mostraram inferiores, na coragem e nos feitos, nem aos gregos, nem aos romanos. Começaram a fundar-se colônias, ótimo e sapientíssimo invento de Rômulo. Eram crescidas as rendas das décimas, dos gêneros alimentícios, das alfândegas. Viam-se arribar ao Brasil ou dele partir tantas e tão grandes naus de carga e de guerra que se poderia crer ser ele o empório do mundo inteiro. Daí a inquietação da Espanha, de todo o Ocidente, dos mexicanos e peruanos. No Brasil alarga o holandês os limites da sua glória, e, habitante do Velho Mundo, se apossa do Novo, como seu novo hóspede e inimigo.³⁶¹ Quem disser que Nassau não administrou e governou com prudência o Brasil, compare o que se fez antes dele e o que aconteceu depois. Logo após a sua partida, verificou-se, pesa de dizê-lo, que, vacilando a concórdia das partes, começaram elas a ofender-se, e, em conseqüência disso, andaram para trás os negócios da Companhia, porque os nossos quebravam a fidelidade, os inimigos se mostravam audazes, as fortalezas capitulavam e os soldados holandeses ficavam sujeitos às derrotas, e além disso, já não foram mais os saqueadores portugueses contidos pelo medo, nem os holandeses pela consciência do dever. O Conde, reservado para cousas maiores, pediu a tempo a sua demissão, de sorte que ficou duvidoso se mereceu maior louvor em administrar as terras bárbaras ou se em deixá-las. Foi-lhe mais pronto entregar o governo que aceitá-lo, e o que sobre si tomara a pedido alheio renunciou de vontade e ânimo sereno. Certo se deveu ao destino que, despindo-se, nas terras estrangeiras, da sua dignidade de governador e capitão-general, se houvesse revestido de outra na pátria, sem deixar de ser quem foi e tornando-se até maior do que foi. Antes obedeceu até às ordens dos mercadores, agora somente às dos Estados-Gerais; antes servia um cargo temporário, agora perpétuo; antes administrava interesses da Pátria, ausente dela, agora faz o mesmo residindo nela; antes governava bárbaros, agora governa a sua gente; antes comandava milícia mais imperita, agora tem às ordens milícia mais organizada. Com efeito, foi nomeado pelos Estados-Gerais não só governador da ínclita Wesel,³⁶² a mais forte das praças fronteiriças, mas também tenente-general de toda a cavalaria, sob o príncipe Guilherme de Orange,³⁶³ e, lembrando-se dos méritos de seus avós e votando-se aos interesses da Holanda, vê a trajetória, mas não o termo, das suas honras.

Os invejosos e descontentes se inclinam a diminuir os louvores dos que governam, mas aqueles que seguem os sentimentos de justiça e os sufrágios dos melhores não ouvem as vozes vãs do povo. Os que vão julgar dos capitães cumpre que lhes examinem os planos, conselhos, fidelidade e feitos, e não unicamente isso, mas ainda aquilo que poderia ter sido por eles realizado, pois sabido é que

amiúde não se lhes deparam ocasiões, amiúde se vêem privados de armas e aparelho bélico. E além disso, não podem responder, por si próprios, pelos sucessos de todos os cometimentos, porquanto as cousas da milícia são muito sujeitas à sorte. Também é esta a condição dos potentados: – consideram seus todos os feitos prósperos, mas imputam aos seus generais todas as empresas infelizes. Nassau nunca deixou escapar-se a Fortuna, quando ela se apresentava, nem permitiu, por negligência, que ela se oferecesse ao inimigo. E, quando este prevalecia em armas, nunca ele achou que se devesse desdenhar, nem temer-se, quando a necessidade e a esperança da vitória incitavam a ousadia. É fácil aos moradores da Europa vencer pelos desejos uma terra inimiga, conversando e bebendo. Cada um de nós inventa a seu gosto modos de vitórias, e mostra-se maior no entusiasmo que nos conselhos, diligentes na língua e nada mais tentando além das palavras. Mas um general vigilante, moderado e prudente, assim como pode tolerar os paroleiros batavos, assim também sabe precatar-se de empreender ações superiores às suas forças, onde faltam bastimentos, reforços, dinheiro. A expectativa pública é em verdade impaciente dos resultados, se bem seja a dos particulares loquaz mais entre os imperitos de tais assuntos. Maurício, sem importar-se com esses, seguindo seu próprio parecer ou o dos seus, firmado em grandes exemplos e não na opinião do vulgo ou nas vacilantes e levianas considerações dos que estavam de longe, praticou, num mundo bárbaro, durante a paz e a guerra, entre inimigos ocultos ou declarados, na terra e no mar, feitos digníssimos do seu século, gloriosos às Províncias-Unidas, aos Nassaus e a ele próprio e úteis à Companhia. Portanto, se quisermos emitir juízo verdadeiro, afirmaremos que não foi dado ao Conde o governo do Brasil, mas sim o Conde àquele governo, e a ninguém, senão aos inimigos, pode pesar de haver sido o Brasil administrado por ele.

FIM

.....

*Regresso de Maurício ou congratulação dirigida ao
excelentíssimo e ilustríssimo Conde João Maurício, Conde de Nassau,
Catsenellenboge, Vyanden e Dietz, senhor de Beilstein, governador e
capitão-general do Brasil ao retornar, são e salvo, da América
para a Europa, por Gaspar Barléu*

DEVOLTA de Ultramar, já se acha Nassau entre nós e já os holandeses saúdam o general que regressou. Não o queimou ainda de todo o ardente Febo, e assim mostra ele a antiga alvura e, com os vestígios da cor nativa, conserva também os traços da sua primeira retidão. Partira, como guerreiro, para o hemisfério ocidental e para as tuas terras, cansado Sol. A ele que se arrojava à glória, não lhe pareceu bastante a Europa e a parte do orbe que, primeiro, foi abalada pela fama dos seus. Foi-lhe preciso ir buscar no mundo bárbaro o adversário ibero, e aos deuses súperos aprove que, no próprio Ocidente, se vencesse o rei da Ásia e os Filipenses, soberanos de tantos senhorios. Ali se abre imensa terra, propícia para os troféus; ali se estendem, por vastas regiões, reinos e campos, onde se mostra terrível a fereza de seus nus habitantes. Ali admiramos outros costumes, outras cidades e corpos criminosamente cevados com carne humana e repulsivos manjares, semelhantes aos pratos que Atreu aprestou para o irmão, reduzindo-os a horrendas postas. Entre tal gente, a suprema glória marcial é para os homens sepultarem os vencidos nas vísceras e dilacerarem nos dentes os odiados inimigos, para que inteiros, não causem dano, nem ressurgam da própria morte.

Ali Castela contemplou um dia outro céu, outros astros, e dos olhos lhe desapareceu a Ursa e o fero Alcides. Ali em parte alguma não assomou o Boeio, nem Perseu se virou para desembainhar a espada. Viu admirada Castela ao Centauro, e mais para o Sul, ao Índio e o Altar.

A terra recebe o alívio de sombras duplas, vendo-as ora à direita, ora à esquerda. Sempre que nós, sem sol, calcamos, nas noites hibernas, o agudo gelo, arde ali a lâmpada de Titânio e, abrasadora, queima as fuscas frentes dos naturais. Ali não anda o íncola pela ribeira do

Vaal ou do Renobicorne, nem olha o Líger e o cítico Araxe. O nobre nome da nação amazônica, o Maranhão que rega extensos territórios e o vasto rio da Prata, que golfa límpidas ondas, dão às águas a sua denominação.

Em seus giros oblíquos, mal se escondem os astros, e apenas breve intervalo medeia entre os dias.

O poderio romano, amplo embora, não levou àquelas terras as suas águias audazes. A Grécia não conquistou Olinda. O papagaio trazido de tais regiões não pronunciou o nome de Esparta, nem o de Tebas, fundada pelo fenício Cadmo, nem o teu, Milcíades, nem o teu, victorioso Teseu. Esta sorte coube à Hespéria, e esta glória foi reservada para o Bétis e para o regedor do Tejo. A este se entregou o bárbaro e depois se acostumou com os dominadores iberos. Também nós, cuja marcial bravura não sabe conter-se no mesmo lugar, e cujo grande arrojo, a exemplo dos reis, quer sempre passar mais além atravessando o imenso mar, para transpor em breve as lagoas infernais, também assim, o que conquistamos, tornando-se despojos dos nossos batavos os reinos ganhados outrora pelos lusitanos.

Ali possui hoje o holandês pacíficas moradas e tranqüilos tetos. O nome dos Oranges apagou a fama dos capitães índios e espanhóis. Emigramos para longe: a Holanda entrega ao próprio Oceano os cidadãos peregrinos e cobre de edificações as terras estrangeiras. O colono, com a sua gente, muda de céu, faz correr notícias de si pelos vales auríferos, abala as próprias entranhas do solo onde se acha o fulvo ouro e amedronta as profundezas do Érebo. Alegra-se a terra de tratarem as nossas mãos o seu dulcíssimo açúcar, e de nela viverem os matiacos e os sicambros, lá onde antes os naturais se alimentavam de carne crua e onde as horríficas machadinhas talhavam membros humanos.

Aquela terra, eminente General, foi reservada para os teus triunfos e para o teu comando. Havia muito, sob o excelso Príncipe de Orange, eras soldado e, salpicado com a pólvora da nossa guerra, ajudaste os interesses públicos com empresas magnânimas, arrancando às garras do espanhol uma sólida fortaleza e defendendo, em favor dos batavos, os seus lares e as fronteiras do Reno, façanha memorável da tua destra.

Para prêmio do teu mérito e carreira do teu futuro, coube-te então imenso hemisfério, que toda uma idade desconheceu. E tu, ó grande sucessor do intrépido Colombo, seguindo o caminho de Vespuccio, só paraste onde pára o Sol. Ali fincou a Natureza a meta dos seus longínquos términos. É em tal região que vemos ofegantes os corcéis de Febo, e não vai mais além a cobiça de honras e de reinos, nem esse anseio de conhecer causas peregrinas. O célebre filho da poderosa Alcmena deteve-se em Gades, confins do mundo antigo, e as colunas que lhe tomaram o nome limitaram-lhe o império. Também a última Tule bastou outrora aos regedores latinos. Através do vasto mar, das ondas errantes do Atlântico e dos dilatados domínios de Nereu, surgiram-te novas gentes, e povos ferozes reconheceram-te por senhor e por chefe. Todos eles consagraram-te a própria vontade, e, desnudando os membros, apresentaram-te os braços e tiraram das aljavas os dardos para te obedecerem às ordens. Pelos ombros brincaram-lhes as plumas e, matizando o corpo, congratularam-se consigo e “juraram-te fidelidade, pois tal gente não é ignorante do justo, e a própria barbárie pressente algo do honesto. Aceitam a lei natural e, por favor

do Céu, trazem gravados na mente os ditames do dever”, conquanto a virtude se esconda, sepultada sob densas trevas. Partisse louvado em tantas línguas quantos os reinos circunjacentes, e a dessemelhança dos costumes não afastou o amor e a obediência a ti devidos. Acataram-te ferozes turbas, de ânimos indômitos, e sob ti pôde amansar-se e afaizer-se à vida policiada a bravida impetuosidade daquelas nações. Das mãos lhes foram arrancadas as clavas, e do corpo dos condenados se desataram as rígidas cordas e se desviaram as armas feitas de letíferas pedras. “Assim já é certa a fé de que o homem, nascido mau, pode regenerar-se sob uma lei branda.” Já o bárbaro caminha pelas calçadas, desembarca em nosso país e velando o corpo, aprende o antigo pudor. Quanta fereza nesses homens! Que vida rude e desconhecadora da moleza! E com que precipite rapidez o seu pé calca a terra, através de ínvios lugares, quer siga os rastros do célebre veado, quer, veloz, acosse a lebre no meio dos campos. Quão destramente vibram o dardo, e, hábeis em ferir o que encontram, prostram o inimigo com certos golpes.

Lembro-me, que, ao largares o litoral batávido, contra ti se voltaram todos os deuses do mar. Os Zéfiro e os Notos desgarraram-te as naus, e os numes irados invejaram-te a sorte. E por quê? Surgiu então uma outra Funo a hostilizar os holandeses. Quis Júpiter que partisses com o fado de Enéias e que, através de duros lances e dos perigos vários do Oceano, visses longínquas praias e arribasses a outras terras e a outro Lácio, levando para o Ocidente os filhos do Setentrião e os deuses penates. Eras então, no além-mar, um novo Cipião, o vencedor da África, e não tocou somente ao Cartaginês essa glória de devassar o Oceano. Tu, para nós um outro Hanão, ousaste aportar a novos mundos com armadas que iam a vencer, pois julgaste menos digno de um capitão apegar-se ao torrão natal e aos lares pátrios. Por Eudoxo foi abandonada Faros e a soberba Mênfis e desprezado o palácio hospitaleiro do rei Latiro. Subiu ele o mar Eritreu, e percorrendo em naus a vastidão pelágica, enfim parou, exile, nas costas hespérias. Este foi o destino Nícias, e os Conões da Grécia demandaram, através das ondas, os países estrangeiros. A mesma sorte exaltou a Lisandro e aos senhores de Roma. É pela bravura e pelos transe do pélogo que se provam os grandes ânimos. São os discrimines que nos tornam fortes, e não teme pequenas cousas quem desdenhou o mar. Mas, assim como o chefe troiano, depois de mil perigos, aportou enfim, salvo, ao Tibre, e sentiu-lhe propícios os deuses súperos, assim também tu arribas, a salvamento, às costas do Brasil, transpões os seus já hospitaleiros rochedos, entras na cidade protegida de recifes e nos lugares, pouco faz, habitados pelos espanhóis, e alcanças o fastígio de um esplêndido governo.

Logo à tua chegada, és vencedor, e o bravo Bagnuolo é o primeiro que se dói de ser vencido pelo Príncipe. Debandaram-se-lhe as hostes, e as arcas de Porto Calvo entregaram-te as suas riquezas.

Ó afortunado Conde, herdeiro de memorando nome, viram os trópicos praticarem-se tais façanhas, e a zona que, de um e outro lado, termina o caminho de Febo que se encerrassem os teus feitos entre os mesmos limites, demarcando com o Câncer e o Capricórnio esta ação marcial. Quando se venceu Penedo, acreditou-se que, em teu favor, aguçou o próprio Quirão as suas setas e auxiliou o capitão batavo. Oriente ofereceu-te o seu escudo, quando a tua destra audaz expulsou os indigentes de todo o litoral, e a grandíssima capitania de Pernambuco, tranqüilizada por tão

ilustre regedor se livrou da antiga dominação. E não te pareceu bem o enfureceres-te: a clemência é o eterno dote da tua família. A todos indistintamente dás a esperança certa da salvação e da vida, e, abrandado, atraís, com plácidas condições, os indecisos e o próprio espanhol. E não te basta isto: fortificais a cidade dos deuses, jorra das nuvens as chuvadas e franqueia os caminhos, e os caminhos, e os Faunos dançam na relva densa.

Apenas foi a República firmada pelos teus cuidados, e recebeu suas leis aquela região ameníssima, logo envias as trombetas belicosas contra o Níger fronteiro e contra as costas africanas, cobertas, em largo espaço, de fulvas areias. É a morada dos etíopes, semelhantes aos espíritos decaídos que se agitam nas profundezas do Aqueronte. Ali está situada a poderosa fortaleza da Mina, que se eleva rodeada de valos e que, possuída, muito tempo, pelos Filipes austríacos, era o único objeto de receio que fazia tremer o mercador batavo. Tomaste-a, e aquele famoso forte juntou-se aos teus troféus. Faltava-te ainda uma vitória marítima, faltava-te ainda a coroa naval, com que se galardoa o desbarate das armadas, e eis que ameaçando males extremos, vieram aterrar-te os inimigos, e os bordos vizinhos das naus, com os seus bancos de remeiros, e o coro dos santos. Tu afundaste-os a eles que erravam pela vastidão dos mares, fazendo fatais ameaças de guerra, e condenaste a grandes estragos os heróicos filhos da Bética e o orgulho do Tejo. Riram-se as serenas nereidas, e favoreceram-te o mar, os astros e os ventos.

Lá onde a linha ardente fere os povos que sob ela vivem e corta em partes iguais as imensas alturas do céu, estende-se uma terra, a qual nada no mar que a rodeia inteiramente. É fértil de doencas e de suco e feliz orvalho que as doces canas produzem. Abre-se ali um teatro das tuas glórias, e aquela terra aceitou o teu freio, assim como o rico morador de Angola e os indígenas negros espalhados pelas orlas do Oceano. Uns oferecem ao mercador o branco marfim, apresentam-lhe outros o fulvo ouro e, com o preço iníquo, registram os que se vencem como escravos. “Por que és roubada ao homem, doce liberdade? E por que, ó natureza, queres soffra ele a servidão? Todo aquele que é homem é imagem de Deus, e quem nasceu inocente não merece a violência. Todos os mortais somos gerados sob leis iguais e com iguais direitos, mas logo os tornou dessemelhantes a injustiça, o furor da guerra e esse insano furor de fazer o mal.”

Sob teus auspícios, sulcou a nossa gente as ondas do Pacífico e aportou ao remoto Chile. Patentearam-se então ignotas vias marítimas, atalho das derrotas, e foi por nós procurado o ouro que não encontramos.

Grande Conde, somente a paz, vindo-te ao encontro, deteve as tuas navegações. E a concórdia, chegando às terras lusitanas, suspendeu as lidas marciais e, em toda parte, conteve as espadas, calou as tubas e aplacou as iras belicosas, mostrando a própria Belona a pacífica oliveira.

Imorredouro General, rebento venerando de um sangue antigo, tu, conhecido já através de um hemisfério a nós ignoto, retorna, ó herói, para a Batávia e para o Velho Mundo. A minha Holanda, não cansada dos teus louvores, para ti guarda encargo de que és digno. Na pátria ainda existe preclara matéria para teus labores. A Flandres, prestes a ser vencida, franqueia-te as fronteiras mal guarnecidas. Aqui ainda não demos descanso às armas: estua o amor da guerra e, com o mesmo entusiasmo, enfraquecemos os reinos de Filipe. Despreza os termos bárbaros — os magajotes, e os tabajaras, os quais para si fabricam armas que fazem

empalidecer, e os tapuias de corpo pintado, os patagões e os canibais e a horrenda raça que se nutre de sangue humano, e os duros caetés, os tupiguais e amixocorós, e os sevos perijivos, e o povo dos tupinaquins. Esquece-te, Germano, de falar tais vocábulos e usa de vozes nossas. Pronuncia o nome de batavos e dos frisões, do branco sicambro, dos matiacos e dos morinos e dos cidadãos que o Issel abraça. Um herói de sangue irmão, Orange, fulmina a Flandres e rompe caminho por onde se possa alcançar Gand ou Antuérpia, digna de esplêndidos triunfos. Presta o teu auxílio e põe ombros a esta magnânima empresa.

E vós principalmente, Pais da Pátria, para quem surge do poente ínclita glória guerreira, para quem, no próprio Ocidente, uma vigilante diligência alcançou tantos louros célebres e abateu o poder da Espanha, defendei com grande ânimo os vossos continentes, expulsai daqueles territórios o rei siciliano e arrancai-lhe o aurífero Peru e Cuzco e Quito e os riquíssimos montes de Potosí. Aquela região porá fim às guerras; aquela terra sustentará a opulência e a força de poderoso império. Esmagai esta senhora do orbe, pela qual o ibero luta no outro hemisfério. Fazei pelejar os dois mundos um contra o outro e destruí, nas plagas ocidentais, o poder hispânico para desaparecer ele onde Febo desaparece. Ele ali medra e contra nós ganha forças novas; dali tira alimento para a guerra, e se mantém para trazer de contínuo as espadas desembainhadas. Retirai às batalhas a sua recompensa. Vá um segundo Jasão e se faça de vela para os famosos portos. Marchai, galhardos, contra o Porto Belo, o Panamá e a opulenta Cólquida, e espoliai o índio das suas minas.

Ide, Pais da Pátria, mostrar-vos-ei o caminho através das ondas amazônicas. Sendo Nassau o vosso guia, fulgireis todos com o ouro do Peru.

G. BARLÉU

.....

Nota sobre a
edição de 1940

CLÁUDIO BRANDÃO

D

EVE-SE esta tradução à iniciativa do Sr. Gustavo Capanema, ilustre Ministro da Educação. No louvável empenho de tornar efetiva e sólida a cultura brasileira, esse esclarecido titular quis incluir entre os seus muitos esforços para alcançar tão alto objetivo a publicação de preciosas e interessantes fontes da história pátria. Presta assim o eminente ministro serviço inestimável aos estudiosos da nossa evolução cultural e política, facilitando-lhes a consulta de obras que, pela sua raridade, só a muito poucos era dado manusear.

Imensa, portanto, é a dívida de gratidão dos brasileiros ao brilhante e operoso estadista, que se não tem esquivado a sacrifícios e fadigas para difundir e incentivar a cultura nacional, proporcionando meios para se compreender, mais completa e claramente, a nossa formação histórica, as tendências da nossa civilização, as características do nosso espírito e os ideais que o devem nortear.

Entre os documentos valiosos concernentes à dominação batávica no Brasil, figura a conhecida crônica, escrita em latim pelo humanista flamengo Gaspar van Baerle, alatinado em *Gaspar Barleus*, a qual se intitula: “*Rerum per octennium/ in/ Brasíliã/ et alibi nuper gestarum/ sub, praefectura Illustrissimi Comitis/ F. Mauritii Nassaviae, Ec. Comitis,/ nunc Vesaliae Gubernatoris E Equitatus Foederatorum/ Belgii Ordd. Sub Auriaco Ductoris historia*”/.

A primeira edição deste livro foi feita em Amsterdã em 1647 por João Blaeu, célebre impressor holandês e filho do sábio e geógrafo Guilherme Blaeu, que foi discípulo e amigo de Tycho Brahé. Um incêndio devorou a casa editora, salvando-se poucos exemplares dessa primeira tiragem, os quais por isso são hoje bastante raros.

A segunda edição apareceu em Clèves, em 1660, com acréscimos feitos por Piso. Foi a obra traduzida em alemão por Tobias Silberling (1659) e recente-

mente também em holandês (1923) por S.P. L'Honoré Naber. A presente tradução, mandada fazer pelo ministro Gustavo Capanema, é assim a terceira que se empreende da crônica barleusiana.

Quem preferir a leitura do original latino terá de vencer não pequenas dificuldades. Não falando das freqüentes e às vezes quase indecifráveis adulterações de nomes próprios e de termos indígenas, aliás comuns em outros autores coevos que versaram assuntos semelhantes, encontram-se no cronista de Nassau certos passos de interpretação árdua e demorada. Influenciado pelo retoricismo da época, falta-lhe a singeleza, a fluência, a limpidez dos verdadeiros clássicos latinos. O seu estilo é forçado, irregular, perissológico, túrgido, cheio de impropriedades, de incorreções sintáticas, de ambages, defeitos que sobremaneira o distanciam dos escritores genuinamente latinos, dificultando-lhe, assim, a imediata compreensão. Não parece merecido o epíteto de “latiníssima” com que adorna Varnhagen a história de Barléu, salvo se houve neste qualificativo uma intenção irônica.

Entretanto, é justiça reconhecer-se ao escritor flamengo, e disso o seu livro dá claro testemunho, vasta leitura dos autores antigos, aos quais muitas vezes imita quase literalmente ou adapta a diversos trechos da sua narração. Faltou-lhe, porém, o critério seletivo de um tipo clássico de estilo, um ideal definido de perfeição literária.

O tradutor, conquanto procurasse, dentro do possível, aliviar a redação maciça do autor, não quis, todavia, desfigurá-lo, dando-lhe feição nimiamente moderna, destoante dos processos estilísticos da época. Sem se apegar a exagerado literalismo, o que tornaria tediosa a leitura da obra; forcejou, entretanto, para acompanhar sempre de perto o original, conservando-lhe fielmente a substância, a despeito de variar às vezes a forma, quando a clareza o exigia.

Se não prima Barléu pelo estilo, não é tampouco historiador sereno obediente à regra de Tácito de narrar os fatos sem ódio nem favor. Panegirista de Nassau, só o aprecia pelo lado bom, sem lhe apontar um só erro, sem lhe achar um só defeito. Não vê nele senão virtudes, somente lhe tece louvores. Tal proceder gera desconfiança no leitor. Qual o homem que não tem os seus deslizes? Qual o administrador em absoluto isento de alguma falta? E Nassau não poderia fugir à sorte comum a todos os mortais. Falando de Barléu, assim se exprime Frei Rafael de Jesús: “Escreveu, & pintou, em tudo o que escrevo.” E mais adiante: “Autor apaixonado, & que em todas as ocasiões falta à verdade por não faltar a opinião dos seus.” E Varnhagen, não escondendo o seu entusiasmo pelo historiador neerlandês, recusa-lhe, todavia, a visão objetiva dos acontecimentos que narra: “Para ser, porém, considerado como Historiador imparcial desse período, faltou-lhe obedecer ao preceito: *audiatur altera pars*” (*História Geral do Brasil*, Vol. II, p. 682, 2.^a edição).

Entretanto, abstraindo-se dessa falha, aliás natural em quem escreveu uma história encomendada e sob a inspiração direta do maior interessado nela, a crônica barleusiana tem valia como fonte copiosa de informações relativas à época de que trata. Cotejadas com as de outros narradores coetâneos e submetidas a uma crítica judiciosa, poderão concorrer utilmente para se apreciar com verdade um dos períodos mais dramáticos da nossa vida histórica. De feito, Barléu, segundo se observa no seu livro, além de versar os autores que trataram do Brasil e das Índias Ocidentais, tanto holandeses como de outras nacionalidades, recebeu informações diretas de Nassau e de testemunhas dos fatos que relata. Conforme assevera o Visconde de Porto Seguro, teve ele presente a correspondência oficial de Nassau e dela utilizou para compor a sua obra. Ministrou-lhe também subsídios para essa tarefa, por ordem de Maurício, o judeu português Gaspar Dias Ferreira, que residiu em Pernambuco e passou posteriormente para a Holanda. Numa carta em latim por ele dirigida ao Conde de Nassau, depois do regresso deste para os Países-Baixos e quando já governador de Wesel e tenente-general de cavalaria das Províncias-Unidas, lê-se o trecho seguinte, que torna claro este ponto: “Após a partida de V. Exe., fui a Amsterdã falar com Barléu, conforme V. Exe. me ordenou. Respondeu-me ele que ainda estava meditando sobre o assunto e formando o encadeamento da obra, e que, em lhe sendo necessária mais alguma informação minha, mandar-mo-ia dizer, a fim de eu ir ter com ele. Prometi que o faria, como V. Exe. mo determinara, isto é, declarando que, de ordem de V. Exe., eu lhe ofereceria o meu auxílio e diligência.” Esta carta, aqui posta em vulgar e pertencente ao arquivo particular do rei da Holanda, foi publicada na *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco*, tomo V, p. 327.

Gaspar van Baerle, mais conhecido pelo seu nome latinizado de Caspar Barlaeus, viu a luz em Antuérpia aos 12 de fevereiro de 1584. Seu pai, calvinista convicto, foi obrigado a refugiar-se na Holanda, quando, após a tomada de Antuérpia pelo exército espanhol sob o mando de Alexandre Farnese (1585), exerceu Filipe II certo rigor contra os sectários da Igreja Reformada. Cresceu, pois, Barléu na Holanda, e em 1617 entrou como professor de lógica na Universidade de Leide. Logo, porém se envolveu na viva controvérsia teológica que surgiu entre os partidários de Jacó Harmensen (Jacobus Arminius) e os de Francisco Gomarro. Formando ao lado de Barneveldt e Grócio, deu a sua adesão ao arminianismo. Esta famosa controvérsia acendeu paixões e suscitou perseguições políticas. O sínodo de Dordrecht em 1618 condenou os cinco artigos dos arminianistas, e Maurício de Nassau, inimigo deles, mandou prender Barneveldt e Groot (Grócio). O primeiro, grande pensionário da Holanda, acusado de traição, morreu no cadafalso em 1619, tendo Maurício assistido à execução.

Em conseqüência dessa agitação religiosa e política, foi Barléu expulso da Holanda, refugiando-se em Caen, cidade universitária da Normandia. Aí se doutorou em medicina, já maior de trinta anos.

Serenadas depois as paixões que a célebre polêmica teológica suscitava, voltou Barléu para a Holanda e, em 1631, foi nomeado professor de filosofia e retórica no Athenaeum de Amsterdã. Nessa cidade, foco ativo de intelectualismo e de arte, viveu ele os seus últimos anos. Fazia parte de luzida roda de intelectuais e de humanistas ilustres, como Daniel Heinsius, seu filho Nicolau Heinsius e Vossius (Voss). Pertencia ao grupo de letrados e artistas que o poeta Corneliszoon Hooft reunia no seu Castelo de Muiden. Os participantes dessas tertúlias constituíam o chamado “Circulo de Muiden”. Barléu, Grócio, Voss, Spinoza e Rembrandt, em companhia de outros eruditos e artistas cristãos e israelitas, freqüentavam igualmente a roda de célebre judeu português Manassés Bem Israel, em Amsterdã. Além disso, foram contemporâneos de Barléu os poetas Constantino Huyghens (Hugeniuns), Joost van den Vondel, o maior vulto da literatura holandesa, e Jacó Cats (de Brouwershaven). Vê-se que ele floresceu na época de mais intensa atividade literária dos Países-Baixos, quando estes, além disso, entravam em seu período de expansão colonial e de extraordinário enriquecimento.

Não é Barléu das figuras mais brilhantes da sua geração, mas não se lhe pode negar renome como operoso humanista, tendo escrito quase sempre em latim. Deixou trabalhos sobre física e medicina, mas o que mais o notabilizou foram os seus escritos latinos em prosa e poesia, tais como *Poemata* (Leide, 1628 e 1631, e Amsterdã, 1645, e uma impressão fac-similada recente) e *Orationes* (1643 e 1652). “*Histórias dos oito anos de governo de Nassau no Brasil*” que ora aparece em português, é talvez a sua obra de maior fôlego. Ele morreu em Amsterdã, um ano depois de dá-la a estampa, aos 14 de janeiro de 1648. Os últimos tempos de sua vida foram tristes, pois se lhe enfraqueceu a razão em conseqüência talvez da sua excessiva atividade cerebral. Imaginava-se feito de barro e não permitia que alguém ou alguma cousa se aproximasse dele, temendo que o quebrassem.

NOTAS DO TRADUTOR

- 1 Os principais historiadores contemporâneos das lutas político-religiosas que agitaram os Países-Baixos nos séculos XVI e XVII são Viglio, van Meteren, De Thou, Burgúndio, Bor, Heutero, Tassis, Hoofd, Haraeus (Van der Haer), Grócio, Van der Vynckt, Wagenaer, Hopperus, van Reydt, Strada, Le Petit, Renon de France, Carnero, Campana, Conestágio, Cabrera, Herrera, Ulloa, Bentivoglio, Cornejo, Lanário, etc. A sociedade de História da Bélgica (Bruxelas) tem publicado quase todas as memórias relativas a esse tumultuoso período da história neerlandesa.
- 2 As comunas neerlandesas eram constituídas mediante cartas ou *Reuren*, outorgadas pelos soberanos. A mais antiga dessas cartas foi concedida pelo conde Guilherme I da Holanda e pela condessa Joana de Flandres à cidade de Midelburgo. Os dois soberanos assinaram, selaram e juraram o documento em 1217. Embora não tivessem tais cartas muita amplitude, davam, todavia, à maioria dos habitantes de uma comuna o direito de serem governados pela lei, mas não o de governarem a si mesmos. Veja-se J. L. Motley, *The Rise of the Dutch Republic*, vol. I, págs. 34 e seguintes (editado por Fred. Warne).
- 3 As Tréguas dos Doze Anos foram assinadas em Antuérpia, a 9 de abril de 1608, sendo então reconhecida pela Espanha a independência das Províncias-Unidas.
- 4 Motley (*The Rise of the Dutch Republic*, II, págs. 258-259) fala dessa estátua: “The Duke of Alva, on his return from the battlefields of Brabant and Friesland, reared a colossal statue himself, and upon its pedestal caused these lines to be engraved: “To Ferdinand Alvares de Toledo, Duke of Alva, Governor of the Netherlands under Philip the Second, for having extinguished sedition, chastised rebellion, restored religion, secured justice, established peace; to the King’s most faithful minister this monument is erected”. Era uma estátua colossal, que foi erigida na cidadela de Antuérpia. Fundiu-se com o bronze de canhões tomados em Jemmingen, onde o Duque derrotou a Orange. (Bor, IV, 257 e Meteren, 61). Nela se representava o governador pisando uma figura prostrada com duas cabeças, quatro braços e um corpo. Interpretavam alguns as duas cabeças como as de Egmont e Horn; outros como dos dois Nassaus Guilherme e Luís, e outros viam uma alegoria da nobreza e das comunas dos Países-Baixos. Era obra de grande valor artístico, da autoria de Jacó Jongeling. O monumento foi demolido por ordem de Requesens (Bor, IV, 257-258); Meteren, 61; De Thou, V, 471-473; Bentivoglio, V, 186). Tempos depois, descobriu-se a estátua jogada numa cripta (Hoofd, XII, 523). Retirada dali, foi ultrajada e despedaçada pela multidão enraivecida, que a reduziu a massa informe. Guardaram-se nas famílias fragmentos dela, transmitidos de umas a outras gerações como legado de ódio e de vingança. O resto foi de novo fundido e convertido em canhão (Strada, *De bello belgico*, IX, 443 e Hoofd, XII, 524).
- 5 Em 1575, uma embaixada enviada pelo príncipe de Orange e pelos Estados-Gerais e constituída pelo advogado Buis, pelo Doutor Francisco Maalzon e por Marnyx de Santa Aldegonda, foi à Inglaterra pedir a proteção de Isabel para a Holanda, a qual foi casada com Eduardo III da Inglaterra. Isabel declinou o oferecimento (Bor, VIII, 660-661; Motley, *The Rise of Dutch Repub.*, III, págs. 44 e seguintes). Ofereceu-se também a governança das Províncias-Unidas ao duque Francisco de Anjou e Alençon, quarto filho de Henrique II da França e Catarina de Médicis (1554-1583). Os deputados dos Estados-Gerais concluíram com ele o tratado de Plessis-les-Tours (19 de setembro de 1580), conferindo-lhe a soberania dos Países-Baixos, que ele exerceu por breve tempo, depois de proclamado duque de Brabante.
- 6 Maurício de Nassau, segundo filho de Guilherme, o Taciturno, nasceu em Dilemburgo em 1567 e aos vinte anos foi nomeado governador (*statbouder*) das Províncias-Unidas. Foi

um estrênuo batalhador e terrível inimigo da Espanha. Defendeu Ostende e derrotou o arquiduque Carlos em Nieuport (2 de julho de 1600), tendo lutado ainda com Spínola e tomado Breda. Foi implacável contra os arminianos. Morreu em 1625.

Seu irmão Frederico Henrique nasceu em Delft em 1584 e morreu em 1647. Concorreu eficazmente para a expansão colonial da Holanda e muito fez pelo reconhecimento das Províncias-Unidas, tendo participado da Guerra dos Trinta Anos como adversário dos espanhóis.

- 7 Alusão a uma frase de Carlos V, que dizia não se escondia o sol nas terras sobre as quais reinava.
- 8 Horácio.
- 9 A Taprobana dos antigos é Ceilão. Autores há, porém, que a confundem com Samatra, v. gr. F. Lopes de Castanheda, *Hist.*, L. II, c. 3: D. João de Castro, *Roteiro*. Veja-se Epifânio Dias, comentário à 1ª est. dos *Lus.*
- 10 A *Χρυσή Χερσόνησος* de Ptolomeu é a Península da Malaca. V. Luiz Hugues. *Manual de Geografia Antiga*. Baruçãs são as ilhas de Nicobar, na costa do N. O. do Golfo de Bengala. Ver *Lus.* X, 120 e Barros, *Déc.* 1, 9.
- 11 Orixá, antigo reino indiano.
- 12 No texto *Ardavatam*.
- 13 *Sufi*, título usado pelos xás da Pérsia, descendentes de Sefi, fundador da dinastia religiosa dos seferis ou sefis da cidade de Ardebil. A forma portuguesa é sufi. Veja-se Gonçalves Viana, *Apostilas*, II, p. 446.
- 14 São numerosas as referências dos antigos aos célebres *vasos murrinos* (*murrhina vasa*), veja-se Plínio, *Hist. Natural*, XXIII, 2, 2; XXXVI, 67, 2; XXXVII, 7 e 8; Propércio, II, 8, 22; IV, 5; Marcial, III, 82; IV, 85; X, 80; Sêneca, *Epist.* 119; Arriano, *Mare Rubr.*, 6; Lamprídio, *Elagabalo*, 32; Digesto, Paulo, XXXIII, 10, 3, etc. Muitas têm sido as interpretações propostas acerca desses vasos. Modernamente variam as opiniões sobre a matéria de que eram feitos – pasta de vidro, ônix, ágata, sardônica, espate-flúor, benjoim, tartaruga, nácar, opala, alabastro, âmbar, porcelana da China. Winckelmann (*Descrição das pedras gravadas do Barão de Stosch*, p. 501) ensina que havia duas espécies desses vasos: os legítimos, feitos de ágata e de sardônica, e os falsos, feitos de uma pasta vitrosa com camadas duplas ou triplas, multicores, semitranslúcidas, imitando os primeiros. É provavelmente aos falsos que se refere Arriano, dizendo que eram fabricados em Tebas no Alto Egito. Também Propércio fala de murrinos cozidos no forno entre os Partos (Veja-se o *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, de Daremberg et Saglio, v. *murrhina*). Entre os murrinos de pasta vítrea são célebres o *Vaso das Vindimas* (Museu de Nápoles), o *Vaso Barberini* ou de *Portland* (Museu Britânico). Entre os legítimos de sardônica cita-se o cântaro dionisiaco chamado *Taça de Ptolomeu*, no gabinete das medalhas; a *Taça Farnese* do Museu de Nápoles e o *Vaso de Mântua* no Museu de Brunswick.
- 15 Trata-se de Tácito nos *Anais*, L. XV, 1 *in fine*.
- 16 Gálgaco, a quem os historiadores escoceses chamavam também Corbied, foi o 21º rei da raça de Ferjus I, fundador da monarquia caledônia. A ele se refere Tácito na *Vida de Agrícola*. Barléu, sem reproduzir exatamente as frases e o pensamento do historiador romano, adaptou na sua crônica algumas palavras dele, tiradas do capítulo XXIX da obra supracitada: “... atque omne ignotum pro magnífico est ... raptores orbis, postquam cuncta vastantibus defuere terrae, et mare scrutantur ... quos [romanos] non Oriens, non Occidens satiaverit”.

- 17 “Esse poder proveio do Oceano Atlântico, porque naqueles dias o Atlântico era navegável; e havia uma ilha situada em frente dos estreitos que são por vós chamados as Colunas de Heracles. A ilha era maior que a Líbia e a Ásia juntas, servindo de caminho para outras ilhas, e destas poderíeis passar para todo o continente oposto, que rodeava o verdadeiro oceano; porquanto este mar que existe dentro dos Estreitos de Heracles é apenas um golfo com uma entrada estreita, mas o outro é um verdadeiro mar, e a terra circunjacente pode ser chamada, com muita exatidão, um continente ilimitado. Nesta ilha Atlântida havia um grande e maravilhoso império, que dominava toda a ilha e diversas outras e partes do continente. Além disso, os homens da Atlântida tinham submetido as partes da Líbia dentro das Colunas de Heracles até o Egito, e da Europa até a Tírrênia. Esse vasto poder, unificando-se, intentava subjugar o nosso país e o vosso e toda a região no interior dos estreitos...” (*Timeu*, tradução inglesa de B. Jowett, V. III, págs. 445-446, Oxford, 1892). E no *Crítias*: “Poseidon, recebendo por seu quinhão a ilha Atlântida, teve filhos de uma mortal e estabeleceu-os numa parte da ilha, a qual passo a descrever.”

Segue-se a descrição da ilha (*Id., ibid.*, pág. 534 e seguintes).

No exórdio desse livro, diz o divino Platão: “Comece eu por observar, antes de tudo, que nove mil era a soma de anos decorridos desde a guerra que se diz ter-se dado entre os que habitavam além das Colunas de Heracles e os que habitavam delas adentro. Vou descrever esta guerra. Dos combatentes refere-se que, de um lado, foi Atenas a que comandou a venceu a guerra. Do outro lado eram os combatentes chefiados pelos reis da Atlântida, a qual ... é ilha maior na extensão que a Líbia e a Ásia; e quando depois se submergiu por um terremoto, tornou-se uma barreira intransponível de lama para os que daqui navegavam para alguma parte do Oceano.” *Id., ibid.*, pág. 529.

- 18 *De optimo statu reipublicae deque nova insula Utopia* é uma espécie de romance social e político em que Tomás Morus (1518), depois de criticar a organização da Inglaterra e dos outros Estados europeus, imagina uma ilha longínqua e desconhecida, onde se encontrava realizada uma sociedade em sua perfeição ideal, sob a forma de um Estado socialista e democrático.
- 19 Há grandes lacunas na obra de Diodoro Sículo, e dos livros VI, VII, VIII, IX e X restam apenas fragmentos. A passagem à qual se reporta Barléu pertence ao livro V, caps. XIX e XX: “Depois de haver falado das ilhas situadas aquém das Colunas de Heracles”, diz ele, “vamos descrever as que estão no Oceano. Do lado da Líbia, encontra-se uma ilha no alto-mar, de extensão considerável e sita no Oceano. Dista da Líbia alguns dias de navegação e jaz ao ocidente. Seu solo é fértil, montanhoso, pouco plano e de grande beleza... etc. Outrora essa ilha era desconhecida por causa da sua distância do continente, e eis como foi descoberta. Os fenícios ... foram arremessados pelos ventos muito longe no Oceano. Baticos vários dias pela tempestade, abordaram enfim a ilha de que falamos. Conhecendo-lhe a riqueza do solo, comunicaram a sua descoberta a todo o mundo... Os cartagineses temiam que grande número de seus concidadãos, atraídos pela beleza daquela ilha, abandonassem a pátria. Por outro lado, consideravam-na um asilo onde se poderiam refugiar no caso de suceder algum mal a Cartago.” *Biblioteca Histórica de Diod. Sículo*, tradução de Ferdin. Hoefler, Hachette, Paris, 1865, tomo II, p. 19-20.
- 20 Esses versos, que pertencem à *Medéia* (ato II, v. 374-378), são os seguintes:

*Venient annis saecula seris
Quibus Oceanus vincula rerum
Laxet, et ingens pateat tellus
Thetisque novos detegat orbis
Nec sit terries ultima Thule.*

- Vertidos em português significam: “Tempo virá em que o Oceano romperá suas barreiras, e se patenteará toda a terra, e, revelando Tetis novos mundos, deixará Tule de ser a extrema ilha do orbe.”
- 21 Tule, ilha ao norte da Europa, considerada pelos antigos a mais longínqua do mundo, provavelmente a Islândia.
- 22 O nome deste cronista é Lúcio Marineo Sículo e não Marieno. Foi humanista e historiador de fama. Nasceu em Bidini (Sicília) cerca de 1460 e morreu depois de 1533. Estudou em Roma sob a direção de Pomponius Loetus e Sulpício Verulano. De 1481 a 1486 ensinou literatura em Palermo. Convidado pelo almirante de Castela Frederico Henríquez, professou latim, retórica e poética em Salamanca. Assistiu depois na corte, onde captou a estima de Fernando V, o qual o nomeou seu cronista e capelão. Carlos V cumulou-o de honras e riquezas. Além de várias obras manuscritas, deixou trabalhos importantes, como: *De Aragoniae regibus et eorum rebus gestis* (Saragoça, 1509, in folio), *Epistolarum familiarium libri XVII* e a preciosa história *De rebus Hispaniae memorabilibus* (Alcalá, 1530), traduzida sob o título “*Libro Compuesto... de las cosas memorables de España*”. (Alcalá de Henares, 1539, 1 vol. in 4º do editor Juan de Brocar).
- 23 Povo da Germânia sobre o Reno, vizinho dos Tencérios.
- 24 Vai a natureza até onde chega a fama verídica.
- 25 Veja-se Amiano Marcelino (*Res Gestae*, liv. XVII, 4, edição de C. Clark, Berlim, Weidmann, 1910, vol. I, p. 110), onde se lê: “*nolucrum enim ferarumque eiam alieni mundi genera multa sculptentes, ut ad aevi quoque sequentis aetates, inpetratorum vulgatius perueniret memoria, promissa uel soluta regum nota monstrabant*”.
- 26 Benedito Arias Montano nasceu na Estremadura (Espanha) em 1527 e morreu em Sevilha em 1598. Orientalista notável, editor da *Bíblia Poliglota* de Antuérpia.
- 27 PARVAIM (Φαρωνιμ), nome de um lugar ou região aonde se buscou o ouro para decorar o Templo de Salomão (*Crônicas* ou *Paralipomenos*, II, III, 6). Na Vulgata de S. Jerônimo não se lê tal nome: “*Stravit quoque pavimentum templi praetiosissimo marmore, decore multo*”. Na Bíblia protestante, porém, a lição é diferente: “*Também a casa adornou de pedras preciosas para ornamento: e o ouro era ouro de PARVAIM.*” (tradução de João Ferreira de Almeida, Lisboa, 1898). Este nome ocorre só uma vez na Bíblia, desacompanhado de elementos que lhe facilitem a identificação. Hitzig (sobre Daniel, X, 5) conjectura que ele proceda do sânscrito “*paru*” = *colina* e indica a *διδυμα ορη* na Arábia, mencionada por Ptolomeu (VI, 7, 11). Para Kno (Völkert., pág. 191) é abreviatura de *Sepharvaim*, que aparece na versão síriaca e no *Targum* de Jônatas, em vez do *Sephar* do Gênese, X, 30. Segundo Wilford (citado por Gesenius, *Tess.*, II, 1125) tal nome provém do sânscrito “*púrva*” = oriental e significa em regra o Oriente. (Veja-se o *Dictionary of the Bible*, de William Smith, Londres, 12863, verb. *Parvaim*).
- 28 A referência de Barléu é feita ao livro de Aristóteles *De Mirabilibus auscultationibus*, onde se lê: “*Extra columnas Herculis aiunt in mari a Carthaginensibus insulam fertilem, desertamque inventam, vt quae tam sylvarum copia, quam fluminibus navigationi idoneis abundet, cum reliquis fructibus floreat vehementer, distans a continente plurium dierum itinere: in qua cum Carthaginenses quidam ob soli fertilitatem connubia agitare, ac habitare coepissent, ferunt praesides, ne quis deinceps insulam ingrederetur, poena capitis interdixisse, incolasque iniecisse, ne coitione (si habitare istic pergerent) facta, insulae principatum consequerentur, Carthaginenses ea felicitatis parte priuarent*”. *Aristotelis Opera*, Lião (1563), vol. II, p. 1546. O cap. IV do liv. II do tratado *De Coela* versa sobre a esfericidade do céu (*Quod coelum figurae sit sphaericae*) e nenhuma referência faz à ilha de que fala Barléu. Essa referência, breve aliás, acha-se no liv. II, cap. XIII: “*Quapropter, ij, qui locum eum, qui circa columnas Herculeas est, conjunctum esse ei loco,*

qui est circa Indiam regionem, existimant, atq. Hoc modo unum mare esse asserunt, nō videntur incredibilia valde existimare, etc.”. *Id., ibid.*, vol. I, pág. 598.

29 *Eneida*, L. VI, 795-796.

“Uma provincia há fora e retirada
das estrelas e estradas radiantes
do ano, e do sol...”

(Tradução de Franco Barreto, *En.* VI, 178).

30 O filósofo.

31 Golfo de Venezuela.

32 Nome dado ao estreito de Bhering, confundindo-o, porém, alguns geógrafos com o estreito de Hudson.

33 Protesilau, o primeiro dos gregos morto na guerra de Tróia, quando desembarcava. (*Ilíada*, canto II, 698 e seguintes.)

34 O autor erradamente diz: “... *brevi illam recuperavit Hispanus, duce Francisco Toletano*”. O verdadeiro nome do generalíssimo espanhol era *Fadrique*, como escrevem os nossos cronistas, e não *Francisco*.

35 Região da Holanda, entre o Issel, o Reno inferior, o Eem e o Zuiderzee.

36 Amersfoort, cidade na província de Utrecht, Holanda, sobre o Eem, a 26 S. E. de Amsterdã.

37 Barléu descreve essa batalha nas págs. 195 a 200 deste livro (Veja-se a nota correspondente). Aliás, foram duas as vitórias de Tromp nas Dunas: 16 de setembro e 21 de outubro de 1639.

38 Diz o texto: “*Trigoni speciem refert, cujus basis Aequatori & Septentrionibus obversa, ab Oriente recta in Occidentem abit, ad promontorium HVMOS aut Maragnonem, aut si Nicolao de Oliveyra fides, Param usque*”. Nenhuma ponta ou cabo existe no litoral brasileiro com tal nome – *Hvmos*. O autor quis dizer talvez PONTA DOS FUMOS, mencionada por Gabriel Soares: “Das Barreiras Vermelhas à Ponta dos Fumos são quatro léguas, a qual está em dois graus e 1/3.” *Tratado Descritivo do Brasil*, cap. VII, Rio (1879), edição de Varnhagen. São estas as palavras do P.^e Nicolau de Oliveira, que é citado por Barléu: “... *he a prouincia de sancta Cruz que por outro nome se chama o Brazil o qual fica em sitio fronteyro a costa de África e cabo de boa Sperança, Eq’ (como fica dito) começa no PARÁ, que he huma fortaleza que está na boca do Ryo das Amazonas, que fica debayxo da linba Equinoccial e acaba em trinta e sinco graos da mesma linba da parte do Sul...*”. *Livro das grandezas de Lisboa*, págs. 172, edição de Lisboa, 1620.

39 O monte Himeto (hoje Trelo Vouni) na África, ao sueste de Atenas, era afamado pelo seu mel e seus mármore.

40 No texto: “... *aut expresso crassiore succo, relinquitur friabile*”, p. 21.

41 “*Trium ex alphabeto elementorum F. L. R. nullus apud eam gentem est usus: minime absurda quorundam animaduersione factum id esse diuinitus quod Fide, Lege, Rege, sicut dictum est, careát*”. Ioan. Petri Maffei Bergomatis, *Hist. Indic.* (edição de Colônia de 1593). L. II, p. 32-33. A observação a que se referem Mafeu e Barléu é de Gabriel Soares, no *Trat. Descr. do Brasil*, cap. CL, pág. 280 da edição de Varnhagen. “*Haec lingua non habet f, l, s, z, rr duplex*”. Marcgrav. *Hist. R. Nat. Bras.*, liv.

- VIII, cap. VIII – “De Lingua Brasiliensium e Grammatica P. Iosephi de Anchieta, S. I.”, pág. 275.
- 42 “... *reticulo, quod Tupuiam vocant, a tergo pendulum gestant*” (p. 23). Em Cardim se lê: “... amão (as mulheres) os filhos extraordinariamente, e trazem-nos metidos nuns pedaços de redes que chama *typoya*”. Em Purchas *Tupiya*, forma incorretíssima para Batista Caetano. Ainda reveste as formas *tupoi, tupai, típoi*.
- 43 No texto Mongaguaba. A variante mais próxima do tupi é *Mamanguaba*, alteração de *Mamanguá*. V. Teod. Sampaio, *O Tupi na Geogr. Nacional* (3ª edição), p. 258.
- 44 Para que o leitor verifique a identificação que na tradução se fez das nações acima enumeradas, transcreve-se a forma alatinada que lhes deu o autor: “Per has ut et mediterranea diffusae nationes, ingeniis, linguarum dialectis et nominibus discernuntur: Petiguares, Viatani, Tupinabae, Caetae, Tupinaquini, Tupiguae, Apigapitanga et Mariapitangae, Itati, Tummimivi, Tamviae, Carioes, et celeberrimi Tapuiaie, Tucanici, Nacii, Cuxarae, Cujavae, Pigruvi, Canucujarae aliaeque plures ...” (p. 24). Em Fernão Cardim – *Tratados de Terra e Gente do Brasil* – encontram-se todas essas denominações com sucintas notícias sobre as tribos a que pertencem. Na edição anotada por Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia vêm interessantes explicações sobre a etimologia e sentido de cada um desses nomes e as suas variantes encontradas em *Purchas bis Pilgrimes*.
Barléu enumera as tribos acima quase na mesma ordem na qual as traz Fernão Cardim. Este último autor, após a nação dos Cuxarés, dá a dos Nuhinu e logo a dos Gaianás. Parece, pois, ter havido erro tipográfico no livro do historiador holandês, escrevendo-se *Gujavae* por *Gujanae*, porquanto a outra única denominação que lembra, e mal, *Gujavae* é em Cardim Gaiós, assaz diferente da adaptação latina. Neste autor se lê: Outros vivem para a parte do sertão da Bahía que chamam *Guayná*, têm lingua por si.”
- 45 Alude o autor a Adriano van der Dussen, cujo relatório sobre o Brasil figura neste livro (págs. 136 a 159), e Elias Herckman, autor da *Descrição da Paraíba*, e a outros.
- 46 JANDUÍ ou JANDOVI, célebre chefe tapuia que se aliou aos holandeses. Nas traduções alemã e holandesa, respectivamente de Silberling e de L'Honoré Naber é designado por JAN DE WY: “*unter ibrem Könige, den man JAN DE WY nante*” (Silberl., p. 84). “*onder hun opperhoofd JAN DE WY*” (H. Naber, p. 33). “*Ianduy... est Regulus ille qui pacem cum nostris colit, & ex foedere aliquoties aut ipse subsidio venit, aut filium atque affinem cum copiis misit contra Lusitanos*”. Marcgrav, *Hist. Rer. Nat. Bras.*, L. VIII, cap. IV – “De incolis Brasiliae”, p. 269, edição de 1648.
- 47 “*Pacati quoque GOJANAE populi Belgarum imperia admiserant...*” O autor dá idêntica grafia – Gojana – a *Guiana*, região setentrional da América do Sul, e a *Goiana*, cidade de Pernambuco.
- 48 ... *ita rationaria habent imperii* (p. 27).
- 49 Caio Veléio Patérculo, historiador romano (19 a. C. – 30 d.C.). Escreveu um epítome de *História Romana*. A citação feita por Barléu é tirada do L. I, c. 9.
- 50 Ambrósio Spínola (Marquês de Spínola) nasceu em Gênova cerca de 1570 e morreu em Castel Nuovo de Scrvia (Itália) em 25 de setembro de 1630. General italiano ao serviço da Espanha. Em 1604 tomou Ostende e comandou o exército espanhol nos Países-Baixos contra Maurício de Nassau até 1609. Em 1620 conquistou o Palatinado. Sitiou e tomou Breda em 1625, e por fim capitaneou as forças da Espanha na Itália.
- 50-A Godofredo Henrique, conde de Pappenheim (1594-1632). General das forças imperiais na guerra dos Trinta Anos.

- 51 Porto da Cornualha (Inglaterra), na foz do Fal, donde o seu nome. É uma das estações navais britânicas.
- 52 S. Vicente, uma das ilhas do Cabo Verde a 16°, 54', Lat. N, e 15°, 56' Long. O. Pertence ao grupo de Barlavento, formando com as de Stº Antão, Stª Luzia e S. Nicolau o grupo de N. O.
- 53 Aníbal.
- 54 Porto Calvo.
- 55 É engano do autor: os dominicanos não tinham então conventos no Brasil.
- 56 “Ubi terminatur, pagus fuit, *Reciffae* dictus, sive *Receptus*...” Barléu tomou a palavra *recife* no sentido de molhe, cujo correspondente latino é *crepido*, *-inis*; mas talvez para usar uma aliteração o traduziu pelo termo pouco próprio *Receptus*.
- 57 No texto está: “*Hic Arx Povocaona est...*” (p. 41). Trata-se da povoação de Porto Calvo. Na tradução holandesa: “*Hier ligt het Fort Povoação, beroemd door Mauritz’s victorie*” (p. 50).
- 58 “...*conscensis in Barragrandi ... navibus, ad promontorium SERGOCE appulit*” (p. 42). É erro do autor ou do tipógrafo, que L’Honoré Naber repetiu: “...*bij Kaap SERGOA, niet ver van de Alagoas geland...*” (p. 51). É JARAGUÁ, que nos cronistas e autores holandeses da época ocorre sob a forma JARAGOA, v. gr. em Margrav, *Hist. Rer. Nat. Bras.*, liv. VIII, c. I.
- 59 “Prope Corregippam...”
- 60 “Pandunt se locorum plana ... quae torrentibus rivulisque lene fluentibus irrigantur.” *Rivulus* é arroio, regato, riozinho, riacho, e pode ter um curso remansado ou impetuoso. *Torrentis*, porém, é *torrente*, “corrente impetuosa de água, sem canal determinado”, conforme a definição de Aulete. O *Lexicon totius latinitatis*, de Facciolatti e Forcellini, reza: “*Torrentis, entis, m. 3, substantivorum more. Propie est fluvius subitis imbribus concitatus, qui alioquin siccitatibus exarescit, vel ab aesto quo fertur, vel quia cito torrescit et siccatur.*” E exemplifica com Ovídio: “*Flumine perpetuo torrentis soler acrius ire, Sed tamen haec brevis est, illa perennis aqua*”. *Rem. Am.*, 651. Quer, pois, parecer-me que o autor atribuiu ao termo *torrentis* a sua significação própria de “curso de água temporário”. Adotamo-lo na tradução, porque nos pareceu incongruência dizer em português “torrente tranqüila.” *Torrente* sugere, de ordinário, idéia de ímpeto, de violência, de estrépito, e Barléu está falando de correntes serenas que irrigam uma planície. Tobias Silberling verteu: “*Man findet oft eine grosse und weite ebene ... in welcher gar viel schöner und geling fliessender Bäche und dergleichen Wässerlein ... sihet.*” (p. 136).
- 61 “*Missi in Couhaovenses fuere Albertus Smientius & Paulus Semlerus*” (p. 47). Southey, na tradução que já citamos (Luís J. de Oliveira e Castro), diz simplesmente: “Mandaram-se dois deputados ao *Sertão* à cata de minas” (p. 338, t. II). Entretanto, na palavra *Conhaovenses* parece ter havido erro tipográfico, pondo-se *u* por *n*.
Deve emendar-se para *Conhaovenses* única lição que permite identificar-se a palavra. Em S. P. L’Honoré Naber lê-se *Conhaova*: “*Naar Conhaova zijn Albert Smient en Paul Semler iutgezonden*” (p. 58).
- 61-A “*Constituti per praefecturas, oppida, pagos, magistratu, Electotes dicti, praetores, et Iudices, qui civilia curarent & criminum causas, litibus hic receptis*” (p. 48).
“Os escabinos eram eleitos por uma eleição de três graus. O conselho de justiça elegia os eleitores; estes organizavam as listas dos indivíduos aptos para serem membros das câmaras, e sobre essa lista o supremo conselho escolhia os escabinos.” Dr. Higinio Pereira, in

Rev. do Inst. Arqueol. e Geogr. de Pernambuco, nº 30, p. 27. Os escabinos constituíam câmaras semelhantes às nossas câmaras municipais. A elas presidiam os escultetos que desempenhavam ainda funções de exatores fiscais, delegados da administração e promotores públicos. Segundo o direito holandês, cabia ao *stadhouder* criar e nomear os magistrados, tais como os burgomestres, os *aldermen* e conselheiros das cidades (conforme o teor das cartas e antigos privilégios a elas outorgados), em alguns casos após recomendação prévia, noutros após livre e plena eleição. “Nos casos ordinários, a justiça era administrada, tanto nas cidades como nas aldeias, pelos escabinos (*Schepenen*), e para tal fim se nomeavam sete e às vezes oito, com a diferença porém, de que nas cidades os escabinos conhecem indistintamente de todas as causas não somente cíveis e comuns, mas criminais, sendo o seu presidente ou principal oficial o *Sberif* (*Schout* ou *esculteto*). Este não é de fato Juiz, mas executa os mandados dos juizes, convoca a Corte Criminal, recolhe os votos, sustenta os direitos do país nas causas públicas e atua como promotor e inquiridor nos processos crimes. O termo *Schout* deriva de *Sgult*, entre os germanos *Spoller*, porque é, como teria sido, um arrecadador da dívida pública, e Grócio, Introd., liv. 2, cap. 28, § 9, observa que nos antigos escritos encontramos *Sgult* e *Sgoudig* por *Sgult* e *Sguldig*.” *Comentários sobre o direito romano-holandês* por Simão van Leeuwen, tradução de J. G. Kotze, Londres, 1881, vol. I, cap. II, págs. 15-17.

62 Direito consuetudinário.

63 “... *cum obsignandus piis divinus favor, porrigerent incurrentia in oculos sacrosancta gratiae signa*” (p. 15). Para simplificar esta frase, verti sua segunda parte – *incurrentia in oculos sacrosancta gratiae signa* – apenas pela palavra *sacramentos*, cuja definição teológica, dada pelo Catecismo Romano, é: “*Invisibilis gratiae signum ad nostram justificationem institutum*”. (Part. 2, nº 5), no mesmo sentido da perífrase de Barléu.

64 O Forte de Nassau foi construído a expensas dos Estados-Gerais em Moréia e Costa do Ouro por Jacó Adriaanssen Clantius, em 1612.

64-A Não pudemos saber qual seja essa localidade. No *Dicionário de Geografia Universal*, publicado sob a direção de Tito Augusto de Carvalho (1883), encontramos MOROA: “Nome que recebe o canal ao S. de um ilhéu extenso e desabitado que divide em duas a corrente na foz do rio Cuvo, no conc. do Novo Redondo, distrito de Luanda, província de Angola (África portuguesa ocidental). É esta a opinião mais seguida, conquanto alguns queiram que o Moroa seja um rio diverso do Cuvo.”

65 “Comenda. Feitoria inglesa na costa da Guiné, território dos Achantis (África) a 24 km. O. S. O. do cabo Corso, na margem do rio Soosn. Ao abrigo do forte que os ingleses ali construíram, foi-se formando uma cidade indígena, que hoje conta 3.000 habitantes. Do outro lado do rio e a 500 metros do forte inglês havia também antigamente uma feitoria holandesa, mas foi abandonada.” (*Dic. Univ. de Geogr.* de Tito Augusto de Carvalho).

66 A lição do texto, evidentemente viciosa, é: “*ob fossas, quibus arx cingitur geminas, ALTAS pedes XXV*”. (p. 58). O tradutor holandês, em nota ao pé da página, assinala o engano e corrige com razão *altas* para *latas*, traduzindo de acordo com a emenda: “*wegens de dubbele gracht, waarvan het Kasteel was omgeven die 25 voeten WIJD was ...*” (p. 72).

67 No território dos antigos belgas, correspondendo à Bélgica e Holanda de hoje.

68 “... item *Asinii Epicadi ex gente parthina hybridae*” (Suetônio, *Vida de Augusto*, c. XIX). O autor enganou-se escrevendo *Epicardo*.

69 Cidade da ilha de Chipre, célebre por suas fundições de cobre e bronze.

- 70 Nicéforo Grégoras (1295-1359). Célebre erudito bizantino, autor de uma história bizantina em 38 livros, abrangendo o período de 1204 a 1359, e outras obras de história, filosofia, teologia e astronomia.
- 71 Não encontrei em nenhum dos léxicos que consultei o termo *gasmulico*.
- 72 Stephano (Bizâncio) – Geógrafo bizantino, que viveu provavelmente na primeira metade do século VI. É autor de uma obra *Ethnica*.
- 73 “É o Gir, o mais conhecido rio dos Etíopes”.
- 74 O Ganges dos índios, o Fasse dos godos, o Araxe da Armênia, o Gis dos etíopes e o Tainais dos getas.
- 75 “*Est haec illa urbs, quam olim Illustris Princeps Mauritius, bellorum suorum tyrocinio, occultato cespite ceperat*” (p. 65). O episódio a que alude Barléu é narrado com singeleza e graça por Ortigão (*A Holanda*, p. 155). Eis o trecho do grande escritor português: “Por ocasião da ocupação da praça de Breda pelos soldados espanhóis, um barqueiro holandês veio dizer ao príncipe Maurício que nada lhe seria mais fácil do que introduzir na cidade alguns homens de boa vontade, que, durante a noite, apunhalariam as sentinelas e dariam entrada na fortaleza ao exército nacional. Esse barqueiro era o fornecedor do combustível das tropas espanholas, entrava regularmente com o seu barco carregado no interior da praça, e levaria a gente precisa para esse golpe estratégico, escondida sob a sua carga de turfa. Maurício nomeou para esta empresa seis homens, que partiram nesse mesmo dia estirados ao comprido no fundo da barca, ocultos debaixo da turfa. Era em pleno rigor do inverno, os gelos dificultavam a navegação do canal, e os seis soldados passaram dois dias imóveis, tiritantes de frio, sepultados vivos no seu posto. Entram finalmente de noite no ancoradouro da cidadela, onde a turfa tem de ser descarregada ao romper da manhã. O oficial da guarda adianta-se para reconhecer o barqueiro e em conversa com ele salta acima da barcada. Nesse momento um dos emboscados, não podendo estrangular um ataque de tosse reveladora do ardil, tira o punhal do cinturão e entrega-o simplesmente ao companheiro seu vizinho com ordem sumária de lho atravessar na goela”. Trata-se aí do príncipe Orange e conde de Nassau, filho de Guilherme de Orange, o Taciturno.
- 76 Isto é, com um carregamento de turfa.
- 77 Quer dizer, abrindo circunvalações na terra verdejante.
- 78 Personagem da *Eneida*, L. II, v. 57 e seguintes.
- 79 No texto se lê simplesmente: “*sumptuumque bellicorum solatia ex mercibus, ambaro, gossypio, gemmis, lignis, salinis, aliisque, quae régio ista suppeditat*” (p. 65). Silberling verteu – *lignis* – por “Brasilienholtz” – pau-brasil. Parece, porém, que o sentido do texto é mais amplo e, por isso, traduzimos – *lignis* – por *madeiras*, como também o fez P. S. L’Honoré Naber: “amber, Katoen, Kristal, edele gesteenten, HOUT, zont, etc” (p. 81).
- 80 “... *in virorum singulis: REGALES viginti, feminarum, sex*”. Na tradução alemã: “... vor eine Manns-person 20, und vor eine Weibsperson 6. *Reichsthal*” (p. 200). O *rixdale* era moeda de prata fabricada outrora na Alemanha, Suécia, Noruega, Dinamarca e Flandres. Chamavam-lhe em França *escudo do Império* e valia no século XVIII 5 libras e 8 soldos torneses.
- 81 Barléu extratou esta descrição da Paraíba, resumindo-a de um relatório de Elias Herckman, sob o título: “Beschrijvinge der capitania Paraíba, 1639”, relatório que existe no Arquivo Real em Haia (Algemeen Rijks Archief), Comp. das Índias Ocid., antiga Comp., câmara de Zelândia, maço nº 46. Consta ele de três partes: 1) Descrição geral;

- 2) Fertilidade; 3) Breve descrição da vida dos tapuias. Este documento, vertido em português pelo Dr. José Higinio Pereira, acha-se publicado na *Revista do Inst. Arqueológico e Geográfico de Pernambuco*, tomo V, nº 32, p. 262 e seguintes.
- 82 “...ut et alius Mongoapa” (p. 69).
- 83 No texto lê-se *marconias*. É evidente erro tipográfico, conforme já observou o tradutor holandês. “Bij Barlaeus: Marconias”, *drukfout voor marquisas; vergl. den origineelen tekst van Herckmans*” (p. 86).
- 84 Na tradução alemã: “Darzu hat ein jedes Dorff nicht mehr als 5 oder 6 Behausungen, die seynd aber fast lang, weil viel Haussaltungen zugleich in denselben wohnen, und hat eine jede Wohnung und Haussaltungen ihre besondere, aber gar Kleine Thüre, da sie auss-und-eingehen oder vielmehr nur kriechen können” (ps. 209-210). O texto latino diz simplesmente: “*Singuli (pagi) domiciliis quinque aut sex oblongis constant, quae ostiolis exiguis multisque distinguunt, quibus subitur et exitur*” (p. 71). A versão do alemão é: “Não tem cada aldeia mais de 5 ou 6 habitações, que são, porém, mais ou menos compridas, porque nelas moram juntas muitas famílias, e tem cada habitação e família sua porta privativa, mas muito pequena, por onde ela pode sair e entrar ou antes rastejar.” A tradução holandesa foi fiel ao texto. Ver pág. 87.
- 85 Pedácio ou Pedânio Dioscórides, médico grego que viveu provavelmente no 1º ou no 2º século depois de Cristo. Deixou um tratado de matéria médica.
- 86 Há três Hesíquios: um, bispo egípcio, revisor dos Setenta e do Novo Testamento (4º séc.); um segundo, gramático de Alexandria e autor de um léxico grego, publicado por Alberti e Ruhnken (1746-66) e por Schmidt (1857-68). Viveu no 6º ou no 4º séc. da era cristã. Há um terceiro Hesíquio, chamado o “ilustre”, que nasceu em Mileto. Historiador e biógrafo (6º século).
- 87 “*Dulcia cui nequeant succo contendere mella*”, (Isidoro, L.17, c.7). Isidoro de Sevilha (Isidorus Hispalensis) (560-636 da era cristã). Escritor eclesiástico espanhol, bispo de Sevilha. Escreveu: *Originum seu Etymologiarum libri XX. De Ecclesiasticis Officiis, Sententiarum sive de summo bonno libri tres*.
- 88 “E aqueles que bebem os doces sucos da tenra cana.” *Farsália*, II, 257.
- 89 Sobre esta dissertação acerca do açúcar, observa o tradutor holandês: “A descrição que segue é tomada, nos pontos capitais, ao relatório de van der Dusse, que adiante se transcreve na íntegra. Ver pág. 164”. Esse relatório, abreviado e traduzido por Barléu, figura neste livro da página 136 à página 159. Piso (*De Medicina Brasiliensi*, no L. IV – *De Facultatibus Simplicium* – cap. I *De Saccharo*), disserta amplamente sobre o açúcar, tratando da cultura da cana, dos engenhos, do fabrico do açúcar, etc.
- 90 *Penídio*, palavra tirada do latim hipotético *penidium* e formada do grego *penion* – peixe. É uma espécie de açúcar de cevada, empregado em farmácia. Em francês *pénide* ou *secre tors*, em inglês *barley sugar*, em alemão *Gerstenzucker*.
- 91 *Melissium* no texto.
- 92 Potingi (– potim, alteração de *poti*, camarão, g-y = rio = rio dos camarões) ou Rio Grande do Norte nasce no município de Santa Cruz, ficando Natal à margem direita.
- 93 “Informado S. M. das causas da Paraíba e que todo o dano lhe vinha do Rio Grande onde os franceses iam comerciar com os potiguares, e dali saíam também a roubar os navios que iam, e vinham de Portugal, tomando-lhes não só as fazendas mas as pessoas, e vendendo-as aos gentios para que as comessem, querendo atalhar a tão grandes males, escreveu a Manuel Mascarenhas Homem, capitão-mor em Pernambuco, encomendando-lhe

muito que logo fosse lá fazer uma fortaleza e povoação, e que tudo fizesse com conselho e ajuda de Feliciano Coelho” *Hist. do Brasil*, de Fr. Vicente do Salvador, c. 31. edição de Capistrano de Abreu. Na história de Barléu lê-se: “*Gallos Lusitani pepulere per Felicianum CECAM Parayba praefectum*” (p. 74). *Cecam* deve emendar-se para *Coelbo*. Na citada edição de Fr. Vicente do Salvador, nos prolegômenos do livro quarto, págs. 242-243 encontra-se o seguinte comentário dos revisores, o qual esclarece aquele equívoco do historiador holandês: “Sobre os sucessos da Paraíba neste interstício informam deficientemente dois relatórios contemporâneos impressos em Jaboatão. *Orbe Seráfico*, 2, 56/80, Rio, 1858, e uma carta de Feliciano CIEZA de Carvalho (ler Fel. Coelho de Carvalho) escrita da Paraíba a 20 de agosto de 1597, interceptada, traduzida (mal) em inglês e impressa nas *Principal Navigations* de Hakluyt, 11, 64-72 da nova edição de Glasgow, 1904.”

RICARDO HAKLUYT, geógrafo inglês (1552-1616), autor de *The Principal Navigations, Voyages, and Discoveries of the English Nation*, cuja 1ª edição data de 1589 e a 2ª de 1598 a 1600, foi talvez a fonte em que Barléu se abeberava, quando trocou *Coelbo* por *Ceca*.

94 Matias van Ceulen.

95 “... struthionum pulcherrimis plumis’. A ema ou nhandu (*rhea americana*) é o avestruz americano. Em Cardim *Nbanduguaçu*.

96 Elias Herckman é autor de um poema de algum mérito, intitulado “Der Zeevaert Lof”, impresso em 1634 por Jac. P. Wachter, Amsterdã.

97 “*Regem ipsum cum exercitu affore compescendi Ebore ac Alantaei & Algarucensium populis*”. Atente-se na toponímia barleusiana e na do seu tradutor alemão Silberling (p. 222), que verteu *Alantoei* por *Antled!*

98 Em 1635 firma-se a aliança holando-francesa para a partilha dos Países-Baixos espanhóis, declarando a França guerra à Áustria-Espanha por ação de Richelieu (intervenção francesa na guerra dos Trinta Anos). Os tumultos separatistas de Évora verificaram-se em 1637.

99 Rio das Alagoas, que deságua em frente aos chamados Baixios de D. Rodrigo, a 44 km. N. E. da barra do São Francisco.

100 Rio das Alagoas, cuja foz está a 100 km., mais ou menos, N. E. da barra do São Francisco.

101 “*Iam menses pluvios inchoabat Aprilis...*” p. 76. O autor se enganou neste passo, pois a estação chuvosa no Brasil não começa em abril.

102 Ribeiro da Bahia, entre a Ponta de Itapuã e a de Santo Antônio.

103 Na carta da Bahia, vê-se representada a ponta de São Brás com a legenda: “*Hic Excensionem fecit Comes*”. O texto diz: “*Mox promontorium arcis Bartholomei nonnihil praetervectus classe ... miles excendit ...*” (p. 79). L’Honoré Naber, observando que, de acordo com a indicação da carta e com a seqüência da narração, se deve emendar S. Bartolomeu para S. Brás (*Er staat*, diz ele em nota à pág. 96, *S. Bartholomeus. In verband met betgeen verder volgt en in verband met de Kaart, dient te worden gelezen S. Braz*), assim traduziu o passo acima transcrito: “*Kort daarop, nadat de vloot tot even voorbij de punt S. Braz was opgezeild, heeft de Graaf de troepen zonder eenigen tegenstand op anderhalve mijl van de stad ontscheept ...*” (p. 96). Para chegar à ponta de S. Brás, teria a frota de ultrapassar a ponta onde estava o forte de S. Bartolomeu (Veja-se a carta) – “*nonnihil praetervectus classe promontorium arcis Bartholomei ...*”, isto é, “conduzida na armada um pouco além da ponta do forte de S. Bartolomeu, desembarcou a soldadesca ...”. O acusativo *promontorium* é complemento da preposição *praeter*, primeiro elemento do participio composto *praetervectus*. Frei Rafael de Jesús (*Cast. Lus.*, L. III, pág. 149 da edição de 1679) informa que o exército de Nassau desembarcou no sítio chamado “água

de Meninos: Entrou a armada pela barra, vistosa pela cópia das bandeiras; horrível pela multidão dos tiros; agradável pela diversidade dos clarins; arribando sobre a parte que chamam de Pirajá, buscou a praia (dita água de Meninos), deitou em terra gente, artilharia, & munições, & sem detença se pôs em marcha para Cidade, que distava meia légua daquele sítio”. Barléu diz: “légua e meia”.

- 104 Golfos do norte da África, perto de Cartago, aparcados e perigosos. Havia a Sirte maior e a menor. Correspondem respectivamente ao golfo de Sidras e de Gabes.
- 105 Promontório ao sul do Adriático, hoje *Monte della Chimera*. Eram mal afamados pelos seus escolhos: “*Infames scopulos Acrocerania* (Hor., *Od.* I, 20).
- 106 Depois da batalha de Canas, em que sofreu memorável desbarate o exército romano, ficou sendo o general púnico o terror de Roma. Daí o grito de alarma “Hannibal ad portas”, que se tornou proverbial para significar um perigo iminente.
- 107 Nascera em Schelingen, perto de Haia, e tinha a alcunha de *Perna de Pau* (Houtbeen).
- 108 Nomes holandeses das naus de Jol: *Salamandra, Zwolle, Overijssel, Goeree, Tertolen, Hoop, Orange, Rotterdam, Ernst, Canarie, Goyana, Waackbond, Mercurius, Groot Post-paard*. L’ Hon. Naber (p. 112).
- 109 Barléu faz aqui um trocadilho: “... *possum per alios intricari, ex quibus extricari difficillimum*” (p. 113).
- 110 Novo trocadilho: “... *ut silentio me involvam, & sinam volvi publica*” (p. 113).
- 111 Atrida (*Ἀτρείδης*), filho ou descendente de Atreu. Refere-se a um dos filhos de Atreu, isto é, Agamemnon ou Menelau, que foram com outros chefes à guerra de Tróia para desafrontarem a Grécia da injúria feita por Párias.
- 112 “*Ad populum phalerae*”, anexim romano, que aparece em Pérsio (*Sát.* III, v. 27): “Ad populum phaleras! Ego te intus et in cute novi”. “Deixa para o povo esses alardes! Conheço-te por dentro e por fora”.
- 113 “... *vix aere levati observent*” (p. 116). *Aere levati* – os que se banham por dinheiro, isto é, os homens adultos. As mulheres (Juvenal *Sát.* VI, 447) e os meninos (Idem, *Sát.* II, 152) banhavam-se de graça, e os homens pagavam ao superintendente dos banhos um quadrante, isto é, a quarta parte de um asse (Horácio *Sát.*, L. I, 3, 136). Barléu tomou a expressão da citada sátira II de Juvenal: “*Nec pueri credunt, nisi qui nondum aere lavantur*”. Nem os meninos o crêem, a não ser aqueles que ainda não pagam nos banhos públicos.
- 114 “... *modumque imperiis suis adhiberi cupit, quem suprema lex: salus populi, dictat*” (p. 117). Frase inspirada no aforismo de direito público romano: “*Salus populi suprema lex est*”. “Seja a salvação pública a lei suprema”.
- 115 Amiclas, (*Ἀμύκλαι*), cidade da Grécia antiga, na Lacônia (hoje Slavo Khorí), 3 milhas ao sul de Esparta, a residência lendária dos Tindáridas. Próximos de Esparta, viviam os amicleus, de contínuo amedrontados com uma invasão dos seus belicosos vizinhos. Cansados, porém, de rumores falsos sobre ela, promulgaram uma lei contra quem os espalhasse, obrigando, assim, os habitantes da cidade a guardar silêncio a respeito, sendo, por isso, surpreendidos por um ataque do inimigo, que ninguém ousara anunciar. Daí surgiu o provérbio corrente na antiga Grécia: “*O silêncio perden Amiclas*”, e a expressão “*silêncio amicleu*”.
- 116 O tradutor holandês, como declara em nota à pág. 132, transcreve o próprio original da carta de Maurício, existente no Arquivo Real de Haia (Algemeen Rijks Archief). Comp. das índias Ocid., antiga Comp., câmara de Zelândia, maço 54, e dirigido aos “*Ge-commiteerden*” da Comp. Ocid. em Midelburgo.

- 117 Sobre a etimologia de Pernambuco assim disserta Teodoro Sampaio (*O Tupi na Geografia Nacional*, 3 ed., p. 286): PERNAMBUCO, corr. *paranã-mbuca*, o furo ou entrada do lagamar: alusão à brecha natural do recife por onde o lagamar se comunica com o mar. O nome paranambuca era comum na costa do Norte, no trecho dela tomado pelos recifes, e o sentido que os índios lhe davam era o de *furo*, *entrada*, passagem natural aberta na muralha do recife. No tupi do Norte, no Nheengatu, *paranã-mbuca* quer dizer – jorro do mar – alusão à embocadura por onde ele se escapa. Mui acertadamente escreve a propósito o autor do *Castrioto Lusitano*, Frei Rafael de Jesus, ao tratar do porto do Recife: “... uma abertura à qual os naturais chama Pernambuco, que, em sua língua, é o mesmo que pedra furada ou buraco que fez o mar de que se forma a garganta da barra ... O vocabulário – *paranã* = pará – *nã* – traduz-se semelhante ao mar; é lagamar formado na junção dos rios Capiberibe e Beberibe e o furo, a aberta, a quebrada”.
- 118 “*Portum Francorum, ubi excendere Vidalius et Magalbinsius centuriones*” (p. 122).
- 119 “*Fluvii praestantiores sunt: Iangades, Serinhaemius, Formosus, Portus Calvi...*” (p. 122). O rio que passa em Porto Calvo é *Manguaba*.
- 120 “*Non contubernis, sed locorum tractibus distincta*” (p. 123).
- 121 “*Hanc (cap. da Paraíba) excipit Fluminis Grandis praefectura, quatuor contubernis distincta, ubi rudibus deforme oppidulum PUNTALIUM, bellorum vestigiis horret. Facta incolis potestas condendae novae urbis, loco feraciore, & situ commodiore, in contubernio POLIGLANO, sesqui a Puntalio miliar?*” (pág. 123).
A margem do texto a indicação: “*Puntalium Oppidulum?*”. Neste passo, Barléu, além de resumir as informações de van der Dussen, cometeu dois erros nos nomes geográficos de *Natal* e *Potengi*, por ele transformados respectivamente em *Puntalium* e *Poligianum* (no ablativo *Poligiano*). O trecho correspondente no relatório original, sobre ser mais amplo, desfaz integralmente o equívoco do cronista de Nassau, e por isso deve ser transcrito aqui: “*Aen de capitania van Parayba is gesecht te volgen de capitania van Rio Grande. Dese capitania wert verdeylt in vier Freguezias te weeten Conbau, Goyana, Mopobu en POTIGY en heeft gebadt een stede genaempt citade NATAL gelegen anderhalf mijl vant casteel Ceulen de reviere opwaerts en geheel vervallen; der halve de schepenen en inwoonders is geconsenteert een nieuwe stadt te bouwen in POTIGY alsoo daer is vruchbaer landt en veel gelegner voor de inwoonders soud zyn ...*” Rel. de van der Dussen, transcrito na tradução de L’H. Naber (p. 155-156).
- 122 Fábio de Narbona, cavaleiro romano, era autor de vários livros sobre a filosofia estoíca. Horácio, que tinha tido com ele algumas questões pessoais, alude-lhe zombeteiramente à loquacidade na sátira I, do L. I, v. 14: “*Cetera de genere hoc adeo sunt multa, loquacem Delassare valent Fabium?*”.
- 123 Adaptação da frase de Tito Lívio: “*Labor voluptasque, dissimillima natura, societate quadam naturali inter se juncta sunt?*” (Lívio, V., 4). Em Barléu: “*Labor utique et merces, dissimillima natura, societate quadam naturali jungi amant?*” (p. 125).
- 124 “... a maruja de *Ulisses?*”, isto é, toda a malta de aventureiros.
- 125 “... *tertium, eorum, qui Societatis defuncti ministeriis, agriculturae studis dediti, hanc Spartam ornare student?*” (p. 125).
- 126 “Usam estes índios de umas ocas ou casas de madeira cobertas de folha, e são de comprimento algumas de duzentos e trezentos palmos”. (F. Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, edição de J. Leite, Rio, 1925, p. 169).
- 127 A palavra *hamaca* (espanhol *hamaca*, francês *hamac*, italiano *amaca*, português, *maca*, inglês *hammock*) é de origem caraíba. Já Colombo, no diário da sua primeira viagem, usou-a: “Grande número de índios chegaram hoje em canoas ao navio a fim de trocarem seu algodão e *hamacas* ou redes em que dormem”. Veja-se *The Century Dictionary and Cyclopaedia*, verb. *hammock*.

- 128 *Cabaça* não é vocábulo indígena. “... seu maior enxoval vem a ser huma rede, hum pati-guá, hum pote, hum cabaço, huma cuya, hum cão”. Simão de Vasconcelos, *Crôn. da Companhia de Jesus*, L. I, 120 (ed. de 1865).
- 129 “*Sine blandimentis pellunt famem*” (p. 127). Imitação da frase de Tácito (*Germânia*, c. XXIII) relativa aos germanos: “... *sine apparatu, sine blandimentis expellunt famem*”. A frase seguinte é reprodução exata da de Tácito no mesmo lugar: “*Adversus sitim non eadem temperantia*”.
- 130 “... *potum ex mandiocae radicibus dente contritis aqua dilutis, exspectato acore, conficiunt, ut & alium e pomis Tajovis, pro anni tempestivitate*” (p. 127). Parece que Barléu se refere à taiá ou taioba (taia + oba = folha de taiá), cujo nome científico é *Caladium esculentum*, família das aroídeas, chamada ainda *couve caraíba*. Na tradução de Silberling: “... aus einer Arth Apfelen, die man bey jnen Tajovi nennet” (p. 368). No seu relatório diz van der Dussen que os índios fazem uma bebida de mandioca misturada com água, que bebem depois de fermentada, e outra de caju: “maecken eenem dranck van geknaeude farinha wortelen met water vermengt die sej. suer geworden sijnde, drincken. Sie maecken oock dranck van Cajou-appelen als het saizoen is”. L’Honoré Naber, (p. 161). Simão de Vasconcelos (*obr. cit.* L. I, 141), enumerando as castas de vinho dos índios, não fala deste.
- 131 “... *pecunias nullo praetio habent, nisi ob hoc, quod per eas hispaniensis, & ADUSTI VINI compotes fiant*” (p. 127). *Adustum vinum* é *aguardente*, assim chamado por Barléu talvez em referência ao modo pelo qual é preparada esta bebida, isto é, a destilação. Tobias Silberling também assim verteu a expressão: “*Des Geldes achten sie ganz nit, daß allein Spanischen Wein und Brantwein davor zu kaufen*” (p. 369). E em Naber: “Gelt is haer niet verder waerdt als dat, omdat men daervoor brandewyn en spaense wijn can coopen...” (pág. 162).
- 132 “Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedeciam” (Fernão Cardim, *obr. cit.*, p. 169).
- 133 No livro de Nina Rodrigues – *Os Africanos no Brasil*, – pág. 58, - foi bastante alterado o pensamento de Barléu neste último período. Diz o texto: “*nigritae Congenses & Sonhenses aptissimi ad operas, ut ex re Societatis fit, hujus mercatus rationem haberi & amicitia jungi Comites Sonhensem & Congensem*”. A tradução do eminente médico baiano é esta: “os da Nigricia, naturais do Congo e os Sonhenses são muitos aptos para os trabalhos, quando se trate da vida de sociedade, sendo não só esta a razão deste mercado, como também o fato de viverem unidos como companheiros, por laços de amizade”.
- 134 O mesmo que urucu (*Bixa orellana*).
- 135 Veja-se a pág. 79 e a nota 89.
- 136 “... *explendo Novemviratu & fulciendal honoratorum consiliis Reipubl*”. Uma das acepções de *honoratus*, tomado como substantivo, é *magistrado*, como se pode justificar com o *Lexicon totius Latinitatis*, de Forcellini, verb. *honoro*, onde se lê: “*Speciatim usurpatur de iis qui magistratus gessere, geruntve*. Ovid. 1, *Fast.* 52. *Simul ex ta deo data sunt, licet amônia fari Verbaque honoratus libera praetor habet*, etc.
- 137 “... *& Theodosium, nomine Imperatorem*”. Na tradução alemã: “... *wie auch Theodosi Keyser...*” (p. 377). Em L’H. Naber, transcrevendo o relatório de van der Dussen. “Theodosius L’Empereur” (p. 170).
- 138 Na monografia do Dr. Pedro Souto Maior – *A Religião Cristã Reformada no Brasil no século XVII* – publicada no tomo especial (1915) da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, encontram-se as atas dos sínodos e classes do Brasil, durante o domínio holandês. Nela aparecem os nomes das principais figuras do clero reformado da época, ora alatinados, ora na sua forma originária. Assim, lê-se ali: predicantes Samuel Batiler, Cornélio van der

- Poel, Jodocus a Stetten, Joaquim Soler, J. Theodoro Polhemius, David a Dorenslaer, Jacob Altrichts, etc.
- 139 Alusão às palavras de S. Paulo, na primeira epístola aos Coríntios, c. I, 23: “*nos autem praedicamus Christum crucifixum: Judaeis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam*”. “Pregamos a Cristo crucificado, escândalo de fato para os judeus, mas loucura para os gentios”. Barléu diz: “... *ut jam nostrae quoque fidei homines, Christum, quantumvis Gentibus stultitiam, inter illas ipsas praedicent*” (p. 130).
- 140 No texto: “... *secundum Iguaracae*” p. 131. É erro do autor. Refere-se ao convento da Vila de Iguaraçu fundado em 1588. Veja-se Santa Maria Jaboatão, *Novo Orbe Seráfico*, livro III, cap. I, vol. II, p. 323, da edição do Rio de 1861. Em van der Dussen: “I. Garasu”. Além disso, na gravura que representa Igaracu, encontra-se o convento de S. Francisco (letra B. Veja-se a gravura).
- 141 Do rigor da Inquisição.
- 142 “Entre os *gravaminas* apresentados pela Assembléa Classical do Brasil, reunida em Pernambuco em janeiro de 1638 (sessão 4^a, *gravame* 4) lê-se este: “Também não são poucas as reclamações sobre a grande liberdade que gozam os judeus no seu culto divino, a ponto de se reunirem assaz publicamente em dois lugares no Recife, alugados por eles para este fim. Tudo isso contraria à propagação da verdade, escandalizando os crentes e os portugueses, que julgam que somos meio judeus, em prejuízo da Igreja Reformada, onde esses com outros que tais inimigos da verdade gozam de igual liberdade.
- “Sobre isso julgam urgente recomendar muito seriamente a S. Exc. e ao Supremo Conselho que empreguem a sua autoridade para impedir semelhantes abusos.” Na classe reunida em Recife, aos 29 de outubro de 1638 (sessão II, art. 8^o) deu-se conta do seguinte: “Sobre o art. 4^o, Sessão Quarta, acerca da excessiva liberdade e audácia dos judeus, os Deputados referem que, apesar de S. Exc. e de o Supremo Conselho declararem que os judeus não têm tal liberdade, e encarregarem, portanto, de sua repressão ao fiscal, contudo a sua audácia aumenta cada vez mais, tanto no Recife como na Paraíba, onde têm à disposição o esculteto, que tratou da pretensa liberdade.
- “Sendo este abuso completamente escandaloso e prejudicial aos fins e à honra de Deus, os Deputados são novamente encarregados de tratar com S. Exc. e o Supremo Conselho, a fim de que se dignem de reprimir tal audácia.”
- O 7^a gravame da sessão 5^a da Classe reunida em Recife em 21 de novembro de 1640, versa ainda e de modo mais veemente sobre a ousadia dos judeus e as profanações por eles praticadas (Ver a citada contribuição do Dr. Pedro Souto Maior, na *Revista do Instituto Hist. e Geog. do Brasil*, tomo esp. 1915).
- 143 “... *caulis ligneus ligneas propagines extrudit*” (p. 131).
- 144 “... cavando a terra em montinhos e metendo em cada qual quatro pedaços da vara de certos ramos, que chama manaíba...” (Simão de Vasconcelos, *Crôn.*, L. II, 71).
- 145 “... *quas nostrates sacchareas vocant, licet crassitie dissimiles, extra terram duobus vel tribus surculis germinant, que ubi octavo, decimo & duodecimo mense lignescere caeperunt, pro semine sunt*” (p. 132). Parece tratar-se da batata-doce (*Ipomaea batatas*, família das *convolvuláceas*), planta muito difundida nas regiões tropicais e muito provavelmente originária da América (Veja-se de Candolle, *Urspr. der Kulturpflanzen*) e um dos principais produtos alimentares do Brasil.
- 146 Neste passo insere Barléu, no relatório de van der Dussen, uma enumeração de animais e plantas do Brasil “para agrado do leitor”, como diz ele em nota marginal (p. 132). Parece ter em parte acompanhado a notícia dada por Mafeu sobre o Brasil, *Hist. Indic.*, L. II.

Este autor (*Hist. Indic.*, liv. II, pág. 30 e segs.), fala da copaíba, sapucaia, caju e ananases, dos porcos anfíbios (capivaras), antas, cutias, pacas, tatus, tigres, corigões e tamanduás, assim, como dos indígenas do Brasil. Parece ter sido o seu livro uma das fontes de Barléu, que lhe reproduz até algumas expressões.

- 147 Barléu, seguindo os autores de sua época, considera a capivara (*Hydrochoerus hydrochoeris* ou *Hydrochoerus capibara*) um porco anfíbio. A notícia que ele dá desse roedor reproduz quase textualmente a de Mafeu. (*Hist. Indic.* II, p. 31, edição de 1593): “*Ex eo numero ... apri sunt amphibij; carnibus optimis ac saluberrimis; ij, quod priores pedes perbreues habent, posteriores autem prelongos; tardiore sunt cursu: itaque deprehensi a venatoribus, qua proximum est, sese aquis immergunt*”. E a de Barléu é: “*Ex eo numero ... APRI sunt amphibii, quorum carnes gratissimae sunt & saluberrimae ... etc.*” (p. 132). Em Piso: “*Amphibii porci, CAPIVERRES Lusitanis dicti*”. (*De Medic. Bras.*, liv. IV). Em Marcgrav: “*CAPY-BARA Brasiliensibus, Porcus est fluiatilis*” (*Hist. Res. Nat. Bras.*, liv. VI, c. VII, p. 230, da edição de 1648). Em Cardim: *Capijuara*. “Destes porcos d’água há muitos e são do mesmo tamanho dos porcos, mas diferem nas feições, etc”. Em Gabriel Soares: “Nos rios de água doce e nas lagoas também se criam muitos porcos, a que os índios chama capibaras, que são tamanhos como os porcos-do-mato... etc” (*Trat. Desc. do Brasil*, c. CL., p. 230 da edição de Varnhagen). No dicionário tupi de Martins: “*Capivara – Wasserschwein*”. Segundo Rodolfo Garcia, o nome vem de *capýí*, erva, o capim, e *guara*, particípio do verbo *ú*, comer: o que come capim, o herbívoro” (*Notas a Cardim*, p. 144 da edição de J. Leite & Cia., 1925). Segundo Azzara, esse roedor é designado no Paraguai por *capigua*. E. Goeldi, tratando dele, diz: “A forma bronca do corpo e outras propriedades corporais, como o feitio dos pés, consoam com o tipo do Porco, de modo que é fácil de explicar-se que pessoas inexperientes, quais os descobridores do Novo Mundo, julgassem antever animais suiformes da ordem dos Pachydermes” (*Os Mamíferos do Brasil*, Rio, 1893, v. I, p. 90). A capivara é o maior do roedores, podendo atingir 1 metro de comprimento. Cor pardenta, orelhas pequenas e falta de rabo. Vive à beira d’água, onde mergulha quando perseguida. Forma varas de até 20 indivíduos. Herbívoro, preferindo arroz e milho novo, por isso é às vezes muito daninha às roças plantadas em regiões ribeirinhas. De dia fica escondida perto d’água e à noitinha sai a pastar (R. Ihering – *Da vida dos nossos animais*, pág. 29).
- 148 “Há outros animais a que chamam *antas*, que são de feição de mulas, mas não tão grandes, e têm o focinho mais delgado e o superior comprido à maneira de tromba, e as orelhas redondas, a cor cinzenta pelo corpo, e branca pela barriga. Estas saem a pascer só de noite e, tanto que amanhece, metem-se em matos espessos e ali estão o dia todo escondidas” (Fr. Vicente do Salvador, *Hist. do Brasil*, cap. 9^o). Anta é o *tapiretê* de Cardim (*Tapirus americanus* e *Tapirus terrestris*).
- 149 *Acuti* em Cardim. É um roedor da família dos *cautiideos* (*Dasyprocta aguti* de Lineu). “Estas *Acutis* se parecem com os coelhos de Espanha” (Cardim). “Outros animais há a que chamam *Cutias*, que são do tamanho de lebres... e têm ... o rabo curto que quase se não enxerga” (Gândavo, cap. VI).
- 150 *Paca* (*Coelogenys paca* de Lineu). “Há também outros maiores a que chamam *Pacas*, que têm o focinho redondo, e quase da feição do gato... São pardas e malhadas de pintas brancas por todo o corpo” (Gândavo, c. VI). “A carne é gostosa, mas carregada” (Cardim).
- 151 Há várias espécies no Brasil, sendo a mais pequena o Tatu-bola (*Tolypeutes tricinctus*) e a maior o *tatu-canastra* (*Proidontes giganteus*). Gênero *Dasypus*. “São cobertos de uma concha não inteiriça como a das tartatugas, mas de peças a modo de lâminas, e sua carne assada é como de galinha” (Fr. Vicente do Salvador, cap. 9^o). “A carne destes animais é a

- melhor, e a mais estimada que há nesta terra, e tem o sabor quase como de galinha” (Gândavo, VI).
- 152 *Sarigué* é a forma que ocorre em Cardim e Simão de Vasconcelos: *serigoé* em Gabriel Soares; *corigões* em Gândavo, havendo também as variantes *sarigueya* e *sarué*. Em Fr. Vicente do Salvador lê-se *taibú*: “Há outro a que chama *taibú*, que depois que pare os filhos os recolhe todos em um bolso que tem no peito, onde os traz até os acabar de criar” (c. 9^o). Em Barléu *Cerigones*, que é a forma alatinada de Gândavo, usada também por Mafeu. São marsupiais, família dos didelfídeos, sendo também conhecidos vulgarmente por *gambás*, *cuícas*, *cassacos*, sendo as cuícas desprovidas de bolsa. “Têm uma bolsa das mãos até as pernas com seis ou sete mamas, e ali trazem os filhos escondidos até que sabem buscar de comer” (Cardim). Veja-se a nota, feita pelo erudito Rodolfo Garcia à pág. 113 da edição de Cardim publicada por J. Leite & Cia., 1925.
- 153 “O seu mantimento é folhas de árvores e em cima delas anda o mais do tempo, aonde há pelo menos mister dous dias para subir e dous para descer” (Gândavo, c. IV). Há duas espécies: *Bradypus*, três unhas nas patas anteriores, e *Choloepus* com duas unhas nessas patas. Em Abbeville e Marcgrav encontra-se o nome *unan*, que também é consignado por Barléu a págs. 226, do original latino e 250 deste livro.
- 154 Ordem dos desdentados, família dos mirmecofagídeos. O maior é o *Tamanduá-bandeira* (*Myrmecophaga jubata*), também chamado *Tamanduá-açu*, *Tamanduá-cavalo* ou *Jurumi*, mais raro e que se encontra nos Estados do Sul e do Centro. Nos do Norte é assaz freqüente o *tamanduateí* (*Cicloturus didactylus*). “Outro gênero de animais há na terra, a que chamam Tamanduás que eram tamanhos como carneiros.. E assi tem mais cada um deles duas unhas em cada mão, tão compridas como grandes dedos, largas à maneira de escouparo” (Gândavo, c. VI). Em Fr. Vicente do Salvador *tamandoçu*: “Tamandoçu é um animal tão grande como carneiro... tem o focinho comprido e delgado... as unhas à maneira de escopros” (cap. 9^o).
- 155 Daí o seu nome científico, formado de $\mu\acute{\rho}\rho\mu\eta\zeta, \eta\kappa\omicron\varsigma$, formiga + $\phi\alpha\gamma\epsilon\iota\nu$ = comer.
- 156 “... e o rabo será de dous comprimentos do corpo, e cheio de tantas sedas, que pela calma, e chuva, frio, e ventos se agasalha todo debaixo dele sem lhe aparecer nada” (Cardim).
- 157 *Jaguaretê*, *jagoaretê* ou onça-pintada, segundo B. Caetano quer dizer *onça verdadeira*, composta a palavra de *jaguar*, onça, cão e *eté*, verdadeiro. É a *Felis onça* de Lineu, a maior do Brasil. Em Cardim lê-se: *Iagoaretê*: “Há muitas onças, umas pretas, outras pardas, outras pintadas...” Barléu dá este nome só às onças pretas. E em G. Soares: “A maior parte dessas alimárias são ruivas, cheias de pintas pretas, e algumas fêmeas, são todas pretas” (*Trat. Descrt. do Brasil*, cap. XCV, p. 224). “IAGUARATAE ... tigrides nigrae sunt” (p. 133).
- 158 “*Cajatayae*” no texto. A única palavra designadora de símios semelhantes a esta é *coatá*. Nos cronistas há referências a esta espécie de bugios que me pareceu autorizarem a versão pela palavra *coatás*, a despeito de não me constar se eles têm cheiro almiscarado. Diz-se *coatá* e *coaitá*, macaco platirrínio sul-americano (*Ateles paniscus*, *A. variegatus* e *A. marginatus*), famílias dos cebídeos. Levam vida arbórea e só têm quatro dedos. Diz-se que, sendo atacados, se defendem jogando pedras e, estando em bandos, descem ao solo para gritar contra o agressor. Gândavo diz: “Ha huns ruivos, nam muito grandes que derramam de si hum cheiro muy soave e toda a pessoa que a elles se chega, e se os tratam com as mãos, ou se acertam de suar, ficam muito mais odoríferos e lançam o cheiro a todos os circunstantes; destes ha muy poucos na terra, e nam se acham sinam pelo sertão dentro muito longe” (cap. VI). Frei Vicente do Salvador informa (c. 9^o): “Outros bugios há não tão grandes, nem têm mais habilidades que fazer momos e careta, mas são de cheiro”. O macaco-de-cheiro ou *Jurupixuma*

- (*Saimiris sciurea*) tem o pêlo amarelo-azeitonado e a cauda muito longa (Dr. R. von Ihering, *Da vida dos nossos animais*, p. 62).
- 159 *Tiú, teyú, tijú* = o que come escondido (T. Sampaio), família dos *Teideos* ou *Amenideos*.
- 160 Corrupção de *mboy*, cobra + *gnaçu*, grande = a *cobra grande* (*Boa Constrictor*), a jibóia de Cardim, a qual destrói animais pequenos, e raramente atinge 4 metros.
- 161 *Boiciniga*, corrupção de *mboy* = a cobra ressonante (T. Sampaio). Também se ouve *boicununga* e *boicununga* (*Crotalus terrificus*). Dela diz Cardim: “Esta cobra se chama cascavel; é de grande peçonha, porém faz tanto ruído com um cascavel que tem na cauda, que a poucos toma ...”. No mesmo sentido Gândavo e Fr. Vicente do Salvador.
- 162 Corrupção *mboy-obi* cobra-verde (*Coluber veridissimus* de Lineu, também chamada *Spilotes pul-latus*). Em Marcgrav e Piso (ver T. Sampaio, verb. Boibi). É a *caninana* de Cardim e a *caninam* de G. Soares.
- 163 Em Cardim *tucana*. A forma *tucano* é de G. Soares. Segundo Teodoro Sampaio, *tucano* é formado de *tu* + *quã* = o bico que sobrepuja, o bico exagerado. Para Batista Caetano é a alteração de *tu* + *can* = o bico ósseo. É ave trepadora (*rhamphastos*) da América do Sul, família dos ranfastídeos.
- 164 *Guará*, a garça vermelha, a ave aquática (*Ibis rubra*), Teodoro Sampaio. Dele fala Gândavo: “... humas (aves) maritimas a que chama goarás... A primeira penna de que a natureza as veste he branca sem nenhuma mistura e muy fina em extremo. E por espaço de dous annos pouco mais ou menos a mudam e torna-lhes a nacer outra parda tambem muy fina sem outra nenhuma mistura; e pelo mesmo tempo adiante a tornam a mudar e ficam vestidas de huma muito preta distinta de toda outra cor. Depois dahi a certo tempo pelo con-seguite a mudam e tornam-se a cobrir doutra muy vermelha, e tanto, como o mais fino e puro cremesim que no mundo se pode ver e nesta acabam seus dias” (cap. VII).
- 165 Será o mesmo que percaauris, que aparece no *Diário* de Pero Lopes de 1532, segundo informa Teodoro Sampaio? Segundo ensina, é corrupção de *paracau-r-i*, os papagaiozinhos, os periquitos (Pernambuco). A forma alatinada é *Piretaguaros*, cuja identificação não é fácil.
- 166 *Araras* (*Psittacus Macrocerus*) são psitacídeos grandes e muito conhecidos. “Estes papagaios são os que por outro nome se chamão *Macaos*: he passaro grande, e são raros, e pela fralda do mar não se achão; he uma formosa ave em cores, os peitos tem vermelhos como graã; do meio para o rabo alguns são amarelos, outros verdes, outros azues, e por todo o corpo têm algumas pennas espargidas, verdes, amarelas, azues, e de ordinario cada penna tem tres, quatro cores, e o rabo he muito comprido...” (Cardim). Segundo B. Caetano no aimará *arara* significa falador, palrador.
- 167 O avestruz americano tem um representante brasileiro genuíno – a ema ou nhandu (= que corre com estrépito, a corredora, T. Sampaio), cujo nome científico é *Rhea americana*. “Há emas tão grandes”, diz Fr. Vicente do Salvador, “como as da África, umas brancas e outras malhadas de negro que, sem voarem do chão, com uma asa levantada ao alto ao modo de vela latina, correm o vento como caravelas. E contudo as tomam os índios a corso nas Campinas” (cap. X). Cardim chama-lhes *nbandugoçu* e Marcgrav *nbandu-guaçu*. Este é também o nome de uma grande aranha, a que Barléu se refere pouco abaixo.
- 168 “Criam-se no Brasil todos os animais domésticos e domáveis de Espanha, cavalos, vaccas, porcos, ovelhas e cabras, e parem a dous e três filhos de cada ventre...” (Fr. Vicente do Salvador, c. IX). “... começaram-lhe [os portugueses] a levar da Ilha do Cabo Verde cavallos e egoas, de que agora ha já grande creaçam em todas as capitánias desta Província. E

- assi ha tambem grande coopia de gado que da mesma Ilha foy levado a estas partes, principalmente do vaccum ha muita abundancia, o qual pelos pastos serem muitos, vay sempre em grande crescimento” (Gândavo, VI).
- 169 “Nesta província se dá bem a criação dos cavallos, e ha já muita abundancia delles, e formosos ginetes de grande preço que valem duzentos e trezentos cruzados e mais ... e daqui começam prover Angola de cavallos ...” (Cardim). A respeito é muito interessante o comentário de Rodolfo Garcis a este passo de Cardim, a ps. 145 da edição de 1925 (J. Leite & Cia., Rio).
- 170 “Os porcos se dão cá bem, e começa de haver grande abundância; é cá a melhor carne de todas, ainda que de galinha, e se dá aos doentes, e é de muito bom gosto” (Cardim).
- 171 “*Gallinarum numerus sine numero*” (p. 133).
- 172 “... tambem haa outro genero dellas (adens) cá mesmo desta terra: são muito maiores e formosas” (Cardim).
- 173 “... engordão tanto que muitos [carneiros e ovelhas] arrebentam de gordos, nem he cá tão boa carne como Portugal” (Cardim).
- 174 *Boope* em Barléu (do grego *Bóωψ* formado de *Βovς* boi + *ωψ* olho). “Parece este peixe com os atuns de Espanha, assim no tamanho como nas feições, assi interiores como exteriores... e bem merece o nome de peixe-boi assi na formosura como grandura; os olhos são propriamente como de boi, e por esta razão teem este nome” (Cardim). A designação tupi é *Tapüreçá* = *tapir* + *eçá* = o olho-de-anta e também o olho-de-boi (T. Sampaio). G. Soares diz *tapyriscá* (*Seriola lalandei*).
- 175 Aliás, Homero aplica este epíteto às mulheres formosas em geral, p. ex., na *Iliada*, III, 144: “Climene, de olhos de boi”, isto é, de olhos grandes; o mesmo na *Iliada* 7, 10: “Filomedusa de olhos de boi”. De Hera ou Juno diz ele, p. ex., na *Iliada*, I, 551: “E a veneranda Hera de olhos de boi lhe respondeu”.
- 176 Chama-lhe Cardim – *Camarupig* –: “Este peixe tambem he um dos reaes e estimados nestas partes: a carne he toda de febras em folha, cheia de gordura e manteiga, e de bom gosto; tem muita espinha por todo o corpo e he perigoso ao comer. Tem uma barbatana no lombo que sempre traz levantada para cima e faz-se delles muita manteiga”. Gândavo chama-lhe *Camboropim*, Soares *Camuropi*. É o *megalops thrissoides*, família dos clupeídeos. É o *pirapema* do litoral do norte (R. Garcia). Diz-se ainda *Camarupim*.
- 177 Nota de Rodolfo Garcia a Cardim: “PEIXE SELVAGEM, da família dos Haemulídeos (*Conodon nobilis*, Lin.). O nome tupi pirambá significa peixe roncadador, que ainda prevalece na anônima vulgar, ou simplesmente roncadador. Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, ps. 1313, vem *piraambu*”. Também Barléu usa esta última forma (*piraambu*). A notícia de Cardim é esta: “Este peixe selvagem, aqui os índios chamão Pirambã, sc. peixe que ronca; a razão he que onde andão logo se ouvem roncar, são de boa grandura até oito e nove palmos; a carne he de bom gosto, e são estimados; têm na boca duas pedras de largura de huma mão, rijas em estremo, com ellas partem os buzios de que se sustentam; as pedras estimão os índios e as trazem ao pescoço como joias”.
- 178 Em Cardim *Bigjuipirá*: “Este peixe *Bigjuipirá* se parece com solho de Portugal... ha infinidade delles ... e o corpo he redondo, preto e pelas costas, e branco pela barriga”. É o *Rachycentrus canadus* de Lineu, família dos Raquicentrídeos. Variantes: *bijupirá*, *bejupirá*, *beijupirá* (G. Soares). Segundo T. Sampaio é corrupção de *pi-yu-pirá* = o peixe de pele amarela. Para B. Caetano é formado de *mbeyú* + *pirá*, peixe de bolo.

- 179 *Dourado*, grupo dos caracínídeos (*Salminus Cuvieri*), peixe de água doce, corajoso e veloz, atira-se às vezes contra os saltos dos rios e os transpõe. Chega a ter mais de 0^m,50 de comprimento. É formado o nome, indígena, segundo T. Sampaio, de *guará-acã-pema* = o indivíduo de cabeça esquinada. Em Barléu *Waraka-pemme*.
- 180 É o *espadarte* do Brasil (*Xiphias gladius* de Lin.), família dos Xifídeos. A ele se refere Fr. Vicente do Salvador nestes termos: “Há outro peixe chamado espadarte, por uma espada que tem no focinho...” (cap. X). e Cardim: “Destes peixes há grande multidão, são grandes e ferozes, porque têm uma tromba como espada, toda cheia de dentes ao redor...”.
- 181 “GUAPERUA, *Orbis*, PEIXE-PORCO, spinis undique horrens”. Em Plínio Sênior (*Hist. Nat.*, 32, 3) encontra-se *Orbis* indicando certo gênero de peixe: “Durissimum esse piscium constat, qui *orbis* vocatur: rotundus est, et sine squamis, totusque capite constat”. O peixe-porco que Barléu verteu por *Orbis*, é talvez o *Tetraodon lineatus*, cujo nome vulgar é *peixe roda ou rolim*. O *peixe-porco* (*Balistes carolinensis*) é peixe escleroderma plectognato, família dos *Balistídeos*, de que há muitas espécies nos mares tropicais e subtropicais. O nosso peixe-porco é o *Monacanthus hispidus*. Ver R. von Ihering, *ob., cit.*, p. 150-151.
- 182 No texto *Guacucua*. É o xarroco bicudo ou do Brasil (*Lophius vespertilio*), peixe esquamodermo. Temos o *peixe-morcego* (o *Gocephalus vespertilio*). Os nossos cronistas fazem referência a um peixe peçonhento semelhante ao xarroco, ao qual chamam *maiacu*, *guamaiacu* ou *baiacu* ou *peixe-sapo*: “Ha tambem hum certo genero de peixes pequeninos, da feição de xarrosos a que chamam *Mayacus*...” (Gândavo VIII). “Ha uns peixes pequenos em toda esta costa, menores de palmo, chamados *majacus*” (Fr. Vic. do Salvador, X) *Baiacu pinima* (*Spheroides Spengleri*).
- 183 Em tupi *nhandu* + *açu* = aranha grande, a caranguejeira.
- 184 “Ha muitos generos de tubarões nesta costa... he peixe muito cruel e feroz, e matão a muitas pessoas, principalmente aos que nadão. Andão de ordinario acompanhados de huns peixes muito galantes, formosos de varias côres que se chamão romeiros” (Cardim). No texto: “... *comites pisces habent diversicolores, quos Lusitani vocant PELGRIMES*” (p. 134). “Uperu é o peixe a que os portugueses chamão tubarão” (G. Soares, CXXVIII, p. 257). Os maiores tubarões pertencem à ordem dos seláquios, família dos carcarídeos, contando mais de 150 espécies. Um dos maiores e mais terríveis tubarões é o *Carchorodon Rondeleti*, assim como o *Cetorhinus maximus*. O de tamanho maior é o *Rhinodon typicus*. As nossas principais espécies são: o *anequim* (*Carcharodon carcharias*), a *tintureira* (*Galeocerds maculatus*), o *peixe-martelo* ou *cornuda* (*Sphyrna zygaena*), o *cação* (*Carcharias limbatus*), etc.
- 185 O peixe-voador do Brasil (*Cephalacanthus*) é o *pirabebê* dos índios (*pira* + *bebê* ou *pirá* + *ueué* = o peixe que voa, o voador), também chamado *coió*, família dos Cefalacantídeos ou Dactilopterídeos. Designa-se ainda com o nome científico *Exocoetus volitans*. “... são de ordinário de um palmo, ou pouco mais de comprimento; têm os olhos muito formosos, galantes de certas pinturas que lhes dão muita graça, e parecem pedras preciosas... Têm asas como de morcegos, mas muito prateadas, são muito perseguidos dos outros peixes, e para escaparem voam em bandos como de estorninhos, ou pardais, mas não voam muito alto. Também são bons para comer, e quando voam alegram os mareantes, e muitas vezes caem dentro das naus...” (Cardim).
- 186 Trata-se de uma espécie de enguia volumosa, provida de aparelhos elétricos na região abdominal (*Electrophorus electricus*, Lineu). O nome tupi é *poraquê* = *porá* + *kê* = a gente adormece ou entorpece, segundo T. Sampaio, ou *poro* + *quer* = que faz dormir, adormece ou

- entorpece, segundo B. Caetano. Em Cardim *purá*, havendo ainda as variantes *puraquê* e *piraquê*.
- 187 “... *Y pupiapræ dicti*” (p. 134). À margem lê-se “*peixe-mulher aliis*”, = para outros peixe mulher. Segundo Batista Caetano, os elementos de ipupiara são Y = a água e *pypiara* = de dentro, do íntimo = o que é de dentro d’água, o que vive no fundo da água. Para T. Sampaio é corrupção de *Y pú-piara* = o que reside ou jaz na fonte; o que habita no fundo das águas. Todos os nossos cronistas – Gândavo, Gabriel Soares, Frei Vicente do Salvador, Cardim, Padre João Daniel, Simão de Vasconcelos – descrevem esse homem marinho, entidade lendária, que lembra a concepção das sereias, tritões, ondinas e mães-d’água. Em G. Soares lê-se *upupiara*, em Gândavo *hipupiara*, em Cardim *Igpupiara*, Frei Vicente do Salvador e S. de Vasconcelos só se referem o primeiro aos *homens-marinhos* e aos *peixes-homens* e *peixes-mulheres*. Cardim dá esta notícia: “Estes homens marinhos se chamam na língua Ipupiara; têm-lhe os naturais tão grande medo que só de cuidarem nele morrem muitos, e nenhum que o vê escapa; alguns morrerão já, e perguntando-lhes a causa, diziam que tinham visto este monstro; parecem-se com homens propriamente de boa estatura, mas têm os olhos muito encovados. As fêmeas parecem mulheres, têm cabelos compridos e são formosas; acham-se estes monstros nas barras dos rios doces. O modo que têm em matar é: abraçam-se com a pessoa tão fortemente beijando-a, e apertando-a consigo que a deixam toda feita em pedaços, ficando inteira ... e se levam alguns comem-lhes somente os olhos, narizes e pontas dos dedos... e assim os acham de ordinário pelas praias com estas cousas menos”. Fr. Vicente do Salvador e Magalhães de Gândavo contam a aparição de um desses monstros na Capitania de São Vicente, em 1564, havendo matado um mancebo de nome Baltasar Ferreira, filho do capitão.
- 188 *Sepia officinalis*, molusco cefalópode (*Dibranchiata*), que segrega uma substância insolúvel na água, cujo sedimento negro é conhecido nas artes sob o nome de sépia, tinta de escrever comum na China, Japão e Índia, e entre nós também designada por *nanquim*. Outro nome da siba é *choco*.
- 189 Molusco acetabulífero decápodo (*calmar communis* ou *loligo*). Produz como as sibas a tinta preta chamada sépia.
- 190 São as *urtigas-do-mar*, zoófitos acalefos, a que pertence a alforreca, ou alguns pólipos de que são representantes as *actínias* ou anêmonas-do-mar.
- 191 “Não faltam mexilhões nesta terra; servem aos naturais e portugueses de colheres e facas” (Cardim).
- 192 Gênero de moluscos acéfalos, de concha bivalve, família dos Pectinídeos. Vários gêneros desta família: *Pecten* (petúnculo), *Chamys*, *Amusium*, *Himites* e *Pedum*. O petúnculo ou pente lembra na forma um pente circular. Há várias espécies, sendo muito conhecida a *vieira*, *venera*, *penteola* ou concha dos romeiros (*Pecten Jacobaeus*) ou concha de S. Tiago.
- 193 *Copaíba*, segundo T. Sampaio, é corrupção de *cupa-yba* = a árvore de depósito ou que tem jazida, em alusão à propriedade que tem o tronco desta árvore de guardar, no seu interior, abundância de óleo balsâmico. Variantes: *copaiva*, *copaúva*, *cupai*, *cupaiba*. Em Cardim *cupaigba*, em G. Soares copiúba (*Copaifera officinalis*).
- 194 Variantes: *cabureúba*, *cabureúva*, *cabreúva*, *cabriúvas*. Corrupção de *caburé* = coruja + *yba* = árvore, isto é, árvore do caburé (*Myrocarpus frondosus*). A resina que estila da casca tem o nome de *cabureicica* “... dão-se alguns golpes na árvore e logo em continente estila um óleo branco que se coalha” (Cardim).

- 195 ICICAÍBA = *ygyca* + *yba*, isto é, a árvore da resina (T. Sampaio, segundo Marcgrav). É a almecegueira do Brasil (*Protium brasiliense*, Eng., família das burseráceas). Variantes: *icicariba* (Marcgrav e Basrléu), *igcigca* (Cardim), *icica*. Designa-se ainda com os nomes *elemieira*, *almecegueira do Brasil*, *yyci*, *ubiracica*, *buracica*, *biracica*.
- 196 ITAÍBA = *ita* + *iba*, a árvore de ferro, o pau-ferro (T. Sampaio). Variantes: *tagiba*, *itaíba*, *itaíba*, *Hymenaea*, planta leguminosa da América tropical, muito dura, exsudando uma resina do tronco e atingindo grandes dimensões.
- 197 Segundo T. Sampaio, é corruptela de *a-ndá*, o fruto rijo, a noz, a amêndoa dura. Chama-se também *purga dos paulistas*. É a *Joannesia princeps* de C. Veloso, euforbiácea, aparentada com a Jatropa. A casca dá um suco leitoso muito tóxico e usado, segundo dizem, para tontear peixes. As sementes são purgativas e fornecem o óleo de andá. Cardim se refere a esta árvore como formosa, de madeira útil para tudo e produtora de um óleo de que se servem os índios para pintarem o cabelo, curarem feridas e tingirem o corpo.
- 198 Teodoro Sampaio registra MUCETAYBA, nome indígena do pau-santo, leguminosa da subfamília das Caesalpináceas (*Zoolernia paraensis* de Huber). Cardim se refere a esta madeira: “Ha pao santo, de humas aguas brancas de que se fazem leitões muito rijos, e formosos”.
- 199 Gênero de árvores da ordem das Lauríneas, tribo das Perseáceas. *Ocotea opifera*.
- 200 A forma comum do vocábulo é ACAIACATINGA, composto de *acaiacá* + *tinga* = o cedro branco. Em S. Paulo altera-se para *caiatinga* (*Cedrela fissilis*), árvore comum da floresta tropical, família das meliáceas. Diz R. Garcia que na flora brasileira há 5 gêneros e 130 espécies de cedros.
- 201 ACAJU = *aça* + *yú* = o fruto amarelo, caju (*Anacardium occidentale* de Lineu, família das Anacardiáceas). Segundo R. Garcia, o nome acaju reserva-se hoje para a *Cedrela Guyanensis* (Meliácea), que vegeta no Amazonas. Todos os autores antigos que tratam do Brasil falam do caju, principalmente Simão de Vasconcelos. Barléu o descreve mais acima (p. 70) em poucas linhas.
- 202 JENIPAPO (*ianipaba* em Barléu e Cardim, *janipaba* em Marcgrav) significa, em tupi, segundo B. Caetano, fruto de esfregar ou que serve para pintar (*nbandi* + *pab* ou *jandipab*). Para T. Sampaio se decompõe em *yandi* + *ipab* = “fruto das extremidades que dá suco”. O termo *yandi* ou *nbandi* exprime suco, óleo, o que ressuma: e o final *ipab* é o composto de *ibá-pab*, contracto em *i-pab*, que se traduz – fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do jenipapeiro são tantos quantos as extremidades dos seus galhos. É o *Genipa americana* de Lineu (*Rubiácea*) – Dele falam Fr. Vicente do Salvador, Cardim, S. de Vasconcelos e Marcgrav.
- 203 “At ZABUCALES quae dicuntur, admodum excelsae... (p. 134). Em Gândavo *Zabucaes*, em Fr. Vic. do Salvador *Sasapocaias*, em G. Soares *Sabucái*, em Cardim *Jaçapucaya*. gênero *Lecythis*, tribo das Lecitidáceas (Mirtáceas). Segundo B. Caetano, o nome tupi compõe-se de *ya*, fruto de árvore, *eçá puçá i*, que tem saltamento do olho. Produz esta árvore sementes oleaginosas e comestíveis e boa madeira, principalmente para construções navais. Abrange 10 gêneros e cerca de 135 espécies, em regra pertencentes à América tropical. Assim descreve Cardim a sapucaia: “Esta arvore he das grandes e formosas desta terra; cria huma fructa como panela, do tamanho de huma grande bolla de grossura de dous dedos, com sua cobertura por cima, e dentro está cheia de humas castanhas como mirabulanos, e assi parece que são os mesmos da Índia. Quando estão já de vez se abre aquella sapadoura, e cae a fructa; se comem muita della verde, pella huma pessoa quantos cabellos tem em seu corpo; assadas é

- boa fructa. Das panellas usam para graes e são de dura; a madeira da arvore é muito rija, não apodrece, e he de estima para os eixos dos engenhos”. Mais desenvolvida é a descrição de Vasconcelos (II, 86).
- 204 O Beberibe.
- 205 Os holandeses, depois de tomarem Itamaracá (junho de 1633), trocaram o nome de Vila da Conceição, onde se havia fortificado o capitão Salvador Pinheiro, pelo de Vila de Schkoppe, por ter sido Sigismundo van Schkopper quem dirigira o ataque.
- 206 A ilha de Itamaracá é separada do continente por um canal estreito e profundo, cuja entrada setentrional é a barra de Catuamá, formada pelas pontas do Funil e Jaguaribe e dando serventia ao porto do mesmo nome. É defendida por um pequeno reduto. A barra do sul, mais apertada, porém, mais profunda, chama-se S. Cruz.
- 207 “*In portus aditu, ad montis pedem suggestus est lapideus, et marmore...*” (p. 137). No original holandês do relatório lê-se “*sijnde van hardtsteen opgemetsel*”. Ver L’H. Naber (p. 183).
- 208 Pequena peça de artilharia, que ordinariamente se carregava com balas de pedra em lugar das de ferro ou chumbo: “... do tiro de um pedreiro lhe levou toda a chusma de uma das bandas”. Damião de Góis, *Cr. de D. Manuel* (Apud. D. Vieira).
- 209 “... *dataeque infidem syngraphae fuere, quas postmodem aere redimerent*” (p. 138).
- 210 *Quibus certe copiis pares non eramus, utcunque, contracto et corraso undique milite, opposuissemus audaciam*” (p. 140).
- 211 “*Quantum aeris sit debiti, quantum in Officiales expensi, docent rationaria*”. Silberling verteu “*Officiales*” por “*Beampten und Bedienten*”, o que me pareceu razoável, porque o termo *oficiais* sozinho seria restrito.
- 212 Caco, ladrão que habitava nas grutas do Aventino, cuja soleira ele atapetava com os membros sangrentos de suas vítimas. Foi morto por Hércules, quando este, voltando da Espanha com os bois furtados a Gerion, chegou ao vale do Tibre. T. Lívio, I, 7 e Virgílio, *Eneida*, VIII, 194 e segs.
- 213 Este relatório de Van der Dussen, escrito a bordo da nau *Over Issel*, e com a data de 10 de dezembro de 1639, existe no Arquivo Real de Haia (Algemeen Rijks Archief West Ind. Comp., Oude Comp. maço 46, 130). S. L’Honoré Naber, em vez de trasladar o texto abreviado de Barléu, transcreve *in extenso* o dito relatório (p. 149).
- 214 MÂNIO ou MARCO CÚRIO DENTATO (1^a quartel do 3^o séc. a. C.). tribuno, cônsul, pretor e censor, exemplo das antigas virtudes romanas. Venceu Pirro em 275 e os samnitas e lucânios em 274.
- 215 CAIO LUSCINO FABRÍCIO, cônsul romano, que se celebrou pelo seu patriotismo e desinteresse, tendo sido um dos embaixadores enviados para tratar com Pirro em 280 a. C.
- 216 LÚCIO LICÍNIO LUCULO. O PÔNTICO (110 a 57 a. C.). Celebre general romano, vencedor de Mitridates e de Tigranes. Afamou-se pelo seu luxo e opulência, possuindo vilas de raro esplendor em Tusculum e Nápoles.
- 217 CNEU POMPEIO MAGNO (106 a 48 a. C.). General romano, rival de Júlio César. Tomou parte em várias campanhas, comandou outras, anexou a Síria e a Palestina, foi cônsul duas vezes, formou com Crasso e César o primeiro triunvirato, iniciou a guerra civil de 49 contra César, por quem foi derrotado em Farsália em 48 a. C.
- 218 MARCO CLÁUDIO MARCELO (268 a 208 a. C.). General e repúblico romano, cinco vezes cônsul, derrotou os gauleses, defendeu Nola contra Aníbal, tomou Siracusa, assumiu o comando contra o capitão cartaginês e morreu numa escaramuça perto de Venúcia.

- 219 Ou forte de Wardenburch.
- 220 É exata a observação de Barléu. Capibaribe, segundo T. Sampaio, é corruptela de *capibara-y-be*, o rio das capivaras.
- 221 “*Haec tunc otia placere à negotiis publicis fesso*” (p. 143). Há uma antítese expressa nas palavras *otia* e *negotiis*, que mantivemos na tradução.
- 222 O imperador Diocleciano, após a sua abdicação, retirou-se para Salona, na Dalmácia, onde se dava à cultura dos jardins.
- 223 Moeda de prata fabricada antigamente na Alemanha, Suécia, Dinamarca, Polônia, Flandres e Suíça. Chamavam-lhe em França o *escudo do Império* e, no século XVIII, avaliavam-no em 5 libras e 8 soldos torneses. Em Barléu “imperiales”.
- 224 É a seguinte a enumeração do texto: “*Adhaes ignotae terris nostris Papajae, Mammae, Ienepapae, Mangarae, Calabassiae, Acajusiae, Ovasiae, Palmae, Cerasi Brasilianae, Pyri Punicae, Aratucae, Sempervivae, Bacovae sive Bananes*” (p. 144).
- 225 *Mangarae* é certamente erro ou do autor ou do copista. Devia ler-se *mangabae*. De fato, está Barléu citando árvores, e não parece razoável incluir entre estas o *mangará*, designação de várias aráceas, plantas tuberosas, de tubérculos comestíveis (*Caladium*) (de *mã* + *cara* = o tubérculo ou raiz de montão, segundo T. Sampaio). A esta planta se refere Cardim: “Nesta terra há outros gêneros de frutas, como caraminhas pretas, e vermelhas, batatas, outras raízes que chamam mangará, outra que chamam cará...”. A árvore frutífera é a mangabeira (*Hancornia speciosa* de Gomes, família das apocíneas). Dela falou Cardim, Simão de Vasconcelos, G. Soares, Marcgrav e Piso. O fruto (e também a árvore) chama-se *mangaba*, corruptela de *mongaba*, o grude, o visco, segundo T. Sampaio. Em G. Soares *mangaba*, em Piso e Marcgrav *mangaíba* e *mangabiba*.
- 226 *Uvalheira*, árvore que dá a *ubaia*, *uwaia* ou *uvalba* (*Eugenia campestris* de Veloso, mirtácea). Corruptela de *ubá-aia*, o fruto azedo (T. Sampaio).
- 227 O que Barléu chama de cereja do Brasil (*Cerasi Brasilianae*) são as pitangas (*Eugenia uniflora*, mirtácea). Falando desta planta, escreve Vasconcelos: “Pitangueira, seus frutos são como ginjas de Portugal em gosto, e qualidade” (II, 85). A ginja é uma variedade de cereja (*Cerasus juliana*), de um vermelho mais escuro que esta e de sabor agridoce (Tupi-guarani – *pitanga* ou *piranga* = vermelho, rubro). Em Marcgrav (*Hist. Nat. L. IV, c. 24*) lê-se: “*Ibipitanga sive Cerasus Brasiliana*” (p. 187, ed. de 1648).
- 228 SEMPERVIVAE. Com esta denominação vaga quis Barléu indicar uma planta desconhecida na Europa ou pelo menos na Holanda. Tobias Silberling manteve o nome tal qual, e S. L’Honoré Naber verteu-o por “*semprevivum*” (p. 202). Mas *semprevivum*, gênero das crassuláceas, é uma erva de pequeno porte, comum nas regiões temperadas do Velho Mundo. As crassuláceas americanas em regra pertencem ao gênero *Sedum*, encontrando-se de preferência na parte ocidental do continente (E. Unidos, México, Peru, etc.). As espécies do gênero *Sedum* são plantas herbáceas, erectas ou decumbentes, de hastes e folhas carnosas e suculentas. Crescem em sítios quentes, secos e expostos. Levado provavelmente por imperfeitas e longínquas semelhanças entre as crassuláceas e as cactáceas, pois estas são também plantas carnosas, suculentas e tipicamente xerófilas, intentou Barléu exprimir, com a designação “*semperviva*”, alguma cactácea, talvez o *jamacaru* ou *mandacaru* (CEREUS JAMACARU, CEREUS TRIANGULARIS), cacto arborescente assaz conhecido, que dá um fruto comestível e apreciado. Na carta do Sergipe e na vista do Forte de Maurício que ilustram a obra de Barléu figuram representações de cactáceas, naturalmente como curiosidades da flora brasileira. Piso, Marcgrav e Simão de Vasconcelos tratam do jamacaru e da urumbeba. Parece,

- portanto, exata a identificação do termo “*semperviva*” empregado no texto latino com o jamacaru, o qual indubitavelmente havia de existir no parque ou no pomar de Maurício como vegetal curioso e útil.
- 229 A cidade de Colônia, na Prússia Renana, foi uma antiga colônia de veteranos romanos, que, em honra de Agripina, mulher de Germânico, se chamou *Colônia Claudia Augusta Agrippinensis* ou simplesmente *Agripina*, subentendendo-se o substantivo *Colônia*.
- 230 O Saona.
- 231 Refere-se o autor a Matias de Albuquerque Coelho, irmão do donatário de Pernambuco. Durante a 1ª invasão holandesa, foi nomeado governador-geral do Brasil para substituir D. Diogo de Mendonça.
- 232 Querendo os tebanos subjugar a Fócida, acusaram os foces perante a liga anfitriônica de se terem apossado de alguns terrenos pertencentes ao templo de Apolo e de os terem cultivado. O tribunal condenou-os a uma elevada multa, superior aos recursos do seu país pobre. Recusando-se eles a pagá-la, entregou-se aos tebanos a execução do castigo em que incorreram. Os foces então vingaram-se dos habitantes de Delfos, principais instigadores da sua condenação, atacando-lhes a cidade e impondo-lhes ônus e impostos excessivos. Depois apoderaram-se do célebre templo délfico e roubaram-lhe os tesouros, empregando-os na leva de considerável exército, com o qual resistiram dez anos aos seus inimigos e tomaram até algumas cidades da Beócia. Comandavam-nos dois bravos irmãos – Filomeno e Onomarco. Diante dos seus desastres, pediram os tebanos o socorro de Filipe de Macedônia, que os atendeu prontamente, feliz de encontrar este ensejo para intervir nos negócios da Hélade e dominá-la.
- 233 “*Nec tamen non, est homines sumus & pulchro afficimar, miserari urbis augustae vastationem poterant ipsi, qui vastabant; subrutis ex alto & deturbatis aedium sacrarum et profanarum, publicarum & privatarum fastigiis, quae Solis vespertini radiis, gratissimo adspectu, verberabantur*” (p. 147)
- 234 Pérgamo, nome de cidadela de Tróia.
- 235 Persépolis, uma das capitais do antigo império persa, a 35 milhas N. E. da atual Xiraz.
- 236 O trecho de Cícero a que alude o autor é este: “*Itaque aedificiis omnibus, publicis, privatis, sacris, profanis sic pepercit, quae ad ea defendenda cum exercitu, non expugnanda venisse*” (Cíc. *In Verr.*, de signis, LIV, p. 128). O trecho de Barléu reproduz quase as mesmas palavras: “*... quod aedificiis omnibus Syracusarum publicis & privatis, sacris & profanis sic pepercerit, quae ad ea defendenda cum exercitu, non expugnanda venisset*” (p. 148).
- 237 Vigésima parte de um florim.
- 238 “*Sublicia valide confibulata & festuci alté depacta, é Bibaraba fuere, ligni genus est, in aetates durable, putrescere nescium*”. Nenhum dos dois precedentes tradutores de Barléu procurou identificar o vocábulo, certamente adulterado, “*Bibaraba*”. Naber ainda se afastou mais da forma ocorrente no original: “*De vast verbonden en met beistellingen diep ingedreven palen kwamen van Biraba*” (p. 210). Não são conhecidas no Brasil, nem registradas nos léxicos especializados madeiras com tais nomes – *bibaraba* e *biraba*. Existe *ibabiraba* (*iba* = árvore + *pi-rab* = que fere a pele, cáustico, amargo), de que trata Marcgrav (L. IV, c. X). “*In confragoris nemoribus Brasiliae reperitur vasta arbor, quae gentilitio vocabulo Ibabiraba, corruptè a Lusitanis & Nostri Guabiraba appellatur: ligno oblíquo, multisque flexibus tortuoso, altissimo insuper atque durissimo; & contra putredimen optimo.*”
A *Flora Brasiliensis* de Martius (vol. XIV, I parte – *Myrtaceae*) ocupa-se, nas páginas 461, 462, 625 e 633, desta árvore, dando-lhe o nome científico de *Britos triflora* Berg, gênero intermediário entre *Psidium* e *Campomanesia*.

- 239 *Baias*, porto de mar da Campânia (Itália), no golfo de Pozzuoli, ao oeste de Nápoles e próximo do cabo Miseno. Era uma deleitosa estação de águas, de grande luxo e célebre pelas suas vilas, pertencentes a muitos romanos eminentes. Era famosa a vila de Luculo em Tusculum, cidade do Lácio, situada nos Montes Albanos a 13 milhas S. E. da moderna Frascati. Tinha aí também Cícero uma quinta, que deu nome a sua obra filosófica as *Tusculanas*.
- 240 “... & temperatae zōnae, qua vixerat, intemperiem aversabatur”. Parece haver aí jogo de vocábulo entre *temperatae* e *intemperiem*.
- 241 Coridon, nome de pastor (Virg. *Ecl.* II e VII). Filis, nome de pastora (Virg. *Ecl.* III, v. 76, 78 e 107, V. v. 10 e VII, 59 e 63). Coridon é também um dos pastores de Teócrito (p. ex. nos *Idílios* 4, 1).
- 242 Forte de Santo Antônio do Norte na Paraíba. Veja-se a pág. 154 deste livro.
- 243 “... in expugnandis Povacaonae & Siarae Arcibus” (p. 153). *Povacaona* é a latinização da palavra Povoação, que ocorre também nas páginas 37 e 41 do texto original: “*arcem Povacaonam, provinciae caput...*”. À margem lê-se: “*Arcem Portus Calvi Povacaonam obsidet*”. O autor tomou um nome apelativo por próprio fazendo-o sinônimo deste, isto é, *Porto Calvo*.
- 244 Ditador romano, cognominado o contemporizador (*Cunctator*), por evitar vir às mãos com Aníbal, depois da batalha de Trasimeno (217 a. C.), com o que afastou novos desbarates. Após a derrota de Canas, juntamente com Semprônio e Cláudio Marcelo, salvou Roma da extrema ruína, obrigando Aníbal à defensiva.
- 245 Refere-se às leis *Semprônia* e *Clódia*, feitas votar respectivamente pelos tribunos da plebe Caio Graco (631 de Roma) e por Clódio, rival de Milão (696 de Roma). Pela primeira se faziam distribuições regulares de trigo, por preço baixo, ao povo, as quais se tornaram, pela segunda daquelas leis, gratuitas para a plebe romana. Para isso havia em Roma grandes celeiros (*Horrea Semprônia*, *Horrea Galbae*). Augusto chamou a si e intendência do abastecimento (*cura annonae*), mas depois confiou-a a um *praefectus annonae*, que, em algumas províncias, era representado pelos *adjutores* ou *curatores annonae*. De Aureliano em diante, em vez de trigo, repartia-se pão. No Baixo Império, o abastecimento de Roma foi assegurado pelo *canon frumentarius*, obrigando as províncias produtoras a determinado fornecimento de trigo.
- 246 Povoação no extremo norte da ilha de Tinharé, ao sul da baía de Todos os Santos.
- 247 A “Invencible Armada”, como orgulhosamente se chamava (1588), contava 129 ou mais vasos, 19.295 soldados e 8.460 marinheiros.
- 248 *praeter eas, quae Regis rigidioris jussu militabant*” (p. 160). Na tradução de T. Silberling: “... *ohne die jenigen welche der kónig selbst hatte pressen lassen*” (p. 458).
- 249 Segundo o testemunho de Pr. Rafael de Jesus, Nassau comprara espiões na Bahia: “Tinha o Conde de Nassau comprado espías em aquela Praça (além dos cristãos-novos, que nela habitavam, que o são em todas) por cuja negociação sabia o menor intento da nossa gente.” Trata aí o cronista da detença da armada espanhola na Bahia. *Castrioto Lusit.*, L. III, pág. 156 da edição de 1679.
- 250 Para a descrição das batalhas navais entre holandeses e luso-espanhóis serviu-se Barléu de uma peça oficial intitulada: “*Cort en waeraghtigh verhael van de comst em vertreck van de maghtighe Spaensche vloot in Brasil etc.*”, door P. van der Maersche. Há cópia desse documento no Arquivo Real de Haia (Algemeen, Rijkarchief) Comp. das Índias Ocid., antiga Comp. maço 55. Naber, em vez de traduzir Barléu nessa parte, transcreve a narração de van der Maersche.

- 251 “Idem sunt, quorum classes, aspectantibus omnibus Sanctis, in ipso Sinu olim exussere gens vestra” (p. 164). Parece haver neste rodeio um tom irônico, pois seria mais natural dizer o autor “na própria baía de Todos os Santos”. Na tradução alemã: “*vor den Augen aller heiligen in der Baya*” (p. 408).
- 252 “... *qui simul ac in navem cui a Fama nomen erat & insigne, transiit, transit quoque in Famae voces*” (p. 165). Note-se o trocadilho muito no gosto da época.
- 253 *Geele Son* em holandês.
- 254 O rio *Cunhaú*, que a princípio se chama Curimataú, nasce na Paraíba, num contraforte da Borborema, município de Campina Grande e penetra no Rio Grande do Norte, desaguando no Oceano, na Barra do Cunhaú, a 6°19'36" de lat. meridional.
As águas do mar, por influência das marés, penetram rio acima cerca de 20 km., permitindo que cheguem até Canguaretama as embarcações de pequeno calado.
- 255 No texto, à pág. 170, *Baixios de Rochas*. São os *Baixios de São Roque*, fronteiros à costa do Rio Grande do Norte, que se estendem do cabo de São Roque ao cabo do Calcanhar e são constituídos por uma série de rochedos ao longo do litoral, chamados Maracajaú, Cacaú e Sioba. Formam um canal com uma saída para o N. e outra para o S., denominado Canal de S. Roque nas cartas do Almirantado Inglês (Nota de Naber à pág. 228 da tradução holandesa.)
- 256 Veja-se a nota 250.
- 257 Ilha do Mar das Antilhas, pertencente às ilhas de Sotavento e ao norte da Venezuela.
- 258 Nas *Epanáforas de Vária História Portuguesa*, de D. Francisco Manuel de Melo, dá este insigne escritor minuciosa descrição da Batalha das Dunas, sob o título “Conflito do Canal.” Também dela tratou Barléu num discurso em latim no Athenaeum Illustre de Amsterdam a 13 de novembro de 1639.
- 259 “... *cui licet in prima coitione dejecta essent mali summa, ut decussis thoracis & dolonibus maris arbitrio jactaretur*” (p. 175). Achamos bastante dificuldade para verter com rigor o termo náutico *thoracium*, que não é abonado por nenhum autor clássico latino, sendo até omitido em alguns léxicos usuais. O *Lexicon totius latinitatis* (Facciolatti e Forcellini) ensina: “In re nautica esse id quod Italice *cassa delle pulegge* dicitur, tradir cl. Guglielmotti, *Di due nave Romane*, etc., sed nullo classicae Latinitatis auctore laudato”. “*Cassa delle pulegge*” seria “caixa dos moitões”, o que ao caso não convém. Sendo vocábulo de origem grega, encontramos no *Dictionnaire Grec-Français* de Bailly acepção mais adequada ao texto, a saber: *θωράκιον* sorte de rempart ou de parapet sur la hune d’un navire, formant une cage ou étaient postés de hommes armés de traits (Asclépiades, *Astbénée*, 475 a). Esta significação do vocábulo justifica, pois, a versão dele por “cesto da gávea”. Quanto a *dolon*, também derivado do grego, é, segundo o citado *Lexicon totius latinitatis*: “In navi est minus velum, fortasse quod nunc Itali *Trinchetto* appellant, et fortasse quod *artemon* dicitur”. Vê-se que é hesitante a definição, podendo trasladar-se a palavra por *traquete* e por *artimão*. O mesmo léxico, verb. *Artemo, onis*, ensina: “Est velum quoddam in navi, ab + *ἀρταυαί* *appendor, suppendor*; sed quale illud sit, non satis inter eruditos constat. *Baysius, de re navali*, p. 121, putat esse velum majus, quod etiam Itali vocant *artimone*, ut est in *Lexico Academicorum della Crusca. At Scheffer, de milit.*, nav. 51.2 secutus Isid. 19, Orig. 3, tradit esse velum parvum, quod in summitate mali supra majus velum appenditur, et dirigendae potius navis causa, quam agendae adhibetur. Atque haec videtur esse Vera significatio hujus vocis: cui argumento sunt etiam ea quae ibidem Labeo (*Digesto*, 50, 15, 242) addit.” No já mencionado dicionário de Bailly, se lê: *Δόλων, ωνος* (ó), petit hunier, la plus petite voile fixée à l’avant d’un navire, Poll., 1.91. Ora “petit hunier” é velacho; portanto, trata-se do mastro de proa. Mas, derribado o topo desse mastro (*mali summa*) e arrancando o cesto da gávea,

forçosamente haviam de ruir também os mastaréis do velacho e do joanete com as respectivas vergas e velas e, por isso, vertemos *dolones* por velacho e joanete. Na tradução de T. Silberling vem: “Denn ob ihm wohl im ersten Angriff der Mastbaum sambt unterschiedenen andern Segelstangen (vêrga, antena, mastro em Michaelis; *vergue, antenne* em Thibaut) abgeschossen war... (p. 499). De Silberling pouco difere S. L'Honoré Naber, que verteu: “... hem bij eersten aanval de STENGEN waren afgeschoten ...” (p. 235).

- 260 “Outros dois brulotes navegaram por sua esteira contra a *Teresa*, que com igual sorte da *Real*, se apartou deles; porém, como fizesse seu caminho sempre junto de Oquendo, sucedeu que os mesmos três brulotes que investiram a *Real* caíram sobre ela... Ardeu enfim a *Teresa*, sendo já morto seu General Dom Lopo de Osis, e pereceram nela mais de seiscentos homens portugueses e castelhanos” (D. Francisco Manuel de Melo, *Epanaphora Bellica* IV, Conflito do Canal).
- 261 “*Vidalinus... homo audax, callidus & prout animum intendisset, pravus aut industrius*” (p. 183). Esta frase é quase cópia destoutra de Tácito (*Histórias*, I, 48): “*Mox Galbae amicitia in abruptus (Vinius) audax, callidus, promptus, et, prout animus intendisset, pravus aut industrius*”.
- 262 Este trecho de Barléu reproduz em parte a doutrina das *Institutas* de Justiniano (L. I, tit. III, *De jure personarum*) e a do *Digesto* (L. I, tit. V, *De statu hominum*, frags. IV e V). “*Servitus autem est constitutio iuris gentium, qua quis dominio alieno contra naturam subiicitur. Servi autem ex eo appellati sunt, quod imperatores captivos vendere ac per hoc servare, nec occidere solent... Servi autem aut nascuntur, aut fiunt. Nascuntur ex ancillis nostris; fiunt aut iure gentium, id est, ex captivitate, aut iure civili...*”. No mesmo sentido o citado trecho do *Digesto*. Cf. também *Dig.* I, I, 4: “... ut pote cum iure naturali omnes liberi nascerentur” (Ulpiano).
- 263 “Segundo Gaio, o senhor tem direito de vida e de morte sobre o escravo.” Nas *Inst.* de Justiniano (I, VIII, de his qui sui vel alieni iuris sunt), reproduz-se o mesmo pensamento: “*In potestate itaque dominorum sunt servi ... apud omnes peraeque gentes animavertere possumus dominis in servos vitae necisque potestatem fuisse*”.
- 264 A lei Petrônia (*Dig.* XLVIII, 8, 12 e 12), sob Augusto, proíbe ao senhor condenar por autoridade própria o escravo às feras (*ad bestias depugnandas*). Adriano desterrou uma dama romana por maltratar cruelmente seus escravos por motivos fúteis (*Dig.* I, VI, 2 *in fine*). Antonino Pio sujeita a igual pena tanto o que mata sem motivo o próprio escravo como o que mata o de outrem (*Dig.* I, VI, 1: “... *ex constitutione divi Antonini, qui sine causa servum suum occiderit non minus puniri jubetur, quam qui alienum servum occiderit*”). Uma segunda constituição do mesmo imperador reprime a maior aspereza dos senhores (*Sed et major asperitas dominorum eiusdem principis constitutione coeretur* – *Dig.* I, VI, De his ... 1 *in fine*).
- 265 Por exemplo, S. Paulo (*Epístola aos Efésios*, VI, 5-9; *Epíst. aos Colossenses*, III, 22 e 23 e *Epístola a Tito*, II, 9-10) e S. Pedro (*Epíst.* I, II, 18 e seguintes).
- 266 Refere-se talvez Barléu aos servos da gleba que surgiram no regime feudal, conquanto a sua condição seja muito mais favorável que a dos escravos da Antiguidade. Entretanto, ainda algum tempo, nos princípios da Idade Média, podiam escravizar-se os prisioneiros de guerra, o que caiu em desuso sob o influxo das idéias cristãs.
- 267 “Os outros escravos não são, como entre nós, classificados e ligados aos diferentes serviços domésticos. Cada um tem a sua casa, os seus penates, que governa a seu alvedrio. Impõe-lhes o senhor certa contribuição de trigo, gado e roupa, como faz a seus colonos, e nisto só consiste a sua servidão. Os trabalhos caseiros são feitos pela mulher

- e os filhos. É raro açoitarem um escravo, porem-no a ferros ou forçarem-no a um trabalho. Soem matá-los, não por espírito de disciplina ou de severidade, mas num ímpeto de ira, como se mata um inimigo, com a diferença de o fazerem impunemente. Os libertos não estão muito acima dos escravos. Raro gozam de influência na casa e nunca o logram no Estado” (Tácito, *Germânia*, c. XXV).
- 268 Alude aos sequazes da Reforma.
- 269 Diretores ou comissários das províncias e territórios.
- 270 Sobre a punição infligida por Nassau aos seus comandantes covardes, cf. Fr. Rafael de Jesus, *Castr. Lusit.* L. III, nº 145, pág. 158 da edição de 1679.
- 271 O texto em holandês era o seguinte: “God Sloeg’s vianda hoogmoed den 12, 13, 14 e 17 Januarii 1640. No anverso via-se o busto de Nassau circundado por esta legenda: “Johan Maurits Graef van Nassau General van Brasil”. No reverso representavam-se as duas armadas holandesas e espanhola com a inscrição supra citada. Veja-se Van Loon, *Ned. historienpenningen*.
- 272 “Acciti è navibus in terram milites & navalium sociorum ducenti quinquaginta, Duce Iacobo Alardo” (p. 187). O tradutor alemão enganou-se, dizendo que se retiraram da frota 1.200 soldados e marinheiros: “Aus der Flotte wurden 1.200 Soldaten und Matrosen, unter dem Capitain Jacob Alard, ans Land gebracht” (p. 528). L’Hon. Naber retificou o erro de Silberling: “Uit de schepen zijn 250 man soldaten en matrosen gerequireerd” (p. 248).
- 273 Nome vagamente aplicado à costa setentrional da América do Sul, da foz do Orenoco para oeste, abrangendo muitas vezes o Panamá, a América Central e as terras continentais ribeirinhas do Mar das Antilhas para distingui-las das ilhas.
- 274 No hemisfério do norte.
- 275 No texto “Insula Tapesiqua” (p. 190).
- 276 “Vim omnem ab aris et facis unanimes arcerent” (p. 193). São freqüentes nos autores as fórmulas “*arae et foci, arae atque foci, arae foci e arae focique*, significando o altar doméstico e a casa, os deuses penates, tutelares desta, e por extensão, a religião e o lar doméstico, a religião e a pátria: “*Est mihi tecum pro aris ac focus certamen et pro deorum templis atque delubris*”. Cíc. *De Nat. Deor.*, III, 40.
- 277 1640.
- 278 “... *apponam Eclipsis hujus faciem, pro temporum momentis aliam, prout illam ad Astrologicam accuratorem delineavit Matheseos peritissimus G. Marckgravius, Comiti in Bárbaro Orbe ab his studiis*” (p. 198). Conquanto Marckgrav seja conhecido principalmente como naturalista, este passo de Barléu aponta-o claramente como astrólogo.
- 279 Há sobre esta expedição um relatório de P. Mortamer, datado de 29 de junho de 1643 e existente no Arquivo Real de Haia (W. I, C., Oude Comp., maço nº 46).
- 280 “*cujus flumen Congo, olim Zaída, centum à Loanda leucis sive miliaribus Hispanicis abit*” (p. 206). *Zaire* e não *Zaída*, é um dos nomes do grande rio da África central. O nome indígena é *Nzadi* ou *Nzari*, que os portugueses transformaram em *Zaire*.
- 281 É engano dar a légua como equivalente da milha espanhola. Em geral, a légua espanhola e a portuguesa eram quase o triplo da milha. Mas, no curso da sua obra, Barléu em geral emprega *miliare* como sinônimo de *leuca*, légua.
- 282 No texto se diz *Pavaosa*: “*ad urbem cui Pavaosa nomen progressi*”. Nenhuma localidade existe na ilha de S. Tomé com semelhante denominação. O autor alatinou mal o nome “*Povoação*”, que é o adotado pelo tradutor holandês S. P. L’Honoré Naber, a p. 272, onde se lê: “*Voorgetrokken naar de stad Povoação...*”. a capital da Ilha de S. Tomé tem o mesmo

- nome e está situada em frente da baía de Ana Chaves. Nas duas pontas que formam esta levanta-se, de um lado, a fortaleza de S. Sebastião, e, do outro, o reduto de S. José.
- 283 Antiga divindade itálica do prazer (cf. *libere* e *lubere*, prazer, agradar, *libentia*, *ae*, alegria, prazer). Era um dos epítetos de Vênus – *Venus Libitina* ou *Libentina* ou simplesmente *Libitina*, deusa do prazer e também dos jardins e vinhedos. Por uma aproximação de conceitos antitéticos, tão comuns nos cultos antigos, tornou-se a deusa dos mortos e dos funerais, confundindo-se com Prosérpina. No seu templo se guardavam todos os aprestos para os funerais. *Libitina* passou a significar a própria morte, como nos conhecidos versos de Horácio: Non omnis moriar multaque pars mei / Vitabit Libitinam (*Odes*, III, 23, 6-7). *Libitinarius* era o empresário fúnebre em Roma, e *porta libitinensis* nos anfiteatros era aquela por onde saíam os mortos. A raiz sânscrita *lubh* significa “ser dominado de paixão, desejo” (cf. o latim *libido* e *libitum*) e se encontra no gótico *liubs*, caro, em alemão *lieben*, amar, e no inglês *love*, amar. (Veja-se Bréal-Bailly. *Diction. Etym. Latin*, ps. 161-162.
- 284 “... *uti in insolitis fieri assolet*” (p. 210). Emprego intencional de dois cognatos antônimos: *insolitis* e *assolet*.
- 285 Morbônia, palavra formada de *morbus*. Usava-se na linguagem popular na frase “*abire morboniam juberè*”, correspondente a “mandar para os diabos”, “mandar para as profundas dos infernos”. Morbônia significa, pois, “lugar cheio de doenças e de males”. Na vida de Vespasiano (c. XIV), conta Suetônio que, durante o reinado de Nero, quando era a corte interdita ao futuro imperador, perguntando ele a certo oficial do serviço de recepção que devia fazer, mostrou-lhe este a porta da rua e mandou-o passear: “*quaerentemque quidnam ageret aut quo abiret, quidam ex officio admissionis simul expellens ABIRE MORBONIAM JUSSIT*”. Barléu toma a palavra como nome próprio, querendo dizer “reino da Doença”: “*hinc ipsum Morboniae regnum amari*”.
- 286 “*In Thomitana Urbs Pavaosa ad florrentem jacet...*” (p. 212). *Pavaosa* é *Povoação*. Veja-se a nota 282.
- 287 Sluis ou l’Écluse, cidade fortificada da província de Zelândia (Holanda), junto ao golfo de Zwyn e do canal que a liga a Bruges. Quando o mar chegava até ela, gozava de importância. Tem magníficos diques, hoje sem utilidade quase. Célebre pela batalha naval de 1340, na Guerra dos Cem Anos, entre a frota inglesa e a francesa, saindo vitorioso o almirante inglês Robert Morley.
- 288 Em Barléu: *Mongongaopa*.
- 289 No texto: “*Hinc ad fluvium Tenbaham profecti*” (p. 214). Será o mesmo que Sanhauá? O tradutor holandês, reportando-se à carta da Paraíba que figura nesta obra, verte-o por Iuna: “... vandaar naar den Rio Juna” (p. 279).
- 290 No texto: *inde in Pacatonuam venerè*” (p. 214). A tradução holandesa identifica acertadamente este nome com *Pacatiba* (veja-se a carta).
- 291 “*Hac manu ad fluvium Wartam medio die consederè*” (p. 215). *Wartam* é o *Guarataí* (ver a carta).
- 292 A tradução holandesa dá para correspondente deste rio (*Poesapaiba*) rio das Pedras: “Hier, aan de rivier Rio das Pedras, kommen booman voor, groot en vuikig op de manier van een vat...” (p. 280).
- 293 Estas árvores, vulgarmente conhecidas por barrigudas do sertão e embiratanhas, são características da caatinga. Delas trata Felipe van Luetzelburg (*Estudo Botânico do Nordeste*, I, 48): “A vegetação (em Porto Azul, às margens do rio das Fêmeas) em geral tomava novamente o caráter típico dos agrestes e onde se mesclavam continuamente barrigudas, que exatamente nestas paragens, formavam matas gigantescas, expandindo-se tanto nas baixadas como nas elevações. Encontramos entre elas exemplares enormes, superiores a 20 metros

- de altura, com um diâmetro de 4 metros, e isto de ambas as espécies: da *Chorisia* e da *Cavanillesia*, respectivamente a barriguda espinhenta e a barriguda lisa.” Pertencem às Malváceas (Bombáceas) e até agora se conhecem três espécies: a *barriguda de espinho* (CHORISIA VENTRICOSA de Nees e Mart., CHORISIA CRISPIFLORA H. B. K), a *barriguda lisa* (CAVANILLESIA ARBOREA K. Schumenn), e uma terceira espécie ainda mal determinada, que Zehntner encontrou no sul da Bahia. A barriguda de espinho tem o tronco entumecido no meio, com uma circunferência que atinge o triplo da base, dando-lhe uma conformação tonelar (Veja-se o autor supracitado, págs. 74) e também A. J. de Sampaio, *Fitogeografia do Brasil*, p. 106).
- 294 No texto latino: “*superato flumine Karnubú*” (p. 215). É o rio *Carambi*, o qual se vê na carta.
- 295 Em Barléu: *fluvium Schivaubuch attigere* (p. 216).
- 296 ... *in planitiem Araruquajam* (p. 216).
- 297 No texto latino *Arrassaobob* (p. 216). Na carta *Araçai*.
- 298 No texto: “*ad fluvium progressi Tambabujam*” (p. 218). Na carta: *Tambaariy*.
- 299 No texto: “*Capariguaba dicebatur*” (p. 218).
- 300 “... *referebant barbari oppidum hic fuisse Arazembeam*” ... (p. 218). Na carta *Ararembé*.
- 301 “*Erant hac ipsa quam ductabat Herckmannus turba hujus principis filii duo, e primaribus Masiurebae & Gargaovae*” (p. 218). Masurepe era um engenho em Pernambuco pertencente aos beneditinos (Veja-se *Castrito Lusitano*, P. I., L. III, 77, edição de 1679). Gargaú (no texto Gargaova, que L’Honoré Naber, tradutor holandês conservou) era o nome de um rio, de uma terra e de um engenho, passando este depois a chamar-se La Rasière, por causa do seu comprador, Isaac La Rasière, mercador de Amsterdã “ao norte da extremidade ocidental dessa ilha de S. Bento entra o rio Gargaú, e prolonga-se para o noroeste e um pouco para o ocidente, procurando a terra de Gargaú, onde fica um engenho de fazer açúcar que outrora se chamava Gargaú e que agora tem o nome de La Rasière, por se chamar assim o seu possuidor que o comprou. Para o norte e sobre os montes do mesmo engenho se acha a aldeia de índios também chamada Gargaú, da qual esse distrito e o rio tomaram o nome. *Gargaú* é uma palavra brasílica, pela qual designam uma espécie de peixe que os portugueses chamam *peixe-boi* (apanham-se muito nesse rio); pois *garga* é o nome do referido peixe e *ú* é água, que quer dizer: *água do peixe-boi*”. *Descrição da Paraíba* por Elias Herckman, tradução do Dr. José Higinio Pereira na *Rev. do Inst. Arqueológico e Geogr. de Pernambuco*, tomo V, nº 32 (outubro 1886, p. 242).
- 302 “... *non Tapujarum hunc pagum, sed Tapiviorum*” (p. 221). Em Cardim há referência aos *tapu-uis*, vizinhos dos *jacurujus* e falando a mesma língua. Ou serão os *tupijós* de Cardim, que vivem em casas e têm roças. Barléu de ordinário altera de tal forma as palavras que é difícil, às vezes, a identificação. Na carta – TAPÜY. Em Purchas TAPECUIN.
- 303 Na carta STEENEM-KEERBERG.
- 304 “... *donec ad Confluentes fluvios Arassoam & Marigniam perventum*” (p. 222). O tradutor holandês (p. 288) identifica *Arassoam* com *Maracujai* e *Marigniam* com *rio Canafistula*, reportando-se ao mapa.
- 305 É sem dúvida o rio que denominaram Canafistula e que figura na carta da Paraíba.
- 306 Antigo nome da atual cidade de Alcântara.
- 307 No texto figuram com os nomes de *Mounim*, *Taboucaerou* e *Miarii*.
- 308 “*Ex radicibus MANIOT farra conficiunt, quibus victitant*” (p. 225).
- 309 Barléu chama a essa águia OVYZA-OVASSOU. Trata-se por certo do UIRAÇU (*Thrasyaetus barpya* Lin.), a maior águia da América segundo Rodolfo von Ihering, que assim a descreve:

“Evidentemente a majestosa Harpia (*Thrasyaetus harpya*) não se pode contentar com pouca cousa, e assim a sua caça consiste em vários mamíferos de certo porte. Com as asas estendidas mede 2 metros; as garras, aduncas, são formidáveis, e sua força, bem se pode imaginar, é extraordinária” (*Da vida dos nossos animais*, p. 81, edição de Rotermund & Cia., S. Leopoldo, 1934). Conforme o testemunho dos drs. Artur Neiva e Belisário Pena (*Viagem Científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí e de Norte a Sul de Goiás*, Rio, Manguinhos – 1918), esse belo falconídeo, chamado vulgarmente *gavião de penacho* e *gavião-real*, chega a atacar bezerras “minjolos”, que às vezes vêm a morrer dos ferimentos recebidos. Sua presa ordinária são veadinhos novos, mutuns, seriemas e tatus, e costuma acometer até crianças, como relataram aqueles cientistas. Para o citado Dr. Rodolfo von Ihering é a maior águia da América, e o Dr. Artur Neiva (*Esboço Histórico sobre a Botânica e a Zoologia no Brasil*, S. Paulo, 1929, p. 129), informa que no Jardim Zoológico de Nova York há uma secção especial destinada exclusivamente aos rapineiros do mundo inteiro, grupados sob a denominação geral de águias. Entre eles figura, em gaiola distinta, o nosso *gavião real* ou *uirá-açu* dos indígenas, com um cartaz chamando atenção do público para “*uma das mais belas águias conhecidas pelo tamanho, força e beleza*”. Há também um trabalho do Conselheiro Burlamaqui sobre ornitologia brasileira, publicado em 1858, no qual trata ele deste rapáceo sob o nome de *Falco destructor*. A ele também se refere Gabriel Soares (cap. LXXVIII, p. 206), dando-lhe a designação de *caburé-açu*. “A águia a que o gentio chama *caburé-açu* é tamanho como as águias de Espanha, tem o corpo pardaço e as asas pretas, tem o bico revoltado, as pernas compridas, as unhas grandes e muito voltadas, de que fazem apitos; criam em montes altos, onde fazem seus ninhos e põem dois ovos somente, e sustentam os filhos de caça que toma, de que se mantêm.” O que este autor chama de *Uraoaçu* é uma espécie de milhafre, talvez o urubú comum (Cap. LXXXV, p. 213, edição de 1879). A formação da palavra, segundo Rodolfo Garcia, é *uirá*, alt. *guirá* = pássaro + *açu* = grande (*Nomes de Aves em Língua Tupi*, pág. 51). Aplica-se também este nome ao *urubu-rei* (*Gypagus papa*) e ao *Morphus Gnainensis*. O habitat do *gavião-real* estende-se, segundo Dabbene, desde Salta e Missões até o México.

- 310 *Boietê* (no texto *Boyetem*) significa em tupi “a cobra verdadeira” (*mboy*, cobra + *eté*, verdadeira, legítima). O outro nome indígena é *boicininga*, a cobra ressoante (*Crotalus terrificus*).
- 311 O estreito de Lemaire, que comunica o Atlântico com o Pacífico, está entre a terra do Fogo e a Ilha dos Estados e tem 20 km de extensão. Foi descoberto em 1615 pelo navegador holandês Lemaire.
- 312 1641.
- 313 Miguel de Vasconcelos, que a 1º de dezembro de 1640, foi lançado de uma das sacadas do Paço à rua.
- 314 “*E documento Principibus fuit, pessimum diuturnitatis magistrum esse metum*” (p. 229), adaptação da conhecida frase de Cícero: “*Timor non diuturnus magister officii*” (Cíc. 2, Phil., 36, 90).
- 315 D. Matilde de Bolonha, primeira mulher de Afonso II de Portugal, que ele repudiou para casar-se com Beatriz de Gusmão, filha bastarda do rei de Castela, Afonso X (Veja-se *Crônica de Afonso III*, de Rui de Pina, cap. II).
- 316 Eram ambos seus sobrinhos.
- 317 Este D. João de Bragança, avô de D. João IV, era casado com D. Catarina, filha de D. Duarte, que era irmão do cardeal D. Henrique. O filho deste casal era D. Teodósio, duque de Bragança, de quem nasceu o rei da Restauração de 1640. Este desposou D. Luísa de Gusmão, da qual nasceu o príncipe D. Teodósio.
- 318 De posse ou domínio.

- 319 D. Jorge de Mascarenhas, voltando para Portugal, foi nomeado vedor da fazenda real e membro do Conselho Ultramarino.
- 320 Filho de Hélios (o Sol) e Climene, obteve permissão do pai para guiar-lhe o carro, mas os cavalos divinos dispararam, e o carro incendiou o céu e a terra (Veja-se Ovídio, *Metam*, II, 1-530).
- 321 Marcgrav (*De Regionibus & Indigenis Brasiliae, & Chili Ejusdem Continentis*, L. I, c. I, p. 5, Elzevir, 1648) dá uma descrição dos Palmares, que parece ter sido a fonte de Barléu. Nela há referência ao rio *Gungohubi*, *Mondaí*, e à serra *Bebé*.
- 322 Os títulos de conde e de duque foram outorgados aos principais da terra pelos portugueses. O primeiro assim favorecido foi o soba do Sonho em 1490.
- 323 “As hordas tapuias que obedeciam a Jandovi eram chamadas Tarariprek pelos vizinhos, e olhavam como sua uma extensão de terras banhadas por cinco rios. O primeiro destes, conhecido por dois nomes, Warangi e Ociunou, diziam alguns que ficava a cinco dias de jornada do Potengi, indo mulheres e crianças no farrancho, outros que a dez. O Quoauguho corria a um dia de jornada mais para lá, e o Ocioru. Nenhum destes nomes se pode já reconhecer. A pouco menos de dois dias mais adiante ficava o Upanema, ainda assim chamado, e meio dia além de Woroiguh. Todos esses rios se inculcavam consideráveis” (*História do Brasil*, de Roberto Southey, vol. II., ps. 257-258, Rio, 1862).
- Em nota ao pé da página, diz Fernandes Pinheiro: “De tal modo se acham desfigurados estes nomes que difícil é achar os seus correspondentes nas nossas crônicas.”
- O Quoauguho talvez seja o Guaju, que figura na carta da Paraíba e do Rio Grande com o nome de Guajéi.
- “Salvo supondo que o Ociunou e o Ocioro, por um engano possível, trocassem na lista a sua ordem natural, caso em que o segundo bem poderia ser o mesmo que o Ceará-Mirim” (Nota embaixo da página 257, vol. II, da *História do Brasil* de Southey, tradução citada, Rio, 1862).
- 324 Denomina-se hoje Apodi (Nota de Fernandes Pinheiro, na mesma obra).
- 325 “... *nuces terrestres in commune conferunt*” (p. 251). Em Silberling: “*Die junger Weber... bringen Erdnüssde ...*” (p. 697).
- 326 Eram consagrados ao culto de Marte em Roma, ao menos os *Salii Palatini*, cujo colégio, segundo a tradição, foi estabelecido por Numa. Não era um sacerdócio exclusivamente romano, pois se encontra em outras cidades itálicas. Em Roma perduram até o 4º século depois de Cristo. Seu nome deriva do verbo *salire*, porque executavam em armas uma dança em honra do deus, de que era parte importante o baterem as lanças nos escudos sagrados (*ancilia*).
- 327 “*Ergo septae pudicitia agunt, nullis conviviorum irribationibus corrupte*” (Tácito, *Germânico*, XIX).
- 328 “... *dein & se, & juvenulam Tabaci fumo afflat: denoque pene juvenulae pudenda ferit, si autem sanguinem eliciat, hunc delingit, atque hoc imprimis honorificum putant*” (“De Tapuiarum moribus, & consuetudinibus, e relatione Jacobi Rabbi... etc.”, apud Marcgrav, *Tractatus Topographicus ... Brasiliae*, c. XII, p. 25). Barléu procurou velar o realismo do cronista em que se informou, como se vê do trecho aqui transcrito.
- 329 A esses objetos sagrados se refere também Marcgrav no citado *Tractatus Topographicus* (c. XII, p. 25, edição de 1648): “*Regulus Janduy habet in medio tabernaculi sui ingentem cucurbitam, super stoream ita depositam... in illa sunt lapides quidam, quos illi appellant Kebuterab, & fructus quidam, ipsis Tifzbeinos, quos majoris faciant quam aurum*”. Isto é afirmado por Jacó Rabi na sua relação, que foi sem dúvida, a fonte onde se abeberou Barléu. “Dans cette courge il n’y

-
- a autre chose que des pierres dites *Keuturah*, des fruicts *Titzzebeinos*, des quels ils font plus d'estat que de l'or. C'est dans ces calebasses qu'ils portent, ou croient porter le diable..." Roolox Baro, *Relation veritable et curieuse etc.*, traduit de l'hollandois par Pierre Moreau – 1647.
- 330 O célebre Jacó Rabi.
- 331 Veja-se *Iliada*, canto IV: "... e o coração de Macaão comoveu-se-lhe dentro do peito. E eles caminharam através do exército imenso dos acaios, e quando chegaram ao lugar onde havia sido ferido e onde estava sentado o louro Menelau, igual aos deuses, no meio de um círculo formado pelos príncipes, Macaão arrancou o dardo do sólido talabarte, curvando as pontas agudas, e retirou o rico talabarte... E depois de haver examinado a ferida feita pela flecha amarga e chupado o sangue, nela deitou jeitosamente um suave bálsamo que Quirão outrora dera a seu pai, que ele amava".
- 332 Marcgrav no *Tractatus* já citado (c. III, p. 13) fala nesta lagoa: "*Quinque autem et viginti mill, a littore maris, jacet grandis lacus BAJATAGH, piscium faecundus*". Será a lagoa Piabaí, que figura na *Descrição da Paraíba* de Herckman? (Veja-se *Rev. do Inst. Arqueológico e Geográfico de Pernambuco*, tomo V, nº 32, p. 262).
- 333 "dorso autem alligant fasciam e frondibus confectam instar caudae, brachioque alas volucris, quam vocant *kosetug*, E cervici itidem circumstant pennas rubras" (*De Tapuyarum moribus, & consuetudinibus, e Relatione Jacob Rabbi...* apud Marcgrav – *Tractatus Topographicus Brasiliae* etc., c. XII, p. 26, edição de 1648).
- 334 "Praeterea sunt radices e quibus Indigenae panem faciunt, ipsis *Atug, Harag, Hobig, Engepug*, quae crudae comedi possunt" (Marcgrav, *Tratatus Topographicus Brasiliae*, 1648, c. III, p. 13).
- 335 Na tradução holandesa um dos capítulos intitula-se: "De Tapoeiers, beschreven door Joham Rab van Waldeck", conquanto Marcgrav, no *Tractatus Topographicus*, diga: "De Tapuyarum moribus, & consuetudinibus, e Ralatione Jacobi Rabbi, qui aliquot annis inter illos vixit".
Aliás, é bem conhecido o célebre Jacó Rabi, o aleivoso e celerado autor da matança do Cunhaú.
- 336 Na tradução francesa da obra de João de Laet (*Description des Indes Occidentales*, L. XII, c. I, p. 410, edição de Leide (elzeviriana de 1640) confirma-se esta etimologia: "*Augustin de Zucate* dans son histoire du Peru explique la raison de ce nom: savoir que Chile se dit froid, pource qu'on n'y peut aller du Peru que par des montagnes froides & couvertes de neiges, car Chili signifie en Peruvian froid".
- 337 "*Vallibus distinguuntur, ubi ros decidit nostro spissior, dulcior & pinguior, ejusdem quo manna usus*" (p. 262). "Sie wohnen meistentheils in unterschiedenen Thalen, in welchen ein Daw pflegt zu fallen, etwas dichter und süsser auch fetter denn der unserige, daher sie auch dessen gleichsamb als eines Manna gebrauchen und geniessen" (Silberling, p. 727).
- 338 Sob a denominação geral de *moluches* designam-se as tribos que se opuseram à invasão dos espanhóis. Os povos que habitavam o território compreendido entre o Copiapó e o Biobio eram os *picunches* ou "homens do norte"; os que estaciavam entre o Biobio e Valdivia chamavam-se *pebuanches*, isto é, "homens dos pinheiros" e os que viviam nas terras desde Valdivia até Chiloé eram conhecidos por *huiliches* ou "homens do sul".
- 339 Este rio tira o seu nome do fundador de Castro, D. Martín Ruiz de Gamboa.

- 340 *Puelches* (de *puel* - o Oriente – e *che* - gente) opunham-se geograficamente aos *pebuenches* das vertentes orientais e centrais dos Andes. *Pebuenches* é composto de *pebuen* – pinheiro – e *che* – gente – isto é, “os homens dos pinheiros”.
- 341 A palavra *cacique* é de origem haitiana. Quanto aos vocábulos *ulmén* e *pulmén*, merece transcrita a explicação de Marcgrav (*De Chili Regione & Indigenis*, cap. IV: “De Chilensium regimine politico, & armis”, (p. 30): “Regimen illorum est penes optimates, quos vocant *Vlmen*, aut, quando tantum unus est, *Pulmen*. Est qui alibi vulgo *Casiqui* audiunt, ab ipsis indigitantur *Curacae*; nam *Casique* nomen ab Hispanis ex Insulis Americae translatum”.
- 342 Segundo o historiador chileno João Inácio Molina (1737-1829), *pillán* vem de *pylli* = o espírito.
- 343 Marcgrav (*De Chili Regione & Indigenis*, c. III: *De Chilensium sensu de Religione, & Cultu numinis*, p. 30) diz: “... *E cantillant epinicia, quae nominant PAWARY, inhonoren Pilan*”.
- 344 Marcgrav, obra cit., p. 30, refere-se também a essa divindade: “*Colunt praeterea alium spiritum seu falsum numen, quod appellant MARUAPOANTE*”.
- 345 Lucina era o nome de Juno como protetora dos partos.
- 346 Chamavam-se antigamente *cuncos* as parcialidades de índios que habitavam os vales costeiros do Chile, entre o rio de Valdivia e o estreito de Chacao. Denominam-se também *chonos*.
- 346-A Rosales, entretanto, dá outra versão, dizendo que, pouco depois, o capitão D. Alonso Mojica Briton exumou o corpo de Brauer e o queimou. (*Hist. Gen. de el Reyno de Chile*, c. XV, edição de Santiago, 1877).
- 347 “*lasciviebant temulenti, indispositi, pervigiliis, commensationibusque dediti*” (p. 280). Esta frase lembra estoutra de Tácito, na qual se refere aos soldados de Vitélio: “*Apud Vitellium omnis indisposita, temulenta, pervigiliis ac Bachanalibus, quam disciplinae et castris, propria*” (*Hist.* II, 68).
- 348 D. Juan de Manqueante, cacique de Mariquina, festejou os holandeses, mas com falsas mostras de amizade, pois queria degolá-los, tendo para isso ajuntado 5.000 índios (Veja-se Rosales, *Hist. General de El Reyno de Chile*, c. XV, edição de Santiago).
- 349 No Arquivo Público Real de Haia (Algemeen Rijks-Archief) encontra-se importante documento sobre esta expedição comandada por Brauer, com o título:
 “Jornael ende rapporten mitsgaders meer andere documenten ende interrogatorien nopende ap de reyse en in Chili is gepasseert onder het beleydt van den General d’Heer Henrique Brouwer. 1642-43. Existe na Biblioteca de Santiago do Chile um exemplar do “Diário e relação histórica da viagem realizada pelo Estreito de Magalhães até as costas do Chile, sob o comando do general Henrique Brouwer no ano de 1643”. Essa relação é escrita em holandês e foi publicada em Amsterdã em 1646, três anos após a expedição. Rosales na sua *Historia General de El Reyno de Chile*, cap. XV, trata minuciosamente da mesma expedição.
- 350 Cf. *Aeneis*, II, 503: “*Barbarico postes Auro spoliisque superbi*”.
- 351 “*Haec Pernambucensium Senatus, haec Serinbainensium, Portus Calvi, Iguarazunnorum, Itamariensium, Paraybensium & Fluvii grandis rectores ad Comitem scripsere quae additis testimoniorum tabulis publica autoritate ratis roboraveré*” (p. 292). Na tradução alemã: “Dieses haben die Landpflegen und Land-Regierung in Pernambuco, in Serinhayn... an den Fürsten geschrieben, auch ferner under jederer Provinz vorgedruchtem Siegel absorderliche Briefliche offent Uhrkunden darüber asussfertigen unnd Fürsten zukommen lassen” (ps. 794-795).
- 352 Gigante monstruoso de três cabeças e três corpos.

- 353 Barléu se refere à legítima defesa, empregando frase semelhante à de Cícero no discurso a favor de Milão (IV): “*Est igitur haec, non scripta, sed nata lex, quam non didicimus, accepimus, legimus, verum ex natura ipsa arripuimus, expressimus...*”. No texto de Barléu: “... *in vindicias istius legis, quam natura hausimus, non didicimus*” (p. 302).
- 354 “*Est praeterea Collegium Rationalium...*” (p. 308).
- 355 “E in pios usus Scholarum, templorum, Nosodochiorum convertuntur”. Nosodochium, composto de νόσος *doença*, e δοχείον *vaso, recipiente, receptáculo*, derivado do verbo δέχομαι *receber*, é palavra usada por Barléu para traduzir *hospital*, a que corresponde no latim da decadência *nosocomium* de νοσοκομειον, que aparece no Código de Justiniano 1, 2, 19 e 22 e em São Jerônimo, *Epist.* 77, 6.
- 356 “...*in quo velut in Favissis Capitolinis...*” (p. 314). *Favissae Capitolinae* eram umas como celas ou cisternas no Capitólio, onde se punham os objetos que de velhos se tornavam imprestáveis no templo. Paulo Diácono (ediç. de C. Muller, Leipzig, p. 88), diz: “*Sunt autem qui putant favissas esse in Capitolio cellis cisternisque similes, ubi reponierant solita ea quae in templo vetustate erunt facta inutilia*”. Cf. *Glossarium Placidi*, Ovídio, *Met.* X, 691; Aulo Gélio, II, 10 e veja-se *verbum FAVISSA* no *Lexicon totius Latinitatis*.
- 357 À margem lê-se *pistolletos*. *Pistola* era moeda antiga estrangeira de diversos valores.
- 358 *Brasiliani* em Barléu significa em geral os *indígenas*, os *índios*.
- 359 Reinou de 1291 a 1298.
- 360 Dion Cassius Cocceianus nasceu em Nicéia, na Bitínia, cerca de 155 d. C., e morreu na mesma cidade, depois de 230. Foi cônsul e escreveu em grego uma história de Roma em 80 livros.
- 361 *Hic gloriae suae pomaeria amplificat Belga, & veteris incolae, novo orbi novus hospes & hostis incubat*” (p. 332).
- 362 Na tradução alemã diz de Wesel e Buderich.
- 363 Guilherme II, conde de Nassau e príncipe de Orange (1626-1650).

.....
Índice Onomástico

A

- AFONSO III (rei de Portugal) – 266
AFRÂNIO (general e cônsul romano) – 141, 145
AGAMEMNON (rei de Micenas e Argos) – 51
AGRIPINA (mulher de Germânico) – 180
ALARD, Jacó (capitão) – 222
ALBA (duque de) – 22, 266
ALBERTI, Daniel – 160
ALBERTO D'ÁUSTRIA – 29
ALBUQUERQUE – 47, 68, 181
ALBUQUERQUE, Duarte de – 60
ALBUQUERQUE, Matias de – 60
ALDRICH, Jacó (soldado) – 120, 160, 200, 202
ALEXANDRE (o Grande) – 180, 252
ALEXANDRE – Ver PARMA (duque de)
ALEXANDRE III (papa) – 217
ALEXANDRE VI (papa) – 24
ALEXANDRE MAGNO – Ver ALEXANDRE (o Grande)
ALEWIN (conselheiro) – 223
ALGODÃO (cacique) – 89
ALI, Melchior – 127
ALMAGRO, Diogo – 311
ALVARADO, Fernando (governador) – 303
ALVES, Baltasar – 127
AMIANO (historiador latino) – 34
AMICHAS – 146
ANDRADA, Pedro Cunha de – 127
ANDRADE, António da Cunha – 202, 221
ANDRÉ VIDAL – Ver NEGREIROS, André Vidal de
ANÍBAL (general cartaginês) – 13, 25, 36, 78, 111, 141, 145
ANTÍOCO (rei da Síria) – 13, 25
ANTÔNIO, Dom (prior do Crato) – 266
ARAÚJO, João de (sargento-mor) – 194
ARENAS, Pedro de – 234
ARIAS MONTANO – 34
ARISTÓTELES (filósofo grego) – 34, 289

- ARTICHOFSKI, Cristóvão (general) – 48, 49, 57, 64, 96, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 172, 185, 221
ATÍLIO – 37
ATRIDA (filho de Atreu) – 143
AUGUSTO (imperador romano) – 26, 34, 84, 175, 217

B

- BAGNUOLO (conde) – 12, 47, 56, 57, 58, 60, 86, 88, 100, 101, 102, 108, 110, 126, 151, 172, 194, 215
BAGNUOLO, Paulo (sargento-mor) – 194
BAIAS – 184
BALDUÍNO HENRIQUE (almirante) – 36, 39, 158
BAMBA (duque de) – 281, 285
BARBALHO, João Lopes – 206, 213, 214, 222, 224, 226, 228
BARBALHO, Luís – 12, 127, 194, 215, 216, 221
BARO, Rodolfo – 286, 330
BARRETO, Filipe – 127
BARRETO, João Velho – 127
BASS, Pedro – 160
BEATRIZ, Dona (filha de D. Manuel, rei de Portugal) – 265
BENTO HENRIQUE – 216
BERCHEM (engenheiro) – 106
BERINGEL, Francisco – 127
BERNARDO [de Nassau] – 369
BLAR, João (capitão) – 188
BLAUBEECK (capitão) – 311, 312, 314
BODECKER, I. – 160
BOLONHA (condessa de) – 266
BONGART (capitão) – 106
BORCH, Teodoro Coddey van der (conselheiro) – 234
BORG, Alberto Conrado van der – 132, 137
BORJA, D. Luiz de Rojas e – 48, 145, 151

424 Gaspar Barléu

- BOSSU (conde de) – 205
BRAGANÇA (duque de, rei de Portugal) – 264, 265, 266
BRAGANÇA, Catarina de – 266
BRAGANÇA, Dom João de – 266
BRAND (coronel) – 104, 226
BRASILEIRO, Antônio – 190
BRAUER, Henrique (almirante) – 278, 280, 295, 297, 300, 311, 312, 314, 315, 316, 318, 319, 321, 330
BYMA (tenente-coronel) – 96, 150
COELHO, Feliciano – 96
COLOMBO, Cristóvão (navegador genovês) – 35
CONGO (rei do) – 281, 282
CONSTANTINO (imperador romano) – 180, 275
CORREIA, Pedro – 236
CRAY (major) – 278
CRISPIM, Elberto (capitão) – 312, 314, 315, 318, 319
CRISTIANO [de Nassau] – 369
CUNHA, Paulo da – 236
CUNHA, Pedro da – 128
CÚRIO (cônsul romano) – 175

C

- CADAMOSTO, Luís – 53
CALABAR, Domingos – 58
CALCE, Heitor de la (mestre-de-campo) – 230
CAMARÃO [Filipe?] – 126, 194
CAMARÃO, Antônio (caudilho índio) – 212, 215, 222
CANARO, João – 127
CARDOSO, Cristóvão de Barros – 358
CARLOS (rei da Suécia) – 369
CARLOS I (rei da Inglaterra) – 52
CARLOS V (imperador da França) – 368
CARLOS MAGNO (rei dos francos) – 217
CARPENTIER, Servácio (coronel) – 53, 67, 135, 151, 160, 186
CARVALHO, Bernardino de – 127
CASTELO MELHOR (conde de) – 194
CASTRO, Andrés de (comandante) – 211
CASTRO, Francisco Pezeram de – 194
CATARINA, Dona (mulher do duque de Bragança) – 266
CAVENDISH, Tomás (navegador) – 35, 262, 311
CÉSAR (imperador romano) – 51, 79, 108, 141, 217, 233
CEULEN, Mateus van – 53, 67, 96, 150, 160
CHALONS, Renato de – 368
CHARRASTE (conde de) – 210
CHEMULÉN (chefe) – 320
CÍCERO (tribuno romano) – 182
CIMÃO – 204
CIPIÃO (general romano) – 39, 141, 204, 378
CLAUDIANO (poeta latino) – 84
CLÁUDIO (imperador romano) – 26, 34
CLOPPENBURG – 96
CLOUS (militar) – 245

D

- DAMMERT (militar) – 245
DAVÍLIO (predicante) – 176
DAY (coronel) – 234
DEJÓTARO (tetrarca da Galácia) – 52
DIAS, Henrique (comandante) – 194, 195, 214
DIAS, Melchior (mameluco) – 359
DICK (capitão) – 222
DIEST, João von der – 122
DIEVARES, Dom Carlos (capitão-gene-ral) – 119
DIOCLECIANO (imperador romano) – 176
DIODORO SÍCULO (historiador grego) – 33
DIOMEDES (rei de Argos) – 81
DION (historiador grego) – 370
DIONÍSIO HELICARNÁSSEU (historiador grego) – 23
DIOSCÓRIDES (médico grego) – 94
DOESS, Pedro van der (almirante) – 248
DONCKER (coronel) – 190, 222
DORISLAER, Davi (predicador) – 160
DORNELAS, Antônio Fonseca (capitão) – 273
DRAKE, Francisco (navegador) – 33, 311
DRUSO (tribuno do povo em Roma) – 13, 289
DUARTE, Dom (irmão de D. Henrique de Portugal) – 265
DUARTE, Francisco (sargento-mor) – 194
DUÍLIO (cônsul romano) – 37, 204
DUSSEN, Adriano van der – 53, 67, 150, 174

E

- EBRECHT, Abraão (capitão) – 106
EINTEN (capitão) – 221

ENGELBERTO I – 368
ENGELBERTO II – 368
ERNESTO (governador de Frísia) – 50
ESPANHOL, Tomás – 129
ESTÉFANO – 84
ESTRABÃO (geógrafo grego) – 26, 84
EUDOXO – 378

F

FABRÍCIO (cônsul romano) – 175
FEIO, Dom Francisco – 210
FENANDES, Gonçalo – 190
FERNANDO V (rei da Espanha) – 35, 40
FERREIRA, Martinho (comandante) – 194, 234
FILIPE (rei da Espanha) – 349
FILIPE II (rei da Espanha) – 29, 93, 191, 265, 266
FILIPE IV (rei da Espanha) – 240, 265, 266
FILTS, André – 278
FLORISS, Pedro (capitão) – 311, 312
FLORO (historiador latino) – 12
FORBISHER – 35
FORSTERMANN (capitão) – 311, 312
FREDERICO II – 217
FREDERICO HENRIQUE – 23, 368
FREITAS, Antônio de (sargento-mor) – 194
FRIESE (cabo) – 96
FURTADO, Dom Tristão de Mendonça – 235, 264, 266, 267, 268, 270, 334

G

GALENO (médico grego) – 94
GAMA, Pedro Correia da (tenente-mestre-de-campo) – 235
GARSTMAN, Jorge (coronel) – 88, 89, 96, 214
GEDEÃO (um tal) – 261
GERMÂNICO (general romano) – 51
GIBERTON, Miguel – 59
GISSELING, João – 53, 67, 102, 150, 160
GLAUCO – 81
GODLAT, João – 78
GRACO (Caio ou Tibério) – 52
GUILHERME I (conde de Nassau e príncipe de Orange) – 368
GUILHERME OTÃO [de Nassau] – 369
GUSTAVO ADOLFO (rei da Suécia) – 369

H

HAGUEN, Pedro Van – 286
HANÃO (navegador cartaginês) – 26, 378
HAUSS, Enrique van (coronel) – 56, 222, 277, 334
HEEMSTERKEN (almirante) – 208
HELMICH – 59
HENRIQUE, Dom (cardeal, rei de Portugal) – 265-266
HENRIQUE II (rei da França) – 266
HERCKMANN, Elias – 98, 135, 160, 185, 248, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 300, 304, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321
HERMANN (desertor holandês) – 80
HERRERA, Don André Munos (comandante) – 314
HESÍQUIO – 94
HEYN, Pieter – 37, 38, 39, 117, 118, 121, 209
HINDERSON (tenente-coronel) – 96, 106, 234, 239, 272, 273, 277
HOGEVEEN – 160
HOLLINGER (capitão) – 106
HOMERO (poeta grego) – 290
HOOCHSTRATEN – 222
HOUTBEEN – 119, 121
HOWIN (capitão) – 106
HUBERTO (capitão) – 79
HUYGHENS, Jacó (vice-almirante) – 119, 200

I

INOCÊNCIO (papa) – 217
ISABEL (rainha da Espanha) – 35, 40, 191
ISABEL (irmã de D. Henrique, rei de Portugal, mãe de Filipe II) – 265

J

JANDUÍ (cacique) – 48, 287, 290, 295, 345, 354
JANSON, Mateus (almirante) – 245
JOÃO, Dom (rei de Portugal) – 246
JOÃO EDUARDO – 160
JOL, Cornélio (almirante) – 49, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 126, 127, 208, 223, 224, 228, 230, 240, 245
JORGE FREDERICO [de Nassau] – 369
JUGURTA (rei da Numídia) – 78
JUQUERI – 295
JUSTINO (historiador latino) – 12

K

KAISER, Teodósio – 160
 KOIN, João (coronel) – 77, 78, 79, 80, 81, 127, 150,
 213, 222, 226, 259, 261
 KRUSE (conselheiro) – 284

L

LA VALETTE (capitão) – 244, 245
 LADUENGA, Fernando de – 194
 LAET, João de – 38
 LANTMAN, Pedro – 160
 LATAN, Guilherme – 78
 LATIRO (rei) – 378
 LEGRAN, Pedro (major) – 199
 LEMO-LEMO (cacique) – 304
 LENGTON – 235
 LICHTHART, João (almirante) – 48, 58, 59, 74, 86,
 96, 208, 223, 224, 228, 230, 231, 233, 259, 261,
 277
 LICÍNIO (imperador romano) – 275
 LICURGO (rei de Esparta) – 82, 289
 LINGEN, Paulo van – 248
 LINIAREZ (conde de) – 98
 LINTZ, Bartolomeu – 280
 LISANDRO – 378
 LÍVIO – Ver TITO LÍVIO
 LOCHMANN (capitão) – 222
 LONCQ, Henrique – 38, 39
 LOOSEN, Guilherme Cornélio (almirante) – 196,
 198
 LOPES, Gregório (governador) – 250
 LÓPEZ, Diogo – 40, 211
 LOTÁRIO – 217
 LUBERG (esculteto) – 190
 LUCANO (poeta latino) – 94, 233
 LUCENA, Tiago Pires de (comandante) – 194
 LUCULO (general romano) – 175, 184
 LUÍS, Dom (irmão de D. Henrique de Portugal) –
 266
 LUÍS, o Pio (imperador do Ocidente) – 217

M

MACAÃO – 290
 MACKINIA, Conrado João – 129, 130
 MAFFEU – 41

MAGALHÃES (navegador português) – 35, 118,
 173, 216
 MAGALHÃES (um tal) – 280
 MANFELD (major) – 96, 196, 213, 222
 MÂNLIO (consul romano) – 39
 MANQUIANT (um tal) – 319
 MÂNTUA (duquesa de) – 265
 MANUEL, Dom (rei de Portugal) – 35, 265
 MARÃO – 330
 MARBURG, Waurave – 80, 81
 MARCELO (homem público romano) – 175, 182
 MARCGRAVE, Jorge (astrônomo) – 233, 372
 MARGARIDA (mãe de Carlos, rei da Suécia) – 369
 MARGARIDA (irmã de Nassau) – 98
 MARIA, Dona (sobrinha de D. Henrique de
 Portugal) – 265
 MÁRIO (general romano) – 13
 MARQUES, Pedro – 190
 MARTINS, Pedro (sargento-mor) – 194
 MASCARENHAS, Dom Fernando – Ver TORRE
 (conde da)
 MASCARENHAS, Dom Jorge de (vice-rei) – 226,
 234, 271, 272, 273
 MASCARENHAS, Manuel (comandante) – 194
 MASCARENHAS, Vasco de (conde de Óbidos) –
 194
 MAST, João (comandante) – 121
 MASTMACHER (militar) – 245
 MAURÍCIO – Ver NASSAU, Maurício de
 MAXIMILIANO (imperador da Alemanha) – 368
 MÁXIMO, Quinto Flávio (ditador romano) – 188
 MÉDICIS, Catarina de (rainha da França) – 266
 MEDINA SIDÔNIA (conde de) – 191, 205
 MELLING (capitão) – 221
 MELO, Nuno de (comandante) – 194
 MENDONÇA, Dom Tristão de – Ver FURTADO,
 Dom Tristão de Mendonça
 MENELAU (rei de Esparta) – 290
 MENESES – 12, 284
 MENESES, Pedro César de (governador de
 Luanda) – 239, 240
 METELO (cônsul romano) – 13, 39
 MIDAS (rei da Frígia) – 289
 MILCÍADES (general ateniense) – 378
 MINOS (rei de Creta) – 289
 MOLSS (administrador) – 284
 MONTALVÃO (marquês de) – Ver MASCA-
 RENHAS, Dom Jorge de

MORRITZ, Gedeão (governador) – 330
MORTEMER, Pedro (coronel) – 135, 160, 199, 239
MOUCHERON, Henrique (fiscal) – 223, 286
MOURA, Francisco de (coronel) – 194, 215
MUSCH (capitão) – 210, 211
MUYS, João – 221

N

NASSAU – Ver NASSAU, Maurício de
NASSAU, Adolfo de – 368
NASSAU, Carlos de – 56, 59
NASSAU, Henrique de – 368, 369
NASSAU, João de – 369
NASSAU, João Ernesto de (conde) – 220, 369
NASSAU, João Maurício de – Ver NASSAU, Maurício de
NASSAU, Maurício de 7, 11, 12, 13, 23, 39, 47, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 81, 86, 88, 89, 92, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 124, 126, 127, 130, 131, 134, 135, 138, 140, 142, 146, 148, 150, 160, 175, 176, 178, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 200, 202, 204, 208, 213-214, 215, 216, 218, 221, 222, 223, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242, 245, 247, 248, 252, 258, 262, 264, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 281, 284, 285, 286, 295, 318, 319, 330, 332, 333, 334, 342, 344, 345, 346, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 358, 367, 368, 369, 372, 373, 374, 375, 377, 380, 381
NAVARRO, Moisés – 129
NEGENTON, Guilherme – 277
NEGREIROS, André Vidal de – 152, 173, 213, 216, 276
NIEULAND (conselheiro) – 223, 284
NOORT, Oliveiro van der (navegador) – 311
NORMANN (capitão) – 74
NUMA POMPÍLIO (rei de Roma) – 289
NUNO, Paulo (tenente-general) – 194
NYHOVEN, Gaspar van (coronel) – 188

O

OLFERD, Nunin – 160, 234, 277, 278
OLIVEIRA – Ver OLIVEIRA, Nicolau de
OLIVEIRA, Nicolau de – 40, 52, 238

OQUENDO, Dom Antônio (almirante espanhol) – 38, 98, 195, 205, 208, 211
ORANGE (príncipe de) – 50, 51, 53, 54, 64, 81, 86, 87, 93, 100, 111, 118, 121, 130, 132, 135, 148, 174, 190, 208, 281, 297, 317, 332, 354, 368, 369, 378
ORANGE, Guilherme de (príncipe) – 22, 79, 369, 374
OTÃO (conde) – 368

P

PACHECO, Manuel (capitão) – 276
PAIS, Antônio – 127
PAPPENHEIM (general alemão) – 50
PARMA (duque de) – 265
PATER, Adriano (almirante) – 38, 39, 48, 151
PRADA, Paulo de (sargento-mor) – 194
PAULO EMÍLIO (cônsul romano) – 49
PENHA, Simão Álvares de la (Dr.) – 285
PETRÉIO (general romano) – 141, 145
PICARD (sargento) – 58, 100, 222
PIMENTA, Francisco (comandante) – 208
PINTO, Domingos – 190
PINZÓN, Vicente (navegador espanhol) – 40
PIRES DE LUCENA (comandante) – 194
PIRES, Lourenço – 285
PIRON (capitão) – 221
PISÃO, Corneliano (pontífice) – 145
PISO, Guilherme (médico) – 160, 373
PLANTE, Francisco – 160, 373
PLÍNIO (naturalista romano) – 26, 82, 84, 94
POÉLIO, Cornélio – 160
POLHÊMIO, I. (índio) – 160
POLÍBIO (historiador grego) – 12
POMPEU (general romano) – 39, 141, 145, 175, 204
PTOLOMEU (astrônomo grego) – 26, 51, 52

R

RABI, João – 295
RAINÚNCIO FARNÉSIO – Ver PARMA (duque de)
RALEIGH (navegador inglês) – 35
RATHELÁRIO, Samuel – 160
RAZIN, Isaac (capitão) – 188
REGO, Francisco de Barro – 220
RÉGULO (cônsul romano) – 52, 204
RHEINBERG – 50

RICHELIEU, Armando (cardeal francês) – 67
 RITTER, Nicolau (coronel) – 102
 RODRIGO, Antônio (tenente-coronel) – 190
 RODRIGO LOBO (almirante) – 194
 RODRIGUES, Manuel (alcaide) – 250
 ROSENTHAL, Abraão Miguel von
 (vice-almirante) – 121

S

SABÓIA (duque de) – 265
 SALOMÃO (navegador) – 34
 SANCHES, Cristóvão – 285
 SCHAAP – 98
 SCHADDE (capitão) – 259
 SCHKOPPE, Sigismundo van (almirante) – 48, 49,
 57, 58, 59, 62, 86, 96
 SCHLESWIG-HOLSTEIN (duque de) – 369
 SCHLUYTER (capitão) – 222
 SCHMIENT, Alberto – 68
 SEBASTIÃO, Dom (rei de Portugal) – 60
 SEMLER, Paulo – 68
 SÊNECA (filósofo romano) – 34, 35, 217
 SEULINO JÚNIOR, Pedro – 129
 SÍCULO, Lúcio Marieno (historiador italiano) – 34
 SIDÓNIA (conde de) – Ver MEDINA SIDÓNIA
 (conde de)
 SILVA, Antônio Teles da (governador) – 276
 SILVEIRA, Duarte Gomes da – 127, 128, 251, 253
 SILVEIRA, Fernando da (comandante) – 194
 SIMÃO FERNANDO – 190
 SMIENTH, Elberto – 261
 SOARES, Gabriel – 190
 SOARES, João – 363
 SOLLERO, Joaquim (índio) – 160
 SOMONA, Pedro Corço de (tenente-coronel) – 194
 SONHO (conde do) – 281
 SOUSA, Francisco – 214
 SOUSA, Gaspar de – 127
 SOUSA, Luís de (governador) – 359
 SOUSA, Rui de – 190
 SOUTO, João do – 127
 SOUTO, Sebastião do – 58
 SPILBERG, Jorge (navegador) – 311
 SPINOLA, Frederico (marquês de) – 50, 57, 87, 205
 STACKOWER, Jacó (capitão) – 59, 188
 STAT (esculteto) – 222
 STELINO, João – 160

STORM (vice-almirante) – 248
 SUÁREZ, Martinho – 150
 SUETÔNIO (historiador latino) – 12, 84

T

TÁCITO (historiador romano) – 12, 25, 34
 TACK (capitão) – 213, 245
 TAPPER, Abraão (diplomata) – 234
 TEER (militar) – 245
 TELLEBON, João – 59
 TEMÍSTOCLES (militar e estadista ateniense) – 37
 TESSMAR, Adão – 278
 TITO LÍVIO (historiador romano) – 12, 188
 TOLEDO, Dom Fadrique de – 36
 TOLLNER, Carlos – 270, 271, 272, 333
 TORRE (conde da) – 12, 173, 192, 194, 215, 226
 TOURLON, Carlos (major) – 103, 127, 214, 216,
 222, 224
 TRAJANO (imperador romano) – 13, 180
 TRIEST, João (governador) – 278
 TROMP, Martinho Herperts (almirante) – 38, 208,
 209, 210
 TWIN, Israel (capitão) – 108

U

UNADA, Urbano de (comandante) – 194
 URBANO (papa) – 217

V

VAN DER NOORT – 35
 VAN DOORT, João – 36
 VARRÃO (escritor espanhol, bispo de Sevilha) – 94
 VAZ, Francisco – 190
 VEGA, João de la (capitão-general) – 194
 VELÉIO (historiador romano) – 49
 VERDUES – Ver DOESS, Pedro van der
 VESPÚCIO, Américo (navegador italiano) – 35,
 40
 VESSELEIRO, Frederico – 160
 VIDAL – Ver NEGREIROS, André Vidal de
 VIEIRA, João Fernandes – 129
 VILHENA, Francisco (jesuíta) – 235, 236
 VOORD, Baltasar van der – 160, 277, 278

W

WALBREEK, João – 223
WARDENBURCH (general) – 142, 146
WENDEVILE, João – 108
WILLEKENS, Jacó – 36, 39
WINAND, João (capitão) – 188
WITT, Gisberto de – 160, 278
WITTENS, Witte – 208
WY, João (cacique) – Ver JANDUÍ

X

XANTIPO – 37
XERXES (rei da Pérsia) – 51
XIMENES, Alonso (tenente-coronel) – 194
XIMENES, Francisco – 254

Y

YPERN, Nicolau van – 76, 77, 80

O Brasil Holandês sob o Conde João Maurício de Nassau,
de Gaspar Barléu, foi composto em Garamond, corpo 13, e
impresso em papel vergê areia 85g/m², nas oficinas da SEEP (Secretaria
Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília.
Acabou-se de imprimir em março de 2005, de acordo com
o programa editorial e projeto gráfico do
Conselho Editorial do Senado Federal